

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
INSTITUTO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES INTERNACIONAIS  
HISTÓRIA DAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS

LUIZ FERNANDO CASTELO BRANCO REBELLO HORTA

**TAMBORES DE GUERRA**  
**O REALISMO E O PODER DAS IDEIAS NO INÍCIO DA GUERRA FRIA (1945-1960)**

Brasília

2018

LUIZ FERNANDO CASTELO BRANCO REBELLO HORTA

**TAMBORES DE GUERRA**  
**O REALISMO E O PODER DAS IDEIAS NO INÍCIO DA GUERRA FRIA (1945-1960)**

Tese de Doutorado apresentada ao Instituto de Relações Internacionais da Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em História das Relações Internacionais.

Orientador: Prof. Dr. Estêvão de Rezende Martins

Brasília

2018

LUIZ FERNANDO CASTELO BRANCO REBELLO HORTA

**TAMBORES DE GUERRA**  
**O REALISMO E O PODER DAS IDEIAS NO INÍCIO DA GUERRA FRIA (1945-1960)**

Tese de Doutorado defendida e aprovada como requisito parcial a obtenção do título de Doutor em História das Relações Internacionais pela banca examinadora constituída por:

Aprovado em: \_\_\_\_ de \_\_\_\_ de \_\_\_\_.

Banca Examinadora

---

Orientador: Prof. Dr. Estêvão de Rezende Martins - IREL/UnB

---

Prof.<sup>a</sup> Dr. Geisa Cunha Franco - REL/UFG

---

Prof. Dr. Aaron Schneider - Denver University/Josef Korbel School of International Studies

---

Prof.<sup>a</sup> Dr. Tânia Maria Pechir Gomes Manzur - IREL/UnB

---

Prof. Dr. José Flávio Sombra Saraiva (Suplente) - IREL/UnB

Brasília

2018

## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço, como não poderia ser diferente, à Gisele, quem divide comigo o tempo, as alegrias e dissabores dele. Especialmente nos últimos meses, quando minha ausência para a pesquisa a deixou só, só com as alegrias que fizemos juntos. E são três.

Agradeço aos três pingos de gente que temos. Miguel, Pedro e Maria Fernanda, que ainda são por demais pequenos para entenderem o quanto me auxiliaram nesses anos. Talvez esse seja o grande mistério da vida, aquele que faz com que, mesmo sem saber, eles sejam irradiadores de esperança e felicidade.

No campo acadêmico, agradeço sobremaneira meus dois orientadores: professor Estêvão Martins e o professor Aaron Schneider. Diferentes como são, ambos me foram preciosos de maneiras que não cabem numa mera folha de papel. O professor Estêvão tratou esse autor com um cuidado acadêmico e um carinho pessoal que justificam todas as homenagens que ele recebeu como professor. Vai aqui a minha, singela. Já o professor Schneider, que me recebeu nos EUA, não apenas me emprestou seu olhar e suas críticas científicas, mas, e talvez mais importante, me essendeu a mão quando a ensolarada Denver, distante mais de 8.000 quilômetros de Brasília, me parecia escura e a saudade me consumia. Afastar-se da família para pesquisa esconde perigos que eu não antevia e que me foram palatáveis somente pelo olhar amigo do professor Schneider.

Em Denver, devo agradecer ao amigo e professor Rafael Ioris. O “devo” esconde minha imensa admiração e faz parecer que esta linha é de alguma forma técnica. Não é. O professor Ioris me ofereceu tempo, atenção e oportunidades pelas quais nunca vou poder agradecer a contento. Agradeço, também, aos amigos que fiz lá, Renata, Max e Denise. Pelas risadas e pela companhia, mas, principalmente, pelo fato de me apoiarem em todos os minutos. Junto aos momentos de descontração, vinha sempre, em forma de carinho, uma palavra de incentivo, de força, de forma que mesmo as críticas soavam como uma dose de ânimo. Deixei de tentar aprender como eles faziam isto e me postei humildemente a receber.

Não poderia estar fora desse pequeno espaço o professor André Nogueira. Amigo de longa data que podia (e tinha liberdade para) não se aproximar das agruras que são um doutorado. Escolheu o caminho inverso. Escolheu estar sempre próximo a mim numa difícil tarefa de ser amigo e crítico, suporte e questionamento. Uma dupla tarefa que ele realizou de forma tão suave quanto efetiva.

Agradeço a minha mãe e meus irmãos pela fé inabalável, e muitas vezes insana, na minha capacidade de completar esta jornada. Foram muitas noites de conversas por meios eletrônicos em que eles me escondiam as más notícias e me afirmavam “está tudo bem”; como quem morde a língua em um momento de dor para que se preserve a esperança no outro. Aprendi que há coisas que só os olhos dizem. Não as palavras faladas e, muito menos, as escritas.

Agradeço à Universidade de Denver pelo tempo que me acolheu e por tudo o que me proporcionou, ao mesmo tempo que agradeço à pós-graduação em Relações Internacionais da UnB. Faço na pessoa da coordenadora, professora Ana Flávia Barros, que, sem necessidade, por duas vezes, colocou-se pessoalmente a campo para superar questões burocráticas. Não me teria sido possível chegar até aqui sem esta prestimosa e quase silenciosa ajuda.

Agradeço à Capes e à Fulbright pela confiança na minha capacidade e pelo financiamento. Em tempos bicudos pelo mundo afora, o trabalho que essas instituições realizam se torna, a cada dia, mais importante e fundamental.

Se eu pudesse ter internalizado tudo o que as pessoas citadas procuraram arduamente me passar, certamente esse trabalho seria melhor. Humano que sou, levo na conta do sentimento tudo o que me foi dado, e o que hoje apresento se deve aos esforços de cada um deles, combinados com a minha falibilidade..



## RESUMO

A teoria do Realismo tem sido dominante no campo de Relações Internacionais desde a sua criação. Na realidade, o Realismo se tornou prevalecente no mesmo momento em que a Ciência Política conseguia, nos EUA (e na URSS), seu status de cientificidade e era reconhecida e patrocinada pelo governo. O Realismo, como principal teoria das Relações Internacionais, se mostrou inconsistente e fundamentalmente falha de forma mais claramente percebida depois do fim da experiência socialista soviética.

Esta tese analisa como o Realismo moldou a visão dos EUA sobre política internacional e reinterpretou o mundo durante o século XX. Mais ainda, explica como essa teoria, apesar de dizer-se explicativa, na realidade criou a Guerra Fria. Diferentemente, portanto, do que dizem os realistas, o Realismo não ofereceu um “caminho seguro” para que o mundo evitasse as armadilhas e crises da Guerra Fria, ao contrário, essa teoria levou o mundo ao limite da destruição inúmeras vezes, enquanto se afirmava científica e tendo todas as suas avaliações e prescrições empiricamente embasadas.

Na verdade, por combinar um fetiche sobre a objetividade científica (característico do mundo após a Segunda Guerra) com os interesses da elite decisória norte-americana, o Realismo pode tornar-se uma efetiva defesa teórica contra o Marxismo (e o materialismo histórico) em sua versão estrutural. Análises mais profundas, no entanto, mostram que o Realismo copia a teoria marxista em diversos pontos, criando um continuum de medo e desespero sobre o futuro que aprisiona os sentidos dos homens e sustenta um condomínio de poder que nós comumente chamamos de “Guerra Fria”.

**Palavras-chave:** Realismo. Teoria da História. Teoria de Relações Internacionais. Política externa Norte Americana. Guerra Fria.

## ABSTRACT

Realism has been a dominant theory on the field of International Relations since its creation. In fact, Realism became dominant at the same moment Political Science, in the US (and in the USSR), got their scientific status recognized and funded by the government. The Realism, as a theory of International Relations, showed itself inconsistent and fundamentally flawed, more strikingly perceived after the end of the Soviet socialism de facto experience. This research analyses how the Realism shaped the US views about International Politics and reframed the world during the XXth century. Moreover, explains how this theory, although meant to explain the Cold War created it. Differently, then the Realists claims, the Realism did not offer a “safer path” to the world, avoiding the Cold War’s pitfalls and mazes, but lead the world to the brink of destruction several times, while claiming all their evaluations and prescriptions were scientifically based. In reality, by combining the science fetish (from the end of the IIWW) with the interests of American decision-making elite Realism could grow into a proper defense against the Marxist historical and political structural approach. In-depth analysis, however, shows Realism mimics Marxist theories in several points, creating a continuum of fear and despair about the Future that sustained the combined condominium of power we commonly called “the Cold War.”

**Key Words:** Realism. Theory of History. Theory of international relations. US foreign policy. Cold War.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - A concepção de Tempo contemporânea com o Passado e o Futuro sendo rigorosamente iguais a partir do ponto no presente.....	37
Figura 2 - Long-term gallup poll trends: a portrait of american public opinion through the century .....	77
Figura 3 - Chicago Daily Tribune jornal impresso em função da antecipação do futuro nas eleições de 1948, 3 de novembro de 1948.....	91
Figura 4 - 1956 Cartoon de Heblock (Washington Post) denunciando o perigo da política externa de Dulles .....	147
Figura 5 - Nuvem conceitual retirada do texto "Teses sobre Feuerbach de Karl Marx".....	188
Figura 6 - Nuvem conceitual retirada do texto "Prefácio à Crítica à filosofia do Direito de Hegel" de Karl Marx .....	188
Figura 7 - Nuvem conceitual formada a partir da primeira parte de "Estado e Revolução" de Lênin.....	196
Figura 8 - Nuvem conceitual das cinco últimas partes de "Imperialismo o estágio mais elevado do Capitalismo" de Lênin .....	196
Figura 9 - Nuvem conceitual formada a partir do texto "National Questions and Leninism" de Josef Stalin.....	201
Figura 10 - Nuvem conceitual formada a partir do texto "Economic problems of USSR: a reply to comrade Yaroshenko" de Josef Stalin .....	202
Figura 11 - Nuvem conceitual retirada dos "seis princípios do realismo político" de Morgenthau em sua obra "Politics among Nations" .....	216
Figura 12 - Nuvem conceitual produzida a partir do último capítulo (conclusão) da obra "Theory of international Politics" de Waltz.....	217
Figura 13 - Nuvem conceitual formada a partir do texto de Morgenthau enviado à conferência de 1954 falando sobre "Teoria de Relações Internacional" .....	217
Figura 14 - Nuvem conceitual formada a partir do capítulo 6 "Anarchic Structures and Balances of Power" do Livro "Theory of International Politics" de Waltz .....	218
Figura 15 - Vasquez esquema sobre Realismo como "programa de pesquisa".....	225
Figura 16 - Novo esquema proposto com núcleo duro e cinturão de hipóteses protetor de acordo com argumentação desta tese .....	225

Figura 17 - Nuvem Conceitual a partir do Capítulo 7 de "20 anos de Crise" de Edward Carr .....	237
Figura 18 - Nuvem conceitual a partir do capítulo Conclusão de "20 anos de Crise" de Edward Carr .....	238
Figura 19 - Nuvem Conceitual da geopolítica de Spykman a partir "Geography and Foreign Policy II" .....	244
Figura 20 - Nuvem Conceitual da política internacional de Spykman a partir de "Geographic Objectives in Foreign Policy, I" .....	245
Figura 21 - Nuvem Conceitual do capítulo "Morality of Nations" do livro "Moral Man and Immoral Society" de Reinhold Niebuhr .....	252
Figura 22 - Nuvem conceitual do texto "Moral in International Relations" apresentado por Niebuhr na Convenção de 1954 .....	253
Figura 23 - Representação CROWN para palavras dispostas ao redor do termo B <sub>0</sub> .....	285
Figura 24 - Nuvem conceitual do telegrama de Stalin para embaixador soviético em 1950 .....	286
Figura 25 - Nuvem conceitual do discurso de Cordell Hull no CS/ONU em 1950 .....	287
Figura 26 - Nuvem conceitual Foster Dulles no CS/ONU em 9/10/1956.....	288
Figura 27 - Nuvem conceitual Dmitri Shepilov (representante soviético) CS/ONU 8/10/1956 .....	289
Figura 28 - Nuvem conceitual discurso Dean Acheson "Total Diplomacy" 1950.....	304
Figura 29 - Nuvem conceitual do discurso de Dean Acheson em 16 de março de 1950 .....	305
Figura 30 - Nuvem conceitual a partir do discurso de Dean Acheson em 22 abril de 1950 .....	306
Figura 31 - Nuvem conceitual a partir da Carta de Foster Dulles para Acheson em 8 de setembro de 1950 .....	309
Figura 32 - Nuvem conceitual do discurso de Foster Dulles em janeiro de 1954.....	311
Figura 33 - Nuvem conceitual do discurso de Foster Dulles em 22 de julho de 1957 .....	313
Figura 34 - Nuvem conceitual do discurso de Dean Rusk de 10 de julho de 1961.....	315
Figura 35 - Nuvem conceitual discurso Dean Rusk 8 de setembro de 1961 .....	317
Figura 36 - Nuvem conceitual formada a partir do discurso "Some issues of Contemporary Issues" de Dean Rusk em dezembro de 1961 .....	319
Figura 37 - Nuvem conceitual do discurso de Harry Truman. State of the Union 1947.....	322
Figura 38 - Nuvem conceitual do discurso de Harry Truman. State of the Union 1948.....	322
Figura 39 - Nuvem conceitual do discurso de Harry Truman. State of the Union 1953.....	323

Figura 40 - Nuvem conceitual formada a partir do discurso de Harry Truman (State of the Union) 1951.....	326
Figura 41 - Nuvem conceitual do discurso State of the Union de Eisenhower de 1955 .....	333
Figura 42 - Nuvem conceitual do discurso State of the Union de Eisenhower em 1961 .....	335
Figura 43 - Nuvem conceitual do discurso State of the Union de Eisenhower de 1958 .....	339
Figura 44 - Nuvem conceitual formada a partir do discurso State of the Union de Eisenhower em 1960 .....	341
Figura 45 - Nuvem conceitual do discurso State of the Union de Kennedy em 1961.....	343
Figura 46 - Nuvem conceitual criada a partir do discurso State of the Union de Kennedy de 1963	345
Figura 47 - Rota do avião U2 (Operação Grand Slam) abatido em 1960 pela URSS.....	358
Figura 48 - Khrushchev visita o estado de Iowa em 1959: "Now there is a real American!"	363
Figura 49 - Truman 1946.....	409
Figura 50 - Truman 1947.....	409
Figura 51 - Truman 1948.....	410
Figura 52 - Truman 1949.....	410
Figura 53 - Truman 1950.....	410
Figura 54 - Truman 1951.....	411
Figura 55 - Truman 1952.....	411
Figura 56 - Truman 1953.....	411
Figura 57 - Eisenhower 1953 .....	412
Figura 58 - Eisenhower 1954 .....	412
Figura 59 - Eisenhower 1955 .....	412
Figura 60 - Eisenhower 1956 .....	413
Figura 61 - Eisenhower 1957 .....	413
Figura 62 - Eisenhower 1958 .....	413
Figura 63 - Eisenhower 1959 .....	414
Figura 64 - Eisenhower 1960 .....	414
Figura 65 - Eisenhower 1961 .....	414
Figura 66 - Kennedy 1961 .....	415
Figura 67 - Kennedy 1962.....	415
Figura 68 - Kennedy 1963.....	415
Figura 69 - 1948 .....	422
Figura 70 - 2016 .....	422

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Percentual de artigos produzidos nos EUA por paradigma .....	208
Gráfico 2 - Reuniões do conselho de segurança por ano de 1946-1964.....	281
Gráfico 3 - Padrão de Resoluções aprovadas e vetadas por ano até 2012.....	290
Gráfico 4 - Resoluções Aprovadas entre 1946-1964.....	290
Gráfico 5 - Média anual de reuniões no CS/ONU por mandato de presidente dos EUA.....	291
Gráfico 6 - Número de manifestações por representante dos EUA no CS/ONU de 1946-1962 .....	292
Gráfico 7 - Número de manifestações por indivíduo no CS/ONU da URSS entre 1946-1962 .....	292
Gráfico 8 - Número de manifestações inglesas por indivíduo de 1946-1962 .....	293
Gráfico 9 - Percentual de reuniões do CS/ONU em que os EUA usaram a palavra .....	294
Gráfico 10 - Percentual do total de reuniões que a URSS usou a palavra.....	294
Gráfico 11 - Percentual do número de vezes que Inglaterra usou a palavra no CS/ONU.....	295
Gráfico 12 - Gráfico número de reuniões do CS/ONU 1946-1962.....	296
Gráfico 13 - Reuniões por ano CS/ONU sobre a questão da entrada de novos membros na ONU .....	297
Gráfico 14 - Reuniões por ano do CS/ONU sobre a questão da Guerra da Coreia.....	298
Gráfico 15 - Reuniões por ano CS/ONU sobre a questão nos Bálcãs .....	299
Gráfico 16 - Reuniões por ano CS/ONU sobre a questão do Congo.....	299
Gráfico 17 - Reuniões por ano no CS/ONU sobre a questão da Indonésia.....	300
Gráfico 18 - Reuniões do CS/ONU por ano no assunto da questão palestina.....	301
Gráfico 19 - Reuniões por ano no assunto da questão da Caxemira .....	301

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Doutorados defendidos em International Studies nas universidades norte americanas sobre “International Studies”.....	144
Tabela 2 - Comparação de doutorados defendidos em universidades norte-americanas sobre “International Studies” .....	145
Tabela 3 - Doutorados em “International Studies” em Universidades Americanas por linha de pesquisa .....	145

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>15</b>
<b>2 PROFECIAS DO TEMPO .....</b>	<b>25</b>
2.1 INTRODUÇÃO.....	25
2.2 A PROBLEMÁTICA DO TEMPO.....	30
2.3 AS CONSTRUÇÕES NARRATIVAS .....	50
2.4 AS RACIONALIDADES INTERPRETATIVAS DO SÉCULO XX .....	54
2.5 CONCLUSÃO.....	63
<b>3 OS PROFETAS DO TEMPO.....</b>	<b>65</b>
3.1 INTRODUÇÃO.....	65
3.2 OS ANTIGOS CÍRCULOS DE PODER, O PERÍODO TRUMAN-ACHESON .....	72
3.3 A DOCTRINA TRUMAN .....	81
3.4 O LONGO TELEGRAMA.....	86
3.5 O PLANO MARSHALL .....	91
3.6 A CRIAÇÃO DA CIA E DA OTAN .....	94
3.7 A GUERRA DA COREIA .....	100
3.8 PRESOS PELO DISCURSO, O PERÍODO DE EISENHOWER-DULLES .....	107
3.9 O PAPEL DA CIA .....	112
3.10 O “NEW LOOK” .....	117
3.11 INTERVENÇÕES VELADAS .....	120
3.12 A NARRATIVA DE PAZ COMO FORMA DE GUERRA.....	124
3.13 O MOVIMENTO DOS DIREITOS CIVIS E A POLÍTICA EXTERNA .....	130
3.14 SOBRE A TEORIA REALISTA, SEUS USOS POLÍTICOS E NECESSIDADES SOCIAIS.....	134
3.15 O ARSENAL CIENTÍFICO.....	137
3.16 A NEUTRALIDADE E O CRESCIMENTO DAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS.....	142
3.17 CONCLUSÃO.....	153
<b>4 OS ORÁCULOS DO LESSE E DO OESSE .....</b>	<b>161</b>
4.1 INTRODUÇÃO.....	161
4.2 AS TEORIAS SOVIÉTICAS: O MARXISMO E O LENINISMO .....	170
4.3 OS FORMADORES DAS DOCTRINAS SOVIÉTICAS .....	180
<b>4.3.1 Marx.....</b>	<b>180</b>



<b>4.3.2 Lenin</b> .....	<b>189</b>
<b>4.3.3 Stalin</b> .....	<b>196</b>
4.4 TEORIA DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS SOVIÉTICA.....	202
4.5 O REALISMO CLÁSSICO E O NEORREALISMO ESTRUTURAL, QUAIS DIFERENÇAS?.....	207
4.6 O QUE É O REALISMO?.....	218
4.7 PRECURSORES NO OCIDENTE: O NÚCLEO DURO.....	226
<b>4.7.1 Edward Hallett Carr</b> .....	<b>230</b>
<b>4.7.2 Nicholas Spykman</b> .....	<b>238</b>
<b>4.7.3 Reinhold Neibuhr</b> .....	<b>245</b>
4.8 AS LUTAS PELOS SENTIDOS.....	261
4.9 INTERESSE NACIONAL? .....	261
4.10 POLÍTICA INTERNA E EXTERNA, DOIS VETORES DIFERENTES? .....	264
4.11 A LUTA PELO SENTIDO DE “IMPERIALISMO” E “TOTALITARISMO” .....	267
4.12 CONCLUSÃO.....	272
<b>5 ANÁLISES</b> .....	<b>278</b>
5.1 INTRODUÇÃO.....	278
5.2 O CONSELHO DE SEGURANÇA .....	282
5.3 SOBRE A METODOLOGIA.....	283
5.4 METODOLOGIA QUANTITATIVA: O QUE SE VÊ? .....	289
5.5 METODOLOGIA QUALITATIVA – ANÁLISE DE TEXTOS.....	302
5.6 CASOS DESTACADOS.....	319
5.7 OS ANOS DE RIVALIDADE PRONUNCIADA .....	320
<b>5.7.1 A doutrina Truman</b> .....	<b>320</b>
<b>5.7.2 A Guerra da Coreia – Truman 1951, 1953</b> .....	<b>325</b>
5.8 O FUTURO COMO UM CONFLITO INESCAPÁVEL DE EISENHOWER, 1955 E 1961 .....	331
5.9 O EFEITO SPUTNIK, 1958 E 1960 .....	336
5.10 CRISE DOS MÍSSEIS, KENNEDY E O LESSE EM 1961 E 1963.....	342
5.11 A QUESTÃO DO FUTURO, O CASO DOS VÔOS NÃO TRIPULADOS SOBRE A URSS .....	347
5.12 CONCLUSÃO.....	363
<b>6 CONCLUSÃO</b> .....	<b>370</b>

<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>387</b>
<b>APÊNDICE A - Nuvens conceituais dos discursos State of the Union dos Presidentes norte-americanos de 1946-1963.....</b>	<b>409</b>
<b>APÊNDICE B - Composição do Conselho de Segurança da ONU de 1946 a 1963 .....</b>	<b>416</b>
<b>ANEXO A - Rascunho de 3 de março de 1947 Doutrina Truman – “How far can we go?” .....</b>	<b>417</b>
<b>ANEXO B - Antecipação do Futuro, ontem e hoje.....</b>	<b>422</b>
<b>ANEXO C - Avaliação da política externa americana em 1958.....</b>	<b>423</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O que foi a Guerra Fria?

Como transeuntes do século XX, nos é muito difícil não conhecer o termo e mais complicado ainda não ter marcado na memória que a Guerra Fria tem a ver com uma estranha e duradoura rivalidade. Pessoas comuns, diletantes em História e especialistas convergem nessa percepção. De lesse a oesse do globo, a ideia é a mesma.

De fato, todas as conceitualizações de Guerra Fria não passam muito da concepção de rivalidade. Algumas, como a de Fred Halliday, falam em “conflito inter-sistêmico”, outras, como a de Joseph Nye, estabelecem uma relação entre a guerra que nunca acontece (por isto fria) e os elementos que pertencem a esse não evento.

Mas foi uma rivalidade entre EUA e URSS? Entre o “sistema soviético” e o “sistema norte-americano”?

Veja-se que no primeiro exemplo está se falando de governos e no segundo de um conflito que envolve muito mais pontos como sociedade civil, modelo econômico, cultural e etc.

Foi uma rivalidade entre o “comunismo” e o “capitalismo”? Que a proximidade existe entre o modelo econômico dos EUA, do Brasil, da África do Sul e da Dinamarca entre 45 e 60 para que chamemos todos de “capitalistas”? Da mesma forma, quais os pontos essenciais para chamarmos os modelos soviético, chinês, vietnamita e cubano de “socialismo” ou “comunismo”?

Se a rivalidade é entre “comunismo” e “capitalismo”, por que após a queda do Muro de Berlim (1989) e o desmantelamento da experiência socialista de fato (fim da URSS em 1991) o conflito não se trasladou para a China?

Aliás, se o conflito é realmente sistêmico ou se ele é estrutural, por que a China, tornando-se a segunda maior economia do mundo, não reiniciou uma “Guerra Fria” nos moldes do que se viu após a Segunda Guerra Mundial?

E o termo “rivalidade”? O quanto ele é explicativo?

John Lewis Gaddis fala na “longa paz” da Guerra Fria. Obviamente afirmando a inexistência de uma guerra entre EUA e URSS. Odd Westad mostra que existiram inúmeras guerras em todos os continentes e que tudo o que não se pode dizer do período é que houve “paz”.

A Guerra Fria se caracteriza pela existência ou não de guerras? É uma rivalidade semelhante ao que tivemos entre Espanha e Portugal nos séculos XV e XVI? Ou Espanha e Holanda, ou ainda Espanha e Inglaterra no XVI? Há algo de definidor, diferente e único no período a que chamamos de “Guerra Fria”?

A se tomar a explicação amplamente aceita, a de um conflito estrutural entre “visões de mundo e formas de organização social antagônicas” nas palavras de Arthur Schlesinger Jr e Kenneth Waltz, Guerra Fria é uma organização do sistema internacional em dois polos antagônicos. De tal sorte que, por muito tempo, Guerra Fria e bipolaridade se tornaram, inconsistentemente, sinônimos.

Ocorre que um mundo bipolar, segundo a definição de Waltz, não é a mesma coisa que um mundo dividido em dois polos. O mundo bipolar é aquele em que NECESSARIAMENTE há dois e SOMENTE dois polos. Essas filigranas teóricas são de extrema importância. Levaram Waltz e grande parte dos que entendem seu pensamento como explicativo para as Relações Internacionais a ficarem buscando, após a queda da URSS, quem seria e quando se formaria um novo polo.

De fato, o fim da Guerra Fria, a partir da retirada unilateral de soldados soviéticos da Europa, feita por Gorbatchov em 1988, combina muito pouco com explicações estruturais que afirmam a quase desimportância das ações dos sujeitos. Da mesma forma, o discurso de Putin, em 2018, afirmando a Rússia como um “contrabalanço” ao poder ocidental, deixa pensar o quanto de estrutural existe no cenário internacional e o quanto ele é construído e reconstruído por meio das decisões dos sujeitos.

O argumento contido nesse trabalho é exatamente esse: de que a Guerra Fria foi um conflito essencialmente imagético, criado e sustentado por determinadas formas de entendimento do mundo que só pertencem a esse mundo pela ação presente dos sujeitos e não por condicionantes estruturais quaisquer. A Guerra Fria independe das questões de poder material, ela independe de “correlação de forças” e ela não obedece a padrões temporais que estamos acostumados a ouvir, como de 1945 a 1991.

Nesse estudo, vamos mostrar que o que se chama de “Guerra Fria” é um conflito construído no final dos anos 50 e início dos anos 60 com a introjeção de algumas ideias de entendimento e explicação do mundo que chamamos de “Realismo”. Existiram várias Rivalidades durante a História e mesmo a existente entre EUA e URSS não é suficiente para caracterizar a “Guerra Fria”. A Guerra Fria é um conflito fabricado a partir de duas noções

básicas que existiam em ambos os dois países que se propõem a rivalizar: (1) a noção de “conflito inescapável” e (2) a noção de “Futuro certo” e definido.

No século XIX, as obras de Marx trouxeram o modelo mais bem acabado e com maior ferramental social e político para crítica e questionamento do sistema capitalista. Dentro de todo frutífero grupo de teorias e percepções que emanam do marxismo<sup>1</sup>, surge a ideia-força de que as sociedades humanas obedecem a um sistema de transformação baseado em suas forças produtivas. Marx e Engels chamaram a isto de “modo de produção”. Ao descreverem a História, fazem-na através da sucessão de modos de produção até o capitalismo. Como Marx não dissociava teoria e prática, e como seu objetivo era abertamente o uso da história e da filosofia para alterar o mundo e não apenas compreendê-lo, Marx ousou falar sobre o que sucederia ao modo de produção capitalista. O dístico “De cada qual, segundo sua capacidade, a cada qual segundo sua necessidade” é tudo o que se permitiu o filósofo alemão falar sobre o comunismo.

Esse pequeno descortinar do futuro é alargado pelos revolucionários soviéticos e alemães. Entre eles, Lênin avança em direção ao futuro dizendo certo o fim do capitalismo. Da “contradição essencial do sistema capitalista” descrita por Marx, para a inevitável superação do capitalismo, defendida por Lênin, há, certamente, muita construção teórica. Contudo, é somente quando o capitalismo passa a acreditar na própria destruição que a Guerra Fria tem lugar. Mais ainda, é quando os capitalistas se sentem inefavelmente ameaçados e quando o conflito entre capitalismo e comunismo é percebido como inevitável que os sujeitos no tempo presente passam a se prepararem para um desfecho Futuro.

A Guerra Fria é, pois, o aceite da noção marxista de uma História inevitável e uma troca no sentido dos tempos, de forma que o presente passa a ser somente uma preparação para um futuro catastrófico. Esse caminho de passagem dos tempos é feito, pelo marxismo, como uma decorrência teórica lógica (embora alguns defendam ser uma profissão de fé) a partir de sua epistemologia materialista, estruturalista e evolucionista. É quando os EUA passam a usar como referência para sua política internacional o mesmo tipo de pensamento (materialista, estruturalista e evolucionista) que vemos a “rivalidade” transformar-se em Guerra Fria.

Esse futuro certo, esse conflito inevitável, para o qual os homens do presente precisavam se preparar continuamente, só pode acontecer por intermédio da força legitimadora do discurso científico. Tal qual Marx exercia essa legitimação para os países que adotaram seus modelos de compreensão do mundo, há, no pós-Segunda Guerra, uma batalha de diversos ramos do saber

---

<sup>1</sup> Aqui, diferencio Marxismo de Materialismo Histórico. O Marxismo é uma teoria que se propõe a tomar o futuro como pauta de luta. O Materialismo Histórico é uma teoria explicativa do passado e do presente.

pelo domínio, controle e antecipação do futuro. A ciência com seu “*prophetic ethos*” se torna não apenas uma ferramenta para essa antecipação, mas torna-se, ela própria, um espaço de antecipação do futuro. Aqueles campos do saber que se recusavam a falar do Futuro ou que o achavam por demais complexo para que se pudesse vislumbrar algo de minimamente certo foram deixadas de lado em detrimento àqueles que se dispunham a escrutinar o futuro.

Toda a Guerra Fria é lutada no futuro. E foram lutas devastadoras reencenadas e revividas com ânimo ou desespero por mais de trinta longos anos. Os homens mataram-se e destruíram o planeta centenas de vezes e, a cada vez, um lado antecipava-se e construía um novo armamento ou técnica que lhe permitia a iniciativa. Apenas para ver o outro lado fazer o mesmo. Embalados pela economia, pela física, pela engenharia, química e outras ciências que “prediziam” o futuro, os homens continuaram lutando. O planeta ficou pequeno e eles ganharam o espaço.

O paradigma que permitiu a confiança na ciência foi o projeto Manhattan. A bomba nuclear que transformou os norte-americanos em senhores do mundo ofereceu um modelo e um exemplo difíceis de serem contornados pela política. Se fora possível transformar tempo, dinheiro e esforço com um resultado devastador através da energia nuclear, a ciência não teria limites. Era preciso um projeto Manhattan para cada campo do saber. Era preciso que a ciência e os cientistas deixassem seus medos de lado e abraçassem o futuro. Um Futuro predito, certo, com a força da ciência não é um “horizonte de expectativas”, nos termos de Koselleck. Esse futuro adiantado é parte constante do presente e condicionante indiscutível da política interna e externa.

A Guerra Fria, antes de uma corrida armamentista ou uma rivalidade política, foi uma dança frenética entre dois parceiros que compartilhavam profundamente uma epistemologia de antecipação do Futuro e agiam no Presente totalmente dependente dela.

Isto é muito mais do que uma mera rivalidade. É mais do que uma disputa por poder presente e espaço geográfico. É maior do que o sentimento de ódio que existiu por anos entre franceses e alemães, por exemplo. Esta Guerra Fria, determinada desta forma, é algo inexistente antes na História da humanidade. É o ponto distintivo que pode nos fazer colocar esse fenômeno na condição de único.

A Guerra Fria, assim definida, não tinha termo. Não era passível de trégua. Era um jogo de soma zero, no Futuro.

A pesquisa vai mostrar que, enquanto a História se recusou a falar sobre o Futuro, a Economia, a Ciência Política e a recém-criada disciplina de “Relações Internacionais”, cada

uma tomou para si um pedaço da História e pôs-se a cumprir a função de Oráculo Contemporâneo. Nesse sentido, as Relações Internacionais são uma disciplina que trabalha essencialmente no Futuro.

Uma das chaves metodológicas usadas em todo o trabalho é a análise de discurso através do método CROWN (Contact Representation of Word Networks) que permite a visualização de longos discursos em gráficos de “nuvens” de sentido e significado. É possível, através desta técnica seguir o caminho argumentativo do autor através da visualização de suas palavras-chave, seus pontos nodais discursivos, a ênfase que dá em certos sentidos ou as associações feitas através do tamanho, cor ou proximidade das palavras representadas nos gráficos. A técnica ajuda a demonstrar as diferenças de entendimento e argumentação ainda que essem presentes muitos sentidos semelhantes. Através das nuvens de sentido, formadas através dos discursos selecionados como fontes primárias nesse trabalho, nos é permitido não somente nos aprofundarmos no emaranhado de ideias que cercavam os atores da época, como também perceber as ideias que faltam. Um discurso tem sua substância naquilo que diz, mas também naquilo que deliberadamente omite.

Para o sucesso do argumento, contudo, são necessários alguns passos e cuidados. Demonstrar como algumas ideias específicas criaram a Guerra Fria não pode ser feito simplesmente por uma relação vaga de causa e consequência ou mesmo uma denúncia de temporalidades. O argumento contido nesta pesquisa afirma que o Futuro influencia no passado e no Presente e essa inversão dos sentidos do tempo não é facilmente aceita.

Assim, o primeiro capítulo (“Profecias do Tempo”) é uma dura e complexa chave para que o leitor perceba que o Passado é tão indeterminado quanto o Futuro. Para o homem que vive apenas no Presente, os tempos que foram e os tempos que vão ser são mediados apenas pela memória e pela criatividade, respectivamente. Quando esses espaços são melhor domados, através das técnicas de historiar e falar sobre o tempo, o objeto desta criação (a narrativa história) em nada se difere do objeto resultante do trabalho sobre o Futuro: o prognóstico. Se o Passado nos é presente apenas por fragmentos orientados por uma racionalidade externa a esse passado e que lhe dá, para além da capacidade de entendimento discursiva, a necessária relação com o tempo do Presente, em que o sujeito vive e interpreta o mundo, o Futuro percorre literalmente o mesmo caminho.

O Futuro se dá a conhecer ao homem do Presente primeiro por uma crença na capacidade de certos homens e certas técnicas falarem sobre um tempo que não viveram. Se estas técnicas incluem a procura por fragmentos de livros, textos, roupas e cerâmicas para falar

do Passado ou se incluem a medição da quantidade de ferro na economia ou carbono na atmosfera para então ver o Futuro como um PIB que cresce devido à produção siderúrgica ou um planeta que se destrói em função da irrecuperável mácula no ecossistema e meramente uma diferença de sentido.

Nesta senda, o capítulo demonstra que a História não é mais dona do Passado do que a Física ou Economia do Futuro. E se há erros para frente também os há, imensos, para trás. Esta ruptura com os sentidos do tempo é essencial para mostrar que até o século XIX o homem acreditava que o passado continha lições que pudessem guiar o seu presente. Após as explosões atômicas em Hiroshima e Nagasaki, o sentido de finitude do ser humano fê-lo deixar o Passado de lado e guiar-se estritamente pelo Futuro. É vislumbrando a História do Futuro que os diversos sujeitos do pós-Segunda Guerra agem.

Esse Futuro, entretanto, não é simplesmente uma possibilidade. Dentre todas as possibilidades o Futuro que o guia é aquele cujo discurso científico aponta que será. E a História foi perdendo prestígio científico e político em prol dos campos que se arvoravam o desafio de falar sobre o tempo em que não estão: a falar sobre o Futuro. Não é à toa que a ficção científica se tornou a marca do século XX. Ainda causa certo espanto como a literatura pode “antecipar” tantas características, objetos, julgamentos e situações que hoje temos corriqueiramente em nosso presente. O hoje era o Futuro daquele Presente que se tornou Passado. Eles, no Passado, falavam do Futuro com as mesmas dificuldades que nós, no Futuro, falamos deles no Passado.

O capítulo mostra o desconforto dos historiadores em falar sobre o Futuro. De fato, é apenas com Koselleck e Ricoeur, já na segunda metade do século XX que o Futuro passa a ser um tempo histórico. Um tempo sobre o qual o historiador pode falar. Koselleck vai criar o termo “horizonte de acontecimentos” para, enfim, colocar o Futuro no campo de discussão dos historiadores. Ricoeur vai afirmar que narrar é imaginar e que a diferença entre o historiador e um escritor de literatura é uma “promessa de verdade” que o historiador faz com seus antepassados. A “promessa de verdade” de Ricoeur cumpre epistemologicamente a mesma função do “rigor metodológico” da ciência moderna.

As “narrativas de antecipação do Futuro”, portanto, não são qualquer tipo de discurso a respeito do que virá. Mas dependem, necessariamente, da legitimidade do discurso científico. O Futuro também precisa ser um “Futuro acreditado”, partilhado por um grande número de sujeitos e aí jogam necessariamente as forças da política e da comunicação. Nada melhor para homogeneizar as mentes do que a democracia para a política e a mídia para a comunicação.



O capítulo termina mostrando como as Relações Internacionais, que conseguem seu status de ciência exatamente nesse período, tomam o espaço da História como auxiliares do poder. Ao invés de um Maquiavel a falar sobre o império romano para aconselhar os príncipes do século XVI em diante temos Waltz a falar sobre a correlação de “capacidades” entre os Estados e vaticinar que o sistema bipolar é o mais estável. O império romano nos fala do passado, as “capacidades” de Waltz nos fala do Futuro. Maquiavel argumentava como se manter o poder (no Presente), Waltz teoriza sobre como ganhar poder (no Futuro). Como se verá no capítulo final, na luta pelos sentidos do tempo, a ameaça de aniquilação nuclear faz com que o Futuro seja muito mais importante que o Passado.

Nesse caminho (*road*) do argumento é essencial tratar de temas mais empíricos. O segundo capítulo versa sobre política externa norte-americana de 1945 a 1960 (“Os profetas do Tempo”). O objetivo aqui é desarmar minas que foram colocadas pela historiografia do século XX ao explicar a Guerra Fria. Temos muito bem sedimento, embora por razões muito mal explicadas, todo o caminho racional da “ruptura das alianças do tempo de guerra” (nas palavras de Schlesinger Jr), passando à “paranoia da insegurança de Stalin” (o argumento de Gaddis) chegando até o “ápice do sentido de destruição” com a Crise dos Mísseis em Cuba. A narrativa é um crescendo muito bem estruturado que passa por alguns pontos como a Doutrina Truman, a criação da OTAN e da CIA, a Guerra da Coreia, as Crises de Berlim, o Canal de Suez e desemboca na Revolução Cubana. Mesmo os revisionistas (como Odd Westad e Melvyn Leffler) com suas exitosas e profundas contribuições não se afastam da narrativa bipolar, e tomam o sentido do “conflito inevitável” – muitas vezes sem se darem conta – como um guia mudo que organiza as racionalidades de causa e consequência sem atentar para as imensas rupturas e mesmo contradições no pensamento dos sujeitos envolvidos.

É preciso desconstruir o governo Truman como o iniciador da Guerra Fria e isto significa aprofundar-se nas informações, no contexto e nos valores que fizeram os tomadores de decisão em cada momento optarem por um curso de ação e não outro. Se a argumentação for bem-sucedida Truman não é o iniciador da Guerra Fria e Stalin também não, por decorrência lógica. Para esta ruptura é preciso cuidado. Ambos, Truman e Stalin, foram reféns das narrativas que criaram e ambos<sup>2</sup> acabaram sendo condutos para pressões corporativas e burocráticas, mais do

---

<sup>2</sup> O leitor vai perceber que há um capítulo faltando aqui. Se há que se falar em Stalin, um capítulo sobre política externa soviética é requerido. Esse capítulo existe, mas, em função de meu financiamento ter sido para completar a pesquisa nos EUA (e não na Rússia) existiria uma disparidade muito grande entre fontes primárias que faria com que a comparação dos dois capítulos fosse desproporcional. Optei por eliminar o capítulo sobre política externa soviética por ora e prometo não avançar sobre Stalin, Khrushchev, Gromyko e Vishynsky mais do que os dados constantes na tese me permitam falar.

que sujeitos livres a imporem incondicionalmente sua visão pessoal na forma como faziam política externa.

O segundo capítulo mostra que a política interna jogou papel essencial e suficiente para explicar a política externa dos EUA até a Guerra da Coreia. Nesse momento, os Republicanos tomaram a narrativa e impuseram aos Democratas uma sensível derrota. Eisenhower e Dulles impuseram uma narrativa agressiva e anticomunista como Truman e Acheson jamais se permitiram. Ao leitor é pedido paciência, pois não é a narrativa anticomunista que, nesse momento, cria a Guerra Fria. Embora Eisenhower e Dulles acreditassem no “conflito inescapável” e vissem na URSS um “inimigo” visceral, falta – como ficará claro no final do capítulo – aos dois a perspectiva de que estas percepções derivam de um construto científico. O Futuro não pode ser antecipado baseando-se no julgamento pessoal dos sujeitos<sup>3</sup>, mas apenas a partir da legitimação que vêm através da objetividade científica. Ainda que pareça que Eisenhower e Dulles sejam os perfeitos “Cold Warriors” (em função dos discursos e valores), fica evidente que a sociedade norte-americana via neles um perigo muito grande. A política externa de Dulles, que será em certa medida, abandonada após sua morte por Eisenhower, era tudo o que uma potência nuclear não poderia se permitir. Ao denunciar o “complexo industrial-militar” e afirmar que os EUA deveriam oferecer aos americanos “mais do que apenas anticomunismo”, Eisenhower se dá conta da prisão em que viveu durante quase todo o tempo do seu mandato. O velho General, contudo, não teria energias para mover os EUA daquele caminho.

A figura essencial para a parte final do capítulo é Dean Rusk. Ao mesmo tempo presidente da *Rockefeller Foundation*, participe dos círculos de poder do Departamento de Estado desde Roosevelt e se tornaria com Kennedy Secretário de Estado. O segundo secretário de Estado mais longo da história dos EUA (atrás apenas de Cordell Hull com Roosevelt). É Rusk que faz as Relações Internacionais, nos EUA atingirem o patamar de referência para o Departamento de Estado, com o viés científico dado pelo Realismo. A Guerra Fria, portanto, nasce no momento em que o Realismo se consolida como teoria de referência para as ações norte-americanas no plano internacional.

---

<sup>3</sup> Aqui, não ignoro a posição que todo julgamento, por mais sustentado objetiva e cientificamente é um julgamento pessoal. Não me é estranho o argumento de que todo conhecimento é subjetivo e a objetividade dá-se como corolário da aceitação do paradigma moderno de ciência. Trabalho, contudo, reconstruindo a forma como naquele momento se entendia ciência e o discurso científico. É no final da segunda guerra, nas lutas entre a força das ciências ditas “exatas” e a violência do Macarthismo (e sua acusação de que tudo era subversivo e ideológico) que imperam com mais força na sociedade as noções de “objetividade” e “subjetividade”.

O capítulo 3 (“Os oráculos do Lesse e do Oesse”) é todo dedicado ao Realismo. Primeiro é demonstrado como esse realismo reproduz as categorias epistemológicas de análise do Marxismo-leninismo. E para esse fim é preciso iniciar pelo estudo dos autores que condicionaram a política externa soviética. De Marx a Stalin, é possível acompanhar a grande mudança das teorias sobre política externa no campo soviético. Ao contrário do que muitos argumentam, a política soviética não se restringia ao conflito de classes, sequer colocava esse conflito como cerne de suas teorizações no Presente. Aqui, também joga papel importante as percepções do Tempo. Lênin cria um amálgama entre os escritos de Marx e a geopolítica do século XX, que permite a URSS terem um espantoso sucesso até 1960. Esse sucesso é tão grande que Joseph McCarthy é apenas um reflexo das realizações soviéticas no século XX.

O capítulo desce na epistemologia para responder a pergunta “O que é o Realismo?”. É preciso explicar porque o Realismo foi escolhido para ser a referência teórica do Departamento de Estado dos EUA, mesmo diante de outras opções. E para isto é preciso conhecer a fundo o que era o Realismo. Vai-se a Carr, Spykman, Niebhur, Morgenthau e Waltz para mostrar que eles tem menos diferenças entre si do que a literatura atual faz supor, mas, ainda assim, o caminho da teoria até Waltz não é oriundo de um “consenso científico”, mas consensos políticos. As mais diversas formas de Realismo são depuradas em princípios básicos para se demonstrar como esses princípios eram uma resposta norte-americana ao marxismo-leninismo (usado na política externa soviética) e como carregava as diretrizes mais arraigadas dos EUA.

Na última parte do terceiro capítulo, lido com o problema do Futuro dentro das teorias marxista-leninista e do Realismo para demonstrar como ambos se comunicavam e se retro-alimentavam, construindo a Guerra Fria através da percepção alterada dos Tempos e das ameaças. Em seguida, tratamos das disputas de sentido entre as duas teorias. Pontos nodais que envolviam uma construção teórica, formatada em discursos políticos que vão se reproduzir, por exemplo, nas discussões dentro do Conselho de Segurança da ONU. As lutas pelos sentidos do Tempo e do mundo são a essência da Guerra Fria e isto pode ser visto através da histeria causada nos EUA pelo lançamento de “uma pequena bola de ferro” ao espaço, nas palavras de Eisenhower. A corrida armamentista nem sequer era necessária estar acontecendo de verdade para que a Guerra Fria seguisse seu curso. Bastava propaganda e convencimento. No fundo, era suficiente a ideia antes da materialidade. Eisenhower e Kennedy acreditaram por quase seis anos que existia um “gap” enorme entre as armas norte-americanas e as soviéticas. É preciso reconhecer a precedência das ideias sobre a materialidade, no contexto da Guerra Fria.

O quarto capítulo (“Análises”) é aquele que deve dar uma maior tranquilidade ao leitor. De todas as afirmativas feitas ao longo dos três anteriores, as que dependiam de ainda mais dados serão testadas empiricamente através dos discursos norte-americanos em três níveis: discursos presidenciais, manifestações dos Secretários de Estado e recuperação das discussões ocorridas dentro do Conselho de Segurança por diplomatas representando seus países. Esse cabedal de fontes primárias revelam interessantes pontos que passaram ao largo de grande parte dos que se propõem a explicar a Guerra Fria.

A rivalidade EUA e URSS, por exemplo, somente rompeu os limites de importância de forma suficiente para aparecer nos discursos de accountability do executivo em poucas vezes, entre 1946 e 1963. Dito de outra forma, a rivalidade EUA e URSS era normalmente usada pelo governo para objetivos domésticos e só em alguns momentos se tornou suficientemente forte e importante para merecer um espaço destacado dentro da forma como os presidentes descreviam o seu ano administrativo. Os discursos “State of the Union” (parte das fontes primárias) acontecem uma vez por ano, sempre em janeiro, e são destinados a que o Presidente apresente ao Congresso e ao público como se encontra o país. A importância desses momentos não é apenas formal, mas revelam a forma pela qual os chefes do executivo querem ser entendidos, tanto pelo Congresso quanto pelo cidadão comum.

A tomar-se a narrativa oficial sobre a Guerra Fria (seja ela a tradicional americana, a revisionista ou ainda a pós-revisionista) fica claro que todas partem da ideia de que o nível de rivalidade era extremamente alto. Os dados do capítulo quatro moderam esta visão. Tanto na esfera interna dos Estados, quanto na esfera institucional do Conselho de Segurança. Entre 1945 e 1960, há muito vai-e-vem nas percepções e rivalidades. Reais ou construídas, é preciso perceber esse jogo de interesses. Dean Acheson, por exemplo, propunha o “Plano Baruch” para compartilhar os segredos da energia atômica com os soviéticos, já em 1946. Acheson pensava em usar isto como forma e demonstração de boa vontade entre os EUA e a URSS e usar a ONU, fortalecendo esta instituição. Depois de mais de quinze anos, Eisenhower vai propor “cooperação” entre soviéticos e americanos nas pesquisas aero-espaciais e Kennedy vai defender uma ideia conjunta de se construir satélites. Tal atitude é o reconhecimento que, até ali, a política externa desenvolvida não havia conseguido seu intento. O mundo soviético ganhava vantagem nas guerras no Futuro.

É possível e necessário ver-se, portanto, a Guerra Fria não como um conflito que organiza a política externa do mundo no pós-segunda Guerra, mas como um conflito criado pela organização destas políticas externas, tomadas e entendidas uma a uma.

## 2 PROFECIAS DO TEMPO

### 2.1 INTRODUÇÃO

*How many roads must a man walk down  
 Before you can call him a man?  
 How many seas must a white dove sail  
 Before she sleeps in the sand?  
 Yes, and how many times must cannonballs fly  
 Before they're forever banned?  
 The answer, my friend, is blowin' in the wind  
 The answer is blowin' in the wind*  
**Blowin' in the Wind – Bob Dylan - 1963**

Em meados do século XX, Robert Allen Zimmerman, nascido em 1941, apresentou ao mundo a música “*Blowing in the Wind*”. Então com vinte e dois anos – vividos entre o final da Segunda Grande Guerra e o início do que a História convencionou chamar de Guerra Fria – o jovem poeta norte-americano se perguntava “quantos caminhos precisa um homem trilhar antes que ele possa chamar-se efetivamente um homem”, oferecendo uma metáfora preciosa para a compreensão do século XX. A ideia de “*road*” traduzida como uma estrada que se desnuda frente ao sujeito encerra – afora as evidentes qualidades poéticas – três pontos essenciais para o início da análise teórica da história que pretendo desenvolver aqui.

Em primeiro lugar, o termo “*road*” é preciso quando oferece uma dupla interpretação de “tempo” e “espaço”. Tanto se pode pensar na “*road*” de Dylan como uma “Estrada” ou um “Caminho” (físico ou imagético) no qual o sujeito se vê percorrendo, como se pode também entender a “*road*” como o tempo durante o qual o sujeito percorre. Em realidade, a Teoria da Relatividade acorre em socorro a Dylan quando (mais ou menos na mesma época) transforma completamente o paradigma do tempo (após a comprovação em 1919) passando a afirmar a ideia de “espaço-tempo” como uma única e indivisível entidade física. Por anos o paradigma sobre o qual Galileu e Newton refletiram delimitava o espaço e o tempo como entidades físicas distintas, sendo o tempo a única das duas que era independente de qualquer referencial subjetivo.

A “Flecha do Tempo”, como era a metáfora temporal representada inicialmente, oferecia não só um axioma intocável na Física até o século XX, como também embasava qualquer forma de entendimento histórico sobre o conceito do tempo. Ideias sobre a não linearidade do tempo (sejam os mitos do “Eterno Retorno” orientais ou mesmo os tempos circulares das sociedades mesoamericanas) foram uma a uma sendo desacreditadas em razão

da força da racionalidade ocidental e da cientificidade do pensamento reinante no hemisfério norte. Uma vez lançada, a Flecha do Tempo não podia ser contida e movimentava-se em apenas um sentido (do passado para o futuro). Tal ideia-força constrangeu o pensamento da maioria dos homens de então encapsulando o passado, o presente e o futuro em categorias distintas e intangíveis. Tais categorias encontravam-se fugazmente em momentos nebulosos que se esvaíam tão rapidamente quanto as areias em uma ampulheta. Na divisão das competências sociológicas do pensar, feitas até o século XX, o passado coube aos historiadores, o presente aos homens das ciências naturais e o futuro apenas aos profetas, aos poetas ou aos loucos. É preciso sublinhar, contudo, que o pensamento cientificista da época não fazia questão de diferenciar esses três últimos tipos de homens.

A segunda metáfora trazida à tona pela “*road*” de Dylan é com relação ao “*man*” que a está trilhando. Dylan, ao referenciar o caminho/tempo, não o faz sem o sujeito que o percorre, tomando consciência desse percurso para tornar-se, enfim, o que ele “realmente” é. Para Dylan não há que se falar em “*road*” sem se falar em “*man*”. É evidente que o referencial do poeta não é a Geografia, mas sim a Psicologia. Não é o tempo astronômico (medido como epifenômeno dos movimentos dos planetas ao redor dos astros) o primeiro referencial de Dylan, mas o tempo humano tomado numa tensão entre o caminhar e o entender-se. Nesse processo, durante o ato de compreender, o homem percebe-se também como finito, da mesma forma que a “*White Dove*” que dorme (*sleeps*) – inevitavelmente – na areia (*sand*). No interlúdio entre o caminhar e o morrer, Dylan opõe a consciência de percorrer o tempo e o espaço à inevitabilidade da consciência da finitude humana. É claro que Dylan usa o homem como o referencial do tempo-espaço. Não há, pois, uma “*road*” sem o homem que a trilhe. A “*road*” aliás, é função do homem que a perpassa, é ele que a nomeia e que a torna efetivamente “*road*” através da sua consciência. A ontologia do espaço-tempo de Dylan depende, portanto, do homem.

A terceira metáfora que o termo “*road*”, usado por Dylan, nos faz conhecer é que o caminho é a intersecção consciente dos tempos. Para que o homem nomeie uma “*road*” é preciso que ele vislumbre ao mesmo tempo o local de onde partiu, o local onde está e o ponto aonde quer chegar. É da percepção da ligação dos tempos por um contínuo racional interpretativo que o caminho se forma. A “*road*”<sup>4</sup> encerra em si uma unidade de tempos que faz sumirem as fronteiras entre o passado, o presente e o futuro dentro do processo de inteligibilidade do homem que trilha. Se é certo que o passado desse caminho é essencial para

---

<sup>4</sup> A “*road*” torna-se um espaço que não é aleatório e é governado por símbolos que podem ser antevistos antes de serem alcançados. Esta metáfora revela um tempo que é previsto, uma história que é controlada mediante a consciência presente.

o caminhante, é também evidente que não existe o caminho sem o vislumbre – no tempo e no espaço – do futuro que o caminhante pretende. Em dado momento da caminhada o passado longínquo parecerá ao caminhante tão quimérico quanto o futuro que está à sua frente. Dos dois não restará certeza ao homem além daquilo que lhe ficou como memória e o que lhe é espera. E a memória do passado, a história ensina, não se confunde com o passado em si. Da mesma forma a visão que a certo ponto o caminhante tem do seu caminho não se confunde ontologicamente com a estrada. Nem para trás, nem para frente de si.

Argumentarei aqui que a história do século XX e, em especial, do período chamado “Guerra Fria” é determinada pela visão do futuro que os homens criaram para si. A visão do futuro influenciou as ações de forma muito mais acentuada do que dos ensinamentos que eles tinham do passado. É a História do Futuro<sup>5</sup> (noção problemática e desconfortável ao historiador) que o historiador deve os condicionantes das tomadas de decisão políticas ao final da Segunda Guerra e início da Guerra Fria. A História, assim, engana-se ao olhar para o passado para entender as atitudes dos homens naquele momento. O historiador, acostumado ao seu paradigma mestre de exegeta dos tempos passados, precisou deslocar seu olhar para o presente (e não apenas para o passado), tomando-o como fonte histórica, para compreender o que se passou. Ao fazer isto ele não apenas precisou criar todo um novo ferramental hermenêutico para avaliar esse presente, como também sofreu com o processo de acomodação de espaços intelectivos entre outros ramos do saber que estavam, à época, muito mais capacitados a trabalharem com esse presente.

Não é à toa que a Teoria da História passou a incorporar métodos, conceitos, teorias da Sociologia, da Antropologia, da Economia e etc. O cientificismo do século XX passou a vergar o conhecimento histórico, exigindo dele respostas sobre a própria condição epistemológica sua. O que não se podia medir, pesar, catalogar não era bom o suficiente para o homem do século XX. A exigência do olhar para o presente como fonte histórica promoveu na História uma dolorosa contorção genuflexa que, a bem da verdade, ainda não terminou.

---

<sup>5</sup> Peço ao leitor duas doses de paciência. A primeira de caráter lógico interno para com o termo “História do Futuro” que, em princípio, parece uma contradição em termos. Demonstrarei à frente que não é. A segunda dose de paciência de caráter histórico-científica, peço lembrando que estamos em meio a uma quebra de paradigma científico. Entretanto, fomos educados a pensar no paradigma moderno que se esfacela. Toda noção de mundo que temos *a priori* se encontra nesse paradigma e qualquer dissonância requer do leitor crítico um pouco de paciência para com a argumentação. Como diz padre Antônio Vieira: “Mas porque não cuide alguma curiosidade crítica que o nome do futuro não concorda nem se ajusta nem com o título de história, saiba que nos pareceu chamar assim à esta nossa escritura, porque, sendo novo e inaudito o argumento dela, também lhe era devido nome novo e não ouvido.” (VIEIRA, Padre Antonio. **Obras escolhidas**: história do futuro. v. 1. Lisboa: Sá da Costa, 1953. p. 5).

O que vou mostrar aqui é que o movimento vigoroso (embora muitas vezes desconfiado) que a Teoria da História e a Historiografia fizeram em direção ao presente, na tentativa de domá-lo cientificamente, não foi suficiente para o entendimento da história do século XX. É preciso domar o Futuro. É preciso que o historiador recupere a história que não aconteceu, que ficou restrita ao planejamento dos homens. O futuro que os homens vislumbravam no apagar das luzes da Segunda Guerra é a chave de compreensão de suas ações. Mesmo que hoje o tenhamos como passado, ele continua sendo futuro no referencial de tais sujeitos<sup>6</sup>. O entendimento do século XX, argumentarei aqui, depende sobremaneira da forma como os homens (e sociedades) perceberam a sua “road” dentro desse século XX. Não pode passar despercebido ao historiador que as grandes obras que matizaram os pensamentos dessa época eram todas voltadas à previsão do futuro. “A Revolução dos Bichos” e “1984”, de Orwell, “*Road to Serfdom*”, de Hayek – na literatura do ocidente – funcionaram da mesma forma que as obras de Isaac Asimov ou Ray Bradbury para a URSS. No campo do saber científico (assim tomado pelo conceito da época), tanto o Marxismo-Leninismo reinterpretado por Stalin quanto o Realismo apresentado por Morgenthau (e tornado basal para a política externa norte-americana) tomavam o futuro como algo que podia ser esquadrihado, domado e antevisto. Não eram possibilidades, mas certezas que os homens da época enunciavam sobre o futuro; e com tais ferramentas planejavam o seu presente. O cientificismo que reinava na Era Atômica e Espacial colaborou sobremaneira para que os homens se guiassem por uma “História do Futuro” que antecipava comportamentos de homens e sociedades com a certeza da ciência (comportamental, econômica, psicológica, sociológica, behaviorista e etc.), de modo que não se faziam apenas previsões, efetivamente se construía o Futuro antes do tempo.

A História foi deixada de lado, agonizando frente aos golpes da Ciência Política, da Economia, da Psicologia, Antropologia e etc., não por uma questão meramente de escolha política, mas exatamente porque ela (História) se recusava terminantemente a tomar o futuro para si. A inversão do paradigma que secundava as consciências e ações dos homens no mundo, em meados do século XX (a troca do passado pelo futuro como oráculo das ações), é o traço definidor tanto do pensamento científico quanto político da época. É então essencial reconhecer

---

<sup>6</sup> Tomar as ideias de futuro desses homens como meramente um passado histórico atual é incorrer em erro epistemológico, pois significa descartar os pressupostos que engendraram suas tomadas de decisão, tornando-as valorativamente “erros” ou “acertos” de cálculo político. Não se trata de ver o “interesse por trás da ação” na perspectiva sempre sombria do Marxismo-Leninismo para com as atitudes humanas, tampouco cancelar a “irrefreável” forma de organização da política internacional como descrevia o Realismo de Morgenthau, mas entender através dessas visões o futuro que aos homens da época parecia inelutável.



que se as ideias políticas antecipavam (“cientificamente”) o caminho do homem no século XX, elas também **criaram** o século XX, ao invés de meramente o explicar.

Tal qual o caminhante que em sua “*road*” orienta-se pelo vislumbre do ponto futuro, do local onde ele não está no tempo, o cientificismo do pensamento do final da Segunda Guerra orientou a ação política para um Futuro que era tão ou mais concreto que o passado. Esse futuro, milimetricamente esquadrinhado e incansavelmente alimentado<sup>7</sup>, é a chave de entendimento da história da Guerra Fria. Sem que se vislumbre o caminho que o Homem de Dylan delineava a frente de si, toda a história do século XX recebe uma racionalidade indevida temporal e politicamente. Os encadeamentos e nexos propostos pela História para ordenar a narrativa do século XX<sup>8</sup> são eles teleológicos e apontam para o futuro “que foi” que, em quase nada, se assemelha ao futuro “que era” quando na ótica dos tomadores de decisão.

Dylan ainda nos brinda com outra metáfora que marca o período. Pergunta-se, o poeta, quantas vezes as balas de canhão precisarão ainda voar para que sejam definitivamente banidas. A temática da guerra é a criadora do pensamento de Relações Internacionais no século XX. A Dylan é imperativo que se saiba que as balas de canhão **não** devem voar. Que a guerra não é um resultado que se deve buscar. Mas, ao mesmo tempo lhe parece que o mesmo homem que caminha, que busca transformar-se em homem, não se apercebe do canhão. É preciso, entretanto, que não sejamos ingênuos. O homem que constrói a sua “*road*” é o mesmo homem que dispara o canhão.

Dylan diz que as respostas para todas estas perguntas “sopram no vento”. A noção de “sopro” (*blowing*) encerra uma imaterialidade e uma transcendência características das ideias. Se, por um lado, a característica do vento é esta intangibilidade que se mostra fisicamente apenas pelo sentir, é preciso reconhecer que o vento (*Wind*) tem sentido e direção ordenados. Carrega assim a noção de tempo, mas também a noção de “animus”. Sentir o vento é uma função de se estar no tempo e querer senti-lo. A resposta que o poeta aponta para as suas próprias indagações circunda a todos os homens, está presente em todo o lugar; não é material, mas volátil. Move-se no tempo e no espaço tocando cada e qualquer um, mas não se restringe a ninguém. A História tem procurado na materialidade financeira-econômica ou bélico-instrumental as respostas – *em última instância* – para as racionalidades do século XX. Enganase. As respostas estão na imaterialidade das ideias, as respostas estão “*blowing in the Wind*”.

<sup>7</sup> Aqui penso no verbo inglês “*nurtured*” que é de difícil tradução para o português.

<sup>8</sup> A noção de “*followability*” em Ricoeur ou “aptidão de uma história a ser seguida” (RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. v. 1. Campinas: Papyrus, 1994. p. 105).

## 2.2 A PROBLEMÁTICA DO TEMPO

Existe uma evidente tensão entre o historiador e o Tempo<sup>9</sup>. Seu ofício, a História<sup>10</sup>, requisita um domínio sobre o Tempo que não lhe é permitido por força ontológica. A finitude do historiador o obrigou a desenhar toda uma epistemologia para praticar a arte de apropriar-se do Tempo. Eis que entre Tucídides até Voltaire<sup>11</sup>, parecia que a tensão acima mencionada amainara e o historiador gozou do prestígio social de ser portador dos conhecimentos sobre o passado que eram qualificados como “*Magistra Vitae*”<sup>12</sup>. Desde que os homens começaram a questionar a posição relativa do Sol e da Terra e medir as forças que agiam entre as coisas existentes, tanto dentro quanto fora do planeta, a paz do historiador começou a acabar.

Num primeiro momento, a sofisticação do Paradigma Galileano-Newtoniano rouba da História o título de “*Magistra Vitae*”<sup>13</sup>. Nada que não pudesse ser pesado, medido, quantificado “objetivamente” poderia aspirar a ser “*magistra*”<sup>14</sup>. A violência da Ciência Moderna para com outras formas de conhecimento somente cresceu entre os séculos XVI e XX. Esta forma de pensamento ou forçava sua epistemologia para dentro de outras formas de pensamento, transformando-as em cópias de si, ou as aniquilava, derrogando-as às margens escuras do pensamento humano<sup>15</sup>. A vitalidade da História não a deixou aniquilar-se, mas, como contrapartida obrigou a uma incessantemente busca pelo estatuto de “Ciência”. Nesse primeiro movimento de acomodação, houve a percepção de que o Tempo não mais lhe poderia servir de objeto, eis que não era dotado de “*animus*” e era impotente, portanto, para agir sobre o mundo das coisas. É no século XVIII que, refletindo sobre o Tempo dentro da perspectiva da ditadura paradigmática de Galileu e Newton, o historiador percebe que o que faz não é a apreensão do

<sup>9</sup> Uso o termo “tensão” como uma metáfora científica do termo “desconforto” que deveria ser o correto.

<sup>10</sup> Aqui se necessita de breve explicação. Quando uso o termo História grafado com letra maiúscula me refiro ao corpus de conhecimento construído com vistas ao estatuto da cientificidade. Noto, entretanto, uma tensão real quando escrevo o termo com letra minúscula, pois reconheço que historiar é uma característica humana mais ou menos geral. Contar histórias, rememorar o tempo é um ato individual e constituinte antes de ser um ramo de conhecimento que se entende por científico.

<sup>11</sup> (WHITE, Hayden. **La imaginación histórica en la Europa del siglo XIX**. México: Fondo de Cultura Económica, 1992. p. 57; 59). “Casi todos detallados, todos sábios, si ninguna mezcla de lo maravilloso, todos basados em observaciones astronómicas desde hace cuatro mil ciento cincuenta y dos años, estos anales se remontan aún a vários siglos más atrás, em verdade sin fechas precisas, pero com esa verosimilitud que parece acercarse a la certidumbre” (VOLTAIRE. **Filosofia de la historia**. Madrid: Tecnos, 2001. p. 261) (grifo meu).

<sup>12</sup> KOSELLECK, Reinhart. **Estratos do tempo: estudos sobre história**. Rio de Janeiro: ContraPonto: Puc-Rio, 2014. p. 309.

<sup>13</sup> KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: ContraPonto, 2006. p. 41-42; 80-81.

<sup>14</sup> “Do ponto de vista da terminologia, o ‘profectus’ espiritual foi substituído por um ‘progressus’ mundado” (KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: ContraPonto, 2006. p. 316).

<sup>15</sup> BLOCH, Marc. **Apologia da história ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001. p. 46.

Tempo tal qual ele é. Não há meios de submeter o passado à prova, de inquirir-lhe centenas de vezes e obter as mesmas respostas. O paradigma Moderno cobrava seu preço e a apreensão do passado (espaço de tempo que não se tinha nada mais do que “rastros”<sup>16</sup>) não era adequada aos novos senhores do pensamento<sup>17</sup>.

*Pero el mismo criterio se emplea para establecer el valor, como evidencia, de documentos que vienen del pasado vestidos con lenguaje figurativo. La poesía, el mito, la leyenda, la fábula —no se creía que nada de ello tuviera valor real como evidencia histórica<sup>18</sup>.*

Pela recuperação de pensamentos antigos<sup>19</sup>, a História se recompõe. Não mais apreendia um passado real, mas se oferecia ao escrutínio da Ciência mudando seu objeto<sup>20</sup>. O Tempo não age<sup>21</sup>. Tanto as ações no Tempo quanto as interpretações do Tempo são, assim, eminentemente humanas<sup>22</sup>. A mudança de concepção científica a respeito do objeto da História passa então pelo abandono do Tempo e a assunção do Homem<sup>23</sup>. Se é ao Homem que cabe toda a ação humana é ele o implicado pelas tão caras relações causais<sup>24</sup>, que eram, à época, o “Santo Graal” da Ciência<sup>25</sup>. A História passava a compreender as ações do Homem durante o Tempo<sup>26</sup>. Um Tempo-moldura<sup>27</sup> que mantinha todos dentro de uma percepção clara de passado, presente e futuro.

<sup>16</sup> DOSSE, François. **Paul Ricoeur e Michel de Certeau**: La historia entre el decir e el hacer. Buenos Aires: Nueva Visión, 2009. p. 100.

<sup>17</sup> KOSELLECK, Reinhart. **Futuro pasado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006. p. 120.

<sup>18</sup> WHITE, Hayden. **La imaginación histórica en la Europa del siglo XIX**. México: Fondo de Cultura Económica, 1992. p. 60.

<sup>19</sup> Como, por exemplo, Santo Agostinho (KOSELLECK, Reinhart. **Futuro pasado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006. p. 124-126); (RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. v. III. Campinas: Papirus, 1997. p. 20).

<sup>20</sup> KOSELLECK, Reinhart. **Futuro pasado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006. p. 50-53.

<sup>21</sup> Apesar da proposição em contrário de Aristóteles que afirma que o tempo “consome” e “envelhece” oferecendo ao Tempo algum tipo de ação. (RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. v. III. Campinas: Papirus, 1997. p. 447).

<sup>22</sup> DOSSE, François. **Paul Ricoeur e Michel de Certeau**: La historia entre el decir e el hacer. Buenos Aires: Nueva Visión, 2009. p. 19.

<sup>23</sup> Uso o termo “Homem” grafado em maiúscula como um substantivo coletivo e não ligado à noção de “indivíduo” já que quero me referir às suas construções, ações, pensamentos e etc.: “Ao individualismo metodológico das ciências sociais, os novos historiadores opõem a tese de que o objeto da história não é o indivíduo, mas o ‘fato social total’, termo inspirado em Marcel Mauss, em todas as suas dimensões humanas – econômica, social, política, cultural, espiritual e etc.” (RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. v. 1. Campinas: Papirus, 1994. p. 147).

<sup>24</sup> RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. v. 1. Campinas: Papirus, 1994. p. 259.

<sup>25</sup> (KOSELLECK, Reinhart. **Futuro pasado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006. p. 132); E continuam até hoje sendo (KOSELLECK, Reinhart. **Estratos do tempo**: estudos sobre história. Rio de Janeiro: ContraPonto: Puc-Rio, 2014. p. 278).

<sup>26</sup> KOSELLECK, Reinhart. **Futuro pasado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006. p. 116.

<sup>27</sup> RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. v. III. Campinas: Papirus, 1997. p. 19).

“Só o futuro é aleatório. O passado é um dado que não deixa mais lugar para o possível”<sup>28</sup>.

Com as fronteiras temporais definidas, o princípio do “distanciamento”<sup>29</sup> é elevado à condição necessária de “objetividade”<sup>30</sup> dentro da clausura do Paradigma Moderno<sup>31</sup>. Ao historiador cabia relatar cientificamente o passado como ele “realmente aconteceu”<sup>32</sup>.

La cultura europea del siglo XIX mostró en todas partes una furia por una comprensión realista del mundo. El término "realista", desde luego, significaba algo distinto de una comprensión "científica" del mundo, aunque algunos autodesignados "realistas", como los positivistas y los darwinistas sociales, identificaban su "realismo" con el tipo de comprensión de los procesos naturales que ofrecían las ciencias físicas. Aun aquí, sin embargo, el término "realista" tenía connotaciones que sugerían que se trataba de algo más que una simple aplicación del "método científico" a los datos de la historia, la sociedad y la naturaleza humana. Pues a pesar de su orientación en general "cientificista", las aspiraciones "realistas" de los pensadores y artistas del siglo XIX estaban informadas por una conciencia de que cualquier esfuerzo por comprender el mundo histórico presentaba problemas especiales, dificultades que no se presentaban en el esfuerzo humano por comprender el mundo de los procesos puramente físicos<sup>33</sup>.

O Positivismo<sup>34</sup> e o Historicismo<sup>35</sup> trouxeram novamente a paz ao reino da História por meio de uma metodologia de apropriação dos tempos, com um certo desconforto kantiano<sup>36</sup>. À noção incômoda trazida por Kant de que o passado não podia ser objeto em si<sup>37</sup> – dado que não

<sup>28</sup> BLOCH, Marc. **Apologia da história ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001. p. 117.

<sup>29</sup> DOSSE, François. **Paul Ricoeur e Michel de Certeau**: La historia entre el decir e el hacer. Buenos Aires: Nueva Visión, 2009. p. 26.

<sup>30</sup> WHITE, Hayden. **La imaginación histórica en la Europa del siglo XIX**. México: Fondo de Cultura Económica, 1992. p. 48.

<sup>31</sup> Uma oposição a esta interpretação absoluta dos tempos (passado, presente e futuro) no Tempo é dada por Ricoeur: “O Passado só é anterior e o futuro só é posterior a um presente dotado da relação de sui-referência, atestada pelo ato mesmo de enunciação” (RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. v. III. Campinas: Papyrus, 1997. p. 29).

<sup>32</sup> KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006. p. 308.

<sup>33</sup> WHITE, Hayden. **La imaginación histórica en la Europa del siglo XIX**. México: Fondo de Cultura Económica, 1992. p. 53.

<sup>34</sup> A relação entre o Positivismo e a Ciência que é criticada por Benedetto Croce oferecia um bálsamo interpretativo: “*El principal error de los positivistas, decía Croce era suponer que todo conocimiento válido era de naturaliza científica*” (WHITE, Hayden. **La imaginación histórica en la Europa del siglo XIX**. México: Fondo de Cultura Económica, 1992. p. 363).

<sup>35</sup> “Ya en su momento, Walter Benjamin se oponía al historicismo como la transposición de un modelo tomado de la causalidad mecánica en el cual la causa de un efecto se buscaba en la posición inmediatamente anterior en la cadena temporal.” (DOSSE, François. **Paul Ricoeur e Michel de Certeau**: La historia entre el decir e el hacer. Buenos Aires: Nueva Visión, 2009. p. 62).

<sup>36</sup> (WHITE, Hayden. **La imaginación histórica en la Europa del siglo XIX**. México: Fondo de Cultura Económica, 1992. p. 63); Kant pode ser considerado o primeiro dos filósofos que questiona a noção de “real” (WHITE, Hayden. **La imaginación histórica en la Europa del siglo XIX**. México: Fondo de Cultura Económica, 1992. p. 63). Ele não se atreve a argumentar que esse real inexistente (como hoje no paradigma pós-moderno), portanto ainda que ele seja “desconfortável” ao paradigma Moderno de ciência ele não rompe com ela. (RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. v. III. Campinas: Papyrus, 1997. p. 70-74).

<sup>37</sup> KOSELLECK, Reinhart. **Estratos do tempo**: estudos sobre história. Rio de Janeiro: ContraPonto: Puc-Rio, 2014. p. 299.

existia meios de o sujeito perscrutá-lo<sup>38</sup>, a História, enquanto ciência<sup>39</sup>, ofereceu dois caminhos distintos: a Fenomenologia dos Tempos<sup>40</sup> (que assume a impotência humana em conhecer<sup>41</sup> e, paradoxalmente, transforma essa impotência em força, afirmando que as impressões mediatizadas pelo racional são tudo de que dispomos)<sup>42</sup> e a Crítica Histórica (que nega a incapacidade de conhecer o passado em si, modificando o conceito de “objetividade”<sup>43</sup>)<sup>44</sup>.

De toda a problemática sobre a definição do objeto da História, há que se reconhecer duas posturas básicas: dos que afirmam a primazia Tempo sobre o Homem<sup>45</sup>, e dos que reconhecem o Homem com primazia sobre o Tempo<sup>46</sup>. Como é próprio da epistemologia histórica, a propriedade comutativa matemática aqui não se aplica, e a ordem dos termos muda o sentido final. Ter o Tempo como laço de constrangimento é reconhecer uma história cuja interpretação varia de um estruturalismo até as percepções de “*longue durée*”<sup>47</sup>. Trabalha-se

<sup>38</sup> RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. v. 1. Campinas: Papirus, 1994. p. 127.

<sup>39</sup> “Pero, en opinión de ambos, ese cosmos puede ser conocido; es posible discernir progresivamente las leyes que lo gobiernan. Pero las leyes que gobiernan el cosmos sólo pueden ser conocidas por medio de la práctica, mediante la acción, por afirmaciones de la voluntad que son heroicas —por no decir prometeicas” (WHITE, Hayden. **La imaginación histórica en la Europa del siglo XIX**. México: Fondo de Cultura Económica, 1992. p. 314).

<sup>40</sup> “Es decir, la historia no era una ciencia positivista, y el historiador debía contentarse con una concepción baconiana, empírica e inductivista, de la tarea del científico, lo que significaba que la historiografía tenía que seguir siendo una ciencia pre-newtoniana.” (WHITE, Hayden. **La imaginación histórica en la Europa del siglo XIX**. México: Fondo de Cultura Económica, 1992. p. 136).

<sup>41</sup> “La auténtica historiografía, como el arte de Rafael, representaba una subordinación de los impulsos alegorizantes y simbolizantes de la conciencia del historiador a las necesidades de la representación "realista". Ese "realismo", a su vez, se creía que estaba compuesto por dos elementos: la aprehensión del campo histórico como un conjunto de hechos discretos, de los cuales no hay dos exactamente iguales; y la comprensión de ese campo como un tejido de relaciones.” (WHITE, Hayden. **La imaginación histórica en la Europa del siglo XIX**. México: Fondo de Cultura Económica, 1992. p. 252).

<sup>42</sup> (WHITE, Hayden. **La imaginación histórica en la Europa del siglo XIX**. México: Fondo de Cultura Económica, 1992. p. 11).

<sup>43</sup> “Las contribuciones de Marx y Nietzsche a la "crisis del historicismo" de fines del siglo xix, entonces, consistieron en la historización del concepto mismo de objetividad. Para ellos, el pensamiento histórico no era resultado de un criterio de objetividad que simplemente se pudiera "aplicar" a los datos del campo histórico. Lo que cuestionaron fue la naturaleza misma de la objetividad.” (WHITE, Hayden. **La imaginación histórica en la Europa del siglo XIX**. México: Fondo de Cultura Económica, 1992. p. 268).

<sup>44</sup> RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. v. 1. Campinas: Papirus, 1994. p. 139.

<sup>45</sup> Aqui replico a antinomia agente-estrutura, entendendo, obviamente, o tempo como estrutural já que lhe falta o “*animus*” para a ação.

<sup>46</sup> RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. v. 1. Campinas: Papirus, 1994. p. 148.

<sup>47</sup> Vários são os historiadores que entendem a moldura do tempo como algo estrutural. Um exemplo apenas é a frase de Koselleck “Assim, a diferença entre as duas categorias [experiência e expectativa] remetem a uma característica estrutural da história [tempo histórico]” (KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006. p. 312). Le Goff fala de uma história “quase imóvel” pela noção de estruturalismo (GOFF, Jacques Le. **História e memória**. Campinas: UNICAMP, 1990. p. 8). Sobre a “*Longue durée*” Le Goff enfatiza seu caráter estrutural também (GOFF, Jacques Le. **História e memória**. Campinas: UNICAMP, 1990. p. 14). Armitage & Guldi lembram a influência de Claude Lévi-Strauss e sublinham que “*Leur durée était certainement supérieure à celle des cycles économiques, mais cependant bien inférieure à l'imperceptible mouvement des montagnes et des océans, ou aux rythmes du nomadisme et la transhumance.*” (ARMITAGE, David; GULDI, Jo. Le retour de la longue durée: une perspective anglo américaine. **Annales: Histoire, Sciences sociales**, Paris, v. 2, n. 70, p. 289-318, abr./jun. 2015, p. 293), e demonstram, apesar disto, um atual retorno ao uso da ideia em trabalhos contemporâneos. Com

com um referencial que dá ao ator histórico, por um lado, pouco conhecimento de si frente ao processo histórico, e, por outro, pouca capacidade de romper com as estruturas (institucionais, históricas, ideológicas etc.) que restringem sua ação. Nesta primeira forma de entendimento (que é um gradiente entre a virtual impossibilidade de ação histórica ao indivíduo por sobre os constrangimentos estruturais<sup>48</sup>, até o reconhecimento de “níveis de atuação” desse indivíduo) encontram-se desde o Positivismo e o Historicismo<sup>49</sup> como também o Marxismo<sup>50</sup> e as teorias estruturalistas culturais.

De um lado, o tempo histórico parece se resolver numa sucessão de intervalos homogêneos, portadores da explicação causal ou nomológica; de outro, dispersa-se numa multiplicidade de tempos cuja escala se ajusta à das entidades consideradas: tempo curto do acontecimento, tempo semilongo da conjuntura, longo prazo das civilizações, longuíssimo prazo dos simbolismos fundadores do estatuto social como tal. Esses "tempos de história", segundo a expressão de Braudel<sup>51</sup>.

A outra interpretação teórica, que tem o Homem com precedência sobre o Tempo, se baseia na ideia dos tempos “configurados”, “representados” ou “subjetivamente entendidos”<sup>52</sup>. Nesse caso, é o Homem o agente configurante do seu entorno (temporal e/ou material)<sup>53-54</sup>. No fundo, trata-se de uma diferença epistemológica<sup>55</sup> – quando dentro do paradigma moderno – ou ontológica se partirmos para o entendimento do Paradigma Pós-Moderno<sup>56</sup> de Ciência.

---

relação ao caráter estruturalista do Marxismo não há muitas discussões desde Karl Mannheim em 1954 (MANNHEIM, Karl. **Ideology and utopia**: an introduction to the sociology of knowledge. Londres: Routledge, 1954. p. 33) até Carlo Guinzburg em 1986 (GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, indícios**: morfología e historia. Barcelona: Gedisa, 1986. p. 158), e Jörn Rüsen em 2010 (RÜSEN, Jörn. **Reconstrução do passado**. Brasília: Editora da Universidade, 2010. p. 57), por exemplo.

<sup>48</sup> “Así se originan todas las teorías deterministas de la historia que reducen al hombre a la condición de servidor de fuerzas más grandes que él, contribuyendo así a la degradación de la mayoría de los hombres al mismo tiempo que justifican la elevación de los pocos: el determinismo teológico de San Agustín, el determinismo metafísico de Hegel, la determinación tradicionalista de Burke, el burdo determinismo materialista de la economía política británica e incluso, en principio, el determinismo sociológico de Tocqueville. Ese es también el origen de todas las rebeliones ingenuas de humanitaristas bienintencionados, humanistas, esetas, románticos y socialistas utópicos que afirman la libertad de la voluntad individual y la capacidad del hombre para cambiar su mundo mediante la transformación de la sensibilidad con que la aprehende.” (WHITE, Hayden. **La imaginación histórica en la Europa del siglo XIX**. México: Fondo de Cultura Económica, 1992. p. 295).

<sup>49</sup> “Pero tampoco el pensamiento histórico podía revertir a un modo puramente metafórico de caracterizar el campo histórico y seguir aspirando al título de "ciencia" que Ranke reconocía que tenía que tener si había de permitírsele afirmar una autoridad superior a la de la opinión subjetiva.” (WHITE, Hayden. **La imaginación histórica en la Europa del siglo XIX**. México: Fondo de Cultura Económica, 1992. p. 164).

<sup>50</sup> RÜSEN, Jörn. **Reconstrução do passado**. Brasília: Editora da Universidade, 2010. p. 27).

<sup>51</sup> RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. v. 1. Campinas: Papyrus, 1994. p. 254.

<sup>52</sup> RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. v. 1. Campinas: Papyrus, 1994. p. 87.

<sup>53</sup> RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. v. 1. Campinas: Papyrus, 1994. p. 93.

<sup>54</sup> RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. v. 1. Campinas: Papyrus, 1994. p. 93.

<sup>55</sup> WHITE, Hayden. **La imaginación histórica en la Europa del siglo XIX**. México: Fondo de Cultura Económica, 1992. p. 95.

<sup>56</sup> Para uma definição do paradigma pós-moderno veja-se Carlo Guinzburg (GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, indícios**: morfología e historia. Barcelona: Gedisa, 1986. p. 163).

Es posible que esto refleje meramente la naturaliza protocientífica de la empresa historiográfica, pero es importante tener presente esse desacuerdo (o falta de acuerdo) congénito sobre qué califica como explicación específicamente histórica de cualquier conjunto de fenómenos históricos<sup>57</sup>.

A epistemologia da diferença do entendimento da prevalência do Homem, dentro do Paradigma Moderno de Ciência, não nega a existência de um “real” ou “realidade” objetivamente definida. Seus defensores, entretanto, trabalham com a apreensão fenomenológica da realidade, admitida a incapacidade de apreensão objetiva mesma. Assim, um dilúvio, por exemplo, apesar de ontologicamente ser sempre um dilúvio, pode ser compreendido pelo Homem como um castigo de Deus, como uma vingança de Deus contra o outro (e, portanto, algo positivo para mim), ou como o efeito de alguma máquina inventada pela ciência das nações poderosas do mundo para destruir seus desafetos. A característica ontológica não é, pois, objeto de discussão<sup>58</sup>. Criam-se teoricamente inúmeros conceitos para compreender a interpretação que o Homem oferece em cada caso e em cada tempo<sup>59</sup>. Nesse diapasão, porém, a História preocupa-se pouco, ou quase nada, com o dilúvio em si, mas dá suma atenção aos processos (mentais, culturais, políticos, sociais e etc.) pelos quais o Homem compreende tal fato.

No Paradigma Pós-Moderno, contudo, a predominância do Homem frente ao Tempo tem caráter ontológico. O Homem configura a realidade a sua volta. Criando esta realidade que, por sua vez, não existe independente dele.

Ainda que com primados diferentes, as duas categorias de pensamento que foram usadas para definir aqui a cizânia frente ao objeto da História usam necessariamente a noção de tempo. A ideia de tempo, todavia, é polissêmica. As hermenêuticas do tempo variam por suas concepções ontológicas e epistemológicas. O Tempo astronômico – que outrora detinha a preferência dos consensos interpretativos – foi deixado de lado ainda no século XIX pelas

---

<sup>57</sup> WHITE, Hayden. **La imaginación histórica en la Europa del siglo XIX**. México: Fondo de Cultura Económica, 1992. p. 23

<sup>58</sup> Para Hayden White entender como possível a apreensão ontológica de um objeto representa um “cientificismo” a ser evitado pela História. “*Se ha sostenido, desde luego, que la historia puede ser liberada del mito, la religión y la metafísica sólo por la exclusión de los modos de explicación organicista y mecanicista de sus operadones. Se reconoce que no por ello se elevará la historia a ser una "ciencia" rigurosa, pero se afirma que al menos podrá evitar los peligros del "cientificismo" —la imitación del método científico y la apropiación ilegítima de la autoridad de la ciencia— por medio de esa exclusión. Porque, al limitarse a las explicaciones en los modos del formismo y el contextualismo, la historiografía al menos se mantendría "empírica" y evitaría la caída en el tipo de "filosofía de la historia" practicada por Hegel y Marx*”. (WHITE, Hayden. **La imaginación histórica en la Europa del siglo XIX**. México: Fondo de Cultura Económica, 1992. p. 30).

<sup>59</sup> (WHITE, Hayden. **La imaginación histórica en la Europa del siglo XIX**. México: Fondo de Cultura Económica, 1992. p. 120).

percepções do Tempo humano. Hoje, entretanto, nem a concepção de tempo de Galileu e Newton é aceita como correta. As ciências ditas naturais se dobram – a partir da Teoria da Relatividade – ao entendimento dos poetas, dos filósofos e de alguns corajosos historiadores: *“En la teoría de la relatividad no existe un tiempo absoluto único, sino que cada individuo posee su propia medida personal del tiempo, medida que depende de dónde está y de cómo se mueve”*<sup>60</sup>.

Mais do que didática, a afirmação de Hawking encerra com um dos sustentáculos do Paradigma Moderno de Ciência e dá às “Ciências do Espírito” um reconhecimento *ex post facto* da lucidez de alguns historiadores e poetas. Ao esfacelamento, dentro das ciências naturais, da ideia de tempo único segue-se uma verdadeira revolução no conceito de tempo. Hawking se pergunta se *“[...] en el tiempo «real», hay una diferencia muy grande entre las direcciones hacia adelante y hacia atrás, como todos sabemos. ¿De dónde proviene esta diferencia entre el pasado y el futuro? ¿Por qué recordamos el pasado pero no el futuro?”*<sup>61</sup>. Aquilo que nunca fora problemático dentro do Paradigma Moderno de Ciência, a ideia da “Flecha do Tempo”, que delimitava claramente o passado e o futuro de forma ontológica, se desvanece frente às leis da Física Contemporânea. Dentro da problemática do Tempo, Hawking afirma que *“[...] las leyes de la ciencia no distinguen entre las direcciones hacia adelante y hacia atrás del tiempo”*<sup>62</sup>.

A tensão, acima mencionada, entre o historiador e o Tempo atinge seu ápice. Não há diferença ontológica, do ponto de vista das ciências naturais, entre o passado e o futuro. O que foi inicialmente copiado das ciências naturais (a flecha do tempo<sup>63</sup>) para dentro da História se mostrou falso. E o resultado disto é que o tempo deixou de ser, também dentro das ciências naturais, objetivo<sup>64</sup>. O tempo, assim, depende de um referente que se encontra no ponto

<sup>60</sup> HAWKING, Stephen. **História del tiempo**: del big bang a los agujeros negros. Madrid: Alianza, 2011. p. 38.

<sup>61</sup> HAWKING, Stephen. **História del tiempo**: del big bang a los agujeros negros. Madrid: Alianza, 2011. p. 129.

<sup>62</sup> HAWKING, Stephen. **História del tiempo**: del big bang a los agujeros negros. Madrid: Alianza, 2011. p. 136.

<sup>63</sup> (RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. v. III. Campinas: Papirus, 1997. p. 83).

<sup>64</sup> Uso aqui o termo objetivo seguindo a linha do par antitético clássico da epistemologia: sujeito-objeto. O termo “objetivo” encontra-se no campo semântico do objeto sendo definido como tudo aquilo que esse objeto é (ontologicamente) que independa da vontade que qualquer sujeito gostaria que fosse. Em comparação, o paradigma científico moderno estabelece um espaço cognitivo muito pequeno para o termo “objetivo” cabendo nele *in extremis* apenas a noção de “real”. O termo irmão “subjetividade”, ao contrário, conhece um espaço cognitivo muito mais amplo dentro do Paradigma Moderno de Ciência, uma vez que toda e qualquer mácula na objetividade já é suficiente para derrogar o termo para o campo semântico do sujeito. A crise do Paradigma Moderno advém exatamente da percepção atual de que não há área do conhecimento humano (ou mesmo qualquer fragmento de conhecimento produzido) que possa ser percebido como “objetivo”. Se um conceito perde sua capacidade de diferenciação dentro da cognição humana ele deixa de ter função epistemológica para ter função ontológica. O paradigma pós-moderno, assim, não mais se preocupa com o par “sujeito-objeto”.



chamado “presente”<sup>65</sup> e os “horizontes de acontecimentos” para o futuro e o passado são ontologicamente idênticos<sup>66</sup>.

**Figura 1 - A concepção de Tempo contemporânea com o Passado e o Futuro sendo rigorosamente iguais a partir do ponto no presente**

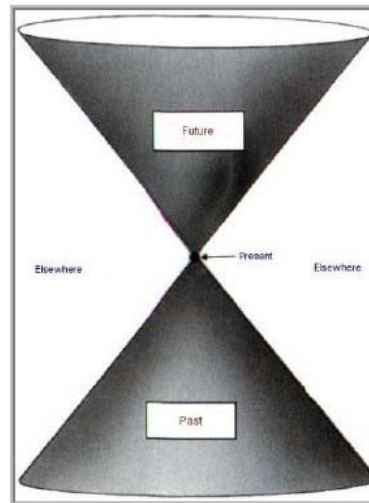


Figura 2-5

Fonte: HAWKING<sup>67</sup>

Os historiadores não concebem esta situação (da igualdade entre os tempos) exatamente por darem propriedades diferentes ao Tempo Passado e ao Tempo Futuro<sup>68</sup>. Mas, segundo a Física, esta diferença não é do Tempo em si<sup>69</sup>. Sobre, desta forma, a conclusão lógica de que a diferença – para a História – entre o Tempo Passado e o Tempo Futuro é o Homem como referencial presente<sup>70</sup>: “Não existira, com efeito, futuro que diminui, nem passado que cresce sem um ‘espírito’ que faz essa ação (*animus qui illud agit*).”<sup>71</sup>

<sup>65</sup> Koselleck, por exemplo, afirma também isto através da ideia de “eixo temporal móvel” (KOSELLECK, Reinhart. **Estratos do tempo**: estudos sobre história. Rio de Janeiro: ContraPonto: Puc-Rio, 2014. p. 269).

<sup>66</sup> Hawking explica, entretanto, por que dentro das leis da Física uma viagem ao Futuro, dentro do processo de aceleração do tempo é perfeitamente possível, ao passo que uma viagem ao passado não. Segundo Hawking o passado representa uma dissociação termodinâmica do “espaço-tempo” através do aumento da entropia em direção ao caos. Por não ser reconstituível termodinamicamente o passado está perdido. (HAWKING, Stephen. **História del tiempo**: del big bang a los agujeros negros. Madrid: Alianza, 2011. p. 130-135). De forma interessante, para a Física o passado está irremediavelmente perdido enquanto que o Futuro algo próximo.

<sup>67</sup> HAWKING, Stephen. **História del tiempo**: del big bang a los agujeros negros. Madrid: Alianza, 2011. p. 32.

<sup>68</sup> KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: ContraPonto, 2006. p. 122-123.

<sup>69</sup> Ricoeur afirma que “A imagem antecipatória [futuro] não é menos enigmática que a imagem por vestígio [passado] propondo uma abordagem não diferencial entre passado e futuro.” (RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. v. 1. Campinas: Papyrus, 1994. p. 29).

<sup>70</sup> Jörn Rüsen também diminui a distância entre os tempos: “Naturalmente, a divergência entre tempo como intenção [futuro] e tempo como experiência [passado] não deve ser pensada de forma tão dicotômica como foi exposto aqui.” (RÜSEN, Jörn. **A razão histórica**. Brasília: Editora da Universidade, 2010. p. 58).

<sup>71</sup> RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. v. 1. Campinas: Papyrus, 1994. p. 38.

É a partir da sua existência que se delimitam os tempos<sup>72</sup>. Ele (Homem) é o observador da linha do espaço-tempo<sup>73</sup> e ele marca o ponto presente (ponto seccional dos cones do tempo-passado e tempo-futuro)<sup>74</sup>.

Há muitas derivações para essa mudança de paradigma<sup>75</sup>. Desde o ponto de vista moral, existencial, religioso e etc., mas o que me interessa aqui é desvelar que a Teoria da Relatividade já afirma que os “horizontes de acontecimentos” dentro do “espaço tempo” se apresentam como um *continuum*, sem distinção objetiva e dependendo do sujeito como referencial<sup>76</sup>. Isto poderia implicar um encapsulamento da História pela condição de “futuro já traçado”. Poderia resultar que, em se olhando todo o *continuum*, desde o passado até o futuro, acabaria, assim, com qualquer possibilidade de liberdade de escolha e de ações<sup>77</sup>. Esta ideia tem profundas implicações políticas e religiosas dado que o Futuro já seria, independentemente da vontade dos atores. A própria História deixaria de existir<sup>78</sup> senão como mero controle arquivístico. A esta situação a Física traz a ideia de “multiverso” ao invés de um “universo”. Os *continuums* entre o passado e o futuro seriam tantas quantas as possibilidades de ação existentes para cada momento dado. De forma que em universos paralelos uns aos outros as linhas de tempo prosseguiriam com diferentes terminações.

A problemática do Tempo subjetivo para as ciências naturais está, contudo, apenas no início de sua discussão. O fato é que para os historiadores as novas descobertas da Física só vêm chancelar a percepção de que existe diferença ontológica entre o Tempo Físico (natural) e

<sup>72</sup> DOSSE, François. **Paul Ricoeur e Michel de Certeau**: La história entre el decir e el hacer. Buenos Aires: Nueva Visión, 2009. p. 39.

<sup>73</sup> Koselleck também compreende o sentido do “tempo-espaço” por meio dos conceitos de “experiência” e “expectativa” que serão tratados mais adiante (KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006. p. 307).

<sup>74</sup> RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. v. I. Campinas: Papirus, 1994. p. 41.

<sup>75</sup> Ironicamente, as “ciências do espírito” anteciparam as “ciências naturais” em, pelo menos, quinze séculos já que Santo Agostinho, no século V d.C., esboçava uma teoria do tempo que não o tomava como objetivo. Ao afirmar que o tempo dependia do homem, Santo Agostinho não apenas humanizava o conceito, mas também criava toda uma tradição de interpretação do tempo (que só foi recuperada no Século XIX) a partir do referencial do sujeito. (RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. v. I. Campinas: Papirus, 1994. p. 19-54).

<sup>76</sup> “Eugene Wigner, the 1963 Nobel Prize winner in Physics, summarized the current physical situation with the most clarity: “When the province of physical theory was extended to encompass microscopic phenomena through the creation of quantum mechanics, the concept of consciousness came to the fore again. It was not possible to formulate the laws of quantum mechanics in a fully consistent way without reference to the consciousness.” Erwin Schrodinger, another founder of the quantum theory, he of the infamous cat, a philosopher of science, a philosopher of mind, and a poet, in addition to a theoretical physicist, agreed wholeheartedly: “[it is] inadvisable[e],” he tells us, to “locate a man’s thoughts and ideas in his head.” (ARTNFHYSICS. **Psicologia quântica**: ESP extraterrestre. 2015. Disponível em: <<http://ireport.cnn.com/docs/DOC-1245658>>. Acesso em: 01 fev. 2016).

<sup>77</sup> De fato esta hipótese é tratada pela física como “superdeterminismo” em que tanto passado quanto futuro estão já predeterminados sem nenhuma possibilidade de livre arbítrio. (DAVIES, Paul; BROWN, Julian. **The Ghost in the Atom**. Nova York: Cambridge University Press, 1999. p. 45-46).

<sup>78</sup> Ricoeur se opõe a esta percepção lembrando que a capacidade do “fazer” faz com que a realidade não seja, em momento algum, totalizável (RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. v. III. Campinas: Papirus, 1997. p. 394).

o Tempo Humano<sup>79</sup>. Paul Ricouer afirma, com solar lucidez, que o Tempo Físico é um “tempo sem presente”<sup>80</sup>, eis que lhe falta o referencial humano. Sem o ponto de intersecção entre os “horizontes de acontecimentos” passados e futuro (que marca o presente) o espaço-tempo se mostra como uma linha reta. Sem o referencial humano não há, portanto, o agora.

Quando falamos do tempo como de um sistema de datas ordenadas relativamente a um ponto do tempo tomado como origem, simplesmente nos esquecemos do trabalho de interpretação pelo qual passamos do tornar-presente, solidário de tudo o que ele aguarda e de tudo o que retém, à ideia de um "agora" qualquer<sup>81</sup>.

Uma vez compreendido que o Homem transforma o Tempo, dando-lhe a condição do presente, é possível percebermos que dentro do Tempo Humano existem inúmeros tempos<sup>82</sup>. Nem todos os Tempos Humanos são efetivamente Tempos históricos. A condição imanente de “poder ser” histórico não se concretiza em si. A passagem do passado ao futuro não ocorre senão pela estrita mediação humana que é apreendida, por exemplo, pelo conceito de “*attentio*” de Agostinho<sup>83</sup>, pelo conceito de “cuidado” de Heidegger<sup>84</sup>, pela “experiência do Tempo” em Rūsen<sup>85</sup>, pelo “tempo vivido” de Le Goff<sup>86</sup>, conceito de “tempo sentido” em Husserl<sup>87</sup>, pelas “relações humanas” de Koselleck<sup>88</sup> ou pela “identidade narrativa” segundo Ricouer<sup>89</sup>. Todos esses conceitos são construídos de maneiras diferentes e possuem características epistemológicas distintas, entretanto, eles revelam um consenso de que – em não se discutindo mais a questão do Tempo Físico, o Tempo histórico depende ontologicamente da relação com o Homem.

A questão aqui muda de figura. Não se trata mais de teorizar sobre a realidade temporal natural (cósmica), mas sim sobre Tempo Humano<sup>90</sup>. Que tempo é esse que se transforma em

<sup>79</sup> RÜSEN, Jörn. **A razão histórica**. Brasília: Editora da Universidade, 2010. p. 60.

<sup>80</sup> RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. v. III. Campinas: Papirus, 1997. p. 148.

<sup>81</sup> RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. v. III. Campinas: Papirus, 1997. p. 136.

<sup>82</sup> “Desse entrecruzamento, dessa sobreposição recíproca, dessa troca de lugares, procede o que se convencionou chamar de tempo humano, em que se conjugam a representância do passado pela história e as variações imaginativas da ficção, sobre o pano de fundo das aporias da fenomenologia do tempo.” (RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. v. III. Campinas: Papirus, 1997. p. 332).

<sup>83</sup> RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. v. III. Campinas: Papirus, 1997. p. 39.

<sup>84</sup> RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. v. III. Campinas: Papirus, 1997. p. 111-112.

<sup>85</sup> RÜSEN, Jörn. **Reconstrução do passado**. Brasília: Editora da Universidade, 2010. p. 41.

<sup>86</sup> GOFF, Jacques Le. **História e memória**. Campinas: UNICAMP, 1990. p. 12.

<sup>87</sup> RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. v. III. Campinas: Papirus, 1997. p. 43.

<sup>88</sup> KOSELLECK, Reinhart. **Estratos do tempo: estudos sobre história**. Rio de Janeiro: ContraPonto: Puc-Rio, 2014. p. 94.

<sup>89</sup> RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. v. III. Campinas: Papirus, 1997. p. 424-427.

<sup>90</sup> “Tais categorias são ‘antropológicas’, na medida em que representam produtos do trabalho interpretativo do homem, nos quais o tempo da natureza é transcendido em tempo humano” (RÜSEN, Jörn. **Reconstrução do passado**. Brasília: Editora da Universidade, 2010. p. 66).

Tempo Histórico? Como exatamente isto acontece? Novamente aqui sucede uma diferenciação dual, que emula a diferença entre os paradigmas científicos moderno e pós-moderno: um grupo de conceitos afirma uma identidade temporal humana “real” sobre a qual se espriam os tempos históricos e outro grupo afirma o efeito “configurante”<sup>91</sup> do sujeito sobre o tempo<sup>92</sup>, minorando (senão negando) qualquer existência temporal “real”.

Tomemos o primeiro caminho. Desde a crise do Historicismo<sup>93</sup>, a ideia de que o homem poderia apreender o tempo “real” deu lugar a uma reconfiguração humana do tempo. Esta Fenomenologia do Tempo tem um caráter mais tópico para historiadores como Koselleck ou Rösen e mais profundo para filósofos como Heidegger e Husserl. A linha que conduz a argumentação aqui é que, se bem o tempo cronológico não é apreensível em si, ele é uma linha-mestra sobre a qual os tempos humanos são distendidos. Michel de Certeau, por exemplo, menciona o tempo “real” com uma diferença entre o Tempo “conhecido” (que foi partilhado pelo Homem) e o Tempo “implicado” (aquele que foi desvendado pelos mecanismos da história)<sup>94</sup>. No caso do Tempo “conhecido” (vivenciado) o sentido do tempo é do passado para o presente, ao passo que no caso do Tempo “implicado” o sentido inverte-se, sendo do presente ao passado<sup>95</sup>.

Jörn Rösen não cansa de afirmar que, embora a apropriação pelo historiador conceda algum subjetivismo (por meio epistemológico) à História, toda narrativa histórica se assenta em algo que aconteceu “realmente” no passado<sup>96</sup>. Koselleck, por sua vez, afirma que o tempo histórico é a “tensão” entre experiência e expectativa<sup>97</sup>, tendo a memória como mediadora dessa tensão<sup>98</sup>. Contudo, a memória em Koselleck é o carimbo do tempo cronológico no Homem e, portanto, toda memória é memória de algo que estava calcado “realmente no tempo” embora a apropriação desta possa ser distorcida. Essa linha de pensamento, por mais que afirme um

<sup>91</sup> RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. v. 1. Campinas: Papirus, 1994. p. 222.

<sup>92</sup> Kant novamente se coloca numa posição de desconforto afirmando o primado do tempo “real”, mas negando a ele, por exemplo, a condição de eternidade (RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. v. III. Campinas: Papirus, 1997. p. 73). Kant argumenta que o tempo não “passa”, o que passa somos nós (RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. v. III. Campinas: Papirus, 1997. p. 79). Assim a percepção de eternidade do tempo é apenas uma relação da percepção de finitude do ser. In extremis esse argumento estabelece o primado do Homem frente ao Tempo. (RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. v. III. Campinas: Papirus, 1997. p. 431-432).

<sup>93</sup> WHITE, Hayden. **La imaginación histórica en la Europa del siglo XIX**. México: Fondo de Cultura Económica, 1992. p. 11.

<sup>94</sup> CERTEAU, Michel de. **La escritura de la historia**. Cidade do México: Universidade Ibero Americana, 2006. p. 51.

<sup>95</sup> CERTEAU, Michel de. **La escritura de la historia**. Cidade do México: Universidade Ibero Americana, 2006. p. 105.

<sup>96</sup> RÖSEN, Jörn. **A razão histórica**. Brasília: Editora da Universidade, 2010. p. 155.

<sup>97</sup> KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006. p. 312.

<sup>98</sup> KOSELLECK, Reinhart. **historia/Historia**. Madrid: Minima Trotta, 2004. p. 109.

espaço de subjetivização à História (muito em função do “*linguistic turn*”<sup>99</sup>), mantém firmemente seu assento epistemológico na necessidade de um encaixe entre a linha de tempo “real” e o tempo histórico apropriado como condição de “verdade” para a história<sup>100</sup>.

O segundo caminho interpretativo propõe uma ruptura mais brusca para com o “real”. Historiadores como Hayden White e Quentin Skinner buscam na filosofia de Ricoeur, Heidegger e Husserl a ideia de que não só é o Homem que configura o tempo histórico como também o faz sem a necessidade da relação com o real. Ricoeur afirma a não diferenciação entre o Tempo Histórico e a Narrativa poética dizendo que “Descobrir e inventar são indiscerníveis”<sup>101</sup>. White vai na mesma senda para afirmar que a imaginação é que faz a “organização do processo histórico”<sup>102</sup> e por isto mesmo a história não poderia ser “científica”<sup>103</sup>. Skinner lembra que as palavras não têm significados fixos<sup>104</sup> e por isto é errado falar em história dos conceitos como “unidade de ideias”, uma vez que não se sabe exatamente o que os autores dos textos passados “queriam comunicar”<sup>105</sup>.

Efetivamente estamos diante de mais uma faceta da tensão pela qual iniciamos a argumentação. Até que ponto o historiador apenas condiciona o tempo ou cria não é mais uma questão que se refere ao tempo físico (natural), mas ao tempo humano. Mas, mesmo dentro da humanidade do tempo existem graus desse condicionamento. Afirmar um certo “realismo” na história, para colocar seu status de ciência à salvo, constitui afirmar que a narrativa serve apenas como objeto de percepção do tempo e não como sua compreensão<sup>106</sup>. Assim, a História só se faria quando o tempo humano se derramasse por sobre o tempo “real” constituindo o que Rüsen chama de “narrativa histórica ponderada”<sup>107</sup>.

Por mais que a racionalidade seja chamada a intervir, a tensão entre o historiador e o Tempo não cessa de crescer. Ora, a questão parece ser como se dá a percepção do tempo, para que então se possa definir qual a postura que daí decorre. A transposição do eixo de

<sup>99</sup> DOSSE, François. **Paul Ricoeur e Michel de Certeau**: La historia entre el decir e el hacer. Buenos Aires: Nueva Visión, 2009. p. 24.

<sup>100</sup> GOFF, Jacques Le. **História e memória**. Campinas: UNICAMP, 1990. p. 11.

<sup>101</sup> RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. v. III. Campinas: Papirus, 1997. p. 274.

<sup>102</sup> WHITE, Hayden. **La imaginación histórica en la Europa del siglo XIX**. México: Fondo de Cultura Económica, 1992. p. 175.

<sup>103</sup> WHITE, Hayden. **La imaginación histórica en la Europa del siglo XIX**. México: Fondo de Cultura Económica, 1992. p. 178.

<sup>104</sup> SKINNER, Quentin. **El giro contextual**: cinco ensayos de quentin skinner y seis comentarios. Madrid: Tecnos, 2007. p. 111.

<sup>105</sup> SKINNER, Quentin. **El giro contextual**: cinco ensayos de quentin skinner y seis comentarios. Madrid: Tecnos, 2007. p. 100.

<sup>106</sup> WHITE, Hayden. **La imaginación histórica en la Europa del siglo XIX**. México: Fondo de Cultura Económica, 1992. p. 182.

<sup>107</sup> RÜSEN, Jörn. **A razão histórica**. Brasília: Editora da Universidade, 2010. p. 65.

argumentação do Homem para o Tempo não ajuda a elucidar o problema. Ranke afirma a existência de um “tempo histórico absoluto” no qual todas as coisas estão indiferentemente da percepção imediata do Homem<sup>108</sup>. Michel de Certeau chama isto de “ilusão realista” na medida em que a condição ontológica do “estar”, ainda que admitida por postulado, não confere condição epistemológica de conhecimento, dado que o ser que conhece (o historiador) só pode fazê-lo através da uma relação heteronômica (com o Outro)<sup>109</sup>.

A ideia natural de que o tempo tem sua própria cadência e que isto nos permitiria estabelecer delimitações para o passado, o presente e o futuro é também fruto de mais tensão. Koselleck argumenta pela “aceleração dos tempos”<sup>110</sup>, no que é seguido por Le Goff<sup>111</sup>. Le Goff afirma que o passado e o futuro são construções “da História”<sup>112</sup> ao passo que Ricoeur argumenta que existem três presentes apenas o presente do passado (a lembrança), o presente do presente (a consciência) e o presente do futuro (a expectativa)<sup>113</sup>. A crítica é feita à noção de “passado perfeito” de Hegel<sup>114</sup> e parece lógico que seja apenas o presente que possa conter as ações do “conhecer” humano.

Esse deslocamento epistemológico faz Françoise Dosse falar do passado como uma “presença da ausência”<sup>115</sup>, ou uma “ausência pertinente” para Ricoeur<sup>116</sup>. Ambos enfatizam a tensão relativa ao passado entre o ter-sido e o não-ser-mais. De Certeau chamava isto de “frágil e necessária fronteira”<sup>117</sup>, mas não se afastava da ideia de que o historiador não conhece o

<sup>108</sup> CHARTIER, Roger. **El mundo como representación**: estudios sobre historia cultural. Barcelona: Gedisa, 1992. p. 73-79.

<sup>109</sup> CERTEAU, Michel de. **La escritura de la historia**. Cidade do México: Universidade Ibero Americana, 2006. p. 111.

<sup>110</sup> (KOSELLECK, Reinhart. **historia/Historia**. Madrid: Minima Trotta, 2004. p. 80); Em outro livro Koselleck faz uma diferença entre aceleração “da” História (que envolveria necessariamente a ideia de aceleração do tempo) ou aceleração “na” História (que poderia ser fruto do processo de cognição do tempo pelo sujeito. Koselleck se coloca pela segunda opção, mas há que se observar que ele nunca chegou a mencionar a diferença entre tempo natural e humano (KOSELLECK, Reinhart. **Estratos do tempo**: estudos sobre história. Rio de Janeiro: ContraPonto: Puc-Rio, 2014. p. 94). Assim, é possível que diante da ideia de uma aceleração do tempo natural (cósmico) Koselleck tenha preferido a segurança do Paradigma Moderno (KOSELLECK, Reinhart. **Estratos do tempo**: estudos sobre história. Rio de Janeiro: ContraPonto: Puc-Rio, 2014. p. 156).

<sup>111</sup> GOFF, Jacques Le. **História e memória**. Campinas: UNICAMP, 1990. p. 179.

<sup>112</sup> GOFF, Jacques Le. **História e memória**. Campinas: UNICAMP, 1990. p. 25.

<sup>113</sup> RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. v. 1. Campinas: Papyrus, 1994. p. 28; 39.

<sup>114</sup> (RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. v. III. Campinas: Papyrus, 1997. p. 277); a crítica é feita em cima do triplice suposto ontológico do passado perfeito (que seria a base para a noção de acontecimento histórico). Segundo Ricoeur o passado perfeito teria que constituir-se em (1) ter-sido absoluto (ocorrido realmente e cessado), possuir uma (2) alteridade absoluta (ser perfeitamente distinguível do seu entorno temporal e (3) decorrer de ação humana passada. Dado que nenhum dos três pré-requisitos se sustenta o “passado perfeito” inexistente.

<sup>115</sup> DOSSE, François. **Paul Ricoeur e Michel de Certeau**: La historia entre el decir e el hacer. Buenos Aires: Nueva Visión, 2009. p. 68.

<sup>116</sup> RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. v. III. Campinas: Papyrus, 1997. p. 254.

<sup>117</sup> CERTEAU, Michel de. **La escritura de la historia**. Cidade do México: Universidade Ibero Americana, 2006. p. 53.

passado, mas apenas seu próprio pensamento sobre o passado. Esta relação entre o passado “real” e o discurso sobre o passado, Ricoeur chama de “Representância”<sup>118</sup> e afirma que é constituída por uma “dívida” que o historiador tem para com os mortos: falar sobre eles com “promessa de verdade”. Koselleck lembrava que esse falar era sempre “mais e menos” do que tinha sido o “real”<sup>119</sup>. Mais porque Koselleck reconhece que a imaginação joga papel importante (não passivo) na construção da história passada e “menos” porque o historiador não pode compreender a totalidade do passado.

Em particular, o cientista não compreende o que deveria ser para ele um enigma: que o passado, que não é mais, tem efeitos, exerce uma influência, uma ação (*Wirkung*) sobre o presente. Essa ação ulterior (*Nachwirkende*)- dir-se-ia tardia ou após o fato – deveria surpreender. Mais precisamente, é sobre a noção de restos do passado que deveria concentrar-se a perplexidade. Não dizemos dos restos de um templo grego que um "fragmento do passado" ali está "ainda presente"? O paradoxo do passado histórico está inteiro aí: por um lado, ele não é mais, por outro lado, os restos do passado mantêm-no ainda ao alcance da mão (*vorhanden*). O paradoxo do "não mais" e do "ainda não" retorna com toda a sua virulência<sup>120</sup>.

Com relação ao presente, a História não oferece, tampouco, qualquer paz ao historiador. Em primeiro lugar, é preciso afastar a ideia do presente pontual de Stephen Hawking (mostrado na figura acima). O presente tomado desta forma inexistente pela própria condição da passagem do tempo. A esse presente (quase) inexistente da Física a História oferece três alternativas: (1) a ideia dos três presentes de Ricoeur, (2) a noção de “presente distendido” de Husserl e (3) o presente como ponto interseccional de passado e futuro de Koselleck. A noção de Ricoeur da teoria dos “três presentes” deriva da filosofia de Santo Agostinho e se presta ao entendimento de uma história que é toda narrativa. Assim desde perspectiva do sujeito, o único acesso que esse tem ao mundo e aos tempos é por meio de “discursos” (sejam eles escritos, pictóricos, ou mesmo rememorados) e só se realizariam pela ação interpretativa-narrativa do sujeito, chamada Mímese<sup>121</sup>. Se a noção da História como unicamente narrativa não é consensual a ideia de uma

<sup>118</sup> RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. v. III. Campinas: Papirus, 1997. p. 360-361; 396.

<sup>119</sup> KOSELLECK, Reinhart. **Estratos do tempo**: estudos sobre história. Rio de Janeiro: ContraPonto: Puc-Rio, 2014. p. 14.

<sup>120</sup> RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. v. III. Campinas: Papirus, 1997. p. 129.

<sup>121</sup> (RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. v. I. Campinas: Papirus, 1994. p. 110); Segundo Ricoeur a mímese é uma representação narrativa que faz o sujeito para reelaborar o “real” à luz de seus condicionantes ontológicos (linguagem, cultura, psicologia e etc.). A mímese ocorreria em 3 fases: (1) mímese 1 seria a decomposição do real em uma imagem interna a si pelo sujeito que conhece; (2) a mímese 2 seria a transposição desta imagem interna em um texto com objetivo de comunicar; e (3) a mímese 3 seria o leitor do texto produzido pela mímese 2 se reapropriando dentro, agora, das suas condições ontológicas e temporais. Nesse processo o real é sempre refigurado e não pode mais ser confundido com o mesmo real uma vez que suas propriedades ontológicas diferem. (RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. v. I. Campinas: Papirus, 1994).

“história sempre presente” é partilhada por Le Goff no “eterno presente”<sup>122</sup>, por De Certeau<sup>123</sup> e por Rüsen<sup>124</sup>, por exemplo.

A segunda forma de entendimento do presente, a de Husserl, trabalha com a ideia de um presente ampliado que toma parte do passado (imediato) e do futuro (esperado) por meio de “retenções” e “protensões”, formando o que ele chama de “presente vivo”<sup>125</sup>. Assim o “presente vivo” seria formado por todo o tempo que a “intencionalidade longitudinal” do ser se fizesse consciente<sup>126</sup>. A terceira noção de presente é dada por Koselleck a partir da ideia de que o presente é o ponto de encontro das “experiências passadas” e do “horizonte de acontecimentos” (Futuro)<sup>127</sup>. Essa condição do presente é chamada de “Presencialidade”<sup>128</sup> e como depende da ideia de fluxo dos tempos (“Singularidade”<sup>129</sup>) se afasta de qualquer noção de determinação<sup>130</sup>.

A bem da lógica, duas coisas ainda precisam ser ditas sobre o passado e o futuro. Em primeiro lugar, pode parecer que há uma semelhança entre as posições de Ricoeur e Koselleck a respeito do presente. Não há. Koselleck pensa que o tempo natural tem “sentido incontestável” e, portanto, filia-se no grupo que defende o Paradigma Moderno de Ciência<sup>131</sup>. Por outro lado, Ricoeur, apesar de aceitar de bom grado toda a argumentação de Koselleck sobre os “Horizontes de Expectativas”, não vê distinção entre as narrativas poéticas e a narrativa histórica, senão por vontade psicológica do historiador. Em segundo lugar, pode-se pensar que a incapacidade de compreender “realmente” o passado e o presente seja uma condição ontológica do historiador como ser finito. Paul Ricoeur mostra que não. Mesmo que concebêssemos um “cronista ideal” que se debruçasse sobre a linha do tempo a partir do presente, olhando ao passado e fosse dotado da onipresença e transcrevesse esse passado *ipsis literis*, aumentando o conhecimento por forma puramente aditiva, ele não poderia fazer História. Ao cronista ideal, sentado no ponto presente e olhando todo o passado, livre do

<sup>122</sup> GOFF, Jacques Le. **História e memória**. Campinas: UNICAMP, 1990. p. 24-27.

<sup>123</sup> CERTEAU, Michel de. **La escritura de la historia**. Cidade do México: Universidade Ibero Americana, 2006. p. 52-53.

<sup>124</sup> RÜSEN, Jörn. **Reconstrução do passado**. Brasília: Editora da Universidade, 2010.

<sup>125</sup> RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. v. III. Campinas: Papyrus, 1997. p. 46.

<sup>126</sup> RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. v. III. Campinas: Papyrus, 1997. p. 225; 396.

<sup>127</sup> KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006. p. 230.

<sup>128</sup> KOSELLECK, Reinhart. **Estratos do tempo**: estudos sobre história. Rio de Janeiro: ContraPonto: Puc-Rio, 2014. p. 230.

<sup>129</sup> KOSELLECK, Reinhart. **Estratos do tempo**: estudos sobre história. Rio de Janeiro: ContraPonto: Puc-Rio, 2014. p. 232.

<sup>130</sup> KOSELLECK, Reinhart. **historia/Historia**. Madrid: Minima Trotta, 2004. p. 151.

<sup>131</sup> KOSELLECK, Reinhart. **Estratos do tempo**: estudos sobre história. Rio de Janeiro: ContraPonto: Puc-Rio, 2014. p. 10.



esquecimento, das ideologias e etc., ainda assim não faria História, pois lhe faltaria uma condição essencial dada Futuro<sup>132</sup>: a significação<sup>133</sup>.

Até aqui, venho recompondo as principais tensões do fazer História, desde a questão do objeto, da sociologia do conhecimento científico histórico, dos Paradigmas de associação científica e a problemática dos tempos. Se, como mostrei, não existem entendimentos consensuais é quando chegamos ao Tempo Futuro que o historiador parecia ter paz. Teoricamente, desde sempre os historiadores compreenderam a História como tendo três tempos (passado, presente e futuro) e é anunciada a unidade dos tempos para o princípio do entendimento. O futuro, assim, nunca foi um estranho total à Teoria da História. Entretanto, em função da inoculação de uma epistemologia “científica” no fazer do historiador, um óbice metodológico se interpôs entre a História e o Futuro<sup>134</sup>. Como diz Le Goff, a História é incapaz de prever o futuro<sup>135</sup>. Não obstante a isto o Futuro sempre esseve presente nas teorias da Histórias. Mudo<sup>136</sup>. Nada se dizia sobre ele e ele também não dizia nada sobre a História. Aqui, o historiador finalmente conhecia a paz.

É apenas no final do século XX que os historiadores passam a reconhecer no Futuro um tempo histórico digno de ser apropriado. O próprio Le Goff reconhece o “futuro sonhado” como parte do pensamento dos homens<sup>137</sup>. Por outro lado, temos o “futuro cientificista” (que Mannheim chama de “utopias necessárias”<sup>138</sup>) das noções derivadas do materialismo histórico e do historicismo<sup>139</sup>. A “história-desejo” de Heidegger como desdobramento do “ser-aí” (Dasein) no “ser-para-o-fim” dentro da “temporalidade”.

Se, portanto, admitirmos que a questão do tempo é em primeiro lugar a questão de sua integralidade estrutural, e se o presente não é a modalidade apropriada para essa busca de totalidade, resta encontrar no caráter de avanço sobre si mesmo do Cuidado o segredo de sua própria completude. É então que a idéia de um ser-para-o-fim (zum

<sup>132</sup> Koselleck vem também em socorro de Ricoeur aqui, afirmando que é o Futuro do tempo histórico que torna dessemelhante o que é semelhante no passado (KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006. p. 56).

<sup>133</sup> RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. v. 1. Campinas: Papirus, 1994. p. 208-209.

<sup>134</sup> Hegel afirmava, por exemplo, que sobre o Futuro nada se podia falar. (WHITE, Hayden. **La imaginación histórica en la Europa del siglo XIX**. México: Fondo de Cultura Económica, 1992. p. 22).

<sup>135</sup> (GOFF, Jacques Le. **História e memória**. Campinas: UNICAMP, 1990. p. 7); esta afirmação tem uma consequência para a sociologia do conhecimento do século XX de que tratarei na terceira parte desse capítulo.

<sup>136</sup> Veja-se, por exemplo, o primeiro número da revista “*Past and Present*”, de fevereiro de 1952, (que seria um dos ícones da historiografia do século XX), no seu editorial afirma “*Like these disciplines, history cannot logically separate the study of the past from the present and the future*” (grifo meu). O termo “*future*”, apesar de enfaticamente ser mencionado no editorial, não consta do título da revista. (PAST & PRESENT - a journal of scientific history, n. 1, feb. 1952. p. iii).

<sup>137</sup> GOFF, Jacques Le. **História e memória**. Campinas: UNICAMP, 1990. p. 29.

<sup>138</sup> MANNHEIM, Karl. **Ideology and utopia**: an introduction to the sociology of knowledge. Londres: Routledge, 1954. p. 227.

<sup>139</sup> GOFF, Jacques Le. **História e memória**. Campinas: UNICAMP, 1990. p. 25;88.

Ende sein) se propõe como o existencial que traz a marca de seu próprio fechamento interno. O ser-para-o-fim tem de notável o fato de que "pertence" [234] ao que permanece em sursis e em suspenso no poder-ser do ser-aí. Ora, "o 'fim' do ser-no-mundo é a morte" [234]: "'Acabar', no sentido de morrer, constitui a totalidade do ser-aí"<sup>140</sup>. [240].

É nas meditações religiosas que se encontra a primeira ideia de uma “História do Futuro” ligada à noção da escatologia cristã<sup>141</sup>.

Nenhuma coisa se pode prometer à natureza humana mais conforme ao seu maior apetite, nem mais superior a toda a sua capacidade, que a notícia dos tempos e sucessos futuros; e isto é o que oferece a Portugal, à Europa e ao Mundo esta nova e nunca vista história<sup>142</sup>.

Afirma Padre Antônio Vieira na primeira página do seu “História do Futuro” escrito no século XVII. Entretanto, como argumenta Le Goff, é no século XX que as escatologias religiosas são transformadas em “científicas” no processo que ele chama de “laicização da escatologia”<sup>143</sup>. Esse processo eleva a Ciência à condição dos antigos oráculos e por meio dos “cliometrístas”, nas palavras de Lawrence Stone<sup>144</sup>, o futuro passa a ser objeto da História. Carlo Guinzburg, por exemplo fala dos “prognósticos” do conhecimento histórico<sup>145</sup>, no seu “Paradigma Adivinatório”<sup>146</sup> que, através das “profecias retrospectivas”<sup>147</sup>, fazia a crítica do pensamento sistemático (científico) pelo pensamento “aforístico”<sup>148</sup>. Le Goff também reconhecia esse pensamento que se inclinava ao futuro buscando a compreensão do passado e presente, lembrando a necessária unidade dos tempos, ao que denominava de “futurotropismo”<sup>149</sup> como uma característica da Modernidade.

Foi Reinhart Koselleck, entretanto, o primeiro historiador a se debruçar sobre o Futuro com maior cuidado. A primeira edição de “Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos” é de 1979<sup>150</sup>. Koselleck afirma que “O Futuro tornou-se um campo de

<sup>140</sup> RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. v. III. Campinas: Papyrus, 1997. p. 111.

<sup>141</sup> GOFF, Jacques Le. **História e memória**. Campinas: UNICAMP, 1990. p. 331.

<sup>142</sup> VIEIRA, Padre Antonio. **Obras escolhidas: história do futuro**. v. 1. Lisboa: Sá da Costa, 1953. p. 2.

<sup>143</sup> GOFF, Jacques Le. **História e memória**. Campinas: UNICAMP, 1990. p. 361.

<sup>144</sup> STONE, Lawrence. O ressurgimento da narrativa: reflexões sobre uma nova velha história. **Past and Present Society**, v. 85, n. 1, p. 3-24, nov. 1979. p. 3.

<sup>145</sup> GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, indícios: morfologia e historia**. Barcelona: Gedisa, 1986. p. 145.

<sup>146</sup> GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, indícios: morfologia e historia**. Barcelona: Gedisa, 1986. p. 153.

<sup>147</sup> GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, indícios: morfologia e historia**. Barcelona: Gedisa, 1986. p. 157.

<sup>148</sup> GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, indícios: morfologia e historia**. Barcelona: Gedisa, 1986. p. 163.

<sup>149</sup> GOFF, Jacques Le. **História e memória**. Campinas: UNICAMP, 1990. p. 216.

<sup>150</sup> Há que se mencionar, por coerência científica, que Marc Bloch já havia utilizado em 1949 (sem muita profundidade) o termo “Futuro de outrora” (BLOCH, Marc. **Apologia da história ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001. p. 117) para denotar o Futuro dos homens do passado.

possibilidades finitas, organizadas segundo o maior ou menor de probabilidade”<sup>151</sup>. Nesse caminho Koselleck mostra não só que o tempo histórico passa a derivar desse “prognóstico” do futuro<sup>152</sup> como também afirma a postura ativa do Estado na tentativa de moldar esse Futuro<sup>153</sup>:

“O prognóstico implica um diagnóstico capaz de inscrever o passado no futuro. Por esta qualidade futura continuamente garantida ao passado é possível tanto assegurar quanto limitar o espaço de manobra do Estado”<sup>154</sup>.

Em 1979, Koselleck cunhava o conceito de “horizonte de expectativa” como uma característica transcendental da História que tratava de possibilidades. Ligava o par de conceitos “experiência” (que se reportava ao passado) e “expectativa” (que se referia ao futuro) e afirmava que “não há expectativa sem experiência, não há experiência sem expectativa”<sup>155</sup>. Através da Ciência a “*Geschichte*”, produzia uma relação interna entre o hoje e o amanhã constituindo-se meta-historicamente como temporalidades válidas. A expectativa é “o futuro presente, voltado para o ‘ainda não’, para o não experimentado” mas que pode ser previsto<sup>156</sup>.

“A verossimilhança de um futuro previsto decorre, em primeiro lugar, dos dados anteriores do passado, cientificamente organizados ou não.”<sup>157</sup>

“Ciência e Técnica estabilizaram o progresso como sendo a diferença temporal progressiva entre experiência e a expectativa.”<sup>158</sup>

O efeito do conceito de “horizonte de expectativas” e a inserção do Futuro como um tempo histórico provocou tamanha meditação entre os historiadores que Ricoeur afirma:

Quanto à expressão horizonte de expectativa, ela não podia ser mais bem escolhida. Por um lado, o termo expectativa é amplo o bastante para incluir a esperança e o temor, o desejo e o querer, a preocupação, o cálculo racional, a curiosidade, em suma, todas as manifestações privadas ou comuns que visem ao futuro; como a experiência, a

<sup>151</sup> KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006. p. 31-32.

<sup>152</sup> Jörn Rüsen faz uma importante diferenciação aqui. Para ele a “expectativa” do futuro deve-se entender como “esperança fundamentada” e não como “profecia” (RÜSEN, Jörn. **Reconstrução do passado**. Brasília: Editora da Universidade, 2010. p. 52).

<sup>153</sup> Gostaria que o leitor guardasse com cuidado a menção ao Estado, feita aqui, para a terceira parte do capítulo.

<sup>154</sup> KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006. p. 36.

<sup>155</sup> KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006. p. 307.

<sup>156</sup> KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006. p. 310.

<sup>157</sup> KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006. p. 313.

<sup>158</sup> KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006. p. 321.

expectativa relativa ao futuro está inscrita no presente; é o futuro-tornado-presente (*vergegenwartigte Zukurift*) voltado para o ainda-não<sup>159</sup>.

Ao introjetar a percepção de Koselleck em sua própria teoria do tempo, Ricoeur reconstrói, por analogia inversa o próprio presente, dizendo que, se o passado conduz ao presente dentro das expectativas que lhe são constitutivas dentro do “horizonte do futuro do passado”, então o presente nada mais é do que um “futuro rememorado” (refigurado)<sup>160</sup>.

Agora temos um futuro como antecipação que também faz parte da História. Mas o óbice da metodologia ao seu acesso parece continuar. Afinal, a propriedade do passado parece ser diferente da propriedade do futuro. Lembremo-nos aqui, primeiramente, que para a Física esse óbice já não existe (como mostrado no início do capítulo). Resta agora, portanto, analisarmos se ele ainda existe dentro da metodologia histórica. Guinzburg começa por argumentar o olhar para o futuro ou para o passado se utiliza de métodos hermenêuticos idênticos:

“Descifrar” o “leer” los rastros de los animales [passado] son metáforas. No obstante, se siente la tentación de tomarlas al pie de la letra, como la condensación verbal de un proceso histórico que llevó, en un lapso tal vez prolongadísimo, a la invención de la escritura [...] Por otra parte, si se abandona el mundo de los mitos y las hipótesis por el de la historia documentada, no pueden dejar de impresionarnos las innegables analogías existentes entre el paradigma cinegético [presente-passado] que acabamos de delinear y el paradigma implícito en los textos adivinatorios mesopotámicos, redactados a partir del tercer milenio a. C. Ambos presuponen el minucioso examen de una realidad tal vez ínfima, para descubrir los rastros de hechos no experimentables directamente por el observador. [...] Pero la divergencia más importante a nuestros ojos es otra: la adivinación se dirigía al futuro, y el desciframiento cinegético al pasado (aunque fuera a un pasado de un par de instantes, nada más)<sup>161</sup>. (grifo meu)

Ricoeur também reconhece esta similaridade metodológica quando afirma que a “prefiguração” do futuro é um recurso narrativo<sup>162</sup> que não se diferencia, em essência, da refiguração do passado, senão pelo conceito “ingênuo” do passado, que toma como característica ontológica a “passadidade”<sup>163</sup> desse mesmo passado<sup>164</sup>. Fala-se das coisas

<sup>159</sup> RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. v. III. Campinas: Papirus, 1997. p. 361.

<sup>160</sup> RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. v. III. Campinas: Papirus, 1997. p. 59.

<sup>161</sup> GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, indícios**: morfología e historia. Barcelona: Gedisa, 1986. p. 145.

<sup>162</sup> RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. v. III. Campinas: Papirus, 1997. p. 256-257.

<sup>163</sup> A primeira maneira de pensar a passadidade do passado é subtrair-lhe o aguilhão, ou seja, a distância temporal. A operação histórica aparece, então, como uma des-distanciamento, uma identificação com o que outrora foi. Essa concepção não deixa de ter apoio na prática historiadora. O rastro, enquanto tal, não é ele próprio presente? Remontar o rastro não é tornar os acontecimentos passados a que ele conduz contemporâneos de seu próprio rastro? Leitores de história, não somos nós mesmos transformados em contemporâneos dos acontecimentos passados através de uma reconstrução Viva de seu encadeamento? Em suma, é o passado inteligível a não ser como persistindo no presente? (RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. v. III. Campinas: Papirus, 1997. p. 244).

<sup>164</sup> RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. v. III. Campinas: Papirus, 1997. p. 274.

passadas usando-se “rastros” incompletos e incertos e que para torná-los coerentes emprestamos a eles racionalidade<sup>165</sup>:

Assim, torna-se porosa a fronteira que separa o passado histórico da memória individual (como vemos na história do passado recente - o gênero mais perigoso! - que mescla o tessemunho dos sobreviventes aos rastros documentais separados de seus autores)<sup>166</sup>.

Fala-se do Futuro usando também informações incompletas e incertas (probabilísticas) sobre as quais toda racionalidade é novamente emprestada<sup>167</sup>. Isto é a chave do conceito de “Horizonte de Expectativas” de Koselleck<sup>168</sup>:

Mas o que é reconstituir o horizonte de expectativa de uma experiência ainda desconhecida, senão reencontrar o jogo das perguntas a que a obra [narrativa] propõe uma resposta? Às ideias de efeito, de história dos efeitos, de horizonte de expectativa, é preciso, pois, mais uma vez de acordo com Collingwood e Gadamer, acrescentar a lógica da pergunta e da resposta; lógica segundo a qual só podemos compreender uma obra [narrativa] se compreendermos a que ela responde.

Ricoeur afirma que a “oposição entre um passado já não sendo e o futuro em aberto é inessencial”<sup>169</sup>, pois se o Futuro é indeterminado, o passado o é também<sup>170</sup>. A mesma postura é partilhada por Nietzsche, como afirma White: “*Para él una postura frente al futuro era equivalente a la que manifiesta la consciéncia histórica frente al pasado*”<sup>171</sup>. François Dosse, interpretando Koselleck, também afirma que o real é um “suposto” impossível<sup>172</sup> e que o futuro é mais determinável do que o passado. “*Al rechazar la relación puramente anticuaria con la historia, la hermenéutica histórica se orienta a ‘volver más determinadas nuestras expectativas más indeterminada nuestra experiencia’*” (grifo meu)<sup>173</sup>.

<sup>165</sup> RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. v. III. Campinas: Papyrus, 1997. p. 175.

<sup>166</sup> RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. v. III. Campinas: Papyrus, 1997. p. 193.

<sup>167</sup> RÜSEN, Jörn. **Reconstrução do passado**. Brasília: Editora da Universidade, 2010. p. 27.

<sup>168</sup> RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. v. III. Campinas: Papyrus, 1997. p. 293.

<sup>169</sup> RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. v. III. Campinas: Papyrus, 1997. p. 346.

<sup>170</sup> (DOSSE, François. **Paul Ricoeur e Michel de Certeau**: La historia entre el decir e el hacer. Buenos Aires: Nueva Visión, 2009. p. 23); à mesma conclusão chegaram os físicos a partir das Teorias Quânticas: “*The Heisenberg uncertainty principle causes us to have as little knowledge of certain past events as we do of future one*” (MUSSER, George. The quantum mechanics of fate: how time travel might explain some of science's biggest puzzles. **Nautilus**. 2014) disponível em “<http://nautil.us/issue/9/time/the-quantum-mechanics-of-fate>”.

<sup>171</sup> WHITE, Hayden. **La imaginación histórica en la Europa del siglo XIX**. México: Fondo de Cultura Económica, 1992. p. 321.

<sup>172</sup> DOSSE, François. **Paul Ricoeur e Michel de Certeau**: La historia entre el decir e el hacer. Buenos Aires: Nueva Visión, 2009. p. 89.

<sup>173</sup> DOSSE, François. **Paul Ricoeur e Michel de Certeau**: La historia entre el decir e el hacer. Buenos Aires: Nueva Visión, 2009. p. 44.

Entretanto, dizer que passado e futuro tem metodologicamente a mesma situação na História, não equivale a dizer que a História do Futuro é igualmente possível como a História do Passado. Por um motivo muito simples: o primado do referencial subjetivo da História, que se centra no processo narrativo do sujeito presente, não pode (senão por filiação narrativa e científica) falar das coisas que estão no horizonte temporal à sua frente<sup>174</sup>. Assim, não é toda narrativa sobre o futuro que pode constituir-se numa “História do Futuro”, no sentido de “Horizonte de Possibilidade”. São apenas algumas formas de narrativas que podem oferecer a tripla condição epistemológica para falarem “com propriedade” do Futuro, a saber (1) serem narrativas (2) com nexos deterministas e (3) usarem “experiências” passadas como base de protensões.

### 2.3 AS CONSTRUÇÕES NARRATIVAS

Na argumentação anterior, mostrei que o princípio da diferenciação ontológica entre passado, presente e futuro não mais se sustenta dentro das Ciências Naturais. Isto nos serve apenas como argumento acessório, uma vez que o Tempo Natural (cósmico, astronômico) não tem ligação com o tempo histórico, eis que lhe falta a capacidade de ser “presente”. Essa capacidade é conferida pelo Homem ao Tempo Natural, transformando-o em Tempo Humano. A transformação do Tempo Humano em Tempo Histórico passa pela “atenção”<sup>175</sup> humana, que diferentes pensadores dão diferentes conceituações a esse fenômeno (“*attentio*”, “cuidado”, “experiência”, “narrativa” e etc.) mas que, no fundo, expressam a vontade (*animus*) do Homem de compreender o seu mundo, temporal e espacial.

Esta vontade humana de conhecer, entretanto, não se restringe ao presente (entendido como ponto de tempo), mas se “estira” por sobre o *continuum* de tempo. O quanto o presente recobre partes do passado imediato ou do futuro esperado é uma indeterminação teórica que varia desde a postura negativa de Nietzsche (que afirma que não deveria em nada, o passado e futuro, partilharem do presente) até a postura de Heidegger, para quem o “ser-aí” só se

---

<sup>174</sup> As Teorias Quânticas têm criado a paradoxal ideia da “retrocausalidade”. Para podem conciliar a mecânica quântica com a Teoria da Relatividade se trabalha com a ideia de que o futuro possa delimitar o presente, através do entrelaçamento quântico. Ainda é uma hipótese teórica: “Retrocausality skeptics complain, not that retrocausality is weird—all the options for explaining entanglement are—but that proponents have yet to flesh out their ideas into a full-fledged theory. “You can’t just take quantum mechanics as it is and say, ‘I’ll interpret it retrocausally,’” says David Wallace, a University of Oxford philosopher. “You need to come up with a retrocausal, empirically equivalent alternative to quantum mechanics. And that hasn’t been done.” (MUSSEY, George. The quantum mechanics of fate: how time travel might explain some of science's biggest puzzles. *Nautilus*. 2014).

<sup>175</sup> RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa*. v. 1. Campinas: Papirus, 1994. p. 85.

consubstancia plenamente na consciência do “ser-para-a-morte” e, portanto, o futuro é o tempo-chave da consciência humana. Apesar de a História ter sempre nominado os três tempos para si, como campos de pensar, o Futuro foi sempre um tempo mudo. Nada sobre ele se podia falar e ele também não poderia comunicar nada, especialmente após a Ciência Moderna ter enclausurado o pensamento humano. O Futuro, foi dito, era o espaço de poetas, loucos e adivinhos, tomados, senão todos, em boa parte como charlatões.

É no final do século XX que a História passa a olhar o futuro como um tempo que lhe é afeito. É com Reinhart Koselleck e depois Paul Ricoeur que o Futuro ganha ferramentas hermenêuticas suficientemente reconhecidas como “científicas” para que, enfim, se possa resgatar o Futuro do submundo do conhecimento científico. A questão que se coloca agora é saber se toda forma de expectativa serve como base para uma “História do Futuro”? O pensamento humano adianta o futuro provavelmente desde que tomou consciência de si e de sua finitude. As profecias, a poética, os desejos e a política são formas conhecidas em que o Futuro joga papel central. Na História, entretanto, é preciso reconhecer que nem toda antecipação de tempo tem o condão de ser encaixada no “Horizonte de Expectativas”. O Futuro só é acessível ao Homem por meio da narrativa e isto, como demonstrado antes, não transforma esse futuro em algo menos histórico do que o passado.

Que a História é narrativa por excelência é um consenso alcançado a duras penas no final do século XX<sup>176</sup>. Mesmo os que não aceitam o caráter totalizante<sup>177</sup> da afirmativa acima sentem dificuldade de oferecerem exemplos pelos quais poderia haver uma história sem narrativa. Rüsen afirma que “As histórias são especificamente científicas, por conseguinte, quando a fundamentação sistemática de sua pretensão de validade é parte essencial delas mesmas, ou seja, quando elas são *narradas de forma continuamente fundamentada*<sup>178</sup>” (grifos do original)<sup>179</sup>. A discussão com Ricoeur, aqui, não é tanto a característica ontológica da História como narrativa, mas definir que tipo de narrativa pode consubstanciar a História. Koselleck está mais próximo da postura de Rüsen ao afirmar que:

<sup>176</sup> KOSELLECK, Reinhart. **historia/Historia**. Madrid: Minima Trotta, 2004. p. 82.

<sup>177</sup> Como Le Goff, por exemplo. (GOFF, Jacques Le. **História e memória**. Campinas: UNICAMP, 1990. p. 123; 431).

<sup>178</sup> Rüsen não define como se dá esta “fundamentação”. Para isto podemos usar Ricoeur que afirma que a fundamentação do conhecimento do passado se dá em três pontos: Dívida, herança e rastro (RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. v. III. Campinas: Papyrus, 1997. p. 202; 209). A Dívida é o caráter moral pelo qual o historiador se compromete a fazer jus aos homens do passado pelo compromisso com a verdade. “Herança” é o instituto pelo qual determinados pensamentos, formas de entendimento, tradições e mesmo materialidades nos são legados pelos “homens de antigamente”, ao passo que o “rastro” significa a dialética do vestígio do passado, do ter-sido e não-ser-mais. São os pontos de encontro fugazes dos tempos. (RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. v. III. Campinas: Papyrus, 1997. p. 438).

<sup>179</sup> RÜSEN, Jörn. **A razão histórica**. Brasília: Editora da Universidade, 2010. p. 99.

Outra observação etimológica, importante para a orientação da narrativa histórica [*Historie*]: “história”, em grego, significava originalmente o que nós, alemães, denominamos “experiência”. “Ter uma experiência” significa ir daqui para lá a fim de experimentar e conhecer algo: trata-se, de certo modo, de uma viagem de descoberta. Mas a narrativa histórica só surge como ciência a partir do relato dessa viagem e da reflexão sobre esse relato. Ela é, por definição, a expressão mais pura de uma ciência da experiência<sup>180</sup>.

O autor acima parece defender uma diferença entre a “narrativa histórica” e a “ciência histórica” evitando tomar a narrativa como totalidade. Essa postura, entretanto, não fica clara quando pouco à frente ele afirma<sup>181</sup>:

Por volta de 1780, o conceito de história [*Geschichte*], que até então se referia apenas ao acontecido, absorve o conceito correspondente à narrativa histórica [*Historie*]. Daí em diante, a linguagem corrente passa a comportar um único termo tanto para a realidade experimentada quanto para seu conhecimento científico: a “história” [*Geschichte*].

Parece mais crível que Koselleck esseja às voltas com a diferença de significado semântico dos termos (*Historie* e *Geschichte*) do que queira exprimir alguma ideia de que a História possa não ser narrativa de alguma forma. Koselleck, todavia, se filia a Rüsen no sentido de postular um controle à narrativa para que seja histórica.

Aí está o ponto que é preciso deslindar. Existem inúmeros tipos de narrativas, mas não são todas que servem à História, e menos ainda a uma “História do Futuro”. Claro que se lida aqui com um espaço de entendimento que vai desde a postura a-científica de Hayden White<sup>182</sup> que simplesmente categoriza toda narração como forma de História, apenas diferindo os “protocolos linguísticos”<sup>183</sup>, passando pela ideia de “dívida de sentido” para com os “homens de antigamente”<sup>184</sup>, cuja solução é uma “promessa de verdade”<sup>185</sup> que faz o historiador, até as formas mais vagas de controle narrativo de Rüsen e Koselleck que apontam para uma “narrativa ponderada” ou “racionalizada”<sup>186</sup>, sem apontar por quais critérios isto poderia ser feito.

<sup>180</sup> KOSELLECK, Reinhart. **Estratos do tempo**: estudos sobre história. Rio de Janeiro: ContraPonto: Puc-Rio, 2014. p. 20.

<sup>181</sup> KOSELLECK, Reinhart. **Estratos do tempo**: estudos sobre história. Rio de Janeiro: ContraPonto: Puc-Rio, 2014. p. 29.

<sup>182</sup> WHITE, Hayden. **La imaginación histórica en la Europa del siglo XIX**. México: Fondo de Cultura Económica, 1992. p. 178.

<sup>183</sup> WHITE, Hayden. **La imaginación histórica en la Europa del siglo XIX**. México: Fondo de Cultura Económica, 1992. p. 45.

<sup>184</sup> RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. v. III. Campinas: Papyrus, 1997. p. 175; 242; 274.

<sup>185</sup> RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. v. III. Campinas: Papyrus, 1997. p. 395-398.

<sup>186</sup> Rüsen afirma que “fala-se de explicação “racional” ou “científica” quando se refere ao papel e ao significado das leis na explicação dos fatos e se supõe com isso, no próprio enunciado, que só é racional e científica a explicação que recorra a leis. Para a ciência da história isso significa que sua racionalidade, e com ela, sua



De fato, ou todas as narrativas valem (White) para o conto da História, dado que é impossível distinguir umas das outras, ou a validade depende da historicidade<sup>187</sup> de uma narrativa, é dada pelo sujeito que narra e seus compromissos para com a “verdade” (Ricoeur), ou a validade das narrativas para a História depende de uma certa “racionalização” e “cientificização” metodológicas (Rüsen e Koselleck). Não é meu intuito aqui oferecer resposta a esse problema. A proposição é sinalizar por quais critérios deve-se fazer o corte das narrativas que podem consubstanciar a procura pelo “Horizonte de expectativas” no sentido Histórico.

Em primeiro lugar, é preciso que a narrativa verse sobre o futuro significando algo no passado. Anteriormente foi dito que o Futuro oferece a dessemelhança ao passado tendo capacidade de pinçar do *continuum* de tempo fatos que tenham relevância. Essa relevância, entretanto, não é dada pelo passado, mas pelo futuro que o ressignifica. É propriedade desse Futuro, pois. Em segundo lugar, a narrativa precisa ser baseada nas “experiências do passado” e “expectativas de futuro”, oferecendo assim uma “unidade de sentido”<sup>188</sup> sobre o tempo, conforme estabelecido por Koselleck<sup>189</sup>. Um terceiro ponto necessário para que as narrativas possam falar historicamente sobre o futuro é que sejam baseadas numa “esperança fundamentada”, nos dizeres de Rüsen, visando “controlar as modificações temporais atuais” do mundo através da “Ciência”<sup>190</sup>.

Toda proposta de sentido é ao mesmo tempo uma pretensão à verdade. O que recebemos do passado são, com efeito, crenças, persuasões, convicções, ou seja, maneiras de "ter-como-verdadeiro", conforme o gênio da palavra alemã *Für-wahrhalten*, que significa crença<sup>191</sup>.

---

qualidade de ciência estão em jogo na seguinte questão: se e até que ponto estaria ela em condições de fornecer uma explicação racional, ou seja, se ou até que ponto trabalha com o conhecimento de leis” (RÜSEN, Jörn. **Reconstrução do passado**. Brasília: Editora da Universidade, 2010. p. 26). Rüsen parece tornar sinônimos os termos “racional” e “científico” e se deduz que para ele ciência existe apenas através do modelo nomológico-dedutivo. Os dois pontos não são sustentáveis.

<sup>187</sup> “Portanto, é verdade que, por mais derivada que seja, a noção de historicidade acrescenta à noção de temporalidade, no próprio plano existencial, os traços significados pelas palavras "estiramento", "mutabilidade", "constância a si" (RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. v. III. Campinas: Papyrus, 1997. p. 123). A historicidade que Ricoeur toma de Heidegger é a noção de tempo-para-si que é apropriada pelo “ser-aí” dentro de sua compreensão de “ser-no-tempo”.

<sup>188</sup> KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006. p. 134.

<sup>189</sup> KOSELLECK, Reinhart. **Estratos do tempo**: estudos sobre história. Rio de Janeiro: ContraPonto: Puc-Rio, 2014. p. 304.

<sup>190</sup> RÜSEN, Jörn. **Reconstrução do passado**. Brasília: Editora da Universidade, 2010. p. 33.

<sup>191</sup> RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. v. III. Campinas: Papyrus, 1997. p. 381.

Ora, de todos os tipos de narrativas que temos<sup>192</sup>, interessa apenas as que podem ser contidas no escopo do parágrafo anterior. Não se deve, entretanto, esquecer que, se as narrativas têm o poder de transformar “rastros mudos” em uma série coerente de acontecimentos, ela o faz baseada em “dados marginais secundários”<sup>193</sup>. Esses dados podem trazer à tona “estruturas de pensamento”<sup>194</sup> e “utensílios intelectuais”<sup>195</sup> do passado que versavam sobre um futuro possível. A racionalidade emprestada a essas narrativas é, porém, sempre uma racionalidade externa<sup>196</sup> a ela própria, o que faz a História permanecer irracional até ser analisada<sup>197</sup>.

Que tipos de racionalidade, então, buscam-se dentro das narrativas para que estas possam constituir um “corpus” capaz de falar historicamente sobre o futuro? De imediato as narrativas cujo modelo explicativo do futuro é o nomológico, ou seja, por leis<sup>198</sup>. Estas satisfazem as três condições propostas (significação, baseadas em “experiências” do passado” e com “fundamentação”). As narrativas que buscam o modelo explicativo “por razões”, através da análise causal, também cumprem o papel pedido uma vez que são organizadas de modo teleológico e, assim, avançam sobre o futuro<sup>199</sup>.

## 2.4 AS RACIONALIDADES INTERPRETATIVAS DO SÉCULO XX

No início desse capítulo falei de “uma primeira desacomodação da História” quanto se estava discutindo a sociologia do conhecimento Histórico a partir de uma ótica utilitarista que estava se organizando como paradigma científico no início do Século XVI. Deixei, de

---

<sup>192</sup> Sobre narrativas analíticas (que partem da ideia do “ator racional” ver Robert Bates (BATES, Robert *et al.* The analytical narrative project. **The American Political Science Review**, v. 94, n. 3, p. 696-702, set. 2000) e para a crítica (ELSTER, Jon. Rational choice history: a case of excessive ambition. **The American Political Science Review**, v. 94, n. 3, p. 685-695, set. 2000). Sobre o questionamento da racionalidade nas narrativas históricas ver Barbara Tuchman (TUCHMAN, Barbara. **La marcha de la locura: La sin razón desde Troya hasta Vietnam**. Madrid: RBA, 2013). Sobre o renascimento das narrativas históricas ver Lawrence Stone (STONE, Lawrence. O ressurgimento da narrativa: reflexões sobre uma nova velha história. **Past and Present Society**, v. 85, n. 1, p. 3-24, nov. 1979) e a crítica em Hobsbawm (HOBSBAWM, Eric. The revival of narrative: some comments. **Past and Present Society**, v. 86, p. 3-8, fev. 1980). Sobre os problemas contextuais das narrativas, a “mitologia das doutrinas”, a “mitologia das coerências” e a “mitologia das prolepsis” ver Quentin Skinner (SKINNER, Quentin. **El giro contextual: cinco ensayos de quentin skinner y seis comentarios**. Madrid: Tecnos, 2007). Sobre a teoria dos Tropos ver Hayden White. (WHITE, Hayden. **La imaginación histórica en la Europa del siglo XIX**. México: Fondo de Cultura Económica, 1992. p. 57; 59).

<sup>193</sup> GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, indicios: morfología e historia**. Barcelona: Gedisa, 1986. p. 143-144.

<sup>194</sup> CHARTIER, Roger. **El mundo como representación: estudios sobre historia cultural**. Barcelona: Gedisa, 1992. p. 19.

<sup>195</sup> CHARTIER, Roger. **El mundo como representación: estudios sobre historia cultural**. Barcelona: Gedisa, 1992. p. 21.

<sup>196</sup> RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. v. 2. Campinas: Papirus, 1995. p. 60.

<sup>197</sup> KOSELLECK, Reinhart. **Estratos do tempo: estudos sobre história**. Rio de Janeiro: ContraPonto: Puc-Rio, 2014. p. 105.

<sup>198</sup> RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. v. 1. Campinas: Papirus, 1994. p. 163-164.

<sup>199</sup> RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. v. 1. Campinas: Papirus, 1994. p. 185-186; 261.

propósito, o sentido do termo “primeira” em aberto. É aqui que retomamos tal sentido. Se a História foi obrigada a inocular-se a epistemologia das Ciências Naturais, a partir do momento em que o Paradigma Moderno de Ciência passou a se tornar não apenas dominante, mas também violento, a perspectiva da “racionalidade” passou a ser o referencial das narrativas históricas<sup>200</sup>. Os espaços existentes em função das “ausências” do tempo passado (“rastros”) que historiadores seguiam eram preenchidos com conectivos racionais para explicar as ações humanas, reproduzindo a necessidade sociológica de atribuições de sentido ao tempo para o entendimento do mundo<sup>201</sup>. Desta forma, cumpre-se o argumento de Ricoeur quando ele fala que a “racionalidade explicativa” é sempre contaminada pela de ficção imaginadora<sup>202</sup>.

Aqui, porém, convém mencionar Jörn Rüsen quando alerta para a diferença entre uma explicação “racional” da História e uma explicação “intencional” da História. A “intenção” fala sempre de Futuro<sup>203</sup>. De alguma forma, esta é a passagem que precisamos pontificar, o surgimento da racionalidade como conectivo narrativo da História e, depois, a passagem para a intencionalidade como cerne da explicação. A mesma advertência é feita por Skinner, quando ele afirma que “motivações” são diferentes de “intenções”<sup>204</sup>. Motivações falam de passado, intenções – para Skinner – também falam de Futuro. Interessa-nos saber, pois, em que momento houve a alteração de uma explicação puramente mecanicista (o “um depois do outro” de Ricoeur) para uma explicação teleológica intencional (o “um porque o outro”)<sup>205</sup>.

O momento ao qual me refiro encontra-se em consonância com o que Roger Chartier chama de “lógica dos clérigos” aplicada ao tempo moderno e contemporâneo, cujo objetivo era direcionar interpretações para o caminho da Ciência e constranger outras leituras de mundo possíveis<sup>206</sup>. Chartier, tomando Foucault, lembra que existe um conjunto coordenado de esforços sociais para a construção do “real” e suas formas de leitura:

Hay que demistificar la instancia global de lo real como totalidad a ser restituida. No existe 'lo' real con el que nos uniríamos si habláramos de todo o de ciertas cosas más 'reales' que' otras, y que perderíamos, en beneficio de abstracciones inconsistentes, si nos limitáramos a hacer aparecer otros elementos y otras relaciones [...] Un tipo de racionalidad, una manera de pensar, un programa, una tecnología, un conjunto de

<sup>200</sup> TUCHMAN, Barbara. **La marcha de la locura**: La sin razón desde Troya hasta Vietnam. Madrid: RBA, 2013. p. 6.

<sup>201</sup> MANNHEIM, Karl. **Ideology and utopia**: an introduction to the sociology of knowledge. Londres: Routledge, 1954. p. 19.

<sup>202</sup> RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. v. III. Campinas: Papirus, 1997. p. 323.

<sup>203</sup> RÜSEN, Jörn. **Reconstrução do passado**. Brasília: Editora da Universidade, 2010. p. 41.

<sup>204</sup> SKINNER, Quentin. **El giro contextual**: cinco ensayos de quentin skinner y seis comentarios. Madrid: Tecnos, 2007. p. 118-119.

<sup>205</sup> RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. v. 2. Campinas: Papirus, 1995. p. 64.

<sup>206</sup> CHARTIER, Roger. **El mundo como representación**: estudios sobre historia cultural. Barcelona: Gedisa, 1992. p. IX.

esfuerzos racionales y coordinados, objetivos definidos y perseguidos, instrumentos para alcanzarlo, etcétera, todo esto es lo real, aun si esto no pretende ser 'la realidad' misma, ni 'la' sociedad entera<sup>207</sup>.

A primeira “desacomodação” da História corresponde, portanto, ao que De Certeau chamou de “cientificismo inflado”<sup>208</sup>, cuja “inteligibilidade do mundo vinha imiscuída com normatividade”<sup>209</sup>. A Ciência Moderna, desde o Iluminismo, não só defendia a ideia de progresso<sup>210</sup> científico e tecnológico<sup>211</sup> como afirmava que a esse progresso necessariamente ocorreria o progresso civilizacional<sup>212</sup>. Tais discursos serviam como um “pacto de autoridade”<sup>213</sup> e, como conhecer é um ato coletivo-social (e não individual)<sup>214</sup>, a História produziu um pensamento que se baseava em “leis” (nomológica)<sup>215</sup> e numa “argumentação formal”, segundo Hayden White<sup>216</sup>. Os historiadores se fizeram cientistas e esses cientistas se transformaram em uma “*intelligentsia*”<sup>217</sup> que detinha o monopólio do saber e da interpretação do tempo. No século XIX, os historiadores-cronistas e os historiadores-poetas deixaram de existir, foram desacomodados pelos cientistas do tempo.

O segundo momento de desacomodação da História corresponde à grande crise da noção de progresso<sup>218</sup>, que vem na esseira das duas Guerras Mundiais<sup>219</sup>. Como existe um “estado de

---

<sup>207</sup> CHARTIER, Roger. **El mundo como representación**: estudios sobre historia cultural. Barcelona: Gedisa, 1992. p. 73.

<sup>208</sup> CERTEAU, Michel de. **La escritura de la historia**. Cidade do México: Universidade Ibero Americana, 2006. p. 55.

<sup>209</sup> CERTEAU, Michel de. **La escritura de la historia**. Cidade do México: Universidade Ibero Americana, 2006. p. 108-109.

<sup>210</sup> É possível ver a ideia-força do progresso em praticamente todos os “grandes autores” desde o século XVI. Desde o progresso em Bacon e Descartes (GOFF, Jacques Le. **História e memória**. Campinas: UNICAMP, 1990. p. 247-248), o progresso econômico de Adam Smith (GOFF, Jacques Le. **História e memória**. Campinas: UNICAMP, 1990. p. 253), Kant e a ideia de “progresso moral”, passando por Auguste Comte e a “ideologia do progresso” (GOFF, Jacques Le. **História e memória**. Campinas: UNICAMP, 1990. p. 258) até chegar a Thomas Kuhn e o “progresso científico” (GOFF, Jacques Le. **História e memória**. Campinas: UNICAMP, 1990. p. 271). Se tomarmos a ideia de progresso pelo seu conceito um pouco mais elaborado podemos falar também em na “Evolução” de Charles Darwin em seu sentido original.

<sup>211</sup> GOFF, Jacques Le. **História e memória**. Campinas: UNICAMP, 1990. p. 41.

<sup>212</sup> GOFF, Jacques Le. **História e memória**. Campinas: UNICAMP, 1990. p. 62.

<sup>213</sup> CERTEAU, Michel de. **La escritura de la historia**. Cidade do México: Universidade Ibero Americana, 2006. p. 112.

<sup>214</sup> MANNHEIM, Karl. **Ideology and utopia**: an introduction to the sociology of knowledge. Londres: Routledge, 1954. p. 28-29.

<sup>215</sup> GOFF, Jacques Le. **História e memória**. Campinas: UNICAMP, 1990. p. 44.

<sup>216</sup> WHITE, Hayden. **La imaginación histórica en la Europa del siglo XIX**. México: Fondo de Cultura Económica, 1992. p. 22-23.

<sup>217</sup> MANNHEIM, Karl. **Ideology and utopia**: an introduction to the sociology of knowledge. Londres: Routledge, 1954. p. 9.

<sup>218</sup> Guinzburg localiza esta “decadência no pensamento sistemático” numa linha interpretativa que vai de Nietzsche até Theodor Adorno. (GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, indícios**: morfologia e historia. Barcelona: Gedisa, 1986. p. 163). Le Goff nomina Raymond Aron como o primeiro historiador a acusar os efeitos da crise (GOFF, Jacques Le. **História e memória**. Campinas: UNICAMP, 1990. p. 270)..

<sup>219</sup> GOFF, Jacques Le. **História e memória**. Campinas: UNICAMP, 1990. p. 267.

dependência” entre as ideias, as tecnologias e as representações do mundo<sup>220</sup>, a hecatombe produzida pelos dois conflitos mundiais<sup>221</sup> sinalizou que a noção de “progresso” e de “evolução” não era uma noção-destino. Era preciso antever o momento em que as coisas poderiam dar errado. Era necessário então “antecipar o Futuro” para, com isto, agir sobre ele<sup>222</sup>.

O final da Segunda Guerra viu a desacomodação de todas as formas de ciências cuja função “preditiva” não fosse central<sup>223</sup>.

“La segunda guerra mundial fundió decisiones políticas y científicas y convirtió la ciencia ficción en realidad; una realidad, a veces, de pesadilla”<sup>224</sup>.

Após um inicial movimento “anti-intelectual”<sup>225</sup>, nos EUA, por exemplo, fortaleceu-se a linha filosófica que argumentava pela crença que “*the business of human relations ought to be left to professionals, technicians and statesmen*”<sup>226</sup>, tanto “à esquerda” utilizando-se o Marxismo de interpretação leninista<sup>227</sup> quanto à direita através do fortalecimento do “empiricismo lógico”<sup>228</sup>. Esse “cientismo” que passou a formar a base do discurso científico no

<sup>220</sup> CHARTIER, Roger. **El mundo como representación**: estudios sobre historia cultural. Barcelona: Gedisa, 1992. p. 31.

<sup>221</sup> HOBSBAWM, Eric. **Un tiempo de rupturas**: sociedade y cultura en el siglo XX. México: Planeta, 2013. p. 99.

<sup>222</sup> KOSELLECK, Reinhart. **historia/Historia**. Madrid: Minima Trotta, 2004. p. 86.

<sup>223</sup> KOSELLECK, Reinhart. **Estratos do tempo**: estudos sobre história. Rio de Janeiro: ContraPonto: Puc-Rio, 2014. p. 247.

<sup>224</sup> HOBSBAWM, Eric. **Un tiempo de rupturas**: sociedade y cultura en el siglo XX. México: Planeta, 2013. p. 170.

<sup>225</sup> REISCH, George A. **How the cold war transformed philosophy of science**: to the icy slopes of logic. New York: Cambridge University Press, 2005. p. 166.

<sup>226</sup> (REISCH, George A. **How the cold war transformed philosophy of science**: to the icy slopes of logic. New York: Cambridge University Press, 2005. p. 160); “[...] not only the regular appeal to superscientific values but the metaphysical and theologically tinged language of the day would have made it difficult for the Unity of Science movement to join these public discussions” (REISCH, George A. **How the cold war transformed philosophy of science**: to the icy slopes of logic. New York: Cambridge University Press, 2005. p. 164).

<sup>227</sup> REISCH, George A. **How the cold war transformed philosophy of science**: to the icy slopes of logic. New York: Cambridge University Press, 2005. p. 159.

<sup>228</sup> (REISCH, George A. **How the cold war transformed philosophy of science**: to the icy slopes of logic. New York: Cambridge University Press, 2005. p. 161); “For those interested in the history of philosophy of science, logical empiricism holds a special attraction. Like old sepia-toned photographs of ancestors who made our lives possible by surviving wars, emigrations, and the vicissitudes of times [...] the philosophers, mathematicians, and logicians making up the Vienna Circle were surrounded by intellectual creativity. They themselves were on the front lines of the century’s exciting developments in physics and logic. The core members included Moritz Schlick, Rudolf Carnap, Kurt Godel, Philipp Frank, and Otto Neurath, while their colleagues and devotees in Europe and America included Hans Reichenbach, Carl Hempel, Ernest Nagel, and W. V. O. Quine.” (REISCH, George A. **How the cold war transformed philosophy of science**: to the icy slopes of logic. New York: Cambridge University Press, 2005. p. 1). O movimento acabou por ter que se reorganizar sob a tutela do Macartismo: “[...] many choices made by first-generation logical empiricists and their students were made alongside intellectual, institutional, and personal pressures arising directly out of the Cold War and McCarthyism. This will explain both how philosophy of science was radically changed and depoliticized by these pressures and how this thesis ought to seem no more implausible than the better-known fact that Hollywood movie making was also transformed by McCarthyism.” (REISCH, George A. **How the**

pós-guerra dizia-se apolítico (em função do Macartismo) e determinista, todo o resto era qualificado como “pseudociência”<sup>229</sup>. Afirmava que as ações humanas eram racionais e assim poderiam ser antecipadas: “*One factor remains logical empiricism’s attacks on traditional and contemporary metaphysics and pseudoscience. These were vivid displays of analytical fireworks that helped to stamp the project with a negative, eliminative character.*”<sup>230</sup>:

Several in Schilpp’s audience at the CSPR took the podium and endorsed this point of view. Paul Kecskemeti, a friend and student of Morris’s, shared Schilpp’s alarm about impending war. But he questioned whether philosophy was an appropriate tool for understanding and controlling humanity’s destructive impulses: While his primary concern is with the determination of behavior by reason, insight and responsible, free decision, the philosopher cannot overlook the vast extent to which human action is determined by such things as instinct or fear or compulsion or convention or routine. Social science and international law, not philosophy, he argued, would be the best way to approach one of the pressing questions driving the values debate: the question of “how the human agent comes to embrace his ends”<sup>231</sup>.

Não pode passar despercebido o uso dos termos “*controlling*”, “*determination*”, “*behavior by reason*” e a relação entre “*human agent*” e “*his ends*”. Novas ciências precisavam ser criadas e com novos métodos, já que a crise do “progresso” trouxe à tona a ideia de que a velha “*science and scientific methods were incapable of understanding or predicting matters of society, history and politics*”<sup>232</sup>. A “melhor” Ciência seria aquela que oferecesse os melhores resultados no quesito “predição”<sup>233</sup>. Essa escolha deliberada por uma Ciência se debruçasse sobre o futuro pregava que não deveria haver distinção entre a epistemologia das Ciências Naturais e as Ciências do Espírito<sup>234</sup> e argumentava pela “*Unity of Science*”<sup>235</sup>: “*In broad*

---

**cold war transformed philosophy of science**: to the icy slopes of logic. New York: Cambridge University Press, 2005. p. 8).

<sup>229</sup> MANNHEIM, Karl. **Ideology and utopia**: an introduction to the sociology of knowledge. Londres: Routledge, 1954. p. 39.

<sup>230</sup> REISCH, George A. **How the cold war transformed philosophy of science**: to the icy slopes of logic. New York: Cambridge University Press, 2005. p. 4.

<sup>231</sup> REISCH, George A. **How the cold war transformed philosophy of science**: to the icy slopes of logic. New York: Cambridge University Press, 2005. p. 61.

<sup>232</sup> REISCH, George A. **How the cold war transformed philosophy of science**: to the icy slopes of logic. New York: Cambridge University Press, 2005. p. 162.

<sup>233</sup> Veja-se um exemplo empírico, para além da argumentação teórica aqui esboçada na argumentação de Keir Lieber em cima das teorias modernas de “ataque e defesa” (LIEBER, Keir. **War and the engineers**: the primacy of politics over technology. New York: Cornell University Press, 2005). O autor mostra que mesmo que a teoria tenha efetivamente menos capacidade preditiva do que ela afirma ter é ela usada pelos “tomadores de decisão”.

<sup>234</sup> REISCH, George A. **How the cold war transformed philosophy of science**: to the icy slopes of logic. New York: Cambridge University Press, 2005. p. 14.

<sup>235</sup> “The Unity of Science movement was also the public, pedagogic, and scientific voice of logical empiricism. It consisted of a series of International Congresses for the Unity of Science (held in Prague, 1934; Paris, 1935; Copenhagen, 1936; Paris, 1937; Cambridge, England, 1938; Cambridge, Massachusetts, 1939; and Chicago, 1941)” (REISCH, George A. **How the cold war transformed philosophy of science**: to the icy slopes of logic. New York: Cambridge University Press, 2005. p. 9).

*outline, this was the path of logical empiricism through the Cold War as it became detached from the leftist agendas for enlightenment and social reform embodied in the Unity of Science movement*<sup>236</sup>.

Assim, a afirmação de Thomas Kuhn (na primeira edição de *“The structure of Scientific Revolutions”* em 1962) de que o empiricismo lógico era *“the image of science by which we are now possessed”*<sup>237</sup> revela uma constatação e uma crítica. A constatação é da preeminência do modelo de Ciência voltado a um determinismo sobre o Futuro e que se pretendia apolítico, e a crítica está na expressão *“we are possessed”* que, conforme usado, tem o sentido de “estarmos possuídos”, involuntariamente regidos por alguma entidade metafísica.

Dentro dessas novas reconfigurações político-científicas, a História (no Ocidente) estava alijada do seu espaço. Havia sido feita a crítica ao “objetivismo ingênuo” do Historicismo (pelo movimento dos Annales) no mesmo período em que a reconfiguração da *“Unity of Science”* apontava para a primazia da capacidade de previsibilidade e, agora, ambos os pensamentos apontavam para horizontes antípodas. Dentro das linhas que se arrogavam a maior cientificidade na História estava o Materialismo Histórico<sup>238</sup>, que, desde a década de 50, era acusado de ser uma “utopia” e tentar criar uma “matrix da realidade”<sup>239</sup>, logo, não poderia ser aceito até em função do seu evidente caráter político<sup>240</sup>. O Historicismo que, por outro lado, serviria perfeitamente nas novas exigências sociais para o conhecimento histórico depois das guerras<sup>241</sup>, estava, aos olhos da História, irremediavelmente ferido de morte pelo movimento iniciado por Marc Bloch e Lucien Febvre, “a Nova História”. A História errava os passos e cadências na sua dança com a Ciência reformulada do pós-guerra.

<sup>236</sup> REISCH, George A. **How the cold war transformed philosophy of science: to the icy slopes of logic**. New York: Cambridge University Press, 2005. p. 166.

<sup>237</sup> REISCH, George A. **How the cold war transformed philosophy of science: to the icy slopes of logic**. New York: Cambridge University Press, 2005. p. 22.

<sup>238</sup> KOSELLECK, Reinhart. **historia/Historia**. Madrid: Minima Trotta, 2004. p. 132.

<sup>239</sup> MANNHEIM, Karl. **Ideology and utopia: an introduction to the sociology of knowledge**. Londres: Routledge, 1954. p. 221.

<sup>240</sup> KOSELLECK, Reinhart. **historia/Historia**. Madrid: Minima Trotta, 2004. p. 105.

<sup>241</sup> Note-se, por exemplo a imensa similaridade da explicação do “caminho da sociedade” cunhado pelo Historicismo e as teorias “Realistas” de interpretação das Relações Internacionais: “[...] consistió en postular la existencia de una condición, antes de las edades primitivas de las que tenemos documentos, en que los hombres eran tan racionales como la naturaleza misma, pero de la cual cayeron como resultado de su ignorancia y de la condición de escasez causada por la multiplicación de su número, causada a su vez por la beneficencia y abundancia de la naturaleza. La condición de escasez creó una lucha entre los hombres por los bienes de la naturaleza que una tecnología inadecuada no podía aumentar em forma suficiente. Eso, a su vez, condujo alá "creación" de la sociedad, que reguló el conflicto humano por la fuerza y mantuvo su autoridad sobre los hombres con ayuda de la religión, en sí misma también producto de la combinación de carencia e ignorancia.” (WHITE, Hayden. **La imaginación histórica en la Europa del siglo XIX**. México: Fondo de Cultura Económica, 1992. p. 69.)

Em 1954, a Rockefeller Foundation usou suas capacidades financeiras para acabar com esse impasse.

Compared to previous efforts at portraying the state of the art in the study of IR, therefore, the 1954 conference was a wholly different kettle of fish, since it was organized by an institution whose business was precisely the creation of a new disciplinary fields, through a combination of institutional and individual grants, the creation of “invisible colleges” of like-minded scholars, and the coupling of research policy<sup>242</sup>.

Se a História não estava disposta a se curvava frente a necessidade social de “prever” o Futuro<sup>243</sup>, ela deveria ser desalojada e uma impostora colocada no lugar. Surgem as Relações Internacionais, alçadas imediatamente à condição de “Ciência”. Uma Ciência que deveria explicar como chegar a um “Futuro desejado”, sem que ela discutisse as motivações desse desejo.

This is even more so in the case of IR, where the current revisionist historiography is often meshed with a realist tradition that is central to the discipline. [...] the critique of “Whig” history, which is now the figure obligée of any revisionista study of discipline [...] that led to the academic institutionalization of IR as a discipline<sup>244</sup>.

Como Hans Morgenthau é o personagem central da Conferência de 1954, fica evidente que o Realismo é a teoria escolhida para ser linha *quasi*-paradigmática da nova disciplina<sup>245</sup>. A mais “sentida” ausência<sup>246</sup>, George Kennan<sup>247</sup>, e as presenças de Paul Nitze, Robert Bowie e Dean Rusk proporcionam evidência suficiente da relação inata entre o surgimento das RI e o Departamento de Estado dos EUA. Arnolf Wolfers, Dorothy Fosdick, Reinhold Niebhur e Walter Lippmann também representam presenças de peso para a percepção de como o caminho forjado nesta conferência afetaria toda a política internacional durante a Guerra Fria.

Jörn Rüsen afirma que por detrás do objetivismo teórico da História esconde-se a ideologia de um decisionismo prático<sup>248</sup>. Não poderia Rüsen ser mais feliz ao falar das Relações

<sup>242</sup> GUILHOT, Nicolas. **The invention of international relations theory**. New York: Columbia University Press, 2011. p. 9.

<sup>243</sup> GUILHOT, Nicolas. **The invention of international relations theory**. New York: Columbia University Press, 2011. p. 17.

<sup>244</sup> GUILHOT, Nicolas. **The invention of international relations theory**. New York: Columbia University Press, 2011. p. 3-4.

<sup>245</sup> GUILHOT, Nicolas. **The invention of international relations theory**. New York: Columbia University Press, 2011. p. 25.

<sup>246</sup> Kennan não pode comparecer por motivos profissionais, mas enviou um “*paper*” para ser discutido e avaliado e, em seguida, pediu que lhe fossem enviadas todas as transcrições das discussões ocorridas.

<sup>247</sup> GUILHOT, Nicolas. **The invention of international relations theory**. New York: Columbia University Press, 2011. p. 162.

<sup>248</sup> RÜSEN, Jörn. **Reconstrução do passado**. Brasília: Editora da Universidade, 2010. p. 61.



Internacionais, mesmo sem saber. As RIs já nascem buscando todo e qualquer ferramental que lhe permitisse antecipar o futuro. Toma o que pode da História, porém não se constrange em buscar na Economia, Sociologia, Antropologia e etc. todo e qualquer discurso que contenha as características das narrativas antecipatórias de futuro, mencionadas na seção anterior.

Por que, no trânsito do futuro ao passado, o presente não seria o tempo da iniciativa, ou seja, o tempo em que o peso da história já feita é deposto, suspenso, interrompido e em que o sonho da história ainda por fazer é transposto como decisão responsável? [...] na esseira de Arthur Danto, entre as ações de base, que sabemos fazer com base numa simples familiaridade com nossos poderes, e as ações derivadas, que exigem que façamos algo para que façamos ocorrer um acontecimento, que não é o resultado de nossas ações de base, mas sim a consequência de uma estratégia de ação que comporta cálculos e silogismos práticos<sup>249</sup>.

Como a Guerra Fria é sempre entendida como um período “bipolar”, pelo lado soviético o pensamento sobre política externa não sofreu grandes abalos. Desde a criação da URSS (1922) que o Marxismo de hermenêutica leninista é a base da construção da sociedade soviética<sup>250</sup>: “*Moreover, although the Bolsheviks did not believe in reasons of state as such – because Marxism-Leninism dictated goals that stood above and beyond merely the state – they did practice realpolitik: they were realists in terms of means, though utopians in terms of ends*”<sup>251</sup>. Ainda assim, foi dada grande importância ao domínio das Ciências para a “defesa nacional” e o “desenvolvimento econômico”<sup>252</sup>.

Little of this was foreseen when Stalinist state embarked on massive expansion of higher learning after a crippling war. In 1960, there were 2,396,100 higher education students, almost three times the number in the USSR on the eve of World War<sup>253</sup>.

So concerned was the regime with producing competent specialists that it was willing to restrict the main agency responsible for ensuring their ideological soundness – a reflection of the high priority of Science in the contexto of the early Cold War<sup>254</sup>. (grifo meu).

<sup>249</sup> RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. v. III. Campinas: Papirus, 1997. p. 360; 393.

<sup>250</sup> HOBSBAWM, Eric. **Un tiempo de rupturas**: sociedade y cultura en el siglo XX. México: Planeta, 2013. p. 107.

<sup>251</sup> HASLAM, Jonathan. **Russia's cold war**: from the october revolution to the fall of the wall. Kindle. Londres: Yale University Press, 2011. p. 2.

<sup>252</sup> TROMLY, Benjamim. **Making the soviet intelligensia**: universities and intellectual life under Stalin and Krushev. Kindle. New York: Cambridge, 2014. p. 132.

<sup>253</sup> TROMLY, Benjamim. **Making the soviet intelligensia**: universities and intellectual life under Stalin and Krushev. Kindle. New York: Cambridge, 2014. p. 162.

<sup>254</sup> TROMLY, Benjamim. **Making the soviet intelligensia**: universities and intellectual life under Stalin and Krushev. Kindle. New York: Cambridge, 2014. p. 1205.

O Marxismo-Leninismo<sup>255</sup> é também uma narrativa cientificista sistemática<sup>256</sup> que busca avançar sobre o “futuro desejado”<sup>257</sup>, ainda que por meio da crítica<sup>258</sup>. Esta “atuação política” do bolchevismo insere-se, segundo Le Goff, nas mesmas categorias que Koselleck estabelece quando fala em “aceleração do tempo”<sup>259</sup>. Em busca de determinação desses “Horizontes de expectativas”, as ações políticas presentes se valem de narrativas baseadas na “experiência” cuja forma de encadeamento é mecanicista ou nomológica, criando assim o que Rüsén chamava de “esperança fundamentada”. Tais narrativas ressignificam o passado e reconstróem seus nexos discursivos<sup>260</sup> enquadrando-se perfeitamente no tipo de narrativa que argumentamos anteriormente capaz de produzir uma “História do Futuro”. A “antecipação do Futuro” tem na ideia da “sobrevivência” um poderoso objetivo dentro da Era Atômica:

Cabe señalar que en 1945-1946 aún le encargaron que calculase el esfuerzo militar relativo necesario para dejar fuera de combate a la URSS, Estados Unidos y Gran Bretaña en una futura guerra nuclear, tarea que desarrolló con el brío y la gélida inteligencia que lo caracterizaban. Fue su último encargo oficial. Pero jamás ha habido, por cierto, ninguna prueba o sugerencia sólida de relaciones con los servicios de inteligencia soviéticos<sup>261</sup>.

Mas não se pode restringir os efeitos desta antecipação à obtenção de um resultado “negativo” (a não guerra, ou a não destruição).

---

<sup>255</sup> Uso aqui especificamente o Marxismo-Leninismo por reconhecer a crítica que faz Le Goff quando o chama de “marxismo vulgar” e atribui-lhe a condição de “pseudo-ciência do determinismo” (GOFF, Jacques Le. **História e memória**. Campinas: UNICAMP, 1990. p. 110). Le Goff chama a atenção de que Marx nunca falou em “leis gerais” da História (GOFF, Jacques Le. **História e memória**. Campinas: UNICAMP, 1990. p. 95), mas seus interpretadores (entre eles Lênin) transformaram a noção de “regularidades” históricas em “leis” (GOFF, Jacques Le. **História e memória**. Campinas: UNICAMP, 1990. p. 44). A mesma interpretação tem Hayden White (WHITE, Hayden. **La imaginación histórica en la Europa del siglo XIX**. México: Fondo de Cultura Económica, 1992. p. 290).

<sup>256</sup> WHITE, Hayden. **La imaginación histórica en la Europa del siglo XIX**. México: Fondo de Cultura Económica, 1992. p. 292.

<sup>257</sup> WHITE, Hayden. **La imaginación histórica en la Europa del siglo XIX**. México: Fondo de Cultura Económica, 1992. p. 300-301.

<sup>258</sup> LENIN, Vladimir. **Imperialism, the highest stage of Capitalism**. Petrogrado: [s.n.], 1917.

<sup>259</sup> (GOFF, Jacques Le. **História e memória**. Campinas: UNICAMP, 1990. p. 361); Mannheim, embora sem conhecer os escritos de Koselleck (em função do tempo) já tinha afirmado que a função do Bolchevismo era “acelerar” e “catalisar” o tempo com vistas ao futuro “previsto” (MANNHEIM, Karl. **Ideology and utopia: an introduction to the sociology of knowledge**. Londres: Routledge, 1954. p. 224).

<sup>260</sup> STONE, Lawrence. O ressurgimento da narrativa: reflexões sobre uma nova velha história. **Past and Present Society**, v. 85, n. 1, p. 3-24, nov. 1979. p. 3.

<sup>261</sup> HOBSBAWM, Eric. **Un tiempo de rupturas: sociedad y cultura en el siglo XX**. México: Planeta, 2013. p. 104.

## 2.5 CONCLUSÃO

Se tudo o que foi argumentado até agora for tomado como passíveis de aceitação, as respostas para o entendimento do que foi a Guerra Fria, do que são, porque surgiram as Relações Internacionais e do porquê ter sido o Realismo a teoria mais importante de interpretação encontram suas respostas no mesmo período e no mesmo processo.

Após as duas Guerras Mundiais o desejo dos Estados por uma Ciência com capacidade de antecipar o Futuro levou a uma modificação extrema sobre as narrativas que interpretavam o Tempo. A busca humana por um conhecimento que lhe servisse de oráculo para as ações presentes se deslocou do passado para o futuro. A condição epistemológica do passado não difere da condição do futuro senão pela perspectiva do sujeito colocado no presente. E, assim como a História reconstrói o passado imperfeitamente através de métodos que não oferecem completude explicativa, o futuro se constrói no presente através da ação política que, também, nada oferece em termos de completude explicativa. A ação no presente (política), orientada por uma teoria de previsibilidade histórica constrói o futuro antecipado em termos discursivos da mesma forma que a ação hermenêutica histórica racionalmente orientada por uma teoria interpretativa reconstrói o passado.

Não cabe a esse trabalho sequer esboçar as grandes linhas da filosofia ética e política à luz da qual a iniciativa do indivíduo poder-se-ia inserir num projeto de ação coletiva sensata. Podemos, ao menos, situar o presente dessa ação, inseparavelmente ética e política, no ponto de articulação do horizonte de expectativa e do espaço de experiência<sup>262</sup>.

Nesse sentido, as Relações Internacionais são uma “História do Futuro”, pois têm como objetivo um construto sociopolítico que só se realizará num ponto mais avançado no espaço-tempo do que está o sujeito que age. Os níveis de indeterminação observados pelas discrepâncias entre o futuro planejado e o futuro ocorrido (no vetor tempo-espaço positivo ou a frente do sujeito) são do mesmo grau de indeterminação observado pelas discrepâncias entre o passado epistemologicamente definido como humano e a representação narrativa histórica (no vetor tempo-espaço negativo ou atrás do sujeito). Tanto a História desenvolve métodos e técnicas para aumentar o nível de confiabilidade e verificabilidade entre a sua narrativa e o Tempo Humano, quanto as Relações Internacionais desenvolvem métodos e técnicas para aumentar o nível de confiabilidade e verificabilidade entre seu planejamento e o “futuro

---

<sup>262</sup> RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. v. III. Campinas: Papyrus, 1997. p. 399.

desejado”. Ambos os esforços sofrem com a indeterminação humana, com a irracionalidade dos espaços de ação política e com a incapacidade de explicar e/ou prever com acuidade os tempos.

A partir da Conferência que a *Rockefeller Foundation* sediou nos EUA em 1954, os discursos narrativos (que buscavam antecipar o futuro) produzidos tanto pela aceitação do Realismo como padrão de ação e interpretação da política internacional (pelos EUA) quanto pela continuidade e aprofundamento do uso do Marxismo-Leninismo (pela URSS) como base da ação internacional soviética fizeram com que esses dois países enlaçassem-se numa dança de passos antecipados em que, a cada movimento feito, as teorias deterministas fortaleciam-se em suas pseudoprevisibilidades. Aos parceiros de dança, parecia que eram muito bem-sucedidos na previsão dos passos um do outro e, por vezes, evitaram-se esbarrões desnecessários.

O que proponho aqui, como explicação, é a retomada da metáfora da “*road*” de Bob Dylan, mencionada na introdução. Tanto EUA quanto URSS antecipavam o que acreditavam ser o futuro por meio de narrativas deterministas, conformando um “caminho” que entendiam poder unir o passado, o presente o futuro, num todo inteligível. Estas antecipações instruíam ações presentes de ambos os Estados e assim retroalimentava-se o círculo da “pseudocientificidade”. Cada vez mais fortalecidas em suas capacidades visionárias, tais teorias eram alçadas a níveis de maior confiabilidade e se instalava uma espécie de “prisão de sentidos históricos” em um moto-contínuo temporal muito bem antecipado por Kant que avisa sobre a possibilidade do “profeta fazer e instituir os acontecimentos que ele mesmo predisse de antemão”<sup>263</sup>.

Assim, tanto o Realismo quanto o Marxismo-Leninismo não explicaram corretamente a Guerra Fria, mas a construíram embalados pela grande ilusão da objetividade científica no século XX. As Relações Internacionais raptaram Clio e a torturaram para que ela se voltasse para o Futuro. É preciso entender que uma “História do Futuro” do passado representa a compreensão dos condicionantes políticos da criação do próprio presente. A forma pela qual os homens avaliaram e projetaram seu futuro é parte integrante hoje – e apenas no hoje presente – do seu passado, mas tomá-la como um “passado passado” é um erro epistemológico, dado que não aconteceu, e ignorá-la é um erro metodológico que nos priva do conhecimento das intencionalidades do sujeito e das avaliações que faz sobre seu “Horizonte de perspectivas”. Isto explica a Guerra Fria.

---

<sup>263</sup> RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. v. III. Campinas: Papyrus, 1997. p. 365.

### 3 OS PROFETAS DO TEMPO

#### 3.1 INTRODUÇÃO

O governo dos EUA estava, na melhor das hipóteses, profundamente dividido desde o final da Segunda Guerra até 1952<sup>264</sup>. Por um lado, existem aqueles que são anticomunistas viscerais como, por exemplo, James Byrnes<sup>265</sup>, Edwin Pauley ou John Foster Dulles. Por outro lado, alinhavam-se alguns conselheiros que valoravam mais a capacidade individual de obter (e seguir) acordos entre os governos do que posições ideológicas pré-estabelecidas, como Dean Acheson, Henry Wallace ou Henry Stimson<sup>266</sup>. No meio, equilibrando-se entre as duas visões estava o presidente Harry Truman. A ascensão de Truman ao poder foi uma surpresa para ele mesmo e até para a burocracia governamental de Roosevelt. Durante o processo de adaptar-se ao dia a dia da política da Casa Branca, Truman precisou também compreender algumas questões para as quais ele não estava nem acostumado, nem tinha experiência<sup>267</sup>.

---

<sup>264</sup> O próprio Harry Truman reconheceu esta divisão: “Byrnes & I discussed Pauly's plans on reparations. The smart boys in the State Department, as usual are against the best interests of the U.S. if they can circumvent a straightforward hard-hitting trader for the home front. But they are stymied this time. Byrnes & I shall expect our interests to come first. Pauly is doing a job for the United States.” (TRUMAN, Harry. **Long handnote july 07**. [s.l.]: [s.n.], 1945).

<sup>265</sup> Existem muitos momentos que podem ser usados para demonstrar esse mal-estar com relação aos soviéticos Soviets. A Conferência de Londres (1947) é particularmente eloquente nesse sentido. Contudo, ainda em dezembro de 1945 Acheson mostrou que existia um “*rift between president and secretary of state*” nesta questão em especial: “*The President had me reassure Byrnes that the congressional flurry had not disturbed him, adding that he would be glad to consider any proposal the Russians might have. Very little information came out of Moscow [...] Mr. Byrnes had cable me the date of his arrival in Washington and asked me to arrange a time that evening when he could make a report to the nation over all radio networks. This was not in accordance with etiquette, nor was it wise in view of the President's state of Mind*”. (ACHESON, Dean. **Present at the creation: My years at state department**. New York: W.W Norton, 1969. p. 135-136). Sobre a relação entre Byrnes e Roosevelt e sobre as aspirações políticas de Byrnes veja-se Robert Ferrell (FERRELL, Robert. **Presidential leadership: from Woodrow Wilson to Harry Truman**. Columbia: University of Missouri Press, 2006. p. 121).

<sup>266</sup> Sobre o pensamento político de Stimson é possível ter-se um pequeno mas acurado texto em Charles Mee Jr (MEE JÚNIOR, Charles. **Paz em Berlim: a conferência de Potsdam em 1945 e seu mister de encerrar a segunda guerra mundial**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007. p. 97; 137).

<sup>267</sup> Inúmeras fontes consistentemente apontam para esta ideia. Barton Bernstein escreveu que Truman – ainda como senador – decidiu investigar o caro e secreto projeto, ao que “Marshall persuaded him not to investigate the project, and thus Truman did not learn any more than it involved a new weapon until he was suddenly thrust into the presidency” (BERNSTEIN, Barton. **The Atomic Bombings Reconsider**. **Foreign Affairs**, v. 74, n. 1, jan./fev. 1995. p. 135). Michael Dobbs, na mesma direção, afirma que “*The new president had focused almost entirely on domestic affairs as senator from Missouri; his foreign experience was limited to seven months' service In France as an artillery officer during World War I*.” (DOBBS, Michael. **Six Months in 1945: FDR, Stalin, Churchill and Truman from world war to cold war**. New York: Kindle, 2012. Walter Isaacson, sobre as ideias de Dean Acheson, escreveu “*Most of his friends [inside the State Department] had never met Truman and were dismayed by the prospect of a failed haberdasher from Missouri becoming President at such critical time. [...] 'I think he will learn fast and inspire confidence' Acheson wrote to his son*.” (ISAACSON, Walter; THOMAS, Evans. **The wise men: six friends and the world they made**. New York: Kindle, 2013). “*Another serious error Roosevelt made was to isolate vice-president Truman from the wartime conferences and foreign policy*” (BOHLEN, Charles. **Witness to history: 1929-1969**. New York: WW Norton & Company, 1973. p. 212).

As decisões sobre Política Internacional com as quais Truman precisou lidar, por exemplo, não eram simples<sup>268</sup> e uma silenciosa batalha pelo posto de principal conselheiro do presidente se deu. Nesse capítulo é mostrado que a escolha de Truman em buscar em Acheson seu principal apoio foi vista, na perspectiva de alguns importantes atores<sup>269</sup>, como não benéfica para os Estados Unidos.

To win the war, we were compelled completely to remake our military establishment, to expand it enormously, to provide it with innumerable complex agencies of research, intelligence, planning, coordination, administration, and policy formation. Something of the same kind, or on a lesser scale, will have to be done in the field of civilian's foreign affairs. President Truman cannot be in Berlin on one day and in Chungking on the next, especially when he should at the same time be in Washington or Detroit. Mr. Byrnes [Secretary of State] cannot be in six places or think with six different brains at the same time. Still more, the United States cannot indefinitely leave its foreign policies to the accidental interplay of the brilliant amateur, the opinionated eccentric, the bureaucratic intriguer. We need adequate planning and administrative staffs at the top: we need a much greater professional expertness, discipline and sense of responsibility all down the line. We shall not get these things easily. But get them we must, if our whole foreign policy and with it many hopes of the world are not to sink into a muddle of hopeless cynicism and frustration<sup>270</sup>.

Não apenas esses atores exigiram que o presidente se fixasse numa linha clara de ação<sup>271</sup>, mas também eles se colocaram em campo para proporcionar ao país ferramentas

<sup>268</sup> Truman estava algo no escuro sobre a política externa norte-americana: “*Vice-president less than three months before, Truman had attended cabinet meetings and had seen Roosevelt once or twice since then. ‘But he never did talk to me confidentially, about the war,’ Truman, recalled, ‘or about foreign affairs or what he had in mind for the peace after the war’.*” (HASLAM, Jonathan. **Russia's cold war**: from the october revolution to the fall of the wall. Kindle. Londres: Yale University Press, 2011). “*The range of new foreign policy instruments, including economic and military aid, cultural exchanges, public and media relations, and covert operations, also added to the State Department's burden. America's position as the world's strongest country made the department's decisions, once so esoteric, a matter of great moment in every world capital. These changes were symbolized by the increasing use of the term national security to indicate the complex mix of diplomacy, military strength, and intelligence gathering that furnished U.S. foreign policy's boundaries and tools.*” (RUBIN, Barry. **Secrets of state**: the state department and the struggle over US foreign policy. New York: Oxford University Press, 1987. p. 37).

<sup>269</sup> Doug Rossinow e Rebecca Lowen usam o termo “*powerful forces in American Society*” com o significado de “*The federal government, state governments and private groups sought to ferret out hidden Communists and anyone else they suspected of “Red” sympathies*” (ROSSINOW, Doug; LOWEN, Rebecca. **The united states since 1945**: historical interpretations. New Jersey: Pearson Education, 2007. p. 48). Meu argumento vai mais para o termo “grupos financeiros privados” e como eles lutam para tomar a iniciativa na decisão do caminho ideológico que o governo deveria seguir.

<sup>270</sup> THE MUDDLE. **New York Herald Tribune**, New York, 11 nov. 1945, p. 28.

<sup>271</sup> Existem inúmeros ataques às “*major US foundations*” durante os anos 50. Os directores destas fundações reconheceram o perigo de Truman ser brando com os comunistas e acabaram ajudando a produzir o Macarthismo, por exemplo em Simpson: “*Reece [Congressman Carroll Reece investigations on major tax-exempt foundations] took as his theme that major U.S. foundations – including the Rockefeller Foundation, the Ford Foundation, the Carnegie Corporation, and the Social Science Research Council—were engaged in a campaign to promote socialism and “One World” government through funding social science studies Reece regarded as critical of the United States and the “free enterprise” economic system.*” (SIMPSON, Christopher. **Science of coercion**: communication research and psychological warfare 1945-1960. New York: Oxford University Press, 1996. p. 102).

confiáveis que viessem a instrumentalizar o processo de tomada de decisão com relação à Política Internacional<sup>272</sup>. De forma que será mostrada no texto, tais grupos impuseram um pensamento cujo consenso fora politicamente orquestrado para a Academia<sup>273</sup>, transformando a Teoria Realista de Relações Internacionais na moldura com que os EUA compreendiam e agiam internacionalmente<sup>274</sup>. Longe de ser uma ideia construída de baixo para cima (ou um consenso acadêmico científico), o Realismo foi uma arma usada pelos EUA para lutar a Guerra Fria, e não uma teoria que a explicava.

For us, war is not inevitable. We do not believe that there are blind tides of history which sweep men one way or the other. In our own time, we have seen brave men overcome obstacles that seemed insurmountable and forces that seemed overwhelming. Men with courage and vision can still determine their own destiny. They can choose slavery or freedom – war or peace.” Harry Truman on NATO treaty signature<sup>275</sup>.

Será demonstrado que a teoria Realista tinha vantagens sobre o chamado “*gentlemen’s agreement*”, que era a forma como os antigos círculos diplomáticos de poder<sup>276</sup> lidavam com

---

<sup>272</sup> Em 1954, a Rockefeller Foundation patrocinou uma conferência para “*discussing ‘the possibility, nature and limits of theory in international relations’ and the concrete steps that could encourage ‘theoretical scholarship in international politics.’ This meeting is to my knowledge the first that ever stemmed from an explicit decision to carve out a disciplinary space for IR [International Relations] [...]*” (GUILHOT, Nicolas. **The invention of international relations theory**. New York: Columbia University Press, 2011. p. 7); Não é a primeira vez que a *Rockefeller Foundation* financia pesquisas com o objetivo de “*democratic prophylaxis that could immunize the US*” em áreas sensíveis, como política internacional: “*During the second half of the 1930s, the Rockefeller Foundation underwrote much of the most innovative communication research then under way in the United States*” (SIMPSON, Christopher. **Science of coercion: communication research and psychological warfare 1945-1960**. New York: Oxford University Press, 1996. p. 22).

<sup>273</sup> Isto parece bastante similar ao padrão encontrado em outros campos científicos nos dias de hoje: “*What can be seen here is the process of construction of social networks whose specialty became production of what was claimed to be “knowledge” about a particular topic—in this case, “knowledge” about communication.*” (SIMPSON, Christopher. **Science of coercion: communication research and psychological warfare 1945-1960**. New York: Oxford University Press, 1996. p. 63).

<sup>274</sup> Apesar de estar na prisão entre 1926 e 1937, Antonio Gramsci descreveu esse processo na Itália: “*The question is thus raised of modifying the training of technical-political personnel, completing their culture in accordance with the new necessities, and of crating specializer functionaries of a new kind, who as a body will complement deliberative activity*” (GRAMSCI, Antonio. **Selections from the prison notebooks**. Tradução Quitin Hoare e Geoffrey Smith. New York: International Publishers, 1992. p. 28).

<sup>275</sup> THE US STATE DEPARTMENT. **United States Policy and the USSR**. 1949.

<sup>276</sup> Isaacson chama os mais influentes conselheiros em Relações Internacionais de “*Wise men*” tanto no governo Roosevelt quanto no Truman (ISAACSON, Walter; THOMAS, Evans. **The wise men: six friends and the world they made**. New York: Kindle, 2013). Carolyn Eisenberg os chama de “*administration conservatives*” fazendo uma diferença entre os conselheiros de Roosevelt como “*liberal New Dealers*” e os novos de Truman (EISENBERG, Carolyn. **Drawing the line: the american decision to divide germany 1944-1945**. Cambridge: Cambridge University Press, 1998). Lucius Battle os nomeia como “*the most and imaginative people*” diferenciando o *Civil Service* que trabalham para o Departamento de Estado (economistas, advogados, e etc.) e o *Foreign Service* que são os diplomatas em vários níveis (MCKINZIE, Richard; WILSON, Theodore; BATTLE, Lucius. **Oral history interview with Lucius Battle**. [s.l.]: [s.n.], 1971). Barry Rubin se refere a eles como “*traditional diplomacy*” (RUBIN, Barry. **Secrets of state: the state department and the struggle over US foreign policy**. New York: Oxford University Press, 1987. p. 23).

as questões de Política Externa norte-americana, durante o período Roosevelt e Truman<sup>277</sup>. Nenhuma destas duas formas de se pensar o sistema internacional derivava de qualquer posição científica anterior<sup>278</sup>. Foi apenas com a Teoria Realista que os EUA tiveram a certeza de que poderiam agir no cenário internacional sem se preocuparem muito em conhecer a História ou as peculiaridades sociais e políticas dos seus rivais<sup>279</sup>. Segundo o Realismo, o que realmente importava era a distribuição das capacidades materiais e como os estados as usam<sup>280</sup>. Esta ideia economizou muitos recursos (dinheiro e pessoal) ao governo dos EUA<sup>281</sup>. Não seria necessário gastar recursos financiando inúmeras pesquisas acadêmicas em “Sovietologia”, Europa Oriental ou “Estudos Eslavos”, por exemplo<sup>282</sup>. De acordo com o Realismo, do início da Guerra Fria até seu hipotético e desacreditado final, a URSS se comportaria como qualquer outro país posto na situação de polo: perseguindo poder e tentando garantir sua segurança<sup>283</sup>.

Ao mesmo tempo, a classe média branca norte-americana alcançava, como nunca antes, um alto padrão de vida<sup>284</sup> e o governo dos Estados Unidos precisava lidar com vários estados

<sup>277</sup> Para uma boa exposição dos quadros e da forma da diplomacia nos EUA antes da Segunda Guerra veja-se Warren Ilchman (ILCHMAN, Warren. **Professional diplomacy in the United States 1779-1939: a study in administrative history**. Chicago: The University of Chicago Press, 1961).

<sup>278</sup> “*The history of U.S. government spending on psychological warfare suggests that a positive feedback cycle existed in the “knowledge-based industry” of U.S. social science.*” (SIMPSON, Christopher. **Science of coercion: communication research and psychological warfare 1945-1960**. New York: Oxford University Press, 1996. p. 110).

<sup>279</sup> “*There have always been Americans, such as Alexander Hamilton, who viewed international relations from a realist perspective, but its contemporary intellectual roots are largely European. Three important figures of the interwar period probably had the greatest impact on American scholarship: diplomat-historian E. H. Carr, geographer Nicholas Spykman, and political theorist Hans Morgenthau. Other Europeans who have contributed significantly to realist thought include John Herz, Raymond Aron, Hedley Bull, and Martin Wight, while notable Americans of this school include scholars Arnold Wolfers and Norman Graebner, diplomat George Kennan, journalist Walter Lippmann, and theologian Reinhold Niebuhr*” (HOLSTI, Ole. **Making american foreign policy**. New York: Routledge, 2006. p. 314) (grifo nosso).

<sup>280</sup> Segundo Robert Jervis: “*Realism sometimes is viewed as synonymous with cynicism, given its view that states seek power and care first, if not solely about themselves and their citizens. There is something to this, but the common next step of viewing cynicism as being in conflict with morality is no warranted. In fact, for Niebuhr, Morgenthau, and their colleagues it was their cynicism that permitted them to see that moral dilemmas in politics could not be easily elided and that one of the gravest dangers in politics was the attempt to do so.*” (GUILHOT, Nicolas. **The invention of international relations theory**. New York: Columbia University Press, 2011. p. 35).

<sup>281</sup> Ambas são ideias apresentadas para a melhoria dos Departamentos de Estado e Defesa nos EUA pelo comitê senatorial presidido por Henry Jackson em 1959. (THE US SENATE COMMITTEE ON GOVERNMENT OPERATIONS. **Organizing for national security: An interim staff memorandum**. Washington: [s.n.], 1959).

<sup>282</sup> “*By the end of the 1940s, Soviet studies would be an entirely different enterprise, rippling with energy and rich with financial support. Surviving of false steps, the Rockefeller Foundation settled on an area studies model oriented toward language and humanities; it focused on instruction and infrastructure.*” (ENGERMAN, David. **Know your enemy: the rise and fall of America's soviet experts**. New York: Oxford, 2009. p. 13).

<sup>283</sup> HOLSTI, Ole. **Making american foreign policy**. New York: Routledge, 2006. p. 314-319.

<sup>284</sup> Esses dados são profundamente analisados e explicados por Laura Belmonte (BELMONTE, Laura. **Selling the American way: US propaganda and the cold war**. Philadelphia: Pennsylvania Press, 2008) e Nancy Bernhard (BERNHARD, Nancy. **US television news and cold war propaganda, 1947-1960**. New York: Cambridge University Press, 2003), por exemplo. Já Alain Brinkley afirma que “*The most obvious of these changes was the remarkable expansion of the American economy in the postwar years. It was, quite simple, the greatest and*



quebrados, sobreviventes do período de guerra. A função que se outorgou o governo dos EUA foi a de assegurar o acesso norte-americano aos necessários recursos materiais<sup>285</sup> para manter tanto o nível de vida de sua população (sobretudo a branca), como também seu crescimento industrial. As motivações, portanto, para a sua política externa eram tanto econômicas quanto em função de sua segurança. O problema, contudo, era evidente, pois a mesma população que estava se tornando cada vez mais rica e se congratulando por ter “vencido a guerra” tinha um pensamento não intervencionista e, muitas vezes, isolacionista com relação ao cenário internacional<sup>286</sup>. A administração Truman, assim, precisava prover os meios materiais para manter a expansão econômica norte-americana<sup>287</sup> e, ao mesmo tempo, evitar que os cidadãos do seu país (ensinados que política externa era algo de necessária atenção) se tornassem críticos ou invasivos demais sobre as decisões do governo<sup>288</sup>.

---

*most dramatic capitalist expansion in American history, perhaps even in world history. It was often described at the time, not without reason, as the American ‘economic miracle’*” (BRINKLEY, Alan. *The illusion of unity in cold war culture*. In: KUZNICK, Peter; GILBERT, James. **Rethinking cold war culture**. Washington: Smithsonian Institution Press, 2001).

<sup>285</sup> “*Our third goal is to conserve and use our natural resources so that they can contribute most effectively to the welfare of our people. The resources given by nature to this country are rich and extensive. The material foundations of our growth and economic development are the bounty of our fields, the wealth of our mines and forests, and the energy of our waters. As a Nation, we are coming to appreciate more each day the close relationship between the conservation of these resources and the preservation of our national strength. We are doing far less than we know how to do to make use of our resources without destroying them. Both the public and private use of these resources must have the primary objective of maintaining and increasing these basic supports for an expanding future. We must continue to take specific steps toward this goal. We must vigorously defend our natural wealth against those who would misuse it for selfish gain.*” (TRUMAN, Harry. **State of the Union discourse**, 1 jul. 1948).

<sup>286</sup> Desde o início do seu período, o presidente Truman questionou esse consenso social e político: “*There are many new responsibilities for us as we enter into this new international era. The whole power and will and wisdom of our Government and of our people should be focused to contribute to and to influence international action*”. Contudo Truman não se colocou na posição de criar uma violenta confrontação na Guerra Fria: “*Many concessions and adjustments will be required*” (TRUMAN, Harry. *Message to the congress on state of the union and on the budget for 1947*. **State of the Union**. 1946). O secretário de Estado James Byrne, em um pronunciamento em setembro de 1946 em Stuttgart tocou no mesmo ponto: “[...] *we have learned that we live in one world, from which we cannot isolate ourselves. [...] In 1917 the United States was forced into the first world war. After that war we refused to join the League of Nations. We thought we could stay out of Europe’s wars and we lost interest in the affairs of Europe. That did not keep us from being forced into a second world war*”. (LEVERING, Ralph *et al.* **Debating the origins of the cold war**. Oxford: Rowman & Littlefield, 2001. p. 78). Ver também Gaddis (GADDIS, John Lewis. **The united states and the origins of the cold war, 1941-1947**. New York: Columbia University Press, 1972. p. 341).

<sup>287</sup> “*Our basic objective – toward which all others lead – is to improve the welfare of American people. In addition to economic prosperity, this means we use social security in the fullest sense of the word*” (TRUMAN, Harry. *Message to the congress on state of the union and on the budget for 1947*. **State of the Union**. 1946).

<sup>288</sup> No Boletim do Departamento de Estado (v. 20 p. 660) Acheson mostrou-se nesse sentido quando fala do regime de Francisco Franco, na Espanha: “[...] *the policy of the American Government is one which I am quite sure is calculated to please neither group of extremists in the United States – either those who say that we must embrace Franc, or those who say that we must cast him into the outermost darkness*”. Os democratas nos anos 40 e 50 escolheram o Secretário de Estado primeiramente capaz de lidar com o congresso e não por seus conhecimentos em política externa. Esse é o caso de Cordell Hull e Roosevelt e James Byrnes com Truman (RUBIN, Barry. **Secrets of state: the state department and the struggle over US foreign policy**. New York: Oxford University Press, 1987. p. 36).

Talvez a maior falha do Governo Truman foi não ter sido hábil o suficiente para alcançar esse delicado equilíbrio. A diferença entre a importância que o governo parecia dar às questões internacionais contrastava com o elitismo e, muitas vezes, o sigilo das decisões nessa seara. E essa diferença foi detectada não apenas pelos cidadãos americanos, mas também utilizada politicamente para que os adversários de Truman fossem bem-sucedidos em alcançar a presidência<sup>289</sup>. A administração Truman apresentou duas diferentes narrativas<sup>290</sup>, uma para o eleitorado interno e outra, completamente diferente, produzida pelos seus tomadores de decisão<sup>291</sup>. Desconectadas, o lapso entre as duas narrativas foi imediatamente reconhecido pelo Congresso e explorado para enfraquecer o governo Truman.

During this time President Truman often lacked popular support after a honeymoon between his appearance in the presidency in April 1945 and the end of the Pacific War in August, his poll ratings began to go down. They moved up after his victory in the presidential election in 1948 and during the first weeks of the Korean War. Thereafter they dropped precipitately, and in early 1951 a Gallup poll revealed an approval rating of 23 percent, as compared with Richard M. Nixon's 24 percent approval in 1974 on the eve of impeachment. But the president refused to change course<sup>292</sup>.

<sup>289</sup> Truman reconheceu que a questão internacional era o principal assunto na campanha de 1952: “*When he [Eisenhower] talked the other day in Michigan, the home State of the great Senator Vandenberg--who was a Republican of deep and honest convictions--the General sounded almost like Vandenberg. He spoke glowingly of the bipartisan cooperation that had produced what he called "foreign policy achievements" of the past few years. Among these achievements, he mentioned specifically the program of aid that saved Greece and Turkey from communism, and the Marshall plan of aid to the other free countries of Europe. But the very next day down in Illinois, which is the home territory of the isolationist Chicago Tribune and the isolationist Senator Dirksen--in Illinois, he had no trouble at all talking like an isolationist. He sneered at the same policies of aid to Greece and Turkey, and of aid to Western Europe, which he had praised as "achievements" the day before. He even attacked the Berlin airlift. And this is not the only time he has attacked the policies he worked so long to build up for our defense and the defense of the free world.*” (TRUMAN, Harry. **Address at colorado springs october 7.** [s.l.]: [s.n.], 1952).

<sup>290</sup> Como o capítulo vai mostrar, no fundo Truman “*did not think the Kremlin was poised to engage in premeditated military aggression*” (LEFFLER, Melvyn. **Safeguarding democratic capitalism: US foreign policy and national security, 1920-2015.** New Jersey: Princeton University Press, 2017. p. 118). Ele sabia que Stalin não queria uma outra Guerra, contudo, Truman usou a retórica para incitar o medo no Congresso e no público em geral fazendo parecer que os EUA deveriam esperar o pior cenário futuro possível.

<sup>291</sup> Esta tendência começa já na decisão de bombardear o Japão com artefato nuclear. Na mensagem de adeus de Truman para o público americano ele afirma “*I made the decision that the atomic bomb had to be used to end it. I made that decision in the conviction It would save hundreds of thousands of lives [...]*” (TRUMAN, Harry. **The President's farewell address to the american people.** [s.l.]: [s.n.], 1953). Atualmente se sabe que não apenas a razão para as bombas não estão nas questões militares, mas também que existiram inúmeros relatórios e memorandos internos (que com certeza Truman teve acesso) avaliando as mortes americanas em algo entre vinte mil e quarenta mil soldados, considerando-se a opção por uma invasão por terra em escala máxima, o que, pelas avaliações militares, não era nem mesmo necessária (ALPEROVITZ, Gar. Why the United States dropped the bomb. **Technology Review**, v. 93, aug./sept. 1990). Barton Bernstein argumenta que como base para a decisão constou um horrível preconceito do governo americano ao pensar que trezentos mil “*yellow sub humans*” que morreriam com as bombas não tinham valor algum (BERNSTEIN, Barton. The American Bombings Reconsidered. **Foreign Affairs**, v. 74, n. 1, jan./feb. 1995).

<sup>292</sup> FERRELL, Robert. **Presidential leadership: from Woodrow Wilson to Harry Truman.** Columbia: University of Missouri Press, 2006. p. 134-135.

O resultado foi não apenas o fato de que os Republicanos retomaram o governo, depois de 20 anos de domínio democrata, mas também a emergência do Macartismo delimitando o curso que os EUA deveriam ter dentro da Guerra Fria. Esse processo ocorre exatamente no mesmo momento que o campo científico das Relações Internacionais está sendo estruturado nos EUA. Respondendo a uma demanda política e social<sup>293</sup>: uma teoria que justificasse a luta, por quaisquer meios, contra a URSS. Uma teoria supostamente “não ideológica”<sup>294</sup> ou dependente unicamente de “decisões humanas”<sup>295</sup>. Da mesma forma que uma bússola, o Realismo garantia uma forma segura para os EUA dentro do labirinto que era a política internacional da Guerra Fria<sup>296</sup>. Esse caminho precisava ser “científico”<sup>297</sup>.

Yet in a politico-technological world, the property has increasingly lost its force as a determinant of power, and sometimes, even, of wealth. In almost all modern societies, technical skill becomes more important than inheritance as a determinant of occupation, and political power takes precedence over economics. What then is the meaning of class?<sup>298</sup>

<sup>293</sup> “The number of industry advisory committees spawned by spawned by Korean War indicates the scope of the Cold War consensus between business and the state. At the end of 1950, 68 such committees dispensed private wisdom to public officials; by 1952, 554 groups offered their expertise” (BERNHARD, Nancy. **US television news and cold war propaganda, 1947-1960**. New York: Cambridge University Press, 2003. p. 97).

<sup>294</sup> Vale notar que um dos mais destacados sociólogos americanos da época, Daniel Bell, publicou em 1960 um livro clássico chamado “The end of ideology: On the exhaustion of political Ideas in the fifties” no qual afirma que “[...] For ideology, which once was a road to action, has come to be a dead end. [...] In the Wessern world, therefore, there is today a rough consensus among intellectuals on political issues: the acceptance of a Welfare State; the desirability of decentralized power; a system of mixed economy and of political pluralism. In that sense, too, the ideological age has ended” (BELL, Daniel. **The end of ideology: on the exhaustion of political ideas in the fifties**. New York: Harvard University Press, 1960. p. 393-403). Até mesmo George Kennan, em palestras dadas para a BBC em 1957, chamadas “Reith Lectures”, reclamou do comportamento não comprometido do Departamento de Estado para com o problema da diferença ideológica: “There has been a common tendency here in the West in recent years to dismiss this ideological posture as mere window-dressing, to ignore its political content and implications, and to see behind it nothing more than a primitive lust for military conquest – usually envisaged as a determination to overrun Wessern Europe, in particular, by force of arms, as soon as military conditions might be favorable. I, personally, feel that this is a dangerously inaccurate view of what we are up against.” (KENNAN, George. **Reith lectures 1957: Russia, the atom and the west**. [s.l.]: [s.n.], 1957).

<sup>295</sup> O Congresso americano sempre expressou sua preocupação com “persons with strong Soviet leanings” com o comunismo, e esse tipo de objeção rapidamente se tornou conhecida como “ideological bias”. Já em 1946, o Congresso apresentava um plano para reformular o Departamento de Estado exigindo “to shift control over the formulation of foreign policy from the career foreign service officers of the Department to personnel of reliable [sic] ideological orientation [...] Their ideology [State Department members] was far to the left of the views held by President and his Secretary of State.” (ACHESON, Dean. **Present at the creation: My years at state department**. New York: W.W Norton, 1969. p. 162).

<sup>296</sup> KISSINGER, Henry. **Diplomacy**. New York: Simon & Schuster, 1994. p. 20.

<sup>297</sup> De fato, esse fetiche pelo científico se tornou uma das mais claras características dos anos 50 de acordo com Elaine May: “Science and technology seemed to have invaded virtually every aspect of life, from the most public to the most private. Americans were looking to professionals to tell them how to manage their lives.” (MAY, Elaine. Cold war - warm hearth: politics and the family in post-war america. In: FRASER, Steve; GERSTLE, Gary. **The rise and fall of the new deal order**. New Jersey: Princeton University Press, 1989. p. 164). Para um convincente e completo estudo a respeito desta questão veja-se Ellen Schrecker (SCHRECKER, Ellen. **No ivory tower: McCarthyism and the universities**. New York: Oxford University Press, 1986).

<sup>298</sup> BELL, Daniel. **The end of ideology: on the exhaustion of political ideas in the fifties**. New York: Harvard University Press, 1960. p. 398.

“More often than not, poor decisions are traceable not to machinery but to people – to their inexperience, their failure to comprehend the full significance of information crossing their desks, to their indecisiveness or lack of wisdom”<sup>299</sup>.

They [the years since II World War] have seen the obliteration of time-honored distinctions between foreign and domestic policy. They have Witnessed a multiplication of the resources required for national security. They have created as many new demands on our intellectual resources as upon our material wealth. They have seen science and technology move to the very center of the policy-making stage<sup>300</sup>.

### 3.2 OS ANTIGOS CÍRCULOS DE PODER, O PERÍODO TRUMAN-ACHESON

“They were private men who avoided publicity but were comfortable with public power, not as an end in itself but as a force for prosperity, security, and freedom”<sup>301</sup>.

De Marx a Weber, todos apontam para o poder das burocracias em conduzir as instituições dentro do Estado. Mesmo em teorias mais elaboradas sobre o processo de tomada de decisão<sup>302</sup>, é mostrado que elas sustentam-se prioritariamente na forma como os sujeitos compreendem o mundo. É crucial, assim, para se compreender tais decisões, conhecer as ideias, a educação e os valores morais dos que tomam as decisões. Ainda mais quando esse pequeno grupo partilha os mesmos padrões morais e formativos. William Averell Harriman<sup>303</sup>, Robert Lovett<sup>304</sup>, Dean Acheson<sup>305</sup>, George Kennan<sup>306</sup>, John McCloy<sup>307</sup> e Charlos Bohlen<sup>308</sup>, além de serem citados inúmeras vezes nas fontes primárias estudadas, formavam um círculo de

<sup>299</sup> THE US 87TH CONGRESS. **Organizing for national security**: final statement senator Henry Jackson, chairman. Washington: US government printing office, 1961. p. 5.

<sup>300</sup> THE US SENATE COMMITTEE ON GOVERNMENT OPERATIONS. **Organizing for national security**: An interim staff memorandum. Washington: [s.n.], 1959. p. 2.

<sup>301</sup> ISAACSON, Walter; THOMAS, Evans. **The wise men**: six friends and the world they made. New York: Kindle, 2013. p. 36.

<sup>302</sup> Como, por exemplo os jogos de dois níveis de Putnam (PUTNAM, Robert. Diplomacy and domestic politics: the logic of two-level games. **Revista de Sociologia Política**, Curitiba, v. 18, n. 6, p. 147-174, jun. 2010) ou os modelos decisórios de Allison. (ALLISON, Graham. Conceptual models and the Cuban Missile Crisis. **The American Political Review** 63, n. 3, p. 689-718, set. 1969).

<sup>303</sup> Embaixador norte-americano na URSS (1943-1946), embaixador norte-americano na Inglaterra (1946), secretário de Comércio no Governo Truman (1946-1948), governador de Nova Iorque (1955-1958), subsecretário de Política Internacional do Governo Kennedy (1963-1965).

<sup>304</sup> Subsecretário de Estado do governo Truman (1947-1949), vice-secretário de Defesa do Governo Truman (1950-1951), secretário de Defesa dos EUA no Governo Truman (1951-1953).

<sup>305</sup> Secretário de Estado assistente do Governo Truman (1944-1945), subsecretário de Estado no Governo Truman (1945-1947), Secretário de Estado durante o Governo Truman (1949-1953).

<sup>306</sup> Embaixador norte-americano na URSS (1952), embaixador norte-americano na Iugoslávia (1961-1963).

<sup>307</sup> Presidente do Banco Mundial (1947-1949), Alto comissário norte-americano para a Alemanha Ocupada (1949-1952).

<sup>308</sup> Especialista em URSS, tradutor norte-americano em Teerã (1943), Ialta e Potsdam (1945), Alto comissário dos EUA para a França (1949-1951), Embaixador norte-americano na URSS (1953-1957), Embaixador norte-americano para a França (1962-1968).

confiáveis conselheiros sobre política internacional utilizados por todos os presidentes desde Roosevelt até Nixon<sup>309</sup>.

De acordo com Isaacson e Thomas, quase todos os presidentes tinha esse grupo como “the wise men” (os sábios). Tal grupo parece um bom exemplo do que Wright Mills<sup>310</sup>, em 1956, descreveu como “a elite do poder”. Todos possuem semelhantes padrões culturais, tendo sido formados nas mesmas instituições, são brancos, ricos e “*had a pragmatic and businesslike preference for realpolitik over ideology*”<sup>311</sup>. Paul Nitze<sup>312</sup> se referia ao grupo como “*the golden age of Establishment*”, eles também tinham fortes conexões com “*the New York financial and legal community*”, segundo Arthur Schlesinger Jr., e todos estiveram como presidentes da Fundação Rockefeller, Ford ou Carnegie de tempos em tempos.

Essas percepções eram partilhadas tanto por Republicanos quanto por Democratas<sup>313</sup>, de tal forma que McCloy e Lovett, por exemplo, eram Republicanos e trabalharam em administrações Democratas. Os “*wise men*” deram à Política Internacional dos EUA um senso

<sup>309</sup> Perry Anderson afirma que Acheson é um dos mais importantes decision-makers dos EUA desde a Segunda Guerra (ANDERSON, Perry. **A política externa norte-americana e seus teóricos**. São Paulo: Boitempo, 2015. p. 31), veja-se também a nota de rodapé referente a esse assunto no referido livro. Charles Mee Jr. cita a “*close relation*” entre Roosevelt (e depois Truman) e os “*wise men*” (MEE JÚNIOR, Charles. **Paz em Berlim**: a conferência de Potsdam em 1945 e seu mister de encerrar a segunda guerra mundial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007. p. 11; 18; 56-62), Robert Ferrel cita Acheson como parte do chamado grupo da “*seven minute discussion*” para a decisão de produzir a bomba de Hidrogênio em 1950, revelando o nível de confiança de Truman em Acheson (FERRELL, Robert. **Presidential leadership: from Woodrow Wilson to Harry Truman**. Columbia: University of Missouri Press, 2006. p. 133), enquanto Barry Rubin descreve as ações de Acheson dentro do Departamento de Estado antes mesmo da morte de Roosevelt e indo até 1952 (RUBIN, Barry. **Secrets of state: the state department and the struggle over US foreign policy**. New York: Oxford University Press, 1987. p. 32-34; 37-38).

<sup>310</sup> De fato, Mills cita textualmente “*the Harrimans*”, Dean Acheson, Charles Bohlen e John McCloy como parte do seu grupo de estudo ou como figuras notáveis que caberiam dentro do conceito por ele trabalhado (MILLS, Charles Wright. **The power elite**. Oxford: Oxford University Press, 2000).

<sup>311</sup> ISAACSON, Walter; THOMAS, Evans. **The wise men: six friends and the world they made**. New York: Kindle, 2013. p. 25.

<sup>312</sup> Diretor de Planejamento do Departamento de Estado no Governo Truman (1950-1953), presidente da Foreign Service Educational Foundation (Escola para Formação de Diplomatas) (1953-1961), Secretário da Marinha (1963-1967), vice-secretário de Defesa dos EUA (1967-1969).

<sup>313</sup> Tanto observadores distantes, quanto políticos dentro do processo reconheceram a particularidade do “*Establishment*”. Escrevendo para uma revista inglesa secretamente patrocinada pela CIA, Leslie Fiedler afirma: “[...] it is just as important that McCarthy’s initial attack was directed against the State Department under Acheson (and against Harvard behind him) as that it was directed against the Communists. Acheson is the projection of all the hostilities of the mid-Western mind at bay: his waxed moustache, his cultivated accent, his personal loyalty to a traitor who also belonged to the Harvard Club; one is never quite sure that he was not invented by a pro-McCarthy cartoonist.” (FIEDLER, Leslie. **Encounter**, aug. 1954). Por outro lado, o governador de Nova Iorque Thomas Dewey deu uma entrevista para o *New York Daily* em 1950, afirmando que “*The foreign policy of the US, even before World War II, was dominated by all powerful, super-secret, inner circle of highly educated, socially highly placed sexual misfits in the State Department, all easy to blackmail, all susceptible to blandishments by homosexuals in foreign nations*” (CUORDILEONE, Kyle. **Politics in an age of anxiety: cold war political culture and the crisis in american masculinity 1949-1960**. **Journal of American History**, v. 87, n. 2, p. 515-545, sep. 2000. p. 533). Isto, segundo Gaddis, é chamado de “*bipartisan unity on foreign policy*” (GADDIS, John Lewis. **The united states and the origins of the cold war, 1941-1947**. New York: Columbia University Press, 1972. p. 341).

de tradição e continuidade até o período de Eisenhower. The 1953 em diante, fora servirem de conselheiros ocasionais por algum tempo, eles foram afastados dos cargos decisórios em política externa, ao mesmo tempo em que a “teoria científica” de Relações Internacionais (o Realismo) se solidificava.

Kennan, who in a real sense never felt comfortable in the changing American society of the mid-twentieth century, blamed the erosion of the traditional Foreign Service on the great democratizers whose attentions encumbered the department. This was only a further trial for that honorable company of men who have faithfully served successive American presidents and secretaries of state in a diplomatic capacity, often at considerable personal sacrifice, only to find themselves one day suddenly and mysteriously discarded<sup>314</sup>.

Não antes senão na metade dos anos 50 que a política externa americana se tornou efetivamente anticomunista. Apesar dos historiadores normalmente apontarem para a Doutrina Truman como o ponto inicial da política de rivalidade da Guerra Fria, a verdade é que foi a política doméstica que levou Truman a consolidar seu sistema de duas narrativas a respeito da Política externa. Enquanto o Departamento de Estado precisava obter do Congresso a aprovação dos recursos financeiros para seus projetos<sup>315</sup>, eles não toleravam a influência legislativa na forma como as questões de política externa eram geridas<sup>316</sup>. Nesse sentido, Dean Acheson criou a fórmula “*clearer than the truth*”<sup>317</sup> para resolver todos os problemas de relacionamento dentro

---

<sup>314</sup> RUBIN, Barry. **Secrets of state: the state department and the struggle over US foreign policy**. New York: Oxford University Press, 1987. p. 23.

<sup>315</sup> O Congresso cortou fundos referentes aos programas que tratavam do conflito EUA-URSS. “*Despite their growing antipathy toward the Soviet Union [William] Benton’s [assistant secretary of state for public affairs] efforts failed to impress the Congress. In May 1946, the House Appropriations Committee cut his request by 48%, from \$19,284,778 to \$10,000,000.*” (BELMONTE, Laura. **Selling the American way: US propaganda and the cold war**. Philadelphia: Pennsylvania Press, 2008. p. 17).

<sup>316</sup> Desde o início do seu mandato, Truman experimentou problemas em se tratando de lidar com o Congresso. Por exemplo, Mee Jr. afirma que em 16 de julho de 1945 o Congresso reduziu os poderes presidenciais para declarar guerra “*for the first time ever*” (MEE JÚNIOR, Charles. **Paz em Berlim: a conferência de Potsdam em 1945 e seu mister de encerrar a segunda guerra mundial**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007. p. 68). Em sua campanha em 1948, Truman chamou o Congresso americano de “*do-nothing Congress*” (TRUMAN, Harry. **Know nothing, do nothing congress. Truman campaigning speech october 7, Elizabeth**. 1948).

<sup>317</sup> “*The problem was that those unsophisticated congressmen, not to mention the public, took sweeping language literally. Congressman Lyndon Johnson of San Marcos State Teachers College, sitting in the audience that day, had no way of knowing that Truman did not really mean what he said. It was undoubtedly necessary to make arguments ‘clearer than the truth’, as Acheson later put it, in order to strike a deal with Congress*” (ISAACSON, Walter; THOMAS, Evans. **The wise men: six friends and the world they made**. New York: Kindle, 2013. p. 398). Robert Beisner sublinhou que Acheson também criou a campanha para a chamada “*total diplomacy*” que o secretário acreditava poderia fazer ambos, o presidente e o público americano mais próximos “*to his view of what must be done*” (BREISNER, Robert. **Dean Acheson: a life in the cold war**. New York: Oxford University Press, 2006. p. 244). Veja-se também o discurso de Dean Acheson para o Congresso antes do pronunciamento de Truman apresentando sua doutrina (ACHESON, Dean. **Present at the creation: My years at state department**. New York: W.W Norton, 1969. p. 219). No mesmo sentido veja-se Nancy Bernhard (BERNHARD, Nancy. **US television news and cold war propaganda, 1947-1960**. New York: Cambridge University Press, 2003. p. 69-93).

do governo. Por criar uma atmosfera de medo referente ao cenário internacional<sup>318</sup>, Acheson pensava que seria capaz de atingir dois objetivos: (1) manter o fluxo de dinheiro para o Departamento de Estado, aprovado pelo Congresso<sup>319</sup>, e (2) dar ao Departamento de Estado um sentido de ser necessário (e ao Governo Truman como um todo) para a classe política e para o cidadão americano em geral.

The task of a public officer seeking to explain and gain support for a major policy is not that of the writer of a doctoral thesis. Qualification must give way to simplification of statement, nicety and nuance to bluntness, almost brutality, in carrying home a point. It is better to carry the hearer or reader into the quadrant of one's thought than merely to make a noise or to mislead him utterly [...] **If we made our points clearer than the truth, we did not differ from most other educators and could hardly do otherwise**<sup>320</sup>

Apesar da inesperada chegada de Truman à Presidência<sup>321</sup>, ele manteve quase todas as linhas principais de Roosevelt quanto às questões internacionais<sup>322</sup>. A conferência de Potsdam reproduziu muito desta mesma lógica pessoal, com Truman sendo muito mais próximo de Stalin

<sup>318</sup> “At the outset of the Cold War, a return to isolationism on the part of the American people was countered by presenting Soviet expansionism as direct threat to our own freedom” (RUBIN, Barry. **Secrets of state: the state department and the struggle over US foreign policy**. New York: Oxford University Press, 1987. p. 13); “By aggravating Soviet fears, the United States might foster what it wished to avoid. American self-restraint, however, might be reciprocated by the Soviets, providing time for Western Europe to recover and for the British to reassert some influence on the Continent” (LEFFLER, Melvyn. **Safeguarding democratic capitalism: US foreign policy and national security, 1920-2015**. New Jersey: Princeton University Press, 2017. p. 133).

<sup>319</sup> Truman afirmou na *Special Conference with Editors of Business and Trade Papers* em 23 de abril de 1948: “So I am asking for what amounts fundamentally to a police force – in the situation of this country – which will keep peace in the world.” (HARRY S. Truman Presidential Library & Museum. **The President's special conference with editors of business and trade papers**. EUA: HARRY S. Truman Presidential Library & Museum, 1948); No State of the Union Address, em 1953, Truman afirmou “*Financing World War II left us with a tremendous public debt, which reached 279 billion dollars at its peak in February 1946. [...] For the four fiscal years from July 1, 1946, to June 30, 1950 we had a net surplus of 4,3 billion dollars*” (TRUMAN, Harry. **Annual message to the congress on the state of the union**. Washington: [s.n.], 1953). A assustadora possibilidade de uma futura guerra aberta contra a URSS ajudou o governo a manter os impostos tais quais eram durante o período de guerra, com alguns aumentos ainda, sem medo de críticas políticas ou administrativas. (GADDIS, John Lewis. **The united states and the origins of the cold war, 1941-1947**. New York: Columbia University Press, 1972. p. 317).

<sup>320</sup> ACHESON, Dean. **Present at the creation: My years at state department**. New York: W.W Norton, 1969. p. 375, grifo nosso).

<sup>321</sup> Dobbs cita um diálogo entre Truman e um reporter em 23 de abril de 1945: “*Good Luck, Mr. President*” – ao que Truman respondeu, “*I wish you didn't have to call me that*”. Dobbs ainda menciona “*Overnight, Truman, had become the leader of an emerging superpower at the climax of a global cataclysm*” (DOBBS, Michael. **Six Months in 1945: FDR, Stalin, Churchill and Truman from world war to cold war**. New York: Kindle, 2012).

<sup>322</sup> “*The ambassador assured the commissar that the new president, Harry Truman, would pursue the same policies as his predecessor.*” (DOBBS, Michael. **Six Months in 1945: FDR, Stalin, Churchill and Truman from world war to cold war**. New York: Kindle, 2012). “*When Harry S. Truman became president of United States on April 12, 1945, he had no intention of reversing Franklin D. Roosevelt's strategy of cooperation with the Soviet Union*” (GADDIS, John Lewis. **The united states and the origins of the cold war, 1941-1947**. New York: Columbia University Press, 1972. p. 198).

do que de Churchill<sup>323</sup>, da mesma forma que fora Roosevelt em Ialta e Teerã<sup>324</sup>. Não fosse pelo sucesso do teste da Bomba Atômica, durante a conferência, Potsdam teria terminado da forma como Roosevelt imaginava: com os americanos em última instância aceitando a ideia de “zonas de segurança” (zonas de influência) de Stalin em troca do apoio soviético para a decisão da guerra contra o Japão<sup>325</sup>.

Assim, a bomba foi como uma libertação para Truman. Ele não precisava mais se manter restrito aos princípios rooseveltianos mais. Enfim, Truman poderia se tornar um presidente de verdade e não apenas o vice de Roosevelt que assumiu o cargo<sup>326</sup>. Esse senso de singularidade histórica não surgiu totalmente senão durante a Conferência de Potsdam, quando Truman passou a exibir um reforço em sua confiança enquanto avançava e revia antigos acordos de Roosevelt com os russos. Logo após Potsdam, contudo, uma difícil prestação de contas precisou ser feita dado o aumento do sentimento de ódio (Red Scare) por todo o país.

(Journalist question) Mr. President, how do you feel about the section [Senate resolution 99 of 1951<sup>327</sup>] in which they say that it is essential that you not send more [troops] without their approval?

<sup>323</sup> Esta visão é amplamente aceita. Veja-se Trachtenberg (TRACHTENBERG, Marc. **The cold war and after: history, theory, and the logic of international politics.** Princeton: Princeton University Press, 2012. p. 81), Leffler (LEFFLER, Melvyn. **For the soul of mankind.** New York: Hill and Wang, 2007. p. 42-44), (DOBBS, Michael. **Six Months in 1945: FDR, Stalin, Churchill and Truman from world war to cold war.** New York: Kindle, 2012), (HASLAM, Jonathan. **Russia's cold war: from the october revolution to the fall of the wall.** Kindle. Londres: Yale University Press, 2011), (MEE JÚNIOR, Charles. **Paz em Berlim: a conferência de Potsdam em 1945 e seu mister de encerrar a segunda guerra mundial.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007), (BOHLEN, Charles. **Witness to history: 1929-1969.** New York: WW Norton & Company, 1973. p. 146-147).

<sup>324</sup> BUTLER, Susan. **Roosevelt and Stalin: portrait of a partnership.** New York: Alfred Knopf, 2015. p. 41.

<sup>325</sup> “*Dividing Europe with Russia was not all what FDR had in mind when he risked his life to meet Joseph Stalin and Winston Churchill in the Crimea in the waning days of World War II. Like most Americans, he was repulsed by anything that smacked of ‘empires’, ‘balance of power’, and ‘sphere of influence’.* In the grand Rooseveltian scheme, a new world organization would assume primary responsibility for ensuring the ‘lasting peace under the benign supervision of the victorious allies. The president wanted American soldiers to come home from Europe and Asia as quickly as possible” (DOBBS, Michael. **Six Months in 1945: FDR, Stalin, Churchill and Truman from world war to cold war.** New York: Kindle, 2012). Os sentimentos de Roosevelt sobre a União Soviética podem ser sintetizadas no brinde que ele propõe em 30 de novembro de 1943 ainda em Teerã: “*It has many varying colors, each different, but blending into one glorious whole. Thus, with our nations. We have differing customs and philosophies and ways of life. Each of us works out our scheme of things according to the desires and ideas of our people. But we have proved here at Teheran that the varying ideals of our nations can come together in a harmonious whole, moving unitedly for the common good of ourselves and of the world. So, as we leave this historic gathering, we can see in the sky, for the first time, that traditional symbol of hope, the rainbow.*” (BOHLEN, Charles. **Witness to history: 1929-1969.** New York: WW Norton & Company, 1973. p. 150).

<sup>326</sup> “*Truman's personal goals at Potsdam were quite simple. He wanted to prove to Stalin that he was his own man, a real leader, in firm command of the United States government.*” (BOHLEN, Charles. **Witness to history: 1929-1969.** New York: WW Norton & Company, 1973. p. 229).

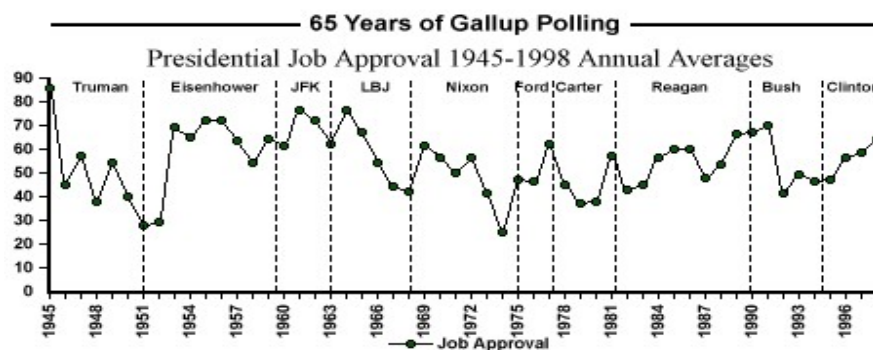
<sup>327</sup> A participação dos EUA com tropas militares terrestres no esforço internacional da Europa Oriental para deter ou resistir a um ataque militar soviético recebeu imensa aprovação no Senado no dia 4 de abril, no segundo aniversário da assinatura do tratado da OTAN. A votação foi por 69 a 21 e esta prece ser o fim definitivo de qualquer ideia isolacionista para os EUA que rondava o Congresso americano desde antes da Segunda Guerra. O preâmbulo da resolução senatorial afirma que “*the security of its partners under the North Atlantic Treaty*



(President answer) Well, the situation will develop as we go along. The Senate and the House have always been consulted in any major policy, and that situation will develop in the usual manner. Every part of our foreign policy has been carried out after careful consideration and consultation with both Houses of the Congress from the beginning, since I had been President on April 12, 1945. The policy had been carried out by President Roosevelt, and I continued the policy<sup>328</sup>.

Desde o fim da Conferência de Potsdam até o início da Guerra da Coreia, a aprovação de Truman manteve-se numa descendente. A combinação de três fatores podem explicar esse fenômeno: (1) a detonação por parte dos soviéticos de seu artefato nuclear (1949), (2) a vitória dos comunistas na Revolução Chinesa (1949) e a decisão da Coreia do Norte de invadir o sul capitalista pela unificação do país. Num piscar de olhos, “*there was within the Soviet orbit 180 million people [until 1945] [...], and only six years later, there are 800 million people under the absolute domination of Soviet Russia – an increase of over 400 percent*” nas palavras do senador Joseph McCarthy<sup>329</sup>. Surpreendentemente, em dezembro de 1950, o “*authorized defense spending had nearly quadrupled from its \$13 billion level in June*”<sup>330</sup>.

Figura 2 - Long-term gallup poll trends: a portrait of american public opinion through the century



Fonte: NEWPORT<sup>331</sup>

and [...] the commitments of that treaty are [...] an essential part of our [U.S.] foreign policy.” A colocação do General Eisenhower como comandante supremo das tropas e a colocação de quatro divisões americanas a seu serviço foram aprovadas especificamente. O senado resistiu ainda às propostas de limitar previamente o número de soldados americanos na Europa ou criar uma proporção a ser seguida entre os soldados americanos e os europeus. Contudo, a resolução final deixa escrito que o “sense of the Senate” é de que nenhuma outra tropa terrestre, além das quatro autorizadas, deveria ser mandada para a Europa “**without further congressional approval.**” (THE US 82nd CONGRESS. **Record of the 82nd Congress (First Session)**. 1951).

<sup>328</sup> TRUMAN, Harry. The President's news conference april 5. [s.l.: s.n.], 1951.

<sup>329</sup> Joseph McCarthy “*Enemies from Within*” discurso dado em Wheeling, West Virginia em 1950.

<sup>330</sup> CUMINGS, Bruce. **The end of the cold war: its meaning and implications**. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.

<sup>331</sup> NEWPORT, Frank; MOORE, David W.; SAAD, Lydia. **Long-term gallup poll trends: a portrait of american public opinion through the century**. 1999. Disponível em: <<https://news.gallup.com/poll/3400/longterm-gallup-poll-trends-portrait-american-public-opinion.aspx>>. Acesso em: 10 nov. 2017.

Os comunistas pareciam surgir “do nada” dentro do teatro político da Ásia, ao mesmo tempo que o orçamento do Departamento de Estado norte-americano era constantemente aumentado. Nem mesmo o sucesso do esquema de abastecimento aéreo que foi usado para contornar o bloqueio de Berlim<sup>332</sup> (Airlift) indicava qualquer melhoria na idéia de “conter” os soviéticos. A própria ideia do “containment” precisa ser mais bem explicada<sup>333</sup>, contudo, o Bloqueio de Berlim foi pensado pelos soviéticos, não como uma forma de rivalizar com os EUA (já no sentido da Guerra Fria), mas para evitar que o Ocidente viesse a dividir a Alemanha já naquele momento<sup>334</sup>. Ainda assim, para o entendimento da população americana a questão foi apresentada como para os EUA “shall not be ‘coerced’ out of Berlin.”. Truman e o Departamento de Estado, entretanto, sabiam não ser esse o caso<sup>335</sup>, Stalin nunca pensou em

<sup>332</sup> Sobre a escala feita na ponte aérea em Berlim veja-se Haslam “*Blockade West Berlin*” (HASLAM, Jonathan. **Russia's cold war: from the october revolution to the fall of the wall.** Kindle. Londres: Yale University Press, 2011). “*Keeping Berlin alive required 4000 tons a day, or a C-54 every three minutes and forty-three seconds*” (ISAACSON, Walter; THOMAS, Evans. **The wise men: six friends and the world they made.** New York: Kindle, 2013. p. 459). Truman disse em uma conferência em 1953 “*There was an attempt to take over Greece and Turkey. Well you know the result of that. Greece and Turkey are free countries. Then came the Berlin airlift, and the Berlin is still a free city*” (TRUMAN, Harry. President conference at april 24 1952. **The President's News Conference.** 1952).

<sup>333</sup> A ideia da “contenção” conforme apresentada por Kennan, reconhecia o argumento russo em favor da “*sphere of influence*”, e somente a partir daí “*America and Britain must be friendly but firm in making clear where the line lay*”. Kennan afirmou que se opor de forma bélica a cada ação soviética era um mal entendido sobre sua ideia original: “*I regret having written it [the “X” telegram] exactly the way I did. But it was meant to sound – and did sound, I think, at the time – a hopeful note, urging people to believe that our differences with the Soviet Union of Stalin’s day, while serious indeed, were not ones that could be solved only – or indeed solved at all – by war. [...] The importance of the “X” article was distorted out of all reasonable proportion by the treatment it received at the hands of the press.*” (KENNAN, George, GATI, Charles; ULLMANN, Richard. Interview with George F Kennan. **Foreign Policy**, v. 7, p. 5-21, summer. 1972. p. 20).

<sup>334</sup> Tony Judt argumenta de forma convincente “*Stalin’s purpose in blockading Berlin was to force the West to choose between quitting the city (taking advantage of the absence in the Potsdam protocols of any written guarantee of Allied surface access to it)*” (JUDT, Tony. **Postwar: a history of Europe since 1945.** New York: Penguin Press, 2005. p. 146). Carolyn Eisenberg afirma que não apenas as potências ocidentais unilateralmente saíram dos acordos de Ialta e Potsdam, como elas não informaram seus respectivos legislativos a respeito desse fato (EISENBERG, Carolyn. **Drawing the line: the american decision to divide germany 1944-1945.** Cambridge: Cambridge University Press, 1998). Existiam também inúmeros problemas quanto ao manejo macroeconômico uma vez que o Ocidente estava fazendo entrar de propósito moeda estrangeira na zona soviética (THE US STATE DEPARTMENT. **Report on the Moscow discussions.** 1948). Ainda assim, nenhum líder pretendia ir à Guerra por Berlim, de acordo com Judt e Haslam (HASLAM, Jonathan. **Russia's cold war: from the october revolution to the fall of the wall.** Kindle. Londres: Yale University Press, 2011). Acheson tratou das razões para o bloqueio como “*technical transportation difficulties and the currency reform*”. (ACHESON, Dean. **Present at the creation: My years at state department.** New York: W.W Norton, 1969. p. 268) que as potências ocidentais estavam levando a cabo em suas zonas. Carolyn Eisenberg trouxe um bom argumento sobre o comportamento dentro do Departamento de Estado a respeito desta questão quando mencionando sobre os eventos em 1947 Truman “*did not seem aware that his subordinates were propelling [Germany] separation, nor did he apprehend the gravity of the Soviet response*” (EISENBERG, Carolyn. **Drawing the line: the american decision to divide germany 1944-1945.** Cambridge: Cambridge University Press, 1998).

<sup>335</sup> “*During the Berlin blockade, army intelligence reported few signs of Soviet preparations for war; naval intelligence maintained that the Soviets desired to avoid war yet consolidate their position in East Germany.*” (LEFFLER, Melvyn. **Safeguarding democratic capitalism: US foreign policy and national security, 1920-2015.** New Jersey: Princeton University Press, 2017. p. 137).

expulsar (ou tentar uma expulsão) dos Estados Unidos de Berlim, mas ele não poderia permitir nem a divisão da Alemanha nem o abandono da política financeira comum para a região.

“Despite his alarmist cable of March 5, designed to galvanize congressional support for increased defense expenditures, General Lucius Clay, the American military governor in Germany, did not believe war imminent”<sup>336</sup>.

Em um “*top secret*” resumo de telegramas, datados de 12 de maio de 1949 (o mesmo dia em que Stalin, por decisão própria, removeu o Bloqueio de Berlim), a visão do governo norte-americano era clara:

Our major premise is that we are concerned with the **future of Europe** and not with Germany as a problem by itself. If we can integrate a larger part of Germany than we now control into western Europe under favorable conditions, we would favor doing so, and we would not attempt to keep western and eastern Germany apart. We seek the withdrawal of Soviet troops from Germany but the withdrawal of American and British troops would be too high a price to pay for this, and a proposal involving our withdrawal would be rejected [by Congress]<sup>337</sup>.

O General Lucius Clay, chefe das forças militares dos EUA na Alemanha, avisou ao Departamento de Estado que “the establishment of the West German government would inevitably be postponed” porque o “*German sentiment is now turning against it*”<sup>338</sup>. Apesar de Truman, exageradamente, afirmar que havia “*set the course that can win it [Guerra Fria]*”<sup>339</sup>, Acheson tinha uma visão completamente diferente:

My own view was that the airlift had been a success, but had not ended the Russian campaign. That would be continued at the foreign ministers’ meetings. With the blockade demonstrated failure, Stalin had raised it to carry on the war against a West German government by political means. [...] I did not expect the Council of Foreign Ministers to accomplish more than uneasy *modus vivendi* with Russians<sup>340</sup>.

Esse é um exemplo preciso da forma como o Departamento de Estado no tempo de Truman, guiado pelos “*wise men*”, comportavam-se diante do Congresso e da imprensa<sup>341</sup>:

---

<sup>336</sup> LEFFLER, Melvyn. **Safeguarding democratic capitalism**: US foreign policy and national security, 1920-2015. New Jersey: Princeton University Press, 2017. p. 136.

<sup>337</sup> THE US STATE DEPARTMENT. **Summary of telegrams may 12**. 1949.

<sup>338</sup> THE US STATE DEPARTMENT. Report on US public opinion on the Berlin situation July 29. 1948; THE US STATE DEPARTMENT. United states policy and the USSR. 1949.

<sup>339</sup> TRUMAN, Harry. The President's farewell address to the american people. [s.l.]: [s.n.], 1953.

<sup>340</sup> ACHESON, Dean. **Present at the creation**: My years at state department. New York: W.W Norton, 1969. p. 274.

<sup>341</sup> O pensamento de Acheson sobre o papel que a “imprensa livre” tem em “*an open society in conducting diplomatic interchanges with a closed one*” não era bom: “[...] *able correspondents tried to push me further into saying what they wanted for their purposes, which unfortunately were incompatible with mine.*”

“*Senators are a prolific source of advice, but most of it is bad. [...]*”<sup>342</sup>. Assim, existia sempre uma narrativa para o Congresso e para a imprensa e outros motivos para os processos de decisão internos. O uso desse sistema de “duas narrativas” vem já desde o documento informativo sobre a Conferência de Potsdam (de 2 de agosto de 1945) apresentado à imprensa e ao Congresso norte americano. Truman deliberadamente apresentou uma narrativa amena sobre a aceitação norte-americana da ideia de “zonas de segurança” em Potsdam<sup>343</sup>. Lê-se, no documento apresentado ao Congresso, que Romênia, Bulgária e Hungria receberiam uma “*revision of procedures of the Allied Control Commissions [...] taking into account the interests and responsibilities of the three governments which together presented the terms of the armistice*”. Mais adiante o documento menciona que:

The three governments have no doubt that in view of the changed conditions resulting from the termination of the war in Europe, representatives of the Allied press will enjoy full freedom to report to the world upon developments in Rumania, Bulgaria, Hungary, and Finland”<sup>344</sup>.

Ainda que esta seja a transcrição de uma parte do documento oficial de comunicado final da “Tripartite Conferência de Berlim” (Potsdam), Truman sabia que estava contando uma versão “*clearer than the truth*”<sup>345</sup> muito em função das preocupações de Stalin (mencionadas pessoalmente a Truman ainda durante a conferência) sobre a zona soviética de segurança. Truman foi ainda mais longe “aclarando” a questão para o cidadão americano e para a imprensa,

---

(ACHESON, Dean. **Present at the creation**: My years at state department. New York: W.W Norton, 1969. p. 268-269). Uma visão muito semelhante é expressa por Barry Rubin, quando fala sobre os problemas entre a democracia e a política externa gerenciada pelo Departamento de Estado: “*Pluralism is implicit in the American style of decision-making. A critical media unrestricted by secrecy laws, a broad variety of interest groups, and a large community of academics and analysts judge every issue and action. The U.S. Congress has more power than do other countries’ parliaments. Executive branch political appointees in the most seemingly homogeneous administration wage heated debates and struggles based on institutional interests, ideological shadings, and their personal relations or abilities.*” (RUBIN, Barry. **Secrets of state**: the state department and the struggle over US foreign policy. New York: Oxford University Press, 1987. p. 6).

<sup>342</sup> ACHESON, Dean. **Present at the creation**: My years at state department. New York: W.W Norton, 1969. p. 266.

<sup>343</sup> Esta prática não é nova e os americanos não foram os únicos a usarem-na. As transcrições soviéticas da conferência de Potsdam têm discrepâncias que revelam o pensamento soviético sobre política internacional. Por exemplo, eles apagaram das transcrições a aceitação de Stalin à proposta de Churchill para que a URSS não invadisse na Grécia (BEITZELL, Robert (ed.). **Theran, Yalta, Potsdam**: soviet protocols. Mississipi: Hattiesburg, 1970. p. vii).

<sup>344</sup> TRUMAN, Harry. Report on the conference (Potsdam). **Conference Reports, Protocols and Press Releases**, Kansas. 1945.

<sup>345</sup> Parece que Truman aprende com o próprio Roosevelt: “*On July 25 [1941], the day before issuance of the freezing order, the White House released a statement of the President “speaking informally” to the Volunteer Participation Committee, volunteers for civilian-defense activities. FDR was at his best, making policy clearer than truth itself.*” (ACHESON, Dean. **Present at the creation**: My years at state department. New York: W.W Norton, 1969. p. 25, (grifo nosso).

em uma entrevista de rádio em 9 de agosto de 1945. O presidente norte-americano afirma textualmente que “*It was reaffirmed in the Berlin Declarations on Rumania, Bulgaria, and Hungary. These nations are not to be spheres of influence of any power*”<sup>346</sup>. Esta afirmação é simplesmente uma inverdade. Não apenas porque o próprio Truman, ainda em Potsdam, chamou todos esses países (como também a Itália) de “*satellite countries*”<sup>347</sup>, reconhecendo, assim, a postura de Roosevelt na aceitação do conceito de zona de segurança em Ialta<sup>348</sup>, mas, mais claramente, porque Stalin fez declarações públicas sobre estas ideias durante toda a conferência<sup>349</sup>:

It might happen that the Allies could sign a peace treaty with Italy without us. So what? Then we have a precedent. We would get a possibility in our turn to reach a peace treaty with [the countries of Central Europe] without Allies. Stalin em um cabograma a Molotov em 12 de Setembro de 1945<sup>350</sup>.

### 3.3 A DOCTRINA TRUMAN

A mesma ideia de “duas narrativas” (uma para o público e para a imprensa e outra vinda dos conselheiros e burocratas) pode ser percebida na Declaração pública da Doutrina Truman. Em 12 de março, Truman falou ao Congresso sobre “*the gravity of the situation which confronts the world today*”<sup>351</sup> para pedir a liberação de US\$ 400 milhões de dólares de adição ao orçamento, com o objetivo de preservar a Grécia e Turquia “livres” da agressão comunista<sup>352</sup>. Truman sabia que estava exagerando o problema<sup>353</sup>, ele usa a fórmula “*clearer than the truth*”

<sup>346</sup> TRUMAN, Harry. Radio report to the american people on the potsdam conference. [s.l.]: [s.n.], 1945.

<sup>347</sup> “The first question on the agenda is that of admitting Italy and other satellite countries, including Finland, to the United Nations Organisation” (sic) (BEITZELL, Robert (ed.). **Theran, Yalta, Potsdam: soviet protocols**. Mississippi: Hattiesburg, 1970. p. 237).

<sup>348</sup> (ZUBOK, Vladislav. **A failed empire: the Soviet Union in the cold war from stalin to Gorbachev**. Raleigh: University of North Carolina Press, 2007. p. 14). Para um estudo detalhado sobre o conceito e o uso do termo “esferas de influência” ver Lloyd Gardner “Spheres of Influence: The great Powers partition Europe, from Munich to Yalta. (GARDNER, Lloyd. **Spheres of influence**. Chicago: Ivan R. Dee, 1993).

<sup>349</sup> BEITZELL, Robert (ed.). **Theran, Yalta, Potsdam: soviet protocols**. Mississippi: Hattiesburg, 1970. p. 238-248.

<sup>350</sup> ZUBOK, Vladislav. **A failed empire: the Soviet Union in the cold war from stalin to Gorbachev**. Raleigh: University of North Carolina Press, 2007. p. 30.

<sup>351</sup> TRUMAN, Harry. **Truman doctrine: the greek-turkish aid program**. [s.l.]: [s.n.], 1952.

<sup>352</sup> Mesmo antes, mas convincentemente depois da eleição de 1948, Truman demonstrou em diversos episódios que a Doutrina Truman não poderia ser entendida de uma forma “dura”. Truman atrasou a pesquisa e produção da bomba H, abertamente furtou-se de se envolver no conflito da Revolução chinesa, e decidiu não agir para defender Formosa/Taiwan, por exemplo. (ACHESON, Dean. **Present at the creation: My years at state department**. New York: W.W Norton, 1969. p. 348; 306; 351, respectivamente).

<sup>353</sup> A ideia de que uma agressão militar soviética era improvável de acontecer era partilhada por quase todos os especialistas do Departamento de Estado, incluindo os republicanos como Foster-Dulles: “Soviet leaders, in their program of world conquest, have successfully kept military factors in the background of their foreign policy” (FOSTER-DULLES, John. *War or peace*. New Tork: Macmillan, 1950. p. 239). Mesmo Arthur

para lidar com o público e com o Congresso<sup>354</sup>. Faz isto, em primeiro lugar, porque em Ialta e Potsdam, ele sabia que Stalin tinha acordado com Churchill sobre não interferir na esfera britânica de influência<sup>355</sup>. Em segundo lugar, não há nenhuma novidade na questão, já que a Grécia estava recebendo ajuda financeira, desde o início de 1946 pela UNRRA (United Nations Relief and Rehabilitation Administration), num total de US\$ 358 milhões de dólares, sem qualquer menção de “ameaças comunistas”<sup>356</sup>.

A few officials objected to having the President make such a sweeping commitment. White House administrative assistant George Else noted that "there has been no overt action in the immediate past by the U.S.S.R. which serves as an adequate pretext for [an] 'All-out' speech. The situation in Greece is relatively 'abstract'; there have been other instances-Iran, for example-where the occasion more adequately justified such a speech<sup>357</sup>.

O problema da Grécia surgiu subitamente quando o governo britânico declarou secretamente aos norte-americanos (em 24 de fevereiro) sua intenção (e também necessidade

---

Schlesinger Jr., um conhecido e agressivo anticomunista afirmou que “*his [Stalin’s] initial objectives were very probably not world conquests but Russian security*” (SCHLESINGER-JR, Arthur. *The origins of the cold war. Foreign Affairs*, v. 46, n. 1, p. 22-52, oct. 1967. p. 36).

<sup>354</sup> De fato, em uma cronologia sobre o assunto, preparada internamente pelo Departamento de Estado em 28 de fevereiro de 1947 é possível ler: “*The problem, stated by, the subcommittee in its report was [...] to portray the world conflict between free and totalitarian or imposed forms of government [and] to bring about an understanding by the American people of the world strategic situation*” (THE US STATE DEPARTMENT. **Truman's doctrine chronology memorandum march 12.** 1947); Veja-se também a discussão que faz Leffler: “*Rather than expecting an imminent Soviet attack on Turkey, United States officials sought to take advantage of a favorable opportunity to enhance the strategic interests of the United States in the Middle East and the eastern Mediterranean.*” (LEFFLER, Melvyn. **Safeguarding democratic capitalism: US foreign policy and national security, 1920-2015.** New Jersey: Princeton University Press, 2017. p. 166-171).

<sup>355</sup> “*When Vasil Kolarov, a Bulgarian Communist working with Dimitrov to create a pro-Soviet Bulgaria, proposed to annex a coastal portion of Greece to Bulgaria, the Soviets refused. ‘It was impossible,’ Molotov later commented. ‘I took advice from [Stalin], and was told that it should not be done, the time is not good’. So we had to keep silent, although Kolarov pressed very hard. Stalin once said about the Greek Communists: ‘They believed, mistakenly, that the Red Army would reach to the Aegean Sea. We cannot do it. We cannot send our troops to Greece. The Greeks made a stupid error. As far as Greece was concerned, Stalin adhered to the ‘percentage agreement’ with Churchill and ceded it to the British.*” (ZUBOK, Vladislav. **A failed empire: the Soviet Union in the cold war from stalin to Gorbachev.** Raleigh: University of North Carolina Press, 2007. p. 20-21); “*It was now that Churchill quickly proposed - and Stalin as quickly accepted - the celebrated division of southeastern Europe: ending (after further haggling between Eden and Molotov) with 90 percent Soviet predominance in Rumania, 80 percent in Bulgaria and Hungary, fifty-fifty in Yugoslavia, 90 percent British predominance in Greece.*” (SCHLESINGER-JR, Arthur. *The origins of the cold war. Foreign Affairs*, v. 46, n. 1, p. 22-52, oct. 1967. p. 35).

<sup>356</sup> (ACHESON, Dean. **Memorandum for the president on Greek Economic Mission August 7.** [s.l.: s.n.], 1946. Na realidade, em um rascunho de trabalho datado de 28 de fevereiro de 1947, escrito por Joseph Merrick Jones (Assistant Secretary), ele coloca que “*If I were writing this this evening, I would change the emphasis somewhat from the general dollar problem and bring in more necessity for bolstering up democracy throughout the world*” e no mesmo document Acheson afirmou “*The theme of our new approach should be that the security of the United States depends upon our going to the aid of any and all democratic governments*” (grifo nosso) (THE US STATE DEPARTMENT. **Memoranda about truman doctrine February 28.** 1947).

<sup>357</sup> GADDIS, John Lewis. **The united states and the origins of the cold war, 1941-1947.** New York: Columbia University Press, 1972. p. 350.

em função da crise financeira que vivia) de retirar suas tropas dos Bálcãs<sup>358</sup>. Os comunistas não eram um problema significativo<sup>359</sup>, contudo, um primeiro rascunho da Doutrina Truman comparava o papel dos EUA com o da Inglaterra na arena internacional para afirmar “*As I [president Truman] speak at you [the Congress] today I am deeply conscious that a page in history has been turned*”. Truman estava novamente “fazendo história”<sup>360</sup>, e no final do documento original do rascunho do discurso é possível se ler, escrito a mão “*How far can we go?*”<sup>361</sup>.

The Soviet Union was not mentioned by name, but there was no question that the basic aim of the doctrine was to stop Soviet efforts to undermine the free nations through subversion. It seemed to General Marshall [currently Secretary of State] and to me that there was a little too much flamboyant anti-Communism in the speech. Marshall and I felt that Truman was using too much rhetoric. Marshall cabled our thoughts back to Washington. He received a replay that in the considered opinion of the executive branch, including the President, the Senate would not approve the doctrine without the emphasis on the Communist danger”<sup>362</sup>.

By the time of the August 1946 crisis, it was evident to high-level civilian policymakers, not just to military planners, that “Turkey must be preserved for reasons of Middle East strategy” as well as to prevent the falling of other dominoes in Western Europe and in the Far East<sup>363</sup>.

Enquanto isto, ao mesmo tempo que o “*bipartisan foreign policy*”<sup>364</sup> era o slogan usado para aumentar a cooperação entre o Departamento de Estado e o Congresso norte-americano, a política interna começa a esquentar. Os dois mais críticos senadores republicanos eram Robert

<sup>358</sup> THE US STATE DEPARTMENT. **Summary of telegrams february 25**. 1947.

<sup>359</sup> O embaixador Lucius Battles afirma que existiam diferenças entre o interesse americano em armar a Grécia e a Turquia e o que realmente se fazia com o armamento: “*We were arming Greeks and Turks because of the Russian threat. What they were really doing was getting ready to take a good swat at each other over Cyprus, and you could just go on and on through the area and find that kind of problem*” (MCKINZIE, Richard; WILSON, Theodore; BATTLE, Lucius. **Oral history interview with Lucius Battle**. [s.l.]: [s.n.], 1971). Assim, para os gregos e os turcos a “ameaça soviética” não era o ponto real do pedido de ajuda: “*Indeed, at the very time that Wilson sent his alarming dispatch on March 18 warning of impending Soviet aggression, both the Turkish prime minister and the secretary general of the Turkish Foreign Office were discounting that possibility*.” (LEFFLER, Melvyn. **Safeguarding democratic capitalism: US foreign policy and national security, 1920-2015**. New Jersey: Princeton University Press, 2017. p. 169).

<sup>360</sup> “*Truman’s self-tutelage in history derived largely from didactic biographies of “great men” and empires. This enhanced his vision of the globe but provided little sense of complexity or ambiguity and instilled exaggerated belief that current events had exact historical analogues that provided the key to contemporary policy*” (OFFNER, Arnold A. Provincialism and confrontation: Truman’s responsibility. In: MERRILL, Dennis (ed.). **Major problems in american foreign relations**. Volume II: Since 1914. Boston: Wadsworth Cengage Learning, 2010. p. 216).

<sup>361</sup> THE US STATE DEPARTMENT. **Truman doctrine march 3 draft**. 1947. p. 5. Ver anexos.

<sup>362</sup> BOHLEN, Charles. **Witness to history: 1929-1969**. New York: WW Norton & Company, 1973. p. 261.

<sup>363</sup> LEFFLER, Melvyn. **Safeguarding democratic capitalism: US foreign policy and national security, 1920-2015**. New Jersey: Princeton University Press, 2017. p. 174.

<sup>364</sup> Acheson explicou esta ideia de política externa com um velho ditado do “velho oeste” norte-americano: “*Don’t shot the piano player*”. (ACHESON, Dean. **Present at the creation: My years at state department**. New York: W.W Norton, 1969. p. 95).

Taft e Arthur Vandenberg<sup>365</sup>. Ambos foram nominados pelo Partido Republicano como candidatos a serem testados nas eleições primárias para presidente<sup>366</sup>, contudo enquanto Taft se apresentava como um crítico aberto de qualquer ação do Departamento de Estado<sup>367</sup>, a estratégia de Vandenberg era “*to enact publicly his conversation to a proposal, his change in attitude, a kind of political transubstantiation*”<sup>368</sup>, nas palavras de Acheson. Em um Congresso dominado pelos Republicanos, todo suporte político para os planos executivos tinham um preço, especialmente com o caso Alger Hiss já na mesa do FBI<sup>369</sup>.

Embora Acheson gozasse de completa confiança por parte de Truman<sup>370</sup>, dentro da Casa Branca estavam tanto Arthur Schlesinger Jr. Quanto McGeorge Bundy<sup>371</sup>. Ambos conselheiros de política externa estavam entre os mais anti-comunistas dentro do governo norte-americano. Apesar destas presenças, a administração Truman herdou o rótulo rooseveltiano de ser “soft” com a URSS<sup>372</sup>. Por exemplo, desde 1946, Acheson e todo o Departamento de Estado eram

<sup>365</sup> Vandenberg era um opositor do New Deal. Ele personificou a oposição à política externa de Roosevelt desde 1945. Ele recebeu e em seguida usou como argumento um comentário altamente crítico feito por Frank Januszewski (editor de jornal) sobre a decisão de Roosevelt em Ialta, afirmando que o “*system agreed upon by Stalin, Roosevelt and Churchill destroys a civilization that humanity has been centuries in building*” (LEVERING, Ralph *et al.* **Debating the origins of the cold war**. Oxford: Rowman & Littlefield, 2001. p. 67).

<sup>366</sup> As primárias ocorreram de 9 de março de 1948 até 1º de junho. O vencedor foi o governador de Nova Iorque Thomas Dewey.

<sup>367</sup> (ACHESON, Dean. **Present at the creation**: My years at state department. New York: W.W Norton, 1969. p. 96); O senador Taft tinha uma ideia completamente diferente sobre a política externa dos EUA. Em 1948, concorrendo pela indicação republicana à Presidência ele afirmou: “*It is based on the theory that we know more about what is good for the world than the world itself, it assumes that we are always right and that anyone who disagrees with us is wrong [...] Other people simply do not like to be dominated, and we would be in the same position of suppressing rebellions by force in which the British found themselves during 19<sup>th</sup> century.*” (KINZER, Stephan. **The brothers**: John Foster Dulles, Allen Dulles, and their secret world war. New York: Henry Holt and Company, 2013. p. 96).

<sup>368</sup> ACHESON, Dean. **Present at the creation**: My years at state department. New York: W.W Norton, 1969. p. 223.

<sup>369</sup> O caso Alger Hiss é uma das maiores fraquezas do Departamento de Estado no período Truman. Hiss se tornou membro do Departamento ainda durante o Governo Roosevelt e teve uma ativa participação em Ialta. Hiss foi exposto pelo comunista americano Whittaker Chambers como uma ligação entre o Departamento de Estado e o governo soviético (KRAMER, Hilton. **The twilight of the intellectuals**: culture and politics in the era of the cold war. Chicago: Ivan R Dee, 1999). Hiss foi forçado a pedir demissão em dezembro de 1946. Após, foi condenado por perjúrio em 1950 com nenhuma prova de qualquer traição aos EUA encontrada. O Departamento de Estado, Acheson e Truman passaram a ficar, desse momento em diante, na mira dos movimentos anticomunistas.

<sup>370</sup> “*Well, that’s a terribly interesting comment in terms of the relationship between Dean Acheson and President Truman and the confidence he had in that relationship and the certainty that he could go on his course and follow what he thought to be right. As long as you had the President with you there was no worry about it.*” (MCKINZIE, Richard; WILSON, Theodore; BATTLE, Lucius. **Oral history interview with Lucius Battle**. [s.l.]: [s.n.], 1971); Mesmo depois do período presidencial, Acheson e Truman continuaram muito próximos (MCCULLOUGH, David. **Affection and trust**: persona correspondenc of Harry S. Truman and Dean Acheson (1953-1971). New York: Alfred A Knopf, 2010); Veja-se também Arnold Offner para a história da Relação entre Truman Acheson e Marshall (OFFNER, Arnold A. Provincialism and confrontation: Truman’s responsibility. In: MERRILL, Dennis (ed.). **Major problems in american foreign relations**. Volume II: Since 1914. Boston: Wadsworth Cengage Learning, 2010. p. 216-217).

<sup>371</sup> WHITFIELD, Stephen. **The culture of the cold war**. Baltimore: John Hopkins University Press, 1991. p. 40.

<sup>372</sup> BERNHARD, Nancy. **US television news and cold war propaganda, 1947-1960**. New York: Cambridge University Press, 2003. p. 83.



apontados como tendo “fortes preferências pelos soviéticos, e esse viria a ser um dos pontos mais vulneráveis da administração Truman.

We, of this generation, have faced two great menaces in America – Fascism, and Communism. Both are materialistic; both are totalitarian<sup>373</sup>; both are anti-religious; both are degrading and inhuman. In fact, they differ little except in name. Communism has bred Fascism and Fascism spawns Communism. Both are the antithesis of [the] American belief in liberty and freedom. If the peoples of other countries want Communism, let them have it, but it has no place in America”. Edgar Hoover (diretor do FBI), discurso de 30 de setembro de 1946<sup>374</sup>.

Enquanto a histeria anticomunista crescia<sup>375</sup>, menos opções se tornavam viáveis para Truman no sentido de se reconciliar com os eleitores para a disputa das eleições presidenciais<sup>376</sup>. Ele havia seguido o conselho do Departamento de Estado e negado qualquer ação militar para ajudar Chiang Kai-Shek. Truman também não havia conseguido “liberar” a Europa Oriental dos comunistas. Em setembro de 1946, Truman, supostamente sem dar atenção aos discursos de seus subordinados, reconheceu a validade do discurso amigável de Henry Wallace (então secretário de comércio) para com os soviéticos<sup>377</sup>, dizendo que era “em linha”

<sup>373</sup> A tese do “estado totalitário” ou do “totalitarismo” tem sido completamente refutada pelos cientistas norte-americanos desde a década de 70. Contudo, como pode ser percebido ao longo desse capítulo esses conceitos foram usados como uma arma narrativa no início da Guerra Fria: “*If historians were divided about the merits of theories of totalitarianism, they have been even less enthusiastic about using totalitarianism as an analytical tool. They found that the totalitarian model – with its claim of a monolithic, efficient state and of a dogmatically held, mind-altering ideology – did not describe, much less explain, historic reality. It appeared as an overly mechanistic model foisted upon them by political scientists. Time and again, historians have come away disenchanted from the concept because it proved unhelpful in articulating new research questions and in organizing empirical findings. Moreover, with the deescalation of the Cold War in the context of East-West d’etente, the time seemed right to leave behind concepts and ideas that had a distinctly polemical, if not outright ideological, quality. Empirical historians, in particular, came to consider terms and concepts like totalitarianism contaminated by their Cold War exploitation*” (GEYER, Michael; FITZPATRICK, Sheila. **Beyond totalitarianism: Stalinism and nazism compared**. New York: Cambridge University Press, 2009. p. 8).

<sup>374</sup> Citado por uoted in LAFEBER, Walter. **The origins of the cold war, 1941–1947**. New York: John Wiley, 1971. p. 163-164.

<sup>375</sup> Whitfield menciona o “*Committee on Socialism and Communism [...] to remove liberals, socialists and communists from opinion-forming agencies*” em 1946 (WHITFIELD, Stephen. **The culture of the cold war**. Baltimore: John Hopkins University Press, 1991. p. 15).

<sup>376</sup> Em Agosto de 1946, uma pesquisa do Instituto Gallup mostrava que 62% dos americanos tinham uma postura menos amigável com relação à URSS do que tinham tido no último ano (Gallup Organization. Gallup Poll, Aug, 1946 [survey question]. USGALLUP.091846.RK12A. Gallup Organization [producer]. Cornell University, Ithaca, NY: Roper Center for Public Opinion Research, iPOLL [distributor], accessed Dec-5-2017), e no mesmo período 78% dos americanos acreditavam que os soviéticos tinham espiões trabalhando dentro do governo dos EUA (Gallup Organization. Gallup Poll, Jul, 1946 [survey question]. USGALLUP.082646.RK07C. Gallup Organization [producer]. Cornell University, Ithaca, NY: Roper Center for Public Opinion Research, iPOLL [distributor], accessed Dec-5-2017).

<sup>377</sup> De acordo com Peter Kuznick, Henry Wallace “*was the second most popular man in America, behind Roosevelt*” e era “*leading progressive force in the [democrat] party*” in the 30’ and 40’”. (KUZNICK, Peter. **Undoing new deal: the 1944 coup against VP Henry Wallace**. 2017. Disponível em: <<http://therealnews.com/stories/pkuznick1128dems1>>. Acesso em: 17 dez. 2017).

com a sua (de Truman) visão política<sup>378</sup>. Nas eleições de novembro, os republicanos tomaram o controle do senado, ganhando 20 cadeiras dos democratas. O pastor batista William Franklin Graham Jr. (Billy Graham), uma das estrelas conservadoras da mídia<sup>379</sup>, descreveu as políticas externas de Roosevelt e Truman como tendo “traído” a América em Teerã, Ialta e Potsdam, dando espaço para as vitórias comunistas e deixando Chiang-Kai Shek “in the lurch”<sup>380</sup>. Era o bastante. Não poderia haver mais espaço para dúvidas sobre a posição do governo Truman a respeito da política externa.

### 3.4 O LONGO TELEGRAMA

Também não é correto dizer que o “Longo Telegrama” de George Kennan (escrito em fevereiro de 1946), tomado como o primeiro enfático plano para se opor à URSS, teve um impacto imediato na política externa norte-americana<sup>381</sup>. A postura de Kennan, em realidade, nunca teve muito respeito por parte de seus contemporâneos. Charles Bohlen (um dos especialistas em União soviética) tinha duras posições a respeito das ideias políticas de Kennan, afirmando que ele tinha “*his head in a gloomy cloud of abstract notions*”. Averell Harriman (embaixador na URSS naquele momento) disse que Kennan era “*a man who understood Russia,*

<sup>378</sup> ACHESON, Dean. **Present at the creation: My years at state department**. New York: W.W Norton, 1969. p. 191.

<sup>379</sup> “*Yet the stunning and outright collaboration practiced between 1948 and 1954 in producing news and public affairs programs shaped the institutional relationships between the defense establishment and the television industry for decades, and it disseminated a picture of East-West relations steeped in consumer-oriented anticommunism*” (BERNHARD, Nancy. **US television news and cold war propaganda, 1947-1960**. New York: Cambridge University Press, 2003. p. 2); “*Throughout the early Cold War, US officials drew a stark distinction between totalitarian ‘propaganda’ characterized by falsehoods and democratic ‘information’ marked by honesty. This tactic enabled American policymakers to present the United States as the world’s exemplar of pluralism, freedom, and truth. While finessing their depiction of some unpleasant ‘truths’ about America, they crafted a national narrative of progress, prosperity, and peace*” (BELMONTE, Laura. **Selling the American way: US propaganda and the cold war**. Philadelphia: Pennsylvania Press, 2008. p. 14); “*Since world war II, the US government’s national security campaigns have usually overlapped with the commercial ambitions of major advertisers and media companies, and with the aspirations of an enterprising stratum of university administrators and professors. [...] This government-financed communication research went well beyond what would have been possible with private sector money alone and often exploited military recruits, who comprised a unique pool of test subjects.*” (SIMPSON, Christopher. **Science of coercion: communication research and psychological warfare 1945-1960**. New York: Oxford University Press, 1996. p. 3-4).

<sup>380</sup> WHITFIELD, Stephen. **The culture of the cold war**. Baltimore: John Hopkins University Press, 1991. p. 80.

<sup>381</sup> Gaddis afirma que Kennan escreveu o telegrama “*bedridden and in a bad humor*” (GADDIS, John Lewis. **George F. Kennan: an American Life**. New York: The Pinguim Press, 2011. p. 320) para afirmar, de uma forma algo heróica que “*No other document, whether written by him or anyone else, had the instantaneous influence that this one did*” (GADDIS, John Lewis. **George F. Kennan: an American Life**. New York: The Pinguim Press, 2011. p. 329). Algumas páginas à frente Gaddis contradiz a si mesmo “*Both texts [Kennan’s telegram and Churchill’s speech in Fulton] became iconic in Cold War history. Neither, however, brought about the shift in US policy toward the Soviet Union that took place during the first three months of 1946*” (GADDIS, John Lewis. **George F. Kennan: an American Life**. New York: The Pinguim Press, 2011. p. 331).

*but didn't understand the United States*”<sup>382</sup>. Dean Acheson descreveu o telegrama de Kennan como sendo constituído praticamente de “*vague recommendations*”<sup>383</sup>, e Loy Handerson afirma que Kennan era “*emotionally fragile*”<sup>384</sup>. Mesmo o mais exacerbado dos anticomunistas, John Foster Dulles, tinha Kennan como um “*dangerous man seized by emotional anticommunism*”<sup>385</sup>. É suficiente dizer, para descrever o desdenho que Acheson tinha pela visão de Kennan<sup>386</sup>, que o “Longo Telegrama” ficou esquecido na mesa de Acheson durante todo o tempo que esse discutia (juntamente com David Lillienthal) sobre a proposta de dividir, via ONU, os segredos nucleares com os soviéticos<sup>387</sup>.

Foi apenas quando o governo<sup>388</sup> teve que lidar com o aumento da crítica doméstica a sua política externa, em função da ideia de ser “*soft*” com a URSS, que Kennan se transformou

<sup>382</sup> ISAACSON, Walter; THOMAS, Evans. **The wise men: six friends and the world they made**. New York: Kindle, 2013. p. 227.

<sup>383</sup> (ISAACSON, Walter; THOMAS, Evans. **The wise men: six friends and the world they made**. New York: Kindle, 2013. p. 355). As relações entre Kennan e Acheson nunca foram boas. Acheson tinha Kennan como alguém com uma especial fraqueza para a ideologia e não para “*objective analysis*” (ISAACSON, Walter; THOMAS, Evans. **The wise men: six friends and the world they made**. New York: Kindle, 2013. p. 352). O momento mais alto de Kennan foi durante o período de George Marshall como Secretário de Estado (1948-1949), George Kennan foi “*chief of Policy Planning Staff*”, um grupo criado dentro do Departamento de Estado. Coincidentemente, o auge da atividade política de Kennan foi o mesmo período em que Acheson pediu para ser liberado de suas funções no Departamento para tratar de questões pessoais. Pode-se conhecer os comentários ácidos de Acheson sobre os textos de Kennan através de suas memórias. (ACHESON, Dean. **Present at the creation: My years at state department**. New York: W.W Norton, 1969. p. 430; 446; 476).

<sup>384</sup> (GADDIS, John Lewis. **George F. Kennan: an American Life**. New York: The Pinguim Press, 2011. p. 316); Em um longo estudo sobre as ideias de Kennan, Anders Stephanson conclui que Kennan “*made no real effort to visualize how the Russians perceived the United States and its goals in world politics*” (STEPHANSON, Anders. **Kennan and the art of foreign policy**. Cambridge: Harvard University Press, 1992. p. 109). Anders também argumenta que as explicações de Kennan sobre a história da URSS “*actually concerns Bolshevik or Soviet hostility toward outside, not the nature of its expansionism*” (STEPHANSON, Anders. **Kennan and the art of foreign policy**. Cambridge: Harvard University Press, 1992. p. 77).

<sup>385</sup> KINZER, Stephan. **The brothers: John Foster Dulles, Allen Dulles, and their secret world war**. New York: Henry Holt and Company, 2013. p. 134.

<sup>386</sup> “*Acheson was still considered, by himself and the others, a traditional “liberal”, one of the Frankfurter-New Deal crowd that believed strongly in both America’s global role and the need for good relations with Russia. I. F. Stone wrote in Nation magazine that Acheson was “friendly to the Soviet Union” and represented “by far the best choice for Under Secretary*” (ISAACSON, Walter; THOMAS, Evans. **The wise men: six friends and the world they made**. New York: Kindle, 2013. p. 322).”

<sup>387</sup> (ACHESON, Dean. **Present at the creation: My years at state department**. New York: W.W Norton, 1969. p. 149-156); Não foi apenas dentro da máquina do governo que a visão de Kennan foi fortemente contestada, Carolyn Eisenberg afirma que “*Significantly, the leaders of US military government in Germany did not share Kennan’s assessment. In hundreds of cables and oral reports they highlighted the weakness of the Communist Party in wessern Germany [...] these observers also believed the Russians were economically desperate, and would forfeit political advantages in order to garner reparations*” (EISENBERG, Carolyn. **Drawing the line: the american decision to divide germany 1944-1945**. Cambridge: Cambridge University Press, 1998. p. 489).

<sup>388</sup> “*Before the end of the decade, Kennan would indeed find himself in opposition to the logic of extending military alliances around the Soviet perimeter, which was gaining ascendancy in Washington, the logic of a global wall of ‘unassailable barriers’ for which [Walter] Lippmann had taken him to task*” (STEPHANSON, Anders. **Kennan and the art of foreign policy**. Cambridge: Harvard University Press, 1992. p. 102).

no “*Mr. X*”<sup>389</sup> e o “Longo Telegrama” apareceu publicado na *Foreign Affairs*<sup>390</sup>, em uma versão mais elaborada chamada “*The sources of the Soviet Conduct*”, em julho de 1947<sup>391</sup>.

In the meantime, though, the State Department had given Kennan an unusual opportunity to assess opinion in the country at large. He had called, in the “long telegram”, **for educating Americans** to the “realities of the Russian situation: I cannot over-emphasize [the] importance of this”<sup>392</sup>. (grifo nosso).

A Doutrina Truman surgiu, portanto, (1) como parte da estratégia do Partido Democrata para controlar a narrativa nacional sobre o anticomunismo<sup>393</sup> em função das eleições presidenciais de 1948; (2) como o resultado do personalismo do Departamento de Estado para conduzir a política externa dos EUA<sup>394</sup>, tentando manter a linha do “*clearer than the truth*”,

---

<sup>389</sup> Kennan ainda seria de muito uso para o Departamento de Estado durante a liderança de Marshall. Todo o duro discurso contido no “Longo Telegrama” fortaleceram a posição de Kennan dentro da burocracia de estado e ele ficou responsável por implementar o NSC 10/2 (July 1948) que lidava com “*clandestine OSS [Office of Strategic Services] activities*”, majoritariamente com “*black psychological warfare*” contra a URSS (SIMPSON, Christopher. **Science of coercion: communication research and psychological warfare 1945-1960**. New York: Oxford University Press, 1996. p. 39-40).

<sup>390</sup> *Foreign Affairs*, julho de 1947.

<sup>391</sup> Algumas narrativas apontam exatamente para esta publicação como a fonte da insegurança soviética quanto ao Sistema internacional: “*Within days of article’s publication, New York Times columnist Arthur Krock identified Kennan as the author, instantly underscoring the official nature of Kennan’s assertions and intensifying feelings in Russia and the United States that Moscow and Washington were moving toward a confrontation*” (DALLEK, Robert. **The lost peace: leadership in a time of horror and hope, 1945-1953**. Washington: Harper-Collins, 2010. p. 286). Ocorre que Krock era amigo pessoal e colega de colégio de Foster Dulles, que nunca foi um entusiasta da carreira de Kennan ou de suas ideias (KINZER, Stephan. **The brothers: John Foster Dulles, Allen Dulles, and their secret world war**. New York: Henry Holt and Company, 2013. p. 96).

<sup>392</sup> GADDIS, John Lewis. **George F. Kennan: an American Life**. New York: The Pinguim Press, 2011. p. 346.

<sup>393</sup> Stephen Whitfield nos dá uma boa descrição da política nos anos 40 e 50, afirmando que: “*Because and intense concern with unsolved social problems may have betrayed soviet influence, policy options thinned*” and “*to avoid being called “Reds” politicians often conceive their original intentions (human rights agenda, fighting the economic inequality, minorities rights and, etc.) with an integrationist narrative or a harsher anti-Soviet one*”. (WHITFIELD, Stephen. **The culture of the cold war**. Baltimore: John Hopkins University Press, 1991. p. 22-23). O caso de espionagem Alger Hiss tinha sido recentemente descoberto e tornado público em 1946, exatamente para enfraquecer a administração Truman: “*During the 1948 presidential campaign, the president denounced ‘Henry Wallace and his communists’, while former State Department official Alger Hiss – an old friend of Acheson’s – was charged with spying for the Soviet Union, raising fears that communists had infiltrated the US government*” (GADDIS, John Lewis. **George F. Kennan: an American Life**. New York: The Pinguim Press, 2011. p. 517).

<sup>394</sup> Em uma entrevista, Lucius Battle, um assistente de Acheson que posteriormente se tornou embaixador, citou seu antigo chefe: “*Don’t ever tell me that I must do something because the White House says so. If President says so, that’s a different thing. When the White House says something, we won’t pay any attention to that*” (MCKINZIE, Richard; WILSON, Theodore; BATTLE, Lucius. **Oral history interview with Lucius Battle**. [s.l.]: [s.n.], 1971). Logo após as eleições legislativas de 1950 “*John O’Donnell, the top political commentator of the tabloid New York Daily News, considered “the primary issue” of the campaign to be “charge that the foreign policy of the US, even before World War II, was dominated by an all-powerful, super-secret, inner circle of highly educated, socially highly placed sexual misfits in the State Department, all easy to blackmail, all susceptible to blandishments by homosexuals in foreign nations*” (WHITFIELD, Stephen. **The culture of the cold war**. Baltimore: John Hopkins University Press, 1991. p. 44); Acheson tentou tazer “*the public*”, “*the press*” e o “*State Department*” mais próximos com uma “*Division of Public Liaison*” enfatizando que “*certainly the newspapermen should have the fullest possible access to news and events*” do Departamento de Estado, mas que a “*free press is not the whole answer*”. Acheson ainda menciona: “*It is not possible for anyone to*

para amealhar ainda maior liberação financeira<sup>395</sup>; e (3) um efeito da falta de prática do governo americano (naquele momento) para lidar com a opinião pública via o recém criado aparato de televisão que atingia todo o território nacional naquele momento<sup>396</sup>. A Doutrina Truman não é, portanto, uma demonstração da postura do Departamento de Estado de Truman para conter e rivalizar com todas as ações soviéticas<sup>397</sup>. Mais ainda, a Doutrina Truman, tal qual descrita no discurso original de Truman, nunca permitiria qualquer ação militar<sup>398</sup>.

Não se afirma que Truman, Acheson ou qualquer outra figura no Departamento de Estado norte-americano teria aceitado qualquer “avanço comunista” nos Bálcãs<sup>399</sup>. Contudo, nenhum avanço estava a ponto de acontecer<sup>400</sup>, tampouco os EUA estavam em um “mortal

---

*obtain a complete or consecutive picture of events*”, claramente tentando minorar o monopólio da imprensa sobre as narrativas ao público. (THE US STATE DEPARTMENT. Government-citizen cooperation in the Making of Foreign Policy by Dean Acheson. **State Department Bulletin**, dec. 1945. p. 893).

<sup>395</sup> “*It was a short step, [Counselor Clark] Clifford recalled, from the Russian Report [White House, September 1946] to Truman’s epochal request in March 1947 for military aid to Greece and Turkey to help ‘free peoples’ fight totalitarianism. Truman vastly overstated the global-ideological aspects of Soviet-American conflict. Perhaps he sought to fire ‘the opening gun’ to rouse the public and a fiscally conservative Republican Congress to national security expenditures*” (OFFNER, Arnold A. Provincialism and confrontation: Truman's responsibility. In: MERRILL, Dennis (ed.). **Major problems in american foreign relations**. Volume II: Since 1914. Boston: Wadsworth Cengage Learning, 2010. p. 220).

<sup>396</sup> Ainda em 1952, Truman reconhecera seu desconforto com o poder da mídia: “*There has been a lot of hooey about the seizure of the press and the radio. As I told you last week, the President of the United States has very great inherent powers to meet great national emergencies. Until those emergencies arise a President cannot say specifically what he would do or would not do. I can say this, that the thought of seizing press and radio has never occurred to me. I have difficulty imagining the Government taking over and running those industries.*” (TRUMAN, Harry. President conference at april 24 1952. **The President's News Conference**. 1952).

<sup>397</sup> Eisenhower sugeriu que o Departamento de Estado incluísse ajuda financeira para outros países, não somente a Grécia e Turquia. Truman e Acheson negaram. A Doutrina Truman deveria passar uma ideia de ser pontual e determinada. (ACHESON, Dean. **Present at the creation: My years at state department**. New York: W.W Norton, 1969. p. 226).

<sup>398</sup> (BOHLEN, Charles. **Witness to history: 1929-1969**. New York: WW Norton & Company, 1973. p. 310); Paul Pierpaoli Jr. argumenta sobre a “*legendary conservative stance*” de Truman a respeito da política fiscal para então afirmar que “*Those agencies, along with the Department of the Treasury, made up the powerful cadre of economizers within the Truman administration that were committed to fighting against the Pentagon’s requests for more money and for the president’s economic policies, including the Fair Deal [Truman’s Social program]*” (PIERPAOLI JR., Paul. **Truman and Korea: The political culture of early cold War**. Columbia: University of Missouri Press, 1999. p. 19-20).

<sup>399</sup> “*But defense officials were acutely aware of America’s own rapidly diminishing capabilities, of Britain’s declining military strength, of the appeal of communist doctrine to most of the underdeveloped world, and of the opportunities open to communist parties throughout most of Eurasia as a result of prevailing socioeconomic conditions.*” (LEFFLER, Melvyn. **Safeguarding democratic capitalism: US foreign policy and national security, 1920-2015**. New Jersey: Princeton University Press, 2017. p. 148).

<sup>400</sup> Todo o grupo de analistas de Truman sabia que a URSS tinha tido uma postura cooperativa e que nenhum problema nesse sentido estava na iminência de acontecer. Dorothy Fosdick, por exemplo, escreve: “*Certainly some of the issues that divide nations can be settled in the UN and put behind us. A specific matter in dispute between this country and Soviet Union may prove negotiable through the UN because a convergence of interests develops on that matter, as evidenced by the withdrawal of Soviet troops from Iran following the appeal of Iran to the Security Council, by lifting of the Soviet blockade in Berlin, and by agreements on many minor issues such as appointments and elections of UN officials*” (FOSDICK, Dorothy. **Common sens and World Affairs**. New York: Harcourt, 1955. p. 21).

antagonismo”<sup>401</sup> contra a URSS<sup>402</sup>. Pelo menos não mais do que estavam em relação ao colonialismo britânico ou francês, por exemplo<sup>403</sup>. A Doutrina Truman, entretanto, teve um imenso impacto nas eleições de 1948, revertendo um consenso e expectativa de que Truman perderia as eleições<sup>404</sup>.

---

<sup>401</sup> “*The Cold War in its original form was a presumably mortal antagonism, arising in the wake of the Second World War, between two rigidly hostile blocs, on led by the Soviet Union, the other by the United States.*” (SCHLESINGER-JR, Arthur. *The origins of the cold war. Foreign Affairs*, v. 46, n. 1, p. 22-52, oct. 1967).

<sup>402</sup> Haslam afirma que “*Acheson Refused to see conflict with Moscow as inevitable*” (HASLAM, Jonathan. **Russia's cold war: from the october revolution to the fall of the wall.** Kindle. Londres: Yale University Press, 2011); Isaacson, por sua vez, diz que “*Acheson did not take the Truman Doctrine literally. He was highly sensitive to the limited resources of the United States and had no intention of intervening around the globe*” (ISAACSON, Walter; THOMAS, Evans. **The wise men: six friends and the world they made.** New York: Kindle, 2013. p. 398).

<sup>403</sup> Roosevelt e Truman eram ambos contra a ideia de Churchill de manter intacto o império colonial inglês e deixaram isto claro tanto em Ialta quanto em Potsdam. A situação com relação a esse assunto não parece ter tido nenhuma mudança pró-britânicos até 1952. Acheson continuava argumentando contra o colonialismo europeu. (ACHESON, Dean. **Present at the creation: My years at state department.** New York: W.W Norton, 1969. p. 647-650). Dorothy Fosdick, por exemplo, colocou a culpa sobre as revoltas comunistas na Ásia no colonialismo francês: “*If Vietnam had been given her national independence in 1947, when Burma, Ceylon, India and Pakistan obtained theirs, Vietnamese nationalism would almost certainly have been an asset of the free world against Communist China*” (FOSDICK, Dorothy. **Common sens and World Affairs.** New York: Harcourt, 1955. p. 37-38); “*As against this approach, however, Churchill, more tolerant of sphere-of-influence deviations, soon proposed that, with the impending liberation of the Balkans, Russia should run things in Rumania and Britain in Greece.[Cordell] Hull [US Secretary of State] strongly opposed this suggestion but made the mistake of leaving Washington for a few days; and Roosevelt, momentarily free from his Wilsonian conscience, yielded to Churchill's plea for a three-months' trial. Hull resumed the fight on his return, and Churchill postponed the matter.*” (SCHLESINGER-JR, Arthur. *The origins of the cold war. Foreign Affairs*, v. 46, n. 1, p. 22-52, oct. 1967. p. 32).

<sup>404</sup> O primeiro discurso *State of the Union* depois da Doutrina Truman (12/03/1947), dado em 07/01/1948, foi, quase todo, direcionado para questões domésticas. Economia, direitos humanos, racismo e outras questões incluindo os planos de Truman de criar um Sistema de saúde universal para os EUA. Truman não parece ter dado muita importância à sua própria doutrina internacional. Já no discurso *State of the Union* de 1949, imediatamente após as eleições presidenciais (02/11/1948), Truman orgulhosamente afirma: “*Until a system of world security is established upon which we can safely rely, we cannot escape the burden of creating and maintaining armed forces sufficient to deter aggression. We have made great progress in the last year in the effective organization of our Armed Forces, but further improvements in our national security legislation are necessary. Universal training is essential to the security of the United States.*” Uma clara diferença pode ser notada entre os dois discursos. A doutrina Truman tendo sido bem-sucedida em obter o apoio interno dos eleitores americanos deveria ser então usada como narrativa. (TRUMAN, Harry. **State of the union speech.** 1 maio 1949). Uma ainda mais evidente divergência se pode perceber entre o primeiro discurso após a Doutrina Truman e o último do governo dele, dado em 07/01/1953. Esse último foi quase totalmente voltado para as questões internacionais. Para Truman “*Our post-war objective has been in keeping with this great idea [that all men are created equal]. [...] The Soviet Union, however, took exactly the opposite course.*” (TRUMAN, Harry. **State of the union speech.** 1 maio 1949).

Figura 3 - Chicago Daily Tribune jornal impresso em função da antecipação do futuro nas eleições de 1948, 3 de novembro de 1948



Fonte: DEWEY<sup>405</sup>

A (re)eleição de Truman foi uma total surpresa<sup>406</sup>. Thomas Dewey, republicano e governador de Nova Iorque, não foi capaz de parar o quarto mandato democrata em sequência, mesmo com sua agressiva retórica anticomunista. A Doutrina Truman jogou um papel preciso ao fazer reduzir as críticas a Truman e o presidente conseguiu persuadir o eleitorado norte-americano de que ele (presidente) não pode fazer nada mais em função do “do-nothing Congress”<sup>407</sup>. Mais ainda, o Congresso se tornou parceiro de Truman no esforço de “reconstrução europeia”.

### 3.5 O PLANO MARSHALL

<sup>405</sup> DEWEY Defeats Truman. *Chicago Daily Tribune*, Chicago, 3 nov. 1948. p. 1.

<sup>406</sup> Foster-Dulles afirmou que a eleição não havia sido apenas uma surpresa dentro dos EUA mas uma surpresa para o mundo todo: “*The election of November 1948, did not come out as most foreign governments had anticipated*” (FOSTER-DULLES, John. War or peace. New York: Macmillan, 1950. p. 121).

<sup>407</sup> De fato, esta não era a primeira vez que a política internacional viria a mudar o panorama adiantado de uma eleição presidencial nos EUA: “*They [the Republicans] recalled that the Republican Party had won the elections of 1920 in large part because of the revolt against Woodrow Wilson and his internationalist policies, notably his advocacy of the League of Nations*” (DULLES, John Foster. Correspondence Between Dean Acheson and John Foster Dulles. sept. 1950. p. 178).



Existe uma conhecida explicação para o Plano Marshall<sup>408</sup> (1948), que o descreve como uma ferramenta para lutar contra a URSS, ao mesmo tempo que auxiliava na “reconstrução da Europa”<sup>409</sup>. Mais ainda, esta narrativa afirma que a Europa não teria se recuperado rapidamente sem a “ajuda” norte-americana. Tal explicação, à luz do que se conhece hoje, não poderia estar mais equivocada.

Charles Bohlen, por exemplo. Afirmou que o Plano Marshall era um esforço para “*to prevent a complete breakdown of Western Europe*”, uma vez que Stalin, na visão de George Marshall (naquele momento secretário de Estado), estava deixando a política “seguir seu curso” e que tal situação levaria, muito certamente, a um colapso econômico e social da Europa, fortalecendo lá a ideia de “Revolução”<sup>410</sup>. Acheson afirma que o Plano Marshall foi desenhado precisamente para ofuscar os críticos da política externa de Truman com relação à URSS<sup>411</sup>. Em princípio os soviéticos poderiam ter aderido ao Plano, mas, nesse caso, o Senado norte-americano não o teria aprovado. O convite a URSS era apenas retórico.

After the war, a large majority of Americans supported demobilization. But it soon became clear to the Truman Administration that demobilization ran counter to its

---

<sup>408</sup> A ideia original do Plano Marshall surgiu de um memorando interno e então aparece no discurso do General Marshall em Harvard (5 de junho de 1947). Mas para não mencionar ao Congresso que a proposta tinha sido pensada dentro do Departamento de Estado (o que renderia uma forte oposição parlamentar) Marshall afirma no discurso em Harvard que “*the role of this country should consist of friendly aid in the drafting of a European program and of later support of such a program so far as it may be practical for us to do so*” (ACHESON, Dean. **Present at the creation**: My years at state department. New York: W.W Norton, 1969. p. 234). Os responsáveis pela política externa dos países europeus (Ernest Bevin pela Inglaterra and Georges Bidault pela França) tomaram o aviso seriamente e pediram abertamente a ajuda econômica. No final das contas, ficou a ideia de que o Departamento de Estado apenas respondeu a uma demanda externa por ajuda, ainda que uma extremamente importante. O Congresso americano lutou duramente contra a ideia de usar o dinheiro do contribuinte americano para “ajuda internacional” que poderia redundar em mais conflitos internacionais: “*In the last few weeks, Capitol Hill had already repudiated requests by Marshall and Forrestal for increased foreign aid and defense spending; most congressmen were more interested in cutting taxes by 20 percent. The Republicans had gained control of Congress in November by promising a return to normalcy [...]*” (ISAACSON, Walter; THOMAS, Evans. **The wise men**: six friends and the world they made. New York: Kindle, 2013. p. 393).

<sup>409</sup> “*Stalin’s seeming indifference to what was happening in Germany made a deep impression on Marshall. He came to the conclusion that Stalin, looking over Europe saw that the best way to advance Soviet interests was to let matters drift. Economic conditions were bad. Europe was recovering slowly from the war. Little had been done to rebuild damaged highways, railroads, and canals. Business alliances severed by years of hostilities were still shattered. Unemployment was widespread. Millions of people were on short rations. There was a danger of epidemics. This was the kind of crisis that Communism thrived on. All the way back to Washington, Marshall talked of the importance of finding some initiative to prevent the complete breakdown of Western Europe.*” (BOHLEN, Charles. **Witness to history**: 1929-1969. New York: WW Norton & Company, 1973. p. 263).

<sup>410</sup> “*American defense officials, military analysts, and intelligence officers were extremely sensitive to the political ferment, social turmoil, and economic upheaval throughout postwar Europe and Asia. In their initial postwar studies, the Joint Chiefs of Staff carefully noted the multiplicity of problems that could breed conflict and provide opportunities for Soviet expansion.*” (LEFFLER, Melvyn. **Safeguarding democratic capitalism**: US foreign policy and national security, 1920-2015. New Jersey: Princeton University Press, 2017. p. 142).

<sup>411</sup> (ACHESON, Dean. **Present at the creation**: My years at state department. New York: W.W Norton, 1969. p. 233); “*The Soviet Union was directly invited to enter to Marshall Plan, but denied the opportunity due the imposed necessity to open its economic data to the US.*” (EICHENGREEN, Barry. **The european economy since 1945**: coordinated capitalism and beyond. New Jersey: Princeton University, 2007. p. 68).



foreign policy goals, especially in Europe. The administration feared that unless Europe was able to recover from the war economically, this would have a two-fold negative effect. Not only would Western European markets lack the dollars necessary to soak up excess American production, which policymakers feared would result in another depression, but the Western European governments would crumble in the face of growing communist movements. Both the French and Italian Communist Parties were large and popular, particularly since they formed the core of anti-Nazi partisan resistance during the war<sup>412</sup>.

Novas evidências colocam a explicação clássica sobre o Plano Marshall de cabeça para baixo. A ideia de uma completa destruição Europeia não é correta nos dias de hoje<sup>413</sup>. Tony Judt, por exemplo, afirma que os “Europeans felt hopeless”<sup>414</sup>, concedendo toda a força moral às afirmações europeias após a guerra, mas Alan Milward mostrou que apenas 14% dos recursos do Programa Europeu para Recuperação (1945-1947) foram usados para comprar ferro ou aço<sup>415</sup>, e esta é uma forte evidência contra a narrativa da “Europa devastada”. Barry Eichengreen<sup>416</sup> demonstra que o Plano Marshall foi construído para congelar as moedas europeias, não permitindo que elas fossem desvalorizada de forma a aumentar a sua capacidade de reconstrução<sup>417</sup> e diminuir a competitividade dos produtos norte-americanos, como ocorreu após a I Guerra Mundial.

The Marshall Plan addressed each of the obstacles to postwar recovery. By providing thirteen billion dollars in U.S. government grants over four years, it relaxed the external constraint. Europe’s trade deficit was 11.5 billion dollars from 1948 through 1950, a period during which U.S. grants were ten billion dollars. The Marshall Plan thus solved the catch-22 of having to export in order to pay for imports but being unable to produce for export without first importing materials and machinery. It sustained Europe’s strategy of investment-led growth and reconciled the need for investment finance with the insistence on higher living standards. In addition, the Marshall Plan provided incentives to embrace the market. Countries accepting

<sup>412</sup> HARTMAN, Andrew. **Education and the cold war: the battle for the american school**. New York: Palgrave Macmillan, 2008. p. 53.

<sup>413</sup> Veja-se, por exemplo, Kenneth Lowe (LOWE, Keith. **Continente salvaje: Europa después de la segunda guerra mundial**. Madrid: Galaxia Gutemberg, 2012. p. 14), Barry Eichengreen (EICHENGREEN, Barry. **The european economy since 1945: coordinated capitalism and beyond**. New Jersey: Princeton University, 2007) e Allan Milward (MILWARD, Alan S. **The reconstruction of wessern Europe 1945-1951**. New York: Routledge, 1987).

<sup>414</sup> JUDT, Tony. **Postwar: a history of Europe since 1945**. New York: Penguin Press, 2005. p. 13.

<sup>415</sup> MILWARD, Alan S. **The reconstruction of wessern Europe 1945-1951**. New York: Routledge, 1987. p. 77.

<sup>416</sup> “*In response to the disastrous consequences of its pressure on the United Kingdom to restore current-account convertibility in 1947, the United States provided 350 million dollars of Marshall Plan money for the EPU and encouraged the development of the ECSC, putting aside worries that regional initiatives could lead to a Fortress Europe.*” (EICHENGREEN, Barry. **The european economy since 1945: coordinated capitalism and beyond**. New Jersey: Princeton University, 2007. p. 41).

<sup>417</sup> Existia também uma encoberta razão política para o Plano Marshall: “*The Marshall Plan thus had the effect of creating a split between Socialist and Communist parties, or at least of exploiting tendencies toward such a split, with the Socialists agreeing on the need to accept Marshall aid and the Communists under instructions from Moscow to reject it. The result was to marginalize the Communists.*” (EICHENGREEN, Barry. **The european economy since 1945: coordinated capitalism and beyond**. New Jersey: Princeton University, 2007. p. 67); Veja-se também a discussão nas páginas 66-67.

American aid had to sign bilateral pacts with the United States agreeing to decontrol prices, stabilize exchange rates, and balance budgets. In effect, they had to commit to putting in place the prerequisites for a functioning market economy. This reduced uncertainty about property rights, encouraging investment and initiative<sup>418</sup>.

Anos mais tarde, o mesmo Charles Bohlen reconheceria que o Plano Marshal era uma ação “egoísta”, mas, adiciona, foi tomada em função do “*feeling of duty toward the civilized world*”<sup>419</sup>. Truman havia reconhecido o verdadeiro objetivo e a função de beneficiar a economia norte-americana, muito antes<sup>420</sup>:

As an immediate means to this end, we must continue our support of the European recovery program. [...] World prosperity also requires that we do all we can to expand world trade. [...] **It is an effort to prevent the kind of anarchy and irresponsibility in world trade which did so much to bring about the world depression of the 1930's**<sup>421</sup>. (grifo nosso).

### 3.6 A CRIAÇÃO DA CIA E DA OTAN

Não se pode tampouco dizer que a criação da CIA (1947) e da OTAN (1949) são demonstrações de uma postura certa e resoluto por parte do governo norte-americano já em padrão conflitivo da Guerra Fria. A CIA era uma necessidade administrativa interna já que diversos ramos do governo tinham estabelecido seus próprios serviços de inteligência<sup>422</sup>. Cada um independente do outro<sup>423</sup>. O Senado dos EUA, por exemplo, já investigava com cuidado os duplos e triplos gastos do erário público em programas similares. De fato, a CIA não se consolidou como instituição até o período Eisenhower, já que Acheson inúmeras vezes

<sup>418</sup> EICHENGREEN, Barry. **The european economy since 1945**: coordinated capitalism and beyond. New Jersey: Princeton University, 2007. p. 65-66.

<sup>419</sup> ISAACSON, Walter; THOMAS, Evans. **The wise men**: six friends and the world they made. New York: Kindle, 2013. p. 406.

<sup>420</sup> E Reinhold Niebuhr também reconhecia, em 1954: “*The problem comes to us in another form in the operations of the Marshall Plan, as indeed in the whole exercise of our hegemony in an impoverished world*” (NIEBUHR, Reinhold. **The moral issue in international relations. Rockefeller Foundation, Conference on Theory**. 1954).

<sup>421</sup> TRUMAN, Harry. Annual message to the congress on the state of the union. Washington: [s.n.], 1950.

<sup>422</sup> “*Unfortunately, Congress did not yet understand the need for professional intelligence work, and the military was jealous of State’s victory. There was also opposition in the department led by Spruille Braden and Loy Henderson, heads of the Latin America and Near East bureaus, respectively. They thought McCormack’s operation would duplicate their offices’ labors and distrusted the OSS analysts’ liberalism and amateurism. Byrnes gave in, Truman also concluded that an independent agency would be best, and McCormack resigned. Eventually, about half the OSS transferees remained to form State’s Bureau of Intelligence and Research (INR), but State had thrown away the opportunity to dominate intelligence analysis. The CIA was soon created for that purpose*” (RUBIN, Barry. **Secrets of state**: the state department and the struggle over US foreign policy. New York: Oxford University Press, 1987. p. 39).

<sup>423</sup> Acheson afirmava seu descontentamento com a criação de uma agência como a CIA que poderia rapidamente se tornar for a de controle: “*I had the gravest forebodings about this organization and warned the President that as set up neither he, the National Security Council, nor anyone else would be in a position to know what it was doing or to control it*”. (ACHESON, Dean. **Present at the creation**: My years at state department. New York: W.W Norton, 1969. p. 214).

asseverou os riscos de uma agência de inteligência e suas ferramentas gerenciando as questões internacionais. Por tê-la criado e não a utilizado, Truman precisou tomar cuidado com as inúmeras investigações iniciadas pelo Senado sobre o destino das verbas no seu governo. Certamente, a Truman não interessava ser taxado de mau administrador<sup>424</sup>.

“Between 1946 and 1950, the Truman administration created a multimillion-dollar secret bureaucracy for conducting clandestine warfare [informational]. For nearly the next thirty years, the very existence of this bureaucracy was denied repeatedly”<sup>425</sup>.

A OTAN, por sua vez, foi uma inteligente forma de agradar os aliados europeus<sup>426</sup>, assegurando um vago comprometimento norte-americano para com a segurança europeia<sup>427</sup>. Segurança esta que era sempre taxada como um “fardo” desnecessário para os contribuintes estadunidenses<sup>428</sup>. Acheson, por exemplo, reafirmou ao Congresso que a OTAN não era uma

<sup>424</sup> O Congresso seguia cortando dinheiro do orçamento: “*Meanwhile, the House debate on Mundt bill [Smith-Mundt act on authorization to public diplomacy] continued. [...] The Senate proved more difficult to persuade. Although the Appropriations Committee restored \$12,4 million to the OIC [Office of Information and Cultural Affairs] with \$6,387,250 allotted to VOA [Voice of America] broadcasts, the figure was a 50% reduction of the previous years [1947] funding.*” (BELMONTE, Laura. **Selling the American way: US propaganda and the cold war**. Philadelphia: Pennsylvania Press, 2008. p. 29).

<sup>425</sup> SIMPSON, Christopher. **Science of coercion: communication research and psychological warfare 1945-1960**. New York: Oxford University Press, 1996. p. 36.

<sup>426</sup> “*Disturbed by newspaper reports of the imminent departure of at least half the American troops in Europe to the Pacific, on May 12 Churchill telegraphed to Truman, to warn him that the Russians would have the power to maintain 'very large armies in the field for a long time'. He felt 'deep anxiety' because of the Russian 'misinterpretation' of the Yalta decisions, their attitude to Poland, their overwhelming influence in the Balkans, 'the combination of Russian power and the territories under their control or occupied, coupled with Communist techniques in so many other countries, and above all their power to maintain very large armies in the field for a long time'. What, he asked, would be the position in Europe after a year or two, when 'the British and American armies have melted, and the French have not yet been formed on any m or scale, when we may have a handful of divisions, mostly French, and when Russia may choose to keep two or three hundred on active service?'*” (GILBERT, Martin. **Churchill: a life**. Londres: Pimlico, 2000. p. 843-844); Bohlen afirmou que: “*At the time of the signing of the pact, April 4, 1949, I do not believe that anyone envisaged the kind of military setup that NATO evolved into and from which de Gaulle withdrew French forces in 1966*” e “*Certainly, none of the original framers of these measures intended to roll back by military force or by other means Soviet Power from Eastern Europe*” (BOHLEN, Charles. **Witness to history: 1929-1969**. New York: WW Norton & Company, 1973. p. 267-268). É apenas após o ataque da Coreia que os EUA realmente reconheceram alguma utilidade para objetivos internacionais na OTAN. (ACHESON, Dean. **Present at the creation: My years at state department**. New York: W.W Norton, 1969. p. 442-445).

<sup>427</sup> É especialmente após o Tratado de Bruxelas (1948) que parecia a Europa ter-se movido num pacto contra a Alemanha, ainda que sem qualquer compromisso por parte dos EUA. Veja-se, a conversa entre Acheson-Dulles no memorando de 26 de julho de 1949 (HARRY S. Truman Presidential Library & Museum. Memorandum of conversation with Senator John Foster Dulles, July 26, 1949. Acheson Papers – Secretary of State File. EUA: HARRY S. Truman Presidential Library & Museum, 1949); Foster Dulles afirmou o mesmo: “*Actually, of course, there was nothing in North Atlantic Treaty that committed the United States to any particular strategic concept.*” (DULLES, John Foster. Correspondence Between Dean Acheson and John Foster Dulles. sept. 1950. p. 117).

<sup>428</sup> Acheson já pressionava, em 1950, os aliados europeus a “*proceed immediately to increase military strength and to create the economic foundation for a European military program.*” (ACHESON, Dean. **Present at the creation: My years at state department**. New York: W.W Norton, 1969. p. 394); “[*Senator Robert*] Taft warned that in their zeal to promote an activist foreign policy, globalists would end up alienating the very people it claimed to want to help, because ‘other people simply do not want to be dominated’. The United States should avoid participating in any collective security organization and instead act unilaterally” (TUDDA, Chris. **The**

tradicional aliança voltada para qualquer engajamento em guerra<sup>429</sup>, mas apenas uma forma de prevenir que “uma simples marcha” fosse capaz de retirar do poder qualquer governo aliado<sup>430</sup>. Alguns dias após a assinatura definitiva do Tratado da Aliança do Atlântico Norte, os EUA receberam vasto carregamento de material radioativo vindo do Congo, naquele momento ainda possessão belga, e também do Reino Unido<sup>431</sup>. A assinatura da OTAN e a chegada do material radioativo ocorriam no exato momento em que a capacidade nuclear norte-americana estava “*extremely small and American strategic bombing force of limited size*”<sup>432</sup>. Em função do comprometimento com a segurança europeia em forma de instituição (OTAN) os EUA ganharam acesso a materiais vitais e de valor incalculável no momento para a continuidade de suas pesquisas sobre a bomba de hidrogênio<sup>433</sup>. Arsenal nuclear que, não por acaso, viria se tornar parte essencial da estratégia de defesa norte-americana NSC 68<sup>434</sup>.

---

**truth is our weapon:** The rhetorical diplomacy of Dwight D. Eisenhower and John Foster Dulles. Baton Rouge: Louisiana State University Press, 2006. p. 21). Dorothy Fosdick, membro do “*Policy Planning Staff*” de 1948 a 1954 escreveu sobre o sentido do termo “alianças”: “*No ‘entangling alliances’ has a wistful sound, for surely, alliances are a bother to build and a headache to run*” (FOSDICK, Dorothy. **Common sens and World Affairs**. New York: Harcourt, 1955. p. 8).

<sup>429</sup> O congress exigiu um “*integrated defense system*” com as nações europeias, mas que elas criassem e mantivessem suas próprias forças armadas. Esse, de fato, era um problema que se manteria sem solução até os anos 70 (ACHESON, Dean. **Present at the creation:** My years at state department. New York: W.W Norton, 1969. p. 397). Foi apenas durante a Guerra da Coreia (e talvez por causa dela) que a OTAN voltaria à agenda do Departamento de Estado (ACHESON, Dean. **Present at the creation:** My years at state department. New York: W.W Norton, 1969. p. 491-498).

<sup>430</sup> “*Military analysts studying Russian capabilities noted that the Soviets were rapidly mechanizing infantry units and enhancing their firepower and mobility. It was estimated during the winter of 1946–47 that the Soviets could mobilize six million troops in thirty days and twelve million in six months, providing sufficient manpower to overrun all important parts of Eurasia.*” (LEFFLER, Melvyn. **Safeguarding democratic capitalism:** US foreign policy and national security, 1920-2015. New Jersey: Princeton University Press, 2017. p. 137). “*But this was really, in essence, a political commitment on the part of the United States and Canada to come to the support of Europe of European nations if they were attacked. It was needed because occupation forces that we had left in Germany were quite small; that is, one division, plus a constabulary. And the British didn’t have much in their zone of occupation and the French didn’t have much. It was totally inadequate really to defend against the military force which the Russians could put into place.*” (NITZE, Paul; MCKINZIE, Richard. **Oral history** - interview with Paul Nitze. Northeast Harbor: Truman Library, 1975). De fato, “many Europeans have already made up their minds they would rather risk survival after submission to Soviet tyranny than suffer national extinction by the hydrogen bomb.” (FOSDICK, Dorothy. **Common sens and World Affairs**. New York: Harcourt, 1955. p. 48).

<sup>431</sup> ACHESON, Dean. **Present at the creation:** My years at state department. New York: W.W Norton, 1969. p. 316.

<sup>432</sup> LEFFLER, Melvyn. **Safeguarding democratic capitalism:** US foreign policy and national security, 1920-2015. New Jersey: Princeton University Press, 2017. p. 139.

<sup>433</sup> Robert Oppenheimer e David Lilienthal foram contra qualquer experiência, pesquisa ou teste sobre a bomba H temendo que os EUA não tivessem mais material radioativo suficiente nem para alcançar resultados positivos na nova pesquisa e nem para assegurar a produção de armas nucleares necessárias para a sua segurança. (ACHESON, Dean. **Present at the creation:** My years at state department. New York: W.W Norton, 1969. p. 347-349).

<sup>434</sup> “*When negotiations at the United Nations for international control of atomic energy languished for lack of agreement on its implementation, the way was clear for the Truman administration gradually to adopt a strategy based on air power and atomic weapons.*” (LEFFLER, Melvyn. **Safeguarding democratic capitalism:** US foreign policy and national security, 1920-2015. New Jersey: Princeton University Press, 2017. p. 151).

Here again let me emphasize that there was no intention to create a North Atlantic ground force which, taken by itself, would match the Soviet and satellite forces. What this step did was to accelerate the formation of a balanced force in Europe which, when added to our other sources of strength in the free world - that is, our retaliatory power and the vast uncommitted reserves - would support the policies already outlined. [...] On the basis of the estimated requirements and the national programs, it appeared that we had a sound basis for reaching within a reasonable period of time our goal of forces adequate to perform the mission of defending Western Europe, although it was clear at the time, and it is clear now, that additional effort on the part of all the partners was and is required<sup>435</sup>.

Logo no começo dos anos 50, parecia claro que os atritos entre EUA e URSS estavam ficando maiores e mais custosos politicamente. Contudo, é justo dizer que o Departamento de Estado ainda mantinha uma postura não confrontacional, em vez de uma agressiva. A opinião pública norte-americana abertamente afirmava que o governo fazia o certo rejeitando qualquer caminho que levasse os EUA mais próximos de uma nova guerra<sup>436</sup>, ainda que a maioria das informações públicas afirmasse a fraqueza soviética na questão de sua capacidade militar<sup>437</sup>. Nem o Departamento de Estado<sup>438</sup>, nem o povo norte-americano estavam interessados em um novo conflito.

Desafortunadamente, outras forças sociais continuavam empurrando os países para o confronto. O Macartismo era, obviamente, o maior contribuinte para o acirrar de ânimos, mas o complexo de mídia e mercado tornava-se cada vez mais interessado em provocar o confronto do que defender uma solução democrática ou pacífica para a questão dos atritos entre os dois

<sup>435</sup> ACHESON, Dean. Testimony on troops for Europe. **Current History**, p. 298-302, may. 1951.

<sup>436</sup> Em 1948 a Guerra “to stop communism” era suportada apenas por 1% do público consultado (Gallup Organization. Gallup Poll (AIPO), Mar, 1948 [survey question]. USGALLUP.415T.QT12D. Gallup Organization [producer]. Cornell University, Ithaca, NY: Roper Center for Public Opinion Research, iPOLL [distribuidor], accessed Dec-5-2017) e em 1950, 58% dos americanos acreditavam ser uma boa ideia (ou pelo menos uma ideia justa) que Truman e Stalin se encontrassem para colocarem as diferenças de lado através de conversas (Gallup Organization. Gallup Poll, Oct, 1950 [survey question]. USGALLUP.102050.R07A. Gallup Organization [producer]. Cornell University, Ithaca, NY: Roper Center for Public Opinion Research, iPOLL [distribuidor], accessed Dec-5-2017.)

<sup>437</sup> “*The Joint Logistic Plans Committee and the [US] Military Intelligence Division of the War Department estimated that the Soviet Union would require approximately fifteen years to overcome wartime losses in manpower and industry, ten years to redress the shortage of technicians, five to ten years to develop a strategic air force, fifteen to twenty-five years to construct a modern navy, ten years to refurbish military transport, ten years (or less) to quell resistance in occupied areas, fifteen to twenty years to establish a military infrastructure in the Far East, three to ten years to acquire the atomic bomb, and an unspecified number of years to remove the vulnerability of the Soviet rail- net and petroleum industry to long- range bombing.*” (LEFFLER, Melvyn. **Safeguarding democratic capitalism: US foreign policy and national security, 1920-2015**. New Jersey: Princeton University Press, 2017. p. 138).

<sup>438</sup> Acheson defendeu uma política firme contra os soviéticos, mas, ao mesmo tempo ele encorajava o cidadão americano a não ser isolacionista ou repelir interesses internacionais. Ele afirmava por todo o país que “*war is not inevitable*”. No senado, senadores democratas pediam uma “*moral crusade for peace*”, e pela criação de um “*Marshal plan*” para a paz que levasse à Europa US\$ 50 bilhões de dólares em ajuda para “*constructive ends*”. (ACHESON, Dean. **Present at the creation: My years at state department**. New York: W.W Norton, 1969. p. 376-381).

países<sup>439</sup>. Em 1950, apenas 9% dos lares norte-americanos tinham uma televisão, ao passo que em 1959 esse percentual subiu para 86%<sup>440</sup>.

Indeed, in the 1940s and early 1950s, major profits in the television industry came from the sale of sets rather than from the sale of programs to sponsors. Network television broadcasting lost money until 1951. Revenue from manufacturing sales (RCA, DuMont), AM [band] radio (RCA, CBS), and all the networks' owned and operated stations offset network losses until then and outpaced network profits until the late 1950s<sup>441</sup>.

Quanto mais a histeria da Guerra Fria se tornasse lucrativa, tanto melhor<sup>442</sup>. Da Ásia, o comandante da ocupação japonesa (General Douglas MacArthur) abertamente criticava a administração Truman por sua suposta fraqueza na postura quanto à Revolução Chinesa. De dentro dos EUA o senador Joseph McCarthy iniciava sua cruzada contra os comunistas (9 de fevereiro de 1950) com um discurso denunciando “membros do Departamento de Estado” que seriam, de acordo com McCarthy, colaboradores soviéticos. Novamente a política doméstica se tornava uma força decisiva por detrás da retórica de Truman. Em abril, o presidente aceita o plano NSC 68<sup>443</sup> “*although fearing that the enormous defense budget [Paul] Nitze advocated would jeopardize social programs*”<sup>444</sup>.

---

<sup>439</sup> “*In the months before Korea, the Truman administration had faced a complex domestic environment. McCarthy’s witch hunt against internal “subversives” had scarred the political landscape. Recent debates over the “loss” of China, the Soviet A-bomb test, and the president’s decision to build the H-bomb had also generated enormous unease. For the first time since the end of World War II, many Americans had become apprehensive about the chances of another global conflagration; more than half were convinced that it would erupt within the next five years.*” (CASEY, Steven. **Selling the korean war: propaganda, politics and public opinion: 1950-1953**. New York: Oxford University Press, 2008. p. 15).

<sup>440</sup> BERNHARD, Nancy. **US television news and cold war propaganda, 1947-1960**. New York: Cambridge University Press, 2003. p. 47.

<sup>441</sup> BERNHARD, Nancy. **US television news and cold war propaganda, 1947-1960**. New York: Cambridge University Press, 2003. p. 60.

<sup>442</sup> Nancy Bernhard (BERNHARD, Nancy. **US television news and cold war propaganda, 1947-1960**. New York: Cambridge University Press, 2003) e Laura Belmonte (BELMONTE, Laura. **Selling the American way: US propaganda and the cold war**. Philadelphia: Pennsylvania Press, 2008) têm um persuasivo argumento mostrando que o complexo de mídia norte-americano se auto censurava em um trabalho conjunto com os patrocinadores para que ambos ganhassem com o crescimento da audiência de “*nationalists programs*”, que faziam aumentar a percepção da “ameaça comunista” e descreviam os EUA e a URSS como “*unreconcilable worlds*”.

<sup>443</sup> “*The decision part of NSC-68 was very simple. What it did was to reaffirm the conclusions of NSC 20/4 which was an earlier paper on U.S. U.S.S.R. relations which had already been approved by Mr. Truman. This was the paper which George Kennan had master minded. It reaffirmed a previous decision. That was the only decision that was called for. Obviously reaffirming a previous decision was to reaffirm an attitude, although the facts had changed, because at the time of NSC 20/4, the Russians didn’t have a nuclear capability. Now they did have a nuclear capability*” (NITZE, Paul; MCKINZIE, Richard. **Oral history** - interview with Paul Nitze. Northeast Harbor: Truman Library, 1975).

<sup>444</sup> BELMONTE, Laura. **Selling the American way: US propaganda and the cold war**. Philadelphia: Pennsylvania Press, 2008. p. 40.

This volatile climate inspired many anticommunists liberals to join the US government's fight against communism. Arthur Schlesinger Jr, Sidney Hook, Nicholas Nabokov, and many others played critical roles in 'private' groups like the National Committee for a Free Europe (NCFE) and the Congress for Cultural Freedom (CCF) [...] Such connections help to explain the thematic similarities of US propaganda throughout the Truman and Eisenhower eras<sup>445</sup>.

Dean Acheson afirma que o NSC-68<sup>446</sup> teria sido confinado a uma interna e desimportante linha teórica, com pouca possibilidade de ser implementada, se não fosse o fato de que “*the Russians had not been stupid enough to have instigated the attack against South Korea*”<sup>447</sup>. Ainda assim, mesmo sem o NSC-68 ter sido submetido a nenhuma avaliação sobre seus custos econômicos, Truman subitamente o aprovou, para surpresa de seu Secretário de Estado<sup>448</sup>. O custo estimado de todo o programa foi estimado em algo como US\$ 50 bilhões de dólares anualmente e, ainda assim, Charles Bohlen não tem dúvida ao afirmar que foi apenas AO FINAL da Guerra da Coreia (1953) que os EUA se tornaram uma potência mundial em termos militares.

Before Korea, the United States had only one commitment of a political or military nature outside the Western Hemisphere. [...] The only other places we had military facilities were in England, where we had transit privileges, and Saudi Arabia, where we had an airfield. As a result of our overinterpretation of Communism's goal, we had by 1955 about 450 bases in thirty-six countries, and we were linked by political and military pacts with some twenty countries outside of Latin America<sup>449</sup>.

---

<sup>445</sup> BELMONTE, Laura. **Selling the American way**: US propaganda and the cold war. Philadelphia: Pennsylvania Press, 2008. p. 41.

<sup>446</sup> Charles Bohlen acreditava que o NSC-68 era um “misconception of Soviet aims” (BOHLEN, Charles. **Witness to history**: 1929-1969. New York: WW Norton & Company, 1973. p. 291), e Acheson reconhecia completamente o viés ideológico do documento afirmando que o texto afirmava erroneamente que para a URSS “*no state is friendly which is not subservient*” enquanto colocava para o centro da política externa Americana a ideia de que “*no state is unfriendly which, in return for respect for its rights, respects the rights of other states*”. Em uma exaltação nacionalista, entretanto, Acheson afirma, um pouco adiante, “*our own society [the US] felt no compulsion to bring all societies into conformity with it*”. (ACHESON, Dean. **Present at the creation**: My years at state department. New York: W.W Norton, 1969. p. 375).

<sup>447</sup> ACHESON, Dean. **Present at the creation**: My years at state department. New York: W.W Norton, 1969. p. 374.

<sup>448</sup> “*In the meantime, NSC-68 was shelved. Truman simply would not accede to the recommendations of the report until he had an idea of the scope and cost of the programs involved. In the end, the president reluctantly agreed to most of the prescriptions in NSC-68 only after the outbreak of the Korean War, and he did so without fully thinking about how they would be fulfilled.*” (PIERPAOLI JR., Paul. **Truman and Korea**: The political culture of early cold War. Columbia: University of Missouri Press, 1999. p. 26).

<sup>449</sup> BOHLEN, Charles. **Witness to history**: 1929-1969. New York: WW Norton & Company, 1973. p. 303.

### 3.7 A GUERRA DA COREIA

A Guerra da Coreia é o “*most likely case*” para se encontrar uma postura decisiva de conflito entre EUA e URSS<sup>450</sup>. Bruce Comings, citando Dean Acheson, afirma: “*It was Korean War that ‘came along and saved us’*” sublinhando que era “*necessary crisis that galvanized Congress and the Public*”<sup>451</sup>. Ainda assim, a administração Truman manteve-se em um meio termo entre aqueles que advogavam uma ação total e agressiva contra os soviéticos (em função de seu presumido auxílio aos coreanos) e aqueles que acreditavam que a URSS não tinha nenhum interesse em aumentar o nível do conflito lesse-oesse. O Departamento de Estado estava internamente dividido: de um lado Charles Bohlen, o maior especialista americano em assuntos soviéticos após a saída de Kennan, afirmava que “*the Soviet action in Korea was limited strictly to Korea*”<sup>452</sup>, no que tinha também a concordância do próprio Kennan. Do outro lado, Acheson acreditava que a Guerra da Coreia era uma “nova fase” da política externa comunista<sup>453</sup>, buscando expansão e poder<sup>454</sup>. Truman decidiu por uma intervenção controlada, somente em defesa da Coreia do Sul e nada mais<sup>455</sup>.

---

<sup>450</sup> Esse é um argumento bastante comum: “*With the passage of the Defense Production Act [bill controlling prices and wages], Congress and the executive branch had taken the first substantive step toward the institutionalization of the Cold War.*” (PIERPAOLI JR., Paul. **Truman and Korea: The political culture of early cold War.** Columbia: University of Missouri Press, 1999. p. 36).

<sup>451</sup> (CUMINGS, Bruce. **The end of the cold war: its meaning and implications.** Cambridge: Cambridge University Press, 1992. p. 90); “*They therefore moved to militarize America’s whole containment strategy, seizing on the Korean crisis to implement NSC-68, the national security review completed in April 1950, which led ultimately to a 262 percent increase in defense appropriations.*” (CASEY, Steven. **Selling the korean war: propaganda, politics and public opinion: 1950-1953.** New York: Oxford University Press, 2008. p. 3).

<sup>452</sup> BOHLEN, Charles. **Witness to history: 1929-1969.** New York: WW Norton & Company, 1973. p. 292.

<sup>453</sup> “*The Korean attack had shown that the USSR was prepared to use force (initially, at least, through satellites) to achieve political ends, and had also shown the vital importance of strength in being and in position and of a plan campaign.*” (ACHESON, Dean. **Present at the creation: My years at state department.** New York: W.W Norton, 1969. p. 443). Nenhuma das duas ideias estavam certas com relação à política externa da URSS. Stalin se opôs aberta e secretamente à Guerra da Coreia quase ao ponto de romper relações com os aliados comunistas. “*Seen in this light, the invasion could denote only one thing: The Soviet Union had decided to escalate the Cold War, boldly switching its target from Europe to Asia and changing its expansionist methods from internal subversion to armed invasion and war*” (CASEY, Steven. **Selling the korean war: propaganda, politics and public opinion: 1950-1953.** New York: Oxford University Press, 2008. p. 19).

<sup>454</sup> A questão da Coreia se fazia presente na agenda do Departamento de Estado desde 1946: “*The State Department complicated finding a successor by agreeing with the Soviets in December 1945 that Korea should pass through a short trusteeship period that would end in a unified, neutral, lightly armed Korea, an Asian version of the arrangements for occupied Austria. Every political faction except the South Korean Labor Party (the southern Communists) opposed trusteeship. The American zone became a battleground with an anti-occupation revolt in the autumn of 1946. The U.S. Army Military Government in Korea (USAMGIK) managed to beat back the center-left labor and agrarian protest movements, but only by forming alliances with Koreans suspected of collaboration with the Japanese, populist fascists linked to the Chinese Nationalists, wessernized liberals, regional political bosses, veterans of Japanese military service, and rabid anti-Communist associations of refugees from North Korea.*” (MILLETT, Allan; MASLOWSKI, Peter; FEIS, William. **For the common defense: a military history of the united states from 1607 to 2012.** New York: Free Press, 2014. p. 512).

<sup>455</sup> O nível de comprometimento americano para com a intervenção variou muito desde o início até o final do conflito (CASEY, Steven. **Selling the korean war: propaganda, politics and public opinion: 1950-1953.** New



O que foi completamente inesperado foram as ações do General MacArthur<sup>456</sup>.

While I was not consulted prior to the President's decision to intervene in the support of the Republic of Korea, that decision from a military standpoint proved a sound one. As I say, a brief and sound one as we hurled back the invaders and decimated his forces. Our victory was complete and our objectives within reach when Red China intervened with numerically superior ground forces. This created a new war and an entirely new situation, a situation not contemplated when our forces were committed against the North Korean invaders, a situation which called for new decisions in diplomatic sphere to permit the realistic adjustment of military strategy. **Such decisions have not been forthcoming.** Douglas MacArthur's "*No substitute for Victory*" speech, 1951<sup>457</sup>. (grifo nosso).

Visando a política doméstica<sup>458</sup>, MacArthur abertamente desobedece as ordens de Truman e avança com seus planos de "*roll back*" os comunistas, cruzando o paralelo 38<sup>459</sup> em direção às fronteiras russas e chinesas. Truman não estava confortável com a interpretação que MacArthur fez da Doutrina Truman<sup>460</sup>. Parece que a ideia original, usada como chamariz para

---

York: Oxford University Press, 2008. p. 26-29). Truman seguiu as indicações de Acheson desde as primeiras 24 horas para permitir que MacArthur armasse as forças sul-coreanas. Depois disto, Truman e Acheson ordenaram ações militares somente até a linha do paralelo 38 (ACHESON, Dean. **Present at the creation: My years at state department.** New York: W.W Norton, 1969. p. 407-408). Truman pessoalmente reconheceu os esforços de Acheson em um memorando interno datado de 19/07/1950 afirmando que "*Your handling of this situation since has been superb*"; "*With North Korean troops continuing to pour south, directly menacing Seoul, Acheson again kicked off, suggesting that U.S. air and naval power now be used against the North Koreans. Truman quickly agreed, albeit with the stipulation that for the time being, all American action should remain below the thirty-eighth parallel.*" (CASEY, Steven. **Selling the Korean war: propaganda, politics and public opinion: 1950-1953.** New York: Oxford University Press, 2008. p. 25).

<sup>456</sup> "*UN Command, however, had Douglas MacArthur. His towering ego nourished by five years as the surrogate emperor of Japan, MacArthur seized the diplomatic and strategic initiative in the Far East, exploiting the uncertainties of collective decision-making in Washington. Basically, MacArthur wanted to make the Korean War a showdown with international Communism.*" (MILLETT, Allan; MASLOWSKI, Peter; FEIS, William. **For the common defense: a military history of the United States from 1607 to 2012.** New York: Free Press, 2014. p. 516); "*It was not a new profile from General MacArthur to use "non-conventional" methods to assess his objectives. He had created "Reeducation campuses" on Japan, for example, and was looking forward to apply the same concept on Korea War: "The presence of over 170,000 prisoners of war (POWs) in UN compounds served as the main database for Korea's other major military-funded behavioral analyses of the enemy. The common objective of the POW studies was to discount the importance of ideology as a motivating force in modernizing nations, and to discover, instead, behavioral strategies for winning over converts in enemy societies. These imaginative attempts to circumvent ideology clashed with General Douglas MacArthur's ambitious reeducation program for enemy POWs in Korea. MacArthur's educational experts working out of the Tokyo headquarters of the Far East Command's Civilian Information and Education Division (CIE) set about deprogramming enemy POWs from the supposedly mesmerizing trance of communism.*" (ROBIN, Ron. **The making of the cold war enemy: culture and politics in the military-intellectual complex.** New Jersey: Princeton University Press, 2001. p. 10).

<sup>457</sup> (Congressional Record XCV11 (April 19, 1951) 4224-4125)

<sup>458</sup> Em verdade, ele concorreu em 1952 nas primárias pelo partido Republicano e perdeu para Eisenhower.

<sup>459</sup> Dentro do Departamento de Estado havia vozes em favor de os EUA cruzarem o paralelo 38, como, por exemplo, Dean Rusk. Paul Nitze e George Kennan (nesse momento dedicado às aulas em Princeton) fortemente se opunham a esta ideia. Acheson tomou o lado de Nitze e Kennan rebatendo o discurso do presidente sul coreano que afirmava que as tropas coreanas não se deteriam no paralelo 38. (ACHESON, Dean. **Present at the creation: My years at state department.** New York: W.W Norton, 1969. p. 451).

<sup>460</sup> A realidade é que o Estado Maior (*Joint Chiefs of American Army*) declarou em 27/09/1950 que "*Under no circumstances, however, will your forces cross the Manchurian or USSR borders of Korea and, as a matter of*

conseguir apoio do Congresso e do público tinha ido longe demais e, naquele momento, colocava em risco a segurança norte-americana, especialmente se fossem levadas em conta as previsões de Kennan e Bohlen sobre certeza da resposta chinesa<sup>461</sup>. Quando finalmente os chineses entraram no conflito, MacArthur entrou em pânico<sup>462</sup> e inclusive pediu por um ataque nuclear<sup>463</sup>. MacArthur, contudo, não deixa claro contra quem exatamente deveria ser o uso de armas nucleares, se contra os coreanos, chineses ou soviéticos<sup>464</sup>. Em algumas entrevistas, já em dezembro de 1950, Truman deixou a possibilidade de um ataque nuclear em aberto, como um meio para deter uma possível escalada das forças chinesas. Confidencialmente, a solução nuclear era totalmente rejeitada, mesmo pelo secretário de Defesa, General Marshall,

---

*policy, no non-Korean ground forces will be used in the northeast provinces [north of 38<sup>th</sup> parallel] bordering the Soviet Union or in the area along the Manchurian border. Furthermore, support of your operations north or south of the 38<sup>th</sup> parallel will not include Air or Naval action against Manchuria or against USSR territory*". O perigoso caminho dos EUA usava ações não oficiais (armas químicas e biológicas) para "liberar" a Coreia do Norte (THE US STATE DEPARTMENT. **Foreign relations of the united states: 1950 Korea**. Washington: Government Printing Office, 1976. p. 871-872). Embora a decisão tenha sido militar e não do Departamento de Estado, Acheson reconhecia que talvez fosse necessário um maior controle sobre as ações: *"I have long noticed that military recommendations are usually premised upon the meticulous statement of assumptions that as often as not are quite contrary to the facts and yet control the conclusions"*. (ACHESON, Dean. **Present at the creation: My years at state department**. New York: W.W Norton, 1969. p. 451).

<sup>461</sup> Em uma carta para Truman, em 1950, MacArthur respondeu diretamente às questões do presidente sobre as chances de uma intervenção chinesa no conflito: *"Very little. Had they interfered in the first or second months it would have been decisive. We are no longer fearful of their intervention. We no longer stand hat in hand. The Chinese have 300,000 men in Manchuria of these probably not more than 100/125,000 are distributed along the Yalu River. Only 50/60,000 could be gotten across the Yalu River. They have no Air Force. Now that we have bases for our Air Force in Korea, if the Chinese tried to get down to Pyongyang there would be the greatest slaughter."* (THE US STATE DEPARTMENT. **Foreign relations of the united states: 1950 Korea**. Washington: Government Printing Office, 1976. p. 179-183). Os chineses entraram no conflito com mais de 300 mil homens (MILLETT, Allan; MASLOWSKI, Peter; FEIS, William. **For the common defense: a military history of the united states from 1607 to 2012**. New York: Free Press, 2014. p. 517).

<sup>462</sup> *"The five days to November 4 to 9 give an excellent example of General MacArthur's mercurial temperament. In this period, he went from calm confidence, warning against hasty judgement until all the facts were in, through ringing the tocsin on the sixth to proclaim that hordes of men were pouring into Korea and threatening to overwhelm his command, to confidence again on the ninth that he could deny the enemy reinforcement and destroy him. In fact, his troops were being secretly surrounded by overpowering numbers of Chinese"*. (ACHESON, Dean. **Present at the creation: My years at state department**. New York: W.W Norton, 1969. p. 465); Em dezembro de 1950, MacArthur mandava uma carta para o Pentágono dizendo que seu *"small command"* estava precisando lutar contra *"the entire Chinese nation"*. O general estava ansioso para receber os meios necessários para *"rollback"* chineses e coreanos.

<sup>463</sup> MILLETT, Allan; MASLOWSKI, Peter; FEIS, William. **For the common defense: a military history of the united states from 1607 to 2012**. New York: Free Press, 2014. p. 517.

<sup>464</sup> Primeiro, em 1951, o general pediu pelo bombardeio nuclear sobre a Coreia do Norte e bombardeio convencional sobre a China combinado com um bloqueio naval. (ACHESON, Dean. **Present at the creation: My years at state department**. New York: W.W Norton, 1969. p. 514). Apenas alguns dias mais tarde, com o cenário de guerra se tornando mais temerário, MacArthur indicou que dever-se-ia bombardear a China com o objetivo de *"to destroy her industrial capabilities"* e ordenar um ataque dos chineses nacionalistas (Formosa) sobre a China continental. Em março de 1951, MacArthur novamente pressiona por um ataque nuclear contra os *"Red Chinese"* afirmando que, de outra forma a guerra se tornaria um grande impasse militar sem possibilidade de vitoriosos. (ACHESON, Dean. **Present at the creation: My years at state department**. New York: W.W Norton, 1969. p. 518-519). Durante todo o tempo MacArthur teimosamente tentou modificar o objetivo da Guerra de *"holding the 38<sup>th</sup> parallel"* (conforme ordenado por Truman e Acheson) para o seu interesse que era *"rollback the communists to unified Korea"*.

argumentando sobre o “dilema nacional” que precisava escolher entre “salvar as tropas” ou “a honra nacional”<sup>465</sup>. Os líderes europeus sentiram o risco de uma escalada nuclear. A Guerra da Coreia e a forma como os EUA a conduziu angariaram baixíssimo apoio popular tanto dentro dos EUA como entre seus aliados.

“[...] I would be untrue and unfair to intimate that General MacArthur should be charged with sole responsibility for disaster in Korea, though he certainly must bear the lion’s share. Other mistakes were made, as will appear, to which I made a contribution”.<sup>466</sup>

At his press conference that same day, Truman intended to be just as vague. At first, he refused to be drawn out on many issues, especially if they related to military strategy. But all of a sudden, one question brought a typically quick-fire response. “Mr. President, everybody is asking in this country, are we or are we not at war.” “We are not at war,” Truman emphatically declared, a statement he allowed reporters to quote directly<sup>467</sup>.

Não pode passar despercebido a imensa diferença entre o comportamento de Truman com relação à Grécia e Turquia e com relação à Coreia. No caso dos Balcãs, a retórica usada, desde o início da crise, era de uma exortação aberta à ação e ao total comprometimento para uma disputa internacional entre capitalismo e comunismo. Esse padrão não poderia ser mais diferente que o da Coreia. Em junho de 1950, Truman pediu por “*thoughtful and balanced reports*” não dando espaço para decisões precipitadas ou que colocassem em risco a segurança dos EUA. Steven Casey, de forma precisa aponta que “*although the president had now [on Korea] directly committed US forces to battle [...] he had categorically refused to accompany this with a rousing, Truman Doctrine-style call to action*”<sup>468</sup>. Por que Truman não aproveitou o momento histórico para fazer sua Doutrina ser vista como um passo ainda mais decisivo para uma rivalidade aberta contra a URSS?<sup>469</sup>

<sup>465</sup> ACHESON, Dean. **Present at the creation**: My years at state department. New York: W.W Norton, 1969. p. 475.

<sup>466</sup> ACHESON, Dean. **Present at the creation**: My years at state department. New York: W.W Norton, 1969. p. 447.

<sup>467</sup> CASEY, Steven. **Selling the korean war**: propaganda, politics and public opinion: 1950-1953. New York: Oxford University Press, 2008. p. 28.

<sup>468</sup> CASEY, Steven. **Selling the korean war**: propaganda, politics and public opinion: 1950-1953. New York: Oxford University Press, 2008. p. 30.

<sup>469</sup> Steven Casey argumenta que esta diferença pode ser explicada pelo respeito de Truman à carta das Nações Unidas (CASEY, Steven. **Selling the korean war**: propaganda, politics and public opinion: 1950-1953. New York: Oxford University Press, 2008. p. 29-32). Esta ideia, contudo, não pode ser aceita uma vez que o próprio Acheson se colocou contra as regras e procedimentos para criar a ação “*Unite for Peace*”, não apenas colocando a Carta de cabeça para baixo, mas criando um perigoso atalho para fugir do veto soviético no Conselho de Segurança. Por certo, a administração Truman tinha a ONU como uma forma para legitimar as ações internacionais dos EUA e não, de forma alguma, como uma instituição que impusesse aos EUA qualquer limite e ação política ou militar. Outros historiadores (LEE, Chae Jin. **A troubled peace**: US policy and the two koreas. Baltimore: John Hopkins University Press, 2006. p. 25-26) argumentam que o teste nuclear soviético teve o efeito de diminuir a iniciativa norte-americana. E esse argumento, novamente, parece implausível porque desde o início a inteligência dos EUA sabia que a URSS não tinha meios efetivos lançar as ogivas (LEFFLER, Melvyn. **Safeguarding democratic capitalism**: US foreign policy and national security, 1920-2015. New

A resposta é exatamente de que a Doutrina Truman foi, em realidade, uma isca para criar medo na opinião pública e aproveitar os benefícios em política doméstica das ações que visavam “preparar” o cidadão para a “ameaça soviética” de forma abstrata. Ainda, a Doutrina Truman visava obter mais linhas de financiamento do Congresso e reverter a já mencionada avaliação de derrota nas eleições de 1948. O conflito na Coreia era uma situação completamente diferente<sup>470</sup>. Levantar a retórica em direção a um conflito poderia levar a um desastre e o governo acreditava que não havia mais espaço para erros de avaliações ou desentendimentos internos<sup>471</sup>.

The Korean crisis naturally enhanced the government’s caution. Given the fear that the domestic mood might suddenly overheat, it seemed sensible to maintain the public conceit that the Soviet Union was not directly responsible for the North Korean attack, for this would help ward off public demands to take more vigorous action against the real perpetrator. “We must exercise a high degree of self-discipline under the present situation,” one State Department official remarked to a friendly congressman on July 6, “and should carefully consider any measures likely to cause hysteria.”<sup>472</sup>.

Parece correto afirmar que o governo norte-americano mudou sua abordagem com relação à guerra entre 1950 e 1951. Algumas ideias por um conflito mais amplo e aberto foram exaradas desde o início, mas Truman bancou sua “*controlled war strategy*”. Era vital que os EUA evitassem qualquer chance de a URSS entrar na guerra. Chineses e coreanos combinados já davam aos EUA um cenário de alto risco e de real perigo de serem vencidos. Os aliados europeus, temendo um engajamento nuclear (no que a Europa seria o alvo preferencial dos

---

Jersey: Princeton University Press, 2017. p. 138) até o território americano, ao menos até antes do Sputnik (ZUBOK, Vladislav. **Kruschev's new look: brinksmanship and bluff**. In: MERRILL, Dennis (ed.). **Major problems in american foreign relations**. Volume II: Since 1914. Boston: Wadsworth Cengage Learning, 2010. p. 306-307).

<sup>470</sup> Pierpaoli Jr. traz uma explicação econômica que certamente precisa ser levada em conta quando pensada a decisão de Truman de ir à guerra: “*The immediate and enduring impact of the Korean War on the American political economy was stunning. The president’s decision to intervene provided a powerful stimulus to the economy. Income and employment levels reached new heights, thus sustaining the economic recovery well into 1953. On the negative side, the huge jump in defense expenditures from \$13 billion in 1949-1950 to more than \$52 billion by 1952 rekindled inflation and forced the Truman administration in January 1951 to issue a mandatory wage-and-price freeze.*” (PIERPAOLI JR., Paul. **Truman and Korea: The political culture of early cold War**. Columbia: University of Missouri Press, 1999. p. 30).

<sup>471</sup> A Guerra da Coreia é, talvez, o momento mais claro para se perceber a profunda divergência entre o pensamento do Departamento de Estado e da Mídia americana. Acheson, explicando a posição norte-americana na ONU em 1951 afirmou “The choice whether to support or oppose this plan [cease-fire on Korea and political talks about Formosa] was a murderous one, threatening, on one side, the loss of the Korean and the fury of the Congress and press and, on the other, the loss of our majority support in the United Nations”. (ACHESON, Dean. **Present at the creation: My years at state department**. New York: W.W Norton, 1969. p. 513).

<sup>472</sup> CASEY, Steven. **Selling the korean war: propaganda, politics and public opinion: 1950-1953**. New York: Oxford University Press, 2008. p. 33.

soviéticos) preferiam entregar o sul da Coreia a qualquer tipo de mudança de regime<sup>473</sup>. Truman manteve seu meio termo explorando toda a possibilidade diplomática de dessensibilizar enquanto mantinha as linhas defensivas dentro do campo de combate. De forma novamente inesperada, MacArthur decidiu sozinho tornar as coisas ainda mais perigosas<sup>474</sup>. Em 24 de março de 1951, ele publicou uma manifestação que foi vazada por diversas fontes:

The enemy, therefore, must by now be painfully aware that a decision of the United Nations to depart from its tolerant effort to contain the war to the area of Korea through expansion of our military operations to his coastal areas and interior bases would doom Red China to the risk of imminent military collapse. These basic facts being established, there should be no insuperable difficulty arriving at decisions on the Korean problem if the issues are resolved on their own merits without being burdened by extraneous matters not directly related to Korea, such as Formosa and China's seat in the United Nations. The Korean nation and people which have been so cruelly ravaged must not be sacrificed. That is the paramount concern. Apart from the military area of the problem where the issues are resolved in the course of combat, the fundamental questions continue to be political in nature and must find their answer in the diplomatic sphere<sup>475</sup>.

É perfeitamente reconhecível a retórica da Doutrina Truman na manifestação do General, afirmando que a luta na Coreia era destinada a defender “*Korean nation and people*” que eram “*cruelly ravaged*”<sup>476</sup>. A análise de MacArthur utiliza-se da dicotomia “bem contra mal” que Truman, com sucesso, havia usado em 1947, no caso da Grécia e Turquia. O General se comprometia, com uma única manifestação, a uma rivalidade diplomática que chegava a comprometer as discussões sobre a entrada da China popular na ONU, ocupando uma cadeira

---

<sup>473</sup> “*Truman's rhetoric, in comparison, was uninspiring because constrained by fear of stroking a fervor for total war. His low-keyed delivery was even worse, especially when reading scripts prepared to prevent off-the-cuff comments, such as those scaring Britain about use of the atomic bomb.*” (PEARLMAN, Michael. **Truman MacArthur: policy, politics and the hunger for honor and renown.** Bloomington: Indiana University Press, 2008. p. 177).

<sup>474</sup> Para uma argumentação diferente veja-se Pearlman. De acordo com ele o governo nunca havia sido claro com MacArthur, quanto aos planos de guerra, e o General ficou às escuras por um bom tempo, permitindo espaço para que ele desenvolvesse a “sua” estratégia e os “seus” objetivos. (PEARLMAN, Michael. **Truman MacArthur: policy, politics and the hunger for honor and renown.** Bloomington: Indiana University Press, 2008. p. 169-178).

<sup>475</sup> THE US STATE DEPARTMENT. **Foreign relations of the united states: 1950 Korea.** Washington: Government Printing Office, 1976. p. 265-266.

<sup>476</sup> Em um recém liberado “*International Report*” (Peking, August 1952), foi conduzido pela ONU (chefiada por Sir Joseph Needham) uma “*investigation of the facts concerning bacterial warfare in Korea and China*” e a conclusão foi que “*Since the beginning of 1952, phenomena of a very unusual character occurring in Korea and China led to allegations by peoples and governments of those countries that USA forces were waging bacteriological warfare [...] The commission has come to the following conclusions. The peoples of Korea and China have indeed been the objective of bacteriological weapons. These have been employed by units of the USA armed forces, using a great variety of different methods for the purpose, some of which seem to be developments of those applied by the Japanese army during the second world war*”. A comissão da ONU em 1952 encontrou Anthrax, Cholera e detectou o uso de moscas infectadas para disseminar agentes bacteriológicos sobre a China e a Coreia. O relatório apresenta fotos, análises biológicas e tessemunhos inclusive de militares americanos para suportar suas conclusões.

no Conselho de Segurança<sup>477</sup>. No mesmo dia, Truman desligou o desobediente e belicista general de qualquer atividade no exército, mesmo ao preço de sofrer um impeachment. Foi um aviso a todos os que perseguiram uma “guerra ao comunismo” como vetor indicativo das ações no cenário internacional<sup>478</sup>. A política externa norte-americana tinha que ser decidida entre o Presidente e seu Secretário de Estado. Ninguém mais.

“Truman said of a hostile newspaper columnist clearly outside the chain of command: those who ‘contribute to the breakup of the foreign policy of the United States help bring on World War III’.”<sup>479</sup>

Nas eleições de 1952, os democratas não conseguiram resistir às críticas. O herói de guerra e general Dwight Eisenhower venceu o adversário democrata, Adlai Stevenson, ganhando em 39 estados. O assunto da política externa jogou um papel decisivo na eleição. O padrão das “duas narrativas”, implementado por Truman e Acheson para lidar com as questões internacionais, tinha sido detectado pelos republicanos de forma que eles conseguiram colocar o Departamento de Estado contra o Congresso e, em última instância, contra a opinião pública. O argumento republicano era de que o Departamento de Estado guiaria o Congresso e o público, ambos cegos (sem a informação relevante) em direção a um conflito internacional que poderia dar início a uma terceira guerra mundial.

Durante esse período, 1945-1953, apesar da retórica governamental e o aumento do gasto público em “defesa”, os EUA não puderam conter o “avanço soviético”. Os republicanos defendiam que a política externa de Truman havia sido um total equívoco em função de sua

---

<sup>477</sup> Claramente a “Red China” era o inimigo mais odiado do General: “A close reading of MacArthur’s message revealed his personal frustration: “Red China” did not really risk “collapse” as long as Washington remained “tolerant.”” (PEARLMAN, Michael. **Truman MacArthur: policy, politics and the hunger for honor and renown.** Bloomington: Indiana University Press, 2008. p. 176). Os resultados diplomáticos são também evidentes: “George Marshall later testified that it became “more difficult for us to work to a more harmonious and intimate accord” with Britain, France, and the United Nations. Leaders of opinion in London and Paris felt MacArthur personified Caesarism or Bonapartism, the threat a military strongman can pose to republican government.” (PEARLMAN, Michael. **Truman MacArthur: policy, politics and the hunger for honor and renown.** Bloomington: Indiana University Press, 2008. p. 177).

<sup>478</sup> MacArthur inclusive tentou incendiar a política doméstica dos EUA enviando carta para a oposição no Congresso afirmando: “It seems strangely difficult for some to realize that here in Asia is where the Communist conspirators have elected to make their battlefield; that here we fight Europe’s war with arms, while the diplomats there still fight it with words; that if we lose this war to Communism in Asia the fall of Europe is inevitable; win it and Europe most probably would avoid war and yet preserve freedom. As you pointed out, we must win. There is no substitute for victory”. (ACHESON, Dean. **Present at the creation: My years at state department.** New York: W.W Norton, 1969. p. 520). O General levou de forma muito séria a Doutrina Truman (PEARLMAN, Michael. **Truman MacArthur: policy, politics and the hunger for honor and renown.** Bloomington: Indiana University Press, 2008. p. 170). Truman, contudo, sabia que sua doutrina tinha sido pensada para um propósito diferente.

<sup>479</sup> PEARLMAN, Michael. **Truman MacArthur: policy, politics and the hunger for honor and renown.** Bloomington: Indiana University Press, 2008. p. 174.

falta de firmeza ao defender a “liberdade” e lutar contra a “ameaça soviética”<sup>480</sup>. O resultado foi que os democratas não puderam se defender da própria narrativa que criaram.

O caminho parecia livre para um governo republicano; eles supostamente deveria libertar as “populações captivas” de suas prisões no mundo soviético. Quanto mais os Republicanos fortaleciam essa visão, mais eles se tornavam prisioneiros dela. O problema era que Eisenhower havia visto os horrores de uma guerra e sabia muito bem que qualquer soldado que os tivesse experimentado jamais defenderia qualquer política que pudesse fazer retornar aqueles tempos. Eisenhower e Foster Dulles (seu secretário de Estado) receberam do cidadão norte-americano todo o apoio que eles precisaram para cumprir suas promessas de campanha, mas “proteger os EUA” não era a mesma coisa que “lutar contra a URSS”. O mundo se tornava muito mais complicado. Eisenhower sabia disto, mas Dulles não queria saber.

### 3.8 PRESOS PELO DISCURSO<sup>481</sup>, O PERÍODO DE EISENHOWER-DULLES

Não é segredo que a administração Eisenhower (1953-1961) beneficiou-se dos ataques do Macarthismo a Truman<sup>482</sup>. O discurso macartista contra os “Reds, Pinks and Lavanders”<sup>483</sup>

---

<sup>480</sup> “[Walter] Lippmann, in favor of a governing elite such as Acheson presumably embodied, emphasized the particular condition of the incumbent administration [Truman’s], mired in “mediocrity, inexperience and political vulnerability.” (PEARLMAN, Michael. **Truman MacArthur**: policy, politics and the hunger for honor and renown. Bloomington: Indiana University Press, 2008. p. 186).

<sup>481</sup> Barry Rubin nomeia os anos Eisenhower de “*The horseless rider*”, embora não fique claro se esse título se aplica a todo o governo ou apenas ao Departamento de Estado. (RUBIN, Barry. **Secrets of state**: the state department and the struggle over US foreign policy. New York: Oxford University Press, 1987. p. 37).

<sup>482</sup> Na campanha, é de Nixon o papel de atacar a política externa de Truman: “*Nixon summed up the campaign’s assault on Stevenson [Democrat candidate] and the Democrats when he said that the Illinois governor was a graduate of (in some versions, held a PhD from) Dean Acheson’s ‘Cowardly College of Communist Containment’*. The phrase effectively announced the campaign’s principal message: *Stevenson and the Democrats are elite intellectuals who are either covert Communist sympathizers or too soft-minded to do more than contain rather than defeat the Communists*” (DALLEK, Robert. **The lost peace**: leadership in a time of horror and hope, 1945-1953. Washington: Harper-Collins, 2010. p. 404); “*In addition to being sick of Truman, the country did “like Ike,” and Eisenhower won in a landslide. Republicans also gained control of both houses of Congress*”. (MAYER, Michael. **The Eisenhower years** (Presidential Profiles). New York: Facts on File, 2009. p. vii). Os democratas retomaram o controle de ambas as casas legislativas em 1955 e 1956.

<sup>483</sup> Expressão usada por McCarthy que significava que os EUA precisavam se defender dos comunistas (*reds*), dos simpatizantes de comunistas (*pink*) e dos homossexuais (*lavanders*). É recorrente no Macarthismo a união dos estereótipos do comunista e do homossexual em oposição ao “nacionalismo” e ao “macho”.

levou a nação inteira à beira da histeria<sup>484</sup>, até que o próprio Eisenhower precisou lidar com McCarthy<sup>485</sup>.

Who constitutes the highest circles of this conspiracy? About that we cannot be sure. We are convinced that Dean Acheson, who steadfastly serves the interests of nations other than his own, the friend of Alger Hiss, who supported him in his hour of retribution, who contributed to his defense fund, must be high on the roster. The President? He is their captive. [...] I do not believe that Mr. Truman is a conscious party to the great conspiracy, although it is being conducted in his name. I believe that if Mr. Truman had the ability to associate good Americans around him, he would have behaved as a good American in this most dire of all our crises.

It is when we return to an examination of General Marshall's record since the spring of 1942 that we approach an explanation of the carefully planned retreat from victory. Let us again review the Marshall record, as I have disclosed it from all the sources available and all of them friendly. This grim and solitary man it was who, early in World War II, determined to put his impress upon our global strategy, political and military. [...]

It was a Marshall-sponsored memorandum, advising appeasement of Russia in Europe and the enticement of Russia into the far-eastern war, circulated at Quebec, which foreshadowed our whole course at Tehran, at Yalta, and until now in the Far East.

It was Marshall who, at Tehran, made common cause with Stalin on the strategy of the war in Europe and marched side by side with him thereafter. [...]

It was Marshall, with Acheson and Vincent eagerly assisting, who created the China policy which, destroying China, robbed us of a great and friendly ally, a buffer against the Soviet imperialism with which we are now at war.

It was the State Department under Marshall, with the wholehearted support of Michael Lee and Remington in the Commerce Department, that sabotaged the \$125,000,000 military-aid bill to China in 1948.”<sup>486</sup>

<sup>484</sup> “*The sophisticated policy exchanges between Acheson and Kennan gave way in the Eisenhower administration to a schizophrenic period, with rhetorical excesses by Secretary of State John Foster Dulles, on the one hand, and very cautious actions, by the president, on the other.*” (GELB, Leslie. **Power rules: how common sense can rescue american foreign policy.** New York: Harper-Collins, 2009. p. 51); “*In an era when admissions to mental hospitals were nearly doubling, when by 1956 mental patients were occupying more hospital beds than all other patients combined, and when over a billion tranquilizer pills were annually consumed [...]*”(WHITFIELD, Stephen. **The culture of the cold war.** Baltimore: John Hopkins University Press, 1991. p. 84).

<sup>485</sup> “*The election of a Republican to the White House did not pacify McCarthy, and the senator from Wisconsin almost immediately made trouble for the new administration. McCarthy opposed the nomination of James B. Conant, the president of Harvard, whom Eisenhower selected to be high commissioner to Germany, largely because Conant had opposed a congressional investigation into subversive activities on his campus. McCarthy also opposed the nomination of Walter Bedell Smith, who had served as Eisenhower’s chief of staff during World War II, to become undersecretary of state, because Smith had defended John Paton Davies, Jr., a diplomat whom McCarthy alleged was a communist. McCarthy took even greater exception to the nomination of Charles E. Bohlen as ambassador to the Soviet Union. In McCarthy’s view, and that of others on the Republican right, Bohlen had been involved in what they regarded as President Franklin Roosevelt’s “sell-out” of Eastern Europe at Yalta. [...] accords. Eisenhower despised McCarthy and his methods. He believed, however, that if a president attacked McCarthy directly, it would serve only to give McCarthy more publicity and would likely lead the Senate to rally around one of its own. [...] In particular, Eisenhower cooperated with McCarthy’s opponents in the Senate during the Army–McCarthy hearings. The hearings grew out of McCarthy’s failed attempt to substantiate his charges that a “radar spy ring” existed at Fort Monmouth. [...] In December 1954, with the congressional elections behind them, the Senate voted 67-22 to censure McCarthy for behavior that brought the Senate into “dishonor and disrepute.”*” (MAYER, Michael. **The Eisenhower years** (Presidential Profiles). New York: Facts on File, 2009. p. x-xi.

<sup>486</sup> MCCARTHY, Joseph. **Speech delivered before senate on june 14, 1951.** Washington: [s.n.], 1951.



O fim da influência política de McCarthy, ainda que não significasse o fim das narrativas que exaltavam a “ameaça comunista”, foi usado por Dulles e Eisenhower para “educar” o cidadão americano contra “os perigos reais” do comunismo<sup>487</sup>. O problema era que tanto os comunistas, os aliados europeus, como também o “complexo industrial-militar” dos EUA tinham aprendido a se beneficiarem do medo criado pelas narrativas macartista. E, como Eisenhower não estava disposto a ser visto como um mentiroso, ele não pode se separar da retórica anticomunista que ele próprio tinha apoiado durante toda a campanha de 1952. Assim, a retórica anticomunista vai se tornando cada vez mais uma desconfortável prisão tanto para Eisenhower quanto para Dulles<sup>488</sup>.

Dulles speeches helped hide the fact that the Republicans did nothing about their promise to liberate the enslaved, but perhaps more important to their popularity was their unwillingness to risk American lives, for here too they were expressing the deepest sentiments of their countrymen<sup>489</sup>.

Dulles’ image of the Soviet Union was built on the trinity of atheism, totalitarianism, and communism, capped by a deep belief that no enduring social order could be erected upon such foundations.<sup>5</sup> He had written in 1950, for example, that: “Soviet Communism starts with an atheistic, Godless premise. Everything else flows from that premise”<sup>490</sup>.

A administração Eisenhower e Dulles<sup>491</sup>, ainda que com evidente menor expertise, também se utilizou do mesmo padrão de Truman e Acheson quanto às “duas narrativas”, especialmente em relação à política externa. Menos profissionalismo, menos estilo e uma retórica ainda mais agressiva contra a URSS foram as marcas do período. Entretanto, para marcar claramente a diferença entre a administração de Truman, Eisenhower, desde o início do

---

<sup>487</sup> “Nonetheless he [Foster-Dulles] wrote some of Eisenhower’s campaign speeches and was the main force drafting the Republican Party’s foreign policy platform, which condemn the ‘containment’ policy as ‘negative, futile, and immoral’ because it consigned ‘countless human beings to despotism and Godless terrorism’.” (KINZER, Stephan. **The brothers: John Foster Dulles, Allen Dulles, and their secret world war.** New York: Henry Holt and Company, 2013. p. 109).

<sup>488</sup> É justo afirmar que a histeria começou com Truman e a HUAC: “HUAC held various public hearings on communism in the schools, and in 1948 produced and distributed hundreds of thousands of copies of a pamphlet titled “100 Things You Should Know About Communism and Education,” the stated purpose of which was to inform Americans “what the master minds of Communism have planned for your child in the name of ‘Education.’” The pamphlet was intended to alarm its readers and compel them to be more vigilant. To inspire fear, the back cover included quotes from Lenin—“Give us the child for 8 years and it will be a Bolshevik forever”—and American Communist Party Chairman William Z. Foster—“Our teachers must write new school textbooks and rewrite history from the Marxian viewpoint.” (HARTMAN, Andrew. **Education and the cold war: the battle for the American school.** New York: Palgrave Macmillan, 2008. p. 103).

<sup>489</sup> AMBROSE, Stephen; BRINCKLEY, Douglas. **Rise to globalism: American Foreign Policy since 1938.** New York: Pinguim Books, 2011. p. 135.

<sup>490</sup> HOLSTI, Ole. **Making American foreign policy.** New York: Routledge, 2006. p. 26.

<sup>491</sup> John Foster Dulles falece, vítima de um cancer abdominal em 24 de maio de 1959, sendo substituído por seu vice, Christian Herter.

seu período, anunciou que perseguiria uma “new positive foreign policy” aiming “Liberation”<sup>492</sup>. Segundo Eisenhower e Dulles, havia “captive people”<sup>493</sup> na Europa Oriental e na Ásia, e era papel dos EUA dar passos decisivos para defender a “liberdade” e “democracia”<sup>494</sup> na Europa e na Ásia. Essa ideia não foi mais do que uma retórica vazia; internamente o governo reconhecia as “esferas de influência” e aceitava que os soviéticos tivessem iniciativa e controle sobre a Europa Oriental<sup>495</sup>. Os paradoxos da política externa eram tão grandes que os EUA inclusive aceitaram o velho colonialismo<sup>496</sup> (abjurado por Roosevelt e Truman) para se

---

<sup>492</sup> Existem profundas divergências quanto ao uso do termo “*liberation*” conforme usado por Eisenhower. Chris Tudda argumenta que esta é uma parte central da política de 1952 considerando sua campanha de 1952 (TUDDA, Chris. **The truth is our weapon: The rhetorical diplomacy of Dwight D. Eisenhower and John Foster Dulles.** Baton Rouge: Louisiana State University Press, 2006. p. 74-75). Meena Bose discorda mencionando a oposição a esta noção do próprio Eisenhower que concordaria em apenas usar “meios pacíficos” para apoiar países interessados em “sua própria liberação” (BOSE, Meena. **Shaping and signaling presidential policy: The national security decision making of Eisenhower and Kennedy.** Houston: Texas University Press, 1998. p. 22-24). Conforme Tudda aponta, talvez as duas visões sejam corretas em função do padrão de “duas narrativas” de Eisenhower, com uma sendo apresentada para o público e para o Congresso e outra em meios privados. Em público Eisenhower apresenta-se como um grande lutador contra o comunismo, mas reservadamente ele se opunha aos pensamentos mais agressivos de Dulles pedindo “moderação”.

<sup>493</sup> Esta expressão é amplamente utilizada por Dulles em seu livro “*War or Peace*” (DULLES, John Foster. *Correspondence Between Dean Acheson and John Foster Dulles.* sept. 1950) publicado em 1950, usada mesmo antes de Dulles conhecer Eisenhower pessoalmente, em 1952.

<sup>494</sup> “*We must know that freedom expresses itself with equal eloquence in the right of the workers to strike in the nearby factory, and in the yearnings and sufferings of the peoples of Eastern Europe.*” (EISENHOWER, Dwight. **Annual message to the congress on the state of the union.** Washington: [s.n.], 1953).

<sup>495</sup> “*Dulles’s policy was based on a bipolar view of the world. He believed that the United States could make the major decisions for the Free World while Russia would make them for the Communists. He refused to accept, or perhaps even recognize, the diversity of the world, for he thought all important issues were related to the Cold War and was impatient with those who argued that the East-West struggle was irrelevant to many world problems. His negative expression of this belief in bipolarity was his denunciation of neutrality, which he characterized as immoral.*” (AMBROSE, Stephen; BRINCKLEY, Douglas. **Rise to globalism: American Foreign Policy since 1938.** New York: Pinguim Books, 2011. p. 139); “*With the Cold War now the *idée fixe* of global politics, Dulles perceived everything through a bipolar lens*” (IMMERMAN, Richard. **Empire for liberty: a History of American Imperialism from Benjamin Franklin to Paul Wolfowitz.** New Jersey: Princeton University Press, 2010. p. 252); O discurso de Dulles, de acordo com Arthur Schlesinger Jr. era exatamente o oposto: “*John Foster Dulles argued that the great threat to peace after the war would lie in the revival of sphere-of-influence thinking.*” (SCHLESINGER-JR, Arthur. *The origins of the cold war.* **Foreign Affairs**, v. 46, n. 1, p. 22-52, oct. 1967. p. 28).

<sup>496</sup> Esse é um acalorado debate dentro dos especialistas sobre o período Eisenhower-Dulles. Contudo, apesar de abertamente, ambos os líderes afirmarem diversas vezes sua oposição ao velho colonialismo, a primeira escolha para se opor a influência de Mossadegh no Irã, a de Nasser no Egito ou a de Ho Chi-Minh na Indochina era apoiar as antigas forças coloniais dos impérios britânicos e franceses. É somente quando tais países se provam incapazes de lidar com as forças anticoloniais em seus países que Eisenhower e Dulles adotam o que Richard Immerman chama de “anticolonialismo imperial” (IMMERMAN, Richard. **Empire for liberty: a History of American Imperialism from Benjamin Franklin to Paul Wolfowitz.** New Jersey: Princeton University Press, 2010. p. 259) uma vez que os EUA buscam substituir os aliados colonialistas pelo “autêntico” império americano. Tal estratégia produziu um imenso estragon na coalizão de EUA, Inglaterra e França nos anos 50: “*Dulles had damaged the American position in France, Britain, and NATO, lost a chance to tie Nasser to the West, allowed the Soviet Union to begin preparation for a naval base in the Mediterranean, alienated Israel and her supporters, and failed to gain any more Arab adherents.*” (AMBROSE, Stephen; BRINCKLEY, Douglas. **Rise to globalism: American Foreign Policy since 1938.** New York: Pinguim Books, 2011. p. 157); “*In reality, as the NATO members begun to understand during Eisenhower’s term, NATO alliance actually endanger their positions: “Because the Soviet Union still lacked both ICBM’s and reliable strategic bombers to deliver a strike against the United States, the first target of Soviet nuclear threats became Wessern European*

oporem (usando terceiros) ao “avanço comunista”, como no caso da Indochina<sup>497</sup>. Tais posturas deram aos críticos o argumento de que a política externa de Eisenhower não conseguia nunca distinguir entre “*vital and peripheral interests*”, e assim aumentava muito o custo (político e econômico) de “lutar contra o comunismo”<sup>498</sup>.

This kind of indirect control [on indigenous elements to accept Washington’s authority] would relieve the United States of much of the financial, military and even ideological burden of empire, and through wise management would produce an empire stronger than those constructed ever before. Dulles had become an anticolonial imperialist, and he took Iran as his model<sup>499</sup>.

Se a política externa de Truman foi baseada num personalismo, com Acheson sendo o todo-poderoso secretário de Estado, a de Eisenhower foi ainda pior<sup>500</sup>. Não apenas John Foster Dulles tornou-se ao menos tão diligente e concentrador quanto era Acheson<sup>501</sup>, mas todas as reformas feitas por Truman no Departamento de Estado, em 1948 (que vieram indicadas pelas conclusões da Comissão Hoover) foram tornadas inefetivas. O Departamento de Estado nas mãos de Dulles mal ficava responsável pelo andamento da burocracia da política externa e

---

*members of NATO. The first apparent success forms the point of view of the Soviets was in November 1956, during Suez crisis of Anglo-Franco-Israeli aggression against Egypt.” (ZUBOK, Vladislav. **Kruschev's new look**: brinkmanship and bluff. In: MERRILL, Dennis (ed.). **Major problems in american foreign relations**. Volume II: Since 1914. Boston: Wadsworth Cengage Learning, 2010. p. 303).*

<sup>497</sup> “Given the American habit of defining social change as Communist aggression, given the needs of American business to maintain an extractive economy in the Third World, and given the military desire to retain bases around Russia and China, the United States had to set its face against revolution. [...] “American policy was designed to create maximum change behind the Iron Curtain and to prevent it elsewhere.” (AMBROSE, Stephen; BRINCKLEY, Douglas. **Rise to globalism**: American Foreign Policy since 1938. New York: Pinguim Books, 2011. p. 144); “Only American empire could counteract the Soviet’s. So adamant was Dulles that the security and prosperity of the non-Communist “group” required American authority that he advocated extending the American empire to regions that were or had not been victimized by British and French” (IMMERMAN, Richard. **Empire for liberty**: a History of American Imperialism from Benjamin Franklin to Paul Wolfowitz. New Jersey: Princeton University Press, 2010. p. 269).

<sup>498</sup> “In the spring of 1952, Dulles sent Eisenhower a two-page memorandum on foreign policy that would appear in *Life* magazine that May. Arguing that any effort to match Soviet conventional capabilities would lead the country into bankruptcy, Dulles declared that the United States instead should depend on its air and nuclear superiority to deter Soviet aggression.” (BOSE, Meena. **Shaping and signaling presidential policy**: The national security decision making of Eisenhower and Kennedy. Houston: Texas Universtiy Press, 1998. p. 22).

<sup>499</sup> IMMERMAN, Richard. **Empire for liberty**: a History of American Imperialism from Benjamin Franklin to Paul Wolfowitz. New Jersey: Princeton University Press, 2010. p. 259.

<sup>500</sup> “In practice, therefore, Eisenhower and Dulles continued the policy of containment. There was no basic difference between their foreign policy and that of Truman and Acheson. Their campaign statements frequently haunted them, but they avoided embarrassment over their lack of action through their rhetoric. “We can never rest,” Eisenhower had said, but rest they did, except in their speeches, which expressed perfectly the assumptions and desires of millions of Americans.” (AMBROSE, Stephen; BRINCKLEY, Douglas. **Rise to globalism**: American Foreign Policy since 1938. New York: Pinguim Books, 2011. p. 134).

<sup>501</sup> RUBIN, Barry. **Secrets of state**: the state department and the struggle over US foreign policy. New York: Oxford University Press, 1987. p. 52; HOLSTI, Ole. **Making american foreign policy**. New York: Routledge, 2006. p. 25.

estava efetivamente alijado do processo de decisão<sup>502</sup>. A CIA<sup>503</sup> viria a ocupar o espaço deixado pelo Departamento de Estado em assessorar Eisenhower e Dulles. CIA que era controlada pelo irmão de Foster Dulles, Allen Dulles. O Congresso ressentiu-se desse ainda menor espaço de discussão e decisão que era a ele permitido, especialmente em questões internacionais e pressionou Eisenhower com a recolocação em voto da chamada “Emenda Bricker” (março 1953)<sup>504</sup>, que questionava a dominância do Executivo frente ao Legislativo nas questões de política externa.

There had been only 2 or 3 dismissals of employees in 1949, 12 in 1950, 35 in 1951 and 70 in 1952. Eisenhower era investigations quickly removed 425 employees, more for homosexuality and other personal considerations than for any direct security problems. The higher statistics were misleading, as employees could no longer resign voluntarily before administrative charges were brought against them. Between 1947 and 1954, only about 1.3 percent of applications for employment were turned down due to security reasons, a fairly consistent proportion. The main personnel problems were resignations due to low morale, the disinterest of talented young people in such a maligned profession, and funding cuts that suspended the recruitment of any new FSOs between 1952 and 1954<sup>505</sup>.

### 3.9 O PAPEL DA CIA

Existem três principais razões para que o Departamento de Estado fosse rebaixado em relação ao processo de decisão em política externa: (1) a personalidade centralizadora de Dulles

---

<sup>502</sup> “No secretary of state ever worked more closely or effectively with his president than did Dulles, and their mutual respect grew in proportion to their collaboration” (IMMERMAN, Richard. **Empire for liberty: a History of American Imperialism from Benjamin Franklin to Paul Wolfowitz**. New Jersey: Princeton University Press, 2010. p. 252); “Eisenhower seldom interfered with Dulles’s bureaucracy, but he oversaw diplomatic strategy, elevating the National Security Council into a policymaking body” (GELLMAN, Irwin. **The president and the apprentice: eisenhower and nixon, 1952-1961**. Londres: Yale University Press, 2015. p. 161).

<sup>503</sup> “The president, who had used the OSS [Office of Strategic Services] for covert actions throughout the war, had no doubts about the benefits of the CIA. Allen Dulles, Foster’s brother, had been involved in those wartime operations, and early in his term the president made Allen the director of Central Intelligence (DCI). He considered the familial relationship a “good thing” and valued Allen’s “unique knowledge,” “great honesty,” and “integrity.” Allen was totally immersed in his job, and his staff showed absolute loyalty to its director. As for weaknesses, Ike knew that the CIA had expanded haphazardly and that some employees were incompetent or undisciplined. He was troubled by “a complete lack of security consciousness throughout” the agency and the fact that “too much information” was being “leaked at cocktail” parties.” (GELLMAN, Irwin. **The president and the apprentice: eisenhower and nixon, 1952-1961**. Londres: Yale University Press, 2015. p. 162).

<sup>504</sup> A emenda já tinha sido apresentada contra a administração Truman, mas Truman resistiu. Os republicanos unilateralistas apresentaram a emenda novamente como uma resposta à retórica Eisenhower-Dulles durante a campanha de 1952. O objetivo era forçar que cada ato do executivo relacionado à política externa tivesse que ser ratificado pelo Congresso. Levou-se dois anos de negociação para que a Emenda Bricker fosse abandonada.

<sup>505</sup> RUBIN, Barry. **Secrets of state: the state department and the struggle over US foreign policy**. New York: Oxford University Press, 1987. p. 54.

e seus contatos pessoais no Congresso e na administração em geral<sup>506</sup>, (2) os efeitos do Macartismo sobre todos os funcionários do Departamento<sup>507</sup> e (3) e a opção de Eisenhower e Dulles por fazerem uma política externa esquiva<sup>508</sup>, balançando entre uma agressiva retórica anticomunista e uma constante redução no orçamento de defesa<sup>509</sup>. Dulles foi, até 1959, a ponta de lança do discurso de Eisenhower.

“Eisenhower reaped where McCarthy sowed. Far from rejecting internationalism and retreating to isolationism, the Republicans were proposing to go beyond containment. They would be more internationalist than Truman”<sup>510</sup>.

<sup>506</sup> “Although Dewey predictably lost, Dulles emerged from the campaign as a force in elite diplomatic circles. He now represented not only the Protestant Church but also the Republican Party. For this reason, following Roosevelt’s death, the end of World War II, and the collapse of America’s alliance with the Soviet Union, Dulles became vital to President Harry S. Truman’s effort to evoke bipartisan support in a new, but this time cold, war. HE attended conferences as a delegate, served as an ambassador-at-large, and advised the Secretary of State, whether George Marshall or Dean Acheson.” (IMMERMAN, Richard. **Empire for liberty: a History of American Imperialism from Benjamin Franklin to Paul Wolfowitz**. New Jersey: Princeton University Press, 2010. p. 248); “Eisenhower’s appointment of John Foster Dulles as secretary of state strengthened his administration’s commitment to internationalism and to the role of spiritual values in foreign affairs. Born in 1888, two years before Eisenhower, Dulles came from a prominent family. A grandfather, John W. Foster, had been Benjamin Harrison’s secretary of state and an uncle, Robert Lansing, had held the same post under Woodrow Wilson” (GELLMAN, Irwin. **The president and the apprentice: Eisenhower and Nixon, 1952-1961**. Londres: Yale University Press, 2015. p. 158); “Dulles’s reading of works by Lenin and strongly held beliefs about the nature of the Soviet system convinced him that he also possessed unique insight into Moscow’s international behavior. Th is conviction, combined with a distaste for any bureaucratic competition, may account for his decision to force the dean of America’s Russian experts, George F. Kennan, into retirement. Kennan, widely acknowledged as the intellectual father of the postwar policy of containing the Soviet Union, developed his deep interest in Russia as a Princeton undergraduate and had spent several tours of duty in the Soviet Union as a diplomat.” (HOLSTI, Ole. **Making American foreign policy**. New York: Routledge, 2006. p. 5).

<sup>507</sup> “The Eisenhower landslide in the 1952 election was a compound of many factors, the chief being the general’s enormous personal popularity. Corruption in the Truman administration and the McCarthy charges of Communist infiltration into the government also helped (“There are no Communists in the Republican Party,” one platform plank piously declared).” (AMBROSE, Stephen; BRINCKLEY, Douglas. **Rise to globalism: American Foreign Policy since 1938**. New York: Pinguim Books, 2011. p. 133); “During his first weeks in office, Foster dismissed twenty-three diplomats as security risks, apparently after being told that they might be homosexual” (KINZER, Stephan. **The brothers: John Foster Dulles, Allen Dulles, and their secret world war**. New York: Henry Holt and Company, 2013. p. 146); “John Foster Dulles, the new secretary of state, distrusted the institution he inherited, considering it the product of 20 years of Democratic rule and, as such, unpopular with his allies in the White House and Congress. Consequently, Dulles was an extremely powerful figure in the Eisenhower administration, but cut himself off from State’s career staff. While Dulles personally dominated policymaking, the department’s institutional primacy was further weakened. Morale remained low and the organizational changes implemented during the 1950s, though solving some problems, initially produced a great deal of confusion.” (RUBIN, Barry. **Secrets of state: the state department and the struggle over US foreign policy**. New York: Oxford University Press, 1987. p. 52).

<sup>508</sup> Na realidade, depois da morte de Dulles (24 de maio, 1959), terminando uma longa batalha contra o cancer, Eisenhower adotou uma clara postura mais pacifista, convidando Khrushchev para visitar os EUA e estabelecendo o início das conversas de redução de armamentos.

<sup>509</sup> “Eisenhower and his administration reduced Truman’s defense budget for 1954 to \$43.2 billion and projected spending \$40 billion for defense in 1955 and \$35 billion in 1956. By ending the war in Korea and implementing the New Look, the Eisenhower administration was able to reduce defense budgets substantially. Spending for defense fell to \$37.5 billion in 1955 and roughly \$33.5 billion in 1957. Eisenhower’s last defense budget was \$40 billion.” (MAYER, Michael. **The Eisenhower years (Presidential Profiles)**. New York: Facts on File, 2009. p. xxv).

<sup>510</sup> AMBROSE, Stephen; BRINCKLEY, Douglas. **Rise to globalism: American Foreign Policy since 1938**. New York: Pinguim Books, 2011. p. 133.

Like Eisenhower, Dulles was a firm internationalist who promoted collective security and was unswerving in his anticommunist commitment. The president and his secretary sometimes disagreed, but they respected each other's viewpoints. Dulles knew that Ike made the ultimate decisions. Ike later reminisced that Dulles "knew more about international affairs than anyone else." They worked harmoniously, but while Dulles "helped formulate policy, the final decisions were always mine to make, and I made them"<sup>511</sup>.

Desde Franklin Roosevelt, uma das principais funções do secretário de Estado nos EUA é lidar com o Congresso<sup>512</sup>. Roosevelt, por exemplo, escolheu Cordell Hull para a função exatamente pelo bom trânsito que ele tinha nos espaços legislativos, muito mais do que por seu conhecimento sobre política internacional. O mesmo pode ser ditto para todos os secretários desde então, incluindo, e talvez como caso mais emblemático, Foster Dulles. Dulles foi escolhido, por exemplo, ainda pelo Governo Truman, para finalizar o tratado de paz com o Japão (Tratado de São Francisco, 1951) exatamente porque ele tinha laços próximos com os republicanos e um trânsito em todos os gabinetes dentro do Capitólio<sup>513</sup>. A decisão ocorreu no momento em que Truman não tinha outra escolha para conseguir efetiva comunicação com o Congresso do que discursos e poucas conversas privadas. Dulles chamou esse esforço de "*bipartisan foreign policy*" diferindo de Truman que a chamava de "*non-partisan*". Dulles explicou a diferença afirmando que do ponto de vista democrata era importante não dividir os ganhos políticos que possivelmente emergiriam da política externa (por isto "*non-partisan*") e para os republicanos era ainda mais importante assegurar suficiente espaço dessas políticas para que elas pudessem ser criticadas.

Like a metronome, Eisenhower and Dulles, both in public and private, consistently employed inflammatory rhetoric against Moscow and Washington's European allies yet confidentially pursued a policy of peaceful accommodation with Moscow and patience with the allies. [...] Rhetorical diplomacy, therefore, represented more than mere propaganda. Rather it was consciously designed to educate Western citizens for globalism while girding them for a long-term diplomatic effort. Rhetorical diplomacy played, therefore, an idealistic, ideological, and even redemptive role for a nation that

<sup>511</sup> GELLMAN, Irwin. **The president and the apprentice: Eisenhower and Nixon, 1952-1961**. Londres: Yale University Press, 2015. p. 166.

<sup>512</sup> "A Secretary of State is always a political figure. Even General Marshall became such, perhaps to his surprise. But he does will to avoid purely partisan involvement and flights of partisan oratory. His office depends upon his party's success, but the success of his office will depend upon bipartisan support". (ACHESON, Dean. **Present at the creation: My years at state department**. New York: W.W Norton, 1969. p. 689-690).

<sup>513</sup> "Three years later greatly improved prospects and the appointment of a Republican, John Foster Dulles, to conduct the negotiations leading to the Japanese peace treaty brought the treaty within the nonpartisan-policy area and led to its overwhelming ratification by the Senate in the midst of the presidential election campaign of 1952. The possibility of this happy result did not escape President Truman in his consideration of the Dulles appointment". (ACHESON, Dean. **Present at the creation: My years at state department**. New York: W.W Norton, 1969. p. 147).

had been defined for two centuries by unilateralism and renunciation of overseas involvement<sup>514</sup>.

O padrão das “duas narrativas” já começou a ser usado por Eisenhower no início do seu período, ao negociar o final da Guerra da Coreia. Foster Dulles defedia (internamente) que Eisenhower não devia aceitar o armistício negociado por Truman, pedindo por uma demonstração de força com o envio de mais homens, aviões e tanques para “*roll out the commies*”<sup>515</sup>. O recém-eleito presidente, no entanto, tomou outro caminho, Eisenhower ratificou os acordos e terminou a guerra. As razões por trás da decisão de Eisenhower estão em seu entendimento do custo da guerra e seus contatos com um antigo amigo da época da guerra: o general soviético Zhukov<sup>516</sup>. Eisenhower tinha por certo que Zhukov substituiria Stalin após sua morte, como líder soviético<sup>517</sup>. Foi, para Eisenhower, uma surpresa a ascensão de Khrushchev. Ainda assim, o presidente norte-americano teve conhecimento tanto pelos seus contatos com soviéticos, como pela diplomacia americana em Moscow (Charles Bohlen) de que a Coreia não era, afinal, uma “nova fase” da estratégia de política internacional comunista, como Acheson acreditava. Nem Stalin, nem a União Soviética trabalharam pela erupção do conflito e os EUA, no final, gastaram muitos recursos (homens, material bélico e dinheiro) numa questão lateral.

<sup>514</sup> TUDDA, Chris. **The truth is our weapon**: The rhetorical diplomacy of Dwight D. Eisenhower and John Foster Dulles. Baton Rouge: Louisiana State University Press, 2006. p. 1-2.

<sup>515</sup> “Dulles urged him [Eisenhower] to renounce the cease-fire, send armies across the demilitarized zone, and not rest ‘until we have shown, before all of Asia, our clear superiority by giving the Chinese one hell of a licking” (KINZER, Stephan. **The brothers**: John Foster Dulles, Allen Dulles, and their secret world war. New York: Henry Holt and Company, 2013. p. 116).

<sup>516</sup> “Eisenhower, however, began to doubt that the operation could be limited in time or scope, and he rejected preventive war. He pointed out to reporters that even if successful, such a war would leave China utterly devastated, full of human misery on an unprecedented scale. What, he demanded to know, “would the civilized world do about that?” At a press conference on April 28, he said he had a “sixth-sense” feeling that the outlook for peace had brightened, and he revealed that he had been in correspondence with his old wartime friend, Marshal G. K. Zhukov, one of the current Soviet rulers.” (AMBROSE, Stephen; BRINCKLEY, Douglas. **Rise to globalism**: American Foreign Policy since 1938. New York: Penguin Books, 2011. p. 147-148); *It was not the “Stalin jealousy”* (PECHATNOV, Vladimir. **The allies are pressing on you to break your will**: foreign policy correspondence between stalin and molotov and other politburo members, september 1945-december 1946. Working Paper n 26. Washington: Woodrow Wilson international Center for Scholars, 1999. p. 9) *that drove the Soviet leader against Zhukov, several fonts inform about the “special relation” between Eisenhower and Zhukov.* Veja-se também Vladislav Zubok (ZUBOK, Vladislav. **A failed empire**: the Soviet Union in the cold war from stalin to Gorbachev. Raleigh: University of North Carolina Press, 2007. p. 105-107), Page e Shapiro (PAGE, Benjamin; SHAPIRO, Robert. **The rational public**: fifty years of trends in American's policy preferences. Chicago: University Chicago Press, 1992. p. 223), Isaacson e Thomas (ISAACSON, Walter; THOMAS, Evans. **The wise men**: six friends and the world they made. New York: Kindle, 2013. p. 317).

<sup>517</sup> “In 1957 Zhukov was “abruptly” removed from office by Khrushchev “The continued lack of access prevents scholars from exploring key aspects of the foreign policy-making process in the Soviet Union as well as some of the still-mysterious episodes in Soviet internal politics (e.g., the July 1957 Zhukov affair, in which the celebrated World War II hero and Soviet defense minister, Marshal Georgii Zhukov, was abruptly removed from office).” (WILSON CENTER - Woodrow Wilson International Center for Scholars. Cold war international project bulletin. Washington: Wilson Center, 1993. p. 24).

Durante o seu período de governo, Eisenhower sempre reafirmou seu comprometimento em contrapor-se às ações soviéticas por todo o mundo, com o objetivo de defender a “liberdade” e todas as pessoas que estivessem dispostas a lutar por ela<sup>518</sup>. Um olhar um pouco mais acurado sobre as opções de Eisenhower-Dulles e suas ações reais, indicam, contudo, que Eisenhower não estava realmente disposto a fazer o que afirmava<sup>519</sup>. Existem ao menos dois diferentes momentos em que os EUA poderiam ter sido mais duros em contraporem-se às ações soviéticas e que teriam um enorme apoio internacional e também doméstico: em junho de 1953, durante a Crise de Berlim<sup>520</sup>, e em 1956 com o levante de estudantes húngaros contra a URSS<sup>521</sup>. Em ambos os momentos, Eisenhower escolheu não agir.

The 1955–1956 period, beginning with the signing of the Austrian State Treaty and ending with the dual crises in Egypt and Hungary, is of particular interest. As shown in Figure 2.2, Dulles clearly perceived Soviet hostility to be declining. At the same time, he regarded that decline to be symptomatic of a regime whose foreign policy had been an abysmal failure and whose declining strength was forcing Soviet decision-makers to seek a respite in the Cold War<sup>522-523</sup>.

<sup>518</sup> “Once the government had established this policy, Dulles argued, it could embark on a “political and moral initiative” to help the nations of Eastern Europe free themselves from Soviet control. Dulles did not advocate using military force, but he did recommend that the United States develop a “freedom program” for each country to encourage the “rollback” of communism.” (BOSE, Meena. **Shaping and signaling presidential policy**: The national security decision making of Eisenhower and Kennedy. Houston: Texas University Press, 1998. p. 22).

<sup>519</sup> TUDDA, Chris. **The truth is our weapon**: The rhetorical diplomacy of Dwight D. Eisenhower and John Foster Dulles. Baton Rouge: Louisiana State University Press, 2006. p. 79.

<sup>520</sup> Um document da CIA, desclassificado em 1994 (018/1994 <https://www.cia.gov/library/center-for-the-study-of-intelligence/csi-publications/books-and-monographs/on-the-front-lines-of-the-cold-war-documents-on-the-intelligence-war-in-berlin-1946-to-1961/3-3.pdf>) afirma “*The [soviet] regime was defeated in its effort to bow gracefully to the demands of workers, and instead has given the appearance of weakness. This could encourage the populace to eve greater resistance. [...] Severe reprisals have already been ordered for the ‘provocateurs’, and this move runs directly to the contrary to the ‘peace offensive’ [a Soviet Union discourse]’*”; see also (BELMONTE, Laura. **Selling the American way**: US propaganda and the cold war. Philadelphia: Pennsylvania Press, 2008. p. 61).

<sup>521</sup> (TUDDA, Chris. **The truth is our weapon**: The rhetorical diplomacy of Dwight D. Eisenhower and John Foster Dulles. Baton Rouge: Louisiana State University Press, 2006. p. 100); “*The Hungarian crisis marked the death kneel of the US liberation policy. Despite years of rhetoric on the rollback Soviet power, US officials provided only humanitarian assistance to Hungary and did not overtly challenge Soviet domination of the East Bloc. If the price of an independent Eastern Europe was with the USSR, they concluded, the cost was too high. From now on, the United States would promote ‘peaceful evolution’ through increased cultural and economic contacts with communist nations while simultaneously bolstering US propaganda efforts in the ‘free world’*” (BELMONTE, Laura. **Selling the American way**: US propaganda and the cold war. Philadelphia: Pennsylvania Press, 2008. p. 73); *The recent declassified NSC 817-e, June 22, 1953 assessed the situation on “unrest in satellite Europe” but recommended only psychological and political attack upon Soviet power in the area*”. (Disponível em: <[https://eisenhower.archives.gov/Research/online\\_documents/declassified/fy\\_2011/1953\\_06\\_22.pdf](https://eisenhower.archives.gov/Research/online_documents/declassified/fy_2011/1953_06_22.pdf)>).

<sup>522</sup> HOLSTI, Ole. **Making american foreign policy**. New York: Routledge, 2006. p. 28.

<sup>523</sup> Uma posição semelhante, sobre as posições mais brandas de Eisenhower e sua visão moderada quando se tratava de questões internas, argumentar Wayne Urban: “*The Eisenhower administrations, particularly his second administration after his reelection to a second term in 1956, often leaned toward the policy proposals of its centrist moderates, who were in turn willing to compromise with Democrats to achieve their objectives.*” (URBAN, Wayne. **More than science and Sputnik**: the national defense education act. Tuscaloosa: University of Alabama Press, 2010. p. 75).



Deixando-se à parte a crescentemente dura oratória, aberta e extravagantemente defendendo a “liberação”, o “*roll back*” e outras escolhas estratégicas tipo jogo de “soma zero” contra os soviéticos, Eisenhower calçou sua política externa em quatro pontos principais: (1) no “*New Look*” e na ameaça da “total retaliação nuclear”; (2) nas ações encobertas da CIA por todo o globo<sup>524</sup>; (3) em ignorar completamente (diplomática e institucionalmente) todos os sucessos ou aspirações comunistas e (4) nos contínuos cortes no orçamento de defesa<sup>525</sup>. O problema é que todos os quatro pontos foram refutados ao longo do tempo, expondo a administração Eisenhower por seus problemas e paradoxos.

At least at the declaratory level, the New Look marked a clear departure from the previous administration’s national security strategy. Republicans had sharply criticized Democratic President Truman’s containment policy both for failing to prevent the spread of communism around the world and—after the onset of the Korean War—for drastically increasing military expenditures. As the leader of the Republican party, Eisenhower needed to distance himself and his administration publicly from Truman’s policies, even though his approach bore some resemblance to Truman’s initial containment strategy<sup>526</sup>.

### 3.10 O “*NEW LOOK*”

O chamado “*New Look*” supostamente deveria dar força ao discurso norte-americano sobre defesa e, ao mesmo tempo, reduzir seus custos. O resultado não foi outro senão fracasso. Os aliados dos EUA, especialmente na Europa, sentiram o perigo de um sistema de defesa baseado na ideia do comprometimento nuclear total e na constante pressão do complexo industrial-militar americano em busca por cada vez mais investimentos. Soviéticos e norte-americanos jogavam um jogo de “esconde-esconde” antes de uma corrida armamentista. Após alcançar a capacidade nuclear dissuasória, Khrushchev anunciava que a URSS estava em posição de atacar qualquer inimigo em qualquer parte do planeta. Já os voos U2 traziam

<sup>524</sup> “*Reviewing NSC 20/2 and NSC 68/4 in March 1953, the new administration confidentially decided not to change American policy toward Eastern Europe despite its public support for liberation policy. Concerned with raising false expectations of the Eastern Europeans, Eisenhower and Dulles confidentially ruled out military aid to the satellites. Instead, the administration turned to radio broadcasts and covert action to undermine Soviet power in Eastern Europe*” (TUDDA, Chris. **The truth is our weapon: The rhetorical diplomacy of Dwight D. Eisenhower and John Foster Dulles.** Baton Rouge: Louisiana State University Press, 2006. p. 83).

<sup>525</sup> “*During his two terms, the Department of Defense spent US\$ 313 billion [US\$ 2,62 trillion in 2018 value] – in fact, US\$ 354 billion when the costs of atomic energy, military aid, and strategic stockpiling were factored into the budget. The volume of Pentagon business exceeded all the profits that American business earned during those same years*” (WHITFIELD, Stephen. **The culture of the cold war.** Baltimore: John Hopkins University Press, 1991. p. 90).

<sup>526</sup> BOSE, Meena. **Shaping and signaling presidential policy: The national security decision making of Eisenhower and Kennedy.** Houston: Texas Universtiy Press, 1998. p. 19.

informações completamente diferentes (através de fotografias tiradas em altas altitudes e o entendimento do chamado “missile gap”<sup>527</sup> continuava uma questão inconclusiva. Numa situação em que a iniciativa estava com o discurso soviético, os EUA sequer podiam usar a informação que obtinham com os irregulares voos U2 para acalmar a opinião pública (em realidade os voos U2 deixaram Eisenhower em situação diplomática extremamente delicada)<sup>528</sup>, quando a questão do *Sputnik* destruiu o que ainda sobrava da retórica de Eisenhower<sup>529</sup>.

On October 4, 1957, the Soviet Union successfully launched the world’s first man-made satellite, Sputnik. Two months earlier they had fired the world’s first intercontinental ballistic missile (ICBM). Americans were frustrated, angry, ashamed, and afraid all at once. As Walter LaFeber puts it, “‘gaps’ were suddenly discovered in everything from missile production to the teaching of arithmetic at the preschool level<sup>530</sup>.”

The national mood forced Eisenhower to initiate what he considered an imprudent crash program to launch a satellite. It also provoked an unprecedented increase in funding for science education and scientific research, two developments that would have profound effects on the American economy and American life in the coming decades. Eisenhower saw these funding increases as an attack on the balanced budget that could severely disturb economic growth<sup>531</sup>.

The launching of the Sputnik satellite in October of 1957, for Elliot Richardson and the Eisenhower administration, as well as for Lister Hill and Carl Elliott, provided an opportunity to move on initiatives in federal educational responsibility that had been in place well before that time. Nevertheless, it is also the case for all actors in the NDEA drama that without Sputnik the federal education legislation was unlikely to

<sup>527</sup> “On March 28 the New York Times published the fifth and final article: “How do We Look in the Space-Age Mirror?” It declared that the Soviet Sputnik had done a great service by clarifying the task facing America: “It has held up a yardstick to freedom and made us study each of its strengths against space-age demands. In every department— weapons, science, industrial production, education—America has the means of victory. Beyond that, it needs only the will.” Freedom would provide the “ultimate weapon for survival and the ultimate promise of peace.” (EISENHOWER, Dwight. **The papers of Dwight David Eisenhower**. v. 19. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 2001).

<sup>528</sup> Em 9 de Janeiro de 1958, o The Washington Post publicou um texto de George Gallup afirmando que em dez cidades pesquisadas ao redor do globo as pessoas pensavam que os russos estavam “à frente” na Guerra Fria: Johannesburg, Chicago, Washington, Copenhagen, Paris, Helsinki, London, Stockholm, Athens, Toronto, Vienna, New Delhi and Berlin mostravam por uma margem de 48% contra 22% o Efeito Sputnik na Guerra Fria.

<sup>529</sup> Em uma carta ao presidente do MIT, James Killian Jr, Eisenhower reconhecia a “atmosfera de pânico” que tomou conta dos EUA após o lançamento do Sputnik (EISENHOWER, Dwight. **The papers of Dwight David Eisenhower**. v. 20. Baltimore: The Johns Hopkin Press, 2001. p. 1579); “Americans learned that Moscow had successfully launched the world’s first man-made satellite on October 4, 1957. Sputnik, short for “Artificial Fellow Traveler Around the Earth,” weighed 184 pounds, and circled the earth once every ninety-six minutes. The typical American reaction was a mixture of shock and awe. President Eisenhower attempted to defuse the mild panic that ensued by downplaying the event. He described Sputnik as “one small ball in the air something which does not raise my apprehensions, not one iota”; Ainda assim, os cidadãos americanos não estavam convencidos: nas palavras de Daniel Boorstin: “Never before had so small and so harmless an object created such consternation” (HARTMAN, Andrew. **Education and the cold war: the battle for the american school**. New York: Palgrave Macmillan, 2008. p. 175).

<sup>530</sup> AMBROSE, Stephen; BRINCKLEY, Douglas. **Rise to globalism: American Foreign Policy since 1938**. New York: Pinguim Books, 2011. p. 161.

<sup>531</sup> GELLMAN, Irwin. **The president and the apprentice: Eisenhower and Nixon, 1952-1961**. Londres: Yale University Press, 2015. p. 486.

have overcome the constitutional objections of state and local government purists and the religious and racial controversies that plagued federal aid to education, constitutionally and, more importantly, politically<sup>532</sup>.

Tendo que lidar com um crescente déficit público<sup>533</sup>, a administração Eisenhower impeliu uma agressiva retórica nas questões internacionais<sup>534</sup>, nos “programas de educação pública”<sup>535</sup> a respeito das questões internacionais. Especialmente para que o cidadão apoiasse os planos do “*New Look*”<sup>536</sup> e os programas de guerra psicológica usados em todo o globo<sup>537</sup>.

<sup>532</sup> URBAN, Wayne. **More than science and Sputnik**: the national defense education act. Tuscaloosa: University of Alabama Press, 2010. p. 80.

<sup>533</sup> Em 1953, Eisenhower afirmava que o déficit público era de 5,9 bilhões de dólares e previa para 1954 um rombo ainda maior, de 9,9 bilhões. O déficit nacional total, segundo Eisenhower, já estava na casa de mais de 275 bilhões de dólares (EISENHOWER, Dwight. **Annual message to the congress on the state of the union**. Washington: [s.n.], 1953); “*Government expenditures could be reduced significantly, however, only by cutting the Defense Department budget, which the Republicans proceeded to do. The cuts made liberation [of East Europe and communists ‘captives’] even more difficult.*” (AMBROSE, Stephen; BRINCKLEY, Douglas. **Rise to globalism: American Foreign Policy since 1938**. New York: Pinguim Books, 2011. p. 134); O déficit ficaria ainda maior no final dos anos Eisenhower: “*He [Eisenhower] thought the greatest danger in the Berlin crisis [1959] was that the Russians would frighten the United States into an arms race that would bankrupt the country.*” (AMBROSE, Stephen; BRINCKLEY, Douglas. **Rise to globalism: American Foreign Policy since 1938**. New York: Pinguim Books, 2011. p. 165); “*Eisenhower managed to produce budget surpluses in 1956 and 1957 and to balance the budget [only] in 1960 (there would be only one balanced budget between that time and the late 1990s—in 1969).*” (MAYER, Michael. **The Eisenhower years** (Presidential Profiles). New York: Facts on File, 2009. p. xii).

<sup>534</sup> O padrão das “duas narrativas” continuava presente. Em um “*top-secret*” memorando de 24 de julho de 1953, a CIA apresentava um detalhado estudo sobre as capacidades de ataque da URSS sobre os EUA. A conclusão era de que os soviéticos tinham “*low capabilities of conventional naval and airborne forces*”, “*difficulties*” em lançar armas atômicas que eram ainda “*insufficiently developed*”, e “*insufficiently developed*” também para “*other mass destruction weapons*” (Disponível em: <[https://eisenhower.archives.gov/Research/online\\_documents/declassified/fy\\_2013/CIA\\_Special\\_Estimate\\_Soviet\\_Capabilities.pdf](https://eisenhower.archives.gov/Research/online_documents/declassified/fy_2013/CIA_Special_Estimate_Soviet_Capabilities.pdf)>). No discurso “*State of the Union*” em 7 de janeiro de 1954, Eisenhower apresentou aos cidadãos americanos uma situação muito mais tenebrosa: “*military and non-military measures for continental defense must be and are being strengthened. In the current fiscal year, we are allocating to these purposes an increasing portion of our effort, and in the next fiscal year we shall spend nearly a billion dollars more for them than in 1953*”.

<sup>535</sup> “*The ZAD [Zeal for American Democracy] program fit into the framework of the new national security policy by providing a program that aimed at inculcating core American values within the youth of the country while simultaneously reinforcing the view, promulgated by the new national security policy, that the Soviet Union was bent on worldwide dominance, and its totalitarian structure was of the greatest evil. What made the ZAD program unique, however, was its unapologetic use of propaganda techniques for the classroom that Commissioner of Education John W. Studebaker, an ardent anti-communist, justified by arguing it would serve to promote discussion of controversial issues.*” (JACOBS, Edna. **Zeal for American democracy: civic education end the cold war: 1947-1954**. 1999. Tese (Doutorado) - Southern Illinois University. Carbondale, 1999. p. 123).

<sup>536</sup> “*The development of Eisenhower’s New Look strategy is of both substantive and procedural interest. Substantively, the New Look’s reliance on nuclear deterrence rather than large conventional forces represents an asymmetrical approach to addressing the national security interests of the United States.*” (BOSE, Meena. **Shaping and signaling presidential policy: The national security decision making of Eisenhower and Kennedy**. Houston: Texas University Press, 1998. p. 19-24).

<sup>537</sup> No NSC 174 de 11 de dezembro de 1953. “*Covert operations can be directed to the satellites (a) to gain intelligence, (b) to build up organizational arrangements which will strengthen capabilities for resistance and constitute an asset in the event of war or other situation where action against the regimes may be feasible and desirable, and (c) to reinforce official United States propaganda, especially with the purpose of keeping up the morale of the anticommunists and sowing confusion among the communists. To be most effective, operations*

A questão, contudo, era que, longe de manter o “mundo livre” trabalhando conjuntamente contra a “ameaça comunista”, todos os componentes da política externa de Eisenhower afastaram aliados dos EUA e as operações da CIA deixaram sem efeitos quaisquer esforços de cooperação financeira ou diplomática.

### 3.11 INTERVENÇÕES VELADAS

De 1952 a 1953, Allen Dulles aumentou o tamanho da CIA em seis vezes, se comparado com sua fundação, em 1947<sup>538</sup>. Durante o período Eisenhower, a Agência levou a cabo seis tentativas de remover líderes estrangeiros do poder. Todas elas receberam autorização pessoal de Eisenhower e Dulles<sup>539</sup>: em 1953, Mossadegh no Irã (Operação Ajax); em 1954, Jacobo Arbenz na Guatemala (Operação PB/Sucesso)<sup>540</sup>; em 1955, Ho Chi-Minh no Vietnã (Operação Tempestade); em 1956-1958 Sukarno<sup>541</sup> na Indonésia (Operação Arquipelago); em 1957 Gamal Abdel Nasser no Egito (Operação Ômega) e em 1960, Patrice Lumumba no Congo (Operação Barracuda<sup>542</sup>).

O aparente sucesso das ações contra Mossadegh e Arbenz não podem apagar o caminho decadente e compassado com que as ações internacionais de Eisenhower foram desmoralizadas<sup>543</sup>. Juntamente com os custos de todas as operações (por exemplo, em 1958 o

---

*of this kind should be conducted so as to avoid encouraging divisive forces among the anticommunists at home or the exiles abroad.”*

<sup>538</sup> Por volta de 1958 o orçamento da CIA era algo em torno de US\$ 350 milhões de dólares (mais de US\$ 3 bilhões em valores atuais), quase todo sem qualquer controle ou conhecimento do Congresso.

<sup>539</sup> De acordo com o seu biógrafo, Stephen Ambrose, Eisenhower estabeleceu “*a pattern he would hold throughout his presidency, he kept his distance and left no documents behind that could implicate the President in any proposed coup*” (KINZER, Stephan. **The brothers**: John Foster Dulles, Allen Dulles, and their secret world war. New York: Henry Holt and Company, 2013. p. 136).

<sup>540</sup> *The CIA was never a path to be seek for Truman-Acheson administration. Acheson advised Truman about the danger of controlling an organization that neither the President “nor anyone else would be in a position to know what it was doing of to control it”.* (ACHESON, Dean. **Present at the creation**: My years at state department. New York: W.W Norton, 1969. p. 214). “*Acheson, discovering a CIA plan to overthrow Arbenz during Truman’s presidency, talked the president out of the idea; but there would be no such roadblocks in the Eisenhower administration. Smith and the Dulles brothers agreed on a coup plan and gained the president’s approval, contrary to the advice of Assistant Secretary [John Moors] Cabot.*” (RUBIN, Barry. **Secrets of state**: the state department and the struggle over US foreign policy. New York: Oxford University Press, 1987. p. 58).

<sup>541</sup> O ataque da CIA a Sukarno foi levado a cabo usando-se uma estranha peça: um filme pornográfico em que o ator central foi maquiado de forma a parecer o presidente da Indonésia. O filme é chamado “*Happy Days*”. (KINZER, Stephan. **The brothers**: John Foster Dulles, Allen Dulles, and their secret world war. New York: Henry Holt and Company, 2013. p. 233).

<sup>542</sup> WITTE, Ludo de. **The assassination of lumumba**. New York: Verso, 2002. p. 22.

<sup>543</sup> “*Between 1946 and 1960, 37 new nations emerged from colonial status in the Middle East, Asia, and Africa. Many of these nations chose to remain at least ostensibly neutral in the cold war. In April 1955, 29 “nonaligned” states met at the Bandung Conference and declared their support for “neutrality” and for the*

orçamento anual da CIA era algo em torno de US\$ 350 milhões de dólares<sup>544</sup>), outro problema era evidente: o governo dos EUA não poderia esperar estabilidade política nas regiões em que intervinha<sup>545</sup>. Em um memorando ultrassecreto de 23 de Julho de 1958<sup>546</sup>, o Estado Maior norte-americano (*Joint Chiefs of Staff*) já afirmava que, como resultados das ações norte-americanas no Irã, o país agora lidava com a violência dos “chefes tribais curdos” na fronteira com o Iraque e com a ameaça direta de intervenção soviética no Irã com o apoio político dos chefes da região. Em 1959 a Revolução cubana acontece e isto também não pode ser entendido sem o reconhecimento das falhas da política norte-americana – especialmente em suas ações encobertas – para a região da América Central a Caribe.

Se os pontos positivos das intervenções provaram-se não tão positivos assim, os negativos foram realmente desastrosos. Ho Chi-Minh manteve-se no poder até os anos 70 e, após as operações norte-americanas, ele se colocou ainda mais próximo de China e União Soviética. Sukarno expôs publicamente as atividades americanas na Indonésia, tornando evidente que as ações secretas americanas eram direcionadas a desestabilizar o país<sup>547</sup> e, ao mesmo tempo, fortaleceu-se politicamente, acabando com as oposições e mantendo a Indonésia unida<sup>548</sup>. Sukarno também denunciou as ações dos EUA na ONU, ajudando a dar sentido e importância ao Grupo dos Não-Alinhados após a Conferência de Bandung (1955)<sup>549</sup>.

---

*Soviet call for “peaceful coexistence.” Dulles regarded neutralism as “immoral and shortsighted.”*” (MAYER, Michael. **The eisenhower years** (Presidential Profiles). New York: Facts on File, 2009. p. 175).

<sup>544</sup> Um pouco mais do que US\$ 2,5 bilhões de dólares em valores de hoje.

<sup>545</sup> Em uma carta, em 1959, ao Xá Reza Pahlevi, Eisenhower reclamava da presença soviética no Irã: “*The most troublesome aspect of these reports is the implication, as we see it, for the future security of your country. It is my profound conviction that the principal objective of the Soviet Union in Iran remains unchanged and that that objective is inconsistent with Iran’s independence and integrity and with the security and stability of Your Majesty’s regime. History demonstrates that the Soviet Union has repeatedly used non-aggression and “friendship” pacts to lull prospective victims and make them less alert to their danger.*” (EISENHOWER, Dwight. **The papers of Dwight David Eisenhower**. v. 19. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 2001. p. 1322).

<sup>546</sup> Disponível em: <[https://eisenhower.archives.gov/Research/online\\_documents/declassified/fy\\_2014/093\\_003.pdf](https://eisenhower.archives.gov/Research/online_documents/declassified/fy_2014/093_003.pdf)>.

<sup>547</sup> Em 13 de junho de 1962, um memorando de Kennedy afirmava “*The greatest danger may lie in the profound confusion that exists among the 200 million southeast Asians [...] tend to think of the US in terms of the massive military supplies which we sent the French ‘colonialists’ in the early 1950’s and [...] of our efforts to overthrow Sukarno in 1958*” (THE US STATE DEPARTMENT. **Foreign relations of the united states 1961-1963 Southeast Asia**. Washington: United States Governemnet Printing Office, 1994).

<sup>548</sup> *According with a Memorandum dated January 2<sup>nd</sup>, 1958, Sukarno “proposed as a solution the Cabinet crisis growing out of this development the formation of a new government in which all major parties, including the Communist, would be represented [...] In Regional Council elections [1957] the Communists scored substantial gains”* (THE US STATE DEPARTMENT. **Foreign Relations of the United States, 1958-1960 Indonesia**. Washington: United States Governemnet Printing Office, 2016).

<sup>549</sup> *A confidential telegram from Embassy in Cambodia at May 17<sup>th</sup>, 1963 stated the Cambodia’s King “exchanged messages with various world leaders including Khrushchev, Sukarno, Nasser, Tito, Liu Shao-chi, Ne Win, Chou Enlai, Ho Chi Minh, Novotny, Nehru and Nkrumah [...] Looming ahead are visits by Ho Chi Minh, Sukarno and Brezhnev and perhaps Tito and Ne Win [...]” The telegram presented the group as “heavy weighted”* (THE US STATE DEPARTMENT. **Foreign relations of the united states 1961-1963 Southeast Asia**. Washington: United States Governemnet Printing Office, 1994. p. 105).

O senador William Fulbright chefiou, em 1957, uma investigação do Congresso sobre a política externa norte-americana. O subcomitê formado no Senado observou a forma como Eisenhower e Dulles agiram durante a Crise de Suez (1956) e concluíram que “*our policy was influenced too much by emotion and not enough by hardheaded realities*”<sup>550</sup>. No fim, a comissão do Senado (1958) deixou estabelecido que Dulles deveria responder por ter alienado britânicos e franceses da esfera americana e por ter empurrado Nasser para longe do “mundo livre”<sup>551</sup>, diretamente nas mãos da diplomacia soviética em relação ao caso da construção da represa de Aswan<sup>552</sup>.

A questão do Congo e a situação de Patrice Lumumba foram ainda mais destrutivas para a imagem internacional do Governo Eisenhower<sup>553</sup>. Com a decisão final da operação (pela

---

<sup>550</sup> JACOBS, Matthew. **Imagining the middle east: the building of an american foreign policy, 1918-1967**. Chapel Hill: North Carolina Press, 2011. p. 131.

<sup>551</sup> *In a memorandum to Foster Dulles (November 13, 1957) the president acknowledged the situation: Dear Foster: Do you think there would be any percentage in initiating a drive to attempt to bring back Nasser to our side? I do not have in mind anything spectacular or, indeed, anything that would get in the papers. My thought would be that either through the Ambassador or anybody else you can trust, you would start inquiring from him whether he saw any basis for rapprochement and [what] he would be prepared to do in the way of easing tensions in the Mid-East if we on our part would resume efforts to help him over some of his difficulties. If we do this it will, of course, have to be skillfully done—certainly we don't want to be in the position of “bootlicking a dictator.” Please do not send me any written answer. This note is merely to suggest that we talk about the subject when we have a little time together. As ever*” (EISENHOWER, Dwight. **The papers of Dwight David Eisenhower**. v. 18. Baltimore: The John Hopkins Press, 2001); “The Suez Crisis strained U.S. relations with the British; although the differences were soon composed. The crisis also created frictions with the French, which less easily and less quickly abated. Disagreements over Suez, however, did not seriously disrupt NATO.” (MAYER, Michael. **The Eisenhower years (Presidential Profiles)**. New York: Facts on File, 2009. p. 176).

<sup>552</sup> “*Seeking to intensify pressure on Nasser, Foster [Dulles] began retreating from his offer to finance the Aswan dam [...] Then, in what may have been an even greater shock, the Soviets agreed to give Egypt a low-interest loan of \$1.1 billion to begin construction of the Aswan High Dam*” (KINZER, Stephan. **The brothers: John Foster Dulles, Allen Dulles, and their secret world war**. New York: Henry Holt and Company, 2013. p. 215; 224).

<sup>553</sup> De fato, em 18 de abril de 1960, um memorando do governo dos EUA inicialmente afirmava que Lumumba “*will play an important political role in the Congo for at least the next two years*” e era claramente contra qualquer ação para “*stop Lumumba campaign*” (THE US STATE DEPARTMENT. **Foreign Relations of the United States: 1964-1968 Congo**. Washington: United States Government Printing Office, 2013. p. 8). A situação muda drasticamente em 25 de julho do mesmo ano, um documento do National Security Council descrevia Lumumba como “*crazy and paranoid (sic)*” e “*major negative factor*” para o Congo. Durante o mês anterior Lumumba havia negado bases militares aos EUA e lutou contra os rebeldes de Katanga (região mais rica do Congo) que buscavam “independência”, além de ter pedido ajuda soviética. O grupo decisório americano recomendou que o governo “*Launch extensive campaign by assisting local political groups with the funds and guidance to take anti Commie line and oppose Lumumba*” (THE US STATE DEPARTMENT. **Foreign Relations of the United States: 1964-1968 Congo**. Washington: United States Government Printing Office, 2013. p. 13-15). A ordem para manter Lumumba seria expedida em setembro, usando-se uma toxina biológica. Em 27 de Outubro um memorando para o “*Special Group*” no Congo dizia que “*It is concluded that action is advisable at this time to strengthen Colonel Mobutu's position in an effort to prevent the Communist-Oriented Lumumba government from regaining control of the Congo*” (THE US STATE DEPARTMENT. **Foreign Relations of the United States: 1964-1968 Congo**. Washington: United States Government Printing Office, 2013. p. 50). Acredita-se que Lumumba tenha sido morto em 17 de janeiro de 1961. Num cabograma datado de 26 de janeiro de 1961, um agente de campo da CIA escrevia que “*many rumors have come to the attention of the Embassy and the Station to the effect that, with the change in administration, our policy in the Congo will be reversed [...] needless to say, these rumors are beginning to have an adverse effect upon our*

eliminação de Lumumba) foi tomada após o falecimento de Foster Dulles, ocorre que essa foi a única decisão que leva a assinatura oficial nos documentos de Eisenhower. Os EUA tentaram usar o assassinato de Lumumba como propaganda interna e quase todo o seu processo de prisão (e toda a violência envolvida) foi transmitido por televisões norte-americanas para todo o mundo. Enquanto as críticas ao papel dos EUA surgiam de todos os lugares, Khrushchev renomeava a Universidade da Amizade entre os Povos, existente na Rússia de “*Patrice Lumumba University*”, e oferecia bolsa integral a 150 estudantes congolezes para que se formasse a “nova burocracia de Estado” do país. Não poderia ter forma mais evidente de demonstrar a distância entre as percepções das ações internacionais e valores entre as políticas externas de Khrushchev e Eisenhower<sup>554</sup>.

Less than two years later, Allen [Dulles] casually admitted that he might have exaggerated the danger Lumumba posed to the West. A television interviewer, Eric Sevareid, asked him if he had come to believe that any of this covert operations were unnecessary. He named just one. “I think that we overrated the danger in, let’s say, the Congo”<sup>555</sup>.

As informações secretas eram tornadas públicas sem o mínimo cuidado e a população ficava sabendo cedo demais das “*covert operations*” de seu governo. Em menos de dois anos, por exemplo, o chefe da CIA já fazia reparos públicos às ações da agência, num misto de arrogância e desconhecimento (ou desinteresse) pelos resultados da publicação desse tipo de informação.

By the end of Eisenhower’s second term, the whole policy process, with or without Dulles, was coming under increasing criticism from Congress and independent foreign affairs groups concerning the over-centralization of power in Dulles’s hands, managerial knots unsolved by Wristonization, and the proliferation of competing agencies. Senator Henry Jackson’s Subcommittee on National Policy Machinery, which took testimony from many experienced policymakers between 1959 and 1962, and several government and private studies suggested major changes for State and the policymaking system<sup>556</sup>.

---

*operational efforts*” (THE US STATE DEPARTMENT. **Foreign Relations of the United States: 1964-1968 Congo**. Washington: United States Government Printing Office, 2013. p. 1664).

<sup>554</sup> “[...] Khrushchev’s performance was more striking. He appears jovial and approachable, even if defensive and impulsive. Although Nixon earned accolades for illustrating the miracles of consumer capitalism, Khrushchev helped his country in the global political competition simply by not appearing menacing. By opening his country up to his capitalistic adversaries, he was softening the image of the Iron Curtain, the preeminent symbol of communist totalitarianism” (OSGOOD, Kenneth. **Total cold war: Eisenhower's secret propaganda battle and home and abroad**. Lawrence: Kansas University Press, 2006. p. 357).

<sup>555</sup> KINZER, Stephan. **The brothers: John Foster Dulles, Allen Dulles, and their secret world war**. New York: Henry Holt and Company, 2013. p. 286.

<sup>556</sup> RUBIN, Barry. **Secrets of state: the state department and the struggle over US foreign policy**. New York: Oxford University Press, 1987. p. 161.

A verdade é que as ações do secretário de Estado, Foster Dulles, e do chefe da CIA, Allen Dulles, eram guiadas pelos entendimentos pessoais de cada um e não por um cálculo racional embasado e bem informado sobre política externa<sup>557</sup>. E tais decisão ainda tinham um nível mínimo de questionamento ou oposição por parte do presidente da República. Foster Dulles escreveu, em 1950, ainda antes de conhecer Eisenhower que os EUA não deveriam pensar em “*how to save our necks, but how to save freedom*”<sup>558</sup>. O espaço das ações em que, segundo Dulles, os EUA deveriam se embrenhar era tão somente o mundo inteiro e, uma vez que não estavam imbuídos de nenhuma outra ideia do que “liberdade” é possível compreender o caráter dado por Dulles às ações internacionais dos EUA. Em Genebra (maio de 1954) Foster Dulles afirmou que “*the United States wanted a South East Asian alliance against Communism [...] to fight if openly challenged by Communism aggression [...] trying to create a situation in which South East Asia would not go down like a row of dominoes if Indo-China fell*”<sup>559</sup>.

### 3.12 A NARRATIVA DE PAZ COMO FORMA DE GUERRA

O ponto máximo do padrão das “duas narrativas” é atingido. Não apenas a administração Eisenhower não estava organizando nenhum esforço militar para “conter o comunismo”, como também numa pesquisa de opinião tomada no final de maio de 54 mostrou que “48% of the

<sup>557</sup> Existem inúmeros exemplos usados para mostrar esse padrão. Um deles era o relatório de inteligência feito pelo chamado “Projeto Troia” afirmando claramente após que “*Communism in China and Southeast Asia does not constitute a simple extension of Soviet Power. Mao in China and Ho in Vietnam are not automatic tools of the Kremlin, but men with aspirations for their own countries who have embraced Communist doctrines as a formula for achieving progress in their own countries*” (ROBIN, Ron. **The making of the cold war enemy: culture and politics in the military-intellectual complex**. New Jersey: Princeton University Press, 2001. p. 45-46). Apesar de toda a informação disponível, as visões dos irmãos Dulles prevaleceram, com as bênçãos de Eisenhower; Nas palavras de Eisenhower: “*I have nothing to say about your criticism of Mr. Dulles, except to observe that some of the problems that we encounter in the foreign field change their complexion almost from day to day. By and large he is by far the best qualified man in the nation to serve as our Secretary of State. He is courageous, steadfast and is the best informed and wisest man in the foreign field I have ever met, even though I am ready to admit that he and I may, and do, make mistakes in this field as well as in others.*” (EISENHOWER, Dwight. **The papers of Dwight David Eisenhower**. v. 18. Baltimore: The John Hopkins Press, 2001).

<sup>558</sup> DULLES, John Foster. Correspondence Between Dean Acheson and John Foster Dulles. sept. 1950. p. 175.

<sup>559</sup> (THE US STATE DEPARTMENT. **Foreign relations of the united states, 1952-1954**. The Geneva Conference. v. XVI. Washington: United States Government Printing Office, 1981. p. 498); esta é a chamada “Teoria do dominó”, apresentada ao público ainda sem uma forma mais pensada em 7 de abril de 1954, numa conferência de imprensa dada por Eisenhower. O presidente começou a conferência afirmando que os EUA “*know of no military requirement that could lead us into the production of a bigger bomb [H-bomb] than has already been produced*” para então afirmar a importância da região da Indochina para o “mundo livre”: “*First of all, you have the specific value of a locality in its production of materials that the world needs. Then you have the possibility that many human beings pass under a dictatorship that is inimical to the free world. Finally, you have broader considerations that might follow what you would call the ‘falling domino’ principle. You have a row of dominoes set up, you knock over the first one, and what will happen to the last one is the certainty that it will go over very quickly*”. (EISENHOWER, Dwight. **73 new's conference**. Washington, apr. 1954).



*public believed that the United States 'would gain nothing' from getting involved in the Indochinese conflict*"<sup>560</sup>. A distância entre o que o governo fazia e o que o público entendia precisava ser diminuída. Eisenhower implementou ações rápidas para resolver o problema. Tais ações incluíam (1) aumentar as ações para “educar” a população com relação às questões internacionais e (2) manter distância de qualquer ato ou imagem que pudesse dar aos “comunistas” qualquer legitimidade ou significância<sup>561</sup> e (3) passar a denunciar a ideia soviética de “paz” como uma “estratégia de guerra”<sup>562</sup>. Todas as três medidas falharam em produzir efeitos positivos na percepção mundial sobre a política externa norte-americana. Mesmo com o constante uso do complexo de mídia e propaganda norte-americano<sup>563</sup>, a administração Eisenhower encontrou-se no meio de uma situação de duras críticas internas em função da diferença do discurso do governo para as questões internacionais e para as internas.

---

<sup>560</sup> TUDDA, Chris. **The truth is our weapon: The rhetorical diplomacy of Dwight D. Eisenhower and John Foster Dulles**. Baton Rouge: Louisiana State University Press, 2006. p. 71.

<sup>561</sup> Foster Dulles recomendou a Eisenhower que sequer tirasse fotos com qualquer líder soviético “sorrindo”: “*Foster had decreed before the talks began [Geneva Convention, 1954] that no Americans should be photographed smiling or shaking hands with the Russians*” (KINZER, Stephan. **The brothers: John Foster Dulles, Allen Dulles, and their secret world war**. New York: Henry Holt and Company, 2013. p. 209); “*Although Dulles had advised him to wear an “austere countenance” when photographed with Premier Nikolai Bulganin [during 1955 summit conference], the president conducted himself in a warm, friendly manner.*” (MAYER, Michael. **The Eisenhower years** (Presidential Profiles). New York: Facts on File, 2009. p. 172).

<sup>562</sup> Todo entendimento “profissional” sobre as ações comunistas seguiam na mesma direção. Em 1959, Josef Korbel, um diplomata emigrado da Europa Oriental e pai da futura secretária de estado de Bill Clinton, Madeleine Albright publicava nos EUA um livro contando a história da Checoslováquia. Em um capítulo intitulado “*Capturing Mind*” ele escreveu: “*Communists are aware of their powerlessness to force entry into the domain of inner thoughts. In Czechoslovakia, therefore, they tried to penetrate the secret depths of people’s minds by another method, through pretense and lure*” (KORBEL, Josef. **The Communist subversion of Czechoslovakia 1938-1948: the failure of coexistence**. New Jersey: Princeton University Press, 1959. p. 136). Korbel continua: “*The essence of democracy is faith, and the manner of free men is to trust. There are statesmen and writers in the free world who still today accept at face value the more alluring pronouncements of communist leaders as the changing face of communism from time to time takes on friendlier guise. It is hard to change the habits of faiths and trust even in the light of history or in the face of continuing communist ideological agility*” (KORBEL, Josef. **The Communist subversion of Czechoslovakia 1938-1948: the failure of coexistence**. New Jersey: Princeton University Press, 1959. p. 237).

<sup>563</sup> “*The Department of Defense had long recruited Hollywood talent to incorporate the Cold War propaganda into its entertainment products, as it had during the World War II. In 1956, the Subsidiary Activities Division of the Joint Chiefs of Staff undertook cooperation with motion picture and television producers and directors to weave the themes of the navy’s “Militant Liberty” program into Hollywood productions. ‘Militant Liberty was a secret domestic psychological warfare campaign created in 1955 to ‘explain the true conditions existing under Communism in simple terms’ and to ‘generate motivations to combat this threat’*” (BERNHARD, Nancy. **US television news and cold war propaganda, 1947-1960**. New York: Cambridge University Press, 2003. p. 149); “*The movie industry was conscripted into the Cold War in 1947 when HUAC was invited to Los Angeles. The Committee’s host was the Motion Picture Alliance for the Preservation of American Ideals, and organization that struck a typical postwar stance in asserting that “co-existence is a myth and neutrality is impossible [...] anyone who is not FIGHTING communism is HELPING communism”*” (WHITFIELD, Stephen. **The culture of the cold war**. Baltimore: John Hopkins University Press, 1991. p. 127).

Allen's [Dulles] remarks infuriated journalists in American South. "What a mockery of the world freedom" retorted the Shreveport Journal on February 28, 1958. Launching a bitter attack on the USIA's response to segregation the article continued: "And what terrible waste of the taxpayers' money to give people *abroad* an incorrect, interracialist's-eye-view of life in the United States. What do we have but a police state when our own President sends paratroopers armed with rifles and bayonets to force white boys and girls of Little Rock to accept racial integration in their high school? [...] The United States Information Agency has not reported how it is answering these questions [...] Isn't it about time we quit spending money to spread interracial propaganda overseas? Americans won't buy the Eisenhower administration's interracial program, so why should they pay to try to sell it to foreigners?"<sup>564</sup>

Com a dificuldade da estratégia de Dulles em "educar" a opinião pública norte-americana a respeito da política internacional para produzir efeitos no curto prazo<sup>565</sup>, inúmeras ações foram tomadas para elevar o nível educacional médio do cidadão e minorar a diferença percebida entre a ciência norte-americana e a soviética<sup>566</sup>. Entre elas, a mais importante foi o NDEA (*National Defense Education Act*), de 1958, logo após o medo do "Efeito *Sputnik*". Durante as três últimas legislaturas (desde 1950) várias leis foram aprovadas com relação à educação nos EUA. Todas elas, contudo, acabaram paradas na Câmara (*House of Representatives*). Em 1958, o Congresso dos EUA anunciava:

The US Congress reached the conclusion that the American Schools and colleges were not producing the quantity and quality of scientific and technical specialists necessary to keep pace with the Soviet Union. This diagnosis propelled Congress to pass a number of emergency measures in 1958, including the National Aeronautics and Space Act (establishing NASA) and the National Defense Education Act (NDEA).<sup>567</sup>

<sup>564</sup> BELMONTE, Laura. **Selling the American way**: US propaganda and the cold war. Philadelphia: Pennsylvania Press, 2008. p. 173.

<sup>565</sup> A ideia de atingir um "*new world*" por meio da educação era apresentada já na fundação das Nações Unidas: De acordo com a inclinação liberal institucionalista estabelecida pelos autores do "*Education for International Understanding*", a ONU era um grande passo da humanidade para a paz. Mas, sozinho, não era suficiente: "*The danger lies in the tendency of many people, Americans included, to overestimate the capabilities of the organization, and to become disappointed and disillusioned when the organization fails to live up to certain extravagant claims made for it.*" Os autores acreditavam que os professores eram cruciais para a organização de um esforço que afastasse estas armadilhas: "*Teachers carry a larger responsibility than most of their fellow citizens for contributing to the maintenance of enduring peace.*" Era obrigação dos professores utilizarem sua posição especial na sociedade para intervir no contexto político presente – como ativistas políticos – e preparar os futuros adultos para serem atores racionais no cenário mundial: "*As citizens, teachers must try to give children and youth a chance of survival; as teachers, they must equip children and youth to make use of that chance.*" (HARTMAN, Andrew. **Education and the cold war**: the battle for the american school. New York: Palgrave Macmillan, 2008. p. 138).

<sup>566</sup> "*The scientists argued not that the United States was behind the Soviets scientifically, but that the Soviets emphasized science more than did Americans in their schools, and that this emphasis, unless countered, meant Soviet scientific superiority within a decade.*" (URBAN, Wayne. **More than science and Sputnik**: the national defense education act. Tuscaloosa: University of Alabama Press, 2010. p. 81).

<sup>567</sup> Existiam restrições para lidar com os "*ideological problem*" relacionados ao orçamento; "*No part of any funds appropriated or otherwise made available for expenditure under authority of this Act shall be used to make payments or loans to any individual unless such individual (1) has executed and filed with the Commissioner an affidavit that he does not believe in, and is not a member of and does not support any organization that believes in or teaches, the overthrow of the United States Government by force or violence or by any illegal or*

Nos últimos anos do mandato de Eisenhower sua retórica agressiva ao lidar com a política externa não pode evitar a percepção de que o modelo soviético tinha a vantagem em questões científicas e educacionais. O Congresso então chamou para si a função de resolver esse problema<sup>568</sup>. O modelo, que tinha surgido com o Macartismo, do controle “político” da ciência aparentemente não era suficiente para fazer a América manter a dianteira na Guerra Fria, e os anos 60 seriam o campo experimental para todas essas batalhas políticas e educacionais<sup>569</sup>. A prisão discursiva da Guerra Fria de Eisenhower estava a ponto de se mostrar totalmente inútil<sup>570</sup>. Havia muita diferença entre o que era dito e o que era feito.

Amplification of the Cold War consensus was especially apparent in television’s coverage of international relations. In the articulation of foreign policy, no one besides Eisenhower bestrode the video colossus more formidable than Secretary of State Dulles, who was given eighteen separate opportunities in less than seven years of office to report to viewers on the state of the planet. [...] The consequences, as television historian Erik Barnouw pointed out, were that viewers tended to see international affairs “through the eyes of Dulles [...] a filmed press conference excerpt, or a newsman’s report “from a reliable source”, or a filmed statement by Dulles from a lectern at the edge of an airstrip, became the News<sup>571</sup>.

---

*unconstitutional methods, and (2) has taken and subscribed to an oath or affirmation in the following form: "I do solemnly swear (or affirm) that I will bear true faith and allegiance to the United States of America and will support and defend the Constitution and laws of the United States against all its enemies, foreign and domestic."* (THE US GOVERNMENT. **National defense education Act (NDEA) (P.L. 85-864)**. Washington: [s.n.], 1958. p. 1602).

<sup>568</sup> Um dos resultados pode ser visto através da seguinte comparação: em 1960 os EUA tinham 3,6 milhões de estudantes na faculdade e em 1970 já eram 7,5 milhões. Entre 1958 e 1962, o governo federal gastou US\$ 890 milhões de dólares (US\$ 7,6 bilhões em valor anuais) somente em financiamentos estudantis, ajuda a escolas e estados na questão de educação, bolsas de graduação, e financiamentos educacionais de outras características (URBAN, Wayne. **More than science and Sputnik: the national defense education act**. Tuscaloosa: University of Alabama Press, 2010. p. 173).

<sup>569</sup> “Because “sixties radicals” commonly play the role of villains in right-wing elegies to a once great nation, historians often assume conservatives overstate the role that leftists played in recasting American culture during the sixties. Indeed, the other side of the sixties— the side represented by Reagan and a powerful conservative movement that was just coming into its own— often serves as evidence that the sixties were not so revolutionary after all. But conservative hyperbole includes more than a few grains of truth. The sixties were a watershed decade due in large part to the role played by the New Left, a loose configuration of movements that included the antiwar, Black Power, feminist, and gay liberation movements, among others. In the ways in which its desires were incorporated into mainstream America, and in the conservative reaction against the threats to a seemingly traditional America that it represented, the New Left was immeasurably influential. Even though its utopian political dreams never approached fruition, the New Left reshaped some of the most important institutions of liberal America, such as Hollywood, the universities, and even, to some extent, the Democratic Party” (HARTMAN, Andrew. **A history of the culture wars: a war for the soul of America**. Chicago: University of Chicago Press, 2015. p. 10).

<sup>570</sup> “The launch of the satellite was translated into a story of educational deficiency for the American public by the media, following a line of criticism developed by academic critics of progressive education and abetted by a presidential administration unconvinced that the defense situation was as dire as critics alleged it to be.” (URBAN, Wayne. **More than science and Sputnik: the national defense education act**. Tuscaloosa: University of Alabama Press, 2010. p. 116).

<sup>571</sup> WHITFIELD, Stephen. **The culture of the cold war**. Baltimore: John Hopkins University Press, 1991. p. 156-157.

Existia ainda um outro problema a pesar sobre a política externa norte-americana nesse período. Enquanto a administração Eisenhower justificava suas ações no sudeste asiático por meio da “Teoria do Dominó” e, para o resto do mundo, através da chamada “Doutrina Eisenhower”<sup>572</sup>, a URSS declarava seu desejo de uma “Coexistência Pacífica” publicamente<sup>573</sup>. Foster Dulles passou então a denunciar a “coexistência pacífica” (ou qualquer outra manifestação soviética por “paz”<sup>574</sup>) como uma ameaça “*to relax the vigilance of some Wessern states, to encourage dissension between the US and its allies, and to delay the progress of Wessern rearmament*”<sup>575</sup>. A arma soviética seria, supostamente, desenhada para enfraquecer a

---

<sup>572</sup> “Our country supports without reservation the full sovereignty and independence of each and every nation of the Middle East. The evolution to independence has in the main been a peaceful process. But the area has been often troubled. Persistent crosscurrents of distrust and fear with raids back and forth across national boundaries have brought about a high degree of instability in much of the Mid East. Just recently there have been hostilities involving Wessern European nations that once exercised much influence in the area. Also the relatively large attack by Israel in October has intensified the basic differences between that nation and its Arab neighbors. All this instability has been heightened and, at times, manipulated by International Communism.” (EISENHOWER, Dwight. **Eisenhower Doctrine speech**. Washington, jan. 1957).

<sup>573</sup> A ideia da coexistência pacífica, segundo Zubok, não foi aceita por ambos os lados da mesma forma: “A closer look at the soviet side reveals that it also not ready for negotiations and compromises. New documents reveal that many of the Kremlin rulers, despite the shift to peaceful coexistence, retained some basic elements of the revolutionary-imperial paradigm and continuity with Stalin’s foreign policy” (ZUBOK, Vladislav. **A failed empire: the Soviet Union in the cold war from stalin to Gorbachev**. Raleigh: University of North Carolina Press, 2007. p. 94) e Haslam mostra a desconfiança russa através de manifestações dos anos 70: “The imperialist theory of so called selective coexistence envisaging the possibility of relations of peaceful cooperation with some socialist countries and freedom to conduct aggressive wars against other countries and nations, does not meet the interests of strengthening peace and international security” (HASLAM, Jonathan. **Russia’s cold war: from the october revolution to the fall of the wall**. Kindle. Londres: Yale University Press, 2011). Não é esse o momento de discutir a correção destas visões, esse ponto especificamente será tratado no capítulo seguinte.

<sup>574</sup> Para um exemplo eloquente, denunciado por Foster Dulles como uma “evil machination”: “Europe once again became a flash point in the cold war in November 1958, when Khrushchev announced that the Soviet Union intended, at an early date, to sign a separate peace treaty with the German Democratic Republic (East Germany) and extend formal recognition to that country. This would have terminated the occupation rights of the United States, Great Britain, and France in West Berlin and, as Khrushchev pointed out, would have left them to deal with East Germany for access to the city. Eisenhower refrained from making a public statement in response. Later that month, Khrushchev proposed that West Berlin be established as a “free city” under the United Nations and that the occupying powers withdraw all military forces from the city. He set a six-month deadline for the Wessern powers to negotiate a settlement along those lines. If no agreement were reached by May 27, 1959, declared the Soviet premier, the Soviet Union would unilaterally proceed to sign a treaty with East Germany.” (MAYER, Michael. **The Eisenhower years** (Presidential Profiles). New York: Facts on File, 2009. p. vii). (MAYER, Michael. **The Eisenhower years** (Presidential Profiles). New York: Facts on File, 2009. p. xxviii); “Khrushchev was a master hypocrite, yet he was a realist too. While Dulles, **product of a system that made a virtue of compromise and tolerance insisted that the world must choose between American good and Russian evil**, Khrushchev, trained to believe in the incompatibility of communism and capitalism, began to talk of peaceful coexistence.” (GARRATY, John; MCCAUGHEY, Robert. **The American Nation: a history of the united states**. 6. ed. New York: Harper and Row, 1987. p. 845).

<sup>575</sup> (OSGOOD, Kenneth. **Total cold war: Eisenhower’s secret propaganda battle and home and abroad**. Lawrence: Kansas University Press, 2006. p. 69); “Far from seeing the policy of ‘peaceful coexistence’ as a cause for optimism, Eisenhower and his advisors viewed it as a greater threat to the free world than Stalinism” (KINZER, Stephan. **The brothers: John Foster Dulles, Allen Dulles, and their secret world war**. New York: Henry Holt and Company, 2013. p. 225); “Dulles, however, had a pessimistic assessment of the [Geneva] meeting. He remained convinced that the Soviet Union had called the summit to gain strategic respite. The secretary believed that the Soviets had overextended themselves in the arms race and were hence forced toward

“*America’s will*”<sup>576</sup>. A interpretação de Dulles era seguida pela de seu irmão, e, desta forma, o governo dos EUA sustentava uma orquestrada visão sobre a Guerra Fria<sup>577</sup>, ainda que enviesada. Ole Holsti convincentemente argumenta que “*Dulles would interpret information about the Soviet Union in a way that reinforced rather than challenged preexisting theories*”<sup>578</sup>. De fato, parece que Eisenhower fazia o mesmo:

International Communism, of course, seeks to mask its purposes of domination by expressions of good will and by superficially attractive offers of political, economic and military aid. But any free nation, which is the subject of Soviet enticement, ought, in elementary wisdom, to look behind the mask<sup>579</sup>.

Indiferente à demanda por mais conhecimento técnico-científico que pudesse embasar as decisões americanas, a administração Eisenhower continuava explicando a política externa com o argumento moralista da luta entre o “bem” e o “mal”<sup>580</sup>. Contudo, durante o segundo mandato, muito em função das ações norte-americanas na América Latina, Ásia, África e o Oriente Médio, os limites do que era o “bem” e o “mal se tornaram cada vez mais menores. Os EUA tomavam os movimentos nacionalistas de independência sempre como aventuras arriscadas ou, no jargão da época, “*red weeds in virgin soil*”<sup>581</sup>, ao mesmo tempo que o público americano se tornava, abruptamente, maior do que apenas os homens, brancos e de classe média

---

*conciliation with the West. He conceded that the new Soviet policy ‘might assume the force of an irreversible trend’ and that it should be encouraged. However, he refused to accept the situation in Europe and warned that Russian actions did not justify ‘the free world relaxing its vigilance or substantially altering its programs for collective security.’*” (MAYER, Michael. **The Eisenhower years** (Presidential Profiles). New York: Facts on File, 2009. p. 172).

<sup>576</sup> Winston Churchill, nesse momento primeiro ministro britânico, fala sobre o discurso de Foster Dulles a respeito das negociações com a URSS: “*This fellow preaches like a Methodist minister. His bloody text is always the same: that nothing but evil can come out of a meeting with Malenkov. Dulles is a terrible handicap.*” (KINZER, Stephan. **The brothers: John Foster Dulles, Allen Dulles, and their secret world war**. New York: Henry Holt and Company, 2013. p. 154).

<sup>577</sup> A narrativa oficial pode ser percebida por todo o país: “*More important, however, is the “fixed” pattern, the exploitation for communist purpose by perfidy and faithlessness of the institutions of free men. The list of communist victims is long and the evidence is sadly eloquent: Estonia, Latvia, Lithuania, Poland, Hungary, East Germany, Yugoslavia, Rumania, Bulgaria, Albania, China. In the story of the dreary march of these countries into the communist night, certain universal patterns emerge, patterns which thinking men by now should begin to recognize whenever militant communism makes its bid for power*” (KORBEL, Josef. **The Communist subversion of Czechoslovakia 1938-1948: the failure of coexistence**. New Jersey: Princeton University Press, 1959. p. 240).

<sup>578</sup> HOLSTI, Ole. **Making american foreign policy**. New York: Routledge, 2006. p. 5.

<sup>579</sup> EISENHOWER, Dwight. **Eisenhower Doctrine speech**. Washington, jan. 1957.

<sup>580</sup> BOHLEN, Charles. **Witness to history: 1929-1969**. New York: WW Norton & Company, 1973. p. 311.

<sup>581</sup> “*We know that Nasser has won the enthusiastic and even idolatrous support of the largely illiterate populations in the region. One reason has been his use of the slogan of nationalism, which is one force stronger than communism. We have failed to attract the spirit of nationalism to the support of Western ideals, while he has inspired it to support the concept of a Pan-Arab State. As a result, the government of other Mid East countries, in most cases based on feudalist traditions rather than on any popular sentiment, have been living in a precarious situation.*” (EISENHOWER, Dwight. **The papers of Dwight David Eisenhower**. v. 19. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 2001. p. 994).

aos quais o discurso moralista era inicialmente dirigido. Ficava evidente que existiam também pessoas oprimidas dentro dos EUA e isto não seria apenas um problema de legitimidade para a política externa, mas um grave problema para a política doméstica também.

A set of youth-driven movements shattered the fragile consensus that had settled over American political culture during the 1950s. Long- downplayed divisions in American society— between white and black and between men and women, to name but two of the most obvious— were made subjects of national debate. Consensus gave way to conflict<sup>582</sup>.

### 3.13 O MOVIMENTO DOS DIREITOS CIVIS E A POLÍTICA EXTERNA

O movimento pelo alargamento dos direitos civis perceberam a chance<sup>583</sup>, especialmente após os acontecimentos em *Little Rock*<sup>584</sup> (capital do Arkansas). Em 1954, a suprema corte Americana decidiu (no caso *Brown vs Board Education*) que as leis locais de segregação racial em escolas públicas eram uma violação da 14ª emenda e, por isso mesmo, inconstitucional. Em 1957, nove estudantes negros registraram-se para assistirem aulas em uma escola que era anteriormente apenas para brancos. A presença dos estudantes negros ensejou toda uma defesa por parte do governo a esta ação e Eisenhower enviou uma tropa de paraquedistas do governo federal para garantir que a decisão da Suprema Corte fosse cumprida. Apesar de, segundo o governo, as tropas estarem no Arkansas “*solely for the purpose of preventing interference with the orders of the Court*”, o ato foi percebido pelos cidadãos locais (e também senadores) como “*high-handed and illegal methods*” que eram “*disregarding and overriding the elementary rights of American citizens by applying tactics which must have been copied from the manual issued the officers of Hitler’s storm troopers*”<sup>585</sup>. A estratégia narrativa mais clássica de Foster Dulles, de descrever as atitudes de seus inimigos políticos como sendo

<sup>582</sup> HARTMAN, Andrew. **A history of the culture wars: a war for the soul of America**. Chicago: University of Chicago Press, 2015. p. 10.

<sup>583</sup> Eisenhower chamou a discussão a respeito dos Direitos Civis de “a cloud darker than has faced this country since the Civil War” (EISENHOWER, Dwight. **The papers of Dwight David Eisenhower**. v. 18. Baltimore: The John Hopkins Press, 2001).

<sup>584</sup> “The Cold War context created two powerful motives for racial reform. First, national leaders concluded that segregation wasted the potential utility of black children, an inefficient policy akin to squandering mineral wealth or other natural resources. Second, the liberal establishment came to appreciate that Africans, Asians, and Latin Americans, most of whom lived opposite the global “color line,” might resist joining the American system, while the image of white cops beating black protestors was splashed across the front pages of newspapers worldwide. To this extent, it is difficult to imagine the desegregation of the schools in a non-Cold War context. At the very least, reform might not have happened as quickly.” (HARTMAN, Andrew. **Education and the cold war: the battle for the american school**. New York: Palgrave Macmillan, 2008. p. 158).

<sup>585</sup> EISENHOWER, Dwight. **The papers of Dwight David Eisenhower**. v. 18. Baltimore: The John Hopkins Press, 2001.

semelhantes às de Hitler<sup>586</sup>, atingiu o governo, e Eisenhower reconheceria que “*Little Rock situation*” estava acabando com “*our prestige*”<sup>587</sup> também nas questões internacionais.

The State Department, and other foreign services, including the Voice of America, wasted little time in leveraging the Brown v. Board ruling, *broadcasting* the news to Eastern Europe within an hour of the favorable decision. Leading blacks helped advertise the international goodwill expected to result from the landmark case. “This clarion announcement will stun and silence America’s traducers behind the Iron Curtain,” proclaimed the editors of the Pittsburgh Courier, a popular black newspaper. “It will effectively impress upon millions of colored people in Asia and Africa the fact that idealism and social morality can and do prevail in the United States, regardless of race, creed, or color.” U.S. diplomats framed the landmark case as exemplifying the superiority of American democracy: under the umbrella of the U.S. Constitution, legal reform had righted an injustice in a peaceful and orderly manner, contrary to the violent upheavals endemic to communist revolutions. In this narrative, the schools joined the courts as engines of democratic reform: although blacks had been mistreated historically, and although much work remained to be done to perfect race relations, the unparalleled American educational system was an ideal mechanism for improving the fate of black Americans<sup>588</sup>.

Dois meses após a morte de Foster Dulles, em maio de 1959, a Revolução Cubana teria lugar. Foi o último golpe na política externa de Eisenhower, muito em função da imensa diferença entre as visões do Departamento de Estado<sup>589</sup> e as conclusões da CIA<sup>590</sup>. Mesmo com

---

<sup>586</sup> BERNHARD, Nancy. **US television news and cold war propaganda, 1947-1960**. New York: Cambridge University Press, 2003. p. 123.

<sup>587</sup> EISENHOWER, Dwight. **The papers of Dwight David Eisenhower**. v. 18. Baltimore: The John Hopkins Press, 2001. p. 464.

<sup>588</sup> HARTMAN, Andrew. **Education and the cold war: the battle for the american school**. New York: Palgrave Macmillan, 2008. p. 163-164.

<sup>589</sup> “*The Castro regime seems to have sprung from a deep and widespread dissatisfaction with social and economic conditions as they have been heretofore in Cuba and to respond to an overwhelming demand for change and reform. The universal support it has received from the humble and the lower middle classes is a witness to the strength of this compulsion. Similar conditions calling for reform probably exist in many other countries of the hemisphere. If Cuba is any indication, rightist, oligarchic governments in Latin America may be overturned in the not distant future by popular revolutionary movements which in the beginning at least establish extremist, socialistic governments. Under these circumstances the United States should perhaps be looking for a new formula that can win the confidence and support of such governments until they can be guided into more moderate channels. If we turn our back on them we risk pushing them into the arms of the Communists. What seems to be called for rather is forbearance and a resolute and sustained effort to understand and help and influence them. The outstanding accomplishments of the United States in the way of freedom, of representative government, of equality of opportunity, and of success in providing a high standard of living for all, should give us a great advantage over the Communists in appealing to emerging governments that aspire to these same privileges and benefits for their own peoples.*” (Airgram from the Embassy in Cuba to the Department of State, August 2<sup>nd</sup>, 1959. Source: Department of State, Central Files, 737.00/8-259. Secret. Drafted by Brad-dock. Received on August 4 at 2:07 p.m.)

<sup>590</sup> Sem Foster-Dulles, Eisenhower se tornou muito mais relutante em agir no cenário internacional: “*The Eisenhower administration remained somewhat puzzled by Castro. Herter met Castro during the latter’s trip to the United States in April 1959 and found him “very much like a child in many ways” and “quite immature regarding problems of government.” At the same time, Herter noted that the Cuban leader spoke in English “with restraint and considerable personal appeal.” The CIA found Castro’s assurances that he would remain in the Wessern camp unconvincing and reported the “probability” that land reform in Cuba would likely “adversely affect certain American-owned properties.” On the other hand, the agency warned that it “would be a serious mistake to underestimate this man” and thought that there was some possibility of “developing a*

a narrativa “emocional” sobre o anticomunismo<sup>591</sup> que caracterizavam as posições de Dulles fora do cenário decisório, Allen Dulles continuava pressionando o governo por suas “*covert actions*”:

The Treasury’s suggestion for a paper on Cuba had been deliberately provocative, that is, intended to elicit discussion. Mr. Gray felt that certain elements in the State Department, particularly Assistant Secretary Rubottom, opposed Planning Board work on Cuba. The Vice President said that when Congress reconvened there would be a great assault on the Administration’s Latin American policy. Heavy criticism of that policy was coming from the Republican as well as the Democratic members of Congress. In his view, a discussion of Cuba could not be avoided. The problem would soon have far-flung implications beyond the control of the Department of State, and any tendency of State Department officials to attempt to delay action would not be appropriate. Secretary Dillon said he was concerned that a strong attitude which this Government might assume in order to satisfy public opinion would not achieve basic U.S. objectives with respect to Cuba. The Vice President recalled that some State Department officials had earlier taken the position that we would be able to live with Castro. No doubt radical steps with respect to Cuba would create an adverse reaction throughout Latin America, but we needed to find a few dramatic things to do with respect to the Cuban situation in order to indicate that we would not allow ourselves to be kicked around completely. [...] The Attorney General indicated that from 30 to 40 FBI agents in the Miami area were spending all their time on Cuban affairs, but were having some difficulties because they did not know whether it was our policy to permit anti-Castro activities to continue in Florida or whether such activities should be stopped. Mr. Dulles felt the question of whether anti-Castro activities should be permitted to continue or should be stopped depended on what the anti-Castro forces were planning. We could not, for example, let the Batista-type elements do whatever they wanted to do. However, a number of things in the covert field could be done which might help the situation in Cuba.”<sup>592</sup>.

Era claro que a estratégia de Eisenhower para a política internacional – de manter uma retórica diferente das suas ações, com fins propagandísticos – havia sido refutada no todo pelo próprio curso da história<sup>593</sup>. A elipse do Departamento de Estado e as ações centradas na CIA cobravam um alto preço ao desacreditarem quase toda a política externa dos EUA para o período, e não apenas para o cidadão americano, mas fazendo sentir o aumento do

---

*constructive relationship with him.” Eisenhower scrawled on the report, “File. We will check in a year!?” (MAYER, Michael. **The Eisenhower years** (Presidential Profiles). New York: Facts on File, 2009. p. xlix).*

<sup>591</sup> Foster Dulles estava presente e apoiou, por exemplo, as discussões das potências ocidentais a respeito da decisão de enviar tropas para ajudar os russos brancos na Guerra contra os bolcheviques durante a revolução de 1917. Dulles também foi colaborador do regime nazista por intermédio do escritório de advocacia Sullivan & Cromwell (MAYER, Michael. **The Eisenhower years** (Presidential Profiles). New York: Facts on File, 2009. p. 168) e foi um forte defensor do corte abrupto da ajuda financeira dada aos soviéticos logo após a segunda guerra, fato que foi criticado por Dean Acheson como provavelmente, um dos maiores erros da política externa de Truman.

<sup>592</sup> Eisenhower Library, Whitman File, NSC Records. Top Secret; Eyes Only. Prepared by Boggs. The Vice President presided at the meeting. Washington, December 16, 1959.

<sup>593</sup> “Yet two rhetorical pivots hinted that earlier rigidity was about to be superseded. On the advice of Walter Lippmann, who had popularized the phrase ‘Cold War’ in 1947, Kennedy referred to the Soviets not as ‘enemy’ but as an ‘adversary’. The rumbling about ‘massive retaliation’ and ‘national liberation’ would be evicted from the vocabulary of American diplomacy when Kennedy proclaimed, “Let us never negotiate out of fear. But let us never fear to negotiate”. (WHITFIELD, Stephen. **The culture of the cold war**. Baltimore: John Hopkins University Press, 1991. p. 210).



antiamericanismo por todo o globo. Toda a extensão do dano causado por essa estratégia à política externa norte-americana somente seria propriamente verificada depois do final do período Eisenhower<sup>594</sup>, mas, já em novembro de 1960, existia a percepção das falhas e dos imensos problemas derivados:

Dr. de Varona [Manuel Antonio de Verona, Coordinator of the Cuban Opposition group] emphasized the fact that Castro was greatly damaging United States prestige throughout Latin America and the rest of the world. Other nations in this Hemisphere and in Europe found it impossible to understand how and why the United States was taking such a kicking around from so small a country on its very doorstep and particularly so when the advantages afforded to the Sino-Soviet bloc were so obvious and so great. According to Dr. de Varona, the answer to this lay in prompt and effective United States action. Source: Department of State, Central Files, 737.00/11–2960. Confidential; Limited Distribution. Drafted by Devine. Washington 29, 1960..

Ao mesmo tempo que alguns conselheiros de Eisenhower defendiam uma intervenção norte-americana imediata, o *The New York Times* escrevia: “*the toughest, the bravest, the most brutal of modern Latin-American dictators, Gen. Fulgencio Batista, met his match this week [...] he was proud of having stayed in power against overwhelming opposition, [...] of having shown his strength in the long list of those killed in order that he might keep his power*”.

Until the end, Cubans were saying that General Batista felt sure he had the support of the United States and hist was encouraging him. History will prove that the dictator did have United States support for much the greater part of his second seven years as the sole ruler. [...] All this means a legacy of anti-Yankeism of exactly the same type vice-president Richard M. Nixon found in South America on his trip last May. The animosity is not personal; it is hostility toward the Washington.

A Revolução Cubana<sup>595</sup> coincidiu com o fim de um período da política externa dos EUA em que as decisões eram tomadas majoritariamente em função de informações e percepções

<sup>594</sup> “*The disintegrating culture of the Cold War coincided with a transfer of political power, as then-oldest president in history yield in 1961 to the youngest elected president ever [Kennedy]*” (WHITFIELD, Stephen. **The culture of the cold war**. Baltimore: John Hopkins University Press, 1991. p. 208).

<sup>595</sup> “*The Cuban Revolution was one of the formative events of the turbulent global 1960s era, one that reverberated deep into North America. The rebels’ victory against a US-supported dictatorial regime on New Year’s Day in 1959 was the opening salvo in an era that would be scarred by war in Vietnam and transformed by domestic protest. For a generation of Americans, the events unfolding in the Caribbean, and Washington’s response to them, would be the first inkling that their government’s Cold War calculus was animated by forces other than neighborly goodwill. Cuba’s revolution prompted new critiques of US power in the world and suggested new radical possibilities at home. As historian Van Gosse has contended, the impact of Cuba’s revolution was an early spark that helped set off ‘the era of renewed social and political struggle known as ‘the sixties’ north of the Florida Straits. The significance of Cuba’s revolution for American Leftists was due in large part to the perception that the island’s popular insurgency against the dictatorial government of Fulgencio Batista represented a departure from both Cold War liberalism and the orthodoxies of the Old Left, suggesting a new heterodox left politics originated away from the precedent of Soviet communism. With its shadow of totalitarianism, and toward liberation movements in the rising Third World’* (LATNER, Teishan. **Cuban revolution in america: Havana and the making of a united states left, 1968-1992**. Chapel Hill: North Carolina University Press, 2018. p. 12).

peçoais a respeito do intrincado cenário internacional. O mesmo período corresponde ao amadurecimento de uma intensa crítica doméstica, exigindo uma mais profissional, técnica e científica forma de avaliar e planejar as ações dos EUA no campo da política externa. Os anos 60 vão não apenas fazer uma imensa reavaliação dos padrões aos quais a sociedade norte-americana estava assentada, mas também um forte consenso de que a política externa deveria ser toda repensada.

### 3.14 SOBRE A TEORIA REALISTA, SEUS USOS POLÍTICOS E NECESSIDADES SOCIAIS

Foreign policy is the business of every American. At stake is what we care most deeply about – the fate of loved ones, the future of our nation and its free institutions, the destiny of the entire free world. Foreign policy is indeed a life-and-death matter<sup>596-597</sup>.

Em 1951, 45% dos americanos não sabiam o que o termo “*Cold War*” significava<sup>598</sup>. Nem o Departamento de Estado sob Truman, nem sob Eisenhower tinham um modelo de como agir com relação à crescente exigência de uma maior comunicação com o público. Contudo, indubitavelmente, ambos entendiam que a audiência doméstica precisava ser mobilizada como parte do esforço para vencer a Guerra Fria, gostasse o Departamento de Estado ou não. De fato, foi apenas em 1946 que o Departamento de Estado dos EUA se profissionalizou<sup>599</sup>. Truman

<sup>596</sup> DULLES, John Foster. *Correspondence Between Dean Acheson and John Foster Dulles*. sept. 1950. p. vii.

<sup>597</sup> Dorothy Fosdick foi a primeira mulher a ter um papel relevante no Departamento de Estado dos EUA. Ela tinha um doutorado em Direito da Universidade de Columbia e, em 1942, foi recrutada para ser parte do Departamento de Estado. Alguns anos mais tarde, Fosdick se juntou ao *Policy Planning Staff* trabalhando lado a lado com Kennan, Rusk e outros especialistas durante o tempo de Marshall como Secretário de Estado.

<sup>598</sup> Gallup Organization. Gallup Poll, Jan, 1951 [survey question]. USGALLUP.020251.RK09B. Gallup Organization [producer]. Cornell University, Ithaca, NY: Roper Center for Public Opinion Research, iPOLL [distributor], accessed Dec-5-2017.

<sup>599</sup> “*Working conditions in Washington were less risky but equally tedious. Congress was always tightfisted. Until 1856 consuls did not receive regular salaries—they were supposed to survive on fees collected—and diplomats were quite poorly paid. The ceiling of \$17,500 annually for heads of missions endured for 90 years, until 1946. Attractive posts were monopolized by ministers appointed by virtue of their personal wealth, past political services, and social position*” (RUBIN, Barry. **Secrets of state: the state department and the struggle over US foreign policy**. New York: Oxford University Press, 1987. p. 16); *State’s staff grew from 4000 in 1939 to 11,000 in 1946. Altogether 40 percent of the personnel were new. Embassies were also expanding. In 1934, the U.S. mission in Ecuador had been staffed only by a minister, a second secretary and two clerks, all of them underworked. By 1946 there was an ambassador, a counselor, 10 officers, and 30 clerks, plus military and naval attaches. That year there were 300 U.S. embassies, legations, and consulates around the world. Overall, in Washington and in the field, 18 percent of Foreign Service officers were engaged in political work, 22 percent were on economic issues, 13 percent worked on trade and commercial matters, 24 percent labored in consular work, 12 percent were in information and cultural activities, and 11 percent were administrators.*” (RUBIN, Barry. **Secrets of state: the state department and the struggle over US foreign policy**. New York: Oxford University Press, 1987. p. 39); “*One result of these problems was the 1946 Foreign Service Act, which raised salaries, provided for selection out of substandard officers, and improved home leave. It also created a*

acreditava que, após suas reformas, a política externa seria gerenciada por bons especialistas, independentes e parte do serviço público de carreira dos EUA.

Among the more specific questions with which I hope the Commission will concern itself are: ways and means of expanding educational opportunities for all able young people; **adequacy of curricula, particularly in the fields of international affairs and social understanding** [...] Truman's Letter to American Congress July 13 1946. Emphasis added<sup>600</sup>.

A situação, contudo, mudaria radicalmente já em 1953. O Macartismo e suas acusações, o baixo apreço deixado ao Departamento pela política externa de Truman e a retórica anticomunista de Dulles fizeram com que o Departamento de Estado fosse alvo de investigações e perseguições a respeito da “*national loyalty*”<sup>601</sup>. Se Acheson gerenciou o Departamento de Estado e a política externa de forma profundamente pessoal, Foster Dulles não foi muito diferente<sup>602</sup>, exceto que Dulles não usou a *intelligentsia* do Departamento de Estado para seu processo decisório.

---

*Foreign Service Reserve for temporary use of outside specialists*” (RUBIN, Barry. **Secrets of state: the state department and the struggle over US foreign policy**. New York: Oxford University Press, 1987. p. 42); *To an historical account about the political discussion to reform the Foreign Service Act, in 1948, see Dean Acheson memories*. (ACHESON, Dean. **Present at the creation: My years at state department**. New York: W.W Norton, 1969. p. 244-246).

<sup>600</sup> THE US GOVERNMENT. **Higher education for american democracy: establishing the goals**. Washington: US Government printing office, 1947.

<sup>601</sup> Ver o caso Alger Hiss. (ACHESON, Dean. **Present at the creation: My years at state department**. New York: W.W Norton, 1969. p. 359-361).

<sup>602</sup> “*Many viewed Eisenhower as an absentee president who ceded control of foreign policy to the dynamic Dulles. This ‘traditional’ view began to crumble as documents began to surface in the late 1960s. The ‘revisionist’ thesis, that Eisenhower himself directed the decision-making process in a positive fashion came to dominate the historiography well into the 1980s. [...] Rejecting both traditional and revisionist views, more recent scholarship has argued that the president and secretary of state acted in concert to formulate foreign policy*” (TUDDA, Chris. **The truth is our weapon: The rhetorical diplomacy of Dwight D. Eisenhower and John Foster Dulles**. Baton Rouge: Louisiana State University Press, 2006. p. 2-3).

Inúmeras instituições norte-americanas se organizaram<sup>603</sup> num esforço nacional para que o país pudesse “enfrentar o comunismo”<sup>604</sup>. Enquanto as ciências ditas “exatas” foram objeto de lucrativos projetos contratados pelas indústrias ligadas à Marinha ou ao Exército<sup>605</sup>, as ciências sociais tiveram que se apoiar majoritariamente nas fundações e universidades para

<sup>603</sup> O esforço institucional acadêmico e elitizado não foi a única estratégica pensada para que a ciência fosse usada para ajudar os EUA, durante o início da Guerra Fria. Don Price, cientista político e reitor-fundador da *John Kennedy School of Government*, apresentou um outro caminho para o mesmo objetivo: “*Do we put our main hopes on increasing the speed of this diffusion [of the scientific method into the thinking of the general public] so the public will support social science because it understands the general purpose of its techniques or on the prestige of social scientists as a class apart, by emphasizing the special apparatus of social science and making it into an ideology or vested interest of its own?*” (KLAUSNER, Samuel; LIDZ, Victor. *The bid to nationalize american science*. In: \_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_. **The nationalization of the social sciences**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1986. p. 25); Robert McCaughey argumenta que a *Ford, Rockefeller e Carnegie Foundations* apoiaram o campo de Estudos Internacionais por meio de patrocínio direto a universidades (MCCAUGHEY, Robert. **International studies and academic enterprise**. New York: Columbia University Press, 1984. p. 141-165); “*By the late 1940s both Ford and his son Edsel, had died, leaving the foundation considerably enriched. Henry Ford II, chair the board of trustees, determined that the foundation should shed its parochial interests and join the other major private foundations – the Carnegie Corporation and the Rockefeller Foundation – in seeking solutions to important social, economic, and political problems facing the postwar world.*” (LOWEN, Rebecca. **Criating the cold war university**. Los Angeles: University of California Press, 1997. p. 195).

<sup>604</sup> O enfrentamento era pensado, por óbvio, não apenas com esforços científicos, mas também com agentes (e mesmo países parceiros) disfarçados, servindo para encobrir a presença military norte-americana: “*By early 1948, for example, the base in Iceland was operated by a civilian company under contract to the United States Air Force; in the Azores, the base was manned by a detachment of Portuguese military personnel operating under the Portuguese flag, but an Air Force detachment serviced the American aircraft using the base. In Port Lyautey, the base was under the command of the French navy, but under a secret agreement an American naval team took care of American aircraft on the base. In Saudi Arabia, the Dharan air strip was cared for by 300 U.S. personnel and was capable of handling B- 29s.*” (LEFFLER, Melvyn. **Safeguarding democratic capitalism: US foreign policy and national security, 1920-2015**. New Jersey: Princeton University Press, 2017. p. 127-128); Nancy Bernhard, por exemplo, demonstrou como a mídia privada praticava auto-censura (BERNHARD, Nancy. **US television news and cold war propaganda, 1947-1960**. New York: Cambridge University Press, 2003. p. 17-19), enquanto Rebecca Lowen (LOWEN, Rebecca. **Criating the cold war university**. Los Angeles: University of California Press, 1997) e Stuart Leslie (LESLIE, Stuart. **The cold war and american science: the military-industrial-academic complex at MIT and Stanford**. New York: Columbia University Press, 1993) argumentam pela existência de um complexo “*military-industrial-academic*”. Laura Belmonte mostra como acordos secretos entre as corporações de mídia e o governo, juntamente com anunciantes industriais para “*to sell the American way*” usaram e se beneficiaram da agressiva retórica do governo em defender os EUA das “*damaging lies*” comunistas (BELMONTE, Laura. **Selling the American way: US propaganda and the cold war**. Philadelphia: Pennsylvania Press, 2008. p. 116-135) e Alan Brinkley argumenta sobre a “*middle-class formation*” (BRINKLEY, Alan. *The illusion of unity in cold war culture*. In: KUZNICK; Peter; GILBERT, James. **Rethinking cold war culture**. Washington: Smithsonian Institution Press, 2001) com valores e visões especificamente organizadas com o mesmo intento; Edna Jacobs, por sua vez, mostrou a fabricação de consenso educacional para trazer os “*young citizens*” próximos para os “*American democratic values*” (JACOBS, Edna. **Zeal for american democracy: civic education end the cold war: 1947-1954**. 1999. Tese (Doutorado) - Southern Illinois University. Carbondale, 1999). “*According to most U.S. intellectuals, especially highly influential thinkers such as Arthur Schlesinger, Jr. and Daniel Bell, democracy was a process of empirically-driven experimentation instead of an ideology, and in a post-ideological age, Americans had perfected this process. Rather than critique American democracy for not living up to its stated ideals, leading thinkers assumed that the United States embodied the democratic ideal. Americans were expected to “adjust” to American democracy. Anything less was considered naïve and immature.*” (HARTMAN, Andrew. **Education and the cold war: the battle for the american school**. New York: Palgrave Macmillan, 2008. p. 55).

<sup>605</sup> Rebecca Lowen chamou esta associação de uma relação de “*win-win-win*” porque os empresários capitalistas poderiam lucrar com a pesquisa tecnológica, ao mesmo tempo que o governo e a sociedade Americana estariam “*mais protegidos*” em função da parceria entre academia-indústria e governo (LOWEN, Rebecca. **Criating the cold war university**. Los Angeles: University of California Press, 1997. p. 120-146). Para um estudo mais específico sobre a engenharia veja-se Keir Lieber “*War and the Engineers*” (LIEBER, Keir. **War and the engineers: the primacy of politics over technology**. New York: Cornell University Press, 2005).

serem patrocinadas. Os EUA tinham que desenvolver um aparato científico para se “imunizar” contra as “subversive communist tactics”<sup>606</sup>. As armas e a tecnologia bélica poderiam oferecer uma sólida defesa contra uma agressão ou guerra aberta, mas para se opor a todo o ferramental “subversivo” dos soviéticos, apenas a “*Truth*”<sup>607</sup> não era mais suficiente.

Over the course of the 1950s, federal expenditures for academic research and development more than tripled; by 1960 the federal government was spending close to US\$ 1 billion [US\$ 8,3 trillion in today’s value] for academic research and universities, including Stanford, Berkeley, Caltech, MIT, Harvard and the University of Michigan.<sup>608</sup>

The well-being of the American people urgently requires that our Nation step up the rate of its economic growth. The Soviet threat only makes American economic expansion still more urgent. Labor, management, the farmers, the scientists and technicians, and our educators should cooperate to foster a higher rate of growth. Wherever necessary, Government aid should be enlisted toward this end. Such a Government role and assistance, in cooperation with the voluntary forces of our national community, can only strengthen our economic system and our free society as a whole<sup>609</sup>.

### 3.15 O ARSENAL CIENTÍFICO

Desde o início da Segunda Guerra Mundial<sup>610</sup>, a sociedade civil americana já vinha se organizando para apoiar as ações de guerra do governo. Seguindo os passos do Projeto Manhattan, toda a ciência norte-americana passou a ser vista como uma importante arma na

---

<sup>606</sup> “It would indeed seem foolish for the Soviet leaders deliberately to precipitate a fighting war with the militarily powerful US, when Soviet communism is still making vast gains in a ‘cold’ war where their techniques are as superior to ours as guns are to bows and arrows” (DULLES, John Foster. Correspondence Between Dean Acheson and John Foster Dulles. sept. 1950. p. 114).

<sup>607</sup> Usar a “*Truth*” como uma arma contra a “propaganda” comunista foi uma ideia originalmente do secretário Marshall. A narrativa por trás desta tática era de que toda a informação soviética era “propaganda” e, então, bastava que os americanos contrapusessem a “verdade”. O programa “*Voice of America*” (VOA) e a *Radio Free Europe* (REF) foram criados dentro do plano de “*Psychological warfare*” juntamente com outras publicações de revistas e livros e estratégias diversas (BELMONTE, Laura. **Selling the American way: US propaganda and the cold war.** Philadelphia: Pennsylvania Press, 2008. p. 95-115). Mais tarde, a ideia de “*telling the truth*” como uma arma para se opor ao “terrorismo” soviético foi adotada por Eisenhower como a narrativa oficial (TUDDA, Chris. **The truth is our weapon: The rhetorical diplomacy of Dwight D. Eisenhower and John Foster Dulles.** Baton Rouge: Louisiana State University Press, 2006. p. 16-28).

<sup>608</sup> (LOWEN, Rebecca. **Criating the cold war university.** Los Angeles: University of California Press, 1997. p. 147).

<sup>609</sup> THE US 86TH CONGRESS. **Comparisons of the United States and Soviet Economies.** Washington: US Government Printing Office, 1960. p. 567.

<sup>610</sup> “Before World War II, America’s universities were peripheral to the nation’s political economy. They were committed to promoting the scientific method, to allowing academic scientists and scholars to discover and study ‘truths’, and to developing the character of their students who were, for the most part, the sons of the nation’s business and professional elites” (LOWEN, Rebecca. **Criating the cold war university.** Los Angeles: University of California Press, 1997. p. 2).

luta pela democracia<sup>611</sup>. As ciências sociais, apesar da desconfiança político-ideológica que trazia em seus métodos, precisou buscar seu caminho dentro do labirinto de desconfianças que era a Guerra Fria para ser patrocinada<sup>612</sup>.

Universities made room for new fields of study, such as nuclear engineering and Russian studies, which bore obvious relevance to the nation's geopolitical concerns. Traditional social science disciplines also shifted their emphases, stressing quantitative approaches over normative ones and individual behavior and cultural studies over sociological ones. [...] But there has been a tendency both to conflate the 1950s and the Cold War in discussions about culture and to overlook less striking but perhaps more persistent characteristics of the broader period, including a pervasive scientism, the triumph of the idea of apolitical expertise, and the popularization of psychotherapeutic ideas and techniques."<sup>613</sup>

The nationalization of the social sciences the harnessing of the field not simply for human betterment but to the service of the state, was a *road* to money and influence, to usefulness and social acceptance. The natural sciences and engineering had already traded some of their international ties and freedom of publication for such acceptance. Social science and the humanities were eager to follow<sup>614</sup>.

While modernization theory provided an ideological basis for the field, the behavioral revolution owed much of its initial notoriety to the financial support of the major philanthropic foundations. These institutions were the gatekeepers of academic development during the formative post-World War II years. During the course of the 1950s and early 1960s, foundations were, arguably, the most influential financial backers of university research outside the natural sciences. Foundation policies favored researchers and institutions who were willing to transcend limiting departmental domains and accept, instead, the multidisciplinary behavioral paradigm<sup>615</sup>.

---

<sup>611</sup> "In 1948 Talcott Parsons prepared a report entitled "Social Science: a basic national resource" for the Social Science Research Council (SSRC). It was never published until 1986. Although getting some space from Economy and Political Science, Parsons argued Social Science should be developed and public funded to become a "way for human betterment" and paved the way for "the future of mankind" (KLAUSNER, Samuel; LIDZ, Victor. *The bid to nationalize american science*. In: \_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_. **The nationalization of the social sciences**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1986); "For example Harley Notter, a Standard alumnus who was working closely with Cordell Hull as executive secretary to the State Department's Advisory Committee on Postwar Foreign Policy, encouraged Tressidder [Donald Tresidder, Stanford appointed dean] to abandon the German concept of the university: it was time to realize that universities were 'coming to occupy a new position domestically in the nation', Notter argued, and to recognize that those in the West were especially well positioned to take advantage of wartime political and economic changes" (LOWEN, Rebecca. **Criating the cold war university**. Los Angeles: University of California Press, 1997. p. 73).

<sup>612</sup> LOWEN, Rebecca. **Criating the cold war university**. Los Angeles: University of California Press, 1997. p. 150-155.

<sup>613</sup> LOWEN, Rebecca. **Criating the cold war university**. Los Angeles: University of California Press, 1997. p. 3-5.

<sup>614</sup> KLAUSNER, Samuel; LIDZ, Victor. *The bid to nationalize american science*. In: \_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_. **The nationalization of the social sciences**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1986. p. 11.

<sup>615</sup> ROBIN, Ron. **The making of the cold war enemy: culture and politics in the military-intellectual complex**. New Jersey: Princeton University Press, 2001. p. 32.

Por exemplo, durante os anos 40 a informação científica produzida nos EUA sobre a URSS (ou a Europa Oriental) era próxima a nada<sup>616</sup>. Foi somente com a ajuda das fundações privadas que o governo conseguiu suprir a necessidade dos “*area studies*”, especialmente sobre aliados de guerra ou inimigos. Havia urgência não apenas sobre os “*linguistic studies*”, muito necessários para a burocracia governamental, mas também se buscavam pesquisadores com “*direct experience in the country and culture of his study*”<sup>617</sup>. Todo esse esforço deveria permitir que esse pessoal estivesse pronto para servir como “*cold warrior*” nas décadas de 50 e 60, quando se acreditava que o conflito estaria muito mais pronunciado<sup>618</sup>.

In quantitative terms, RI's greatest contribution would be government experts, not academics. Roughly 40% of the M.A. graduates between 1948 and 1952 ended up in some form of government service, half again as many as those pursuing doctorates. The State Department and CIA absorbed most of those going into government, with others going to work for military intelligence, Voice of America, or similar organizations. By 1953, Columbia had trained four times more Russia specialists in government service than the other centers combined<sup>619</sup>.

<sup>616</sup> (ENGERMAN, David. **Know your enemy**: the rise and fall of America's soviet experts. New York: Oxford, 2009. p. 13-16); *Most of the American information came from the Refugee Interview Project (RIP) that required all refugees became an active government collaborator beginning by answering “detailed questionnaires” and being subjected of “long interviews” about the life and politics in the USSR. In 1952, the State Department on a congressional inquisition pointed out the project had generated in that time 30000 pages of data.* (ENGERMAN, David. **Know your enemy**: the rise and fall of America's soviet experts. New York: Oxford, 2009. p. 63-66). *The questionable idea of submitting refugees to these programs (jeopardizing their security) is comprehensible within the Cold War logic, but all data generated is almost useless regarding a strict scientifically point of view due the biased-origin of all information. From this set of data, for example, came the misconceived “Totalitarianism” concept that had shaped an important part of Cold War bibliography; In a Congress Study about the measuring of USSR GNP entitled “USSR: Measures of Economic Growth and development (1950-1980), published in 1982, the Congress points out that “Compiling consistent data for the period 1950-80 presented a challenge. Many of the official data series are incomplete or published in differing formats, requiring many interpolations and strong assumptions about relative prices. Other data are not published at all or not on a regular basis. Instead, they have to be culled from the specialized monograph and journal literature. For example, data on the amount of waste included in the gross output data of agricultural products are not published regularly or in a consistent framework.”* (THE US 97TH CONGRESS. **USSR: Measures of Economic Growth and Development, 1950-1980.** Washington: US Government Printing Office. 1982. p. vii). *It is clear that in 1982 there was still a huge gap on the US information about the USSR also the data from 1945-1950 was not even considered.*

<sup>617</sup> (ENGERMAN, David. **Know your enemy**: the rise and fall of America's soviet experts. New York: Oxford, 2009. p. 19); *“The atomic bomb showed what scientists could accomplish through group research on a single problem; Robinson [Geroid Tanquary Robinson, first Columbia Russian Institute chief] wanted his humanist and social scientist colleagues to take the same approach. The main problem was that there were not enough of them. As a result, Robinson directed his primary attention to training. Rockefeller officials, too, recognized that research “may well be subordinate to training” in the RI's [Russian Institute] early years. The RI teaching approach was interdisciplinary for the same reason that the OSS research model had been: to serve policy. Broad training in a given region would be important for analysts-in-training. The RI also touted other benefits of interdisciplinarity: the opportunities to deprovincialize American scholarship and teaching and to encourage intellectual innovation.”* (ENGERMAN, David. **Know your enemy**: the rise and fall of America's soviet experts. New York: Oxford, 2009. p. 29).

<sup>618</sup> Os “*Slavic Studies*” se tornaram rapidamente “*East European Studies*” e então “*Soviet Studies*”, recebendo um aumento nas contribuições orçamentárias advindas tanto de fundações privadas quanto de agências governamentais de fomento.

<sup>619</sup> ENGERMAN, David. **Know your enemy**: the rise and fall of America's soviet experts. New York: Oxford, 2009. p. 35.

O objetivo não era apenas compreender os parceiros de Guerra dos EUA, seus comportamentos políticos ou antecipar qualquer possibilidade real de ameaça global aos EUA, mas também atingir o sucesso que os físicos tinham obtido com as pesquisas sobre energia nuclear, por exemplo<sup>620</sup>. O ponto era – nas palavras de Margaret Mead’s<sup>621</sup> – “*to keep human beings safe in narrowing world*”<sup>622</sup>, mas primeiramente era necessário definir para qual mundo (dos inúmeros existentes) que a pesquisa científica deveria se debruçar<sup>623</sup>. O que havia começado como uma iniciativa puramente científica precisava ser transformada de acordo com

---

<sup>620</sup> Ron Robin chama esta ideia de “*the cult of the superweapon*”: “*The “cult of the superweapon”—the dependency on superior American technology as a substitute for a painstaking assessment of enemy strengths and weaknesses—was the most prominent example of the impulse to circumvent rather than confront the enemy*” (ROBIN, Ron. **The making of the cold war enemy: culture and politics in the military-intellectual complex**. New Jersey: Princeton University Press, 2001. p. 4); e mostra como um “*social science Manhattan Project*” seria o melhor que o governo buscava em suas ações “*In order to address the [Korean] crisis, the JCS proposed a wistful solution. Six of their seven recommendations for confronting the communist threat focused on “intangible resources” rather than on the buildup of conventional or nuclear military might. The JCS envisioned waging war by means of futuristic psychological barrages rather than bullets. For these purposes the JCS recommended the production of an “intangible” weapons system as awesome and as effective as the harnessing of the atom.*” (ROBIN, Ron. **The making of the cold war enemy: culture and politics in the military-intellectual complex**. New Jersey: Princeton University Press, 2001. p. 42); Hans Morgenthau, por sua vez, chama isto de “*confidence in the power of reason to solve the social problems of our age*” (MORGENTHAU, Hans. **Scientific man vs power politics**. Londres: Latimer House Limited, 1947. p. 9).

<sup>621</sup> Margaret Mead era parte, naquele momento, do *Office of War Information’s Foreign Morale Analysis Division*, com foco no Japão.

<sup>622</sup> Melvyn Leffler tem uma sombria e diferente explicação para os reais objetivos norte-americanos: “*The need to predominate throughout the Wessern Hemisphere was not a result of deteriorating Soviet- American relations but a natural evolution of the Monroe Doctrine, accentuated by Axis aggression and new technological imperatives*” (LEFFLER, Melvyn. **Safeguarding democratic capitalism: US foreign policy and national security, 1920-2015**. New Jersey: Princeton University Press, 2017. p. 130). O embaixador norte-americano na URSS, Charles Bohlen, diplomaticamente discorda: “*There was no attempt or desire to hinder the war effort or impede aid to the Soviet Union. We all admired the fight the Russians were making; what we were worried about was the future*” (BOHLEN, Charles. **Witness to history: 1929-1969**. New York: WW Norton & Company, 1973. p. 121).

<sup>623</sup> Por mais de 15 anos as universidades requeriam que os estudantes conhecessem “*what was the Wessern Civilization*” em oposição ao “*rest of the world*”: “*Prior to the changes, all Stanford first- year students were required to read the same fifteen texts as part of its Wessern Civilization program, including the Bible and selections from Homer, Plato, Augustine, Dante, More, Machiavelli, Galileo, Luther, Voltaire, Marx and Engels, Darwin, and Freud*” (HARTMAN, Andrew. **A history of the culture wars: a war for the soul of America**. Chicago: University of Chicago Press, 2015. p. 227). Foi apenas durante os anos 60 que o perfil branco e masculino do conceito de formação da “*Wessern Civilization*” foi questionado.



os interesses políticos, econômicos e sociais dos EUA<sup>624</sup>. O “dinheiro do contribuinte”<sup>625</sup> não poderia ser usado para patrocinar estudos acadêmicos com qualquer “inclinação soviética” ou “comunista”<sup>626</sup>, e com o discurso da Guerra Fria se tornando mais duro, também ficava a pressão por pesquisas que fossem “national interest-oriented”<sup>627</sup>.

<sup>624</sup> “Language of this sort, which did not define clear priorities, and which projected American interests almost everywhere on the globe, exasperated the joint chiefs and other military officers. They, too, believed that the United States should resist communist aggression everywhere, “an overall commitment which in itself is all-inclusive.” (LEFFLER, Melvyn. **Safeguarding democratic capitalism: US foreign policy and national security, 1920-2015**. New Jersey: Princeton University Press, 2017. p. 159); A realidade, de acordo com os behavioralistas, poderia ser compreendida através de uma teoria unificada da ação humana: “The quest for an inclusive super theory assumed that human conduct adhered to a series of behavioral “laws”; and even accidents appeared to follow a predictable path.” (ROBIN, Ron. **The making of the cold war enemy: culture and politics in the military-intellectual complex**. New Jersey: Princeton University Press, 2001. p. 6); Para um entendimento diferenciado sobre o papel dominante do governo dentro das comunidades científicas, definindo as agendas de pesquisa veja-se o argumento de Joel Isaac: “In a similar vein, historians of McCarthyism in the American academy such as Ellen Schrecker and Jessica Wang have argued that the climate of fear and suspicion generated by anticommunism limited intellectual debate on the social uses of science and circumscribed the ability of scientists to challenge the national security desiderata of federal science policy. Recently, however, some historians of science have taken a more cautious line. In painstaking case studies, they have shown how the military’s attempts to instrumentalize scientific research often failed or, at the very least, left scientists enough room to shape research agendas according to their own interests. Despite their divergence on the issue of how state-science relations should be conceived, however, all of these studies explore the acute tension between the national security establishment’s demand for secrecy and applied technologies, and the scientific community’s need for open debate and basic research.” (ISAAC, Joel. *The human sciences in cold war america*. **The Historical Journal** (Cambridge University Press), v. 50, p. 725-746, sep. 2007. p. 731).

<sup>625</sup> “The earliest cumulative data concerning government funding of social science is provided by the National Science Foundation (NSF) in 1952; that report shows that over 96 percent of all reported federal funding for social science at that time was drawn from the U. S. military. [...] Be that as it may, to the extent that social science was supported by the U.S. government during the 1950s, that support was usually tied to national security missions, especially during the first years of the decade. This was particularly true of mass communication studies” (SIMPSON, Christopher. **Science of coercion: communication research and psychological warfare 1945-1960**. New York: Oxford University Press, 1996. p. 52-53); “The overwhelming government presence in funding Social Sciences breaks through the liberalist narrative and the accepted concept of “Privatism” to describe the “right path” to enhance the role of Social Sciences: “Privatism assumes that great advances occur without the heavy hand of government. The role of government, according to this ethos, is merely to provide a creative setting for self-realization. Given this belief in privatism, the impact of government funding—a crucial source of endowment for the behavioral sciences—is conspicuously absent from the creation myth. In its place, the private and supposedly uncoordinated foundations are presented as the main underwriters of the behavioral sciences. When left to their own devices, the seemingly unconnected independent universities, research centers, and private foundations stumbled upon the existence of the behavioral sciences. The supposedly simultaneous and uncoordinated invention of the same term was the ultimate sign of its validity.” (ROBIN, Ron. **The making of the cold war enemy: culture and politics in the military-intellectual complex**. New Jersey: Princeton University Press, 2001. p. 28).

<sup>626</sup> Inúmeras pesquisas acadêmicas e mesmo pesquisadores foram rotulados como “soviet-lovers” ou com “strong soviet inclinations” como Petr Struve, Martin Malia, Roman Jakobson, Corliss Lamont, Philip Mosely and Ernest Simmons. Contra esses, o governo arrematava os chamados “true nationalists professors” como Geroid Robinson, Arthur Schlesinger Jr, Richard Pipes, Carl Friedrich and Zbigniew Brzezinski; “The Executive order 9835 not only barred Communists, fascists and other totalitarians from the federal payroll, it also excluded anybody guilty of ‘sympathetic association’ with such undesirables or their organizations. Every federal employee had to be checked out, usually by the FBI or a similar investigatory organization” (SCHRECKER, Ellen. **No ivory tower: McCarthyism and the universities**. New York: Oxford University Press, 1986. p. 5).

<sup>627</sup> Cada ação política tinha a sua própria versão acadêmica. Por exemplo, o departamento de Estado patrocinou as transmissões do “Voice of America” argumentando que era necessário mostrar a “verdade” sobre a América. Ao mesmo tempo uma iniciativa conjunta do Departamento de Estado e do MIT chamada “Project Troy” juntava Alex Inkeles e

Numerous critical historians have argued that narrow political interests undergirded foundation support and that the major foundations deliberately removed all controversial issues, no matter how acute, from the agenda of social research. [...] Foundations, according to sociologist Alvin Gouldner, supported an academic culture committed to “making things work, despite wars, inequalities, scarcity, and degrading work, rather than finding a way out.” By avoiding any significant challenging of existing social and political arrangements in the United States, foundations and their academic collaborators bestowed a scientific blessing on the status quo<sup>628</sup>.

In addition to minimizing the differences between the foundation and federal patronage, some sociologists have also argued that the distinction between private and public patronage has been overdrawn. They have pointed to the overlaps in the membership of those guiding major foundations, leading corporations, universities, and agencies of the federal government and suggested that the interests of a ‘ruling elite’ influenced or determined the goals and agendas of all of these purportedly distinct organizations and entities<sup>629</sup>.

### 3.16 A NEUTRALIDADE E O CRESCIMENTO DAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS

As mesmas ideias seriam aplicadas a todas as ciências sociais<sup>630</sup>. A pressão por “neutralidade” nas pesquisas sociais aumentou muito entre 1945 e 1960<sup>631</sup>. O chamado

---

Robert Wolff com o objetivo de determinar quais “*ideas and values*” deveriam ser contrabandeadas para dentro da “*the Iron Curtain*”: “*In mid-February 1951, the Troy staff completed an eighty-one-page final report, with appendixes covering everything from “coherent transmitter arrays” and “moon relays” to population problems, advance planning for Stalin’s death, defector policy, and a broad outline for “political warfare” against the Soviet Union.*” W.W. Rostow liderava o “**Soviet Vulnerability Project**” com uma parceria entre o MIT e Harvard. O projeto tinha Philip Mosely, Charles Bohlen e Allen Dulles como “*directives consultants*” e Raymond Bauer, Alex Inkeles, Barrington Moore Jr, Richard Pipes e Adam Ulam como principais pesquisadores: O relatório do “*The Soviet Vulnerability Project*” combinava análises e recomendações políticas. Seu principal objetivo, seguindo o próprio relatório era desenvolver uma estratégia para minar o governo soviético e o controle que esse governo tinha sobre sua população e territórios através de uma combinação de propaganda e diplomacia, além de uma pequena seção sobre “*how political warfare might evolve in the case of armed conflict.*” (ENGERMAN, David. **Know your enemy: the rise and fall of America's soviet experts**. New York: Oxford, 2009. p. 47-50); “*The sudden endorsement of rational choice and, conversely, the abrupt jettisoning of traditional psychocultural explanations of behavior, did little to salvage the declining fortunes of the behavioral sciences. Indeed, by the mid-1960s the behavioral enterprise was subject to numerous critiques of its underlying ideology and intellectual underpinnings, including the speculative construction of images of the enemy. The most conspicuous attack on the behavioral enterprise occurred during the course of Project Camelot, the ambitious army attempt to develop a global counterinsurgency strategy.*” (ROBIN, Ron. **The making of the cold war enemy: culture and politics in the military-intellectual complex**. New Jersey: Princeton University Press, 2001. p. 11-12).

<sup>628</sup> ROBIN, Ron. **The making of the cold war enemy: culture and politics in the military-intellectual complex**. New Jersey: Princeton University Press, 2001. p. 34.

<sup>629</sup> LOWEN, Rebecca. **Criating the cold war university**. Los Angeles: University of California Press, 1997. p. 197.

<sup>630</sup> *Although and paradoxically, Hans Morgenthau, one of the pillars of the Realist Theory, said: “Whatever else may separate the White House from the Kremlin, liberals from conservatives, all share the belief that if not now, at least ultimately, politics can be replaced by science, however differently defined.”* (MORGENTHAU, Hans. **Scientific man vs power politics**. Londres: Latimer House Limited, 1947. p. 11). *He had a different idea of how international politics should be handled: “The failure of the dogmatic scientism of our age to explain the social and, more particularly, political problems of this age and to give guidance for successful action calls for a re-examination of these problems in the light of the pre-rationalist Western tradition. This re-examination must start with the assumption that power politics, rooted in the lust for power which is common to all men, is for this reason inseparable from social life itself”* (MORGENTHAU, Hans. **Scientific man vs power politics**. Londres: Latimer House Limited, 1947. p. 16).

<sup>631</sup> *One of the most important epistemological weapons politically developed during this period was the “behavioral science”, supposedly bias-free and more objective than traditional Social Science methods: “Structurally, the behavioral sciences of the Cold War era referred to a body of knowledge that transcended traditional academic*

“cientismo”<sup>632</sup> ou a ideia de “*Unity of science*”<sup>633</sup> constituíram-se num organizado pano de fundo para explicar a nova fé nos números e nos dados seriados<sup>634</sup>, como forma de afastar o subjetivismo. Contudo, enquanto o movimento “*behaviorist*”<sup>635</sup> estava em amplo desenvolvimento<sup>636</sup>, o medo da competição científica com a União Soviética aumentava o patrocínio federal para as ciências. Eram necessário produzir alguns conhecimentos a respeito do mundo para que as necessidades do governo fossem atendidas com relação à Guerra Fria<sup>637</sup>.

---

*departmental enclosures, and offered, instead, universal research strategies. The underlying assumption was that within any given society the various fields of inquiry associated with the social sciences—individual behavior, institutions, and beliefs—were functionally linked to one another, and that their separation into segregated fields of inquiry was arbitrary.”* (ROBIN, Ron. **The making of the cold war enemy: culture and politics in the military-intellectual complex.** New Jersey: Princeton University Press, 2001. p. 25); “*They [The military and US state agencies] expected the social scientists from whom they sought advice to adopt the rhetoric of objectivity and to conduct research which had predictive and practical value”* (LOWEN, Rebecca. **Criating the cold war university.** Los Angeles: University of California Press, 1997. p. 199).

<sup>632</sup> “*Whatever else may separate the White House from the Kremlin, liberals from conservatives, all share the belief that if not now, at least ultimately, politics can be replaced by science, however differently defined.*” (MORGENTHAU, Hans. **Scientific man vs power politics.** Londres: Latimer House Limited, 1947. p. 11).

<sup>633</sup> “*Logical empiricism came to America during the 1930s. With the exception of Herbert Feigl, who emigrated in 1930, the main wave began mid-decade and included Rudolf Carnap in 1935, Karl Menger in 1936, Carl Hempel in 1937, Hans Reichenbach, Felix Kaufman, Gustav Bergmann, and Philipp Frank in 1938 and Kurt Gödel and Edgar Zilsel in 1939*”. *The movement was “concerned with the development of a unified scientific language, with the presentation of the results of logical analysis in various sciences, with problems relevant to the foundations of the sciences, with the analysis and interrelation of central scientific concepts, with questions of scientific procedure, and with the sense in which science forms a unified whole”* (REISCH, George A. **How the cold war transformed philosophy of science: to the icy slopes of logic.** New York: Cambridge University Press, 2005. p.9; 12).

<sup>634</sup> “*Quantitative measurement offered, as well, a semblance of unity for the intellectually fractured world of contemporary science. Historian Theodore Porter has observed that “firm statistical rules” promoted a sense of order by suppressing the unruly, diverse forms of interpretation associated with ambiguous qualitative data. Quantification standardized the governing intellectual concepts of separate investigative fields. Numbers permitted comparison of people, places, and problems that were otherwise different and ostensibly incomparable. Quantification enabled the codifying, unifying, and, above all, simplification of large and diverse bodies of information.*” (ROBIN, Ron. **The making of the cold war enemy: culture and politics in the military-intellectual complex.** New Jersey: Princeton University Press, 2001. p. 69).

<sup>635</sup> “*Born in the immediate post-World War II years, the behavioral sciences challenged the traditional intellectual and social arrangements in the so-called soft sciences. The behaviorist creed rejected, in particular, the social sciences’ division of the spheres of human experience—politics, society, and biology—into discrete units. Believing that disciplinary divisions weakened the validity of scientific findings, behaviorists espoused a unified theory of human action; all social knowledge was one and indivisible.*” (ROBIN, Ron. **The making of the cold war enemy: culture and politics in the military-intellectual complex.** New Jersey: Princeton University Press, 2001. p. 6).

<sup>636</sup> “*The Korean War offered the first and most comprehensive attempt to test behavioral theory in crucial real-life situations. An army of behaviorists entered the Korean theater armed with intellectual weapons aimed at controlling, manipulating, and predicting the behavior of both friend and foe. As advisors on the battlefield, at truce tents, and in prison camps, behaviorists offered crucial advice and counsel for a confused military and political establishment.*” (ROBIN, Ron. **The making of the cold war enemy: culture and politics in the military-intellectual complex.** New Jersey: Princeton University Press, 2001. p. 71); “*Others, more critical of the turn toward scientism, have speculated that the ascendancy of behavioralism after the war is best explained not by social scientist’s desire for status but by their fears that a normative or prescriptive approach to the study of society might invite criticism in conformist times or, worse, attacks from the McCarthyist forces at work in the 1950’s.*” (LOWEN, Rebecca. **Criating the cold war university.** Los Angeles: University of California Press, 1997. p. 192).

<sup>637</sup> “*Advisors “examining the same period, however, did both by positing an “educational gap” at the heart of their analysis of the shortcomings of American foreign policy, past and present”. “So, too, the Fulbright Act, as passed in 1946 and amended in 1948, provided American international studies academics and graduate students, among others, with opportunities for research and study abroad”* (MCCAUGHEY, Robert. **International studies and academic enterprise.** New York: Columbia University Press, 1984. p. 125-131).

Por exemplo, antes da Segunda Guerra, os EUA não tinham sequer número de doutores suficientes para a demanda do governo em “*International Studies*”<sup>638</sup>.

**Tabela 1 - Doutorados defendidos em International Studies nas universidades norte americanas sobre “International Studies”**

	1900	1925	1934	1940
<b>Chicago</b>	5	5	11	10
<b>Harvard</b>	2	3	11	14
<b>Columbia</b>	3	8	6	9
<b>Berkeley</b>	0	4	8	11
<b>Yale</b>	1	4	5	4
<b>Winconsin</b>	1	1	1	1
<b>Todas as outras universidades somadas</b>	3	5	8	11

Fonte: MCCAUGHEY<sup>639</sup>

Com o crescimento da economia norte americana nos anos 50 (muito em função dos efeitos comparativos da segunda guerra na Europa e os planos de assistência para o velho continente e para a América), os orçamentos disponíveis das fundações privadas (normalmente ligadas a grandes empresas internacionais) também aumentaram enormemente. O dinheiro vinha majoritariamente em função de renúncias fiscais do governo federal e das leis sobre instituições filantrópicas.

Even using the most conservative earnings projections, the trustees found themselves faced with the daunting prospect of having to dispense between \$100 million and 150 million<sup>640</sup> annually, just to offset anticipated income. The reaction of trustee John McCloy was shared by others on the board: ‘We had to reduce that fund [...] it was too big’. A similar conclusion was meanwhile being drawn by members of the foundation staff. The IRS is breathing down our necks; one has since recalled the prevailing sentiment following on divestiture in 1955-56. ‘We have got to get rid of the money’.<sup>641</sup>

<sup>638</sup> From a total of 973 PhD awarded in all Social Sciences and Humanities only 13% were in International Studies until 1940, and only 8% of this total were focused on Russia or East Europe (MCCAUGHEY, Robert. **International studies and academic enterprise**. New York: Columbia University Press, 1984. p. 104-105).

<sup>639</sup> MCCAUGHEY, Robert. **International studies and academic enterprise**. New York: Columbia University Press, 1984. p. 103.

<sup>640</sup> De US\$ 911,2 milhões a US\$ 1,36 bilhões em valores atuais.

<sup>641</sup> MCCAUGHEY, Robert. **International studies and academic enterprise**. New York: Columbia University Press, 1984. p. 169.

**Tabela 2 - Comparação de doutorados defendidos em universidades norte-americanas sobre “International Studies”**

	1951	1960	1966
<b>Universidades antigas<sup>642</sup> (criadas antes da WWII)</b>	119	149	203
<b>Universidades criadas durante a Guerra<sup>643</sup> (criadas até 1945)</b>	54	65	122
<b>Universidades modernas (criadas até 1950)<sup>644</sup></b>	5	27	54
<b>Total</b>	178	241	379

Fonte: MCCAUGHEY<sup>645</sup>

O resultado do aumento da lucratividade e da pressão pública por “métodos objetivos” foi a evidente expansão dos “*International Studies*” e, ao mesmo tempo, a queda das pesquisas com viés histórico, em relação à Ciência Política, sendo que as pesquisas que tinham como objeto principal a “Rússia” ou a “URSS” aumentaram em 20%.

**Tabela 3 - Doutorados em “International Studies” em Universidades Americanas por linha de pesquisa**

	1940	1951	1960	1966
<b>História</b>	28 (81%)	54 (30%)	54 (22%)	77 (20%)
<b>Ciência Política</b>	8 (12%)	30 (17%)	51 (21%)	73 (19%)
<b>Economia</b>	9	35	41	75
<b>Antropologia</b>	4	23	33	47
<b>Sociologia</b>	5	4	17	12

Fonte: MCCAUGHEY<sup>646</sup>

Todos esses esforços que permitiram ao governo norte-americano ter recursos pessoais suficientes para enfrentar a Guerra Fria<sup>647</sup> não vieram somente das Universidades; o Departamento de Estado foi também alvo de diferentes reformas. Em função do Macarthismo e da decisão de Dulles de deixar o Departamento de Estado apenas como um gerenciador de tarefas burocráticas, as mudanças não eram fáceis. Não poderia haver mais espaço para a

<sup>642</sup> Yale, Cornell, Harvard, Columbia and Chicago.

<sup>643</sup> Wisconsin, Berkeley, Michigan, Stanford, Pittsburgh and Texas.

<sup>644</sup> Indiana, UCLA, Washington (Seattle), Michigan State, Syracuse.

<sup>645</sup> MCCAUGHEY, Robert. **International studies and academic enterprise**. New York: Columbia University Press, 1984. p. 204.

<sup>646</sup> MCCAUGHEY, Robert. **International studies and academic enterprise**. New York: Columbia University Press, 1984. p. 139-202.

<sup>647</sup> De 1950 até 1966 quase 40% dos doutorados em “International Studies” eram recrutados para trabalho no governo ou em agências governamentais, um percentual bem menor ia para o setor privado. (MCCAUGHEY, Robert. **International studies and academic enterprise**. New York: Columbia University Press, 1984. p. 214).

percepção da diplomacia como uma “gentleman’s profession”<sup>648</sup>, e novas técnicas e novos conhecimentos deveriam ser testados e aplicados com o objetivo de melhorar o “*decision-making process*”<sup>649</sup>.

The Scientific era of international relations produced its inevitable result the substitution of scientific standards for political evaluation and, ultimately, the destruction of the ability to make intelligent political decisions at all. Power, however limited and qualified, is the value which international politics recognizes as supreme. The test to which political decisions in the international sphere must be subject refers, therefore, to the measure in which those decisions affect the distribution of power in the international sphere<sup>650</sup>.

Se as decisões do period Truman-Acheson foram tomadas de modo personalista, ainda que obedecendo um “*gentlemen’s agreement*” entre americanos e soviéticos, o período Eisenhower-Dulles foi ainda mais acentuado. O toque personalista nas decisões daquele período continuou, com o anticomunismo ainda menos racional. Eventuais decisões erradas teriam um preço cada vez mais alto com os soviéticos adquirindo a bomba de hidrogênio e capacidade de lançar de forma intercontinental<sup>651</sup>. Ao mesmo tempo, o complexo de mídia chegava a sua força máxima, com quase toda casa nos EUA tendo uma televisão em sua sala<sup>652</sup>. Tal fato significava que o governo deveria evitar usar o padrão das “duas narrativas” e precisava

---

<sup>648</sup> “At the beginning, in the Foreign Service, economics was not regarded as a gentleman's profession; that is, finance and economics and intelligence and information skills were not the things that ambassadors were made of. Ambassadors grew up or trained on the political side, almost with exception, and it's still the case.” (MCKINZIE, Richard; WILSON, Theodore; BATTLE, Lucius. **Oral history interview with Lucius Battle**. [s.l.]: [s.n.], 1971).

<sup>649</sup> Melvyn Leffler, sugeriu (mesmo sem mencionar nominalmente o autor) que a teoria base da política externa dos EUA era o enfoque geopolítico de Halford-Mackinder, que opõe a “Asian Heartland” contra a “Rimland” de Nicholas Spykman, já no final dos anos 40: “The American objective, after all, was to avoid Soviet hegemony over Eurasia” (LEFFLER, Melvyn. **Safeguarding democratic capitalism: US foreign policy and national security, 1920-2015**. New Jersey: Princeton University Press, 2017. p. 131-136).

<sup>650</sup> MORGENTHAU, Hans. **Scientific man vs power politics**. Londres: Latimer House Limited, 1947. p. 91.

<sup>651</sup> It is not a consensus when USSR developed the “fully functional thermonuclear bombs” and the means to deliver it. Lewis Gaddis points out the year of 1955 (GADDIS, John Lewis. **We now know: rethinking cold war history**. New York: Oxford, 1997. p. 111), Gordon Barrass argues for 1963 when the USSR developed the ICBM technology (BARRASS, Gordon. **The great cold war: a journey through the hall of mirrors**. Stanford: Stanford University Press, 2009, p. 137), John Young and John Kent argue the fully thermonuclear capability was acquired by USSR only in 1969 (YOUNG, John W.; KENT, John. **International relations since 1945: a global history**. New York: Oxford, 2004. p. 305). Aside from academical discussions, an internal Top-Secret CIA memorandum (July 24<sup>th</sup>, 1953) on “Soviet capabilities for attack the US through mid-1955” warned against the chemical and biological warfare, besides the nuclear attack. The report stated “on basis of strong evidence” the USSR already (in 1953) had 1050 bombers and heavy bombers (suited to deliver any of those mentioned weapons) and in the mid of 1955 will have 1300 “fully capable” bombers. (THE US CENTRAL INTELLIGENCE AGENCY. **Special estimate: soviet capabilities for attack on the US through mid-1955**. Washington: [s.n.], 1953).

<sup>652</sup> According to Nancy Bernhard in 1950 only 9% of American houses had the TV (9,7 million TV sets) but until 1959 a steady path of growth resulted that in 1959 85.9% of American houses had a TV (67,1 million TV sets) (BERNHARD, Nancy. **US television news and cold war propaganda, 1947-1960**. New York: Cambridge University Press, 2003. p. 47).

agora concentrar esforços em explicar as decisões internacionais de forma racional e credível, especialmente com novos grupos sociais atingindo capacidade de agirem dentro da política doméstica.

**Figura 4 - 1956 Cartoon de Herblock (Washington Post) denunciando o perigo da política externa de Dulles**



Fonte: BLOCK<sup>653</sup>

Instead of asking whether the devices were adequate to the problems which they were supposed to solve, the internationalists take the appropriateness of the devices for granted and blame the facts for the failure. "When the facts behave otherwise than we have predicted," they seem to say, "too bad for the facts"<sup>654</sup>.

<sup>653</sup> BLOCK, Herbert. **Herblock's special for today**. New York. Simon and Schuster, 1958. p. 116.

<sup>654</sup> MORGENTHAU, Hans. **Scientific man vs power politics**. Londres: Latimer House Limited, 1947. p. 41.

Em 7 de maio de 1954, a *Rockefeller Foundation* patrocinou<sup>655</sup> uma conferência diferente, que tinha o objetivo de “*strengthening the field*” das Relações Internacionais<sup>656</sup>. O propósito era alargar ambos, o campo teórico de investigação e o campo empírico da política internacional<sup>657</sup>. Nas palavras de Dean Rusk, então presidente da *Rockefeller Foundation*, “*we need some generalizations and structure in order to make some sense out of the jet stream of the factual situation*”<sup>658</sup>. Entre os participantes está o professor assistente de Ciência Política da Universidade de Chicago, Hans Morgenthau. Morgenthau, naquela época, já havia publicado três livros: “*Scientific Man versus Power Politics*” (1946), “*Politics Among Nations: Struggle for power and peace*” (1948) and “*In defense of National Interest*” (1951). Morgenthau defendeu uma teoria de política internacional diferente<sup>659</sup> e essencialmente argumentou que (1) deveria haver uma diferença entre a política internacional e a política doméstica<sup>660</sup> (e assim dois

<sup>655</sup> A Rockefeller Foundation tinha investido mais de um milhão de dólares patrocinando projetos de International Studies durante a Segunda Guerra e, injetava recursos no Institute of Pacific Relations (IPR), criado em 1925, majoritariamente dedicado ao pensamento de Woodrow Wilson. Todos os investimentos foram feitos durante o período de Dean Rusk na presidência da instituição. (MCCAUGHEY, Robert. **International studies and academic enterprise**. New York: Columbia University Press, 1984. p. 160); esta visão seria também a base do estudo acadêmico de Relações Internacionais. Até a Segunda Guerra, a maioria das pesquisas sobre o campo eram feitas por ou para fundações filantrópicas, enquanto o ensino nas universidades retratava majoritariamente o enfoque do Direito Internacional (FOX, 1968). “*The Rockefeller Foundation was no exception: since the 1920s, its mission in the field of international relations had been to “facilitate the amicable adjustment of national differences” and to promote “continuous conference among nations” (1930, 1932). In 1945, its Division of Social Sciences still considered that raising education about international relations contributed to peace by avoiding misconceptions. And in 1946, its most important financial appropriation still went to the League of Nations, then poised to become the United Nations—making its support to realist critics of international reform all the more paradoxical*” (GUILHOT, Nicolas. **The invention of international relations theory**. New York: Columbia University Press, 2011. p. 141).

<sup>656</sup> (GUILHOT, Nicolas. **The invention of international relations theory**. New York: Columbia University Press, 2011. p. 256); na verdade, “*the first major attempt to reshape the field [coming from Europe] was E. H. Carr, who left the British diplomatic service to take up the chair in international relations at Aberystwyth [Wales]*” (DONNELLY, Jack. **Realism and international relations**. New York: Cambridge University Press, 2000. p. 26).

<sup>657</sup> “*The conference clearly reveals the self-conscious attempt on the part of the attendees to construct a theory of international politics. Moreover, the proceedings of the conference indicate that all of the participants were firmly convinced that the field was in desperate need of a theory. The stated purpose of the conference was “to discuss some of the fundamental problems involved in theoretical approaches to international politics”* (SCHMIDT, Brian. The rockefeller foundation conference and the long road to a theory of international politics. In: GUILHOT, Nicholas. **The invention of international relations theory**. New York: Columbia University Press, 2011. p. 79-94. p. 79-80); “*Rather, in relation to policy, the picture at the 1954 conference is one of constant operational errors, a weakness of overarching vision, and therefore a need to improve on policy by a recourse to their input*” (WEAVER, Ole. The speech act of realism. In: GUILHOT, Nicholas. **The invention of international relations theory**. New York: Columbia University Press, 2011. p. 97-127. p. 112).

<sup>658</sup> GUILHOT, Nicolas. **The invention of international relations theory**. New York: Columbia University Press, 2011. p. 240.

<sup>659</sup> “*Realism emphasizes the constraints on politics imposed by human nature and the absence of international government. Together, they make international relations largely a realm of power and interest*” (DONNELLY, Jack. **Realism and international relations**. New York: Cambridge University Press, 2000. p. 9). O Realismo será profundamente analisado nos capítulos seguintes.

<sup>660</sup> “*It was the same confusion between political aim and rational truth which prevented the liberal from opposing political aims in the international field when liberal principles were invoked in their support and, on the other*



diferentes padrões de conduta<sup>661</sup>), (2) que todos os Estados buscavam poder e, portanto, um representava um perigo incontornável para o outro<sup>662</sup> e (3) o período após a Segunda Guerra estava organizado de forma “bipolar”, com os polos sendo os EUA e a URSS, exatamente por um mecanismo chamado “*Balance of Power*”<sup>663</sup>. Melhor ainda, o Realismo de Morgenthau defendia que ele conhecia as “regras do jogo”<sup>664</sup> e (4) era supostamente livre de “*ideological bias*” de qualquer forma<sup>665</sup>.

There are deep significance and inner necessity in Wilson's being the outstanding example of liberalism in foreign affairs and at the same time the standard bearer of those slogans to realize which the peacemakers of Versailles and Saint-Germain dedicated their main efforts. And their subsequent self-righteousness and inertia, as well as their moral indignation at any reappearance of the belligerent spirit, had their main source in the sincere belief that with the organization of Europe into national states under democratic governments every reasonable cause for war would disappear. Due to the same misconception of foreign affairs, the liberal statesmen of western

---

*hand, from supporting aspirations not based upon national or democratic principles.”* (MORGENTHAU, Hans. **Scientific man vs power politics**. Londres: Latimer House Limited, 1947. p. 54); “*Whereas domestic institutions and policies, on the one hand, and foreign policies, on the other, are indeed organically connected, the connection is by no means as simple as liberalism believes it to be. Liberalism believes that the foreign policy of a country is the mere reflection of its domestic situation, so that, by transforming the latter, one is able to change the former at will. Actually, however, the foreign policy of a country is determined by many different factors, of which the form of government and domestic policies are two and, as history shows, no the most decisive ones. The fundamental foreign policies of the Great Powers have survived all changes in the form of government and in domestic policies; France, Great Britain, and Russia during the last two hundred years are cases in point. Continuity in foreign affairs is not a matter of choice but a necessity; for it derives from geography, national character, tradition and the actual distribution of power, factors which it can neglect only at the risk of failure*” (MORGENTHAU, Hans. **Scientific man vs power politics**. Londres: Latimer House Limited, 1947. p. 62).

<sup>661</sup> “*Its [political liberalism] application to international affairs led to catastrophic results. Liberals had brought themselves to see in violence the absolute evil and were thus prevented by their moral convictions from using violence where the use of violence was required by the rules of the game*” (MORGENTHAU, Hans. **Scientific man vs power politics**. Londres: Latimer House Limited, 1947. p. 50).

<sup>662</sup> “*Since, however, the rationalist conception of international affairs does not fit political reality where power is pitted against power for survival and supremacy, the liberal approach to international problems has necessarily an ideological quality. [...] The liberal program in international affairs is a rationalist ideology of foreign policy*” (MORGENTHAU, Hans. **Scientific man vs power politics**. Londres: Latimer House Limited, 1947. p. 67).

<sup>663</sup> “*Since the balance of power is the essence and the stabilizing factor of international relations, the distribution of power is here never permanently settled but always precarious and subject to continuous fluctuations. In the International sphere the reduction of political problems to scientific propositions is never possible; for the problem of distribution of power is ever present and can be solved only by political decision and not by scientific devices*” (MORGENTHAU, Hans. **Scientific man vs power politics**. Londres: Latimer House Limited, 1947. p. 93).

<sup>664</sup> “*Politics is a struggle for power over men, and whatever its ultimate aim may be, power is its immediate goal and the modes of acquiring, maintaining, and demonstrating it determine the technique of political action.*” (MORGENTHAU, Hans. **Scientific man vs power politics**. Londres: Latimer House Limited, 1947. p. 167).

<sup>665</sup> “*This political philosophy thus ends in a scientific theory of society where politics has, at best, a place as the evil finally overcome. This mode of thought has permeated the thinking of a friend and foe alike. Whereas the conservative of the modern age turns to the historic past and expects from science of history the answer to the riddle of the present, the liberal sees in history only a process through which reason realizes itself in time and space. The scientific approach is common to both. For the liberal, science is a prophecy confirmed by reason; for the conservative, it is the revelation of the past confirmed by experience*” (MORGENTHAU, Hans. **Scientific man vs power politics**. Londres: Latimer House Limited, 1947. p. 34).

Europe were intellectually and morally unable to resist German expansion as long as it appeared to be justified – as in the cases of Austria and the Sudetenland – by the holy principles of national unification. Since these were the very same principles, eternally true and universally valid, in which the liberal statesmen believed and for which their predecessors had fought, they did not see how they could well oppose them when others invoked them in their own behalf<sup>666</sup>.

Hans Morgenthau foi convidado para discutir uma nova teoria que pudesse ser usada para uniformizar o campo de “International Studies”. A Rockefeller Foundation tinha muitas boas razões para escolher Morgenthau. Ele era um cientista formado na Alemanha<sup>667</sup>, que tinha, naquele momento, um grande apelo social, mas, mais importante, Morgenthau representava um “meio termo” entre várias “escolas científicas” que naquele momento lutavam por hegemonia. Por exemplo, ele era do campo da Ciência Política, mas argumentava contra o behaviorismo, embora não de forma muito incisiva<sup>668</sup>. Morgenthau não dizia que toda a perspectiva behaviorista era inútil, apenas que eles deveriam ser usados como “informadores” para se compreender problemas mais profundos, como a “balança de poder”<sup>669</sup>, e argumentava que o processo de decisão, entretanto, deveria ser livre de constrangimentos pelos números e fórmulas<sup>670</sup>. Ao fazer isto, Morgenthau transformou a política externa americana dos anos

<sup>666</sup> MORGENTHAU, Hans. **Scientific man vs power politics**. Londres: Latimer House Limited, 1947. p. 53.

<sup>667</sup> Hans Morgenthau (1904-1980), imigrou da Alemanha para os EUA em 1937 e, de acordo com Christoph Frie, usou seus contatos (possivelmente Reinhold Niebuhr) para “to introduce his German intellectual heritage in an unobjectionable manner in America” (RICE, Daniel. **Reinhold Niebuhr and his circle of Influence**. New York: Cambridge University Press, 2013. p. 145).

<sup>668</sup> “Thus, scientific man errs when he meets the challenge of power politics with the weapon of science, and the freedom of man is challenged to renew the fight with other means”. (MORGENTHAU, Hans. **Scientific man vs power politics**. Londres: Latimer House Limited, 1947. p. 189).

<sup>669</sup> “Starting in the early 1960s, rational-choice methodologies rapidly made their way into the study of international politics, while the psychological, anthropological, or normative elements regarding human nature originally present in the theory were discarded in favor of systemic-structural notions producing the same effects. The latter operation was Kenneth Waltz’s enduring legacy to the discipline. As IR gradually morphed into a social science, its origins were obliterated in favor of a standardized historical account presenting its development only as a “lag” in scientific development with respect to other branches of knowledge. What the archives and the transcripts of the early discussion about IR theory reveal, however, is a deliberate attempt at breaking away from the major tendencies at work within the social sciences, as well as the overtly political nature of this project.” (GUILHOT, Nicolas. **The invention of international relations theory**. New York: Columbia University Press, 2011. p. 150).

<sup>670</sup> Os cientistas behavioristas lutaram arduamente (SCHMIDT, Brian. The rockefeller foundation conference and the long road to a theory of international politics. In: GUILHOT, Nicholas. **The invention of international relations theory**. New York: Columbia University Press, 2011. p. 79-94. p. 53) para encontrar uma forma de usar os princípios de Morgenthau e sua grande teoria de análise de política internacional, adicionando mais “rigor” a suas categorias de análise. Em 1957, Kenneth Waltz defendia a sua tese de doutorado “*Man State and War*”, na Universidade de Columbia. Seu orientador foi William T. R. Fox, um dos “key player” durante a convenção de 1954 (GUILHOT, Nicolas. **The invention of international relations theory**. New York: Columbia University Press, 2011. p. 27) e foi, supostamente, quem introduziu o termo “superpower” ao jargão norte-americano em seu livro “*The United States, Britain, and the Soviet Union – their Responsibility for peace*” (1944) (GUILHOT, Nicolas. **The invention of international relations theory**. New York: Columbia University Press, 2011. p. 192). “We ought therefore to attempt to order the blooming, buzzing confusion of world politics by collecting and arranging our data so that it helps us to understand the relatively fixed, the changing but uncontrollable, and the manipulatable aspects of world politics. Within the range of the changeable we need to collect data which helps us to predict ever more accurately the consequences of

anteriores, de base personalista, “cientificamente” defensável e, ainda mais importante, politicamente justificável. Adicionalmente, Morgenthau justificava toda uma nova gama de ações políticas que poderiam ser implementadas no cenário internacional (como assassinatos, golpes, incitação à rebeliões e etc.), que antes só poderia ter lugar velado, haja vista a crítica interna contra o governo<sup>671</sup>. Tomando a teoria de Morgenthau, num mesmo governo poderia existir um reino de democracia, paz e uma razoável ideia de boa moral humana nas questões internas, mas no tocante às questões internacionais a situação seria bastante diferente.

Thus, an age which seems to be unable to meet the intellectual and moral challenge of true statesmanship or to face in time the cruel alternative to its political failure takes refuge in illusions: the illusion of international law as a standard for political action, the illusion of a naturally harmonious social world, the illusion of a social science imitating a model of the natural sciences which the modern natural sciences themselves no longer accept<sup>672</sup>.

Ironically, they [the 1954 Conference participants] come closest in the discussion on moral theory, where there are many intimations that one should be able to specify better the aims of U.S. foreign policy theoretically. But in part of a “general theory of international politics,” the leading theorists are quite careful when they suggest what theory can do vis-à-vis policy. (More could be said here about the theory-practice issue, which they dance around several times, but this is addressed in other chapters of this book, and for the present purpose, it is more important to suggest the way in which this dimension interacts with the others)<sup>673</sup>.

Neither Science nor ethics nor politics can resolve the conflict between politics and ethics into harmony. We have no choice between power and the common good. To act successfully, that is, according to the rules of the political art, is political wisdom<sup>674</sup>.

---

*particular courses of action.*” (FOX, William. *International relations theory and areas of choice in foreign policy. Conference on International Politics*, p. 273-276, may. 1954).

<sup>671</sup> “By 1960, realism was so dominant that one review of the field concluded that “genuine anti-realists are hard to find” (Fox and Fox, 1961: 343). And it is worth noting that realism spanned the political spectrum, from Schuman and Carr on the Marxist left to Strausz-Hupé and Possony on the rabidly anti-communist right. *The study of international relations, born in idealism after World War I, had been effectively refounded after World War II on realist premises*” (DONNELLY, Jack. **Realism and international relations**. New York: Cambridge University Press, 2000. p. 28).

<sup>672</sup> MORGENTHAU, Hans. **Scientific man vs power politics**. Londres: Latimer House Limited, 1947. p. 107.

<sup>673</sup> WEAVER, Ole. The speech act of realism. In: In: GUILHOT, Nicholas. **The invention of international relations theory**. New York: Columbia University Press, 2011. p. 112.

<sup>674</sup> MORGENTHAU, Hans. **Scientific man vs power politics**. Londres: Latimer House Limited, 1947. p. 173.

A *Rockefeller Conference* não foi um evento simples, corriqueiro<sup>675</sup>. A lista das pessoas que compareceram tinha, por exemplo, para além de Morgenthau, Reinhold Niebuhr, Paul Nitze<sup>676</sup>, Walter Lippmann, Dorothy Fosdick e George Kennan<sup>677</sup>, entre outros. A posição dos convidados pode claramente indicar o valor institucional da conferência para o governo dos EUA. Por exemplo, o presidente da Rockefeller Foundation, naquele momento, Dean Rusk, não tinha sido somente secretário de Estado assistente (1950-1951) sob o Governo Truman, mas também seria o próximo secretário de Estado (1961-1969) sob as administrações Kennedy e Johnson.

O mundo, pelos olhos de Morgenthau, finalmente, funcionava de uma forma compreensível para muitas figuras importantes e influentes nos EUA<sup>678</sup>. Democracia e respeito

<sup>675</sup> Em 1957 haveria uma outra conferência com objetivos e convidados similares mais a adição de Kenneth Waltz, nesse momento ligado à Universidade de Columbia, e em 1959 a Rockefeller patrocinou outro encontro, agora em Londres, com especialistas e professores europeus: “*On the other side of the Atlantic, the British Committee on the Theory of International Politics was formed in 1959 with financial assistance provided by the Rockefeller Foundation and the personal support of Thompson. The original members of the British committee, which was attached to the University of Cambridge, included Herbert Butterfield, Martin Wight, Desmond Williams, Donald Mackinnon, Adam Watson, William Armstrong, Hedley Bull, Michael Howard, and Geoffrey Hudson.*” (GUILHOT, Nicolas. **The invention of international relations theory**. New York: Columbia University Press, 2011. p. 87).

<sup>676</sup> Paul Nitze (1907-2004) serviu o governo americano desde 1942, durante o período Roosevelt, até 1984 quando foi designado “*special advisor*” e *Secretary of State on Arms Control* no Governo Reagan. “*To deal with such problems as present themselves to S/P [Staff of Planning Policy in State Department] in the full richness of their reality would require methods analogous to the simultaneous solution of an almost infinite series of equations in the higher calculus. Many of the problems are without clear precedent; they cannot be resolved solely on the basis of tradition or of historical experience. The question is not whether to use the tools of political theory and political philosophy. The question is rather what tools are applicable to what situations and to what end.*” (NITZE, Paul. *The implications for theory for practice in the conduct of foreign affairs. Conference on International Politics*, Washington, p. 277-280, may. 1954).

<sup>677</sup> Kennan não pode, em verdade, comparecer, mas enviou um artigo para ser discutido. Talvez não haja nenhuma relação, mas Stephanson, por exemplo, argumenta que Kennan era crítico ao Realismo: “*That searing experience turned Kennan into a full-fledged realist critic whose realism was grounded in its own impossibility: for the next fifty years, crushed, he would consistently and coherently argue that, in the absence of realistic policy, the United States should do less rather than more, certainly less by way of expansionism, both cold-war expansionism and otherwise.*” (STEPHANSON, Anders. Kennan: realism as a desire. In: GUILHOT, Nicholas. **The invention of international relations theory**. New York: Columbia University Press, 2011. p. 162) apenas para afirmar que o pensamento era “*realistic enough*”: “*If this was not quite a “realist” regime, it was nevertheless realistic enough to warrant optimism. Alas, already by 1949, intelligence had been forced aside or warped, turned into demeaning abnegation before a public increasingly led and dominated by appalling demagogues. Here, instead, I am concerned with the changing targets of Kennan’s realist impulse (or irritation) at home and the precise relation between that specific history and what one might call, a little clumsily, the longue duree of the self-conception of the United States in the world, an identity that achieves great clarity in the early cold war.*” (STEPHANSON, Anders. Kennan: realism as a desire. In: GUILHOT, Nicholas. **The invention of international relations theory**. New York: Columbia University Press, 2011. p. 163).

<sup>678</sup> “*A disciplinary field is very much a field in the sense that Pierre Bourdieu gave this notion: a relatively autonomous and distinct social (and, in this case, also intellectual) space, organized according to its own rules, recognizing specific resources as legitimate, and structured along differentiated institutional or individual positions (BOURDIEU, 1976; 1997). As long as the study of international affairs was divided between geography, diplomatic history, and international law, not to mention the ill-defined disciplinary commons known as “area studies,” IR simply could not exist independently. Developing a distinct “theory” of IR was indeed the very first step in a deliberate effort to establish its autonomy vis-à-vis neighboring disciplines.*” (GUILHOT, Nicolas. **The invention of international relations theory**. New York: Columbia University Press, 2011. p. 8).

pelos direitos civis era questões limitadas apenas aos espaços domésticos. Internacionalmente existia uma anarquia e uma luta crua de todos contra todos.

Thus, an age which seems to be unable to meet the intellectual and moral challenge of true statesmanship or to face in time the cruel alternative to its political failure takes refuge in illusions: the illusion of international law as a standard for political action, the illusion of a naturally harmonious social world, the illusion of a social science imitating a model of the natural sciences which the modern natural sciences themselves no longer accept<sup>679</sup>.

### 3.17 CONCLUSÃO

The future is not a tabula rasa on which we are free to write what we choose. But neither are we puppets dancing on the stage of history in response to “first causes,” “basic factors,” or, for that matter, inevitable progress toward bringing the Kingdom of God down on God’s earth. The national political action consists in achieving the best possible reconciliation of the desirable and the possible<sup>680</sup>.

Em 1967, Arthur Schlesinger Jr definiu a Guerra Fria “*in its original form*” como uma “*presumably mortal antagonism*” entre “*two rigidly hostile blocs, one led by the Soviet Union, the other by the United States*”<sup>681</sup>. Contudo, no final da Segunda Guerra, o próprio George Frost Kennan tomou parte na alegria que contagiou Moscou no dia 9 de maio de 1945:

Loudspeakers attached to lampposts blared out the Soviet National Anthem, along with “The Star-Spangled Banner” and “God Save the King”. The US embassy on Manezh Square opposite the Kremlin quickly became a focus of the popular enthusiasm, particularly after members of the military mission appeared on the balcony in uniform to wave to the throng. “Long Live the great Americans!” roared the crowd, as a Soviet flag appeared next to the Stars and Stripes. “Long Live Truman! Hoorah for Roosevelt!” Americans venturing into the street were tossed unceremoniously into the air. [...] He [Kennan] finally hoisted himself up on one of the giant neo-classical pedestals that adorned the front of the building and addressed the crowd in Russian: “Congratulations on the day of victory! All honor to the Soviet allies”<sup>682</sup>.

Winston Churchill diria ainda que: “*Today, perhaps, we shall think mostly ourselves, tomorrow, we shall pay a particular tribute to our heroic Russian comrades whose prowess in the field has been one of the grand contributions to the general victory*”<sup>683</sup>.

<sup>679</sup> MORGENTHAU, Hans. **Scientific man vs power politics**. Londres: Latimer House Limited, 1947. p. 107.

<sup>680</sup> FOX, William. International relations theory and areas of choice in foreign policy. **Conference on International Politics**, p. 273-276, may, 1954.

<sup>681</sup> SCHLESINGER-JR, Arthur. The origins of the cold war. **Foreign Affairs**, v. 46, n. 1, p. 22-52, oct. 1967. p. 22.

<sup>682</sup> DOBBS, Michael. **Six Months in 1945: FDR, Stalin, Churchill and Truman from world war to cold war**. New York: Kindle, 2012.

<sup>683</sup> The Philadelphia Inquirer, 9 de maio, 1945. Página 3

Em dezembro de 1946, uma pesquisa da Gallup mostrava que 62% dos norte-americanos tinham “*more friendly*” (sic) sentimentos (13%) ou, pelo menos os “*Same*” sentimentos (49%) para com a Rússia do que no tempo em que eram aliados de guerra<sup>684</sup>. De fato, inúmeras pesquisas entre 1945 e 1946 mostravam que a maioria da população dos EUA tinha uma boa imagem da URSS<sup>685</sup>. Mesmo em 1950, alguns anos após a Doutrina Truman, a maioria dos americanos expressava que seria uma “*good idea*” (52%) ou uma “*fair idea*” (6%) que “*President Truman and Marshal Stalin get together to try to settle the differences between two countries*”<sup>686</sup>. Mesmo os chefes militares não tinham como certo um choque entre EUA e URSS:

The greatest likelihood of eventual conflict,” said the Joint Chiefs of Staff in 1944 (the only conflict which the J.C.S., in its wisdom, could then glimpse “in the foreseeable future” was between Britain and Russia), “[...] would seem to grow out of either nation initiating attempts to build up its strength, by seeking to attach to herself parts of Europe to the disadvantage and possible danger of her potential adversary<sup>687</sup>.

A questão é: como a aliança vitoriosa de guerra entre americanos e soviéticos se tornou um “*mortal antagonism*” e no final, um conflito estrutural<sup>688</sup> e inevitável<sup>689</sup>?

---

<sup>684</sup> Gallup Organization. Gallup Poll (AIPO), Dec, 1946 [survey question]. USGALLUP.46-386.QK12A. Gallup Organization [producer]. Cornell University, Ithaca, NY: Roper Center for Public Opinion Research, iPOLL [distribuidor], accessed Dec-5-2017

<sup>685</sup> In August, 1945 57% of Americans thought Russia could be trusted (Gallup Organization. Gallup Poll (AIPO), Aug, 1945 [survey question]. USGALLUP.45-353.QK07. Gallup Organization [producer]. Cornell University, Ithaca, NY: Roper Center for Public Opinion Research, iPOLL [distribuidor], accessed Dec-5-2017) and 54% thought Russia could be trusted to cooperate with the US after the war (Gallup Organization. Gallup Poll, Aug, 1945 [survey question]. USGALLUP.090545.RK07. Gallup Organization [producer]. Cornell University, Ithaca, NY: Roper Center for Public Opinion Research, iPOLL [distribuidor], accessed Dec-5-2017); In December, 1946 England (53%) and Russia (62%) were viewed as “imperialistic” by the American people (Gallup Organization. Gallup Poll (AIPO), Dec, 1946 [survey question]. USGALLUP.46-386.QKT11C. Gallup Organization [producer]. Cornell University, Ithaca, NY: Roper Center for Public Opinion Research, iPOLL [distribuidor], accessed Dec-5-2017)

<sup>686</sup> Gallup Organization. Gallup Poll, Oct, 1950 [survey question]. USGALLUP.102050.R07A. Gallup Organization [producer]. Cornell University, Ithaca, NY: Roper Center for Public Opinion Research, iPOLL [distribuidor], accessed Dec-5-2017

<sup>687</sup> SCHLESINGER-JR, Arthur. The origins of the cold war. *Foreign Affairs*, v. 46, n. 1, p. 22-52, oct. 1967. p. 37.

<sup>688</sup> Conforme as teorias de Kenneth Waltz e os neorealistas (WALTZ, Kenneth. The stability of a bipolar world. *American Academy of Art & Sciences*, v. 93, n. 3, p. 881-909, summer. 1964).

<sup>689</sup> “*The cold war of 1954, then, is being played out, arguably, in apparently “realistic” ways under the universalist umbrella: to do what it takes to combat a savage enemy everywhere requires not only potentially a “total” effort but really so. And this effort must occur under the thumb of a universalism, one where the Wilsonian thematic is replaced by the role of the United States as the successful Agent of Liberation in charge of the Free World. Nitze is the person most responsible for the explicit codification of this posture, which is the quintessential cold-war posture.*” (STEPHANSON, Anders. Kennan: realism as a desire. In: GUILHOT, Nicholas. *The invention of international relations theory*. New York: Columbia University Press, 2011. p. 174); “*Under the influence of the Cold War, historical studies of the Grand Alliance have generally emphasized the sources of future discord. [...] What is forgotten is how unwelcome and unexpected the US-Soviet rupture really was. From our present standpoint we are apt to see the Cold War as an automatic by-product of the divergent patterns of society and governance, an inevitable resumption of hostilities once the specter of fascism*

Arthur Schlesinger Jr. dá a visão oficial, também chamada de “*orthodox American explanation*”<sup>690</sup> da ruptura das alianças do tempo de guerra. No seu argumento, o primeiro passo seria o episódio “*The Agony of Warsaw*” (em agosto de 1944), quando, supostamente, o Exército Vermelho atrasou, propositadamente, a entrada na batalha para ajudar os poloneses na luta contra os nazistas. Schlesinger Jr. argumenta que “*the agony of Warsaw caused the most deep and genuine moral shock in Britain and America and provoked dark forebodings about Soviet postwar purposes*”<sup>691</sup>.

A percepção das motivações russas teria dividido o Departamento de Estado entre os “*starry-eyed Wilsonian*” e os “*hard-nosed balance-of-power realists*”<sup>692</sup>. Os primeiros eram favoráveis a uma ideia “universalista” que viria a ser uma agenda “ideológica” baseada na visão de um mundo seguro com “liberdade” e “democracia” para todos. Os últimos aceitavam o “*the world how it is*” e afirmavam que a aceitação pelos EUA da ideia russa de “esferas de influência” tornaria o mundo mais estável após a segunda guerra<sup>693</sup>. Na visão de Schlesinger Jr., em algum momento ainda antes da morte de Roosevelt esta dicotomia deu lugar a um consenso com relação às ações que deveriam ser tomadas em relação à União Soviética.

The Cold War had now begun. It was the product not of a decision but of a dilemma. Each side felt compelled to adopt policies which the other could not but regard as a threat to the principles of the peace. Each then felt compelled to undertake defensive measures. Thus, the Russians saw no choice but to consolidate their security in Eastern Europe. The Americans, regarding Eastern Europe as the first step toward Western Europe, responded by asserting their interest in the zone the Russians deemed vital to their security<sup>694</sup>.

---

*had been exorcised*” (EISENBERG, Carolyn. **Drawing the line: the american decision to divide germany 1944-1945**. Cambridge: Cambridge University Press, 1998. p. 7).

<sup>690</sup> “*The orthodox American view, as originally set forth by the American government and as reaffirmed until recently by most American scholars, has been that the Cold War was the brave and essential response of free men to communist aggression*” (SCHLESINGER-JR, Arthur. The origins of the cold war. **Foreign Affairs**, v. 46, n. 1, p. 22-52, oct. 1967. p. 23).

<sup>691</sup> SCHLESINGER-JR, Arthur. The origins of the cold war. **Foreign Affairs**, v. 46, n. 1, p. 22-52, oct. 1967. p. 33.

<sup>692</sup> (SCHLESINGER-JR, Arthur. The origins of the cold war. **Foreign Affairs**, v. 46, n. 1, p. 22-52, oct. 1967. p. 36-37); *This idea is not anything else than the historically-backed argument about the so called “first great debate” on the foundation of the Realist Theory: a battle of the “good” and “seasoned” Realists against the Wilsonian “idealists”*: “*The first candidate for a debate opponent is obviously “idealism.” The standard story about the famous first great debate tells us that a number of the conference attendees were prominently involved in it. So, what is the role of the first debate in this seminar? They are not engaging in it as such, naturally—because the opponent is not present in the room. But it seems to be the taken-for-granted background. As Arnold Wolfers says, “the realist says that nations are after power. The idealist says they are worried about moral ends. This is the constant debate and the lesson of mankind”*” (WEAVER, Ole. The speech act of realism. In: In: GUILHOT, Nicholas. **The invention of international relations theory**. New York: Columbia University Press, 2011. p. 111).

<sup>693</sup> SCHLESINGER-JR, Arthur. The origins of the cold war. **Foreign Affairs**, v. 46, n. 1, p. 22-52, oct. 1967. p. 36-37.

<sup>694</sup> SCHLESINGER-JR, Arthur. The origins of the cold war. **Foreign Affairs**, v. 46, n. 1, p. 22-52, oct. 1967. p. 45

Esta explicação para o início da Guerra Fria, apesar de ser largamente aceita e difundida não poderia ser mais equivocada<sup>695</sup>. A diferença não era a presença ou ausência de “ideologia” na perspectiva dos tomadores de decisão na política externa americana até os anos 60. Nenhum dos grupos tinha o “Realismo” como base de entendimento do mundo naquele momento. Durante ambos os mandatos (Truman-Acheson e Eisenhower-Dulles) todas as pessoas envolvidas não estavam nem perto de organizarem uma política externa baseada em dados empíricos ou em alguma teoria racional da ação no campo internacional. O período Truman-Acheson não poderia tomar esse caminho muito pela falta de pessoal treinado, tanto em Relações Internacionais quando nos assuntos do Leste Europeu e mesmo russos e soviéticos. Durante os anos 50 menos de dez pessoas no Departamento de Estado sabiam ler e escrever em russo. George Kennan, por exemplo, foi nomeado secretário da embaixada norte-americana em Moscou exatamente porque ele conhecia, ao menos, a língua.

Durante o período Eisenhower, apesar do “gap” profissional ainda persistir, foi decisão pessoal de Dulles abandonar o Departamento de Estado (e a tomada de decisão dentro dele) em troca dos avisos, informações e planos da CIA. Ainda assim, a informação da Agência de Inteligência sobre a URSS era errônea e baseada em suposições e não em estudos com alguma cientificidade. Uma das primeiras iniciativas para buscar tais informações foi, o “*Refugee Interview Project*”, dirigido por Harvard em 1949. O projeto visava coletar informações sobre o sistema soviético através de extensivas entrevistas com refugiados e, assim, já começava enviesado desde o início, tendo em conta que as informações obtidas seriam todas anti-soviéticas. Mesmo nos anos 60, os EUA ainda não tinha desenvolvido, por exemplo, um método para calcular o PIB de países sem o livre mercado. O buraco nas informações americanas sobre a URSS era tão grande que o lançamento do Sputnik (1957) tomou a América do Norte de surpresa e alguns relatórios secretos da CIA apontavam que em dez anos os soviéticos seriam capazes de atacar os EUA do espaço.

---

<sup>695</sup> *Once Schlesinger argument was constructed in the exact lines of the “foundational debates” of the International Relations theory it is important to say that even the so-called “first debate” (idealists against realists), that the Schlesinger clearly tried to emulate, did not exist. The “idealists” against whom the Morgenthau and the others apparently rose up where nothing but a “ghosts” in Jack Snyder appraisal: “Other contributors to this volume note that the founding realists were trumping up a “nondebate” with Woodrow Wilson’s absent idealist ghost. It is unclear who, if anyone, is the idealist anti-Morgenthau of comparable intellectual weight in the immediate postwar period. Despite the realists’ decision to pitch their critique at the level of high theory, their real target seems to be not some actual theoretical opponent but the wider foreign policy elite and what public-opinion scholars call “the attentive public” (SNYDER, Jack. Tensions within Realism: 1954 and after. In: GUILHOT, Nicholas. **The invention of international relations theory**. New York: Columbia University Press, 2011. p. 57).*



Em ambos os momentos (Truman e Eisenhower), contudo, os fatores domésticos jogaram um papel restritivo sobre as opções políticas do governo. Ainda, esse papel não foi em direção a uma solução pacífica para as questões internacionais. O Macartismo, por exemplo, foi uma significativa força a empurrar a política externa para o confronto com os soviéticos. As decisões tomadas eram, em vez de seguirem os conselheiros mais bem informados, criadas segundo o padrão das “duas narrativas”: uma para o público e para o Congresso, e outra vinda dos diplomatas e conselheiros. Para serem vistos pelo público como os “*righteous American defenders*”, ambas as administrações (Truman and Eisenhower) levantaram o tom das narrativas estabelecendo o mundo como uma “*life and death battle*”<sup>696</sup>. Existe uma evidente piora nesse efeito no período Dulles, com a retórica se tornando ainda mais dura. Contudo, deve-se reconhecer a Doutrina Truman como o ponto alto do uso doméstico os medos internacionais para mudar os rumos da eleição de 1948.

Um outro importante fator é o complexo norte-americano de mídia. O aumento do número de cidadãos com televisões, chegando a quase 90% das casas em 1960, criou um novo e substancial mercado para as “ideias”. As indústrias eram ávidas para venderem seus produtos, a mídia precisava de programas que fossem interessantes ao público para poder vender propaganda. Não existia nada mais “interessante” do que as descrições apocalípticas sobre o mundo e a luta heróica dos “homens livres” contra o sempre presente mal no mundo. O próprio modelo de jornais diários noturnos, exatamente na hora do jantar, foi criado nesse período, e uma postura mais passiva ou complacente para com os soviéticos não trazia nenhum benefício eleitoral, como Henry Wallace descobriu prontamente depois de seu amigável discurso em favor dos soviéticos de 1946.

Com a ajuda e o dinheiro do governo, o “medo dos comunistas” era plantado e regado pela mídia para manter o cidadão norte-americano em frente à televisão. Quanto mais tempo ele gastava ali, mais caros eram vendidos os espaços de propaganda. O consumo de produtos industriais era ligado às ideias nacionalistas de “defender os EUA”. Como as indústrias aumentavam seus lucros, elas exigiam mais espaços de propaganda que demandavam mais programas que pudessem capturar a atenção. Na criação da OTAN, Truman escreveu sobre a “*wonder of the national media*” que o tinha ajudado a convencer ambos, o público e o Congresso, sobre a necessidade do aumento do orçamento de defesa.

---

<sup>696</sup> Schlesinger Jr chama isto de “*a threat to security rather than “an act of hypocrisy*”: “*When the Russians now exercised in Eastern Europe the same brutal control they were prepared to have Washington exercise in the American sphere of influence, the American protests, given the paranoia produced alike by Russian history and Leninist ideology, no doubt seemed not only an act of hypocrisy but a threat to security.*” (SCHLESINGER-JR, Arthur. *The origins of the cold war. Foreign Affairs*, v. 46, n. 1, p. 22-52, oct. 1967. p. 41).

Para manter o orçamento balanceado, as indústrias americanas precisavam ser mais eficientes, lucrar mais e pagar mais impostos, na medida que aumentar ainda mais os impostos seria fortemente questionado no Congresso, invariavelmente dominado pela oposição. Até 1950 as “*wartime taxes were*” ainda vigoravam e com o advento da Guerra da Coreia, Truman pediu (e conseguiu) uma aumento de quase 4%<sup>697</sup>. Todo esse dinheiro saindo da sociedade precisava receber uma explicação razoável, e a política externa era o bode expiatório perfeito.

Uma vez que as iniciativas internacionais, a maioria guiada pela política doméstica do “medo do comunismo”, criavam instituições apenas para contentar grupos específicos e satisfazer a construção da imagem de “defensores da liberdade” (como o caso da OTAN, por exemplo), a subida de tom da retórica que vinha na sequência acabava colocando essas instituições (e iniciativas) em uso numa situação de muito maior agressividade. O plano estadunidense de segurança para a Europa, por exemplo, com a “*massive nuclear retaliation*” não fez os europeus se sentirem mais seguros nem mais confiantes na política externa dos EUA<sup>698</sup>. Os europeus exigiam a presença física do Exército dos EUA e um aumento do comprometimento com segurança e defesa. Todos esses custos precisavam ser legitimados não apenas aos olhos do Congresso, mas também do público.

As universidades e os acadêmicos, ansiosos por dinheiro e prestígio, aceitaram o trabalho de fazer esta legitimação. Apesar do alegado objetivo de as pesquisas buscarem o “*betterment of human race*”, pesquisadores nem sempre apontavam para resultados e conselhos objetivos que tivessem sustentação numa empiria cientificamente analisada a respeito do mundo. Ao contrário, eles usaram a ciência como um **Tambor de Guerra**, criando um aparente consenso sobre a “natureza” do perigo internacional. Inúmeros estudos patrocinados com verba federal foram usados para aumentar a certeza de ambos – do público e do Congresso – de que

---

<sup>697</sup> “During World War II, federal revenues roughly tripled as a share of the gross domestic product (GDP) and the number of people paying income taxes expanded tenfold, from 3% of the population in 1939 to 30% by 1943. In 1940, a family of four needed close to \$80,000 of income in today's dollars before it paid any federal income taxes at all. By the war's end, it saw its effective tax rate rise from 1.5% to 15.1%. (Today such a family only pays a federal income tax rate of about 6%.) But taxes weren't the only way the war was paid for. Spending on nondefense programs was cut almost in half, from 8.1% of GDP in 1940 to 4.4% in 1945. Even during wars closer in magnitude to those in which we are presently engaged, significant sacrifices were made. In 1950 and 1951 Congress increased taxes by close to 4% of GDP to pay for the Korean War, even though the high World War II tax rates were still largely in effect. In 1968, a 10% surtax was imposed to pay for the Vietnam War, which raised revenue by about 1% of GDP. And there was conscription during both wars, which can be viewed as a kind of tax that was largely paid by the poor and middle class--young men from wealthy families largely escaped its effects through college deferments.” (BARTLETT, Bruce. **The cost or war**. 2009. Disponível em: <<https://www.forbes.com/2009/11/25/shared-sacrifice-war-taxes-opinions-columnists-bruce-bartlett.html#438cb76233df>>. Acesso em: 2 dez. 2017).

<sup>698</sup> “Churchill, much encouraged by Eden, now ‘strongly resisted’ Eisenhower's suggestion that in the event of hostilities breaking out again America should use the atom bomb” (GILBERT, Martin. **Churchill: a life**. Londres: Pimlico, 2000. p. 921).

o Executivo estava fazendo a “coisa certa” e tomando o caminho certo com respeito à política internacional. Durante os anos 50, as universidades se expandiram massivamente. A ciência não era apenas uma arma em favor da “democracia” e da “liberdade”, mas também uma ferramenta ponderosa para vender qualquer coisa desde consensos políticos até produtos e programas de televisão. Inúmeras carreiras acadêmicas foram construídas dizendo o que o governo queria ouvir. Vozes dissidentes eram perseguidas e acusadas de serem “*Anti-American*” pelos programas de vigilância, tanto no Legislativo quanto no Executivo.

Eisenhower se elegeu dizendo que Truman havia sido “*soft with the commies*”. Kennedy se elegeu denunciando o “*educational gap*” entre americanos e soviéticos em favor dos últimos. De acordo com Kennedy, Eisenhower negligenciou as atividades soviéticas no campo da ciência e educação e isto causou a superioridade da URSS. Se a Presidência estava nas mãos dos Democratas ou dos Republicanos, o discurso da oposição era sempre criticando o quanto mais aquela administração deveria fazer para manter a América lutando pela democracia e pela liberdade. Durante os Governos Truman e Eisenhower os gastos com defesa perfaziam cerca de 50% do gasto federal, chegando a 57% durante a Guerra da Coreia e baixando para 45% durante os anos Eisenhower<sup>699</sup>.

Contudo, a verdadeira diferença entre as administrações Truman-Acheson e Eisenhower-Dulles (e entre elas e as subsequentes) eram suas visões sobre o Futuro. O ataque nuclear de Hiroshima-Nagasaki não afetou somente os japoneses e soviéticos, mas criou um indisfarçável medo nas mentes dos cidadãos americanos. O efeito Sputnik apenas piorou esse sentimento. Com pouca informação sobre o mundo, Acheson e Truman escolheram seguir o caminho do compromisso tanto para com os valores americanos quanto a diplomacia de cavalheiros (*gentlemen’s agreement*). Nenhum daqueles “wise men” realmente acreditava em uma Guerra entre EUA e URSS. “*The Soviets were men, therefore can be handled*”, Harriman seguidamente afirmava. Mesmo com a situação se tornando complexa, no conflito com a Coreia, a administração Truman ainda manteve a ideia de que o diálogo e o compromisso eram a melhor arma pela paz. Por mais perigoso que o Futuro pudesse ser, ele seria gerenciado firmemente e cautelosamente, mas a paz era o mais provável resultado.

Nos anos de Presidência de Eisenhower, havia um imperativo moral para as ações americanas que informava que o comunismo precisava ser detido. Não era uma questão de respeitar pactos ou acordos, bilaterais ou em instituições internacionais, mas uma questão de

---

<sup>699</sup> Hoje é em torno de 15% do total de gastos, de acordo com “*United States Department of Defense Special Report Budget*” de 2018.

quase uma fé religiosa na cruzada dos homens livres contra o mal. Dulles manifestamente não queria conhecer qualquer evidência ou informação sobre os soviéticos que atacasse o seu credo. De fato, havia um deliberado e autoimposto processo de cegueira durante o período Dulles sobre o Departamento de Estado. A CIA agia como um tapa-olho. Algumas vezes, para ambos os olhos da administração. Tal postura levou os aliados dos EUA a perderem a confiança na política externa Americana e sentirem que aumentavam as chances de um resultado desastroso.

A política externa dos EUA precisava de um guia. Não poderia estar mais apenas nas mãos sigilosas de poucos homens que, ainda que tivesse um irretocável caráter e um nacionalismo extremo, eram passíveis de erros. Ciência era a mais confiável ferramenta para ver o Futuro e, assim, evitar armadilhas e dificuldades, tornando os EUA, ao menos, mais preparados para os eventos. Deveria existir uma forma científica de se compreender a política internacional. Em 1954, o Realismo foi escolhido para ser a referência para a política externa dos EUA. Os oponentes do Realismo eram os “*old circles*”, os “*wise men*” e sua forma personalista de lidar com a política externa e diplomacia. Nas palavras de Morgenthau, só se pode se afastar do Realismo e da política de poder para abraçar a falência do país. Muito além de dúvida, os “*old circles*” e sua liberal inocência colocavam em risco o Futuro dos EUA.

Os EUA eram uma super-potência nuclear e a maior liderança capitalista, desta forma o Presente estava seguro. Durante a Guerra Fria, a ciência foi chamada para antecipar o Futuro, mas não antecipar o que seria mais provável de acontecer, do ponto de vista estritamente científico. Deveria antecipar o melhor do ponto de vista mais lucrativo.

## 4 OS ORÁCULOS DO LESSE E DO OESSE

### 4.1 INTRODUÇÃO

In the arts and in the sciences, it would be good to be a prophet. It would be a delight to know this future. I had thought for a while of my own field, of physics, and of those fields nearest to it in the natural sciences. It would not be too hard to outline the questions that natural scientists today are asking themselves, trying to answer. What, we ask in physics, is matter? What is it made of? How does it behave when it is more and more violently atomized, when we try to pound out of the stuff around us the ingredients which only violence creates and makes manifest? [...] All history teaches us that these questions, that we think are the pressing ones, will be transmuted before they are answered, that they will be replaced by others, and that the very process of discovery will shatter the concepts that we today use to describe our puzzlement. Robert Oppenheimer “Man’s Right to knowledge”. Discurso apresentado em dezembro de 1954<sup>700</sup>.

No capítulo dois foi mostrado que a política externa norte-americana, entre 1945 e 1960, não era realista, no sentido de não se basear na teoria do Realismo<sup>701</sup>. Tanto pelo fato de que os EUA não tinham feito esforços científicos de formação para obter informações suficientes sobre o “inimigo” comunista, quanto pelo fato de que o próprio campo de “estudos internacionais” estar em plena formação e ainda carecendo de um maior comprometimento teórico-metodológico<sup>702</sup>. Contudo, mesmo errática<sup>703</sup>, a política externa praticada até 1960 trazia alguns

<sup>700</sup> Robert Oppenheimer “Man’s Right to knowledge”. Discurso apresentado em dezembro de 1954.

<sup>701</sup> “Because Americans dislike realpolitik, public discourse about foreign policy in the United States is usually couched in the language of liberalism. Hence the pronouncements of the policy elites are heavily flavored with optimism and moralism. American academics are especially good at promoting liberal thinking in the marketplace of ideas. Behind closed doors, however, the elites who make national security policy speak mostly the language of power, not that of principle, and the United States acts in the international system according to the dictates of realist logic.” (MEARSHEIMER, John. **The tragedy of great power politics**. New York: Norton, 2001. p. 61); Morgenthau vai mais longe e afirma que o pensamento político americano é diferente das suas ações políticas: “Not only with regard to Asia, however, but wherever American foreign policy has operated, political thought has been divorced from political action. Even where our long-range policies reflect faithfully, as they do in the Americas and in Europe, the true interests of the United States, we think about them in terms which have at best but a tenuous connection with the actual character of the policies pursued. We have acted on the international scene, as all nations must, in power-political terms; we have tended to conceive of our actions in non-political, moralistic terms.” (MORGENTHAU, Hans. The mainsprings of american foreign policy: the national interest vs. moral abstractions. **The American Political Science Review**, v. 44, n. 4, p. 833-854. 1950. p. 836). O argumento de Morgenthau é uma tentativa de capturar a realidade dentro de alguma teoria que não lhe dá guarida a priori.

<sup>702</sup> “As concerns method, political science is split five ways, and four of these methodological positions have hardly anything in common. Their disparity is such that there is hardly even a possibility of fruitful discourse among the representatives of the different approaches beyond polemics which deny the very legitimacy of the other approaches. These approaches can be classified as philosophic theory, empirical theory, empirical science, description, and practical amelioration.” (MORGENTHAU, Hans. Reflections on the state of political science. **The Review of Politics**, v. 17, n. 4, p. 431-460. 1955. p. 439).

<sup>703</sup> Morgenthau definiu a política externa norte-americana como sendo ou um “improvisado em face a um problema urgente” ou a “persecução de algum princípio moral abstrato”: “What in that period, stretching over more than a century, went under the name of foreign policy was either improvisation in the face of an urgent problem which had to be dealt with somehow, or-and especially in our century -the invocation of some abstract moral

consensos políticos, oriundos de visão comum entre burocracias governamentais, intelectuais orgânicos, o complexo midiático e Fundações, que, naquele momento, representavam os interesses dos maiores conglomerados capitalistas norte-americanos da época. Entre esses consensos estavam a necessidade de combater o “inimigo comunista”, a percepção de que o ambiente doméstico e o internacional deveriam ser regidos por princípios diferentes e uma intensa luta pelo “futuro” tanto do país, quanto do mundo. O futuro precisava ser determinado, como um modelo a ser perseguido que, quanto mais estivessem claros na mente dos cidadãos os perigos que significavam as alternativas ao modelo de sociedade norte-americano, tanto mais fácil esse mesmo modelo ser implementado em termos mundiais.

The public has responded to this inaccessibility of the reasoning behind the government decision with the political apathy that has become a common characteristic of Western democracies. It is political apathy of a peculiar kind. Not only has the public been unable to participate in any way in the great decisions affecting its very survival, but it has also been unwilling to make even an attempt at participation. It has even lost the inquisitiveness and active search for the truth, however frustrated, that have in the past been the great motive forces of democratic participation and control. The public appears to regard as normal its exclusion from knowledge, debate, and decision. The government and scientific elites, in turn, must find this absence of public interest, at the very least, convenient; for it allows them to perform their duties on the "merits of the case" and without regard for what must appear to them to be extraneous considerations. As the esoteric character of scientific knowledge calls forth the apathy of the democratic public, the peculiar character of that apathy strengthens the exemption of the scientific elites from democratic control.<sup>704</sup>

Nesse sentido, tratava-se de uma disputa por significados, e mesmo pequenas ideias<sup>705</sup> que seriam capazes de alterar o futuro ou, ao menos, alterar o que as pessoas esperavam desse

---

*principle in the image of which the world was to be made over.*” (MORGENTHAU, Hans. The mainsprings of american foreign policy: the national interest vs. moral abstractions. **The American Political Science Review**, v. 44, n. 4, p. 833-854. 1950. p. 833-834).

<sup>704</sup> MORGENTHAU, Hans. Modern science and political power. **Columbia Law Review**, v. 64, n. 8, p. 1386-1409. 1964. p. 1404.

<sup>705</sup> “*This foreign policy dilemma has existed for as long as America has been a world power. Teddy Roosevelt employed a mixture of piety, patriotism, and jingoism on behalf of a campaign by "civilized and orderly powers to insist on the proper policing of the world." Wilson hoped to build on America's aversion to entangling alliances a U.S. commitment to what he described as "a universal alliance." Franklin Roosevelt sought to "make Wilsonianism practical" by establishing a universal institutional tripwire but embedding it in a major power concert. Thereafter, the problem was attenuated by the Soviet military threat and communist ideological challenge. But even then, and true to form, Truman and Eisenhower agreed to involve the United States militarily in the defense of Europe only within institutional frameworks that promised to transform the organization of European security relations in the direction of a security community, in which the likelihood of future wars (and the necessity for U. S. involvement) would be reduced. Ideas, reflecting a fundamental geopolitical fact, not idealism, were at play in these endeavors.*” (RUGGIE, John Gerard. The false premise of realism. **International Security**, v. 20, n. 1, p. 62-70, summer. 1995. p. 69).

futuro<sup>706</sup>. Esta disputa de sentidos é o que efetivamente levou a consubstanciação do Realismo como “paradigma dominante” nas Relações Internacionais americanas.

Levado à condição de “científico”<sup>707</sup> o Realismo era ao mesmo tempo uma arma contra a “ideologia vermelha” do marxismo e a legitimação da política empreendida pelos EUA até então<sup>708</sup>. O problema era que as bases da política externa americana até 1960 eram extremamente personalistas. Ainda que Dean Acheson e Foster Dulles tenham sido diferentes em suas gestões e julgamentos a respeito da política internacional, as ações levadas a cabo (e até mesmo as que foram ignoradas e tidas como desimportantes) se baseavam num conhecimento subjetivo, extremamente abstrato e com o qual nem a Academia (e seu “cientificismo”), nem as Fundações estavam confortáveis<sup>709</sup>.

The intoxication with moral abstractions which as a mass phenomenon started with the Spanish-American War, and which in our time has become the prevailing substitute for political thought, is indeed one of the great sources of weakness and failure in American foreign policy<sup>710</sup>.

Thus the scientific elites, by being drawn into the vortex of the political struggle, change their nature. Since their monopolistic possession of esoteric knowledge is a crucial element in political and military decisions, they become themselves protagonists of political and military policies which are in accord with their scientific

---

<sup>706</sup> “In these two respects--experience and understanding-the situation of the citizen with regard to the great contemporary issues is radically different from that of past generations. Issues such as the peaceful use of atomic energy, the cessation of nuclear tests, civil defense, space exploration, nuclear war itself are far removed from his life experiences. He is able to understand the import of these issues only through a process of ratiocination, whose logical conclusions he may accept as abstract probability but has not experienced as forces affecting his life.” (MORGENTHAU, Hans. Modern science and political power. **Columbia Law Review**, v. 64, n. 8, p. 1386-1409. 1964. p. 1405).

<sup>707</sup> Waltz afirma que sua teoria almeja ser científica desde o início (WALTZ, Kenneth. **Theory of international politics**. Berkeley: Addison-Wesley, 1979. p. 1-20). Morgenthau assume uma posição dúbia. Ao mesmo tempo que afirma a existência de regras e regularidades discerníveis na Política Internacional, Morgenthau questiona a ciência liberal e as formas de quantificar política. Em essência, Morgenthau afirma que o dilema moral não é um problema racional nem utilitário e assim os modelos da “nova ciência” não são aplicáveis: “*The discrepancy between the ethical consequences of utilitarian philosophy and traditional ethics is thus overcome by treating the vestiges of the latter as a psychological aberration and the former as symptoms of a state of ethical health to be fully realized by the complete elimination of the latter. [...] Since, however, reality is dominated by forces which are indifferent, if not actively hostile, to the commands of reason, an unbridgeable chasm must permanently separate the rules of rationalist ethics from the human reality.*” (MORGENTHAU, Hans. The evil of politics and the ethics of evil. **Ethics**, v. 56, n. 1, p. 1-18, oct. 1945. p. 3).

<sup>708</sup> “*The scientific elites, by giving expert advice which must have far-reaching political and military consequences, transform themselves of necessity into political actors of the first importance. Convinced of the truth of their scientific prognosis and its beneficial political and military results, they are compelled by the logic of their position within the dynamics of government to oppose passionately contrary scientific advice with which they connect adverse political and military consequences*” (MORGENTHAU, Hans. Modern science and political power. **Columbia Law Review**, v. 64, n. 8, p. 1386-1409. 1964. p. 1401).

<sup>709</sup> Daniel Levine identifica a mesma tensão e o papel que Morgenthau estabelece para os intelectuais e a academia: “*The vocation of the public intellectual is defined by playing the tensions that make theoretical truths distinct from political ones.*” (LEVINE, Daniel. Why Hans Morgenthau was not a critical theorist (and why contemporary IR Realists should care. **International Relations**, v. 27, n. 1, p. 95-118. 2012. p. 100).

<sup>710</sup> MORGENTHAU, Hans. The mainsprings of american foreign policy: the national interest vs. moral abstractions. **The American Political Science Review**, v. 44, n. 4, p. 833-854. 1950. p. 834.

judgment. While for purposes of theoretical analysis one can distinguish their roles as independent protagonists and ideological supporters, in practice those two roles tend to merge.<sup>711</sup>

Numa época em que tudo o que era científico era julgado melhor, a política externa dos EUA não poderia ser deixada à sorte de tomadores de decisão tão herméticos como foram Acheson e Dulles.<sup>712</sup> Além da exigência, sempre presente, do Congresso pelo accountability, havia também a crescente pressão pública por informação e previsibilidade<sup>713</sup>. O efeito do crescimento do complexo midiático, da luta por direitos humanos e o lançamento soviético do Sputnik gerou uma maior exigência de transparência nas ações governamentais, nacionais ou internacionais<sup>714</sup>. Ao menos no que tange às grandes linhas da política externa. Truman e Acheson empenharam seus esforços para “salvar” a Coreia, mas não a China, como McCarthy havia denunciado. Eisenhower e Dulles viam em Ho-Chi-Minh um inimigo comunista e em Tito um aliado<sup>715</sup>. Tais paradoxos não se encaixavam nos discursos de “contenção” de Truman nem de “liberação” de Eisenhower. O controle exercido sobre a imprensa<sup>716</sup> durante o período, embora tenha exercido sólida influência na “opinião pública”, não conseguiu unificar os

---

<sup>711</sup> MORGENTHAU, Hans. Modern science and political power. *Columbia Law Review*, v. 64, n. 8, p. 1386-1409. 1964. p. 1401.

<sup>712</sup> “Of the surrender of sound principles of policy to the pressures of demagogic politics and the resulting corruption of democratic processes, the security policies of the United States, culminating in the years 1953-1955, provide an extreme example. It is possible to explain the security system of the President’s Executive Order 10450 of April 27, 1953 – which incidentally the Eisenhower administration inherited and perfected but did not create – psychologically as a reaction to the laxity preceding it; it is impossible to defend it on rational and empirical grounds. We are faced with the stark fact, which the scholar cannot evade, that well-meaning and otherwise intelligent men were joined by the great majority of the people in embracing a philosophy of security, which is in truth a series of ritualistic performances requiring human sacrifices, both completely divorced from reality and reason” (MORGENTHAU, Hans. *Dilemmas of politics*. Chicago: University of Chicago Press, 1958. p. 305).

<sup>713</sup> Morgenthau expõe o problema entre as ações e as justificativas públicas: “Yet the solution of the problem is again apparent rather than real. For the dilemma which disturbs the consciences of men and raises this problem in their minds concerns primarily not the relation between human action and the absolute good but the relation between human actions and limited human objectives; the former presumably evil, the latter presumably good. The question which man is anxious to answer is therefore not, at least not within the context of an end-means discussion, how we can explain the apparently inevitable evilness of all human action in the light of the absolute good but how we can explain the apparently inevitable evilness of some, especially political, actions in the light of the relative good they are intended to serve.” (MORGENTHAU, Hans. The evil of politics and the ethics of evil. *Ethics*, v. 56, n. 1, p. 1-18, oct. 1945. p. 9), para reafirmar que a opção pelo Realismo resolveria o dilema ao separar a política interna da internacional.

<sup>714</sup> “No civilization can be satisfied with such a dual morality [private and public]; for through it the domain of politics is not only made morally inferior to the private sphere but this inferiority is recognized as legitimate and made respectable by a particular system of political ethics. Hence, the very age that conceived the problem of political ethics in terms of a dual morality has endeavored either to overcome the duality of standards or to justify it in the light of a higher principle.” (MORGENTHAU, Hans. The evil of politics and the ethics of evil. *Ethics*, v. 56, n. 1, p. 1-18, oct. 1945. p. 6).

<sup>715</sup> KINZER, Stephan. *The brothers: John Foster Dulles, Allen Dulles, and their secret world war*. New York: Henry Holt and Company, 2013. p. 212-213.

<sup>716</sup> BERNHARD, Nancy. *US television news and cold war propaganda, 1947-1960*. New York: Cambridge University Press, 2003. p. 17-30.



entendimentos da população. As discrepâncias entre o que se fazia transparecer ao público e as ações tomadas eram ainda muito grandes.

Mass media—by which I indicate *broadcast* news and entertainment, both print and electronic—has a host of fascinating characteristics that could be brought to bear on the Oracles’ ethos. Perhaps the most relevant is the nudge up-stasis that mass media tends to give scientific claims. Multiple scholars have observed that scientific claims tend to be cast in terms of lay values (such as novelty, wealth, or health) and to sound more certain when *broadcast* by mass media. This tendency creates a ready-made kairos for prophetic evaluations and recommendations<sup>717</sup>.

Com o lançamento do Sputnik e o medo de que os soviéticos estivessem definitivamente na frente do mundo capitalista com relação à ciência, e, talvez, à questão dos mísseis balísticos, qualquer erro de cálculo na condução da política externa poderia ser muito caro, senão fatal<sup>718</sup>. Ainda, o discurso do medo, propalado por Eisenhower-Dulles, não parecia correto. Se a ameaça era assim tão violenta, por que o presidente era contra o aumento dos gastos de defesa? Ao final de seu período, Eisenhower adverte a nação contra os perigos do “complexo industrial-militar”. Se a ameaça não era assim tão real, por que o orçamento de defesa representava quase 50% do gasto federal, passando por cima de programas sociais como habitação e saúde? Ao observador apurado do final dos anos 60, algo não estava correto comparando-se as práticas e os discursos do governo<sup>719</sup>. A esses observadores, juntavam-se ativistas de direitos negros, hispânicos e de outras minorias, além das publicações críticas que vinham sobretudo da Europa.

A política externa falava em fortalecimento da “liberdade” e da “democracia”, mas apoiava regimes como o de Francisco Franco, na Espanha. Defendia os direitos das populações “cativas” nos países comunistas, mas fazia tímidos e quase sempre forçados avanços para proteção de negros e latinos nos EUA. Negava qualquer aceitação da ideia de “esferas de influência” para manter a pressão sobre os soviéticos quanto à Europa Oriental, mas, ao mesmo tempo, mantinha a América Central sob estrito domínio imperialista. Inglaterra e França haviam denunciado a postura americana que formalmente exigia o fim do “colonialismo”, mas

<sup>717</sup> WALSH, Lynda. **Scientists as prophets: a rhetorical genealogy**. New York: Oxford University Press, 2013. p. 140.

<sup>718</sup> “*In the 1960s, the success of the Soviet Union in economic, space, and military fields appeared so obvious that many scholars began to claim that the Soviet Union and the United States must learn from each other and build on mutual experience. For them, Socialism was a social system that had a number of advantages over free-market capitalism.*” (SHLAPENTOKH, Vladimir; SHIRAEV, Eric; CARROLL, Eero. **The Soviet Union: internal and external perspectives on soviet society**. New York: Palgrave Macmillan, 2008. p. 28).

<sup>719</sup> “*At the level of the nation, we may hope that internal forces restrain national leaders from dangerous and unnecessary adventures. The pressures of public opposition to adventurous policies may do this in the United States; the weaknesses of a lagging economy and a backward technology may do it in the Soviet Union.*” (WALTZ, Kenneth. **Theory of international politics**. Berkeley: Addison-Wesley, 1979. p. 206).

mantinha para si um pedaço do mundo em condição real de submissão. Como conciliar esses entendimentos e essas ações?

That is to say, you have to marshall, on behalf of the foreign policy you want to pursue, the particular emotional and moral preferences of the American people, in order to make that policy stick. This is bound to lead to a bifurcation of American policy; that is to say, the secretary of state will pursue one type of foreign policy, call it European-style, or Machiavellian or power politics, and on the other hand, he has to present that policy in terms which are morally and sentimentally, and psychologically acceptable to the American people. [...] As an American secretary of state, if you want to pursue successful power politics, you have to appear to pursue a policy which is opposed to power politics.<sup>720</sup>

Ainda havia outro grande problema. Dentro das análises da época sobre a primeira e segunda guerras, era recorrente a crítica de que nos dois eventos os governantes falharam em reconhecer o perigo que se avizinhava<sup>721</sup>. Imbuídos do “idealismo liberal”, nas palavras de Morgenthau, os governantes da Europa e mesmo dos EUA preferiram confiar nas instituições, no caso a Liga das Nações, e nos acordos e compromissos diplomáticos. A crítica que Morgenthau e Carr supostamente personificam faz parecer que existia uma “teoria” idealista a respeito da política internacional contra a qual ambos se insurgem apresentando o chamado “Realismo”<sup>722</sup>. Em vez de acreditar em pactos, diplomacia e instituições, os realistas tinham uma visão pessimista do ser humano e afirmavam que se deveria levar em conta apenas o poder quando tratando do sistema internacional.

Since the idealists tested their “theories” not in the laboratory but in the real world, by attempting to guide policy, the anomaly that led to a scientific crisis and eventual displacement of the paradigm was the inability of international law and organization to prevent World War II<sup>723</sup>.

---

<sup>720</sup> MORGENTHAU, Hans. Enduring realities and foreign policy. **American Foreign Policy Interests**, v. 37, p. 181-186. (2015 [1976]). p. 184.

<sup>721</sup> Primeiro debate idealistas vs realistas.

<sup>722</sup> “Of course, most of what Morgenthau wrote for American audiences was written during the Cold War, and it was in this context that his writings proved so influential. It is an exaggeration with some truth to see American writings on international politics before World War II as preoccupied by legalism and American foreign policy in that era to have neglected national power” (JERVIS, Robert. Hans Morgenthau, realism, and the scientific study of international politics. **Social Research**, v. 61, n. 4, p. 853-876. 1994. p. 854-855.

<sup>723</sup> VASQUEZ, John. **The power of power politics**. New York: Cambridge University Press, 2004. p. 35.

Ocorre que, de fato, nunca houve qualquer “teoria idealista”<sup>724</sup>. Mesmo Woodrow Wilson, criticado pelo seus “14 Pontos para a Paz”<sup>725</sup>, nunca esboçou um discurso sobre a realidade diplomática enfatizando regularidades (supostamente idealistas) que explicariam o comportamento dos Estados no sistema internacional. Em realidade, o chamado “primeiro debate” na Teoria de Relações Internacionais nunca existiu<sup>726</sup>. Os chamados “idealistas” foram um espantalho criado pelos seus críticos para dar consistência a “nova” teoria<sup>727</sup>. A grande disputa, portanto, não era entre duas teorias, mas entre uma política personalista (levada a cabo por Inglaterra, França e também EUA) e uma outra política que deveria ser guiada por “teorias científicas”. O que os chamados “realistas” afirmavam é que as ações políticas deveriam ser pautadas por teorias que explicassem como o mundo “é” de fato<sup>728</sup>.

It follows that a respectable political science-respectable, that is, in terms of the society to be investigated-is in a sense a contradiction in terms. For a political science which is faithful to its moral commitment of telling the truth about the political world cannot help telling society things it does not want to hear. The truth of political science is the truth about power, its manifestations, its configurations, its limitations, its implications, its laws<sup>729</sup>.

Dentro desta visão, tanto a política externa de Truman-Acheson quanto a de Eisenhower-Dulles eram tremendamente perigosas. Ainda que tivessem a contento obtido sucesso no campo da política internacional, eram baseadas no personalismo e, assim, tais

---

<sup>724</sup> “*The twentieth-century history of international relations inquiry can be roughly divided into three stages: the idealist phase; the realist tradition; and the “behavioral” revolt.*” (VASQUEZ, John. **The power of power politics**. New York: Cambridge University Press, 2004. p. 33).

<sup>725</sup> “*The best-known intellectual force behind this paradigm was, of course, Woodrow Wilson, and his specific theory of democracy as the cause of peace and dictatorship as the cause of war formed the heart of the [idealist] paradigm*” (VASQUEZ, John. **The power of power politics**. New York: Cambridge University Press, 2004. p. 33).

<sup>726</sup> “*The first Great Debate, begun on the eve of World War II, supposedly unfolded between the idealists, dominant from the founding of the discipline in the early 20<sup>th</sup> century, and the realists, who triumphed in the decade after 1945. Coming out of a tradition of formal-legal theory and progressive politics, idealists focused on the potential role of institutions in improving the human condition and mitigating conflict between states. Their quest was, in part, driven by the destructiveness of World War I, but foundered on the inability of international institutions to prevent World War II — though of course that was a high hurdle for any progressive reform,*” (LAKE, David. Theory is dead, long live theory: the end of the great debates and the rise of eclecticism in international relations. **European Journal of International Relations**, v. 19, n. 3, p. 567-587, set. 2013. p. 569).

<sup>727</sup> Morgenthau define a ideia de Wilson: “*Thus this conception culminates in a perfectionist ethics which tries to solve the problem of political ethics by minimizing the conflict between ethical standards and political reality and by obscuring its intrinsic relation to the existence of man in society*” (MORGENTHAU, Hans. The evil of politics and the ethics of evil. **Ethics**, v. 56, n. 1, p. 1-18, oct. 1945. p. 7).

<sup>728</sup> Nos termos de Carr “*World of Reality*” (CARR, Edward. **Twenty years' crisis**. New York: Palgrave, 2001. p. 12-13).

<sup>729</sup> MORGENTHAU, Hans. Reflections on the state of political science. **The Review of Politics**, v. 17, n. 4, p. 431-460. 1955. p. 446.

sucessos tinham sido muito mais engenho do acaso<sup>730</sup> do que de ações objetivas, pautadas por teorias “científicas”. Um pouco mais fé nos “acordos de cavalheiros” e Acheson teria feito um dano irreversível aos EUA. Um pouco mais de “moralismo abstrato”, usando os termos de Morgenthau<sup>731</sup>, contra o “inimigo comunista” e Dulles colocaria a segurança dos EUA em risco<sup>732</sup>. Com as bombas nucleares e de hidrogênio de posse da URSS e ela tendo capacidade de colocar objetos na órbita da Terra, não havia mais espaço para erros da avaliação, ódios pessoais ou projetos quixotescos com relação ao mundo<sup>733</sup>. Era necessário que os EUA garantissem a sua segurança por meios racionais, objetivos e científicos<sup>734</sup>. Isto ficou ainda mais claro após a crise dos mísseis em Cuba. O anticomunismo não tinha muito mais a oferecer e, na verdade, era um condicionante moral que enfraquecia a capacidade de se tomar decisões<sup>735</sup>, como relatório do Senado norte-americano já havia indicado<sup>736</sup>.

---

<sup>730</sup> “A foreign policy which is guided primarily by moral considerations is not only threatened with failure; it can be successful only by accident.” (MORGENTHAU, Hans. The Primacy of the national interest. **The American Scholar**, v. 18, n. 2, p. 207-212. 1949. p. 210).

<sup>731</sup> “The fanaticism of the moral crusader enters into unholy wedlock with those potentially unlimited power drives which are latent in all men. Inevitably, then, a foreign policy which starts out as a crusade for universal liberty and democracy will end in a war to conquer the world.” (MORGENTHAU, Hans. The Primacy of the national interest. **The American Scholar**, v. 18, n. 2, p. 207-212. 1949. p. 212).

<sup>732</sup> “If universal democracy is the standard of political action, Korea is as important as Mexico, China is as worthy an objective as Canada; and there is no difference between Poland and Panama. It is obvious that no statesman could pursue without discrimination such a policy of universal democracy without courting disaster; commitments would outrun resources, and failure would ensue. A foreign policy based upon a moral principle, which by definition relegates the national interest into the background (if it does not neglect it altogether) is of necessity a policy of national suicide, actual or potential.” (MORGENTHAU, Hans. The Primacy of the national interest. **The American Scholar**, v. 18, n. 2, p. 207-212. 1949. p. 210).

<sup>733</sup> “Everyone wanted to know what the chances of nuclear holocaust were and what its effects would be. Oppenheimer, as scientific director of the Manhattan Project, became its spokesman, like a prophētēs chosen to inscribe the Pythia’s divinations. In this cultic role, Oppenheimer discovered the unpredictability of administrative tolerance for scientist-prophets.” (WALSH, Lynda. **Scientists as prophets: a rhetorical genealogy**. New York: Oxford University Press, 2013. p. 100).

<sup>734</sup> “A political science which is respected is likely to have earned that respect because it performs useful functions for society. It helps to cover political relations with the veil of ideologies which mollify the conscience of society; by justifying the existing power relations, it reassures the powers-that-be in their possession of power; it illuminates certain aspects of the existing power relations; and it contributes to the improvement of the technical operations of government. The relevance of this political science does not lie primarily in the discovery of the truth about politics but in its contribution to the stability of society.” (MORGENTHAU, Hans. Reflections on the state of political science. **The Review of Politics**, v. 17, n. 4, p. 431-460. 1955. p. 447).

<sup>735</sup> “The numerous failures of the United States to recognize and respond to the polycentric nature of Communism is a prime example of this defect. The corollary of this indiscriminate opposition to Communism is the indiscriminate support of governments and movements that profess and practice anti-Communism. American policies in Asia and Latin America have derived from this simplistic position.” (MORGENTHAU, Hans. **Politics among nations: the struggle for power and peace**. 6th ed. Beijing: McGraw Hill, 1997. p. 9).

<sup>736</sup> Ver as comissões construídas por William Fulbright entre 1946 e 1960. YERGIN, Daniel. **Fulbright’s last frustration the great dissenter finally found himself a compatible secretary of state**. 1974. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/1974/11/24/archives/fulbrights-last-frustration-the-great-dissenter-finally-found.html>>. Acesso em: 20 jan. 2018.

“The well-intentioned political dilettante may indeed work more evil than the illintentioned professional politician, and the test of good intention would destroy rather than clarify the ethical significance of their respective actions”<sup>737</sup>.

However unhealthy this state of affairs may be, it is not the crux of the matter. What is really disquieting (because it reflects a general confusion as to what foreign policy is all about) is the level on which the discussion between the supporters of the bipartisan foreign policy and its critics proceeds. The level of discussion is that of moral generalities. The bipartisan policies are defended in terms of containment of communism, of the defense and promotion of democracy, freedom and the rights of man, of aid to the needy and oppressed. They are attacked in terms of imperialism and capitalist exploitation<sup>738</sup>.

Por outro lado, a política externa soviética parecia muito bem ajustada. O avanço da população sob sistemas comunistas tinha sido impressionante após a guerra e, mesmo com todas as negativas americanas sobre o pagamento das indenizações ao lado soviético, a URSS conseguia com o Sputnik uma vitória material e ideológica sobre o “mundo livre”. Stalin e Krushchev pareciam agir no sistema internacional de forma mais efetiva e eficaz. Efetiva porque haviam ganho muito terreno para o comunismo e eficaz na medida em que faziam isto conservando seus apoios internacionais e raramente se comprometendo em conflitos ao redor do mundo. Em 15 anos desde o final da Segunda Guerra, os EUA tinham estado onze anos em conflito tanto na Indochina quanto na Coreia<sup>739</sup>. O custo financeiro e social era muito maior do que os soviéticos tinham e os resultados colhidos pelos norte-americanos pareciam menores. Havia algo na política externa soviética que funcionava melhor<sup>740</sup> e precisava ser compreendido, neutralizado e usado em favor do ocidente<sup>741</sup>.

“States mimic or echo each other’s successful behavior”.<sup>742</sup>

<sup>737</sup> MORGENTHAU, Hans. The evil of politics and the ethics of evil. **Ethics**, v. 56, n. 1, p. 1-18, oct. 1945. p. 10.

<sup>738</sup> MORGENTHAU, Hans. The Primacy of the national interest. **The American Scholar**, v. 18, n. 2, p. 207-212. 1949. p. 207.

<sup>739</sup> “Recent presidents and their supporters frequently argue for an expansive view of the president's ability to use the military in combat. To buttress their argument, they point out that past presidents have used military force over 200 times, all without a declaration of war or approval by Congress.” (SCHMIDT, Donald. **The folly of war: american foreign policy, 1898-2005**. New York: Algora Publishing, 2005. p. 23).

<sup>740</sup> Amealhava mais território, ganhava confiança das populações, se fazia reproduzir de forma mais rápida, se propagava em maior extensão: “The test of political success is the degree to which one is able to maintain, increase, or demonstrate one's power over others.” (MORGENTHAU, Hans. The evil of politics and the ethics of evil. **Ethics**, v. 56, n. 1, p. 1-18, oct. 1945. p. 14).

<sup>741</sup> O respeito é recíproco, uma vez que Stalin afirmava abertamente sua admiração pela “eficiência americana”: “[Stalin’s style in work] It has two specific features: (a) the Russian revolutionary sweep and (b) American efficiency. The style of Leninism is a combination of these two specific features in Party and state work.” (STALIN, Josef. **Foundations of leninism**. New York: International Publishers, 1939. p. 125).

<sup>742</sup> MESQUITA, Bruce Bueno de. Neo realism's logic and evidence: when is a theory falsified? In: VASQUEZ, John; ELMAN, Colin. **Realism and the balancing of power: a new debate**. New Jersey: Prentice Hall, 2003. p. 169.

## 4.2 AS TEORIAS SOVIÉTICAS: O MARXISMO E O LENINISMO

A política externa soviética obedeceu às linhas gerais expressas nas ideias de Karl Marx<sup>743</sup>. Não apenas em Karl Marx, entretanto, devem ser buscadas as origens conceituais da visão da URSS sobre política internacional<sup>744</sup>. Em especial, Lênin e o próprio Stalin moldaram a forma de interpretação soviética do mundo<sup>745</sup>. Essencialmente, a política externa soviética obedecia à uma percepção estruturalista-economicista do arranjo global<sup>746</sup>; a uma concepção dual da política (que opunha as ações visíveis às intenções reais)<sup>747</sup>; à ideia do fatalismo histórico, em que as ações individuais não poderiam se opor ao caminho das sociedades (embora o delimitassem) segundo o materialismo histórico<sup>748</sup>, e a uma percepção de

---

<sup>743</sup> Como, aliás, toda a experiência soviética. (KATSENELINBOIGEN, Aron. **Soviet economic thought and political power in the USSR**. New York: Pegamon Press, 1980. p. 1-6); (ZWEERDE, Evert Van Der. **Soviet historiography of philosophy**. Munich: Kluwer Academic Publishers, 1997. p. 40-42); (KREMENTSOV, Nikolai. **Stalinist science**. New Jersey: Princeton University Press, 1997. p. 122).

<sup>744</sup> Alguns pesquisadores americanos, entre 1945 e 1960, como Walter Rostow, Robert Conquest ou Richard Pipes, criaram suas próprias versões sobre a importância do Marxismo-Leninismo para a URSS: “*One group of totalitarianists strongly rejected the important role of Marxist ideology in the creation and functioning of the Soviet system. They were advocating the “power” approach and argued, for example, that the Russian Social Democratic Workers’ Party (Bolshevik) and their leader Vladimir Lenin strived for power for its own sake. Walter Rostow defended a belief that both Lenin and his successor Stalin wanted to increase their own power by simply using Marxism and prerevolutionary Russian traditions to achieve their goal (Rostow, 1953). Robert Conquest (1967) insisted that behind the Soviet leaders’ ideological arguments, there were power-driven, pragmatic policy motivations to strengthen the Soviet state and tighten the control over the population. Richard Pipes (1984) also did not believe in the important role of Socialist ideas in Soviet history, seeing them only as a thin cover for Russo-centric authoritarianism; he also disregarded the Socialist dimensions of the 1917 October “coup” and a number of political developments that followed.*” (SHLAPENTOKH, Vladimir; SHIRAEV, Eric; CARROLL, Eero. **The Soviet Union: internal and external perspectives on soviet society**. New York: Palgrave Macmillan, 2008. p. 22).

<sup>745</sup> GÖKAY, Bülent. **Soviet eastern policy and turkey, 1920-1991**. New York: Routledge, 2006. p. 3.

<sup>746</sup> “*The socialist system existing in our country has tremendous opportunities for a new and still more powerful development of our economy, for the flourishing of culture, and for the further improvement of the people’s wellbeing. We are using all these potentialities to ensure further progress in every sphere of Soviet society and its gradual transition to communism.*” (MALENKOV, Georgy. **1953 speech as a chairman of the council of ministers of USSR**. London: Soviet News, 1953. p. 38).

<sup>747</sup> “*Unlike all the bourgeois parties and states which conceal their true aims and policy, the aims and policy of the Communist Party and Soviet state are clear and open to all the people*” (MALENKOV, Georgy. **1953 speech as a chairman of the council of ministers of USSR**. London: Soviet News, 1953. p. 38).

<sup>748</sup> “*In the sphere of international relations, the people’s democracies are determinedly upholding, hand in hand with the Soviet Union, the cause of peace and the security of the nations. The People’s Republic of China and all the people’s democracies are pursuing their own independent national foreign policies, policies which are in keeping with the vital interests of the people. The imperialist forces can no longer juggle with the fate of people who have forever done away with dependence on the imperialists. This infuriates those who love to make someone else pull the hot chestnuts out of the fire and to exploit other nations. The people’s democracies are not at all concerned. They have struck out on a new path, and will never step aside (stormy applause).*” (MALENKOV, Georgy. **1953 speech as a chairman of the council of ministers of USSR**. London: Soviet News, 1953. p. 40).

insegurança que deriva de todas as características anteriores<sup>749</sup>, já que a União Soviética estava inserida num mundo majoritariamente capitalista.

The Communist Party and the Soviet government know Where and how to lead the people, because they are guided by the scientific theory of social development-Marxism-Leninism, the banner of which has been raised so high by our father and teacher of genius, Lenin, and the continuer of his cause-great Stalin (stormy applause). The Soviet state and the Communist Party are arming the people on the basis of the teaching of Marx, Engels, Lenin and Stalin, with a profound knowledge of the objective laws of the development of society, the laws of the building of communism, thus giving clear perspectives for the creative activities of the Soviet people<sup>750</sup>.

Os intérpretes ocidentais contemporâneos de 1945-1960, em geral falharam em perceber esse arranjo ideológico<sup>751</sup> e rotularam a política externa soviética como “expansionista”, “agressiva”, “belicosa”<sup>752</sup>. Além disto, falharam também em reconhecer o dinamismo interno

<sup>749</sup> Esse sentimento de insegurança, que é insuflado pelo ocidente desde antes da Segunda Guerra Mundial (MORTON, Andrew. **17 carnations: the royals, the nazis and biggest cover-up in history**. New York: Hachette Book, 2015), é o verdadeiro responsável pela ideia do “Socialismo em um só país” (REE, Erik Van. **The political thought of Joseph Stalin: a study in twentieth century revolutionary patriotism**. New York: Routledge, 2002. p. 84-95) que defendia Stalin, em oposição à Trotsky. De fato, as novas fontes soviéticas (em especial a correspondência pessoal entre Stalin e Molotov) mostram que Stalin não apenas apoiava as sublevações em outros países, como genuinamente esperava que dessem certo (LIH, Lars; NAUMOV, Oleg; KHLEVNIUK, Oleg. **Stalin's Letters to Molotov (1925-1936)**. Londres: Yale University Press, 1995. p. 49). O problema, na visão de Stalin, era a formação de uma coalisão capitalista contra a URSS tendo a Alemanha como ponta de lança (HASLAM, Jonathan. The making of foreign policy under Stalin. In: HARA, Teruyuki; MATSUZATO, Kimitaka. **Empire and society: new approaches to Russian history**. Hokkaido: Sapporo, 1997. p. 174). “*Acutely sensitive to the dynamics of power and weakness, the dictator [Stalin] gauged his country's relative standing in the world by pondering trends in the “correlation of forces” – the sum total of military and other attributes of power determining at any given time the relationship between the hostile forces of socialism and capitalism*” (MASTNY, Vojtech. **The cold war and soviet insecurity: the Stalin years**. New York: Oxford University Press, 1998. p. 13).

<sup>750</sup> MALENKOV, Georgy. 1953 speech as a chairman of the council of ministers of USSR. London: Soviet News, 1953. p. 39.

<sup>751</sup> Em especial a relação não direta e racional entre “ideologia” e a formação dos sujeitos na URSS. Ver a esse respeito James Andrews (ANDREWS, James T. *Founding fathers/iconic soviets: public identity, soviet mythology and the fashioning of science heroes*. In: ALEXOPOULOS, Golfo; HESSLER, Julie; TOMOFF, Kiril. **Writing the Stalin Era: Sheila Fitzpatrick and Soviet Historiography**. New York: Palgrave Macmillan, 2011) e Stephan Kotkin (KOTKIN, Stephen. **Magnetic mountain: stalinism as a civilization**. Berkeley: University of California Press, 1995).

<sup>752</sup> O retrato de uma URSS dogmática, agressiva e causadora do conflito ideológico Lesse-Oesse é característica da bibliografia interpretativa da época: “*There can be no doubt as to the fact that the ideological East-West conflict is one of the central problems of our day, and that the way in which it is solved will decidedly influence the structure of the world in the near future. For the solution of this problem the Soviets have set a definite goal for themselves - the only conceivable resolution of the East-West ideological conflict consists in the victory of Communist ideology throughout the world. This demand is so intrinsic to the essence of Soviet ideology that there can be no doubt about it. In view of this fact, the Western thinker must ask himself what real perspectives there are for him in the East-West ideological conflict.*” (BOCHENSKI, M.; BLAKELEY, T. **Studies in soviet thought**. Dordrecht: [s.n.], 1961. p. 127); Mesmo alguns livros mais recentes mantêm esta visão: “*After 1917, the traditional foundations of Russian foreign policy: the quest for security, great power ambitions and the everyday need to conduct relationships with other states, were joined by new ideological factors: the Bolshevik commitment to spread communism and implacable hostility to the capitalist world. These ideological factors were dominant in foreign policy during the early years of the Soviet regime, with unsuccessful attempts to spread world revolution in Germany, Hungary and Poland between 1917 and 1921.*” (WATSON, Derek. *The*

do modelo soviético e acabaram colocando todo o peso das decisões<sup>753</sup> na figura mitificada de Stalin<sup>754</sup>. A historiografia contemporânea sobre o tema é bastante mais cuidadosa:

Where Stalin did not actively intervene in policy, others filled the void. Working with Stalin's correspondence from his months on vacation in the mid-1930s, [Arch] Getty observes the large number of decisions (89 percent) taken by the Politburo without Stalin's participation. [...] The idea that Stalin and the Soviet leadership had to contend with relatively autonomous institutions and groups is not new. In the 1950s, historians observed that technical specialists and managers did not always behave in ways the regime wanted. In the 1970s and 80s, social historians observed that society was not a blank slate either, but only since the opening of the archives have we had the opportunity to study in depth the workings of institutions and officials higher up the administrative hierarchy<sup>755</sup>.

Qualquer que seja a linha de interpretação, entretanto, não consegue desviar-se da atenção central que tem o pensamento de Marx e de Lênin para os processos decisórios dentro da URSS. Incluindo a política externa. Ainda assim, diversos outros atores tinham posição importante dentro da tomada de decisão. Seja pelo papel histórico que desempenharam dentro da União Soviética como Vyacheslav Molotov<sup>756</sup>, ou Andrey Vyshinski<sup>757</sup>, seja pelo conhecimento que acumularam na lida diária com os assuntos referentes às Relações Internacionais como Andrei Gromyko<sup>758</sup>. O quanto cada um poderia exercer de

---

politburo and foreign Policy in the 1930s. In: REES, Erik. **The nature of stalin's dictatorship: the politburo, 1924-1953**. New York: Palgrave Macmillan, 2004. p. 134).

<sup>753</sup> Para uma ideia das antigas narrativas de construção da figura decisória de Stalin, veja-se um estudo de 1982 sobre o processo de decisão a respeito do comércio internacional soviético: “*Despite their somewhat more modest role in the formal party organization, the general secretaries traditionally have stood at the head of Soviet Society and have played the leading role in the "cult of personality" since Lenin's death. It is not surprising that each of these men has profoundly influenced foreign trade policy. Stalin's xenophobic vision of his country "encircled by enemies" was largely responsible for ending the trade liberalization of the 1920s and establishing an autarkic policy that continued for at least three decades.*” (GARDNER, Stephen. **Soviet foreign trade: the decision process**. Boston: Baylor University, 1982. p. 18).

<sup>754</sup> “*This mythical Stalin is unchanging, by all accounts a most exceptional man who escaped the impact of experience unlike almost everyone else in history; a man never given to doubt, a man who never acted on advice, a man who never gained confidence in spheres that originally lay far beyond his own limited realm. But perhaps we should not be too surprised. This is the Stalin recreated by political scientists rather than historians; and if there is one obvious weakness in western social science, it is that it is static and insensible to the changing impact of events.*” (HASLAM, Jonathan. The making of foreign policy under stalin. In: HARA, Teruyuki; MATSUZATO, Kimitaka. **Empire and society: new approaches to russian history**. Hokkaido: Saporu, 1997. p. 167-168).

<sup>755</sup> DAVIES, Sarah; HARRIS, James. **Stalin: A new History**. New York: Cambridge University Press, 2005. p. 9-10.

<sup>756</sup> Comissário para as Relações Internacionais da URSS nomeado em substituição a Litvinov, em 1939.

<sup>757</sup> Comissário para as Relações Internacionais da URSS nomeado em substituição a Molotov em 1949, permanecendo no cargo até 1954, quando faleceu de um ataque cardíaco.

<sup>758</sup> Embaixador soviético em Washington de 1943 a 1946, quando se tornou o representante soviético no Conselho de Segurança. Em 1952 foi nomeado embaixador soviético no Reino Unido e de 1957 a 1985 foi ministro das Relações Exteriores da URSS.



discrecionalidade pode-se apenas supor, caso a caso, embora alguns observadores tenham feito importantes registros<sup>759</sup>:

There is other testimony that Molotov had open disagreements with Stalin over policy. "I would say," recalls Khrushchev, "that he [Molotov] was the only person in the Politburo who opposed Stalin on this or that question for the second time." In the opinion of Marshal Zhukov, who observed Molotov and Stalin at close quarters for the first time in 1940-41, Molotov "exerted serious influence over Stalin, particularly in questions of foreign policy, in which Stalin then, until the war, considered him [Molotov] competent." When attacked by Stalin, "Molotov by no means always remained silent." Indeed, "at times it reached the point where Stalin raised his voice and even lost all self-control, and Molotov, smiling, rose from behind the table and held firm to his point of view."<sup>760</sup>

A política externa soviética se baseia, pois, numa sequência de ideias que passa pelo internacionalismo de cunho marxista, para uma noção sistêmica de correlação de forças estabelecida pelo Leninismo<sup>761</sup>. Lênin, ao afirmar que o capitalismo promovia um “desenvolvimento desigual e combinado”<sup>762</sup>, assentava as bases para a destruição do modelo

---

<sup>759</sup> Há também registros de operadores da época como o embaixador americano na URSS Walter Bedell-Smith, que afirma que “*It is in the character of these advisers [few political intimates], and in their relationship with Stalin, that we must seek the answers to many of the perplexing manifestations of Soviet foreign policy and of the Soviet attitude toward the United States and Western Europe*” (BEDELL-SMITH, Walter. **My three years in Moscow**. Philadelphia: J. B. Lippincott Company, 1950. p. 51-52); Nikolai Kremensov relata o caso envolvendo pesquisas sobre a cura do câncer e os cientistas soviéticos Kliueva e Roskin em um pedido de cooperação internacional com os cientistas americanos em 1946. O pedido foi enviado para Stalin, mas “*Stalin apparently did not receive the cable; it was delayed in the Central Committee Secretariat. It seems likely that, having received no response to his cable, Molotov made the decision himself*” (KREMENTSOV, Nikolai. **Stalinist science**. New Jersey: Princeton University Press, 1997. p. 153).

<sup>760</sup> HASLAM, Jonathan. The making of foreign policy under stalin. In: HARA, Teruyuki; MATSUZATO, Kimitaka. **Empire and society: new approaches to russian history**. Hokkaido: Sapporo, 1997. p. 175.

<sup>761</sup> “*That is why our successes of the last three years will lead to still greater successes in foreign policy during the coming year. Our policy is grouping around the Soviet Republic those capitalist countries which are being strangled by imperialism.*” (LENIN, Vladimir. **Collected works** - April-December 1920. v. 31. Moscow: Progress Publishers, 1974. p. 477-478).

<sup>762</sup> O conceito é usado inicialmente por Trotsky em “História da Revolução Russa” (TROTSKY, León. **The history of russian revolution**. Londres: Pluto Press, 1977. p. 26-27), mas desenvolvido por Lênin: “*If any Marxist, or any person, indeed, who has a general knowledge of modern science, were asked whether it is likely that the transition of the different capitalist countries to the dictatorship of the proletariat will take place in an identical or harmoniously proportionate way, his answer would undoubtedly be in the negative. There never has been and never could be even, harmonious, or proportionate development in the capitalist world. Each country has developed more strongly first one, then another aspect or feature or group of features of capitalism and of the working-class movement. The process of development has been uneven.*” (LENIN, Vladimir. **Collected works** - April-December 1920. v. 31. Moscow: Progress Publishers, 1974. p. 308).

internacionalista<sup>763</sup> pensado por Marx<sup>764</sup>. Esse desbalanço no desenvolvimento capitalista tornava difícil, senão impossível, as noções de afinidades políticas revolucionárias do proletariado em diversos lugares do mundo. Com o desenvolvimento desigual e combinado, os proletários de determinados Estados, cujo desenvolvimento econômico atingiria níveis maiores, teriam diferentes patamares de acesso a bens materiais e recursos se comparados com os proletários de países cujos sistemas econômicos eram relativamente mais pobres. Isto deixava a possibilidade da formação de um movimento proletário internacional revolucionário quase inexistente.

The capitalists divide the world, not out of any particular malice, but because the degree of concentration which has been reached forces them to adopt this method in order to obtain profits. And they divide it “in proportion to capital”, “in proportion to strength”, because there cannot be any other method of division under commodity production and capitalism. But strength varies with the degree of economic and political development. Imperialism the highest form of Capitalism<sup>765</sup>.

Nesse sentido, era necessário trazer novamente para a teoria a importância dos Estados. Lênin faz esse movimento por meio da construção sistêmica da noção de “Imperialismo”<sup>766</sup>. Lênin não muda as noções estruturais da luta de classes, que caracterizam o pensamento de Marx. Introduce um novo nível de análise, marcado por dois tipos de relação: as relações

---

<sup>763</sup> “If the emancipation of the working classes requires their fraternal concurrence, how are they to fulfill that great mission with a foreign policy in pursuit of criminal designs [wars], playing upon national prejudices, and squandering in piratical wars the people's blood and treasure? It was not the wisdom of the ruling classes, but the heroic resistance to their criminal folly by the working classes of England, that saved the west of Europe from plunging headlong into an infamous crusade for the perpetuation and propagation of slavery on the other side of the Atlantic.” (Primeira Internacional Comunista 1864); “The international activity of the working classes does not in any way depend on the existence of the International Working Men's Association. This was only the first attempt to create a central organ for the activity; an attempt which was a lasting success on account of the impulse which it gave but which was no longer realizable in its historical form after the fall of the Paris Commune.” (MARX, Karl. **Critique of the gotha programme (1875)**. Moscou: Progress Publishers, 1970).

<sup>764</sup> “It is sufficient to pose the question clearly to see that the answer can only be negative. For one couldn't conceive, under capitalism, any other basis for the division in zones of influence, of interests, of colonies etc., than the strength of the participants of that partition, their economic, financial, military strength etc. Now among these participants of partition, that strength changes in a different way, for under capitalism, even development of enterprises, of trusts, of industries, of countries, is impossible.” (LENIN, Vladimir. **Collected works** - December 1915-July 1916. v. 22. Moscou: Progress Publishers, 1974. p. 295).

<sup>765</sup> LENIN, Vladimir. **Collected works** - December 1915-July 1916. v. 22. Moscou: Progress Publishers, 1974. p. 253.

<sup>766</sup> “Half a century ago, when Marx was writing *Capital*, free competition appeared to the overwhelming majority of economists to be a “natural law”. Official science tried by a conspiracy of silence, to kill the works of Marx, who by a theoretical and historical analysis of capitalism had proved that free competition gives rise to the concentration of production, which, in turn, at a certain stage of development leads to monopoly. Today, monopoly has become a fact. [...] The facts show that differences between capitalist countries, e.g., in the matter of protection or free trade, only give rise to insignificant variations in the form of monopolies or in the moment of their appearance; and that the rise of monopolies, as the result of the concentration of production, is a general and fundamental law of the present stage of development of capitalism.” Imperialism the highest stage of capitalism (LENIN, Vladimir. **Collected works** - December 1915-July 1916. v. 22. Moscou: Progress Publishers, 1974. p. 200).

internacionais de classe (relações de produção) entre burguesia e proletariado, estabelecidas como infraestrutura, e as relações superestruturais entre países<sup>767</sup> para consolidar o imperialismo (marcado pela fusão do capital industrial com o capital financeiro). Lenin não abre mão da condição de luta contra o imperialismo (ou o colonialismo<sup>768</sup>), mas seu pragmatismo o move a perceber que as condições, ao menos até sua morte, em 1923, não permitiam esta luta<sup>769</sup>. Surge em Lênin a noção pragmática de “defesa” como essencial, em detrimento mesmo à noção de “revolução”<sup>770</sup>.

Since the specific political features of imperialism are reaction everywhere and increased national oppression due to the oppression of the financial oligarchy and the elimination of free competition, a petty-bourgeois-democratic opposition to imperialism arose at the beginning of the twentieth century in nearly all imperialist countries. Imperialism the highest form of Capitalism<sup>771</sup>.

É sobre esse construto teórico que Stalin parte, em 1926-1927, quando efetivamente logra obter legitimidade dentro da URSS. Em termos de Política Externa, os desenvolvimentos

---

<sup>767</sup> “*The epoch of the latest stage of capitalism shows us that certain relations between capitalist associations grow up, based on the economic division of the world; while parallel to and in connection with it, certain relations grow up between political alliances, between states, on the basis of the territorial division of the world, of the struggle for colonies, of the “struggle for spheres of influence”.*” (LENIN, Vladimir. **Collected works** - December 1915-July 1916. v. 22. Moscou: Progress Publishers, 1974. p. 253).

<sup>768</sup> “*Colonial policy and imperialism existed before the latest stage of capitalism, and even before capitalism. Rome, founded on slavery, pursued a colonial policy and practiced imperialism. But “general” disquisitions on imperialism, which ignore, or put into the background, the fundamental difference between socio-economic formations, inevitably turn into the most rapid banality or bragging, like the comparison: “Greater Rome and Greater Britain.” Even the capitalist colonial policy of previous stages of capitalism is essentially different from the colonial policy of finance capital.*” (LENIN, Vladimir. **Collected works** - December 1915-July 1916. v. 22. Moscou: Progress Publishers, 1974. p. 260).

<sup>769</sup> “*Can we smash world imperialism today? It would be our duty to do it if we could, but you know that we cannot do it today any more than we could have overthrown Kerensky in March 1917; we had to wait for the Soviet organisations to develop, we had to work for that and not revolt against Kerensky immediately. And today, is an offensive war against world imperialism any more possible? Of course not.*” (LENIN, Vladimir. **Collected works** - April-December 1920. v. 31. Moscow: Progress Publishers, 1974. p. 30).

<sup>770</sup> Esta posição de Lênin (e Stalin) não é nova. Isaac Deutscher, em sua biografia sobre Trotsky, mostra as desavenças de posição entre o seu biografado e os dois primeiros citados. Quando no processo da negociação da Paz de Brest-Litovsky (1917), a posição de Lênin e Stalin era a aceitação dos primeiros termos pedidos pelos alemães, acertar a paz para consolidar a Revolução. Trotsky e Kollontai, entre outros, defendiam a postergação do acordo com os alemães para induzir a “revolução” a partir do desespero gerado pela manutenção da guerra. O desfecho do episódio leva a Trotsky pedir demissão do cargo de Comissário do Exterior, pelo fato de que sua estratégia levou ao ataque alemão sobre a Ucrânia, a destruição dos soviets na região e um acordo muito inferior ao que primeiro os alemães tinham oferecido. (DEUTSCHER, Isaac. **The prophet armed: Trotsky 1879-1921**. New York: Oxford University Press, 1987. p. 385-390). Após o ocorrido, Lênin precisou reler o desfecho dando outra explicação: “*In this respect we have the experience of the Brest peace, the most important step in the foreign policy of the Council of People’s Commissars. The Brest peace was concluded with a powerful enemy who was far superior to us in military strength, and this caused disagreement even in our own ranks, but the proletarian state had to take such a first step because it was surrounded on all sides by imperialist predators. The Brest peace sapped the strength of our powerful enemy. In a very short time the Germany which had forced these predatory terms upon us collapsed, and the same the awaits the other countries, the more so that everywhere we see the armies falling to pieces.*” *Relatório ao Soviet de Petrogrado 12 de março de 1919.*” (LENIN, Vladimir. **Collected works** - March-August 1919. v. 29. Moscow: Progress Publishers, 1974. p. 23).

<sup>771</sup> LENIN, Vladimir. **Collected works** - December 1915-July 1916. v. 22. Moscou: Progress Publishers, 1974. p. 287.

da Segunda Guerra Mundial levam Stalin a aprofundar ainda mais a questão nacional<sup>772</sup> frente ao internacionalismo<sup>773</sup>. Não apenas Stalin internaliza a noção de “Socialismo num só estado”<sup>774</sup>, em função das necessidades de defesa da URSS<sup>775</sup>, o partido forja a noção do culto à personalidade<sup>776</sup>.

<sup>772</sup> Stalin já havia escrito – e sido elogiado por Lênin – o livro “O marxismo e a questão nacional” em 1913 e mais tarde (depois da Guerra Civil Russa) se tornaria o primeiro Comissário das Questões Nacionais (1918-1923) cuja missão principal seria gerenciar os anseios e problemas da enorme e culturalmente diversificada região abarcada pela URSS.

<sup>773</sup> Um dos reflexos desta situação é a construção de Stalin do conceito de “autodeterminação” a partir necessariamente da noção de Estado marxista. Isto implica dizer que para Stalin “autodeterminação” não tem a ver com “Estado”, mas com a ideia de “Nação” e depende da questão da “representatividade”: “*The right of self-determination means that only the nation itself has the right to determine its destiny, that no one has the right forcibly to interfere in the life of the nation, to destroy its schools and other institutions, to violate its habits and customs, to repress its language, or curtail its rights.*” (STALIN, Josef. **Marxism and the national question**. Moscou, 1913. p. 14); “*As E. H. Carr noted in the 1950s, ‘from the moment of the triumph of the revolution the essence of the Bolshevik doctrine of national self-determination passed over almost insensibly from the concept of liberty to the concept of equality, which alone seemed to offer a radical solution’. Debates about the largely abstract right of self-determination after 1917 were reflections of real arguments on the ground about the granting of preferential treatment to non-Russians, and also aimed at attracting the anticolonial movements across the world. Inside the RSFSR, appeals to ‘the spirit of self-determination’ were frequently resorted to by non-Russian supporters of national rights against ‘Great Russian’ encroachments. Stalin’s policies in this period consistently favoured the former against the latter, but whether he was aware of it or not, his public disowning of self-determination did much to encourage the ‘National Left’.*” (SMITH, Jeremy. Stalin as commissar of nationality affairs, 1918-1922. In: DAVIES, Sarah; HARRIS, James. **Stalin a new history**. New York: Cambridge University Press, 2005. p. 48).

<sup>774</sup> De acordo com Marx e Engels o “socialismo num só Estado” é impossível. Com Lênin, esta noção passa a ser possível (LENIN, Vladimir. **Collected works** - August 1914-December 1915. v. 21. Moscou: Progressive Publishers, 1974. p. 342) e com Stalin é transformada em central (STALIN, Josef. **Concerning questions of leninism (1926)**. Moscou: Foreign Languages Publishing House, 1954. p. 30-39).

<sup>775</sup> “*Historians of Soviet foreign policy often observe and underline Stalin’s pragmatism, but archival sources also confirm the thesis that Stalin had very different approaches to domestic and foreign policy. Stalin’s pragmatism in foreign policy was directed at preventing the deepening of crises. For example, his decision to support the North Koreans in war against the south was made after long hesitation, made under serious pressure from the Koreans and particularly from China.*” (KHLEVNIUK, Oleg. Stalin as dictator: the personalisation of Power. In: DAVIES, Sarah; HARRIS, James. **Stalin a new history**. New York: Cambridge University Press, 2005. p. 115-116); “*Embedded in his concepts of the inevitability of war, socialism in one country, and capitalist encirclement was the implicit belief that the external world represented not so much an opportunity to launch further revolutionary offensives as a potential threat to the territorial integrity, indeed the survival of the Soviet state.*” (RIEBER, Alfred. Stalin as foreign policy-maker: avoiding war, 1927-1953. In: DAVIES, Sarah; HARRIS, James. **Stalin a new history**. New York: Cambridge University Press, 2005. p. 141-142).

<sup>776</sup> O período conhecido como “Stalinismo tardio” ou “Alto Stalinismo” (45-53) é definido pelo culto à personalidade “*If one does not get lost in the fine details of different periods, one can identify two structures of power in the Soviet system: oligarchy and personal dictatorship. The latter existed only under Stalin. The fundamental difference between the two (from which most other differences follow) consists in the degree of the personal power of the leader over officialdom, and in particular its highest level. In the oligarchy, while the leader had significant power, he was surrounded by influential colleagues and a powerful elite (nomenklatura). He played the greatest role in decision-making, but decisions were implemented collectively. In the process of decision-making, the interests of various institutions and groups had to be negotiated. Members of the Politburo had networks of clients from among mid-level officials (the leaders of regions and ministries and so on) who formed the backbone of the Central Committee. These systems of collective decision-making worked in a regular fashion and served to limit the power of the leader and present the conditions for a relative political ‘predictability’.*” (KHLEVNIUK, Oleg. Stalin as dictator: the personalisation of Power. In: DAVIES, Sarah; HARRIS, James. **Stalin a new history**. New York: Cambridge University Press, 2005. p. 108-109). As novas pesquisas, no entanto, afirmam que esta é uma construção do Politburo muito mais do que uma característica psicológica de Stalin. Diversas são as evidências apresentadas em que Stalin luta e desautoriza claramente o culto à sua personalidade. Ver, por exemplo, David Brandenberger (BRANDENBERGER, David. Stalin as symbol: a case study of the personlaity cult and its construction. In: DAVIES, Sarah; HARRIS, James. **Stalin a new history**. New York: Cambridge University Press, 2005. p. 249-270). Sheila Fitzpatrick é da mesma opinião: “*On occasion, Stalin or someone else would point out that this was all becoming a bit excessive. Stalin, for example, rejected the*

Of course, this view of the personality cult is a distinctly modern one, grounded in social anthropology and cross-cultural analysis. Yet Stalin seems to have had a similar understanding of the cult's role in Soviet society. In the mid-1930s, he commented to M. A. Svanidze that 'the people need a tsar, i.e., someone to revere and in whose name to live and labour'. Shortly thereafter, Stalin elaborated on this point with Leon Feuchtwanger, contending that the cult did not focus personally on him so much as on his role as the personification of socialist state-building in the USSR<sup>777</sup>.

Em 1913, Stalin já reconhece que a ideia do “movimento nacional” (nacionalismo) é essencialmente burguesa e que é impossível eliminá-la, mas é possível “reduzir” seus danos a um “mínimo”, para torná-la inofensiva ao proletariado<sup>778</sup>.

The division between Stalin's role as Commissar and Lenin's role as theoretician-in-chief has contributed to the widespread characterisation of Stalin as an administrator who did not have two ideas to rub together. But it is clear that, even at an early stage, Stalin was responsible for significant policy developments and even contributions to theory. Yet he was also conscious of Lenin's authority in this matter, and left the stage to him in the key theoretical debates over selfdetermination. Where Stalin disagreed with Lenin, as in 1920 and 1922, his opposition was neither public nor lasting. But the unequal division of authority was always likely to lead to tension, and it is not surprising that the eventual deterioration of relations between the two had much to do with each man's perception of the other's failings on the nationality question<sup>779</sup>.

Durante o período entre-guerras, contudo, a percepção da força da Alemanha Nazista<sup>780</sup> e da relativa falta de coesão interna da URSS leva o Politburo a criar uma solução para o problema da segurança soviética. Segundo os estudos feitos na época pelo Politburo, a natureza

---

*suggestion that Moscow be renamed Stalinodar in his honor. When the practice of glorification of leaders was criticized, however, it was most often in connection with the disgrace of the political leader in question or with a general critique of “little Stalins” out in the provinces.”* (FITZPATRICK, Sheila. **Everyday stalinism: ordinary life in extraordinary times. Soviet russia in the 1930s.** New York: Oxford University Press, 2000. p. 30); *“These documents [Politburo transcripts] suggest that Stalin was consistent in insisting that Stalin the person was not important. It is said that Stalin used to tell his son Vasily that he was not a ‘Stalin’: ‘You’re not Stalin and I’m not Stalin. Stalin is Soviet power. Stalin is what he is in the newspapers and the portraits, not you, no, not even me!’ Thus, Stalin often referred to himself in the third person singular as ‘Stalin.’ Stalin also insisted later in life that the cult of Stalin was not something he personally desired but that the Soviet people needed, a sort of new ‘tsar.’”* (GREGORY, Paul; NAIMARK, Norman. **The lost politburo transcripts: from collective rule to stalin's dictatorship.** London: Yale University Press, 2008. p. 45).

<sup>777</sup> BRANDENBERGER, David. Stalin as symbol: a case study of the personlaity cult and its construction. In: DAVIES, Sarah; HARRIS, James. **Stalin a new history.** New York: Cambridge University Press, 2005. p. 250.

<sup>778</sup> *“The fate of a national movement, which is essentially a bourgeois movement, is naturally bound up with the fate of the bourgeoisie. The -final disappearance of a national movement is possible only with the downfall of the bourgeoisie. Only under the reign of socialism can peace be fully established. But even within the framework of capitalism it is possible to reduce the national struggle to a minimum, to undermine it at the root, to render it as harmless as possible to the proletariat.”* (STALIN, Josef. **Marxism and the national question.** Moscou, 1913. p. 15).

<sup>779</sup> SMITH, Jeremy. Stalin as comissar ofr nationality affairs, 1918-1922. In: DAVIES, Sarah; HARRIS, James. **Stalin a new history.** New York: Cambridge Univesrsity Press, 2005. p. 51.

<sup>780</sup> *“Security for Stalin was a geographical concept: occupied territory afforded strategic depth in case of a military conflict, the much-needed kilometers to fall back upon, hold the advancing enemy, regroup and turn the tides of war. The further Moscow or Leningrad were from the borders, the better for Soviet security.”* (CASEY, Steven; WRIGHT, Jonathan. **Mental maps in the early cold war era (1945-1968).** New York: Palgrave-Macmillan, 2011, p. 10).

cultural arraigada historicamente nos povos sob a bandeira soviética não poderia ser simplesmente apagada. Essas populações viveram séculos sob a figura paterna do Czar<sup>781</sup>, visto ao mesmo tempo como a “ordem” e o “cuidado”. Pai e tirano<sup>782</sup>. Era necessário reconstruir esse laço.

Of course, this view of the personality cult is a distinctly modern one, grounded in social anthropology and cross-cultural analysis. Yet Stalin seems to have had a similar understanding of the cult’s role in Soviet society. In the mid-1930s, he commented to M. A. Svanidze that ‘the people need a tsar, i.e., someone to revere and in whose name to live and labour’. Shortly thereafter, Stalin elaborated on this point with Leon Feuchtwanger, contending that the cult did not focus personally on him so much as on his role as the personification of socialist state-building in the USSR<sup>783</sup>.

Se a visão de política externa de Stalin é marcada pela insegurança com relação ao mundo capitalista<sup>784</sup> (que gera a ideia de revolução num só país), ele desenvolve a ideia de “estimular os conflitos de classe” no mundo ocidental, em vez de qualquer ação militar<sup>785</sup>. Onde

<sup>781</sup> “For all the party’s dedication to the idea of modernization, however, Soviet Communist rule in the 1930s was definitely acquiring some neotraditional features that few would have predicted in 1917. One obvious example was the evolution of the party’s “proletarian” dictatorship into something close to personal autocratic rule by Stalin exercised through the Communist Party and the secret police. Unlike the Nazis, Soviet Communists had no Leader principle, but they did increasingly have a Leader practice. Some of what Khrushchev would later call Stalin’s “cult of personality” reflected the contemporary style of self-presentation of the Fascist dictators, Mussolini and Hitler, but in other respects the cult—or the Russian public’s reception of it—had more in common with the Russian tradition of the “little-father Tsar” than with anything in modern Western Europe. The image of Stalin, “father of peoples,” was acquiring a distinctly paternalist cast in the 1930s.” (FITZPATRICK, Sheila. **Everyday stalinism**: ordinary life in extraordinary times. Soviet Russia in the 1930s. New York: Oxford University Press, 2000. p. 15).

<sup>782</sup> “Stalin was keenly aware of the mobilizational role of the emotions. In January 1929, he noted, for example, that “every period in a national development knows its pathos. In Russia we now have a pathos of construction.” (REE, Erik Van. Heroes and merchants: Stalin’s Understanding of National Character. **Kritika**: Explorations in Russian and Eurasian History, v. 8, n. 1, p. 41-65. 2007. p. 62); “When, for example, W. W. Rostow (1967) described the evolution of ideology in the Soviet Union and its role in the postwar period, he practically disregarded its nationalist and imperial components (SHLAPENTOKH, 2001). Patriotism often played a more prominent role than Socialist ideas did. Many totalitarianists overlooked the facts that Stalin actually eliminated much of Socialist phraseology from Soviet propaganda during the war against Germany (1941– 1945)” (SHLAPENTOKH, Vladimir; SHIRAEV, Eric; CARROLL, Eero. **The Soviet Union**: internal and external perspectives on soviet society. New York: Palgrave Macmillan, 2008. p. 24).

<sup>783</sup> BRANDENBERGER, David. Stalin as symbol: a case study of the personality cult and its construction. In: DAVIES, Sarah; HARRIS, James. **Stalin a new history**. New York: Cambridge University Press, 2005. p. 250.

<sup>784</sup> “Acutely sensitive to the dynamics of power and weakness, the dictator gauged his country’s relative standing in the world by pondering trends in the “correlation of forces” – the sum total of military and other attributes of power determining at any given time the relationship between the hostile forces of socialism and capitalism” (MASTNY, Vojtech. **The cold war and soviet insecurity**: the stalin years. New York: Oxford University Press, 1998. p. 13).

<sup>785</sup> Essencialmente, nem mesmo estruturas ditatoriais seriam necessárias, na visão de Stalin: “As Stalin reminded the Polish communists in May 1946, “the democracy in Poland, Yugoslavia and partly in Czechoslovakia is a democracy that brings you close to socialism without the need to establish a dictatorship of the proletariat and a Soviet structure’. Because of the victories of the Red Army, there would be no repetition in Eastern Europe of Russia’s Civil War and foreign intervention and thus no need for a dictatorship. It would be up to the local communists to build a mass party, subvert, split or win over other parties, push for socio-economic changes short of nationalisation and collectivisation, and reorient the cultural life of their countries under the banner of fraternal relations with the Soviet Union.” (RIEBER, Alfred. Stalin as foreign policy-maker: avoiding war,

quer que as lutas anticolonialistas ou anticapitalistas surgissem, seria papel da URSS apoiar material e diplomaticamente, sem, no entanto, envolver-se diretamente. Esta estratégia foi mal percebida pelos ocidentais, que – por falta de conhecimento suficiente sobre a URSS – tomaram como se o objetivo de Stalin fosse instigar a revolução comunista em escala global. A essência do pensamento de política externa de Stalin é firmar a URSS como um modelo, um exemplo e um apoio, reduzindo ou mitigando as chances das potências coloniais ou imperialistas de usarem a força bruta para exterminar os processos de liberação dos povos.

Esse aparente paradoxo – de defender a ideia Marxista de inevitabilidade histórica, mais a certeza leninista em uma guerra contra o capitalismo e manter a prioridade de sobrevivência da URSS<sup>786</sup> através do “socialismo num só país” – é resolvido na segunda metade dos anos 50 com a criação do campo de Relações Internacionais na URSS<sup>787</sup>. O nascimento da disciplina de RI na URSS se dá durante Krushchev e é baseada no princípio diplomático da “Coexistência Pacífica” que se traduz na “Teoria dos Conflitos de Classe Horizontais e Verticais”:

It becomes clear from the development of the scheme by Marx and Engels that although neither they nor the Marxist-Leninists used the terms, they were thinking within a matrix composed of horizontal and vertical levels. The one we prefer to call vertical is the basic one - the division of society into classes. This is the vertical scale of conflict, the hub of history, where the real struggle was seen to be taking place and against the backdrop of which the “high-sounding dramas of princes” faded into insignificant perspective. From these vertical divisions derive, also in temporal terms (the state emerging after class) the horizontal units of nations and states (not always too carefully differentiated)<sup>788</sup>.

Segundo esta percepção, existiria o caráter de inevitabilidade da Luta de Classes apenas no sentido vertical (que compõe o “andar da História”). Esse vetor vertical, estrutural e inevitável, contudo, não rege as relações diplomáticas entre os Estados nos momentos do tempo presente. O vetor vertical aponta para um futuro certo e definido onde o socialismo prevalecerá

---

1927-1953. In: DAVIES, Sarah; HARRIS, James. **Stalin a new history**. New York: Cambridge University Press, 2005. p. 154).

<sup>786</sup> “Stalin perceived himself as the supreme arbiter, balancing the protection of Soviet interests within the security zones against the need to avoid antagonising the West or inviting their intervention. Stalin seems to have preferred to deal with a unified coalition that would guarantee stability and, in the case of Hitler’s former satellites, rapid fulfillment of armistice terms, but he could not afford to stand idly by while the local communists were isolated or, as happened in Western Europe in 1947, excluded from the governments altogether.” (RIEBER, Alfred. Stalin as foreign policy-maker: avoiding war, 1927-1953. In: DAVIES, Sarah; HARRIS, James. **Stalin a new history**. New York: Cambridge University Press, 2005. p. 157).

<sup>787</sup> “Nevertheless, it was during the Stalinist decades that the last stages in the process of transforming doctrine into ideology were completed and, as a corollary, there took place a transformation at depth in Soviet thinking on the subject of international relations.” (KUBALOVÁ, V.; CRUICKSHANK, A. **Marxism-Leninism and theory of international relations**. Londres: Routledge & Kegan Paul, 1980. p. 111).

<sup>788</sup> KUBALOVÁ, V.; CRUICKSHANK, A. A double omission. **British Journal of International Studies**, v. 3, n. 3, p. 286-307, oct. 1977. p. 291.

sobre outros sistemas e modos de produção. Mas, assim como em Marx existe um estruturalismo lado a lado com um espaço para ação humana<sup>789</sup>, segundo a Teoria que vai organizar a política externa soviética, o vetor horizontal não pede nem exige a luta de classes como determinante de ação. O vetor horizontal – o tempo presente dentro do espaço internacional – também não impõe necessidade de ação ou tempo para realização dos objetivos e resultados<sup>790</sup>.

### 4.3 OS FORMADORES DAS DOCTRINAS SOVIÉTICAS

#### 4.3.1 Marx

Ao contrário de muitas posições expressas por acadêmicos ocidentais<sup>791</sup>, Marx não escreveu sobre a perspectiva de um ambiente internacional no mesmo sentido que faz a disciplina das Relações Internacionais. Em Marx, não se tem a percepção de alguma identidade do campo “internacional” uma vez que, em sua visão, esse é ordenado segundo as mesmas forças centrais que são usadas para descrever os Estados ou as menores comunidades. Marx assume que a demanda transpassa universalmente os espaços regionais, nacionais e internacional ordenando os grupos e as sociedades ao redor de dois conceitos: as formas de produção e o caráter da propriedade. Além disto, Marx não escreveu especificamente sobre as relações entre os países ou sobre uma suposta diferença entre os espaços nacionais e internacionais para ação das forças políticas (característica, como veremos, do Realismo).

Isto não quer dizer, no entanto, que o marxismo (e sua vertente epistemológica o Materialismo Histórico) não tenha constituído um sólido campo de discussão da política internacional, e mesmo das relações internacionais. Mas, por exemplo, a constituição de um

---

<sup>789</sup> “Engels sees history much more as an objective, economically determined process running its naturally inevitable course. It takes minute attention to detect a difference in Marx, who, by contrast, tends to explain history as a process effected by subjects acting concretely in revolutionary practice.” (KUBALKOVÁ, V.; CRUICKSHANK, A. **Marxism-Leninism and theory of international relations**. Londres: Routledge & Kegan Paul, 1980. p. 19).

<sup>790</sup> “The intellectual subterfuge of mistaking values for facts (another charge that may well be levelled at the Soviet thinker), our Western intellectual credits himself with having ‘resolved’ by constructing such dichotomies as ‘order-versus justice’, ‘idealism versus realism’, etc. The ‘resolution’ is, of course, only another variety of subterfuge: a masquerade that does no more than demonstrate an awareness of the need to distinguish. The confusion that arises from this deception conveys the misleading impression of value free ‘objectivity’ – an ‘achievement’ of which Soviet theory has at least the grace (or the good sense) not to boast!” (KUBALKOVÁ, V.; CRUICKSHANK, A. Marxist perspectives ant the study of international relations: a rejoinder. **Review of international Studies**, v. 7, n. 1, p. 51-57, jan. 1981. p. 53).

<sup>791</sup> Fred Halliday, por exemplo, afirma que “Marx e Engels escreveram extensamente sobre as ‘questões internacionais’” (HALLIDAY, Fred. **Repensando as relações internacionais**. 2. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007. p. 73).



campo de estudo de “internacionalistas”<sup>792</sup> só ocorre na URSS no final dos anos 50 e inícios do 60, sendo saudada como “uma nova ciência marxista”<sup>793</sup>.

Socialist society, which owes its origin to conscious application of the discoveries of scientific socialism, is better than any other able to appraise the role and potentialities of science and to establish the most favourable conditions for its development. The Soviet Union is a clear confirmation of this. As regards the number of scientific workers and scientific institutions, and the scale of its training of scientific cadres, the Soviet Union is in advance of the well-developed capitalist countries. Soviet science has to its credit such outstanding achievements as the creation of atomic power stations, surface and submarine vessels with atomic engines, the construction of ultra-rapid computers, and successes in rocket construction. The launching of artificial earth satellites and the flights of Soviet cosmonauts opened a new page in the history of science.<sup>794</sup>

O importante a partir de Marx não é apenas sua epistemologia, mas especialmente a noção da dualidade da realidade (que surge com Platão e vai ter em Kant e Hegel suas expressões mais elaboradas) inserida dentro da perspectiva material. Não se trata mais de ver um mundo ideal perfeito como nascedouro das imperfeições materiais, mas se trata de perceber que são humanos o material e o ideológico e, como humanos, o material tem precedência sobre o ideológico<sup>795</sup>. Esse é um dos pontos lógicos que serão usados por Marx para entender a questão do Estado Nacional como menor dentro do seu construto teórico. O conceito de “Estado” em Marx é diferente do conceito usado nas Relações Internacionais. Para Marx, o Estado é essencialmente uma questão de representatividade<sup>796</sup>, e politicamente dependente do cidadão<sup>797</sup> e sua consciência crítica.

---

<sup>792</sup> Международник em russo.

<sup>793</sup> KUBALKOVÁ, V.; CRUICKSHANK, A. A double omission. **British Journal of International Studies**, v. 3, n. 3, p. 286-307, oct. 1977. p. 288.

<sup>794</sup> DUTT, Clemens. **Fundamentals of Marxism-Leninism**: manual. Moscow: Foreign Languages, 1963. p. 650.

<sup>795</sup> “Every history of religion, even, that fails to take account of this material basis, is uncritical. It is, in reality, much easier to discover by analysis the earthly core of the misty creations of religion, than, conversely, it is, to develop from the actual relations of life the corresponding celestialised forms of those relations. The latter method is the only materialistic, and therefore the only scientific one”. (MARX, Karl. **Capital**: a critique of political economy - volume I. Tradução Samuel Moore e Edward Aveling. Moscou: Progress Publishers, 1996. p. 330).

<sup>796</sup> “Hegel has failed to identify the issue in question here. It is the issue of representative versus Estate constitution. The representative constitution is a great advance, for it is the open, genuine, consistent expression of the condition of the modern state. It is the unconcealed contradiction.” (MARX, Karl. **Critique of hegel's philosophy of right**. London: Oxford University Press, 1970).

<sup>797</sup> “Thus, in order to behave as actual citizen of the state, to acquire political significance and efficacy, he must abandon his civil actuality, abstract from it, and retire from this entire organisation into his individuality. He must do this because the only existence that he finds for his state-citizenship is his pure, bare individuality, for the existence of the state as executive is complete without him, and his existence in civil society is complete without the state” (MARX, Karl. **Critique of hegel's philosophy of right**. London: Oxford University Press, 1970. p. 69).

Esse indivíduo, que se faz coletivamente em Estado, tem sua verdadeira natureza estabelecida pela sua relação com a demanda e produção. É na necessidade de sobrevivência e no trabalho que está a essência do indivíduo e, portanto, para Marx o Estado não tem existência material, mas apenas como ideologia, embora ambos sejam realidade<sup>798</sup>. A forma desse Estado vai depender, portanto, das formas materiais reais das relações de produção<sup>799</sup>.

In the estimation of that paper, my view that each special mode of production and the social relations corresponding to it, in short, that the economic structure of society, is the real basis on which the juridical and political superstructure is raised and to which definite social forms of thought correspond; that the mode of production determines the character of the social, political, and intellectual life generally, all this is very true for our own times, in which material interests preponderate, but not for the middle ages, in which Catholicism, nor for Athens and Rome, where politics, reigned supreme<sup>800</sup>.

Na epistemologia marxista, o materialismo histórico, é necessário primeiro o estudo da essência (infraestrutura) e não das suas representações ideológicas (superestrutura). O que faz Marx compreender que o estudo dos Modos de Produção, e em especial do capitalismo, não só precede em importância epistemológica o estudo do Estado, como condiciona a forma desse mesmo Estado.

Thus, in the history of society we see that the mode of exchanging products is regulated by the mode of producing them. Individual exchange corresponds also to a definite mode of production which itself corresponds to class antagonism. There is thus no individual exchange without the antagonism of classes<sup>801</sup>.

---

<sup>798</sup> Há em alguns comentadores de Marx a errônea ideia de que o conceito de “material” seria semelhante ao “real” e o “ideológico” ao “ideal”. Retomando a dicotomia filosófica de Platão, Kant e Hegel já mencionada. Isto é um erro, para Marx a ideologia é tão real quanto qualquer modo de produção, mas não “material” (MARX, Karl. **Theses on feuerbach**. [s.l.]: [s.n.], 1845. p. 1a tese). A dualidade marxista, e talvez a grande contribuição sua no campo da compreensão filosófica, é sempre uma dualidade real. “*However, they at least agreed in abstract, and emphasized strongly in their long struggles against anarchists and syndicalists that, for materialism, not only the economic structure of society, which underlay all other socio-historical phenomena, but also the juridical and political superstructure of Law and the State were realities. Consequently, they could not be ignored or dismissed in an anarcho-syndicalist fashion: they had to be overthrown in reality by a political revolution.*” (KORSCH, Karl. **Marxism and philosophy**. New York: Verso, 2012).

<sup>799</sup> “*The categories of bourgeois economy consist of such like forms. They are forms of thought expressing with social validity the conditions and relations of a definite, historically determined mode of production, viz., the production of commodities. The whole mystery of commodities, all the magic and necromancy that surrounds the products of labour as long as they take the form of commodities, vanishes therefore, so soon as we come to other forms of production.*” (MARX, Karl. **Capital: a critique of political economy - volume I**. Tradução Samuel Moore e Edward Aveling. Moscou: Progress Publishers, 1996. p. 50).

<sup>800</sup> Nota 34. (MARX, Karl. **Capital: a critique of political economy - volume I**. Tradução Samuel Moore e Edward Aveling. Moscou: Progress Publishers, 1996. p. 58).

<sup>801</sup> MARX, Karl. **The poverty of philosophy: answer to the philosophy of poverty by m. proudhon**. Moscou: Progress Publishers, 1955. p. 33.

Isto significa dizer que a essência do pensamento de Marx para a questão internacional passa pela análise dos modos de produção primeiro e não pelo construto superestrutural do Estado<sup>802</sup>. Todo modo de produção é caracterizado pelo conflito entre os que produzem e os que exploram, e esse conflito é sempre visto como algo filosoficamente benéfico<sup>803</sup>, uma vez que é o “motor” da história<sup>804</sup>. No capitalismo, as classes conflitantes são o proletariado e a burguesia<sup>805</sup>. Tal ideia, entretanto, não significa reduzir toda a complexidade da relação humana ao conflito de classes, mas requer conhecer que não há relação que não se assente materialmente nesse conflito<sup>806</sup>. Assim, todo Estado é sempre um Estado cujos valores são determinados pelos interesses da classe dominante. E não pode haver criação de um Estado diferente se a classe dominante não for mudada. Daí a necessidade de um governo do proletariado, que proceda o fim da propriedade privada e possa fazer nascer uma nova forma de Estado.

---

<sup>802</sup> “Every child knows a nation which ceased to work, I will not say for a year, but even for a few weeks, would perish. Every child knows, too, that the masses of products corresponding to the different needs required different and quantitatively determined masses of the total labor of society. That this necessity of the distribution of social labor in definite proportions cannot possibly be done away with by a particular form of social production but can only change the mode of its appearance, is self-evident. No natural laws can be done away with. What can change in historically different circumstances is only the form in which these laws assert themselves.” (MARX, Karl. **Abstract from marx to kugelmann in hanover (July, 11)**. London: [s.n.], 1868).

<sup>803</sup> “An oppressed class is the vital condition for every society founded on the antagonism of classes. **The emancipation of the oppressed class thus implies necessarily the creation of a new society.** For the oppressed class to be able to emancipate itself, it is necessary that the productive powers already acquired and the existing social relations should no longer be capable of existing side by side. Of all the instruments of production, the greatest productive power is the revolutionary class itself. The organisation of revolutionary elements as a class supposes the existence of all the productive forces which could be engendered in the bosom of the old society. Does this mean that after the fall of the old society there will be a new class domination culminating in a new political power? No.” (MARX, Karl. **The poverty of philosophy: answer to the philosophy of poverty by m. proudhon**. Moscou: Progress Publishers, 1955. p. 80).

<sup>804</sup> “The basic thought running through the Manifesto – that economic production, and the structure of society of every historical epoch necessarily arising therefrom, constitute the foundation for the political and intellectual history of that epoch; that consequently (ever since the dissolution of the primaevial communal ownership of land) all history has been a history of class struggles, of struggles between exploited and exploiting, between dominated and dominating classes at various stages of social evolution; that this struggle, however, has now reached a stage where the exploited and oppressed class (the proletariat) can no longer emancipate itself from the class which exploits and oppresses it (the bourgeoisie), without at the same time forever freeing the whole of society from exploitation, oppression, class struggles – this basic thought belongs solely and exclusively to Marx”. Engels, Preface to the 1883 German Edition (MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto of the communist party**. Moscou: Progress Publishers, 1969).

<sup>805</sup> Em outros momentos históricos foram outras as classes conflitantes.

<sup>806</sup> “It must be acknowledged that our labourer **comes out of the process of production other than he entered.** In the market he stood as owner of the commodity “labour-power” face to face with other owners of commodities, dealer against dealer. The contract by which he sold to the capitalist his labour-power proved, so to say, in black and white that he disposed of himself freely. The bargain concluded, it is discovered that he was no “free agent,” that the time for which he is free to sell his labour-power is the time for which he is forced to sell it, 163 that in fact the vampire will not lose its hold on him “so long as there is a muscle, a nerve, a drop of blood to be exploited.” For “protection” against “the serpent of their agonies,” the labourers must put their heads together, and, as a class, compel the passing of a law, an all-powerful social barrier that shall prevent the very workers from selling, by voluntary contract with capital, themselves and their families into slavery and death” (MARX, Karl. **Capital: a critique of political economy - volume I**. Tradução Samuel Moore e Edward Aveling. Moscou: Progress Publishers, 1996. p. 195).

Pouco ou quase nada Marx afirma sobre esse último Estado, o Estado comunista. E Marx não o faz por completa impossibilidade epistemológica. Não há como se pensar em um Estado desta forma tão diferente estando os pensadores imersos na materialidade e ideologia do estado burguês. O grande processo de Revolução, que “aniquila teórica e praticamente”<sup>807</sup> o seu passado, é o governo proletário. E somente após ele poder-se-ia pensar e conjecturar um estado comunista<sup>808</sup>.

De qualquer forma, três noções essenciais vindas de Marx fazem parte da teoria soviética de RI: (1) o conceito de estrutura, (2) o princípio do materialismo histórico como metodologia de análise e (3) o princípio do conflito incontornável na evolução da história da humanidade.

O conceito de estrutura em Marx<sup>809</sup> é desvelado em “Contribuição à Crítica da Economia Política” e pode ser assim definido:

1- A maior importância do todo relacional frente às suas partes<sup>810</sup>.

---

<sup>807</sup> “*Feuerbach starts off from the fact of religious self-estrangement, of the duplication of the world into a religious, imaginary world, and a secular one. His work consists in resolving the religious world into its secular basis. He overlooks the fact that after completing this work, the chief thing still remains to be done. For the fact that the secular basis lifts off from itself and establishes itself in the clouds as an independent realm can only be explained by the inner strife and intrinsic contradictoriness of this secular basis. The latter must itself be understood in its contradiction and then, by the removal of the contradiction, revolutionised. Thus, for instance, once the earthly family is discovered to be the secret of the holy family, the former must itself be annihilated theoretically and practically*” (MARX, Karl. **Theses on Feuerbach**. [s.l.]: [s.n], 1845. p. 4a tese).

<sup>808</sup> De alguma forma, tal visão era partilhada por Stalin. Ao pedir para cientistas soviéticos escreverem um livro sobre um curso básico de economia política soviética, em 1950, Josif se surpreendeu com o nível de submissão ao dogmatismo marxista-leninista, ao que replicou “*If you search everything in Marx, you’ll get off track ... In the USSR you have a laboratory ... and you think Marx should know more than you about socialism*” (POLLOCK, Ethan. Stalin as the coryphaeus of science: ideology and knowledge in the post-war years. In: DAVIES, Sarah; HARRIS, James. **Stalin a new history**. Londres: Cambridge University Press, 2005. p. 283).

<sup>809</sup> “*Materialism teaches that the world exists objectively, and that consciousness is a reflection of the world. The philosophical concept of matter is used to designate the entire objective world. As for the physical structure of the world and its physical properties, these are studied by physics, and as science develops our views on the physical structure of matter change. But those changes, however great, cannot shake the proposition of philosophical materialism that there exists an objective world and that physics, like many other sciences, deals with this objective, material world. “For the sole ‘property’ of matter with whose recognition philosophical materialism is hound up”, Lenin wrote, “is the property of being an objective reality, of existing outside our mind”*. (DUTT, Clemens. **Fundamentals of Marxism-Leninism**: manual. Moscow: Foreign Languages, 1963. p. 30).

<sup>810</sup> “*The general conclusion at which I arrived and which, once reached, became the guiding principle of my studies can be summarised as follows. In the social production of their existence, men inevitably enter into definite relations, which are independent of their will, namely relations of production appropriate to a given stage in the development of their material forces of production. The totality of these relations of production constitutes the economic structure of society, the real foundation, on which arises a legal and political superstructure and to which correspond definite forms of social consciousness.*” (MARX, Karl. **A contribution to the critique of political economy**. Moscow: Progress Publishers, 1859. p. 4).

2- A maior importância das relações do que sobre os termos relacionados<sup>811</sup>.

3- A ideia de estrutura não é aparente, mas se encontra escamoteada nos fenômenos<sup>812</sup>.

A concepção de estrutura original de Marx é muito mais fluida do que alguns de seus comentadores fazem supor<sup>813</sup>. Marx é ainda mais sutil com relação à oposição agente x estrutura, deixando muito mais espaço para a agência humana do que Engels o fez<sup>814</sup>, por exemplo.

“What exactly is meant by the material life of society, which, as historical materialism has established, determines the whole face of society, its structure, its views and its institutions?<sup>815</sup>”

É característica do materialismo histórico uma tensão entre agente e estrutura, entre o “*animus*” do agente e as restrições materiais e estruturais a que esse agente está submetido. O estudo dessas tensões revela os limites da agência humana no tempo e na sociedade. O materialismo histórico, para além do método dialético, completa o cenário que afirma que as estruturas do meio internacional são capitalistas e determinadas pela classe dominante<sup>816</sup>. O

---

<sup>811</sup> “*But in society, the relation of the producer to the product after its completion is extrinsic, and the return of the product to the subject depends on his relations to other individuals.*” (MARX, Karl. **A contribution to the critique of political economy**. Moscow: Progress Publishers, 1859. p. 118).

<sup>812</sup> “*Although it is thus correct to say that exchange-value is a relation between persons, it is however necessary to add that it is a relation hidden by a material veil.*” (MARX, Karl. **A contribution to the critique of political economy**. Moscow: Progress Publishers, 1859. p. 10).

<sup>813</sup> “*The course of history being predetermined by laws of its own is an absolute in its own right, and all that man has to do is to conform to those laws and to help to fulfil them. Hegel, the real inventor of what came to be known to German philosophers as Historismus, preached that freedom consisted in the recognition and voluntary acceptance of necessity. This form of historical determinism is the basis of what may be called the “scientific” side of Marx’s teaching: the contradictions of capitalism made socialism demonstrably inevitable.*” (CARR, Edward. **The soviet impact on the wessern world**. New York: The Macmillan Company, 1947. p. 89); “*Marx’s social laws on the other hand sound much less rigorous: alternatives are not excluded and decisions are conditional; it does not necessarily follow that the outcome must be unconditional*” (KUBALCOVÁ, V.; CRUICKSHANK, A. **Marxism-Leninism and theory of international relations**. Londres: Routledge & Kegan Paul, 1980. p. 26).

<sup>814</sup> “*Engels sees history much more as an objective, economically determined process running its naturally inevitable course. It takes minute attention to detect a difference in Marx, who, by way of contrast, tends to explain history as a process effected by subjects acting concretely in revolutionary practice*” (KUBALCOVÁ, V.; CRUICKSHANK, A. **Marxism-Leninism and theory of international relations**. Londres: Routledge & Kegan Paul, 1980. p. 19).

<sup>815</sup> DUTT, Clemens. **Fundamentals of Marxism-Leninism**: manual. Moscow: Foreign Languages, 1963. p. 118.

<sup>816</sup> “*As money develops into international money, so the commodity-owner becomes a cosmopolitan. The cosmopolitan relations of men to one another originally comprise only their relations as commodity-owners. Commodities as such are indifferent to all religious, political, national and linguistic barriers. Their universal language is price and their common bond is money. But together with the development of international money as against national coins, there develops the commodity-owner’s cosmopolitanism, a cult of practical reason, in opposition to the traditional religious, national and other prejudices which impede the metabolic process of mankind. The commodity-owner realizes that nationality “is but the guinea’s stamp”, since the same amount of gold that arrives in England in the shape of American eagles is turned into sovereigns, three days later circulates as napoleons in Paris and may be encountered as ducats in Venice a few weeks later. The sublime idea in which for him the whole world merges is that of a market, the world market.*” (MARX, Karl. **A contribution to the critique of political economy**. Moscow: Progress Publishers, 1859. p. 87-88).

materialismo histórico de Marx (e depois de Stalin) afirma que não há diferença entre o “internacional” e o doméstico no que tange à aplicabilidade dos métodos de análise. As relações de produção permeiam os construtos sociais e políticos, sendo impossível, portanto, falar-se em “anarquia” no âmbito internacional. O capital hierarquiza<sup>817</sup> os sistemas dos quais se apropria.

Although this circumstance continually brings an unwelcome number of new soldiers of fortune into the field and into competition with the already existing individual capitalists, it also reinforces the supremacy of capital itself, expands its base and enables it to recruit ever new forces for itself out of the substratum of society. In a similar way, the circumstance that the Catholic Church in the Middle Ages formed its hierarchy out of the best brains in the land, regardless of their estate, birth or fortune, was one of the principal means of consolidating ecclesiastical rule and suppressing the laity. The more a ruling class is able to assimilate the foremost minds of a ruled class, the more stable and dangerous becomes its rule<sup>818</sup>.

Esta condição de estrutura de classe, reconhecida por Marx como essência dos construtos sociais humanos – sejam nacionais ou internacionais – enseja necessariamente dois tipos de conflitos. Um é benéfico, parte do processo dialético que Marx chama de “o motor da História”. O conflito entre as classes é o germe da mudança e, portanto, tem um caráter tanto perene<sup>819</sup> quanto positivo na teorização de Marx<sup>820</sup>. É um conflito do qual não se pode escapar, mas que por ser estrutural está envolto em uma série de condicionantes que o tornam difícil de perceber sem o ferramental analítico adequado. Aqui, Marx desenvolve a ideia da luta internacional do proletariado. Os sentidos de “emancipação” e “crítica” se tornam a gênese da ação revolucionária internacional.

Thus, feudal production, to be judged properly, must be considered as a mode of production founded on antagonism. It must be shown how wealth was produced within this antagonism, how the productive forces were developed at the same time as class antagonisms, how one of the classes, the bad side, the drawback of society,

<sup>817</sup> “In spite of both of them, in spite of manuals and utopias, combination has not yet ceased for an instant to go forward and grow with the development and growth of modern industry. It has now reached such a stage, that the degree to which combination has developed in any country clearly marks the rank it occupies in the hierarchy of the world market. England, whose industry has attained the highest degree of development, has the biggest and best organised combinations.” (MARX, Karl. **The poverty of philosophy**: answer to the philosophy of poverty by m. proudhon. Moscou: Progress Publishers, 1955. p. 79).

<sup>818</sup> MARX, Karl. **Capital**: a critique of political economy - volume III. Moscou: International Publishers, 1996. p. 448.

<sup>819</sup> Sobre isto ver a introdução de Engels: “For this reason, it is only too often necessary in current history to treat this, the most decisive, factor as constant, and the economic situation existing at the beginning of the period concerned as given and unalterable for the whole period, or else to take notice of only such changes in this situation as arise out of the patently manifest events themselves, and are, therefore, likewise patently manifest. So here the materialist method has quite often to limit itself to tracing political conflicts back to the struggles between the interests of the existing social classes and fractions of classes caused by economic development, and to demonstrate that the particular political parties are the more or less adequate political expression of these same classes and fractions of classes.” (MARX, Karl. **The class struggle in france, 1848-1850**. Moscou: Progress Publishers, 1969. p. 1-2).

<sup>820</sup> “The class struggle permeates the whole history of exploiting society. Its creative, progressive significance is felt even under conditions of the “peaceful”, evolutionary development of each formation.” (DUTT, Clemens. **Fundamentals of Marxism-Leninism**: manual. Moscow: Foreign Languages, 1963. p. 159).

went on growing until the material conditions for its emancipation had attained full maturity. Is not this as good as saying that the mode of production, the relations in which productive forces are developed, are anything but eternal laws, but that they correspond to a definite development of men and of their productive forces, and that a change in men's productive forces necessarily brings about a change in their relations of production? As the main thing is not to be deprived of the fruits of civilization, of the acquired productive forces, the traditional forms in which they were produced must be smashed. From this moment, the revolutionary class becomes conservative<sup>821</sup>.

Uma segunda noção de conflito surge no construto teórico-social de Marx. O conflito final entre capitalismo e socialismo, quando o primeiro deverá sucumbir ante o segundo. Esse conflito não se diferencia estruturalmente do primeiro (conflito entre classes), uma vez que Marx não faz a diferenciação entre “estrutura” e “sistema”<sup>822</sup>. Contudo, a noção do conflito entre os dois sistemas, que origina a revolução que porá abaixo o capitalismo, depende, necessariamente, das condições materiais próprias para acontecer. E, portanto, ela se prolonga para um futuro que se presentifica apenas pela noção de inevitabilidade histórica, somada com a objetividade científica a que o marxismo se remete. Especialmente após o fracasso da Primavera dos Povos (1848)<sup>823</sup>, os escritos de Marx se tornam menos acalorados quanto à possibilidade de uma vitória rápida sobre o capitalismo. Esta vitória está sempre no Futuro, e em raros textos Marx a coloca em qualquer no presente próximo.

In a future society, in which class antagonism will have ceased, in which there will no longer be any classes, use will no longer be determined by the minimum time of production; but the time of production devoted to different articles will be determined by the degree of their social utility<sup>824</sup>.

---

<sup>821</sup> MARX, Karl. **The poverty of philosophy**: answer to the philosophy of poverty by m. proudhon. Moscou: Progress Publishers, 1955. p. 54-55.

<sup>822</sup> “*The very moment civilisation begins, production begins to be founded on the antagonism of orders, estates, classes, and finally on the antagonism of accumulated labour and actual labour. No antagonism, no progress. This is the law that civilisation has followed up to our days.*” (MARX, Karl. **The poverty of philosophy**: answer to the philosophy of poverty by m. proudhon. Moscou: Progress Publishers, 1955. p. 25).

<sup>823</sup> MARX, Karl. **The class struggle in france, 1848-1850**. Moscou: Progress Publishers, 1969. p. 15-20.

<sup>824</sup> MARX, Karl. **The poverty of philosophy**: answer to the philosophy of poverty by m. proudhon. Moscou: Progress Publishers, 1955. p. 26.

Figura 5 - Nuvem conceitual retirada do texto "Teses sobre Feuerbach de Karl Marx"<sup>825</sup>



Fonte: Elaborado pelo autor, 2018

Figura 6 - Nuvem conceitual retirada do texto "Prefácio à Crítica à filosofia do Direito de Hegel" de Karl Marx<sup>826</sup>



Fonte: Elaborado pelo autor, 2018

<sup>825</sup> É a primeira vez que esta metodologia aparece nesta tese. Ela será muito utilizada e mais bem discutida no capítulo seguinte. Por ora é suficiente dizer ao leitor que cinco informações podem ser retiradas desses quadros conceituais: (1) as palavras são as mais utilizadas dentro do discurso que deu origem à nuvem. (2) quanto maior a fonte da palavra, mais utilizada ela foi; (3) as cores determinam grupos de sentido conforme a argumentação do autor. Palavras mais próximas também representam grupos de sentido. (4) O fluxo do texto original corre na nuvem de cima para baixo e da esquerda para a direita numa linha descendente diagonal e (5) as ideias do autor podem ser percebidas pelas aglomerações de palavras ou de cores. Vermelho, azul e verde são os sentidos de cada linha argumentativa. Cores misturadas representam palavras usadas em dois ou mais grupos de sentido.

<sup>826</sup> É possível ver nas duas nuvens dos textos de Marx que suas formas de análise passam pela noção de "materialism" como algo diferente de "reality" e de "abstract". O caminho argumentativo de Marx é dado pela sequência "reality", "essence", "objective", "activity" e então "materialism". E num outro conjunto semântico "human", "individual", "secular" e "sensuous". Quando na segunda nuvem (da Crítica à filosofia do direito de Hegel), todo o texto gira em torno de "emancipation" com os termos "world" (em vermelho), "nations" (em verde) e "Society" (em azul) fazendo parte de conjuntos semânticos diferentes (que são gerados por argumentações diferentes) mas desembocam todos em "emancipation". É importante notar a ausência da relação "power" e "state" que aparecerá fortemente mais adiante.



### 4.3.2 Lênin

A importância de Vladimir Ilyich Ulyanov (Lênin) para a história da URSS não precisa ser mais afirmada. Ainda assim, é essencial salientar a figura de Lênin como teórico e adaptador das ideias marxistas para o século XX. Suas contribuições são tão importantes que a partir do estabelecimento da URSS sua ideologia é autonominada como “Marxismo-Leninismo”<sup>827</sup>. Lênin lidou com uma série de problemas teóricos e filosóficos (como por exemplo a definição de dialética e mesmo de “classe” que não são claramente positivadas nos escritos de Marx), mas – mais importante – Lênin operacionalizou o marxismo como teoria da mudança efetiva, trazendo do Futuro para ações controladas e coordenadas no Presente a expectativa da mudança.

All over the world the communist movement is growing, if not as fast as those of us who measured it by wartime and immediate post-war standards expected, at all events it is growing and is becoming sound, solid, broad and deep. And if we, in co-operation with the Communist Parties that now exist in all, or nearly all, countries, soberly assess our position and are not afraid to admit our mistakes, we shall victoriously emerge from all these difficulties. Lenin, Discurso 27 de março de 1922<sup>828</sup>.

Com Lênin, não apenas a Revolução ganhou um caminho prático mais claro, mas, por aproximar-se das questões marxistas a partir da noção reduzida de “sistema” (em vez da “estrutura” marxista clássica), Lênin pode reduzir o escopo das variáveis intervenientes e oferecer soluções factíveis aos problemas que foram enfrentados tanto pelo Partido Comunista quando pela própria URSS<sup>829</sup>. Esse processo trouxe o início de uma “domesticação do marxismo”<sup>830</sup>, no sentido de afastar-se da noção internacionalista nas ações presentes, para

---

<sup>827</sup> “*But it would be wrong to suppose that Lenin's method is merely the restoration of the method of Marx. As a matter of fact, Lenin's method is not only the restoration, but also the concretization and further development of the critical and revolutionary method of Marx, of his materialist dialectics.*” (STALIN, Josef. **Foundations of leninism**. New York: International Publishers, 1939. p. 27).

<sup>828</sup> LENIN, Vladimir. **Collected works** - August 1921-March 1923. Moscow: Progress Publishers, 1973. p. 262.

<sup>829</sup> “*That is why very many people are misled by the term state capitalism. To avoid this we must remember the fundamental thing that state capitalism in the form we have here is not dealt with in any theory, or in any books, for the simple reason that all the usual concepts connected with this term are associated with bourgeois rule in capitalist society. Our society is one which has left the rails of capitalism, but has not yet got on to new rails. The state in this society is not ruled by the bourgeoisie, but by the proletariat. We refuse to understand that when we say “state” we mean ourselves, the proletariat, the vanguard of the working class. State capitalism is capitalism which we shall be able to restrain, and the limits of which we shall be able to fix. This state capitalism is connected with the state, and the state is the workers, the advanced section of the workers, the vanguard. We are the state.*” Relatório político para o Comitê Central de 27 de março de 1922. (LENIN, Vladimir. **Collected works** - August 1921-March 1923. Moscow: Progress Publishers, 1973. p. 278).

<sup>830</sup> “*All the Bolshevik leaders beginning with Lenin sought to resolve the dilemma by domesticating foreign policy. That is, without abandoning the rhetoric or the long-term goal of world revolution, they gave precedence to strengthening the institutions of the Soviet Union and centralizing state power by restricting autonomy in the borderlands and controlling the activities of foreign Communist parties in the Comintern. Stalin gradually accelerated this trend. By the mid-1930s his campaign to suffuse Soviet institutions and ideology with a Great*

focar em sistemas políticos domésticos ou com alguma relevância imediata para a URSS<sup>831</sup>. A presença da utopia comunista, característica de Marx<sup>832</sup>, ainda se mantinha<sup>833</sup>, mas era projetada para um Futuro distante, embora certo<sup>834</sup>.

The Ninth All-Russia Congress of Soviets sat in Moscow on December 23-28, 1921. It was attended by 1,993 delegates, of whom 1,631 had a casting vote and 362 a consultative voice. This Congress summed up the first results of activities under the New Economic Policy, fully approving the home and foreign policy of the workers' and peasants' government. In its "Declaration on the International Position of the R.S.F.S.R.", the Congress made the proposal to the governments of neighbouring and all other states to found their foreign policy on the principle of peaceful coexistence, on "peaceful and friendly coexistence with the Soviet republics"<sup>835</sup>.

As bases epistemológicas da teoria de Lênin sobre o "Imperialismo"<sup>836</sup> levam exatamente a noção de sistema. A concepção internacional de "Capitalismo" (de Marx) era

---

*Russian coloring suggests that the process of domestication was giving way to nationalizing the state.*" (RIEBER, Alfred. **Stalin and the struggle for supremacy in Eurasia**. Cambridge: Cambridge University Press, 2015. p. 90).

<sup>831</sup> Mais tarde, Carr chamaria a esse movimento de "Realismo": "*In other words, while the Soviet Government continued to indulge on occasion for propaganda purposes in idealistic gestures such as Mr. Litvinov's plan for total disarmament, Soviet foreign policy in general tended to be couched in more "realistic" terms than those of other Powers and thus to promote a reaction towards "realism".*" (CARR, Edward. **The soviet impact on the wessern world**. New York: The Macmillan Company, 1947. p. 77-78).

<sup>832</sup> Lênin estabelece pelo discurso que não se trata de utopia, mas "experiência das massas": "*Marx did not indulge in utopias; he expected the experience of the mass movement to provide the reply to the question as to the specific forms this organisation of the proletariat as the ruling class would assume and as to the exact manner in which this organisation would be combined with the most complete, most consistent "winning of the battle of democracy."*" (LENIN, Vladimir. **State and revolution**. Moscow: Progressing Publishers, 1918. p. 25).

<sup>833</sup> "*The pedants of Marxism think that this is all ethical twaddle, romanticism, and lack of a sense of reality! No, gentlemen, this is the combination of revolutionary theory and revolutionary policy, without which Marxism becomes Brentanoism, Struvisism and Sombartism. The Marxian doctrine has fused the theory and practice of the class struggle into one inseparable whole. And he is no Marxist who takes a theory that soberly states the objective situation and distorts it into a justification of the existing order and even goes to the length of trying to adapt himself as quickly as possible to every temporary decline in the revolution, to discard "revolutionary illusions" as quickly as possible, and to turn to "realistic" tinkering.* Lenin prefácio a "**Karl Marx, Letters to Dr Kugelmann**" publicado em 1907

<sup>834</sup> "*But see how things have changed now that political power is in the hands of the working class, now that the political power of the exploiters is overthrown and all the means of production (except those which the workers' state voluntarily abandons on specified terms and for a certain time to the exploiters in the form of concessions) are owned by the working class. Now we are entitled to say that for us the mere growth of co-operation (with the "slight" exception mentioned above) is identical with the growth of socialism, and at the same time we have to admit that there has been a radical modification in our whole outlook on socialism. The radical modification is this: formerly we placed, and had to place, the main emphasis on the political struggle, on revolution, on winning political power, etc. Now the emphasis is changing and shifting to peaceful, organisational, "cultural" work. I should say that emphasis is shifting to educational work, were it not for our international relations, were it not for the fact that we have to fight for our position on world scale. If we leave that aside, however, and confine ourselves to internal economic relations, the emphasis in our work is certainly shifting to education.*" (LENIN, Vladimir. On co-operation. **Pravda**, may. 1923).

<sup>835</sup> LENIN, Vladimir. **Collected works** - August 1921-March 1923. Moscow: Progress Publishers, 1973. p. 513.

<sup>836</sup> Lênin inicia seu "*Imperialism Highest stage of capitalism*" dizendo que seu objetivo é fazer uma "*analysis of the objective position of the ruling classes in all belligerent countries*" (LENIN, Vladimir. **Collected works** - December 1915-July 1916. v. 22. Moscou: Progress Publishers, 1974. p. 190). para, em seguida, afirmar que "*scattered capitalists are transformed into a single collective capitalist*" (LENIN, Vladimir. **Collected works**

quebrada funcionalmente em diversos “sistemas”, cujos objetivos variavam conforme o nível de desenvolvimento capitalista de cada país<sup>837</sup>. Reintroduzindo novamente a ideia de “Estado”<sup>838</sup> sem descartar os sentidos de classe clássicos do marxismo, Lênin conseguia dois objetivos: (1) iniciava uma divisão do mundo em mais do que os dois grupos originais de Marx (burguesia e proletariado)<sup>839</sup>, e assim abria caminho para o reconhecimento metodológico de

---

- August 1914-December 1915. v. 21. Moscou: Progressive Publishers, 1974. p. 214) e chegar à conclusão que “*We see three areas of highly developed capitalism (high development of means of transport, of trade and of industry): the Central European, the British and the American areas. Among these are three states which dominate the world: Germany, Great Britain, the United States.*” (LENIN, Vladimir. **Collected works** - December 1915-July 1916. v. 22. Moscou: Progress Publishers, 1974. p. 273). Nesse caminho, Lênin analisa o capitalismo através de sistemas de países ligados através do conceito marxista de exploração e do leninista de “imperialismo”.

<sup>837</sup> “*In this respect, countries must be divided into three main types. First, the advanced capitalist countries of Western Europe and the United States. In these countries progressive bourgeois national movements came to an end long ago. Every one of these “great” nations oppresses other nations both in the colonies and at home. The tasks of the proletariat of these ruling nations are the same as those of the proletariat in England in the nineteenth century in relation to Ireland. Secondly, Eastern Europe: Austria, the Balkans and particularly Russia. Here it was the twentieth century that particularly developed the bourgeois-democratic national movements and intensified the national struggle. The tasks of the proletariat in these countries, both in completing their bourgeois-democratic reforms, and rendering assistance to the socialist revolution in other countries, cannot be carried out without championing the right of nations to self-determination. The most difficult and most important task in this is to unite the class struggle of the workers of the oppressor nations with that of the workers of the oppressed nations. Thirdly, the semi-colonial countries, such as China, Persia and Turkey, and all the colonies, which have a combined population of 1,000 million. In these countries the bourgeois-democratic movements either have hardly begun, or have still a long way to go. Socialists must not only demand the unconditional and immediate liberation of the colonies without compensation—and this demand in its political expression signifies nothing else than the recognition of the right to self-determination; they must also render determined support to the more revolutionary elements in the bourgeois-democratic movements for national liberation in these countries and assist their uprising—or revolutionary war, in the event of one—against the imperialist powers that oppress them.*” “*The Socialist Revolution and the right of nations to self-determination*” (LENIN, Vladimir. **Collected works** - December 1915-July 1916. v. 22. Moscou: Progress Publishers, 1974. p. 150-151).

<sup>838</sup> Lênin começa o seu “Estado e Revolução”, de 1918, dizendo que: “*This expresses with perfect clarity the basic idea of Marxism with regard to the historical role and the meaning of the state. The state is a product and a manifestation of the irreconcilability of class antagonisms. The state arises where, when and insofar as class antagonism objectively cannot be reconciled. And, conversely, the existence of the state proves that the class antagonisms are irreconcilable.*” (LENIN, Vladimir. **State and revolution**. Moscow: Progressing Publishers, 1918. p. 7), para então dizer que a interpretação que dão a Engels é errada e afirmar que “*We have already said above, and shall show more fully later, that the theory of Marx and Engels of the inevitability of a violent revolution refers to the bourgeois state.*” (LENIN, Vladimir. **State and revolution**. Moscow: Progressing Publishers, 1918. p. 14), chegando à conclusão completamente oposta ao argumento de Engels com: “*The supersession of the bourgeois state by the proletarian state is impossible without a violent revolution. The abolition of the proletarian state, i.e., of the state in general, is impossible except through the process of “withering away.”*” (LENIN, Vladimir. **State and revolution**. Moscow: Progressing Publishers, 1918. p. 15). Como conclusão, Lênin afirma: “*The proletariat needs state power, a centralized organization of force, an organization of violence, both to crush the resistance of the exploiters and to lead the enormous mass of the population — the peasants, the petty bourgeoisie, and semi-proletarians — in the work of organizing a socialist economy.*” (LENIN, Vladimir. **State and revolution**. Moscow: Progressing Publishers, 1918. p. 17).

<sup>839</sup> Importante notar que esse caminho já estava sendo trilhado pelo próprio Marx. Em seus últimos escritos, Marx já apontava para a necessidade de se reconhecer o Estado como “framework” para as organizações de classe: “*It is altogether self-evident that, to be able to fight at all, the working class must organize itself at home as a class and that its own country is the immediate arena of its struggle -- insofar as its class struggle is national, not in substance, but, as the Communist Manifesto says, “in form”. But the “framework of the present-day national state”, for instance, the German Empire, is itself, in its turn, economically “within the framework” of the world market, politically “within the framework” of the system of states. Every businessman knows that*

com quais atores a URSS deveria realmente lidar e (2) ao recolocar o “Estado” como ator internacional<sup>840</sup>, Lênin tinha na diplomacia, no direito e nas ações públicas desses Estados uma maior e melhor quantidade de informações sobre suas estratégias capitalistas e seus objetivos. O “Imperialismo” enquadrava as ações de “classe”, que em Marx se mostravam pulverizadas muitas vezes no campo do privado, para dentro do Estado e permitia distinguir então entre Estados capitalistas pobres, Estados capitalistas coloniais, Estados imperialistas e etc.<sup>841</sup> Não só a estratégia soviética ganhava um inimigo comum (os Estados imperialistas, ao invés de qualquer Estado capitalista), como também a redução dos atores significativos no cenário internacional permitia uma compreensão mais efetiva dos objetivos a curto e médio prazo da política externa soviética.

“That is why our successes of the last three years will lead to still greater successes in foreign policy during the coming year. Our policy is grouping around the Soviet Republic those capitalist countries which are being strangled by imperialism”<sup>842</sup>.

Reconhecer que o capitalismo teria fases de desenvolvimento diferenciadas e que elas eram tão diferentes que produziam efeitos domésticos e internacionais diferentes tinha como resultado lógico o reconhecimento também de que o proletariado encontrar-se-ia em diferentes estágios de organização e formação de consciência de classe. Mas, como a consciência de classe, pertence originalmente ao rol da “superestrutura”, era necessário reconhecer que o proletariado estaria EM RELAÇÃO MATERIAL diferentemente organizado. Por isto que a Teoria do Desenvolvimento Capitalista desigual e combinado condiciona a ideia de Imperialismo e rompe com a tradicional ideia marxista da possibilidade da unidade

---

*German trade is at the same time foreign trade, and the greatness of Herr Bismarck consists, to be sure, precisely in his pursuing a kind of international policy.”* (MARX, Karl. **Critique of the gotha programme (1875)**. Moscou: Progress Publishers, 1970. p. 13).

<sup>840</sup> “*The divisions of mankind into states and nations, which will here be referred to as horizontal division. Are derivative an epiphenomenon of the vertical divisions into classes. It should be noted, however, that in his youth, Marx, like Hegel, at first emphasized the state, and only later did he develop the concept of class (cf. the familiar statement, ‘Man is the world of man, the state, society’)*” (KUBALCOVÁ, V.; CRUICKSHANK, A. **Marxism-Leninism and theory of international relations**. Londres: Routledge & Kegan Paul, 1980. p. 35).

<sup>841</sup> “*While we stand alone and the capitalist world is strong, our foreign policy consists, on the one hand, in our having to utilise disagreements (to vanquish all the imperialist powers would, of course, be a most pleasant thing, but for a fairly long time we shall not be in a position to do so). On the one hand, our existence depends on the presence of radical differences between the imperialist powers, and, on the other, on the Entente’s victory and the Peace of Versailles having thrown the vast majority of the German nation into a situation it is impossible for them to live in. The Peace of Versailles has created a situation in which Germany cannot even dream of a breathing-space, or of not being plundered, of not having the means of subsistence taken away from her, of her people not being doomed to starvation and extinction; Germany cannot even dream of any of these things, so that, naturally, her only means of salvation lies in an alliance with Soviet Russia, a country towards which her eyes are therefore turning.*” Relatório ao oitavo Congresso dos Soviets, 21 de dezembro de 1920. (LENIN, Vladimir. **Collected works** - April-December 1920. v. 31. Moscow: Progress Publishers, 1974. p. 475).

<sup>842</sup> LENIN, Vladimir. **Collected works** - April-December 1920. v. 31. Moscow: Progress Publishers, 1974. p. 477-478.

internacional dos trabalhadores. Não só esse construto teórico explicava por que grupos de proletários ao redor do globo não aderiam às ações políticas revolucionárias (sem a necessidade de recorrer ao conceito de “nacionalismo”), como também permitia a visualização das necessidades de ação revolucionária no mundo através da noção funcional de “sistema” cuja essência conceitual mantinha-se ainda dentro do materialismo histórico, já que era econômica<sup>843</sup>. A luta entre capitalismo e socialismo era profundamente relativizada:

It is sufficient to state this question clearly to make it impossible for any reply to be given other than in the negative; for any other basis under capitalism for the division of spheres of influence, of interests, of colonies, etc., than a calculation of the strength of the participants in the division, their general economic, financial, military strength, etc., is inconceivable. And the strength of these participants in the division does not change to an equal degree, for the even development of different undertakings, trusts, branches of industry, or countries is impossible under capitalism. Half a century ago Germany was a miserable, insignificant country, as far as her capitalist strength was concerned, compared with the strength of England at that time; Japan was the same compared with Russia. Is it "conceivable" that in ten or twenty years' time the relative strength of the imperialist powers will have remained unchanged? Absolutely inconceivable. Imperialism the highest stage of Capitalism<sup>844</sup>.

Ao transformar e quebrar a estrutura internacional capitalista de Marx, em sistemas capitalistas com diferentes estágios e interesses que poderiam ser medidos por meio de indicadores materiais (economia, força militar, poder financeiro e etc.), Lênin estabelecia toda uma nova epistemologia para o Marxismo que não negava as questões de classe, mas a colocava em “níveis de análise”<sup>845</sup> diferentes, e em tempos humanos também diferentes<sup>846</sup>.

Nesse novo construto, os problemas primários passavam a ser os do Estado soviético e a relação dele com os sistemas de poder: estados com capitalismo avançado ou “imperialistas”, Estados com capitalismo ainda em estágio de luta interna por hegemonia e Estados em situação

---

<sup>843</sup> “*The chief factor in politics today is the violence being used by the imperialists against peoples which have not had the good fortune to be among the victors; this world policy of imperialism is leading to closer relations, alliance and friendship among all the oppressed nations. The success we have achieved in this respect in the West as well, in relation to more Europeanised states, goes to show that the present principles of our foreign policy are correct and that the improvement in our international position rests on a firm basis.*” Relatório ao 8º Congresso dos Soviéticos. 21 de dezembro de 1920. (LENIN, Vladimir. **Collected works** - April-December 1920. v. 31. Moscow: Progress Publishers, 1974. p. 491).

<sup>844</sup> LENIN, Vladimir. **Collected works** - December 1915-July 1916. v. 22. Moscou: Progress Publishers, 1974. p. 295.

<sup>845</sup> A semelhança com o léxico empregado pela Teoria Realista das RI não é fortuita. Tampouco deve passar despercebido ao analista mais acurado que o Marxismo-Leninismo metodologicamente introduzia nas RI toda a conceituação efetiva de poder que futuramente será utilizada por Morgenthau e Waltz, como mais adiante será mostrado.

<sup>846</sup> Os tempos humanos do Passado, Presente e Futuro. O marxismo-leninismo continuava imaginando o conflito inafastável entre capitalismo e socialismo, mas apenas num Futuro muito distante. Mais do que tudo, o Leninismo abria uma brecha para ações presentes que fossem paradoxais à teoria marxista, como a *New Economic Politics* (NEP) e mesmo a possibilidade de comércio e acordos de paz com países capitalistas. A questão sobre o futuro é tratada mais adiante nesse capítulo. (LENIN, Vladimir. **Collected works** - August 1921-March 1923. Moscow: Progress Publishers, 1973. p. 204-227).

de colônias ou tentando libertar-se. Todos esses três sistemas eram regidos pelo marxismo clássico e seus conceitos (luta de classes, burguesia, alienação, ideologia e etc.), contudo, a interrelação deles era mais complexa do que Marx inicialmente podia supor. Dado esse novo arranjo do capitalismo, a URSS deveria primeiro cuidar de sua (do Estado) segurança, e para isto Lênin abre dois novos espaços teóricos: (1) admite a possibilidade do “socialismo num só país”<sup>847</sup> e (2) reforça a necessidade dos meios materiais de luta criando um “compasso de espera” revolucionário<sup>848</sup>. Esta noção não é inteiramente nova, Marx em seus escritos havia afirmado que a revolução só poderia ser possível em caso de presentes os condicionantes materiais<sup>849</sup>.

Ocorre que a ideia de “condicionantes materiais” para Marx e Engels, originalmente, era tomada como uma análise estrutural da correlação de forças entre a burguesia e o proletariado. Por todos os sentidos, esse conceito era muito complexo para ser colocado em prática, e também para ser usado como base para o tomador de decisão no tempo presente:

As soon as it has risen up, a class in which the revolutionary interests of society are concentrated finds the content and the material for its revolutionary activity directly in its own situation: foes to be laid low, measures dictated by the needs of the struggle to be taken; the consequences of its own deeds drive it on. It makes no theoretical inquiries into its own task. The French working class had not attained this level; it was still incapable of accomplishing its own revolution<sup>850</sup>.

A experiência revolucionária de Lênin, mostrava que em diversos momentos não era claro o caminho a seguir<sup>851</sup>. O cálculo de “condicionantes materiais” ou “meios materiais” aos quais se referiam Marx e Engels, na prática e no momento presente da decisão se tornavam algo

---

<sup>847</sup> “*Uneven economic and political development is an absolute law of capitalism. Hence, the victory of socialism is possible first in several or even in one capitalist country alone.*” “*On the Slogan for a United States of Europe*” (LENIN, Vladimir. **Collected works** - August 1914-December 1915. v. 21. Moscou: Progressive Publishers, 1974. p. 342).

<sup>848</sup> Stalin enfaticamente tentou negar esta postura, afirmando que o Leninismo era sim revolucionário: “*Others say that Leninism is the revival of the revolutionary elements of Marxism of the 'forties of the nineteenth century, as distinct from the Marxism of subsequent years, when, it is alleged, it became moderate, non-revolutionary. If we disregard this foolish and vulgar division of the teachings of Marx into two parts, revolutionary and moderate, we must admit that even this totally inadequate and unsatisfactory definition contains a particle of truth. That particle of truth is that Lenin did indeed restore the revolutionary content of Marxism, which had been immured by the opportunists of the Second International. Still, that is but a particle of the truth. The whole truth about Leninism is that Leninism not only restored Marxism, but also took a step forward, developing Marxism further under the new conditions of capitalism and of the class struggle of the proletariat.*” (STALIN, Josef. **Foundations of leninism**. New York: International Publishers, 1939. p. 10).

<sup>849</sup> Ver principalmente as análises de Marx sobre a França do século XIX em “O 18 Brumário de Luís Bonaparte” e “A luta de classes na França, 1848-1850”.

<sup>850</sup> MARX, Karl. **The class struggle in france, 1848-1850**. Moscou: Progress Publishers, 1969. p. 19.

<sup>851</sup> Isaac Deustcher mostra vários momentos em que Lênin é “levado” pelos fatos após análise equivocada dos passos da Revolução. (DEUTSCHER, Isaac. **The prophet armed: Trotsky 1879-1921**. New York: Oxford University Press, 1987. p. 270-271; 293; 390).

próximo ao impossível de se avaliar. Lênin, nos seus últimos anos, explica esta situação para a população da URSS de forma ilustrativa:

Let us picture to ourselves a man ascending a very high, steep and hitherto unexplored mountain. Let us assume that he has overcome unprecedented difficulties and dangers and has succeeded in reaching a much higher point than any of his predecessors, but still has not reached the summit. He finds himself in a position where it is not only difficult and dangerous to proceed in the direction and along the path he has chosen, but positively impossible. He is forced to turn back, descend, seek another path, longer, perhaps, but one that will enable him to reach the summit. The descent from the height that no one before him has reached proves, perhaps, to be more dangerous and difficult for our imaginary traveller than the ascent—it is easier to slip; it is not so easy to choose a foothold; there is not that exhilaration that one feels in going upwards, straight to the goal, etc. One has to tie a rope round oneself, spend hours with an alpenstock to cut footholds or a projection to which the rope could be tied firmly; one has to move at a snail's pace, and move downwards, descend, away from the goal; and one does not know where this extremely dangerous and painful descent will end, or whether there is a fairly safe detour by which one can ascend more boldly, more quickly and more directly to the summit. It would hardly be natural to suppose that a man who had climbed to such an unprecedented height but found himself in such a position did not have his moments of despondency. In all probability these moments would be more numerous, more frequent and harder to bear if he heard the voices of those below, who, through a telescope and from a safe distance, are watching his dangerous descent, which cannot even be described as what the Smena Vekh [Czech Republican bolchevique movement on 20'] people call "ascending with the brakes on"; brakes presuppose a well-designed and tessed vehicle, a well-prepared road and previously tessed appliances. In this case, however, there is no vehicle, no road, absolutely nothing that had been tessed beforehand. "Notes of a Publicist".<sup>852</sup>

O caminho seguro seria, portanto, "domesticar o Marxismo". Criar um ambiente no qual a acumulação de força (visando a revolução) pudesse ser realizada sem os sobressaltos e perigos que esse processo tinha vivido dentro de países capitalistas. O mundo se tornava o país onde se deveria fazer a revolução, e a URSS seria o que tinha sido São Petersburgo e a base do Kronstadt para a Revolução de Outubro de 1917. O conceito de Estado e seus condicionantes materiais deveriam ser metodologicamente analisados sob a ótica da ideia de poder dentro do sistema internacional. Esse sistema para além dos conflitos de classe, poderia ser entendido a partir das noções sistêmicas dos diversos Estados e suas funções (estágios de desenvolvimento) dentro do Capitalismo. Quanto mais desenvolvido um Estado, maior o poder que ele concentrava. Esta forma de ver o mundo, por certo, não passou despercebida pelos historiadores ocidentais que estudaram a URSS sem as lentes da Guerra Fria: "One healthy effect of the assumption of an active role by the Soviet Union in international affairs is an increasing realization of the importance of the power factor."<sup>853</sup>

<sup>852</sup> LENIN, Vladimir. Notes of a Publicist - 1922. **Pravda**, apr. 1924.

<sup>853</sup> CARR, Edward. **The soviet impact on the wessern world**. New York: The Macmillan Company, 1947. p. 81.

Figura 7 - Nuvem conceitual formada a partir da primeira parte de "Estado e Revolução" de Lênin<sup>854</sup>



Fonte: Elaborado pelo autor, 2018

Figura 8 - Nuvem conceitual das cinco últimas partes de "Imperialismo o estágio mais elevado do Capitalismo" de Lênin<sup>855</sup>



Fonte: Elaborado pelo autor, 2018

### 4.3.3 Stalin

The Pope! How many divisions has he got? Stalin para Pierre Laval (primeiro ministro francês) em 1935<sup>856</sup>.

<sup>854</sup> Em “Estado e Revolução” inicia-se o caminho de Lênin para instrumentalizar a ação (e a análise) do internacional a partir da noção unitária de “state”. O léxico marxista se mantém com “oppressed”, “class”, “bourgeois”, “antagonism”, mas surgem as noções de “power” e “state” como forma básica de percepção dos sistemas sociais internos ou internacionais. Esse princípio será copiado pelo Realismo.

<sup>855</sup> É important ver a linha de argumentação de Lênin passando por “states”, “powers” e “countries”. Diferentemente do que muito se defende, a perspectiva de Lênin não é estrutural e voltada para o Futuro apenas, mas cria ferramentas sistêmicas de análise do presente e do internacional a partir das noções materiais de poder, economia (“economic”) e da relação entre “colonies” e “imperialism” que vai ser uma das bases da política externa soviética.

<sup>856</sup> CHURCHILL, Winston. **The second world war**. v. I. Londres: [s.n.], 1948. p. 105.



Josef Vassarionovich Stalin foi o responsável pelos esforços finais de “domesticação do Marxismo”<sup>857</sup>. Ele definia-se como um “um homem do povo” (praktik)<sup>858</sup>, em oposição aos intelectuais (teoretiki) e, portanto, é de se esperar que suas posições tenham ainda mais claras o pragmatismo que o “georgiano-asiático russificado”<sup>859</sup> apresentava<sup>860</sup> em sua personalidade. Mesmo antes da Segunda Guerra, Stalin já havia compreendido a ideia de “sistemas” de Lênin<sup>861</sup>, e organizava sua visão internacional de acordo com ela<sup>862</sup>: “*For Stalin, domesticating foreign policy meant strongly emphasizing the territorial aspects of Soviet relations with its immediate neighbors: that is, the Eurasian borderlands.*”<sup>863</sup>

Em 1939, em seu livro “As bases do Leninismo”, Stalin deixa muito clara a ideia das três “contradições” que o Leninismo teria demonstrado e baseava suas ações. Segundo Stalin, o Leninismo se assentaria na crítica e ação sobre:

### 1) A contradição entre o trabalho e o capital

<sup>857</sup> “Documents published in the post-Soviet period make it possible to penetrate deeper into the subterranean levels of Stalin’s extraordinarily devious nationality policy. On one level he manipulated the internationalists against the autonomists in order to neutralize both. Simultaneously, he promoted his own plans for constructing a centralized state while paying lip service to Lenin’s latter-day design for a genuine federation.” (RIEBER, Alfred. **Stalin and the struggle for supremacy in Eurasia**. Cambridge: Cambridge University Press, 2015. p. 46).

<sup>858</sup> SERVICE, Robert. **Stalin: a biography**. New York: Harvard University Press, 2005. p. 92; 359.

<sup>859</sup> SERVICE, Robert. **Stalin: a biography**. New York: Harvard University Press, 2005. p. 323.

<sup>860</sup> “Soviet policy toward the borderlands was largely the work of Lenin and Stalin. But it was Stalin, a product of that milieu, who completed the structure in his own image. I He was raised, educated and initiated as a Marxist revolutionary in the South Caucasus, a borderland of the Russian Empire. At the time of his birth in 1878, the region had become a crossroads, intersecting the movement of people and ideas from Western Europe, Russia and Trans Caspia. In his youth Iosif or “Soso” Dzhughashvili filtered elements of all these currents into a revolutionary ideology of his own making and tessed it in its unique kaleidoscopic social and ethnic setting”. (RIEBER, Alfred. **Stalin and the struggle for supremacy in Eurasia**. Cambridge: Cambridge University Press, 2015. p. 9).

<sup>861</sup> “Leninims is Marxism of the era of imperialism and the proletarian revolution. To be more exact, Leninism is the theory and tactics of the proletarian revolution in general, the theory and tactics of the dictatorship of the proletariat in particular” (STALIN, Josef. **Foundations of leninism**. New York: International Publishers, 1939. p. 10).

<sup>862</sup> Em realidade, não apenas Stalin aceitava e colocava em prática a noção de “sistema”, mas pensava em termos de “balança de poder” como uma relação inter-sistêmica cujo objetivo era essencialmente defensivo: “*In fact, Stalin’s formula marked in two ways a radical departure from Lenin, who after the revolution had repeatedly stated that the victory of socialism depended on “a socialist revolution in one or several advanced countries.” First, Stalin shifted priorities in his analysis from unleashing world revolution to defending the Soviet Union against foreign intervention. Second, he dropped from Lenin’s formula the crucial modifier “advanced.” Instead he substituted his own territorial criteria of “one or several countries” for Lenin’s classical Marxist socioeconomic prerequisite.*” (RIEBER, Alfred. **Stalin and the struggle for supremacy in Eurasia**. Cambridge: Cambridge University Press, 2015. p. 95). Hans Morgenthau percebeu claramente esta postura: “*The thought that the war might be waged in view of a new balance of power to be established after the war, occurred in the West only to Winston Churchill-and, of course, to Joseph Stalin.*” (MORGENTHAU, Hans. The mainsprings of american foreign policy: the national interest vs. moral abstractions. **The American Political Science Review**, v. 44, n. 4, p. 833-854. 1950. p. 853).

<sup>863</sup> RIEBER, Alfred. **Stalin and the struggle for supremacy in Eurasia**. Cambridge: Cambridge University Press, 2015. p. 92.

- 2) A contradição entre os países capitalistas em sua luta para atingirem o imperialismo
- 3) A contradição entre a democracia e o colonialismo<sup>864</sup>

A análise desses três pontos, à luz da epistemologia e das Relações Internacionais nos mostra primeiro a divisão em sistemas que Lênin havia colocado em prática. Além disto, há também a divisão em tempos. A contradição entre trabalho e capital, permeia o mundo, mas só será resolvida no Futuro<sup>865</sup>. A contradição interna entre os capitalistas tinha servido de tese explicativa para a Primeira Guerra Mundial (Passado), que aliás, é o principal argumento de Lênin no seu “*Imperialism the highest stage of Capitalism*”. Sobrava para o Presente o objetivo de levar adiante a luta para a demonstração da falácia (segundo Stalin) do termo Democracia usada por “*handful of ruling civilised (sic) nations*”<sup>866</sup> contra as populações coloniais.<sup>867</sup>

The situation changes somewhat, however, after the overthrow of imperialism, under the dictatorship of the proletariat. Under certain conditions, in a certain situation, the proletarian power may find itself constrained temporarily to leave the path of the revolutionary reconstruction of the existing order of things and to take the path of its gradual transformation, the "reformist path," as Lenin says in his well-known article “On the Importance of Gold,” the path of flanking movements, of reforms and concessions to the non-proletarian classes in order to disintegrate these classes, to give the revolution a respite, to recuperate and prepare the conditions for a new offensive<sup>868</sup>.

Stalin, usando um expediente semelhante ao de Lênin, parte da definição do problema para escolher uma variável que lhe parecesse conveniente ao definir as prioridades em termos de ação a ser tomada pela URSS<sup>869</sup>. No mesmo texto, o líder soviético pergunta: “*What has it*

---

<sup>864</sup> STALIN, Josef. **Foundations of leninism**. New York: International Publishers, 1939. p. 13-14.

<sup>865</sup> “*Of course, in the remote future, if the proletariat is victorious in the most important capitalist countries, and if the present capitalist encirclement is replaced by a socialist encirclement, a “peaceful” path of development is quite possible for certain capitalist countries, whose capitalists, in view of the ‘unfavorable’ international situation, will consider it expedient ‘voluntarily’ to make substantial concessions to the proletariat. But this supposition applies only to a remote and possible future.*” (STALIN, Josef. **Foundations of leninism**. New York: International Publishers, 1939. p. 56).

<sup>866</sup> STALIN, Josef. **Foundations of leninism**. New York: International Publishers, 1939. p. 14.

<sup>867</sup> “*The purpose of this exploitation and of this oppression is to squeeze out super-profits. But in exploiting these countries imperialism is compelled to build railroads, factories and mills there, to create industrial and commercial centres. The appearance of a class of proletarians, the emergence of a native intelligentsia, the awakening of national consciousness, the growth of the movement for emancipation—such are the inevitable results of this “policy.” The growth of the revolutionary movement in all colonies and dependent countries without exception clearly testifies to this fact. This circumstance is of importance of proletariat in that it radically undermines the position of capitalism by converting the colonies and dependent countries from reserves of imperialism into reserves of the proletarian revolution*”. (STALIN, Josef. **Foundations of leninism**. New York: International Publishers, 1939. p. 14).

<sup>868</sup> STALIN, Josef. **Foundations of leninism**. New York: International Publishers, 1939. p. 105.

<sup>869</sup> “[*the objective is*] to consolidate the dictatorship of the proletariat in one country, using it as a base for the overthrow of imperialism in all countries”. (STALIN, Josef. **Foundations of leninism**. New York: International Publishers, 1939. p. 91).

*to do with Russia?*” e – ainda no período entre guerras – ele reintroduz a questão nacional com a resposta: “*Russia represented the focus of all these contradictions of imperialism*”<sup>870</sup>. De um só termo, “Rússia” virava sinônimo de “URSS”, e tinha duas funções: (1) uma ligada ao Futuro na vitória definitiva contra o capitalismo e a outra (2) contribuir nas lutas coloniais para a “libertação das populações”<sup>871</sup>.

Para esses fins, Stalin, usa o leninismo e afirma que a função da URSS naquele momento revolucionário era (1) intensificar as contradições dentro dos “países capitalistas mães”; (2) intensificar as crises revolucionárias dentro dos países ainda em dominação colonial<sup>872</sup> e (3) quando as guerras forem inevitáveis, seria necessário unificar o proletariado europeu e as revoltas coloniais contra o imperialismo<sup>873</sup>. As duas primeiras ideias recebem um verbo de ação e a terceira apenas um condicional. Além disto, ocorre o abandono prático total da ideia de uma revolução mundial<sup>874</sup>:

Formerly, the proletarian revolution was regarded exclusively as the result of the internal development of a given country. Now this point of view is no longer adequate. Now the proletarian revolution must be regarded primarily as the result of the development of the contradictions within the world system of imperialism, as the result of snapping on the chain of the imperialist world front in one country or another<sup>875</sup>.

This does not mean, of course, that the proletariat must support every national movement everywhere and always, in every single concrete case. It means that support must be given to such national movements as tend to weaken, to overthrow imperialism, and not to strengthen and preserve it. Cases occur when the national movements in certain oppressed countries come into conflict with the interests of the development of the proletarian movement. In such cases support is, of course, entirely out of the question<sup>876</sup>.

<sup>870</sup> STALIN, Josef. **Foundations of leninism**. New York: International Publishers, 1939. p. 15.

<sup>871</sup> No capítulo 2 desse texto foi mostrado que, especialmente Eisenhower e Dulles utilizaram o mesmo léxico “libertação” para conduzir as ações de propaganda contra o “Comunismo”. A Guerra Fria, antes de tudo foi sempre uma batalha entre sentidos e ideias pela compreensão do mundo.

<sup>872</sup> “*In this way the question of the oppressed nations became a question of supporting, of rendering real and continuous assistance to the oppressed nations in their struggle against imperialism for real equality of nations, for their independent existence as states*”. (STALIN, Josef. **Foundations of leninism**. New York: International Publishers, 1939. p. 78).

<sup>873</sup> STALIN, Josef. **Foundations of leninism**. New York: International Publishers, 1939. p. 33-34.

<sup>874</sup> É preciso notar que, da mesma forma que a política externa americana, como mostrado no Capítulo 2, tinha “duas narrativas”, uma interna e outra externa, aqui também ocorre algo semelhante. Stalin defende RETORICAMENTE a ideia de um internacionalismo revolucionário em alguns momentos. Diferentemente do que a bibliografia sobre a URSS até 2005 afirmava, o poder de Stalin não era sem questionamento e continuava sendo necessário defender algumas posturas internamente: “*This is how the toiling masses of the ruling nations and of the oppressed nations should be educated in the spirit of revolutionary internationalism*” (STALIN, Josef. **Foundations of leninism**. New York: International Publishers, 1939. p. 85).

<sup>875</sup> STALIN, Josef. **Foundations of leninism**. New York: International Publishers, 1939. p. 35-36.

<sup>876</sup> STALIN, Josef. **Foundations of leninism**. New York: International Publishers, 1939. p. 79.

A ideia de “socialismo num só Estado” é, portanto, decorrente do processo de “domesticação do marxismo”<sup>877</sup> que se inicia com a percepção da impossibilidade de uma Revolução Internacional derivada do conceito de “imperialismo”. Stalin adiciona a esta percepção a noção de “cercamento capitalista” que expunha não apenas a necessidade da URSS se tornar militarmente dominante, mas também dava condições para que se defendesse o conceito de “áreas de influência” sob o ponto de vista também da necessidade de defesa (para além da possibilidade de incitação à revolução). A base da Política Externa soviética era “resistir” e “sobreviver” ao capitalismo<sup>878</sup>, e estas são ações presentes<sup>879</sup>. O pensamento soviético sobre Relações Internacionais apontava para um Futuro em que o capitalismo seria necessariamente vencido. Era preciso resolver, pois, apenas o Presente<sup>880</sup>.

Strategy and Tactics: Fourth: manouvering the reserves with a view to effecting a proper retreat when the enemy is strong, when retreat is inevitable, when to accept battle forced upon us by the enemy is obviously disadvantageous, when, with given alignment of forces, retreat becomes the only way to ward off a blow against the vanguard and to keep the reserves intact. [...] the object of this strategy is to gain time, to demoralize enemy, and to accumulate forces in order later to assume the offensive<sup>881</sup>.

Após a Segunda Guerra, e o advento nuclear, reforçaram-se as necessidades de segurança<sup>882</sup>, de sistema e da necessidade da constante avaliação internacional de “poder”,

<sup>877</sup> Esta derivação fica ainda mais clara quando em 1926, Stalin se submeteu a uma série de perguntas a respeito do seu texto de 1924 “Bases do Leninismo”. Nesse segundo texto, “Importantes questões do Leninismo”, Stalin luta diretamente contra as acusações de seu pensamento ter “se afastado de Marx, Engels e Lênin” por ter perdido o caráter “revolucionário”:

<sup>878</sup> “[*What is the defect of Trotsky’s formulation?*] Its defect is that it joins two different questions into one: it joins the question of the possibility of building socialism by the efforts of one country—which must be answered in the affirmative—with the question whether a country in which the dictatorship of the proletariat exists can consider itself fully guaranteed against intervention, and consequently against the restoration of the old order, without a victorious revolution in a number of other countries—which must be answered in the negative. This is apart from the fact that this formulation may give occasion for thinking that the organisation of a socialist society by the efforts of one country is impossible—which, of course, is incorrect” (STALIN, Josef. **Concerning questions of leninism (1926)**. Moscou: Foreign Languages Publishing House, 1954. p. 31).

<sup>879</sup> “Some think that Leninism is opposed to reforms, opposed to compromises and to agreements in general. This is absolutely wrong. Bolsheviks know as well as anybody else that in a certain sense “every little help,” that under certain conditions reforms in general, and compromises and agreements in particular, are necessary and useful.” (STALIN, Josef. **Foundations of leninism**. New York: International Publishers, 1939. p. 103).

<sup>880</sup> “Stalin’s overarching concern was the survival of the Soviet Union (and consequently himself) which had established a new, socialist state through collectivization, dekulakization, and industrialization. This was a result of the determined struggle Stalin had waged, but it also, according to Stalin, followed the laws of history. Whoever failed to understand these laws or refused to submit to them was an objective enemy of historical necessity whatever their subjective intent might be.” (GREGORY, Paul; NAIMARK, Norman. **The lost politburo transcripts: from collective rule to stalin’s dictatorship**. London: Yale University Press, 2008. p. 54).

<sup>881</sup> STALIN, Josef. **Foundations of leninism**. New York: International Publishers, 1939. p. 97-98.

<sup>882</sup> “Where in Lênin’s perception international relations became a field where the class conflict took place Stalin went beyond this to a point where international relations became a subject around which the struggle for power raged and controversial issues in the domestic environment were all to a greater or lesser extent reflections of

afastando-se juízos morais ou avaliações muito subjetivas<sup>883</sup>. A ideia de que a URSS estaca cercada por Estados capitalistas fazia com que o primeiro objetivo da política externa soviética fosse a defesa do Estado Soviético, ao invés de qualquer provocação revolucionária<sup>884</sup> pelo mundo<sup>885</sup>. Daí surge como resultado lógico o fato de Stalin ter aceitado todos os acordos internacionais que reconheciam, aberta ou veladamente, o conceito de “zonas de influência”, ter se abtido de ajudar grupos comunistas pelo mundo e investido recursos para a produção nuclear, embora nunca em número suficiente para uma retaliação efetiva<sup>886</sup>.

A strong Soviet Union was Stalin's strategic goal throughout. In 1948, Stalin lectured the French Communist leader Maurice Thorez: “The main thing is that one not be weak. It is important to remember that the enemy takes no pity on the defenseless, the weak.”<sup>887</sup>

**Figura 9 - Nuvem conceitual formada a partir do texto "National Questions and Leninism" de Josef Stalin<sup>888</sup>**

---

derivatives of international developments and relationships” (KUBALKOVÁ, V.; CRUICKSHANK, A. **Marxism-Leninism and theory of international relations**. Londres: Routledge & Kegan Paul, 1980. p. 124); Stalin saw links between domestic and foreign enemies. “Enemies” were not merely isolated internal foes but were also agents of the international bourgeoisie and major capitalist countries bent on destroying the Soviet Union. Stalin was not unique in using external threats to disarm internal political opposition. Yet the international isolation of the Soviet Union was indeed the defining “objective” factor of Soviet domestic politics. Time and again, Stalin used the specter of war, not merely as a rhetorical device but in Politburo meetings to attack his political enemies and to defend his programs.” (GREGORY, Paul; NAIMARK, Norman. **The lost politburo transcripts: from collective rule to stalin's dictatorship**. London: Yale University Press, 2008. p. 49).

<sup>883</sup> “The new Politburo documents significantly clarify Stalin's attitude towards politics and its functioning in the Soviet system. He believed that individual intentions, good will, and such had no place in Soviet politics, but that “objective” consequences (as opposed to “subjective” intents) mattered.” (GREGORY, Paul; NAIMARK, Norman. **The lost politburo transcripts: from collective rule to stalin's dictatorship**. London: Yale University Press, 2008. p. 46).

<sup>884</sup> “And yet, in the circumstances suggested above, Stalin's policy (or non-policy) of “following” rather than issuing revolutionary directives to these areas was not without merit” (KUBALKOVÁ, V.; CRUICKSHANK, A. **Marxism-Leninism and theory of international relations**. Londres: Routledge & Kegan Paul, 1980. p. 142).

<sup>885</sup> “However, the study of the world situation of our time led Soviet Marxists to the conclusion that in the conditions of capitalist encirclement, when the socialist revolution has been victorious only in one country, and capitalism reigns in all other countries, the land of the victorious revolution should not weaken, but in every way strengthen its state, state organs, intelligence organs and army, if that land does not want to be crushed by the capitalist encirclement. Russian Marxists came to the conclusion that Engels' formula has in view the victory of socialism in all, or in most, countries, that it cannot be applied in the case where socialism is victorious in one country taken separately and capitalism reigns in all the other countries.” (STALIN, Josef. **Marxism and problems of linguistics**. Moscow: Foreign Languages Publishing House, 1950. p. 27).

<sup>886</sup> Há aqui uma diferença entre o momento em que a URSS adquiriu o conhecimento da bomba nuclear (1949) e o ponto de “dissuasão” nuclear com um número suficiente de ogivas e capacidade de lançamento, que, para a maioria dos analistas ocorreu apenas na década de 60 (GELLER, Daniel. Nuclear weapons, deterrence, and crisis escalation. **Journal of Conflict REsolution**, v. 34, n. 2, p. 291-310, jun. 1990. p. 291).

<sup>887</sup> GREGORY, Paul; NAIMARK, Norman. **The lost politburo transcripts: from collective rule to stalin's dictatorship**. London: Yale University Press, 2008. p. 51.

<sup>888</sup> Também o marxismo passa a organizar seu entendimento do internacional em forma sistêmica. As diferentes ligações entre “state” (em verde), “nations” (em laranja mostrando a centralidade do conceito) e “country” demonstram que a percepção de “classe” se dava tão somente como prolongamento estrutural e não como base analítica. A linha de análise pela ótica da classe é a vermelha que une “socialism”, “oppression”, “victory” e



Fonte: Elaborado pelo autor, 2018

Figura 10 - Nuvem conceitual formada a partir do texto "Economic problems of USSR: a reply to comrade Yaroshenko" de Josef Stalin<sup>889</sup>



Fonte: Elaborado pelo autor, 2018

#### 4.4 TEORIA DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS SOVIÉTICA

Ainda no período Entre-guerras (1918-1939) o pensamento soviético a respeito da política internacional e das Relações Internacionais começava a dar sinais da transição que faria do internacionalismo marxista para a noção de “socialismo em um só país”. Ao contrário, entretanto, do que afirma boa parte da literatura a respeito do tema, esse processo começa já com o próprio Marx em seus anos finais e segue com a percepção Leninista da ideia de “imperialismo”.

“Revolution”. Contudo, esta não é a forma de entendimento e análise da teoria soviética que desenvolve outras ferramentas para compreender o mundo. Ferramentas materialistas e sistêmicas.

<sup>889</sup> A linha de percepção de Stalin se dá pelo campo semântico verde: “relations”, “theory”, “development” e finalmente “production”. Contudo, todas as relações passam pela noção estrutural de “forces” (grafado em roxo porque participa dos campos vermelho e azul). A relação entre “theory”, “laws” e “Marx” estabelece o núcleo legitimador do discurso.

Dada a ideia de desenvolvimento desigual e combinado do capitalismo, surgia como conclusão que o proletariado não poderia ser tomado como passível de universalidade de condições materiais. E esta conclusão é fruto da aplicação do mais puro materialismo histórico<sup>890</sup>. Incapazes de experimentarem graus semelhantes de opressão e exploração, e sem a participação de partidos e vanguardas revolucionárias, o proletariado desenvolveria níveis diferentes de consciência de classe e, desta forma, o sonho de uma “revolução mundial” acabava-se.

Can we count on the overthrow of world imperialism merely by force before the proletariat in those imperialist countries has reached the necessary stage of development? If the question is presented in this way—and we as Marxists have always taught that this is the only way to present the question—we must agree that it would be very absurd and foolish to employ the policy of violence under those circumstances, and complete failure to understand the conditions under which a policy of violence can be successful. “The achievements and difficulties of Soviet government.”<sup>891</sup>

O conceito de “imperialismo”, que vai ser a pedra-de-toque de todo o pensamento de política internacional soviético, também afirmava que o fenômeno da guerra era inerente aos países capitalistas<sup>892</sup>. Não apenas a guerra serviria para reorganizar os processos produtivos capitalistas, desgastados pela intensa opressão, mas a própria primeira guerra (e em grande medida também a segunda<sup>893</sup>) mostravam que os países capitalistas fatalmente acabariam

<sup>890</sup> “Political power cannot be captured (and the attempt to capture it should not be made) until the struggle has reached a certain stage. This “certain stage” will be different in different countries and in different circumstances; it can be correctly gauged only by thoughtful, experienced and knowledgeable political leaders of the proletariat in each particular country.” “Left-wing communism – an infantile disorder” (LENIN, Vladimir. **Collected works** - April-December 1920. v. 31. Moscow: Progress Publishers, 1974. p. 52).

<sup>891</sup> LENIN, Vladimir. **Collected works** - March-August 1919. v. 29. Moscow: Progress Publishers, 1974. p. 60.

<sup>892</sup> “It is said that the contradictions between capitalism and socialism are stronger than the contradictions among the capitalist countries. Theoretically, of course, that is true. It is not only true now, today; it was true before the Second World War. And it was more or less realized by the leaders of the capitalist countries. Yet the Second World War began not as a war with the U.S.S.R., but as a war between capitalist countries. Why? Firstly, because war with the U.S.S.R., as a socialist land, is more dangerous to capitalism than war between capitalist countries; for whereas war between capitalist countries puts in question only the supremacy of certain capitalist countries over others, war with the U.S.S.R. must certainly put in question the existence of capitalism itself. Secondly, because the capitalists, although they clamor, for “propaganda” purposes, about the aggressiveness of the Soviet Union, do not themselves believe that it is aggressive, because they are aware of the Soviet Union’s peaceful policy and know that it will not itself attack capitalist countries.” (STALIN, Josef. **Economic problems of USSR**. Pequim: Foreign Languages Press, (1951) 1972).

<sup>893</sup> “Thus, as a result of the first crisis of the capitalist system of world economy, the First World War broke out; and as a result of the second crisis, the Second World War broke out. This does not mean, of course, that the Second World War was a copy of the first. On the contrary, the Second world differed substantially in character from the first. It must be borne in mind that before attacking the Allied countries the major fascist states -- Germany, Japan and Italy -- destroyed the last remnants of bourgeois-democratic liberties at home and established there a cruel terroristic regime, trampled upon the principle of the sovereignty and free development of small countries, proclaimed as their own the policy of seizing foreign territory, and shouted from the housetops that they were aiming at world domination and the spreading of the fascist regime all over the world; and by seizing Czechoslovakia and the central regions of China, the Axis Powers showed that they were ready to carry out their threat to enslave all the freedom-loving peoples. In new of this, the Second World War against the Axis Powers, unlike the First World War, assumed from the very outset the character of an anti-

tomando o caminho do confronto entre si. Já a luta final entre capitalismo e socialismo poderia nem sequer acontecer. Esta noção, de inevitabilidade das guerras entre países capitalistas e a possibilidade da superação do capitalismo pelo cultivo do socialismo em um processo de expansão lenta, mas constante<sup>894</sup>, gera como decorrência lógica a necessidade de defesa do Estado soviético em primeiro lugar.

For victory to be lasting, we must achieve the victory of the proletarian revolution in all, or at any rate in several, of the main capitalist countries. After three years of desperate and stubborn struggle, we can see in what respect our predictions have or have not materialised. They have not materialised in the sense that there has been no rapid or simple solution of the problem. None of us, of course, expected that such an unequal struggle as the one waged by Russia against the whole of the capitalist world could last for three years. It has emerged that neither side—the Russian Soviet Republic or the capitalist world—has gained victory or suffered defeat; at the same time it has turned out that, while our forecasts did not materialise simply, rapidly and directly, they were fulfilled insofar as we achieved the main thing—the possibility has been maintained of the existence of proletarian rule and the Soviet Republic even in the event of the world socialist revolution being delayed. In this respect it must be said that the Republic's international position today provides the best and most precise confirmation of all our plans and all our policy. Discurso em Moscou, 21 de novembro de 1920<sup>895</sup>.

Dentro do processo de “domesticação do marxismo”, o método de Lênin, de buscar análises sistêmicas ao invés de estruturais, centrando o foco das lutas nos países imperialistas, vai levar à percepção de que os condicionantes estruturais são apenas viáveis para a revolução no tempo Futuro. Esta alteração nas premissas de análise e decisão política no tempo presente vai permitir a NEP e os acordos temporários com países capitalistas, por exemplo<sup>896</sup>.

No entanto, as mudanças epistemológicas (de tempo e base de análise) que geraram uma alteração na concepção do antagonista da URSS (não mais qualquer Estado capitalista, mas o imperialismo) não foram as únicas introduzidas pelo pensamento leninista. Dado que a segurança e defesa passaram a ser essenciais dentro de um sistema internacionais organizado

---

fascist war, a war of liberation, one of the tasks of which was to restore democratic liberties.” (STALIN, Josef. **Speech delivered by Stalin at a meeting of voters of Stalin electoral district**. Moscow: Wilson Center - International History Declassified, 1946).

<sup>894</sup> “There is no doubt that without this, without revolutionary violence, the proletariat could not have triumphed. Nor can there be any doubt that revolutionary violence was a necessary and legitimate weapon of the revolution only at definite stages of its development, **only under definite and special conditions**, and that a far more profound and permanent feature of this revolution and condition of its victory was, and remains, the organisation of the proletarian masses, the organisation of the working people. “Speech in Memory of Sverdolov” (LENIN, Vladimir. **Collected works** - March-August 1919, v. 29. Moscow: Progressing Publishers, 1974, p. 89).

<sup>895</sup> LENIN, Vladimir. **Collected works** - April-December 1920, v. 31. Moscow: Progress Publishers, 1974, p. 411.

<sup>896</sup> “Co-operation ideas were expressed by Lenin. I might have said that one system was reluctant to co-operate, but that concerned only one side. But as to the possibility of co-operation, I adhere to Lenin who expressed both the possibility and the desire of co-operation. As to the desire of the people to co-operate on the part of the U.S.S.R. and the Party, it is possible—and the two countries could only benefit by this co-operation.” Stalin, entrevista para Harold Stassen, 9 de Abril de 1947.



em “Estados”<sup>897</sup>, a medida de comparação entre esses Estados passava a ser a concepção de poder. Um poder mais elástico que se manifestava essencialmente como poder financeiro, mas também militar. Nesta busca pela materialidade constituinte dos poderes dos países se encerrava a defesa metodológica do leninismo como tributário da forma de pensamento do materialismo histórico.

O conflito era alçado à condição essencial do meio internacional, somente podendo ser superado, num futuro distante, por meio do comunismo. Mas esse conflito não significava guerra, uma vez que Lênin percebe que em casos de conflito mundial, a classe operária era necessariamente quem compunham os exércitos nacionais e sobre ela recaía o peso mortal da guerra<sup>898</sup>. Embora houvesse, logo após 1917, defensores do fomento (ou continuidade) da guerra como parte da criação dos condicionantes materiais para as revoluções socialistas, a verdade é que nem Lênin, nem Stalin eram partidários desta ideia. Para Stalin, especialmente depois da Segunda Guerra mundial, qualquer conflito, mesmo que vencido pela URSS, representava uma derrota. A guerra representava a aniquilação da classe trabalhadora. E esta classe era necessária exatamente nos países capitalistas para engendrar a mudança e a revolução.

More importantly, among the imperatives that Khrushchev was obliged to acknowledge, was that invention (atomic bomb) ‘which does not observe the class principle’. For, as he was constrained to point out, ‘the first to suffer in the event of war would be the working people and their vanguard – the working class, and went on to argue that in the event of the outbreak of war – hitherto regarded in the case of ‘just wars’ as morally positive element – the very objective of human history would suffer a defeat. There would be ‘no victor’.<sup>899</sup>”

---

<sup>897</sup> “It is common knowledge that the masses are divided into classes; that the masses can be contrasted with classes only by contrasting the vast majority in general, regardless of division according to status in the social system of production, with categories holding a definite status in the social system of production; that as a rule and in most cases—at least in present-day civilised countries— classes are led by political parties; that political parties, as a general rule, are run by more or less stable groups composed of the most authoritative, influential and experienced members, who are elected to the most responsible positions, and are called leaders” “Left-wing communism – an infantile disorder” (LENIN, Vladimir. **Collected works** - April-December 1920. v. 31. Moscow: Progress Publishers, 1974. p. 41).

<sup>898</sup> “The workers’ own experience is convincing them that the capitalists have become prodigiously enriched by the war and are placing the burden of war costs and debts upon the workers’ shoulders.” Discurso na Segunda Internacional 19 de julho de 1920. (LENIN, Vladimir. **Collected works** - April-December 1920. v. 31. Moscow: Progress Publishers, 1974. p. 221).

<sup>899</sup> KUBALCOVÁ, V.; CRUICKSHANK, A. **Marxism-Leninism and theory of international relations**. Londres: Routledge & Kegan Paul, 1980. p. 244.

Com a organização da “ciência marxista” Relações Internacionais na URSS<sup>900</sup>, no final dos anos 50 e início dos 60<sup>901</sup>, estas percepções se tornam ainda mais sedimentadas na política da URSS. A chamada “coexistência pacífica” é uma política implementada por Stalin e renomeada por Khrushchev com a adicional noção de “zonas de paz”. Segundo Khrushchev, “coexistência pacífica” não significava o fim das lutas de classe, mas sua percepção de que o vetor horizontal delas (o que implica nas relações entre os Estados), poderia ser ainda mais abrandado, atingindo nos anos 70 a condição de Détente.

Khrushchev separated the developing countries from the capitalist countries, and in contrast to Stalin's lumping the two together, Khrushchev separated the developing countries from the capitalist by a newly demarcated 'zone of peace. In the absence of a threat to the Soviet Union of encirclement, they were placed together with the socialist system<sup>902</sup>.

Khrushchev desenvolve o conceito de “zonas de paz” em que as relações sistêmicas entre países socialistas e países capitalistas de terceiro mundo seriam marcadas pela ausência de conflito no vetor horizontal. Além disto, a correlação entre o mundo soviético e os países imperialistas viveria o período da “coexistência pacífica” e, desta forma, a redução de conflitos reais no mundo seria drástica, ganhando tempo para o amadurecimento das condições de luta de classes dentro dos países (vetor vertical do conflito) sem a interferência direta da URSS.

Nesse caminhar da teoria, do internacionalismo marxista até domesticação do marxismo, consolidava-se a percepção epistemológica de que o ambiente internacional era conflituoso como característica ontológica<sup>903</sup>, formado por unidades políticas individuais (Estados) que podiam ser entendidas e analisadas pelas suas características materiais. Esta

---

<sup>900</sup> “To return to and actually practice in all our ideological work the most important theses of Marxist-Leninist science about the people as the creator of history and as the creator of all material and spiritual good of humanity, about the decisive role of the Marxist Party in the revolutionary fight for the transformation of society, about the victory of communism. In this connection we will be forced to do much work in order to examine critically from the Marxist-Leninist viewpoint and to correct the widely spread erroneous views connected with the cult of the individual in the spheres of history, philosophy, economy and of other sciences, as well as in literature and the fine arts. It is especially necessary that in the immediate future we compile a serious textbook of the history of our Party which will be edited in accordance with scientific Marxist objectivism, a textbook of the history of Soviet society, a book pertaining to the events of the Civil War and the Great Patriotic War.” (KHRUSHCHEV, Nikita. **Speech to 20th CPSU**. Moscou: [s.n.], 1956).

<sup>901</sup> KUBALKOVÁ, V.; CRUICKSHANK, A. **Marxism-Leninism and theory of international relations**. Londres: Routledge & Kegan Paul, 1980. p. 172-173.

<sup>902</sup> KUBALKOVÁ, V.; CRUICKSHANK, A. **Marxism-Leninism and theory of international relations**. Londres: Routledge & Kegan Paul, 1980. p. 244.

<sup>903</sup> “As far as international relations are concerned it may well be appreciated that Marx believes them to be in a state of constant battle and this conflict theory forms an integral part of his attitude” (KUBALKOVÁ, V.; CRUICKSHANK, A. **Marxism-Leninism and theory of international relations**. Londres: Routledge & Kegan Paul, 1980).

teoria de compreensão do espaço internacional será replicada no ocidente de forma extremamente semelhante com o nome de “Realismo”:

The adequacy of this materialism as the foundation for the study of IR has been a source of continual debate within the field and is often presented as marking a fundamental divide between realists and their critics—particularly social constructivists who stress the importance of ideational phenomena<sup>904</sup>.

#### 4.5 O REALISMO CLÁSSICO E O NEORREALISMO ESTRUTURAL, QUAIS DIFERENÇAS?

O Realismo foi o programa de pesquisa<sup>905</sup> hegemônico da academia norte-americana durante a Guerra Fria<sup>906</sup>. Inicia-se com a publicação de “Moral Man, Immoral Society” (1932), de Reinhold Niebhur; “The Twenty Years’s Crisis” (1939), de Edward Carr; “America’s Strategy in World Politics (1942), de Nicholas Spykman e “Politics among Nations” (1948), de Hans Morgenthau. Analisar o campo de pesquisa situado dentro dos EUA, significa olhar para a formação da própria disciplina de Relações Internacionais no Ocidente, na medida em que há um consenso entre os especialistas de que as RI’s são oriundas essencialmente de uma epistemologia anglófona e do hemisfério norte<sup>907</sup>.

<sup>904</sup> WILLIAMS, Michael. Why Ideas matter in international relations: Hans Morgenthau. classical realism, and the moral construction of power politics. **International Organization**, p. 633-665. 2004. p. 639.

<sup>905</sup> Por razões que serão explicitadas adiante, trato do Realismo não como uma teoria e sim como um “programa de pesquisa” no sentido dado por Imre Lakatos “En primer lugar defiende que la unidad descriptiva típica de los grandes logros científicos no es una hipótesis aislada sino mas bien un programa de investigación. La ciencia no es solo ensayos y errores, una serie de conjeturas y refutaciones. “Todos los cisnes son blancos” puede ser falsada por el descubrimiento de un cisne negro. Pero tales casos triviales de ensayo y error no se catalogan como ciencia. La ciencia newtoniana, por ejemplo, no es solo un conjunto de cuatro conjeturas (las tres leyes de la mecánica y la ley de gravitación). Esas cuatro leyes solo constituyen el “núcleo firme” del programa newtoniano. Pero esse núcleo firme está tenazmente protegido contra las refutaciones mediante un gran “cinturón protector” de hipótesis auxiliares. Y, lo que es mas importante, el programa de investigación tiene tambien una heurística, esto es, una poderosa maquinaria para la solución de problemas que, con la ayuda de técnicas matemáticas sofisticadas, asimila las anomalías e incluso las convierte en evidencia positiva.” (LAKATOS, Imre. **La metodología de los programas de investigación científica**. Madrid: Alianza, 1989. p. 13).

<sup>906</sup> “By the early 1950s, however, Morgenthau and the other realists succeeded in getting their assumptions about the world accepted by other scholars in the United States and the United Kingdom. The acceptance of the new paradigm led the field to develop the normal science characteristics of a discipline” (VASQUEZ, John. **The power of power politics**. New York: Cambridge University Press, 2004. p. 38).

<sup>907</sup> “How is the world understood around the world? How is it understood by those who are professionally dedicated to analyzing world politics, that is, by scholars of international relations? Presumably, we are all part of a global discipline studying a shared object of interest, and yet theorizing gravitates around a number of theories “made in the U.S.” In addition, access to this allegedly international field is highly asymmetrical and conditioned by factors ranging from seemingly mundane issues such as library holdings, physical safety in the street, and weekly working hours, to hurdles related to language, epistemology, and perspective.” (TICKNER, Arlene; WEAVER, Ole. **International relations scholarship around the world**. New York: Routledge, 2009. p. 1); “But the absence of non-Western IRT [International Relations Theory] deserves a more complex explanation than the simple acknowledgement of the conflictual anarchy of the non-West. Indeed, we do not accept Wight’s

John Vasquez, em 2004, citando uma pesquisa em estilo “survey”, feita na década de 70, afirma que Hans Morgenthau é o acadêmico mais influente no campo das Relações Internacionais, com mais de 46% de menções, quando o segundo colocado (Karl Deutsch) aparece apenas com 25%<sup>908</sup>. O livro de Morgenthau, “Politics among the Nations”, é citado como o mais importante para mais de 35% dos pesquisadores. Novamente, muito à frente do segundo colocado que foi “Systems and Process in International Politics” (1957), de Morton Kaplan<sup>909</sup>. Entre 1950 e 1960, Vasquez afirma que 74,9% dos estudos publicados estavam centrados em variáveis definidas e operadas pelo Realismo (como “National Power” com 50% de citações e “conflito-cooperação” com 16,5%, por exemplo)<sup>910</sup>.

Um ano depois da publicação de Vasquez, Thomas Walker e Jeffrey Morton, publicaram estudo revisando a dominância do “paradigma” realista sobre as Relações Internacionais nas décadas de 70, 80, 90 e 2000. Analisando uma produção de 515 artigos nos EUA (entre 1970-2000), os autores chegaram à conclusão que o realismo “has declined dramatically as a guide to data-based research”<sup>911</sup>. Ainda assim, entre 1995 e 2000, o realismo respondia por 35% da produção acadêmica dos EUA.

#### Gráfico 1 - Percentual de artigos produzidos nos EUA por paradigma

---

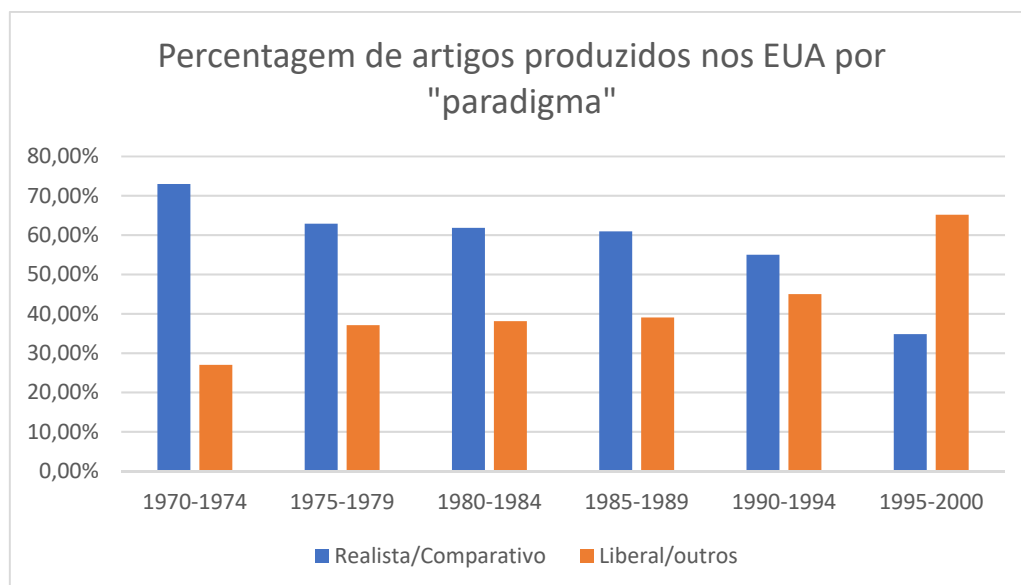
observation that international theory, in contrast to political theory, is or should be about survival only. We acknowledge the possibility of progress and transformation both in the West and the non-West. Our explanations for the absence of a non-Western international theory focuses not on the total lack of good life in the non-West, but on ideational and perceptual forces, which fuel, in varying mixtures, both Gramscian hegemonies, and ethnocentrism and the politics of exclusion. Some of these explanations are located within the West, some within the non-West and some in the interaction between the two. These explanations have much to do with what Wæver (1998) has called the ‘sociology’ of the discipline, which reinforces material variables such as disparities in power and wealth.” (ACHARYA, Amitav; BUZAN, Barry. **Non-Western International Relations Theory**. New York: Routledge, 2009. p. 2).

<sup>908</sup> VASQUEZ, John. **The power of power politics**. New York: Cambridge University Press, 2004. p. 65.

<sup>909</sup> VASQUEZ, John. **The power of power politics**. New York: Cambridge University Press, 2004. p. 66.

<sup>910</sup> (VASQUEZ, John. **The power of power politics**. New York: Cambridge University Press, 2004. p. 93-103); “The findings of this chapter provide considerable evidence to support the proposition that data making in international relations was guided by the realist paradigm in the 1950s and 1960s. A review of the major data projects conducted during this time period shows that they have collected data primarily on nations and realist topics of inquiry. It has also been found that the initial use of these data has been to test realist hypotheses.” (VASQUEZ, John. **The power of power politics**. New York: Cambridge University Press, 2004. p. 103).

<sup>911</sup> WALKER, Thomas C.; MORTON, Jeffrey. Re-assessing the “power of power politics” Thesis: Is realism still dominant? **International Studies Review**, v. 7, p. 341-356. 2005. p. 342.



Fonte: WALTER; MORTON<sup>912</sup>

Não resta dúvida, portanto, que a política externa norte-americana foi decisivamente guiada pelo Realismo<sup>913</sup> desde a década de 60 até meados da de 90<sup>914</sup>. Seu surgimento e seu ocaso obedecem claramente ao espaço temporal do conflito conhecido como “Guerra Fria”<sup>915</sup>.

<sup>912</sup> WALKER, Thomas C.; MORTON, Jeffrey. Re-assessing the "power of power politics" Thesis: Is realism still dominant? *International Studies Review*, v. 7, p. 341-356. 2005. 352.

<sup>913</sup> “Theory was used to apply to any conceptual framework, so that one had decision making theory, systems theory, game theory, communications theory (cybernetics), and so forth, without any regard for whether these “theories” actually embodied propositions (that linked variables) or provided competing explanations. Because they offered different conceptual perspectives (and sometimes techniques), they were seen as competing theories, and realism (narrowly defined as the work centered around Morgenthau, Kennan, and Niebuhr) was seen as just one of several approaches, albeit one that many thought the most useful.” (VASQUEZ, John. *The power of power politics*. New York: Cambridge University Press, 2004. p. 185).

<sup>914</sup> Até 1960, Truman e Acheson e Eisenhower e Dulles mantiveram o processo decisório sobre política internacional de forma personalista e centralizada. Foi apenas após 1954, através de um duplo desenvolvimento das Relações Internacionais como campo científico e do Realismo como teoria dominante que podemos falar definitivamente da influência desta teoria sobre os tomadores de decisão, com a ascensão de Dean Rusk para Secretário de Estado durante o governo Kennedy. Para maiores detalhes ver o Capítulo 2.

<sup>915</sup> Existem muitas conceituações para o termo “Guerra Fria”. Segundo Joseph Nye “foi um período de hostilidade intensa sem uma guerra de verdade” (NYE, Joseph. *Cooperação e conflito nas relações internacionais*. São Paulo: Gente, 2009. p. 141); Odd Westad diz que Guerra Fria “means the period in which the global conflict between the United States and the Soviet Union dominated international affairs” (WESTAD, Odd Arne. *The global cold war*. New York: Cambridge, 2010. p. 3); Allen Hunter afirma que foi um período em que “the confrontation between United States and Soviet Union dominated world politics and gave a geopolitical focus to the broader conflict between capitalism and communism” (HUNTER, Allen. *Rethinking the cold war*. Philadelphia: Temple, 1998. p. 1); para Gordon Barrass “it was not just a war of military confrontation, but one fought in many fronts: ideology, economics, culture and espionage” (BARRASS, Gordon. *The great cold war: a journey through the hall of mirrors*. Stanford: Stanford University Press, 2009, p. 2); Fred Halliday conceitua como “uma forma específica de conflito interestatal e intersocietal, no qual formas convencionais de rivalidade – a military, a econômica e a política – são compostas por, e frequentemente legitimadas em termos de, uma total divergência de normas políticas e sociais” (HALLIDAY, Fred. *Repensando as relações internacionais*. 2. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007. p. 187). De uma forma diferente, Noam Chomsky define como “for the URSS the Cold War has been primarily a war against its satélites, and for the US a war against the third world” (CHOMSKY, Noam. *Deterring democracy*. New York: Hill and Wang,

Em realidade, a própria teoria de Relações Internacionais chamada de “Realismo” se confunde com o período em questão<sup>916</sup>, uma vez que sua principal teorização – o conceito de bipolaridade<sup>917</sup> – é usado de forma acachapante<sup>918</sup> como descrição e explicação dos eventos em escala mundial entre 1945 e 1991.

Realism is not a single theory, of course, and realist thought evolved considerably throughout the Cold War. “Classical” realists such as Hans Morgenthau and Reinhold Niebuhr believed that states, like human beings, had an innate desire to dominate others, which led them to fight wars. Morgenthau also stressed the virtues of the classical, multipolar, balance-of-power system and saw the bipolar rivalry between the United States and the Soviet Union as especially dangerous.

By contrast, the “neorealist” theory advanced by Kenneth Waltz ignored human nature and focused on the effects of the international system. For Waltz, the international system consisted of a number of great powers, each seeking to survive. Because the system is anarchic (i.e., there is no central authority to protect states from one another), each state has to survive on its own. Waltz argued that this condition would lead weaker states to balance against, rather than bandwagon with, more powerful rivals. And contrary to Morgenthau, he claimed that bipolarity was more stable than multipolarity<sup>919</sup>.

Contudo, tem sido bastante difícil oferecer ao Realismo teses teóricas definitivas. As tentativas de se demonstrar como inapropriadas ou inoperantes as conclusões realistas acabam sempre encontrando relativizações ad hoc por parte dos realistas<sup>920</sup>. Desde uma suposta

---

1992. p. 28) e Samuel Huntington fala em três polos em vez de apenas dois: “During the Cold War global politics became bipolar and the world was divided into three parts. A group mostly wealthy and democratic societies, led by United States, was engaged in a pervasive ideological, political, economic and, at times, military competition with a group of somewhat poorer communist societies associated with and led by Soviet Union. Much of this conflict occurred in the Third World outside two camps, composed of countries which often were poor, lacked political stability, were recently independent, and claimed nonaligned” (HUNTINGTON, Samuel. **The clash of civilizations and the remaking of world order**. New York: Touchstone, 1996. p. 21).

<sup>916</sup> “Um dos paradoxos ilusórios das RIs é que, ao mesmo tempo em que o realismo servia para legitimar uma prática internacional que dominou o mundo pós-guerra – ou seja, o mundo da Guerra Fria e de outras mobilizações de Estados e recursos – o termo “Guerra Fria” quase não era submetido a análises teóricas, sob a alegação de que não continha nada de particularmente novo.” (HALLIDAY, Fred. A guerra fria e seu fim: conseqüências para a teoria das relações internacionais. **Contexto Internacional**, v. 16, p. 53-73, jan./jun. 2007. p. 54).

<sup>917</sup> Apesar de parecer melhor definido, o conceito de bipolaridade ainda não conheceu um consenso científico. Harrison Wagner, por exemplo, afirma “What was bipolarity? It has no clear answer” (WAGNER, Harrison. What was bipolarity? **International Organization**, v. 47, n. 1, p. 77-106, winter. 1993. p. 103). Para uma análise mais profunda da epistemologia do conceito de bipolaridade em Morgenthau e Waltz ver Horta em “O mecanicismo explicativo e a elipse da vontade: o conceito de bipolaridade” (HORTA, Luiz Fernando Castelo Branco Rebello. O mecanicismo explicativo e a elipse da vontade: o conceito de bipolaridade. **Revista Acadêmica de Relações Internacionais**, v. 1, n. 3, p. 59-70. 2013); “This [the bipolarity] can be represented spatially, where the distance between any two states is a measure of the conflict of interest between them. A bipolar system embedded in an anarchic world is likely to distribute its constituent great powers 180 degrees from each other” (GOWA, Joanne. Bipolarity, multipolarity and free trade. **The American Political Science Review**, v. 83, n. 4, p. 1245-1256, dez. 1989. p. 1249).

<sup>918</sup> “[...] some of the most fundamental hegemonic discourses of the era” (WESTAD, Odd Arne. **The global cold war**. New York: Cambridge, 2010. p. 2).

<sup>919</sup> WALT, Stephen. One world, many theories. **Foreign Policy**, v. 110, p. 29-46. 1998. p. 31.

<sup>920</sup> Robert Keohane e Lisa Martin afirmam que “Confronted with such contradictions and anomalies, realism typically retreats from universal rhetoric to post hoc and ad hoc qualifications, taking into account geography, history, perceptions and domestic politics” (KEOHANE, Robert; MARTIN, Lisa. The promise of

diferença existente entre as concepções de vários realistas (como faz Stephen Walt na passagem acima) até condições conjunturais sendo colocadas como modificadores estruturais<sup>921</sup> são usadas para que o Realismo passe incólume por críticas teórico-metodológicas, e mesmo empíricas.

O Realismo é comumente dividido em “Realismo Clássico” e “Realismo Estrutural”, seguindo o surgimento das duas grandes obras “Politics Among Nations” (1948) e “Theory of International Politics” (1979). Para fins de discussão, quando se trata de relativização teórica defensiva (aquela que visa proteger o “núcleo duro” de um programa de pesquisa<sup>922</sup>) o Realismo afirma as diversas diferenças entre suas correntes. Usa-se, por exemplo, diferença entre “balance of power” de Morgenthau (como situação estática), “balancing of power”, de Waltz (como potência ou imanência equilíbrio) e “balance of threat” de Stephen Walt<sup>923</sup>, para eludir argumentos e críticas sobre a teoria. Faz-se confusão entre as noções epistemológicas de

---

institutionalist theory. **International Security**, v. 20, n. 1, p. 39-51, summer. 1995. p. 41). Jack Donnelly chama estas táticas retóricas de “dodges” (esquivas): “I argue, however, that this ‘structural dodge’ – the attempt to circumvent the need for a substantive account of state motivation through an appeal to anarchy – cannot succeed. Motives cannot be left out of structural theories. Even the most rigorously structural theory requires a substantive account of state motivation” (DONNELLY, Jack. **Realism and international relations**. New York: Cambridge University Press, 2000. p. 51).

<sup>921</sup> Esta é uma tática retórica que pode ser vista, por exemplo, em Mearsheimer “A realist replay” (MEARSHEIMER, John. A realist replay. **International Security**, v. 20, n. 1, p. 82-93, summer. 1995). Contudo, o exemplo mais bem acabado destas esquivas retóricas vem do próprio Kenneth Waltz que, incapaz de prever o fim do sistema bipolar (que ele afirmava em 1964 “estável”) (WALTZ, Kenneth. The stability of a bipolar world. **American Academy of Art & Sciences**, v. 93, n. 3, p. 881-909, summer. 1964) afirma em 2000 que: “With so many of the expectations that realist theory gives rise to confirmed by what happened at and after the end of the Cold War, one may wonder why realism is in bad repute. A key proposition derived from realist theory is that international politics reflects the distribution of national capabilities, a proposition daily borne out. Another key proposition is that the balancing of power by some states against others recurs. Realist theory predicts that balances disrupted will one day be restored. A limitation of the theory, a limitation common to social science theories, is that it cannot say when.” (WALTZ, Kenneth. Structural realism after the cold war. **International Security**, v. 25 n. 1, p. 5-41, summer. 2000. p. 27). Waltz cria a ideia de “bipolarity in altered state” (DUNNE, Tim, COX, Michael; BOOTH, Ken. **The eighty years' crisis: International Relations 1919-1999**. Edimburgo: Cambridge University Press, 2002. p. 98) como um período em suspenso em que a bipolaridade estaria incompleta, esperando ser redefinida, sem que isto fosse uma evidência contra o próprio realismo. Waltz termina numa tautologia modelar: “Instead, the Cold War ended exactly as structural realism led one to expect. As I wrote years ago, the Cold War ‘is firmly rooted in the structure of postwar international politics and will last as long as the structure endures’. So it did, and the Cold War ended only when the bipolar structure of the world disappeared” (WALTZ, Kenneth. Structural realism after the cold war. **International Security**, v. 25 n. 1, p. 5-41, summer. 2000. p. 39).

<sup>922</sup> “Todos los programas de investigación científica pueden ser caracterizados por su ‘nucleo firme’. La heurística negativa del programa impide que apliquemos el *modus tollens* a esse ‘nucleo firme’. Por el contrario, debemos utilizar nuestra inteligencia para incorporar e incluso inventar hipótesis auxiliares que formen un cinturón protector en torno a ese centro, y contra ellas debemos dirigir el *modus tollens*. El cinturón protector de hipótesis auxiliares debe recibir los impactos de las contrastaciones y para defender al núcleo firme, será ajustado y reajustado e incluso completamente sustituido. Um programa de investigación tiene éxito si ello conduce a un cambio progresivo de problemática; fracasa, si conduce a un cambio regresivo.” (LAKATOS, Imre. **La metodología de los programas de investigación científica**. Madrid: Alianza, 1989. p. 66).

<sup>923</sup> VASQUEZ, John; ELMAN, Colin. **Realism and the balancing of power: a new debate**. New Jersey: Prentice Hall, 2003. p. 9-17.

“estrutura” e “sistema”<sup>924</sup>, toma-se a realidade e a impressão subjetiva da realidade como noções semelhantes e intercambiáveis<sup>925</sup>.

Ainda dentro das estratégias de fuga retóricas, é comum afirmar-se que o que é “estrutural” não é tão estrutural assim e depende da relação com o indivíduo (abrindo-se espaço para a assimilação de anomalias teóricas<sup>926</sup>), para então, mais à frente, reafirmar-se, novamente, a força cogente estrutural<sup>927</sup>. Outro recurso recorrente é dizer que se a história não segue o padrão definido pela teoria, então é a história que não está bem compreendida ou narrada. Mude-se o historiador até que a narrativa sirva.<sup>928</sup>

É claro que existem diferenças entre o pensamento dos diversos autores que se denominam de “realistas”. Talvez as mais visíveis sejam as diferenças mesmas entre Morgenthau e Waltz. A esseira de pensamento de Morgenthau, as noções básicas sobre as quais

---

<sup>924</sup> “Structural theory emphasizes that causation runs from structures to states **and** from states from structure. It also explains, among other things why balances of power recurrently form” (WALTZ, Kenneth. *Evaluating theories*. In: VASQUEZ, John; ELMAN, Colin. **Realism and the balancing of power: a new debate**. New Jersey: Prentice Hall, 2003. p. 51). “Internationally, different states have produced similar as well as different outcomes, and similar states have produced different as well as similar outcomes. The same causes sometimes lead to different effects, and the same effects sometimes follow from different causes. We led to suspect that reductionist explanations of international politics are insufficient and that analytic approaches must give way to systemic ones” (WALTZ, Kenneth. **Theory of international politics**. Berkeley: Addison-Wesley, 1979. p. 37).

<sup>925</sup> A diferença entre realistas “ofensivos” e “defensivos”, por exemplo, é a noção de “segurança”. Até porque não existe uma “realidade” objetivamente mais segura ou insegura que outra. São, pois, noções inerentes ao indivíduo e não realidades objetivamente definidas: “Offensive realists, such as Mearsheimer (1994-1995), argue that great powers seek to maximize security by maximizing their relative power, while ‘defensive’ realists, such as Jack Snyder (1991) or Charles Glaser (1994-1995) argue that great powers are generally more secure when they refrain from power maximization and seek to defend the status quo” (WALT, Stephen. *The progressive power of realism*. In: VASQUEZ, John; ELMAN, Colin. **Realism and the balancing of power: a new debate**. New Jersey: Prentice Hall, 2003. p. 61).

<sup>926</sup> “Incluso los programas de investigación que progresan de la forma mas rapida y consistente solo pueden digerir la evidencia contraria de modo fragmentario: nunca desaparecen completamente las anomalias. Pero no hay que pensar que las anomalias aun no explicadas (los «puzzles», como los llama Kuhn) son abordadas en cualquier orden o que el cinturón protector es construido de forma eclectica, sin un plan preconcebido. El orden suele decidirse en el gabinete del teórico con independencia de las anomalias conocidas. Pocos científicos teóricos implicados en un programa de investigación se ocupan excesivamente de las ‘refutaciones’. Mantienen una política de investigación a largo plazo que anticipa esas refutaciones” (LAKATOS, Imre. **La metodologia de los programas de investigación científica**. Madrid: Alianza, 1989. p. 68).

<sup>927</sup> “This [the structural worry about national security] does not mean that all regions in all times have leaders who are obsessed first and foremost with Realpolitik. Rather than offering a theory of all foreign policy, we were offering a perceptual approach to explain why behaviors vary greatly even in structurally similar worlds in which leaders are generally thinking in terms of power and military doctrine” (CHRISTENSEN, Thomas; SNYDER, Jack. *Progressive research on degenerate alliances*. In: VASQUEZ, John; ELMAN, Colin. **Realism and the balancing of power: a new debate**. New Jersey: Prentice Hall, 2003. p. 71).

<sup>928</sup> “Our main criticism of Schroeder’s (1994a) article [questioning the fundamental historic assumptions on realist theory] was that his reading of European history is largely consistent with this neorealist hard core [which the author denies]. Schroeder may be right that the historical record of European international relations does not conform to Waltz’s (1979) prediction of balancing, but contrary to Schroeder and Vasquez’s assertions, neorealist theories do not invariably predict that states will balance; that they will always balance effectively (they are less likely to under multipolarity when structural pathologies are present); or that balances will always form”. (ELMAN, Colin; ELMAN, Myriam. *Lakatos and neorealism: a reply to Vasquez*. In: VASQUEZ, John; ELMAN, Colin. **Realism and the balancing of power: a new debate**. New Jersey: Prentice Hall, 2003. p. 83).



ele estabelece o seu edifício teórico, estão colocadas na percepção de que a História tem recorrências. Assim, uma “teoria”, para Morgenthau, é aquela que busca nas semelhanças históricas as razões políticas<sup>929</sup>. Waltz, diferentemente, se sustenta na noção mecanicista advinda da economia<sup>930</sup>. Para Morgenthau, há mais espaço na política internacional para a decisão humana do que para Waltz<sup>931</sup>. A bipolaridade em Morgenthau, por exemplo, não é contingência obrigatória, mas fruto de condicionantes políticos e decisões subjetivas.

There are two reasons why the egotism of one must come into conflict with the egotism of the others. What the one wants for himself, the other already possesses or wants too. Struggle and competition ensue. [...] The other root of conflict and concomitant evil stems from the animus dominandi, the desire for power. This lust for power manifests itself as the desire to maintain the range of one's own person with regard to others, to increase it, or to demonstrate it. In whatever disguises it may appear, its ultimate essence and aim is in one of these particular references of one person to others<sup>932</sup>.

That such has been the political state of the world does not of necessity result from the mechanics of the new balance of power. The changed structure of the balance of power has made the hostile opposition of two gigantic power blocs possible, but it has not made it inevitable. Quite the contrary, the new balance of power is a mechanism that contains in itself the potentialities for unheard-of good as well as for

---

<sup>929</sup> “The belief of “laissez-faire” liberalism that the natural harmony of interests, that is, the common good in economic terms, results from the free interplay of the enlightened self-interest of individuals, bestows upon individual egotism an ethical value which it would not possess apart from its subservience to the ethical goal of social harmony.” (MORGENTHAU, Hans. *The evil of politics and the ethics of evil*. **Ethics**, v. 56, n. 1, p. 1-18, oct. 1945. p.8).

<sup>930</sup> “Self-help is necessarily the principle of action in an anarchic order. A self-help situation is one of high risk-of bankruptcy in the economic realm and of war in a world of free states. It is also one in which organizational costs are low. Within an economy or within an international order, risks may be avoided or lessened by moving from a situation of coordinate action to one of super- and subordination, that is, by erecting agencies with effective authority and extending a system of rules. Government emerges where the functions of regulation and management themselves become distinct and specialized tasks. The costs of maintaining a hierarchic order are frequently ignored by those who deplore its absence. Organizations have at least two aims: to get something done and to maintain themselves as organizations. Many of their activities are directed toward the second purpose. The leaders of organizations, and political leaders preeminently, are not masters of the matters their organizations deal with. They have become leaders not by being experts on one thing or another but by excelling in the organizational arts in maintaining control of a group's members, in eliciting predictable and satisfactory efforts from them, in holding a group together. In making political decisions, the first and most important concern is not to achieve the aims the members of an organization may have but to secure the continuity and health of the organization itself” (WALTZ, Kenneth. **Theory of international politics**. Berkeley: Addison-Wesley, 1979. p. 111).

<sup>931</sup> “One might note from the outset that the opposition between man and society, individual and political action, is a mere figure of speech in so far as the individual actor is confronted with a collectivity which is supposed likewise to act. It is always the individual who acts, either with reference to his own ends alone or with reference to the ends of others. The action of society, of the nation, or of any other collectivity, political or otherwise, as such has no empirical existence at all. What empirically exists are always the actions of individuals who perform identical or different actions with reference to a common end. The most that can be said concerning the moral character of a private as over against a political action is that an individual acting in one capacity may be more or less moral than when acting in the other. Once the opposition between man and society, between private and political action, is reduced to the opposition between different kinds of individual actions, it becomes obvious that the difference in moral character between the two kinds of actions is at best a relative one and is devoid of the absoluteness which contemporary doctrine attributes to it.” (MORGENTHAU, Hans. *The evil of politics and the ethics of evil*. **Ethics**, v. 56, n. 1, p. 1-18, oct. 1945. p. 10).

<sup>932</sup> MORGENTHAU, Hans. *The evil of politics and the ethics of evil*. **Ethics**, v. 56, n. 1, p. 1-18, oct. 1945. p. 13.

unprecedented evil. Which of these potentialities will be realized depends not upon the mechanics of the balance of power, but upon moral and material forces which use that mechanism for the realization of their ends.<sup>933</sup>

O conceito de poder, por exemplo, é bastante diferente para os dois. Enquanto em Waltz o conceito de poder é duro, como uma realidade medível e perceptível por critérios quantitativos<sup>934</sup>, em Morgenthau há uma dualidade conceitual entre o poder como habilidade subjetiva e como relação imanente<sup>935</sup>. O que leva à ideia de “balance of power” ser também diferente. Em Morgenthau é uma possibilidade que, se não atendida pelo governante, levará seu Estado “à ruína”<sup>936</sup>. Para Waltz, os Estados buscam o movimento de “balancing of power” em função dos condicionantes estruturais. A posição de equilíbrio – com os estados balanceados – é a mais estável, mas há um processo que não é imediato e nem controlado totalmente pelos sujeitos entre o Estado não-balanceado (ponto inicial) e o ponto de equilíbrio.

The preceding analysis indicates that the balance of power among states has a firm basis in reality, that it is much more than a "delusion." The analysis also puts into perspective the frequent allegations that statesmen in pursuing balance-of-power policies often behave immorally<sup>937</sup>.

<sup>933</sup> MORGENTHAU, Hans. **Politics among nations: the struggle for power and peace**. 6th ed. Beijing: McGraw Hill, 1997. p. 379.

<sup>934</sup> “Esta parece ter sido uma grande mudança em Waltz, na medida em que em “Man, the State and War” (livro publicado em 1959) ele inicia a conceituação seguindo Hobbes e define explicitamente poder como “[...] we can define power, following Hobbes, as the capacity to produce an intended effect” (WALTZ, Kenneth. **Man, the state and war**. New York: Colúmbia, 2001. p. 205) muito próximo, portanto, de um conceito relacional. Já ao usar o termo “capacidades”, tal qual é usado em “Theory of International Politics” (publicado em 1979), ele recai claramente no poder enquanto “capacidade objetiva” tanto que afirma: “The economic, military, and other capabilities of nations cannot be sectored and separately weighed. States are not placed in the top rank because they excel in one way or another. Their rank depends on how they score on all of the following items: size of population and territory, resource endowment, economic capability, military strength, political stability and competence. States spend a lot of time estimating one another's capabilities, especially their abilities to do harm. States have different combinations of capabilities which are difficult to measure and compare, the more so since the weight to be assigned to different items changes with time. [...] We should not be surprised if wrong answers are sometimes arrived at. (WALTZ, Kenneth. **Theory of international politics**. Berkeley: Addison-Wesley, 1979. p. 131).

<sup>935</sup> O conceito de poder de Morgenthau padece de um problema linguístico. Nos textos em inglês, Morgenthau usa apenas o termo “power”. Nos mesmos textos em alemão, ele faz uma diferença entre “Macht” e “Kraft” e nas versões francesas, faz diferença entre “puissance” e “pouvoir”. O termo “power” em inglês perde as noções de fim estático (como em *pouvoir* e *kraft*) e transitoriedade ou possibilidade (como em *puissance* e *macht*). Para uma discussão desta diferença em Morgenthau ver Felix Rösch (RÖSCH, Felix. *The human condition of politics: considering the legacy of Hans j. Morgenthau for international relations*. **Journal of International Political Theory**, v. 9, n. 1, p. 1-21. 2013. p. 7-9) e para uma discussão da mesma noção, de forma mais ampla na filosofia política, com os termos latinos de “potentia” e “potestas” ver Carlo Altini (ALTINI, Carlo. ‘Potentia’ as ‘Potestas’: an interpretation of modern politics between Thomas Hobbes and Carl Schmitt. **Philosophy and Social Criticism**, v. 36, n. 2, p. 231-252. 2010).

<sup>936</sup> “There was good reason for moral indignation, however misdirected this one was. That a new balance of power will rise out of the ruins of an old one and that nations with political sense will avail themselves of the opportunity to improve their position within it, is a law of politics for whose validity nobody is to blame. Yet blameworthy are those who in their moralistic disdain for the laws of politics endanger the interests of the nations which are in their care.” (MORGENTHAU, Hans. *The mainsprings of american foreign policy: the national interest vs. moral abstractions*. **The American Political Science Review**, v. 44, n. 4, p. 833-854. 1950. p. 853).

<sup>937</sup> WALTZ, Kenneth. **Man, the state and war**. New York: Colúmbia, 2001. p. 207.

A questão da validade, ou não, da moral é, talvez, o ponto mais estridente da diferença entre os dois “realistas”. Enquanto para Morgenthau o mundo é moral, embora os governantes devam se abster desta moral para tomar suas decisões<sup>938</sup>, para Waltz a moralidade somente aparece como componente essencial da “luta pelo poder”, e sempre de forma negativa<sup>939</sup>. Há uma dualidade em Morgenthau de negar a afirmação de Hobbes (de que são os estados que criam a moralidade e a lei e, portanto, não há lei nem moral fora do Estado) e, ao mesmo tempo, afirmar que o “Realismo” “*will guard against two popular fallacies: the concern with motives and the concern with ideological preferences*”<sup>940</sup>

May I call attention to a factual error in Mr Wight's review of my book *Dilemmas of Politics*, published in the April 1959 issue of *International Affairs* (p. 199). Mr Wight states: 'In a former book he marked an extreme position by endorsing Hobbes's doctrine that outside the state there is neither morality nor law.' The passage referred to is in *In Defense of the National Interest*, p. 34. What I said in this passage is this: 'There is a profound and neglected truth hidden in Hobbes's extreme dictum that the state creates morality as well as law and that there is neither morality nor law outside the state. Universal moral principles, such as justice or equality, are capable of guiding political action only to the extent that they have been given concrete content and have been related to political situations by society.'

To say that a truth is 'hidden' in an 'extreme' dictum can hardly be called an endorsement of the dictum. To call a position 'extreme' is not to identify oneself with the position but to disassociate oneself from it. In the quoted passage I was trying to establish the point, in contrast to Hobbes's, that moral principles are universal and, hence, are not created by the state. I was also trying to establish the point, I think in accord with Hobbes, that moral principles, as applied to political issues, receive their concrete meaning from the political situation within which they are called upon to operate. Thus, far from endorsing Hobbes, I was really saying that his statement is in error because it is 'extreme', but that it contains a 'hidden' element of truth<sup>941</sup>.

---

<sup>938</sup> “These ideologies are not the accidental outgrowth of the hypocrisy of certain individuals who need only to be replaced by other, more honest individuals in order to make the conduct of foreign affairs more decent. Disappointment always follows such expectations. The members of the opposition who were most vocal in exposing the deviousness of Franklin D. Roosevelt's or Churchill's foreign policies shocked their followers, once they had become responsible for the conduct of foreign affairs, by their own use of ideological disguises. It is the very nature of politics to compel the actor on the political scene to use ideologies in order to disguise the immediate goal of his action.” (MORGENTHAU, Hans. **Politics among nations: the struggle for power and peace**. 6th ed. Beijing: McGraw Hill, 1997. p. 103).

<sup>939</sup> “It is more important to ask whether or not the conditions of international politics permit statesmen to think and act in terms of the moral and legal principles that may be both serviceable and acceptable in domestic politics. Everyone is for “the national interest.” No policy is advanced with the plea that, although this will hurt my country, it will help others. The problems are the evaluative one of deciding which interests are legitimate and the pragmatic one of deciding what policies will best serve them. To solve these problems, one needs as much an understanding of politics as an understanding of man—and the one cannot be derived from the other.” (WALTZ, Kenneth. **Man, the state and war**. New York: Colúmbia, 2001. p. 38); “After the state is established, men have some chance of behaving morally. Before the state is established, uncertainty and violence make this impossible.” (WALTZ, Kenneth. **Man, the state and war**. New York: Colúmbia, 2001. p. 163).

<sup>940</sup> MORGENTHAU, Hans. **Politics among nations: the struggle for power and peace**. 6th ed. Beijing: McGraw Hill, 1997. p. 5.

<sup>941</sup> MORGENTHAU, Hans. Corrigendum: Review of Books. **International Affairs**, v. 35, n. 4, p. 502. 1959.

Esta dualidade é característica do realismo de Morgenthau desde sua epistemologia<sup>942</sup>. Ao mesmo tempo em que o autor defende que a política internacional está sujeita a algumas “leis” científicas, o próprio Morgenthau se coloca em condição de negar as posturas científicas que levam a um cientificismo ou ao behaviorismo<sup>943</sup>. Waltz é bem mais direto com relação a esse problema. Para Waltz existem leis, mas são leis políticas e não quantitativas ou diretamente mensuráveis:

Since I see no reason for wasting the word “theory” by defining it as a set of two or more laws, I adopt the second meaning of the term: Theories explain laws. This meaning does not accord with usage in much of traditional political theory, which is concerned more with philosophic interpretation than with theoretical explanation. It does correspond to the definition of the term in the natural sciences and in some of the social sciences, especially economics. The definition also satisfies the need for a term to cover the explanatory activity we persistently engage in. In order to get beyond “the facts of observation,” as we wish irresistibly to do, we must grapple with the problem of explanation. The urge to explain is not born of idle curiosity alone. It is produced also by the desire to control, or at least to know if control is possible, rather than merely to predict. Prediction follows from knowledge of the regularity of associations embodied in laws. Sunrises and sunsets can be reliably predicted on the basis of empirical findings alone, without benefit of theories explaining why the phenomena occur. Prediction may certainly be useful: The forces that propel two bodies headed for a collision may be inaccessible, but if we can predict the collision, we can at least get out of the way. Still, we would often like to be able to exert some control. Because a law does not say why a particular association holds, it cannot tell us whether we can exercise control and how we might go about doing so. For the latter purposes we need a theory<sup>944</sup>.

Para uma comparação, abaixo mostramos a nuvem conceitual das ideias de Morgenthau e Waltz.

**Figura 11 - Nuvem conceitual retirada dos "seis princípios do realismo político" de Morgenthau em sua obra "Politics among Nations"**

---

<sup>942</sup> “When the times tend to depreciate the element of power, it must stress its importance. When the times incline toward a monistic conception of power in the general scheme of things, it must show its limitations. When the times conceive of power primarily in military terms, it must call attention to the variety of factors which go into the power equation and, more particularly, to the subtle psychological relation, of which the web of power is fashioned. When the reality of power is being lost sight of over its moral and legal limitations, it must point to that reality. When law and morality are judged as nothing, it must assign them their rightful place.” (MORGENTHAU, Hans. Reflections on the state of political science. *The Review of Politics*, v. 17, n. 4, p. 431-460. 1955. p. 455).

<sup>943</sup> “In truth, the scientist is by no means as knowledgeable and objective as he appears to the public, nor is the layman as ignorant and subjective as he appears to himself. Concerning the relationship between scientific advice and the political-military decision, the distinction must be drawn not between scientist and layman, but between, on the one hand, the scientist as the constructor and operator of existing technology, and, on the other, the scientist and the layman both trying to anticipate the technological future in a political-military context.” (MORGENTHAU, Hans. Modern science and political power. *Columbia Law Review*, v. 64, n. 8, p. 1386-1409. 1964. p. 1406).

<sup>944</sup> WALTZ, Kenneth. *Theory of international politics*. Berkeley: Addison-Wesley, 1979. p. 6.



Fonte: Elaborado pelo autor, 2018

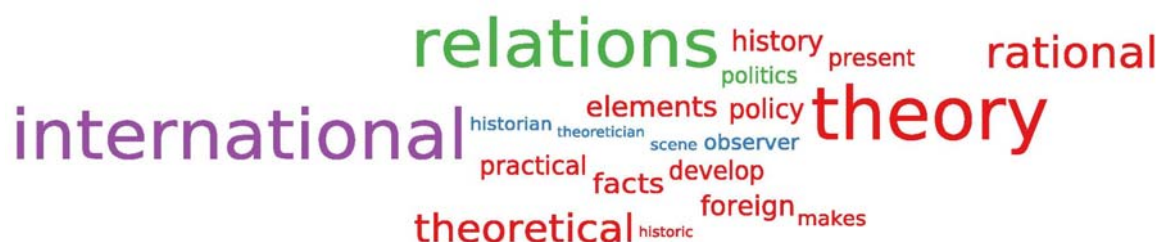
Figura 12 - Nuvem conceitual produzida a partir do último capítulo (conclusão) da obra "Theory of international Politics" de Waltz



Fonte: Elaborado pelo autor, 2018

É possível perceber a ausência da ideia de “moral” em Waltz, que era presente em Morgenthau. Além disto, o que se concentra na noção de “nations” para Morgenthau, se transforma em “states” para Waltz. Enquanto os estados se organizam conforme suas “nature” and “interests” na nuvem de Morgenthau, em Waltz estas noções são substituídas por “system” and “power management”. Em Waltz, todo o discurso gira em torno da “Soviet Union” (que aparece associada a várias árvores de ideias) em oposição à preocupação central de Morgenthau que era “Britain”.

Figura 13 - Nuvem conceitual formada a partir do texto de Morgenthau enviado à conferência de 1954 falando sobre "Teoria de Relações Internacional"



Fonte: Elaborado pelo autor, 2018

**Figura 14 - Nuvem conceitual formada a partir do capítulo 6 "Anarchic Structures and Balances of Power" do Livro "Theory of International Politics" de Waltz**



Fonte: Elaborado pelo autor, 2018

Ao explicarem suas teorias, Waltz e Morgenthau também diferem. O caminho para “theory” em Morgenthau se dá através dos termos “international”, “historian”, “theoretician” e “observer”. Em Waltz, o mesmo caminho inicia em “balance of power” e passa por “order”, “make”, “structure”, para então chegar em “theory”. A “history” que era tema central para Morgenthau, simplesmente desaparece para Waltz, sendo substituída por “expectations” (dando a noção de futuro) e pelo “world” organizado em “system” “national” “units”.

#### 4.6 O QUE É O REALISMO?

Mas se existem tantas e tão claras diferenças entre os realistas, e em especial entre Morgenthau e Waltz, como é possível que eles constituam uma “escola de pensamento” no sentido de partilharem premissas comuns e objetivos semelhantes? O conceito de poder é diferente, as unidades de análise diferem também (em Morgenthau são “nations” e não “states”, como em Waltz) e os pressupostos teóricos não poderiam ser mais divergentes, com Morgenthau apelando para a História como caminho para observações teóricas através de regularidades e Waltz caminhando para uma explicação estrutural, mecanicista que se inspira na economia, para criar “leis” e “teorias” com o objetivo de explicar e até prever a política internacional. Como podem todos serem classificados como “realistas”, principalmente porque existem inúmeras teorias que buscam como centro de observação a ideia de “poder” (o marxismo e o liberalismo institucionalista, por exemplo)? Existem outras teorias que aceitam a questão da Anarquia internacional e mesmo a centralidade dos Estados como atores internacionais. Ou seja, todas os “principais pontos” presentes na teoria realista – com os quais

a um fundado consenso na academia – não são definidores do Realismo, já que não têm força suficiente como critério de avaliação determinante para o ato de “conceituar”<sup>945</sup>

Classical realism, with its focus on state sovereignty, military power and national interest is rooted in the diplomatic and political practices of modern Europe up to 1945. It likes to claim an intellectual pedigree in classics of European political theory such as Hobbes, Machiavelli and Thucydides, and uses this to support its claim that power politics is rooted in human nature, and is therefore a permanent, universal feature of the human condition. This, in turn, supports a foreign policy prescription based on self-interest, self-reliance, suspicion, vigilance and prudence<sup>946</sup>.

A pista para a solução desse problema está na paulatina evicção da ideia da ação humana na política internacional, seja teórica, seja de forma prática, desde Woodrow Wilson, passando por Morgenthau até chegar em Waltz<sup>947</sup>. Ou seja, o que caracteriza o Realismo é a percepção enraizada de que a tomada de decisão participativa (democrática) deveria ser afastada dos assuntos de Política Internacional. E, para diminuir o espaço de ação do sujeito (seja sua percepção normativa, seu direito de agir e influenciar, ou mesmo a eficiência desta ação), o Realismo cria um local político de julgamento “científico” para as ações, contra o qual o cidadão (individualmente ou organizado) não pode se insurgir, sob pena de trazer maus efeitos a si e aos seus concidadãos. O que, num primeiro momento parece uma discussão científica, é, em realidade, uma disputa por espaços de poder entre uma pequena oligarquia iluminada e enriquecida e o restante da população. Como complicador, se tinha a ideia de que o conceito de “democracia” viria a se tornar arma-chave dentro da Guerra Fria. Havia que se encontrar uma forma de afirmar-se democrático o Ocidente (em oposição ao Oriente “Totalitário”) e, ao mesmo tempo, garantir um processo decisório em Política Internacional oligárquico, hermético e – mesmo assim – tido como legítimo.

É preciso, pois, tomar o Realismo não como uma teoria, mas como um “Programa de Pesquisa”<sup>948</sup> no sentido de Imre Lakatos, contendo um núcleo duro de proposições não

<sup>945</sup> SARTORI, Giovanni. Concept misformation in comparative politics. *The American Political Science Review*, v. 64, n. 4, p. 1033-1053, dez. 1970. p. 1043-1046.

<sup>946</sup> ACHARYA, Amitav; BUZAN, Barry. *Non-Western International Relations Theory*. New York: Routledge, 2009. p. 6.

<sup>947</sup> A noção de “autodeterminação dos povos” fazendo o mundo “seguro para a Democracia” de Wilson (MORGENTHAU, Hans. *Politics among nations: the struggle for power and peace*. 6th ed. Beijing: McGraw Hill, 1997. p. 272) implica em um espaço social de participação política bastante maior do que a noção de Morgenthau de “nations” que deveriam conter seus julgamentos morais e reconhecer seus déficits representativos ao mesmo tempo que buscavam sobreviver no cenário internacional. Há uma maior redução ainda desta noção de participação na teoria de Waltz, com os Estados tomados como “entes” racionais fechados (sem que sejam importantes a política interna) que devem se submeter aos condicionantes estruturais num sistema anárquico e de eterna competição.

<sup>948</sup> A ideia original é de John Vasquez (VASQUEZ, John. *The power of power politics*. New York: Cambridge University Press, 2004), embora eu acredite que ele usa erradamente os conceitos de Lakatos. Vasquez afirma

falseáveis e um cinturão protetor de hipóteses acessórias que podem ser modificadas ad hoc<sup>949</sup>. O que, porém, os acadêmicos e teóricos até agora apontaram como “principais pontos”<sup>950</sup> não são o núcleo duro do Realismo, e sim apenas suas hipóteses de proteção. Exatamente por isto existe tanta divergência entre os acadêmicos que se definem como “realistas”, mesmo dentre os pontos que deveriam ter consensos fortes o suficiente para oferecerem uma conceituação mais acurada.

O núcleo duro do Realismo se caracteriza, assim, por quatro proposições:

**1) Que a desigualdade entre os homens é natural<sup>951</sup>, necessária e garantidora da estabilidade<sup>952</sup> de qualquer sistema social, seja ele o interno (política interna) ou externo (política internacional)<sup>953</sup>.** O poder (seja a definição que ele assumir no cinturão de hipóteses-

---

que o Realismo está em processo degenerativo como programa de pesquisa exatamente porque não é capaz de aumentar o número de fenômenos explicados (VASQUEZ, John. **The power of power politics**. New York: Cambridge University Press, 2004. p. 362-368). Para uma posição diferente, ver Colin e Myriam Elman (ELMAN, Colin; ELMAN, Myriam. Lakatos and neorealism: a reply to Vasquez. In: VASQUEZ, John; ELMAN, Colin. **Realism and the balancing of power: a new debate**. New Jersey: Prentice Hall, 2003).

<sup>949</sup> “Por fin, un programa de investigación tiene un gran cinturón de hipótesis auxiliares sobre cuya base se establecen las condiciones iniciales. El cinturón protector del programa newtoniano incluía la óptica geométrica, la teoría de Newton de la refracción atmosférica, etc. Llama a esse cinturón cinturón protector porque protege al núcleo firme de las refutaciones: las anomalías no se aceptan como refutaciones del núcleo firme sino como refutaciones de algunas hipótesis del cinturón protector. En parte, debido a la presión empírica (pero, en parte, según el diseño de su heurística) el cinturón protector es modificado constantemente, expandido, complicado, mientras que el núcleo firme permanece intacto.” (LAKATOS, Imre. **La metodología de los programas de investigación científica**. Madrid: Alianza, 1989. p. 230).

<sup>950</sup> Ver Dougherty e Pfaltzgraff (DOUGHERTY, James; PFALTZGRAFF, Robert. **Contending theories of international relations: a comprehensive survey**. 5. ed. New York: Addison Wesley Longman, 2001. p. 63-64); (JACKSON, Robert; SORENSEN, Georg. **Introdução às Relações Internacionais**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007. p. 60-61).

<sup>951</sup> “Inequality, however, is inherent in the state system; it cannot be removed. At the pinnacle of power, no more than small numbers of states have ever coexisted as approximate equals; in relation to them, other states have always been of lesser moment.” (WALTZ, Kenneth. **Theory of international politics**. Berkeley: Addison-Wesley, 1979. p. 132).

<sup>952</sup> “The inequality of states, though it provides no guarantee, at least makes peace and stability possible.” (WALTZ, Kenneth. **Theory of international politics**. Berkeley: Addison-Wesley, 1979. p. 132); “It goes without saying that these aspirations and the attendant moral embarrassment - both incapable of satisfaction or relief on a worldwide scale - are extensively used as ideological justifications and rationalizations for specific political aims in the service of concrete national interests. These aims are naturally directed toward changes in the status quo at the expense of the rich and in favor of the poor. The former, aware of the existing extreme inequality, and persuaded by the moral principle which condemns it, are at an obvious disadvantage in defining and promoting their own interests; they must do so, as it were, with a bad conscience, no longer fully convinced of the rightness of their case.” (MORGENTHAU, Hans. **Politics among nations: the struggle for power and peace**. 6th ed. Beijing: McGraw Hill, 1997. p. 109).

<sup>953</sup> “The bothersome qualities of the inevitable inequality of states should not cause one to overlook its virtues. In an economy, in a polity, or in the world at large, extreme equality is associated with instability. To draw a domestic analogy: Where individualism is extreme, where society is atomistic, and where secondary organizations are lacking, governments tend either to break down into anarchy or to become highly centralized and despotic. Under conditions of extreme equality, the prospect of oscillation between those two poles was well described by de Tocqueville; it was illustrated by Hobbes; and its avoidance was earnestly sought by the authors of the Federalist Papers. In a collection of equals, any impulse ripples through the whole society.” (WALTZ, Kenneth. **Theory of international politics**. Berkeley: Addison-Wesley, 1979. p. 132); “On the



protetoras) é apenas a medida desta desigualdade. A necessidade de amealhar poder surge, portanto, de duas conclusões lógicas: tanto da (a) percepção de que a disputa pelo poder vai levar os mais fracos a buscarem meios (não contidos por qualquer moral) de sobrevivência, quanto (b) pela ideia de que nada mais pode assegurar a sobrevivência (do homem ou do Estado) que não o poder. Desta forma, a desigualdade ontológica humana responde como causa das ações políticas, seja no presente (o medo imediato da extinção) ou no futuro (a preparação para um conflito incontornável) e permite a construção de hipóteses-protetoras sobre comportamentos dos Estados, inicialmente conflitantes, como o realismo “agressivo” e o realismo “defensivo”, por exemplo.

**2) Uma dupla exclusão da Política Internacional tanto como campo da participação popular<sup>954</sup> (tomada em seu sentido democrático-participativo), quanto como espaço de exercício de poder intelectual-científico<sup>955</sup>.** O Realismo afirma que a Política

---

international plane it is no exaggeration to say that the very structure of international relations-as reflected in political institutions. Diplomatic procedures, and legal arrangements-has tended to become at variance with. and in large measure irrelevant to. the reality of international politics. While the former assumes the "sovereign equality" of all nations. the latter is dominated by an extreme inequality of nations. two of which are called superpowers because they hold in their hands the unprecedented power of total destruction and many of which are called "ministates" because their power is minuscule even compared with that of the traditional nation states." (MORGENTHAU, Hans. **Politics among nations: the struggle for power and peace.** 6th ed. Beijing: McGraw Hill, 1997. p. 8).

<sup>954</sup> “What totalitarianism can achieve only by force, fraud, and deification of the state, democracy must try to accomplish through the free interplay of popular forces, **guided by a wise and responsible government. Where the government is unable to prevent the degeneration of this interplay into class, racial, or religious conflicts**, tending to split the national community into warring groups, national morale is likely to be low, at least among the victimized groups. If not among the people as a whole.” (MORGENTHAU, Hans. **Politics among nations: the struggle for power and peace.** 6th ed. Beijing: McGraw Hill, 1997. p. 157); “Thinking required for the successful conduct of foreign policy can be diametrically opposed to the rhetoric and action by which the masses and their representatives are likely to be moved. The peculiar qualities of the statesman's mind are not always likely to find a favorable response in the popular mind. The statesman must think in terms of the national interest, conceived as power among other powers. The popular mind, unaware of the fine distinctions of the statesman's thinking, reasons more often than not in the simple moralistic and legalistic terms of absolute good and absolute evil. The statesman must take the long view, proceeding slowly and by detours, paying with small losses for great advantage; he must be able to temporize, to compromise, to bide his time. The popular mind wants quick results; it will sacrifice tomorrow's real benefit for today's apparent advantage.” (MORGENTHAU, Hans. **Politics among nations: the struggle for power and peace.** 6th ed. Beijing: McGraw Hill, 1997. p. 165).

<sup>955</sup> “The modern science of peace starts from the assumption that the world is thoroughly accessible to science and reason and that it contains in itself all the elements necessary for the harmonious co-operation of all mankind. It is for science to detect those elements, variously defined as harmony of interests, laws of economics, free trade, and modern communications; it is for law to apply them where they do not prevail spontaneously; and it is for negotiation and compromise to discover them under the surface of apparent conflict.” (MORGENTHAU, Hans. **Politics among nations: the struggle for power and peace.** 6th ed. Beijing: McGraw Hill, 1997. p. 43); “The contradiction of theories creates differences in the meanings of terms across theories. In international politics, as in the social sciences generally, theories turn out to be weak ones. The weakness of theories creates uncertainty of meanings even within a single theory. In international politics, whether because theories are contradictory or weak, discussion and argument about many important matters-the closeness of national interdependence, the stability of particular configurations of power, the usefulness of force-are made difficult or useless because the participants are talking about different things while using the same terms for them.” (WALTZ, Kenneth. **Theory of international politics.** Berkeley: Addison-Wesley, 1979. p. 11).

Internacional (especialmente a *high politics*) não devia ficar ao escrutínio moral e participativo nem do cidadão comum nem dos “cientistas” e suas “teorias esotéricas”. Reserva os espaços decisórios para uma elite provida de “sabedoria”, que teria por objetivo conduzir os homens à sobrevivência em um sistema violento por natureza. Isto transforma o Estado (na forma conceitual que ele for tomado) e a diferença entre “Política Interna” e “Política Externa” em hipóteses-protetoras, podendo assumir a forma mais conveniente no momento de crítica frontal. Daí a recorrente e paradoxal argumentação de Morgenthau e Waltz sobre a “cientificidade” de suas teorias<sup>956</sup>, ao mesmo tempo que negam que a ciência (behavioralista<sup>957</sup> ou quantitativa) tenha capacidade de explicar a política.

3) **Um descrédito pelo Liberalismo político, tanto do ponto de vista epistemológico (seu conjunto de valores) quando metodológico (suas ações efetivas na vida política do Estado).** O que leva ao Realismo não apenas à condição de elitismo decisório<sup>958</sup>, mas *in extremis*, a questionar a eficiência e eficácia da própria Democracia<sup>959</sup>. Especialmente quando em questões de política internacional. Tal postura coloca a necessidade de diferenciar a “realidade” da “percepção” eis que a “moral” seria um processo de redução das capacidades de julgamento e ação. Da mesma forma, por tomar a dicotomia “realidade objetivamente existente” vs. “ideologia”, o Realismo não se aceita ideológico ou normativo, mas sim revelador das

---

<sup>956</sup> Tomado aqui como conhecimento articulado e organizado, socialmente necessário, replicável e essencialmente diferente do senso comum, capaz de oferecer “respostas” a problemas reais (puzzles).

<sup>957</sup> A respeito do behaviorismo é preciso perceber o caráter impeditivo de aceitação dadas as condições políticas de propositura do próprio Realismo. “And from the common philosophical base which, it is claimed, permits an explanation of phenomena, prediction of future developments, and ultimately their manipulation, **there derives a curious correspondence between Marxist-Leninist theoretical writings and some of the arguments of the behaviouralists (!)** in the long drawn out traditionalist-behaviouralist debate in the West - itself arguably a collision of the philosophical approaches underlying these two positions. The behaviouralist argument, it will be recalled, endorsed the possibility of the development of a scientific theory of international relations governed by strict rules of verifiability and the use of mathematical methods and rejected the proposition that international relations, by nature and definition, do not lend themselves to this treatment.” (KUBALOVÁ, V.; CRUICKSHANK, A. A double omission. **British Journal of International Studies**, v. 3, n. 3, p. 286-307, oct. 1977. p. 290).

<sup>958</sup> “In their endeavor to make democracy ‘a government of laws and not of men’ they forgot that in any state, democratic or otherwise, there must be a man or a group of men ultimately responsible for the exercise of political authority.” (MORGENTHAU, Hans. **Politics among nations: the struggle for power and peace**. 6th ed. Beijing: McGraw Hill, 1997. p. 344).

<sup>959</sup> “In that decisive period neither the Secretary of State nor the permanent staff of the State Department nor the diplomatic representatives *abroad* exerted more than a subordinate influence upon the conduct of American foreign policy. When Roosevelt, who for twelve years had almost single-handedly made American foreign policy, left the scene, there was no man or group of men capable of creating and operating that intricate and subtle machinery by which traditional diplomacy had given peaceful protection and furtherance to the national interest. **Nor could that small group of able and devoted public servants who knew what foreign policy was all about rely upon the public understanding of, and popular support for, the rational and intricate processes of foreign policy, without which foreign policy in a democracy cannot be successfully conducted.**” (MORGENTHAU, Hans. **Politics among nations: the struggle for power and peace**. 6th ed. Beijing: McGraw Hill, 1997. p. 573).

condições ontológicas da política internacional. Assim, qualquer hipótese preditiva pode sempre ser descartada com argumentos ad hoc em favor da conservação do núcleo-duro.

4) **A ideia da Política Internacional como um controle do status quo para o presente e um planejamento constante para o futuro, sem valores absolutos, proibições de ação a priori ou ações necessárias do ponto de vista moral**<sup>960</sup>. A política se torna um sinônimo de “controle” ao invés de “exercício de liberdades”<sup>961</sup>. Internamente há o controle dos cidadãos através da imposição da força pelas leis e instituições<sup>962</sup>. No plano internacional, há o controle sobre Estados, também através da imposição da força (poder), mas – principalmente pelo planejamento e antecipação de suas ações. Isto faz com que a ideia de “balança de poder” e todas as suas derivações sejam apenas hipóteses-protetoras para o comportamento previsível das unidades no sistema internacional<sup>963</sup>. Como conclusão lógica, a ideia de “liberdade” seja ela interna ou internacional se torna apenas figura retórica, eis que se dá a partir de concepção negativa, como sendo o conjunto de ações permitidas pelo poder em exercício.

---

<sup>960</sup> “This grouping of nations into those in favor of the status quo and those opposed to it is not at all peculiar to the period following the First World War. It is, as we know, the elemental pattern of international politics. As such, it recurs in all periods of history. Through the antagonism between status quo and imperialistic nations, it provides the dynamics of the historic process. This antagonism is resolved either in compromise or in war. Only on the assumption that the struggle for power as the moving force of international politics might subside or be superseded by a higher principle can collective security have a chance for success.” (MORGENTHAU, Hans. **Politics among nations: the struggle for power and peace**. 6th ed. Beijing: McGraw Hill, 1997. p. 453); “Force is cheap, especially for a status-quo power, if its very existence works against its use. What does it mean, then, to say that the cost of using force has increased while its utility has lessened? It is highly important, indeed useful, to think in "cataclysmic terms," to live in dread of all-out war, and to base military calculations on the forces needed for the ultimate but unlikely crisis. That the United States does so, and that the Soviet Union apparently does too, makes the cataclysm less likely to occur. The web of social and political life is spun out of inclinations and incentives, deterrent threats and punishments.” (WALTZ, Kenneth. **Theory of international politics**. Berkeley: Addison-Wesley, 1979. p. 186).

<sup>961</sup> “This is the message the normative systems give to strong and weak alike: Superior power gives no right, either moral or legal, to do with that power all that it is physically capable of doing. Power is subject to limitations, in the interest of society as a whole and in the interest of its individual members, which are not the result of the mechanics of the struggle for power but are superimposed upon that struggle in the form of norms or rules of conduct by the will of the members of society themselves.” (MORGENTHAU, Hans. **Politics among nations: the struggle for power and peace**. 6th ed. Beijing: McGraw Hill, 1997. p. 244).

<sup>962</sup> “These abstractions, however, become potent weapons in social conflicts when seized upon by social groups that advance their conflicting claims in the name of these principles. These claims confront society with its supreme challenge. Society may be able to disregard the claims of small and weak groups without endangering its peace. Its social cohesion and monopoly of organized violence are strong enough to keep the resentment and disaffection of such small and weak groups from turning openly against the social order.” (MORGENTHAU, Hans. **Politics among nations: the struggle for power and peace**. 6th ed. Beijing: McGraw Hill, 1997. p. 529).

<sup>963</sup> “The balance of power, in a multi-national world, is like the law of gravity. You can argue against it, if you have nothing better to do, but woe unto you if you disregard it and walk out of a third-story window, arguing that the law of gravity is a nuisance and has to be abolished. The law of gravity will take the same vengeance on you as the balance of power will on those who disregard it as the foundation of a multi-national world.” (MORGENTHAU, Hans. *Enduring realities and foreign policy*. **American Foreign Policy Interests**, v. 37, p. 181-186. (2015 [1976]). p. 182).

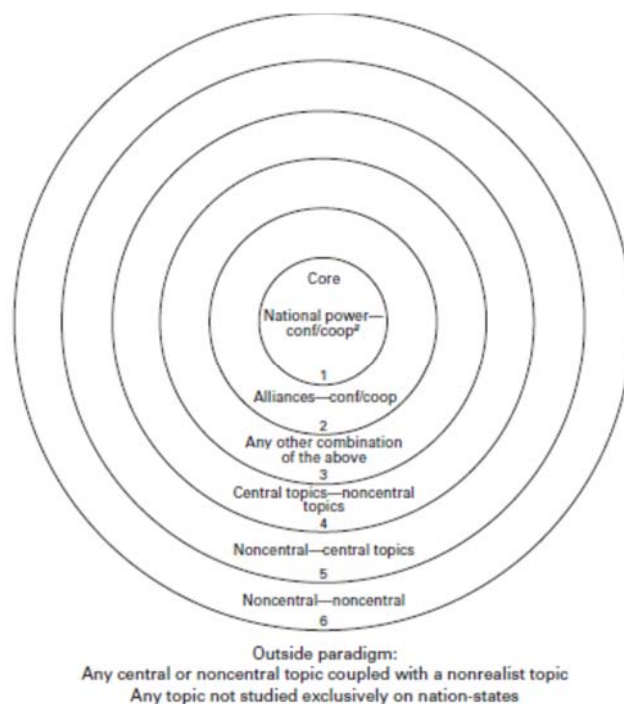
As quatro proposições acima não são “realidades”, nem para o sistema político (interno ou externo) nem para a “natureza humana”, mas percepções socialmente criadas e impostas como regras atemporais e universais. Elas são aceitas por todos os Realistas e conformam assim uma homogeneidade mínima teórica que permite que se fala em “Realismo”, oferecendo um *locus* de similaridade discursiva compartilhada entre aqueles que assim se definem. Mas, mais importante, o núcleo-duro do Realismo se opõe diametralmente ao Marxismo-Leninismo em suas prescrições normativas<sup>964</sup>, ao mesmo tempo que replica seus processos de ação. A percepção materialista da história (o “*World of Reality*”, para Carr) permitia um ganho de efetividade tanto no controle sobre os homens, quanto na percepção da necessidade do desenvolvimento das forças produtivas como essência da função dos Estados<sup>965</sup>. Ao mesmo tempo, o Realismo nega retoricamente a “luta de classes”, mas internaliza a noção de “conflito universal inescapável” entre os Estados, desde que dentro de cada Estado possa ser controlada a insurreição de seus próprios cidadãos (revolução). Esta construção teórica, por exemplo, permitia ao mesmo tempo apoiar as insurreições populares na URSS e seus satélites, sob o argumento da luta pela “liberdade”, enquanto o mundo ocidental permanecia profundamente desigual e não democrático, com populações negras, latinas, indígenas sem a possibilidade do exercício de seus direitos políticos da forma que era dada aos homens brancos. Permite diferenciar insurreições coloniais de revoluções socialistas e apoiar as primeiras e não as segundas. A ideia de “segurança” se torna, nesse sentido, a manutenção pura do status quo.

---

<sup>964</sup> “Communism has been successful wherever its tenets of social, economic, and political equality appeal to people for whom the removal of inequality has been the most urgent aspiration. Western philosophy has succeeded wherever in popular aspirations political liberty has taken precedence over all other needs.” (MORGENTHAU, Hans. **Politics among nations: the struggle for power and peace**. 6th ed. Beijing: McGraw Hill, 1997. p. 354).

<sup>965</sup> “According to the rhetoric of the Cold War, the root cleavage in the world was between capitalist democracy and godless communism. But by the size of the stakes and the force of the struggle, ideology was subordinated to interest in the policies of America and Russia, who behaved more like traditional great powers than like leaders of messianic movements” (WALTZ, Kenneth. **Theory of international politics**. Berkeley: Addison-Wesley, 1979. p. 172).

Figura 15 - Vasquez esquema sobre Realismo como "programa de pesquisa"



Fonte: VASQUEZ<sup>966</sup>

Figura 16 - Novo esquema proposto com núcleo duro e cinturão de hipóteses protetor de acordo com argumentação desta tese



Fonte: Elaborado pelo autor, 2018

<sup>966</sup> VASQUEZ, John. **The power of power politics**. New York: Cambridge University Press, 2004. p. 58.

#### 4.7 PRECURSORES NO OCIDENTE: O NÚCLEO DURO

Realist theory held a dominant position in the study of international relations in the years extending from the end of World War II into the early 1980's. Central to classical realist theory are several key assumptions: (1) that the international system is based on states as the key actors; (2) that international politics is essentially conflictual, a struggle for power in an anarchic setting in which nation-states inevitably rely on their own capabilities to ensure their survival; (3) that states exist in a condition of legal sovereignty in which nevertheless there are gradations of capabilities, with greater and lesser states as actors; (4) that states are unitary actors and that domestic politics can be separated from foreign policy; (5) that states are rational actors characterized by decision-making process leading to choices based on national interest; and (6) that power is the most important concept in explaining and predicting state behavior<sup>967</sup>.

James Dougherty e Robert Pfaltzgraff oferecem um bom ponto de partida para compreender o que seriam os pontos-chave da caracterização da “Teoria Realista” das Relações Internacionais. Seu trabalho reflete um consenso entre os principais autores e pesquisadores do tema. No entanto, das seis características por eles apontadas, apenas duas se encontram presentes no pensamento anglófono do início do século XX, que é apontado como o surgimento do realismo e da disciplina de Relações Internacionais. Apenas a condição de disputa eterna (“struggle for power”) entre os entes com capacidade de ação no meio internacional, e a ideia de que o poder é a base de análise para um entendimento da “realidade” histórica da política internacional. Isto nos permite uma percepção da velocidade do construto teórico Realista. Diferentemente do que afirmam os próprios realistas<sup>968</sup>, suas teorias não derivam de pensadores na antiguidade ou do século XVI<sup>969</sup>. O edifício teórico do Realismo nas Relações Internacionais é, portanto, criado nos primeiros quinze anos após o fim da segunda guerra mundial<sup>970</sup>, sob o financiamento e a tutela dos interesses de Estado dos EUA.

<sup>967</sup> DOUGHERTY, James; PFALTZGRAFF, Robert. **Contending theories of international relations: a comprehensive survey**. 5. ed. New York: Addison Wesley Longman, 2001. p. 63-64.

<sup>968</sup> É comum os realistas citarem Tucídides, Maquiavel, Hobbes e até mesmo Sun-Tsu ou Kautilya para sustentarem a “antiguidade” de suas ideias. (MEARSHEIMER, John. **The tragedy of great power politics**. New York: Norton, 2001. p. 531-532), (DONNELLY, Jack. **Realism and international relations**. New York: Cambridge University Press, 2000. p. 13-26); (DOUGHERTY, James; PFALTZGRAFF, Robert. **Contending theories of international relations: a comprehensive survey**. 5. ed. New York: Addison Wesley Longman, 2001. p. 69-72); (WALTZ, Kenneth. **Theory of international politics**. Berkeley: Addison-Wesley, 1979. p. 65-66); (MORGENTHAU, Hans. **Scientific man vs power politics**. Londres: Latimer House Limited, 1947. p. 17-18).

<sup>969</sup> Ver, por exemplo, Laurie Bagby (BAGBY, Laurie. The use and abuse of thucydides in international relations. **International Organization**, v. 48, n. 1, p. 131-153. 1994), Nuri Yordusev (YORDUSEV, Nuri. Thomas Hobbes and international relations: from realism to rationalism. **Australian Journal of International Affairs**, v. 60, n. 2, p. 305-321. 2006), Michael Williams (WILLIAMS, Michael. Hobbes and international relations: a reconsideration. **International Organization**, v. 50, n. 2, p. 213-236. 1996); Robin Douglass (DOUGLASS, Robin. Hobbes and political realism. **European Journal of Political theory**. 2016).

<sup>970</sup> John Mearsheimer, um dos atuais defensores do Realismo, afirma que: “Liberalism and realism are the two bodies of theory which hold places of privilege on the theoretical menu of international relations. Most of the

Esses primeiros autores, que tomaram para si o epíteto “realistas”, tinham em comum apenas poucas características. Os três primeiros pensadores apresentados representam o grupo mais recuado no tempo com capacidade de influência dentro dos EUA, que viria a ser o maior difusor e financiador das teses realistas. Todos eles (1) vivem o ambiente de desconsolo com os valores, formas e teses da política liberal, e isto incluía muita desconfiança inclusive na ideia de “democracia”<sup>971</sup>; (2) partilham da ideia de que são valores morais que organizam **as ações políticas**, mas não devem se fazer presente nos julgamentos políticos; (3) defendem a primazia das avaliações quantitativas sobre o “poder” que devem ser centrais para a estratégia dos Estados<sup>972</sup>; e (4) não acreditavam que a “ciência” – especialmente a ideia de ciência que surgia

---

great intellectual battles among international relations scholars take place either across the divide between realism and liberalism, or within those paradigms. To illustrate this point, consider the three most influential realist works of the twentieth century: 1) E. H. Carr’s *The Twenty Years’ Crisis, 1919–1939*, which was published in the United Kingdom shortly after World War II started in Europe (1939) and is still widely read today. 2) Hans Morgenthau’s *Politics among Nations*, which was first published in the United States in the early days of the Cold War (1948) and dominated the field of international relations for at least the next two decades. 3) Kenneth Waltz’s *Theory of International Politics*, which has dominated the field since it first appeared during the latter part of the Cold War (1979).” (MEARSHEIMER, John. **The tragedy of great power politics**. New York: Norton, 2001. p. 46). Contudo, a primeira obra de Waltz, que já contém grande parte do que será o neorealismo “Man, State and War” é sua tese de doutorado, publicada em 1959.

<sup>971</sup> “As the nature and importance of scientific knowledge transform the nature and functions of the scientific elites, the availability of democratic control becomes extinguished. Scientific knowledge is by its very nature esoteric knowledge; since it is inaccessible to the public at large, it is bound to be secret. The public finds itself in the same position vis-a-vis scientific advice as do the political authorities: unable to retrace the arguments underlying the scientific advice, it must take that advice on faith. This would be so even if it were aware of alternative arguments supporting different decisions. In general, however, the political authorities announce their decision, supported by selected arguments, and whatever public debate there might be could only be in the nature of a post mortem.” (MORGENTHAU, Hans. Modern science and political power. **Columbia Law Review**, v. 64, n. 8, p. 1386-1409. 1964. p. 1402); “The crisis of American politics, domestic and international, and the prevailing unawareness of its gravity and of its very existence are rooted in two misunderstandings and misuses of American Democracy. They affect the very essence of democratic government. One concerns the position and functions of the President; the other, **the relationship between the requirements of sound policy and the will of majority**. The major weaknesses of American policies can be traced to one or the other of both of these misunderstandings and misuses” (MORGENTHAU, Hans. **The decline of democratic politics**. Chicago: The university of Chicago Press, 1958. p. 380) (grifo nosso).

<sup>972</sup> “The state has become in the secular sphere the most exalted object of loyalty on the part of the individual and at the same time the most effective organization for the exercise of power over the individual. These two qualities enable the modern state to accentuate the corruption of the political sphere both qualitatively and quantitatively.” (MORGENTHAU, Hans. The evil of politics and the ethics of evil. **Ethics**, v. 56, n. 1, p. 1-18, oct. 1945. p. 15).

no início do século XX<sup>973</sup> – teria condição de resolver os problemas sociais ou políticos do mundo<sup>974</sup>.

First of all, the natural limitations of the human intellect make it impossible to calculate and control the results of human action. Once the action is performed it becomes an independent force creating changes, provoking actions, and colliding with other forces, which the actor may or may not have foreseen and which he can control but to a small degree. These factors, which, lying beyond human foresight and influence, we call "accidents," deflect the action from its intended goal and create evil results out of good intentions. "Our thoughts are ours; their ends none of our own."<sup>975</sup>.

Em essência, o “utopianismo”<sup>976</sup> ou “idealismo” que todos esses autores denunciam<sup>977</sup>, era uma visão de mundo que se baseava na ideia de que o homem no Presente era um ser racional, dotado não só de capacidade de entender o outro, mas também desta vontade<sup>978</sup>. O homem constituiria sociedades cujos pontos comuns (cultura e moral) seriam suficientes para criar um sentido de comunidade capaz de afastar a barbárie das disputas de interesses. Karl Mannheim vai chamar esse sistema de crenças de “utopia liberal”:

The Fundamental attitude of the liberal is characterized by a positive acceptance of culture and the giving of an ethical tone to human affairs. He is most in his element in

<sup>973</sup> “At length the voice of science was heard with a respect approximating the sanctity which formerly was accorded only to authoritarian, religious pronouncements. The revolutions which the theoretical structure of science has undergone in recent decades have left the prestige of the scientific pursuit of truth unshaken. [...] This view was an expression of the older conception of natural law in accord with which the contemplation of the facts of nature, instead of being coloured by the norms of conduct of the contemplator, automatically supplied these norms. After the natural law approach to the problem of objectivity subsided, this non-personal way of looking at the facts themselves again found - support for a time through the vogue of positivism.” (MANNHEIM, Karl. **Ideology and utopia**: an introduction to the sociology of knowledge. Londres: Routledge, 1954. p. xv; xviii).

<sup>974</sup> “I have argued elsewhere against this analogy between the social and the natural sciences, and this is not the place to resume the controversy. It must suffice here to state dogmatically that the object of the social sciences is man, not as a product of nature but as both the creature and the creator of history in and through which his individuality and freedom of choice manifest themselves. To make susceptibility to quantitative measurement the yardstick of the scientific character of the social sciences in general and of political science in particular is to deprive these sciences of that very orientation which is adequate to the understanding of their subject matter.” (MORGENTHAU, Hans. Reflections on the state of political science. **The Review of Politics**, v. 17, n. 4, p. 431-460. 1955. p. 441-442).

<sup>975</sup> MORGENTHAU, Hans. The evil of politics and the ethics of evil. **Ethics**, v. 56, n. 1, p. 1-18, oct. 1945. p. 11.

<sup>976</sup> “The concept of utopian thinking reflects the opposite discovery of the political struggle, namely that certain oppressed groups are intellectually so strongly interested in the destruction and transformation of a given condition of society that they unwittingly see only those elements in the situation which tend to negate it. Their thinking is incapable of correctly diagnosing an existing condition” (MANNHEIM, Karl. **Ideology and utopia**: an introduction to the sociology of knowledge. Londres: Routledge, 1954. p. 36).

<sup>977</sup> “It stands to reason that no statesman in actual performance could have lived up to such principles [Woodrow Wilson 14 points] without ruining his country” (MORGENTHAU, Hans. The Primacy of the national interest. **The American Scholar**, v. 18, n. 2, p. 207-212. 1949. p. 209).

<sup>978</sup> “Grayson Kirk suggests that “one source of this difficulty [with content] lies in an unwillingness to admit that many of our policy-makers, during this so-called Utopian period [in the history of American foreign policy], have undertaken to express the national interests of the United States in terms of moral principles, not because they were confused theorists, but because they honestly believed that our best national interests lay in the widest possible acceptance of certain moral and legal principles as guides of international conduct.” (WALTZ, Kenneth. **Man, the state and war**. New York: Colúmbia, 2001. p. 38).



the role of critic rather than that of creative destroyer. He has not broken his contract with the present – the here and now. About every event there is an atmosphere of inspiring ideas and spiritual goals to be achieved. [...] For humanitarian liberalism it is what “other realm” which when absorbed in our moral conscience, inspires us. Ideas, and not bare ecstasy, guided the activity of that epoch immediately before and after the French Revolution, which gave itself over to the reconstruction of the world. This modern humanitarian idea radiated from the political realm into all spheres of cultural life culminating finally in the “idealistic” philosophy in an attempt to achieve the highest attainable stage of self-consciousness<sup>979</sup>.

Nesse sentido, Morgenthau vai afirmar que:

The philosophy of rationalism has misunderstood the nature of man, the nature of the social world, and the nature of reason itself. It does not see that man's nature has three dimensions: biological, rational, and spiritual. By neglecting the biological impulses and spiritual aspirations of man, it misconstrues the function reason fulfils within the whole of human existence; it distorts the problem of ethics, especially in the political field; and it perverts the natural sciences into an instrument of social salvation for which neither their own nature nor the nature of the social world fits them<sup>980</sup>.

E no mesmo caminho argumentam Niebhur:

Politics will to the end of history, be an area where conscience and power meet, where the ethical and coercive factors of human life will interpenetrate and work out their tentative and uneasy compromises. The democratic method of resolving social conflict, which some romanticists hail as a triumph of the ethical over the coercive factor, is really much more coercive than at first seems apparent. The majority has its way, not because the minority believes that the majority is right (few minorities are willing to grant the majority the moral prestige of such a concession), but because the votes of the majority are a symbol of its social strength<sup>981</sup>.

Spykman e Carr:

The heritage of seventeenth-century Puritanism is responsible for one of the characteristic features of our approach to international relations. Because of its concern with ethical values, it has conditioned the nation to a predominantly moral orientation. It makes our people feel called upon to express moral judgments about the foreign policy of others and demand that our presidents shall transform the White House into an international pulpit from which mankind can be scolded for the evil of its ways. The heritage of eighteenth-century rationalism has contributed another characteristic feature, a legalistic approach, and a faith in the compelling power of the reason of the law. This almost instinctive preference for a moral and legal outlook on international affairs tends to obscure for the American people the underlying realities of power politics<sup>982</sup>.

---

<sup>979</sup> MANNHEIM, Karl. **Ideology and utopia**: an introduction to the sociology of knowledge. Londres: Routledge, 1954. p. 198.

<sup>980</sup> MORGENTHAU, Hans. **Scientific man vs power politics**. Londres: Latimer House Limited, 1947. p. 12.

<sup>981</sup> NIEBUHR, Reinhold. **Moral man and immoral society**: a study in ethics and politics. [s.l.]: Charles Scribner's Sons, 1932. p. 11.

<sup>982</sup> SPYKMAN, Nicholas. **America's strategy in world politics**: the united states and the balance of power. New York: Harcourt, Brance and Company, 1942. p. 216.

Modern liberalism, wrote Hobhouse shortly before 1914, “postulates, not that there is an actually existing harmony requiring nothing but prudence and judgment for its effective operation, but only that there is a possible ethical harmony to which [...] men might attain, and that in such attainment lies the social ideal”. The word “ethical” betrays the break in the argument. The nineteenth-century “harmony requiring nothing but prudence and judgment for its effective operation” was a harmony of interests. The “ethical harmony” is one achieved by the sacrifice of interests, which is necessary precisely because no natural harmony of interests exists<sup>983</sup>.

#### 4.7.1 Edward Hallett Carr

Se houvessem perguntado a Edward Carr qual o seu livro mais importante, com certeza “Vinte anos de Crise” não seria o indicado. A produção do ex-diplomata E. H. Carr é bastante grande, contando inclusive com dez volumes sobre a Revolução Russa, e, apesar de “Vinte Anos de Crise” ter se revelado como a obra que o consagrou, Carr, quando em viagem aos EUA (em 1948), ficou surpreso em saber que seu livro era usado como livro-texto nas universidades americanas<sup>984</sup>. A forma como a maioria dos intérpretes tem lido Carr, no entanto, me parece equivocada<sup>985</sup>.

Carr é comumente conhecido como um “teórico do realismo”<sup>986</sup>, ou, pelo menos, um dos seus precursores próximos. Nos “20 anos de crise”, entretanto, ele deixa clara uma diferença

<sup>983</sup> CARR, Edward. **Twenty years' crisis**. New York: Palgrave, 2001. p. 167-168.

<sup>984</sup> COX, Michael. Introduction to twenty years of crisis. In: CARR, Edward. **The twenty years's crisis**. New York: Palgrave, 2001. p. xxxv.

<sup>985</sup> Em um dos manuais de teoria das Relações Internacionais mais completos e bem feitos, James Dougherty and Robert Pfaltzgraff afirmam: “No one prior to World War I more trenchantly analyzed the philosophical differences between utopians and realists than did E.H. Carr in his celebrated work [20 years of crisis], which, although published in 1939, did not have its impact in America until after World War II. Carr used the term utopians for idealists who placed emphasis on international law and organization and on the influence of morality and public opinion in the affairs of nations. He probably did not intend the more pejorative connotation that attached to the utopians after World War II as naïve opponents of power politics expounded by realists” (DOUGHERTY, James; PFALTZGRAFF, Robert. **Contending theories of international relations: a comprehensive survey**. 5. ed. New York: Addison Wesley Longman, 2001. p. 14); “In pursuing this line of argument [criticizing liberal science], Morgenthau was simply following the precedent laid down by E.H. Carr in his announcement of a scientific study of world politics.” (JACKSON, Patrick Thaddeus. **The conduct of inquiry in international relations: philosophy of science and its implications for the study of world politics**. New York: Routledge, 2011. p. 4).

<sup>986</sup> (DOUGHERTY, James; PFALTZGRAFF, Robert. **Contending theories of international relations: a comprehensive survey**. 5. ed. New York: Addison Wesley Longman, 2001. p. 65-68); (REUS-SMIT, Christian. Beyond metatheory? **European Journal of International Relations**, v. 19, n. 3, p. 589-608. 2013. p. 602); (WENDT, Alexander. **Social theory of international politics**. New York: Cambridge University Press, 1999. p. 30-31); (LINKLATER, Andrew. **Beyond realism and marxism: critical theory and international relations**. Londres: Macmillan, 1990. p. 7-14); (COX, Robert. Social forces, states and world orders: beyond international relations theory. **Millennium - Journal of International Studies**, v. 10, n. 2, p. 126-155. 1981. p. 7-8); (JACKSON, Patrick Thaddeus. **The conduct of inquiry in international relations: philosophy of science and its implications for the study of world politics**. New York: Routledge, 2011. p. 122); (LEBOW, Richard Ned; RISSE-KAPPEN, Thomas. **International relations theory and the end of the cold war**. New York: Columbia University Press, 1996. p. 39).

normalmente ignorada: o “realismo” de Carr é uma ferramenta metodológica de análise da história e não uma teoria propositiva da ação, especialmente da ação internacional. O “realismo” de Carr é, portanto, muito diferente do de Morgenthau e quase epistemologicamente oposto ao de Waltz<sup>987</sup>. Em Carr, a ação política é sustentada necessariamente pela moral<sup>988</sup>. São as escolhas morais que fazem os homens, por intermédio do uso das ferramentas do Estado, que constroem politicamente a História<sup>989</sup> da Política Internacional.

Carr foi, por muitas vezes, acusado de ser excessivamente complacente com a União Soviética. Tal acusação, nos primeiros quinze anos da Guerra Fria, não recomendava bem o acusado. Morgenthau sintetiza esta crítica ao falar da obra de Carr, em 1948:

There can be no doubt that Mr. Carr's work constitutes a contribution to political thought of the first order. No contemporary thinker, with the exception of Reinhold Niebuhr, has seen more clearly and exposed with more acute brilliance the essential defects of Western political thought. Even in so monumental a failure as *The Soviet Impact on the Western World*-a failure because it confronts Soviet ideology with democratic practice-there is much critical analysis which Western thinkers might well ponder. Yet, as we have seen, it was Mr. Carr's purpose not only to give a critical analysis of the Western tradition of political thought, but also to replace the old and obsolete with a new synthesis of realism and utopianism, theory and practice, ethics and politics, and the main bulk of Mr. Carr's work is dedicated to that purpose. **In view of this purpose the overall impression of Mr. Carr's work is one of failure**<sup>990</sup>. (Morgenthau, *The Political Science of E. H. Carr* 1948, 133)(grifo nosso).

A crítica mais enfática de Morgenthau é exatamente ao realismo de Carr<sup>991</sup>. O realismo que, como forma metodológica de apreensão da realidade, estabelece que há uma diferença entre as avaliações normativas e as explicativas. Carr argumentava para que o foco da análise

---

<sup>987</sup> Carr critica o estruturalismo no qual Waltz insere quase toda a sua teoria: “It is nonsense to say that generalization is foreign to history; history thrives on generalizations. [...] But do not suppose that generalization permits us to construct some vast scheme of history into which specific events must be fitted” (CARR, Edward. **What is history?** New York: Pinguim, 1990. p. 64-65); Trachtenberg chama jocosamente esta ideia de “An invisible hand in International Politics” **Fonte bibliográfica inválida especificada.**

<sup>988</sup> “For more than a hundred years, the reality of conflict had been spirited out of sight by the political thinkers of Western civilisation. The men of the nineteen-thirties returned shocked and bewildered to the world of nature. The brutalities which, in the eighteenth and nineteenth centuries, were confined to dealings between civilised and uncivilised peoples were turned by civilized peoples against one another.” (CARR, Edward. **Twenty years' crisis.** New York: Palgrave, 2001. p. 207).

<sup>989</sup> “Let us assume that abstract conceptions like “good” and “bad” and more sophisticated developments of them, lie beyond the confines of history. But, even so, these abstractions play in the study of historical morality much the same role as mathematical and logical formulas in physical science. They are indispensable categories of thought; but they are devoid of meaning or application till specific content is put into them”. (CARR, Edward. **What is history?** New York: Pinguim, 1990. p. 82).

<sup>990</sup> MORGENTHAU, Hans. The political science of E. H. Carr. **World Politics**, v. 1, n. 1, p. 127-134. 1948. p. 133.

<sup>991</sup> A mesma crítica que Morgenthau apresenta a TODA teoria política: “With this emphasis upon theoretical **abstractions which have no relation to political reality**, the methodology of political science joins a school which from the beginning to this day has occupied an honored but lonely place in the curriculum of political science: political theory.” (MORGENTHAU, Hans. Reflections on the state of political science. **The Review of Politics**, v. 17, n. 4, p. 431-460. 1955. p. 444). (grifo nosso).

sobre a política internacional fosse sobre conceito de “poder”, mas defendia que isto deveria ser feito sem a presença de julgamentos morais preconcebidos. Isto fazia com que a URSS, por exemplo, fosse, na visão de Carr, apenas mais um dos Estados a participar do ambiente internacional<sup>992</sup>. Carr pede uma “análise não moralista”<sup>993</sup> da História e não vê nenhum pecado capital na URSS<sup>994</sup>. Morgenthau chama esse posicionamento intelectual de “fracasso”. E, ao se pronunciar desta maneira, Morgenthau se coloca mais próximo dos interesses que as Relações Internacionais – como campo de estudo – deveriam conter, na visão dos grupos financiadores<sup>995</sup> da Academia. Ao mesmo tempo que coloca Carr longe desta posição. Quanto mais Carr se apresentava equidistante nas análises de EUA e URSS, mais suas ideias se tornavam não gratas dentro dos EUA<sup>996</sup>.

---

<sup>992</sup> “Today, when the open enemies of democracy have once more been overthrown in a victorious war, wessern democracy is confronted by a new challenge from a country which purports to be the pioneer of a new and more progressive form of democracy Soviet democracy.” (CARR, Edward. **The soviet impact on the wessern world**. New York: The Macmillan Company, 1947. p. 1).

<sup>993</sup> Carr, por exemplo, é o primeiro dos analistas a colocar a política externa americana e soviética como semelhantes em seus interesses políticos, afastando as narrativas do “mundo livre” vs. “mundo totalitário”, já na década de 60: “The smaller nations can no longer remain, as they remained in the 19th century, neutral and remote from the decisive currents of international affairs. Sooner or later they will be drawn into the orbit of one or other of the Great Powers, so that the prospect which apparently confronts us is that of two, three or more constellations of power, each of them having one Great Power as its nucleus. This is clearly the trend not only of Soviet policy throughout eastern Europe and northern Asia, but also of American policy which is seeking a consolidation of power all over the wessern hemisphere and reaching out across the Pacific to Asia and perhaps even to certain isolated points across the Atlantic.” (CARR, Edward. **The soviet impact on the wessern world**. New York: The Macmillan Company, 1947. p. 82-83).

<sup>994</sup> Em realidade, apesar de reconhecer a pertinência das análises de Marx, Carr abjura o caminho da Revolução: “Marx was right in perceiving that the individual in isolation could not be the effective unit in the struggle for human rights and human equality. But he was wrong in supposing that the ultimate unit was the social class, and in discounting the cohesive and comprehensive qualities of the national unit” (CARR, Edward. **Twenty years' crisis**. New York: Palgrave, 2001. p. 209).

<sup>995</sup> “Our evidence suggests that business may exert the most consistent influence on government officials, but that policy makers’ views may also be affected by labor, experts and, to a lesser extent, public opinion. These results suggest that three of the most prominent lines of analysis of foreign policy – the interest group, epistemic community, and public opinion approaches – each have some merit. But at the same time, research along each of these lines has tended to omit critical alternative variables. It has seldom systematically examined the relative impact of competing influences. This risks artificially inflating estimates of the importance of particular factors of interest.” (JACOBS, Lawrence; PAGE, Benjamin. Who influences US foreign Policy? **The American Political Science review**, v. 99, n. 1, p. 107-123, feb. 2005); “Whatever might be the motivation of such groups, they are the ones who are beneficiaries of the natural localism of the average citizen. Mass indifference toward foreign matters simply magnifies the influence of well-organized factions over policy formulation in areas of interest to them. In essence, this leads to the privatization of important aspects of U.S. foreign policy.” (DAVIDSON, Lawrence. **Foreign Policy Inc.: Privatizing America's National Interest**. Louisville: University Press of Kentucky, 2009. p. 143).

<sup>996</sup> Semelhante situação, embora muito mais incisiva, já havia ocorrido com Robert Oppenheimer. Tendo sido o principal cientista e administrador do “Projeto Manhattan”, quando passou a defender um recuo norte-americano em sua política nuclear sofreu um definitivo afastamento de todas as funções que exercia dentro do governo. “This tightrope act was doubly tense given that conservatives were enforcing the is/ought model as a way to control the flow of scientific information in the opening years of the Cold War. And the rope finally snapped in June 1954 when the AEC revoked Oppenheimer’s national security clearance one day before it was due to expire, excluding him from policy making for the rest of his life.” (WALSH, Lynda. **Scientists as prophets: a rhetorical genealogy**. New York: Oxford University Press, 2013. p. 105). Mesmo Morgenthau sofreu retaliações a partir do momento em que passou a denunciar a Guerra do Vietnã: “Apart from personal

Bolshevism, like Christianity or like any other doctrine which has made a powerful impact on the world, has two aspects: the destructive or revolutionary, and the constructive or positive. *Broadly* speaking the tendency in any great movement is for the revolutionary aspect to predominate in the earlier stages, the positive aspect in the later. Primitive Christianity was revolutionary until it had disrupted the old Roman civilization; then it created a new and positive world order of its own, and underwent a corresponding modification of its outlook. The Reformation began by being revolutionary and destructive, and ended by becoming the basis of a new social order. Bolshevism has passed, or is passing, through the same two phases; and both have had their impact on the wessern world. The revolutionary element of Marxist ideology may be considered under three heads its materialism, its dialiectical character, and its relativism<sup>997</sup>.

Se o realismo de Carr e o de Morgenthau referem-se à diferentes instâncias epistemológicas (com um sendo uma teoria e o outro um método de análise), tampouco o que Carr chama de “utopianismo” é aquilo contra o quê Morgenthau se insurge. Para Carr, o sentido da crítica aos “Vinte anos de Crise” se dá exatamente em oposição às análises históricas que não levavam em conta o materialismo. Carr retoma o mesmo argumento de Marx em “A Ideologia Alemã”; argumento que distingue “problemas reais” daqueles criados “pela ilusão”<sup>998</sup> e reconhece que “in the first place, Marx was by temperament and conviction the sworn enemy of utopianism in any form”<sup>999</sup>. Assim, como Marx não poderia ter visto o “utopianismo” de Woodrow Wilson<sup>1000</sup> (contra o qual não só Carr, mas também Morgenthau, se insurge), fica evidente que quando Carr fala em “utopianismo” (em oposição ao seu “realismo”) ele está se referindo a uma forma de filosofia contra a qual, aliás, Marx já se insurgia no século XIX, e não contra uma suposta teoria da política internacional engendrada por Woodrow Wilson<sup>1001</sup> no século XX.

---

attacks, his career also suffered. After criticising the American government over the Vietnam War, Morgenthau was never again appointed as a consultant to any governmental department and his candidature for the presidency of the American Political Science Association in 1970 was impeded” (RÖSCH, Felix. The human condition of politics: considering the legacy of Hans j. Morgenthau for international relations. **Journal of International Political Theory**, v. 9, n. 1, p. 1-21. 2013. p. 13).

<sup>997</sup> CARR, Edward. **The soviet impact on the wessern world**. New York: The Macmillan Company, 1947. p. 85-86.

<sup>998</sup> “Since the Young Hegelians consider conceptions, thoughts, ideas, in fact all the products of consciousness, to which they attribute an independent existence, as the real chains of men (just as the Old Hegelians declared them the true bonds of human society) it is evident that the Young Hegelians have to fight only against these illusions of the consciousness. [...] The premises from which we [Marx e Engels] begin are not arbitrary ones, not dogmas, but real premises from which abstraction can only be made in the imagination. They are the real individuals, their activity and the material conditions under which they live, both those which they find already existing and those produced by their activity. These premises can thus be verified in a purely empirical way” (MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **The Marx-Engels reader**. New York: Norton & Company, 1972. p. 113).

<sup>999</sup> CARR, Edward. **The soviet impact on the wessern world**. New York: The Macmillan Company, 1947. p. 21.

<sup>1000</sup> Marx faleceu em 1883 e Wilson vai enunciar seus 14 pontos para a paz em 1918.

<sup>1001</sup> “The other method [of dealing with moral-power dilemma] is that of the neo-liberal doctrine of the harmony of interests, of which Woodrow Wilson, Lord Cecil and Professor Toynbee have been quoted as representatives. This doctrine, like every doctrine of a natural harmony of interests, identifies the good of the whole with the security of those in possession.” (CARR, Edward. **Twenty years' crisis**. New York: Palgrave, 2001. p. 150).

Na mesma esseira Carr, diferentemente de Morgenthau<sup>1002</sup>, não tenta minorar o papel da moral na política<sup>1003</sup>. Ao contrário, para o autor inglês, a Moral é parte integrante da política<sup>1004</sup> em âmbito nacional e internacional.

“It is through this process of give-and-take, of willingness not to insist on all the prerogatives of power, that morality finds its surest foothold in international - and perhaps also in national – politics”<sup>1005</sup>. (Carr, *Twenty Years' Crisis* 2001, 152)

[...] and if an orderly procedure of peaceful change is ever to be established in international relations, some way must be found of basing its operation not on power alone, but on that uneasy compromise between power and morality which is the foundation of all political life. [...] That is why a successful foreign policy must oscillate between the apparently opposite poles of force and appeasement<sup>1006</sup>.

A moral constitui a política de Carr, juntamente com o poder. Poder que ele define como tendo três diferentes formas (poder militar, poder econômico e poder sobre “opinião das pessoas”<sup>1007</sup>), mas que, em essência, transmutam-se em apenas um tipo: o militar<sup>1008</sup>. Esse

---

<sup>1002</sup> “It is often said that the foreign policy of the United States is in need of maturing and that the American people and their government must grow up if they want to emerge victorious from the trials of our age. It would be truer to say that this generation of Americans must shed the illusions of their fathers and grandfathers and relearn the great principles of statecraft which guided the path of the republic in the first decade and-in moralistic disguise-in the first century of its existence” (MORGENTHAU, Hans. *The mainsprings of american foreign policy: the national interest vs. moral abstractions. The American Political Science Review*, v. 44, n. 4, p. 833-854. 1950. p. 833); “The equation of political moralism with morality and of political realism with immorality is itself untenable.” (MORGENTHAU, Hans. *The mainsprings of american foreign policy: the national interest vs. moral abstractions. The American Political Science Review*, v. 44, n. 4, p. 833-854. 1950. p. 853).

<sup>1003</sup> “This is the fundamental dilemma of international morality: On the one hand, we find the almost universal recognition of an international morality involving a sense of obligation to an international community or to humanity as a whole. On the other hand, we find an almost equally universal reluctance to admit that, in this international community, the good of the part (i.e. our own country) can be less important than the good of the whole” (CARR, Edward. *Twenty years' crisis*. New York: Palgrave, 2001. p. 150); “Universal moral principles, such as justice or equality, are capable of guiding political action only to the extent that they have been given concrete content and have been related to political situations by society.” (MORGENTHAU, Hans. *In defense of the national interest: a critical examination*. New York: Alfred Knopf, 1951. p. 34).

<sup>1004</sup> O conceito de política de Carr é conciso: “Politics deals with the behavior of men in such organized permanent or semi-permanent groups” (CARR, Edward. *Twenty years' crisis*. New York: Palgrave, 2001. p. 91).

<sup>1005</sup> CARR, Edward. *Twenty years' crisis*. New York: Palgrave, 2001. p. 152.

<sup>1006</sup> CARR, Edward. *Twenty years' crisis*. New York: Palgrave, 2001. p. 200; 202.

<sup>1007</sup> (CARR, Edward. *Twenty years' crisis*. New York: Palgrave, 2001. p. 102); “The mass - production of opinion is the corollary of the mass production of goods Just as the nineteenth - century conception of political freedom was rendered illusory for large masses of the population by the growth and concentration of economic power so the nineteenth-century conception of freedom of thought is being fundamentally modified by the development of these new and extremely powerful instruments of power” (CARR, Edward. *Twenty years' crisis*. New York: Palgrave, 2001. p. 122); These propositions could be supported by innumerable examples. If they were absolutely true, then power over opinion would in fact be indistinguishable in character from military and economic power, and there would be nothing which, given sufficient power and technical skill, men could not be made to believe.” (CARR, Edward. *Twenty years' crisis*. New York: Palgrave, 2001. p. 129).

<sup>1008</sup> “Power is indivisible; and the military and economic weapons are merely different instruments of power” (CARR, Edward. *Twenty years' crisis*. New York: Palgrave, 2001. p. 109). “Power over opinion is the third

mesmo relativo reducionismo (que vai ser marca da teoria realista nas Relações Internacionais) leva Carr a um conceito de “balança de poder” bastante diferente do de Morgenthau:

These facts point the moral that foreign policy never can, or never should, be divorced from strategy. The foreign policy of a country is limited not only by its aims, but also by its military strength or, more accurately, by the ratio of its military strength to that of other countries<sup>1009</sup>.

Nesse sentido, do poder como algo mensurável e comparável por variáveis escalares, Carr se aproxima da teorização estruturalista de Waltz e não da de Morgenthau<sup>1010</sup>, embora o rol de “capacidades” a que Waltz se reporta é muito maior do que o afirmado por Carr<sup>1011</sup>.

Nem mesmo a ideia de uma “ordem internacional” é algo que pode aproximar Carr e Morgenthau. De fato, Carr afirma que o sistema de Estados<sup>1012</sup>, que caracteriza a política internacional atual, não tem nenhuma garantia de perdurar no tempo<sup>1013</sup>. Para o autor inglês, um sistema de “sociedade internacional” (com a autoridade dos Estados dissolvida) não seria inviável, uma vez que a “natureza humana” (que é tomada por Morgenthau, e pelos realistas em geral, como algo necessariamente violento e competitivo<sup>1014</sup>) é diferente entre os tempos e entre as culturas: “That elusive entity “human nature” has varied so much from country to

---

form of power. The “jingoes” who sang “We've got the ships, we've got the men, we've got the money too” had accurately diagnosed the three essential elements of political power: armaments, manpower and economic power. But man-power is not reckoned by mere counting of heads” (CARR, Edward. **Twenty years' crisis**. New York: Palgrave, 2001. p. 120).

<sup>1009</sup> CARR, Edward. **Twenty years' crisis**. New York: Palgrave, 2001. p. 103.

<sup>1010</sup> “O cálculo racional da força relativa de várias nações, que constitui a própria essência vital do equilíbrio de poder, transforma-se em uma série de intuições cuja correção só é possível comprovar mais tarde, em retrospecto” (MORGENTHAU, Hans. **A política entre as nações**. Brasília: UNB, 2003. p. 386).

<sup>1011</sup> “In defining international-political structures we take states with whatever traditions, habits, objectives, desires, and forms of government they may have. We do not ask whether states are revolutionary or legitimate, authoritarian or democratic, ideological or pragmatic. We abstract from every attribute of states except their capabilities. Nor in thinking about structure do we ask about the relations of states-their feelings of friendship and hostility, their diplomatic exchanges, the alliances they form, and the extent of the contacts and exchanges among them.” (WALTZ, Kenneth. **Theory of international politics**. Berkeley: Addison-Wesley, 1979. p. 99).

<sup>1012</sup> “The current form of international politics is due to the fact that the effective units are nation-states. The form of the future international order is closely bound up with the future of the group unit.” (CARR, Edward. **Twenty years' crisis**. New York: Palgrave, 2001. p. 209).

<sup>1013</sup> “Few things are permanent in history; and it would be rash to assume that the territorial unit of power is one of them. Its abandonment in favour of some other form of organised group power would, however, be so revolutionary that little that holds true of international politics in the present period would apply to the new dispensation. International relations would be supplanted by a new set of group relationships.” (CARR, Edward. **Twenty years' crisis**. New York: Palgrave, 2001. p. 211).

<sup>1014</sup> “Claiming to take human nature and ‘the world’ as they are, but really taking them by assumption, realists sought more clearly to explain actual patterns of world politics and to identify pragmatic steps leaders might take to improve diplomacy and world order (see Morgenthau, 1978)”. (LAKE, David. Theory is dead, long live theory: the end of the great debates and the rise of eclecticism in international relations. **European Journal of International Relations**, v. 19, n. 3, p. 567-587, set. 2013. p. 569).

country and from century to century that it is difficult not to regard it as a historical phenomenon shaped by prevailing social conditions and conventions”<sup>1015</sup>. (Carr, *What is History?* 1990, 33)

Morgenthau e Carr dividem uma postura de incredulidade quanto ao caráter científico das ciências sociais<sup>1016</sup>. Contudo, na avaliação de Carr, a teoria Realista de Relações Internacionais não cumpre a função de oferecer um arcabouço mais robusto aos tomadores de decisão dos EUA. Como um historiador da Revolução Soviética, Carr já afirmava, na década de 60, o caráter não empírico do conhecimento norte-americano sobre os principais fatos da história contemporânea:

The American pragmatists moved, less explicitly and less wholeheartedly, along the same line. Knowledge is knowledge for some purpose. The validity of the knowledge depends on the validity of the purpose. But, even where no such theory has been professed, the practice has often been no less disquieting. In my own field of study I have seen too many examples of extravagant interpretation riding roughshod over facts not to be impressed with the reality of this danger. It is not surprising that perusal of some of the more extreme products of Soviet and anti-Soviet schools of historiography should sometimes breed a certain nostalgia for that illusory nineteenth-century haven of purely factual history<sup>1017</sup>.

Enquanto Morgenthau argumentava pela prevalência das avaliações feitas por uma elite acadêmica “realista”, cujos conhecimentos orbitariam entre a história e a ciência política sem nunca atingirem o cientificismo que marcaria as discussões na década de 60<sup>1018</sup>, Carr é explícito defensor do uso da História<sup>1019</sup> como base para a análise da política internacional. O grande

<sup>1015</sup> CARR, Edward. **What is history?** New York: Pinguim, 1990. p. 33.

<sup>1016</sup> “and it does not worry me unduly when I am assured that history is not a science. This terminological question is an eccentricity of the English language. In every other European language, the equivalent word to 'science' includes history without hesitation.” (CARR, Edward. **What is history?** New York: Pinguim, 1990. p. 56); “We may well recognize in this juxtaposition of the philosopher with the practitioner the archetypes of a perennial conflict between the theoretical man who thinks for the sake of finding the truth, and the practical man who thinks for the sake of finding solutions to practical problems” (MORGENTHAU, Hans. *Reflections on the state of political science. The Review of Politics*, v. 17, n. 4, p. 431-460. 1955. p. 433).

<sup>1017</sup> CARR, Edward. **What is history?** New York: Pinguim, 1990. p. 27.

<sup>1018</sup> “The second Great Debate, reaching its height during the late 1960s, is usually cast as a battle between traditionalists and behaviorists or ‘scientists.’ Traditionalists emphasized the complexity of world politics, the role of contingency and leadership in diplomacy, and the unique nature of each historical juncture. Claiming that no scientific theory could ever capture the interplay of so many factors nor explain choice by human beings who could learn by experience, traditionalists focused on moments of inflection in history in which world politics could have gone one way or the other” (LAKE, David. *Theory is dead, long live theory: the end of the great debates and the rise of eclecticism in international relations. European Journal of International Relations*, v. 19, n. 3, p. 567-587, set. 2013. p. 569); “Thus, the actual result of the “second great debate” in IR was to link “science” with quantification, formal models, and general propositions, replacing Carr and Morgenthau’s vague notion of science with something more precise while retaining the cultural prestige of the notion.” (JACKSON, Patrick Thaddeus. **The conduct of inquiry in international relations: philosophy of science and its implications for the study of world politics.** New York: Routledge, 2011. p. 6);

<sup>1019</sup> História no sentido de “tradição testada pelo tempo” numa concepção semelhante a de Edmund Burke: “You had all these advantages [tradition] in your ancient states, but you chose to act as if you had never been molded into civil society and had to begin everything anew. You began badly by despising everything that belonged to you, setting up in trade without any capital. If the recent generations of your country struck you as not very



problema é que como corolário da escolha pela História, na visão de Carr, abria-se mão da capacidade de prever o futuro, já que a História não era “científica”:

These objections - some of them more convincing than others -are in brief: ( 1) that history deals exclusively with the unique, science with the general; (2) that history teaches no lessons; (3) that history is unable to predict; (4) that history is necessarily subjective, since man is observing himself; and (5) that history, unlike science, involves issues of religion and morality<sup>1020</sup>. (Carr, What is History? 1990, 62)

Assim, por reter de Carr apenas o que servia aos interesses políticos e acadêmicos dos grupos que disputavam espaço (e financiamento) dentro das estruturas decisórias em política internacional dos EUA, Realistas, como Morgenthau, faziam um duplo movimento de legitimarem-se em suas ideias a respeito da análise de política internacional (notadamente o ataque ao “idealismo” de Wilson e Roosevelt), ao mesmo tempo que descartavam do pensamento de Carr o que fosse diferente dos interesses daqueles que lutavam pelos sentidos do mundo no início da Guerra Fria. Notadamente, a criação de um “mortal antagonism” como estabelecido por Arthur Schlesinger Jr <sup>1021</sup>

Figura 17 - Nuvem Conceitual a partir do Capítulo 7 de "20 anos de Crise" de Edward Carr<sup>1022</sup>



Fonte: Elaborado pelo autor, 2018

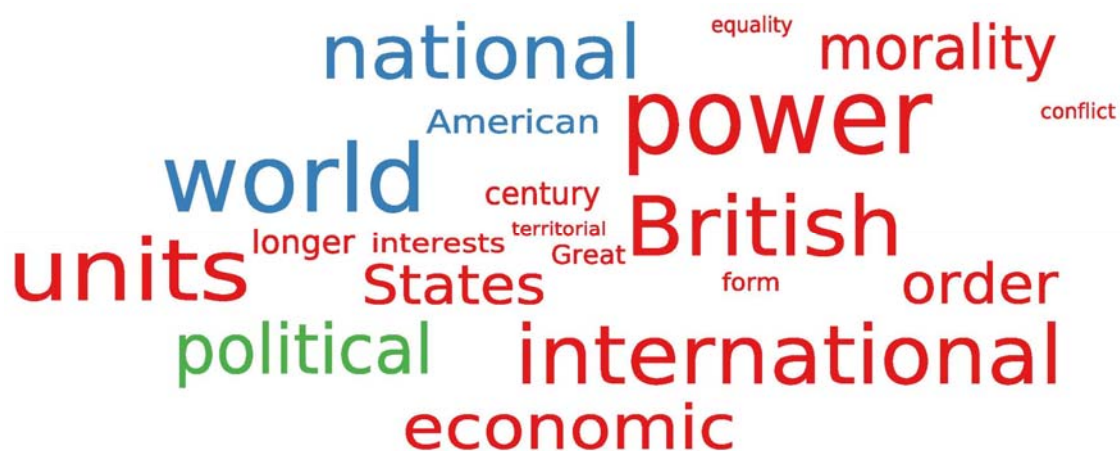
distinguished, you could have passed them by and derived your claims from an earlier race of ancestors. Piously favouring those ancestors, your imaginations would have found in them a standard of virtue and wisdom beyond the vulgar practice of the present; and, setting them as the example you wanted to imitate, you would have risen. Respecting your forefathers, you would have learned to respect yourselves. You wouldn't have chosen to consider the French as a people of yesserday, as a nation of lowborn servile wretches until the emancipating year of 1789.” (BURKE, Edmund. **Reflections on the Revolution in France**. [s.l.: s.n.], 1790).

<sup>1020</sup> CARR, Edward. **What is history?** New York: Pinguim, 1990. p. 62.

<sup>1021</sup> SCHLESINGER-JR, Arthur. The origins of the cold war. **Foreign Affairs**, v. 46, n. 1, p. 22-52, oct. 1967. p. 22.

<sup>1022</sup> O capítulo 7 de Carr é central em sua obra. Estabelece a relação entre “moral” e “politics” não como algo negativo mas como análise e coloca em linhas separadas o termo “man” (no singular) ligando ao campo semântico verde de “state”, “realist” e “modern” e “men” (no plural) ao grupo vermelho no qual figura “policy”, “moral” e “politics”. Esta passagem da unidade singular formativa (man) para o plural (men) tomado pelo seu efeito relational em “politics” é a característica do realismo de Carr.

Figura 18 - Nuvem conceitual a partir do capítulo Conclusão de "20 anos de Crise" de Edward Carr<sup>1023</sup>



Fonte: Elaborado pelo autor, 2018

#### 4.7.2 Nicholas Spykman

Nascido na Holanda<sup>1024</sup>, Nicholas Spykman é outro exemplo de europeus que migraram para os EUA durante o período entre guerras e trouxeram com eles uma diferente formação cultural e científica<sup>1025</sup>. Ainda que Spykman tenha feito mestrado e doutorado em Berkeley, a busca pelos interlocutores científicos de Spykman é com a geopolítica inglesa e alemã<sup>1026</sup>. Spykman se forma em meados dos anos 20 em Berkeley e, em seguida, vai ser contratado por Yale e será um dos fundadores dos Estudos de Relações Internacionais nos EUA. O falecimento prematuro, em 1943, não responde pelo relativo desapareço da academia pelo pensamento de Spykman<sup>1027</sup> (sobretudo em comparação com Morgenthau<sup>1028</sup>). Durante a segunda guerra,

<sup>1023</sup> Já se percebe como semântica relacional em Carr os termos “power” e “morality” como fazendo parte do grupo “international” e “order”. Ao mesmo tempo que “units”, “states” e “interests” denotam uma base de análise realista na epistemologia do historiador britânico.

<sup>1024</sup> “Nicholas John Spykman was born in Amsterdam on 13 October 1893 and died of cancer in New Haven, Connecticut, USA, on 26 June 1943. [...] He had emigrated from the Netherlands and became a naturalised US citizen in 1928” (GRAY, Colin. Nicholas John Spykman, the balance of power and international order. *The Journal of Strategic Studies*, v. 38, n. 6, p. 873-897. 2015. p. 874).

<sup>1025</sup> Como Hans Morgenthau, Hanna Arendt, Joseph Korbel, Henry Kissinger, Carl Hempel, entre outros.

<sup>1026</sup> Friedrich Ratzel, Rudolph Kjellen, Halford Mackinder, por exemplo.

<sup>1027</sup> “The consequence was that some among the contemporary ‘great and good’ were able to vilify Spykman allegedly as an amoral, and probably immoral, theorist, disinterested in the morally more attractive of professed American values and virtues.” (GRAY, Colin. Nicholas John Spykman, the balance of power and international order. *The Journal of Strategic Studies*, v. 38, n. 6, p. 873-897. 2015. p. 879).

<sup>1028</sup> “There is need to emphasize the plausible validity of this claim, because the contrast between Morgenthau’s continuing high reputation and that of Spykman could hardly be more stark. Whereas Morgenthau has been lionised – not without some good reason, one must say – as a founding father of substantially realist thought about international politics, Spykman in effect has been apparently air-brushed even from scholarly, let alone more popular, works on history,

Spykman parecia estar perto demais das tradições de pensamento alemãs na geopolítica e defendia que os EUA precisariam do Japão e da Alemanha como forças para contrabalançar a “Rimland”<sup>1029</sup> Russa, logo após a guerra. Ambas as ideias, a de uma futura parceria com os países agressores e oposição a aliados de guerra (Rússia) não eram convenientes no momento. O esforço, até ao menos o ano da morte de Spykman, era essencialmente conter e vencer os nazistas e qualquer discurso que relativizasse esta postura deveria ser afastado.

Além disto, os escritos de Spykman, embora antecipassem algumas importantes chaves conceituais para o realismo, sofriam essencialmente de três problemas: (1) uma tendência muito evidente para o geo-determinismo; (2) a percepção de poder como sendo essencialmente militar e (3) uma sobrevalorização das matérias-primas sobre a ciência como forma de “construir” o poder. Spykman via o cenário internacional como primordialmente instável, sendo a “estabilidade” apenas conseguida mediante ações políticas<sup>1030</sup>. As ações políticas que em conjunto originariam uma “estratégia” para aumentar o “poder” deveriam levar em consideração primordialmente fatores geográficos como a posse de matérias primas, população ou um ratio entre a área territorial e as linhas de costa. Seguindo esse pensamento, a estratégia de Spykman chegava a uma dualidade insanável: ao mesmo tempo que os EUA precisavam da URSS para barrar o avanço alemão (e caso os alemães fossem bem-sucedidos, dominando a Rimland, eles dominariam “o mundo”, segundo Spykman<sup>1031</sup>), Spykman alertava que a disputa internacional futura se daria entre “Rússia e EUA” por razões geopolíticas. Qual caminho seguir? Sustentar e fortalecer a URSS como um aliado de guerra ou já, imediatamente, passar

---

politics and strategy. (GRAY, Colin. Nicholas John Spykman, the balance of power and international order. **The Journal of Strategic Studies**, v. 38, n. 6, p. 873-897. 2015. p. 883).

<sup>1029</sup> “The Rimland: The super-continent that is the world-island of Eurasia–Africa should be understood as having both a Heartland and an Inner Marginal Crescent of maritime facing and accessing lands, roughly as was identified by Sir Halford Mackinder. However, contrary to Sir Halford’s physically geographical analysis and theory, the Rimland of Eurasia has proven itself to be more potent as a context explaining and enabling the generation and exploitation of relative power, than has the Heartland. The primary engine of international power therefore lies in the Rimland of Eurasia, not in the substantially barren thirsty steppe and desert lands of Eurasia–Africa.” (GRAY, Colin. Nicholas John Spykman, the balance of power and international order. **The Journal of Strategic Studies**, v. 38, n. 6, p. 873-897. 2015. p. 887).

<sup>1030</sup> “An equilibrium of forces inherently unstable, always shifting, always changing, is certainly not an ideal power pattern for an international society. But while we can deplore its shortcomings, we shall do well to remember that it is an indispensable element for an international order based on independent states. It encourages cooperation, conciliation, and the growth of law and is more likely to preserve peace and maintain justice than any other type of power distribution” (SPYKMAN, Nicholas. **America's strategy in world politics: the united states and the balance of power**. New York: Harcourt, Brace & Company, [1942] 2007. p. 472). Esse argumento é contrário a Morgenthau e Waltz, para quem, o equilíbrio é estável e a configuração básica do sistema internacional. Quando quebrado, as forças tendem a voltar à posição de equilíbrio a despeito das ações dos agentes, segundo Waltz, ou podendo se manter desequilibrada ao custo de erros em decisões políticas, segundo Morgenthau.

<sup>1031</sup> “Who controls the Rimland rules Eurasia; who rules Eurásia controls the destinies of the world” (GRAY, Colin. Nicholas John Spykman, the balance of power and international order. **The Journal of Strategic Studies**, v. 38, n. 6, p. 873-897. 2015. p. 873).

a uma postura de concorrência e correr o risco de ver os esforços contra os alemães serem colocados em perigo?

O determinismo geográfico em Spykman surge de forma clara. E, embora o autor mesmo faça o aviso de que a geografia é apenas uma “condição” e não uma “determinação”<sup>1032</sup>, a verdade é que a argumentação de Spykman é eivada de deduções majoritariamente induzidas pelo determinismo e sem muito atenção para ouvir o seu próprio conselho<sup>1033</sup>. O determinismo de Spykman levava ele a imediatamente atacar a postura isolacionista dos EUA, afirmando que, fosse ou não da consciência dos políticos e governantes, com o desenvolvimento das comunicações, dos transportes aéreos e o surgimento de uma potência na “*Rimland*”, a política externa norte-americana não poderia mais deixar de se preocupar com a segurança. Assim, o histórico isolacionismo que tinha apoiadores tanto entre Republicanos, quanto em Democratas, não era mais uma opção para os EUA. Para Spykman, os séculos em que os EUA viveram alheios a qualquer preocupação com sua segurança (pois tinham os oceanos como defesa e estados fracos e amigáveis como fronteira<sup>1034</sup>) tinham acabado. Se, por um lado, Spykman representava uma primeira incursão da “ciência” para tentar delimitar os rumos da política – e por isto não era bem visto por congressistas – o fato de Spykman ter sido deixado ao esquecimento durante o período entre guerras é uma demonstração de que os EUA sempre usaram determinados discursos científicos para legitimar suas posturas internas e externas. Nesse caso, ocorre exatamente o contrário.

---

<sup>1032</sup> “Unfortunately for the political scientist with a fondness for simplification, but fortunately for the statesman striving to overcome the geographic handicaps of his country, neither does the entire foreign policy of a country lie in geography, nor does any part of that policy lie in geography. The factors that condition [not determine] the policy of states are many; they are permanent and temporary, obvious and hidden; they include, apart from the geographic factor, population density, the economic structure of the country, the ethnic composition of the people, the form of government, and the complexes and pet prejudices of foreign ministers; and it is their simultaneous action and interaction that create the complex phenomena known as “foreign policy”. (SPYKMAN, Nicholas. *Geography and foreign policy*, II. **American Political Science Review**, v. 32, n. 2, p. 213-236, abr. 1938).

<sup>1033</sup> Ele afirma, por exemplo que “If the United States had been as near to the European continent as is Great Britain, it could never have conceived a policy of isolation, to say nothing of maintaining it; and if most of South America had been as near to Europe as is Africa, the United States could not have prevented the European powers from colonizing South America as they have colonized Africa” (SPYKMAN, Nicholas. *Geography and foreign policy*, II. **American Political Science Review**, v. 32, n. 2, p. 213-236, abr. 1938. p. 214).

<sup>1034</sup> “The only perfect illustration of this basic type today is the position of the United States between Canada and Mexico. In this case, the relationship is likely to continue, because world location, topography, and climate are all favorable. The shape of the North American continent prevents Mexico from adding significantly to its size by southern expansion, and topography and climate will make it forever impossible to build on its area a powerful economy. Canada, although larger in area than the United States, is by location and climate permitted to develop only a very small part of her territory as a base for economic and political life. The result is that the United States has been able to conduct its foreign policy for the last seventy-five years without giving any consideration to the problem of territorial security, and that its people are unable to understand the preoccupation of Europeans with security and power politics.” (SPYKMAN, Nicholas. *Geography and foreign policy*, II. **American Political Science Review**, v. 32, n. 2, p. 213-236, abr. 1938. p. 226).

It should be emphasized, however, that geography has been described as a conditioning factor, rather than as a determining factor. The word was chosen advisedly. It was not meant to imply that geographic characteristics play a deterministic, causal role in foreign policy. The geographical determinism which explains by geography all things from the fourth symphony to the fourth dimension paints as distorted a picture as does an explanation of policy with no reference to geography<sup>1035</sup>.

Outra incongruência do pensamento de Spykman com os entendimentos políticos da época se dava em sua conceituação de Estado. Para Spykman, Estado se refletia essencialmente no binômio fronteira-força militar<sup>1036</sup>. Esse entendimento chocava-se frontalmente com os esforços, desde o período entre-guerras de construir poder por meio de expansão financeira e econômica. Mesmo Lênin<sup>1037</sup>, já havia reconhecido a importância, o peso e o papel do capitalismo financeiro internacional, e Hitler em seu “Mein Kampf” denunciava os interesses desse “financismo” como contrários aos interesses da Alemanha. A percepção de Spykman parecia ainda não perceber as modificações que se davam no mundo após a primeira guerra mundial. Os interesses econômicos norte-americanos iam de encontro à estratégia que Spykman advogava, seja porque ainda existia a ideia de que terminada a segunda guerra os EUA retornariam a sua postura isolacionista (e não haveria que se gastar em meio militares) seja porque havia fundadas razões para acreditar que a expansão capitalista norte-americana resultaria em um processo de “controle sem dominação”.

Dentro da linha argumentativa de Spykman, os recursos naturais<sup>1038</sup> seriam a essência da formação do poder e esse entendido como “poder militar”. Não entrava nas análises de Spykman a grande aposta dos EUA: o desenvolvimento científico. O Projeto Manhattan (desenvolvimento da bomba atômica) é a coroação da ideia da superioridade do pensamento

<sup>1035</sup> SPYKMAN, Nicholas. Geography and foreign policy, II. **American Political Science Review**, v. 32, n. 2, p. 213-236, abr. 1938. p. 30.

<sup>1036</sup> “The state is still today, as far as its international relations are concerned, primarily a military organization. Its specific aims in its struggle for power may be many, but among them the geographic objectives, the attainment of which will increase the state's relative military strength, are the oldest and the most persistent.” (SPYKMAN, Nicholas, ROLLINS, Abbie. Geographic objectives in foreign policy, I. **American Political Science Review**, v. 33, n. 3, p. 391-410, jun. 1939. p. 391).

<sup>1037</sup> “Private property based on the labor of the small proprietor, free competition, democracy, all the catchwords with which the capitalists and their press deceive the workers and the peasants--are things of the distant past. Capitalism has grown into a world system of colonial oppression and of the financial strangulation of the overwhelming majority of the population of the world by a handful of "advanced" countries. And this "booty" is shared between two or three powerful world marauders armed to the teeth (America, Great Britain, Japan), who involve the whole world in their war over the sharing of their booty”. (LENIN, Vladimir. **Imperialism, the highest stage of Capitalism**. Petrogrado: [s.n.], 1917. p. 2).

<sup>1038</sup> “[...] schematically [in order of importance] presented as follows: geographic, demographic, racial, ethnic, economic, social, political, ideological, and personal” (FURNISS-JR, Edgar. The contribution of Nicholas John Spykman to the study of international politics. **World Politics**, v. 4 n. 3, p. 382-401, abr. 1952. p. 386).

(ciência) sobre o cálculo puramente material emanado da geopolítica. Os EUA não dispunham de material radiativo (como plutônio ou urânio) em condições suficientes<sup>1039</sup> para uma “superioridade geopolítica”. Ainda assim, o desenvolvimento da bomba alteraria definitivamente qualquer teoria geopolítica. Havia pouco espaço na teorização de Spykman para o engenho obstinado das forças humanas<sup>1040</sup>. Se o mundo era em si uma balança de condições materiais quantificáveis, a América do Norte estava fadada a ser subjugada pelas imensas massas de terra e população da Eurásia e seus superiores recursos naturais. Por mais que os EUA tentassem maximizar seus recursos e racionalizar sua política externa, não haveria como se contrapor à força da Rimland.

Spykman's realism is the realism of past centuries, “said one reviewer. Others were less restrained”. “[...] The 'balance policy cannot recommend itself to the intelligence or to the conscience of an America which is determined that the war cycle must be broken. The utter, fatal bankruptcy of such a policy is convincingly demonstrated, albeit without design, by the author.” “The balance of power may well land us all in a crematory.” Not only was the system proposed by Spykman bad, but it could not be followed by a democracy. “[...] Democratic government is not adapted to pursuing a foreign policy of balancing powers.” “[...] One should consider whether any democracy so responsive in its sentiments, any country so much affected by its racial and sectional politics as the United States could effectively follow through a policy requiring the ruthless and precise calculations of the balance of power.<sup>1041</sup>”

Se é verdade que a geopolítica originária das ideias europeias e fundamentada num determinismo geográfico não servia aos interesses políticos dos EUA, Spykman antecipou muitos pontos que seriam, ou melhor definidos, ou melhor desenvolvidos por Morgenthau e Waltz<sup>1042</sup>. Para Spykman, o cenário internacional era “anárquico”, mas esta anarquia se dava

---

<sup>1039</sup> Daí a necessidade de se chegar a Berlim antes dos russos e depois de obter a boa vontade dos europeus, especialmente dos Belgas que mantinham dominação sobre o Congo

<sup>1040</sup> “One of the reasons for the coldness of critics toward the balance of power as an objective of American statecraft was that it offered no easy surcease from foreign-policy woes. Here was no utopia, no brave new world, no era of enduring peace. Here was more of the same mixture as before, a mixture which had not preserved peace in the past and showed little likelihood of being able to do so in the future. As Spykman himself recognized, the basic element in the balance of power was instability.” (FURNISS-JR, Edgar. *The contribution of Nicholas John Spykman to the study of international politics. World Politics*, v. 4 n. 3, p. 382-401, abr. 1952. p. 391); “Herman Melville wrote in his novel *White Jacket* that “we Americans are the peculiar, chosen people — the Israel of our time; we bear the ark of the liberties of the world.” That comment on the American character echoed the words of Governor John Winthrop of Massachusetts as he predicted, in 1630, a unique future for the newborn colonies: ‘[...] for we must Consider that we shall be as a City upon a Hill, the eyes of all people are upon us’. And in the 1960s, in the midst of national self-doubt during the Vietnam War, National Security Advisor McGeorge Bundy expressed similar sentiments in a more plebeian manner: the United States, he said, is the “locomotive at the head of mankind pulling the caboose of humanity along behind.” (SCHMIDT, Donald. *The folly of war: american foreign policy, 1898-2005*. New York: Algora Publishing, 2005. p. 7-8).

<sup>1041</sup> FURNISS-JR, Edgar. *The contribution of Nicholas John Spykman to the study of international politics. World Politics*, v. 4 n. 3, p. 382-401, abr. 1952. p. 392.

<sup>1042</sup> “In a world of international anarchy, foreign policy must aim above all at the improvement or at least the preservation of the relative power position of the state. Power is in the last instance the ability to wage

apenas pela falta de controle do meio internacional por um ente sistemicamente semelhante ao Estado. Não há, entretanto, em Spykman qualquer impossibilidade de que o cenário internacional venha a ter uma entidade reguladora<sup>1043</sup>. Aliás, o conceito de Fronteira<sup>1044</sup>, de Spykman, como sendo uma linha que equaciona as pressões de expansão nacional e resistência e outros Estados, dava a possibilidade de ganho de território, e o autor retirava da História os exemplos para a “mobilidade das fronteiras”. A ideia de “balança de poder” para Spykman<sup>1045</sup> não era centrada em unidades morfológicamente idênticas (como para Waltz) ou numa noção política de poder (como para Morgenthau) mas em uma representação em universo diminuído da dualidade-contradição essencial da Rimland e o “cinturão de estados e ilhas” que a circundava<sup>1046</sup>. Estados não balanceavam poder; massas de terra e recursos naturais e populacionais é que entravam nesta equação. A função dos Estados era dominar – por meio físico ou diplomático – tais recursos. Spykman, portanto, não afirmava o colonialismo do século

---

successful war, and in geography lie the clues to the problems of military and political strategy.” (SPYKMAN, Nicholas. **America's strategy in world politics: the united states and the balance of power**. New York: Harcourt, Brace & Company, [1942] 2007. p. 41).

<sup>1043</sup> Como há em Morgenthau e em Waltz, em função da questão da luta pela sobrevivência e soberania

<sup>1044</sup> “Shifts in frontier, which are the physical manifestation of the dynamics of expansion, are not, however, the only or the first indication of a shift in the balance of forces. The realm of international politics is like a field of forces comparable to a magnetic field. At any given moment, there are certain large powers which operate in that field as poles. A shift in the relative strength of the poles or the emergence of new poles will change the field and shift the lines of force. A reorientation and realignment of the small powers in such a field may be the first result of a shift in the balance of forces between the large powers. The reorientation in the foreign policy of many of the central European states after the remilitarization of Germany and the increase in Italian strength is an illustration of this phenomenon.” (SPYKMAN, Nicholas, ROLLINS, Abbie. Geographic objectives in foreign policy, I. **American Political Science Review**, v. 33, n. 3, p. 391-410, jun. 1939. p. 395).

<sup>1045</sup> “The balance of power that Spykman believed necessary for safety in the anarchic realm of international relations is always the enabling condition for international order. He notes the inevitability of a competitive urge to secure a balance healthily in one’s own favour and that as a consequence should support a tolerable international order. He makes suitable note of the practical challenges to the search for a balance of power, recognising that such balancing is not always easy to assess in measurable ways. Overall, however, he insists that ‘balanced power is the only approximation to order’.” (GRAY, Colin. Nicholas John Spykman, the balance of power and international order. **The Journal of Strategic Studies**, v. 38, n. 6, p. 873-897. 2015. p. 889).

<sup>1046</sup> “To be successful, a collective security system should, Spykman believed, be organized on a sound regional base. In its failure to follow this principle lay one of the difficulties of the League of Nations, because, Spykman wrote in 1934, only within a limited security area were states willing to give advance guarantees to one another that would be honored when a test came” (FURNISS-JR, Edgar. The contribution of Nicholas John Spykman to the study of international politics. **World Politics**, v. 4 n. 3, p. 382-401, abr. 1952. p. 395); “Their differing conceptions of space and of the conquest of space indicate one of the outstanding differences between land and sea powers. A sea power conquers a large space by leaping lightly from point to point, adjusting itself to existing political relationships wherever possible, and often not establishing its legal control until its factual domination has long been tacitly recognized. An expanding land power moves slowly and methodically forward, forced by the nature of its terrain to establish its control step by step and so preserve the mobility of its forces. Thus, a land power thinks in terms of continuous surfaces surrounding a central point of control, while a sea power thinks in terms of points and connecting lines dominating an immense territory.” (SPYKMAN, Nicholas. Geography and foreign policy, II. **American Political Science Review**, v. 32, n. 2, p. 213-236, abr. 1938. p. 224).

XIX como algo imoral e inaceitável per se. O colonialismo era uma estratégia válida<sup>1047</sup> e que havia dado bons resultados para os Europeus. Esta postura contrastava flagrantemente com a política externa de Roosevelt (e depois Truman e Eisenhower) em sua vertente “wilsoniana”<sup>1048</sup> de denúncia da imoralidade do colonialismo, mesmo o exercido por aliados europeus<sup>1049</sup>.

The problem for each state of determining the most advantageous location for this line [the frontier] became more and more complex as contradictory elements struggled for predominance in the formulation of policy. The first conflict arises out of the opposing demands of separation and communication. If a state is pursuing a policy of pure defense, the more completely its frontiers separate it from the rest of the world, the better. With the development of modern world economy, however, it has become desirable for a state to have as much contact with the rest of the world as possible, and therefore to have a frontier that will facilitate communication<sup>1050</sup>.

**Figura 19 - Nuvem Conceitual da geopolítica de Spykman a partir "Geography and Foreign Policy II"<sup>1051</sup>**

<sup>1047</sup> “Apparently the very dynamic force of the power organization called the state, which in origin at least was primarily a military organization, like the dynamic force of every organic entity, varies in intensity from time to time, and calls forth an expansionist policy when the dynamic pressure becomes too great to be contained within the existing limits of the state.” (SPYKMAN, Nicholas, ROLLINS, Abbie. Geographic objectives in foreign policy, I. **American Political Science Review**, v. 33, n. 3, p. 391-410, jun. 1939. p. 392).

<sup>1048</sup> “But all this changed early in the 20th century when President Woodrow Wilson began teaching his lessons on idealism. To Wilson, the son of a stern Presbyterian preacher, American foreign policy should reflect the moral and legal principles that guide domestic life. It has been said by idealists that America should not keep two sets of books — one for domestic matters and another for foreign affairs. International relations, in the hands of idealists, would be dedicated to the eradication of evil behavior in the world; nations that practiced humanitarian, Christian precepts would be rewarded with the favor of Washington D.C. The Sermon on the Mount would replace national self-interest and power; America, the exceptional nation, would teach the world how to behave. But to do this, America would have to shed its traditional policy of neutrality; America would have to become a Crusading State, rather than merely a Promised Land.” (SCHMIDT, Donald. **The folly of war: american foreign policy, 1898-2005**. New York: Algora Publishing, 2005. p. 10); “Thus the twenties witnessed a revival of the conception of the national interest, however erroneously defined. Under Franklin D. Roosevelt, Wilsonianism was revived in the foreign policy of Cordell Hull, while the President came closest to identifying the national interest with moral principles, the characteristic of the second period of American foreign policy. It is with the Truman Doctrine that a fourth conception of foreign policy has come to dominate the conduct of American foreign affairs. The Truman Doctrine is Wilsonian in that it proclaims universal moral principles - such as promotion of free and democratic governments everywhere in the world-as standards of American foreign policy.” (MORGENTHAU, Hans. The Primacy of the national interest. **The American Scholar**, v. 18, n. 2, p. 207-212. 1949. p. 209-210).

<sup>1049</sup> That same evening Churchill was driven from the dacha into Moscow, a forty-five minute drive. In his first talk with Stalin, he reaffirmed his earlier acceptance, at Teheran, of the Curzon Line as Russia's eastern frontier. Churchill promised to 'bring pressure to bear' on the Poles to do likewise. The discussion then turned to Southern Europe and the Balkans. Britain had a 'particular interest' in Greece, Churchill told Stalin, but Rumania was 'very much a Russian affair'. He did not want to use the phrase 'dividing into spheres', Churchill said, '**because the Americans might be shocked**', but as long as he and Stalin 'understood each other' he could explain it to the Americans” (GILBERT, Martin. **Churchill: a life**. Londres: Pimlico, 2000. p. 795-796); “At a further meeting with Churchill on the following morning, Eisenhower proposed, as part of a speech he was to make at the United Nations, to refer to the ‘**obsolete Colonial mould**’ which was now being broken. After lunch that day, Churchill persuaded Eisenhower to remove from his speech what Colville called this ‘obnoxious phrase’” (GILBERT, Martin. **Churchill: a life**. Londres: Pimlico, 2000. p. 921).

<sup>1050</sup> SPYKMAN, Nicholas, ROLLINS, Abbie. Geographic objectives in foreign policy, I. **American Political Science Review**, v. 33, n. 3, p. 391-410, jun. 1939. p. 397.

<sup>1051</sup> A dicotomia em Spikman entre “land” (em vermelho) e “sea” (em azul) refaz a percepção geográfica do conflito da Guerra Fria entre a densa região Rússia (land) e uma potência voltada para os dois mares como os EUA. Já se percebe a unidade de análise como “states” que seria um precursor da Teoria Realista.





Fonte: Elaborado pelo autor, 2018

Figura 20 - Nuvem Conceitual da política internacional de Spykman a partir de "Geographic Objectives in Foreign Policy, I"<sup>1052</sup>



Fonte: Elaborado pelo autor, 2018

#### 4.7.3 Reinhold Niebuhr

A realistic analysis of the problems of human society reveals a constant and seemingly irreconcilable conflict between the needs of society and the imperatives of a sensitive conscience. This conflict, which could be most briefly defined as the conflict between ethics and politics, is made inevitable by the double focus of the moral life<sup>1053</sup>.

Niebuhr é o único dos “founding fathers” do Realismo que nasceu nos EUA. Teólogo nascido no Missouri em 1892, Niebuhr antecipou muitas das ideias que seriam depois colocadas por Morgenthau para estabelecer os princípios do Realismo Clássico<sup>1054</sup>. Para Reinhold Niebuhr, a natureza humana era sim a sina que as sociedades carregavam durante sua história, mas – ao contrário do que estabelecia Morgenthau – a constituição das sociedades e dos sistemas internacionais não derivavam diretamente da natureza humana. Isto porque o homem,

<sup>1052</sup> Spykman já organiza o cenário internacional a partir dos termos “power” e “states”. A noção de “boundaries” como os limites de poder, território, recursos e etc. surge como central em sua análise, por isto grafada em roxo como pertencente a ambos os grupos semânticos, vermelho e azul.

<sup>1053</sup> NIEBUHR, Reinhold. **Moral man and immoral society: a study in ethics and politics**. [s.l.]: Charles Scribner's Sons, 1932. p. 111.

<sup>1054</sup> Chamado por Jack Donnelly de “Realismo biológico”, em função da centralidade explicativa da “natureza humana” (DONNELLY, Jack. **Realism and international relations**. New York: Cambridge University Press, 2000. p. 11).

individualmente tomado, tinha uma série de desejos, entendimentos e ideias (baseados em sua ignorância e em seus instintos) que eram basicamente diferentes do homem tomado em coletividade<sup>1055</sup>. Assim, o problema da guerra não era o problema da natureza perversa do homem senão do fato de que o homem, colocado em grandes grupos tendia a exercer poder (coerção) sobre outros homens. Tal situação era benéfica domesticamente, uma vez que para Niebuhr não há ordem sem coerção, nem paz sem violência. Contudo, em termos internacionais a situação se invertia, as mesmas forças que mantinham os homens em uma “suportável” sociedade em termos nacionais, impeliam o sistema internacional para a anarquia.

Human beings are endowed by nature with both selfish and unselfish impulses. The individual is a nucleus of energy which is organically related from the very beginning with other energy, but which maintains, nevertheless, its own discreet existence. Every type of energy in nature seeks to preserve and perpetuate itself and to gain fulfillment within terms of its unique genius. The energy of human life does not differ in this from the whole world of nature. It differs only in the degree of reason which directs the energy. Man is the only creature which is fully self-conscious. His reason endows him with a capacity for self-transcendence. He sees himself in relation to his environment and in relation to other life. Reason enables him, within limits, to direct his energy so that it will flow in harmony, and not in conflict, with other life. Reason is not the sole basis of moral virtue in man. His social impulses are more deeply rooted than his rational life. Reason may extend and stabilise, but it does not create, the capacity to affirm other life than his own<sup>1056</sup>.

Assim, sociedades teriam como “estado natural” o estado de guerra. O conflito seria uma sempre presente força, apaziguada somente por uma outra força – moralmente condicionada e superior – ditada por governos e governantes. No campo internacional, todavia, estas forças de constrição não estariam presentes e a anarquia era a condição normal.

Em seu mais conhecido livro “Moral Man and Immoral Society”, escrito em 1932, Niebuhr faz a crítica ao liberalismo (“romântico” nos dizeres do autor<sup>1057</sup>), à democracia e às

---

<sup>1055</sup> “The intelligent man, who exploits available resources for knowledge of the needs and wants of his fellows, will be more inclined to adjust his conduct to their needs than those who are less intelligent. He will feel sympathy for misery, not only when it comes immediately into his field of vision, but when it is geographically remote. [...] Nevertheless, it is impossible for an astute social pedagogy to increase the range of human sympathy. Social agencies in large urban communities, where individual need is easily obscured in the mass, have evolved stereotyped methods of individualising need by the choice of significant and vivid single examples of general social conditions” (NIEBUHR, Reinhold. **Moral man and immoral society: a study in ethics and politics**. [s.l.]: Charles Scribner's Sons, 1932. p. 20).

<sup>1056</sup> NIEBUHR, Reinhold. **Moral man and immoral society: a study in ethics and politics**. [s.l.]: Charles Scribner's Sons, 1932. p. 19.

<sup>1057</sup> “The traditions and superstitions, which seemed to the eighteenth century to be the very root of injustice, have been eliminated, without checking the constant growth of social injustice. Yet the men of learning persist in their hope that more intelligence will solve the social problem. They may view present realities quite realistically; but they cling to their hope that an adequate pedagogical technique will finally produce the “socialised man” and thus solve the problems of society.” (NIEBUHR, Reinhold. **Moral man and immoral society: a study in ethics and politics**. [s.l.]: Charles Scribner's Sons, 1932. p. 19).

“classes médias” que Morgenthau fará em seu “Scientific Man vs. Power Politics”. Niebuhr afirma que, dada a história da humanidade, é sem sentido acreditar-se na capacidade moral do homem<sup>1058</sup> – ou em sua inteligência – para resolver os problemas sociais. Em grande parte, a guerra e a desigualdade são funções da coletividade humana<sup>1059</sup> e, embora o homem individualmente possa conter seus desejos e diminuir sua ignorância, é inescapável a existência humana da violência<sup>1060</sup>. Desigualdade<sup>1061</sup> seria o único caminho para alguma paz interna, desde que com a aplicação da “coerção” mediada pela moral humana (do homem individualmente capaz).

---

<sup>1058</sup> “Conscience is a moral resource in human life, but it is not as powerful as those moralists assume, who would save mankind by cultivating the sense of duty. It is more potent when it supports one impulse against another than when it sets itself against the total force of the individual's desires. It operates more effectively when it consolidates and stabilises socially valuable impulses, as those associated with the family life for instance, than when it attempts to carry impulse beyond the objectives determined by the forces of nature.” (NIEBUHR, Reinhold. **Moral man and immoral society**: a study in ethics and politics. [s.l.]: Charles Scribner's Sons, 1932. p. 25).

<sup>1059</sup> Diferentemente das teorias que pregavam a superioridade da democracia frente às formas de governo imperiais, Niebuhr afirma que os defeitos e incapacidades humanas se acentuam em grandes grupos, assim as sociedades teriam comportamentos, interesses e ideias mais brutais e ignorantes que os homens individualmente apresentavam: “An optimistic appraisal of human potentialities may therefore create its own verification. But individual limitations have a cumulative effect in human societies, and the moral attitudes, which tend to diminish them, are decreasingly adequate, when they are directed toward masses of men and not to individuals. Any error in the appraisal of the moral resources of individuals is accentuated when it is made the basis of political theory and practice. It is necessary therefore to deal circumspectly with the facts, if the confusion which always exists in the area of life where politics and ethics meet, is to be resolved.” (NIEBUHR, Reinhold. **Moral man and immoral society**: a study in ethics and politics. [s.l.]: Charles Scribner's Sons, 1932. p. 19).

<sup>1060</sup> “Reason may not only justify egoism prematurely but actually give it a force which it does not possess in non-rational nature. Human self-consciousness is the fruit of reason. Men become conscious of themselves as they see themselves in relation to other life and to their environment. This self-consciousness increases the urge to preserve and to extend life. In the animal the instincts of self-preservation do not extend beyond the necessities provided by nature. The animal kills when it is hungry and fights or runs when it is in danger. In man the impulses of self-preservation are transmuted very easily into desires for aggrandisement.” (NIEBUHR, Reinhold. **Moral man and immoral society**: a study in ethics and politics. [s.l.]: Charles Scribner's Sons, 1932. p. 26).

<sup>1061</sup> Desigualdade que era a condição primordial do ser humano, Niebuhr cita James Madison: “The diversities in the faculties of men,” declared James Madison, “from which the rights of property originate, are [...] an insuperable obstacle to uniformity of interests. The protection of these faculties is the first object of government. From the protection of different and unequal faculties of acquiring property, the possession of different degrees and kinds of property immediately results; and from the influence of these on the sentiments and views of the respective proprietors ensues a division of society into different interests and parties” (NIEBUHR, Reinhold. **Moral man and immoral society**: a study in ethics and politics. [s.l.]: Charles Scribner's Sons, 1932. p. 54); “Inequality of reward need not of course, even if it represents a permanent concession to the weaknesses of human nature, as is probably the case, result in the old inequalities of power which breed inequalities of privilege, which are either disproportionate or totally irrelevant to the importance of function and the efficiency with which function is performed. It is possible for society to prevent accumulations of unequal rewards from being transmuted into instruments of social power. But it cannot prevent them from becoming symbols of unequal social prestige. In other words, if the desperate means which the communist uses are to be justified by the totally different and more ideal society which he creates, the justification is not as convincing as it seems to the romantic communist. If the new society does not eliminate the weaknesses of human nature, which cause injustice, as completely as he supposes, he has lost the moral advantage of his absolutism.” (NIEBUHR, Reinhold. **Moral man and immoral society**: a study in ethics and politics. [s.l.]: Charles Scribner's Sons, 1932. p. 88).

The possibilities of increasing both the rational and the more uniquely moral resources of individuals is so real that it is not surprising that those who study the possibilities should frequently indulge the hope of solving the problems of society by this method. They easily fail to recognise the limits of morality in human life. The possibility of extending reason does not guarantee that it can be extended far enough to give a majority of individuals a comprehension of the total social situation in which they stand. The ability of reason to check impulse does not inevitably provide a sufficient check to prevent the conflict of impulses, particularly the conflict of collective impulses in society<sup>1062</sup>.

Niebuhr não via os objetivos do comunismo como objetivos inválidos ou moralmente corruptos<sup>1063</sup> (como ocorrerá após a guerra), mas, e apenas, ineficazes do ponto de vista humano. As “oligarquias comunistas”, como Niebuhr as chamava, não haviam mostrado nenhuma vantagem substantiva frente ao sistema das “oligarquias industriais” capitalistas. Os dois sistemas eram, do ponto de vista moral, equivalentes em seus resultados<sup>1064</sup>, sendo que a violência do sistema capitalista seria mais “suportável” do que a do sistema comunista<sup>1065</sup>.

There is something rather imposing in this doctrine of Marx. It is more than a doctrine. It is a dramatic, and to some degree, a religious interpretation of proletarian destiny. In such insights as this, rather than in his economics, one must discover the real significance of Marx. His economic theory of labor value may be impossible, but this attempt at the transvaluation of values is in the grand style [...] But since political ideals are more capable of historic realisation than purely ethical ones, the Marxian dream is less religious for being more germane to history<sup>1066</sup>.

---

<sup>1062</sup> NIEBUHR, Reinhold. **Moral man and immoral society**: a study in ethics and politics. [s.l.]: Charles Scribner's Sons, 1932. p. 25.

<sup>1063</sup> “If a socialist commonwealth should succeed in divorcing privilege from power, it would thereby materially reduce the selfishness of nations, though it is probably romantic to hope, as most socialists do, that all causes of international friction would be abolished. Wars were waged before the modern capitalistic social order existed, and they may continue after it is abolished. The greed of the capitalistic classes has sharpened, but not created, the imperialism of nations.” (NIEBUHR, Reinhold. **Moral man and immoral society**: a study in ethics and politics. [s.l.]: Charles Scribner's Sons, 1932. p. 45).

<sup>1064</sup> “When governing groups are deprived of their special economic privileges, their interests will be more nearly in harmony with the interests of the total national society. At present the economic overlords of a nation have special interests in the profits of international trade, in the exploitation of weaker peoples and in the acquisition of raw materials and markets, all of which are only remotely relevant to the welfare of the whole people.” (NIEBUHR, Reinhold. **Moral man and immoral society**: a study in ethics and politics. [s.l.]: Charles Scribner's Sons, 1932. p. 45); “The sharpening of class antagonisms within each modern industrial nation is increasingly destroying national unity and imperiling international comity as well. It may be that the constant growth of economic inequality and social injustice in our industrial civilisation will force the nations into a final conflict, which is bound to end in their destruction” (NIEBUHR, Reinhold. **Moral man and immoral society**: a study in ethics and politics. [s.l.]: Charles Scribner's Sons, 1932. p. 54).

<sup>1065</sup> “The theory of communism is, that the dictatorship is only a transitory state and that it will become unnecessary as soon as the whole community has accepted the equalitarian ideals of communism and no one challenges the regime. This theory fails to do justice to the facts of human nature, revealed not only in the men of power but in ordinary men.” (NIEBUHR, Reinhold. **Moral man and immoral society**: a study in ethics and politics. [s.l.]: Charles Scribner's Sons, 1932. p. 86).

<sup>1066</sup> NIEBUHR, Reinhold. **Moral man and immoral society**: a study in ethics and politics. [s.l.]: Charles Scribner's Sons, 1932. p. 70-71.

A argumentação de Niebuhr carrega o respeito e admiração intelectual<sup>1067</sup> para com o Marxismo<sup>1068</sup>, característicos dos anos 30, com a aquiescência implícita das necessidades de contenção do capitalismo<sup>1069</sup>. Aquiescência esta que é fruto dos desdobramentos da crise de 1929 e do New Deal nos EUA. Assim, muitas das críticas de Niebuhr são dirigidas aos “poderosos” ou aos “oligarcas enriquecidos”<sup>1070</sup>. Afirma, Reinhold, que o sentido de “justiça social” era derivado da razão<sup>1071</sup> e não do “coração” e, portanto, só acessível aos que tinham

---

<sup>1067</sup> “So nations crucify their moral rebels with their criminals upon the same Golgotha, not being able to distinguish between the moral idealism which surpasses, and the anti-social conduct which falls below that moral mediocrity, on the level of which every society unifies its life.” (NIEBUHR, Reinhold. **Moral man and immoral society: a study in ethics and politics.** [s.l.]: Charles Scribner's Sons, 1932. p. 44-45).

<sup>1068</sup> De fato, por exemplo, até o conceito de Estado para Niebuhr é muito semelhante ao de Marx e Weber: “Nations are territorial societies, the cohesive power of which is supplied by the sentiment of nationality and the authority of the state. The fact that state and nation are not synonymous and that states frequently incorporate several nationalities, indicates that the authority of government is the ultimate force of national cohesion.” (NIEBUHR, Reinhold. **Moral man and immoral society: a study in ethics and politics.** [s.l.]: Charles Scribner's Sons, 1932. p. 42); “The necessity of using force in the establishment of unity in a national community, and the inevitable selfish exploitation of the instruments of coercion by the groups who wield them, adds to the selfishness of nations.” (NIEBUHR, Reinhold. **Moral man and immoral society: a study in ethics and politics.** [s.l.]: Charles Scribner's Sons, 1932. p. 45); “In modern capitalistic society the significant social power is the power which inheres in the ownership of the means of production; and it is that power which is able to arrogate special social privilege to itself. Varying political convictions and social attitudes depend upon the degree of social power and economic privilege possessed by varying classes. Naturally the chief difference will be between those who own property and those who do not.” (NIEBUHR, Reinhold. **Moral man and immoral society: a study in ethics and politics.** [s.l.]: Charles Scribner's Sons, 1932. p. 55).

<sup>1069</sup> “Thus, for instance, a laissez faire economic theory is maintained in an industrial era through the ignorant belief that the general welfare is best served by placing the least possible political restraints upon economic activity. The history of the past hundred years is a refutation of the theory; but it is still maintained, or is dying a too lingering death, particularly in nations as politically incompetent as our own. Its survival is due to the ignorance of those who suffer injustice from the application of this theory to modern industrial life but fail to attribute their difficulties to the social anarchy and political irresponsibility which the theory sanctions. Their ignorance permits the beneficiaries of the present anarchic industrial system to make dishonest use of the waning prestige of laissez faire economics. The men of power in modern industry would not, of course, capitulate simply because the social philosophy by which they justify their policies had been discredited. When power is robbed of the shining armor of political, moral and philosophical theories, by which it defends itself, it will fight on without armor; but it will be more vulnerable, and the strength of its enemies is increased.” (NIEBUHR, Reinhold. **Moral man and immoral society: a study in ethics and politics.** [s.l.]: Charles Scribner's Sons, 1932. p. 22).

<sup>1070</sup> “The idea that the profits of capital are really the rewards of a just society for the foresight and thrift of those who sacrificed the immediate pleasures of spending in order that society might have productive capital, had a certain validity in the early days of capitalism, when productive enterprise was frequently initiated through capital saved out of modest incomes. The idea, as a moral justification of present inequalities of privilege, has become more and more dishonest, since the increased centralisation of privilege and power makes it possible for those who make the largest investments in industry to do so without any diminution of even the most luxurious living standards. Since we are living in a world in which there is too much capital for production and too little for consumption, the argument that economic inequality is necessary for the accumulation of capital resources has lost even its economic validity. Yet it is still used by privileged classes to establish a specious connection between virtue or social function and privilege.” (NIEBUHR, Reinhold. **Moral man and immoral society: a study in ethics and politics.** [s.l.]: Charles Scribner's Sons, 1932. p. 59).

<sup>1071</sup> “Theoretically it is possible to have a national electorate so intelligent, that the popular impulses and the ulterior interests of special groups are brought under the control of a national mind. But practically the rational understanding of political issues remains such a minimum force that national unity of action can be achieved only upon such projects as are either initiated by the self-interest of the dominant groups, in control of the government, or supported by the popular emotions and hysterias which from time to time run through a nation. In other words, the nation is a corporate unity, held together much more by force and emotion, than by mind.

capacidades cognitivas para aprender, num esforço majoritariamente individual. Mesmo esse indivíduo iluminado, moralmente superior e mais capaz, quando colocado em sociedade, veria estas qualidades se dissiparem e serem obscurecidas pela ignorância e egoísmo.

The force of reason makes for justice, not only by placing inner restraints upon the desires of the self in the interest of social harmony, but by judging the claims and assertions of individuals from the perspective of the intelligence of the total community. An irrational society accepts injustice because it does not analyse the pretensions made by the powerful and privileged groups of society<sup>1072</sup>.

A solução seria um governo de “experts”, aptos a fazerem uso da razão e da moral<sup>1073</sup>, ambas contidas por uma noção teórica<sup>1074</sup> advinda das ciências sociais<sup>1075</sup>. O ato de governo não poderia ser distante da ação de exercer coerção<sup>1076</sup> para ponderar os arroubos coletivos<sup>1077</sup>. Esse controle interno, exercido pelo governo, no entanto, não funciona em termos internacionais. Segundo Niebuhr, “the las three decades of world history [1900-1930] seem to be a perfect and tragic symbol of the consequences of this kind of realism, with is abortive to resolve conflict by conflict”<sup>1078</sup>. A paz internacional seria sempre uma “coerced peace” e mantida pela manutenção de uma “balança de poder”. A grande questão é que o sistema internacional, para Niebuhr, tende à desigualdade e, portanto, o equilíbrio atingido pelas estratégias de “balanceamento” seria sempre temporário e mantido a grandes custos. Somente um governo que exercesse o poder de coerção, moralmente contido, poderia aspirara

---

Since there can be no ethical action without self-criticism, and no self-criticism without the rational capacity of self-transcendence, it is natural that national attitudes can hardly approximate the ethical” (NIEBUHR, Reinhold. **Moral man and immoral society**: a study in ethics and politics. [s.l.]: Charles Scribner's Sons, 1932. p. 44).

<sup>1072</sup> NIEBUHR, Reinhold. **Moral man and immoral society**: a study in ethics and politics. [s.l.]: Charles Scribner's Sons, 1932. p. 21.

<sup>1073</sup> “Rational morality” no termo preciso de Reinhold Niebuhr (NIEBUHR, Reinhold. **Moral man and immoral society**: a study in ethics and politics. [s.l.]: Charles Scribner's Sons, 1932. p. 112).

<sup>1074</sup> “This basic problem of political philosophy must be solved before political theory can become relevant to the issues which the statesmen of our nation face.” (NIEBUHR, Reinhold. *The moral issue in international relations*. **Rockefeller Foundation, Conference on Theory**. 1954).

<sup>1075</sup> Posição esta claramente levada a cabo por Truman-Acheson e Eisenhower-Dulles. “In this whole development we may discover the usual combination of moral and coercive factors which are evident in political change when violence is avoided and pressure is exerted in purely political terms.” (NIEBUHR, Reinhold. **Moral man and immoral society**: a study in ethics and politics. [s.l.]: Charles Scribner's Sons, 1932. p. 92).

<sup>1076</sup> “The second error by which violence comes to be regarded as unethical in intrinsic terms is due to an uncritical identification of traditionalised instrumental values with intrinsic moral values.” (NIEBUHR, Reinhold. **Moral man and immoral society**: a study in ethics and politics. [s.l.]: Charles Scribner's Sons, 1932. p. 78).

<sup>1077</sup> “Any political philosophy which assumes that natural impulses, that is, greed, the will-to-power and other forms of self-assertion, can never be completely controlled or sublimated by reason, is under the necessity of countenancing political policies which attempt the control of nature in human history by setting the forces of nature against the impulses of nature.” (NIEBUHR, Reinhold. **Moral man and immoral society**: a study in ethics and politics. [s.l.]: Charles Scribner's Sons, 1932. p. 101).

<sup>1078</sup> (NIEBUHR, Reinhold. **Moral man and immoral society**: a study in ethics and politics. [s.l.]: Charles Scribner's Sons, 1932. p. 102).

manutenção da paz como “uma extensão da razão e da consciência”<sup>1079</sup>. Assim, a política internacional não seria nunca o reino da ciência (embora dela precisasse), mas o da moral<sup>1080</sup>. Mas uma moral dirigida aos fins e não aos meios. O julgamento moral da política deveria se dar a partir de suas finalidades e não das ferramentas empregadas para atingir o seu objetivo.

Modern educators are, like rationalists of all the ages, too enamored of the function of reason in life. The world of history, particularly in man's collective behavior, will never be conquered by reason, unless reason uses tools, and is itself driven by forces which are not rational<sup>1081</sup>.

Assim, advogando a ideia de que a política externa deveria estar guiada por um misto entre razão e moral, Niebuhr criava um nicho de necessidade de grandes teorias que não se baseassem nos cálculos científicos, mas nas “regularidades da história”. Na conferência de 1954, Niebuhr começa sua apresentação afirmando que:

The moral issue is so persistently raised, both in the theory and in the practical conduct of international affairs, not only because men honestly seek to do the right in their collective, as well as in their individual, life; but because they cannot follow their interest without claiming to do so in obedience to some general scheme of values<sup>1082</sup>.

Para concluir que “These considerations must persuade one that the moral issue in international relations consists as much in moderating moral pretensions as in establishing moral norms for man’s collective life”<sup>1083</sup>.

O realismo de Niebuhr era, assim, diferente do de Morgenthau. Era profundamente moral e acreditava que a coletividade humana era ainda pior que o indivíduo pois era privada da capacidade de aprender, refletir e conter-se. O poder deveria ser exercido por aqueles que tivessem esta capacidade, a despeito das ideias “românticas” dos liberais desde o século XVIII. Embora a noção de conflito estivesse sempre presente no meio internacional ele (o conflito)

<sup>1079</sup> “This unhappy consequence of a too consistent political realism would seem to justify the interposition of the counsels of the moralist. He seeks peace by the extension of reason and conscience. He affirms that the only lasting peace is one which proceeds from a rational and voluntary adjustment of interest to interest and right to right. He believes that such an adjustment is possible only through a rational check upon self-interest and a rational comprehension of the interests of others.” (NIEBUHR, Reinhold. **Moral man and immoral society**: a study in ethics and politics. [s.l.]: Charles Scribner's Sons, 1932. p. 102).

<sup>1080</sup> “Political morality contains an inevitable ambiguity because the factors of interest and power, which are regarded as an irrelevance in pure morality, must be at least tentatively admitted to the realm of social morality” (NIEBUHR, Reinhold. The moral issue in international relations. **Rockefeller Foundation, Conference on Theory**. 1954).

<sup>1081</sup> NIEBUHR, Reinhold. **Moral man and immoral society**: a study in ethics and politics. [s.l.]: Charles Scribner's Sons, 1932. p. 6.

<sup>1082</sup> NIEBUHR, Reinhold. The moral issue in international relations. **Rockefeller Foundation, Conference on Theory**. 1954.

<sup>1083</sup> NIEBUHR, Reinhold. The moral issue in international relations. **Rockefeller Foundation, Conference on Theory**. 1954.

poderia ser evitado com uma forte ação política que se assemelharia a um imperialismo. Aos olhos de Reinhold Niebuhr, esse “imperialismo” não seria de todo mal, uma vez que seu fim – o motivo pelo qual ele deveria ser julgado – era a obtenção da paz. E, tal qual internamente ocorria, nenhuma paz poderia ser alcançada sem algum nível coerção. Diferente também de Morgenthau, Niebuhr concebia o “equilíbrio” de poder (balance of power) com não sendo um estado “natural” do sistema internacional. O internacional tenderia à desigualdade e ao caos e somente com o exercício da força o sistema internacional poderia ser “balanceado”.

Niebuhr, entretanto, dava crédito ao marxismo e não o via como um inimigo intestinal (como Dulles, por exemplo). A postura de reconhecimento das demandas socialistas e da vilania do estado centrado no “egoísmo” e no “livre mercado” era a chave discursiva dos governos de Franklin Roosevelt. Nos anos 30, Niebuhr havia sido o criador da “Fellowship of Socialist Christians” e suas atividades sociais lhe renderam proximidade não apenas com o governo, mas com outros pensadores importantes (como John Dewey) que também não se opunham visceralmente ao socialismo. Reinhold foi uma das grandes vozes que se opuseram aos “dois Joes”: Joseph Stalin e Joseph McCarthy. Sua proximidade com o governo não lhe poupou dos ataques do McCarthyism, Niebuhr, contudo, ficou ao lado de Acheson e mais tarde se opôs à ideia de “massive retaliation” de Dulles<sup>1084</sup>. Suas críticas à condução da política externa norte-americana, no final dos anos 50, contribuíram para a percepção do caminho equivocado que tomava o anti-comunismo, levado a efeito por Dulles. Niebuhr faleceu em 1971.

**Figura 21 - Nuvem Conceitual do capítulo "Morality of Nations" do livro "Moral Man and Immoral Society" de Reinhold Niebuhr<sup>1085</sup>**



<sup>1084</sup> BROWN, Charles. **Niebuhr and his age**: Reinhold Niebuhr's prophetic role and legacy. Harrisburg: Trinity Press International, 2002. p. 168-170.

<sup>1085</sup> É importante perceber já no pensamento de Niebuhr formação da noção de “interests” no mesmo grupo semântico de “international” e “force” no mesmo de “power” e “war”. Distanciado destas noções surge o termo “nation” estabelecendo aí já uma percepção sistêmica do internacional pelas noções de poder.



Fonte: Elaborado pelo autor, 2018

Figura 22 - Nuvem conceitual do texto "Moral in International Relations" apresentado por Niebuhr na Convenção de 1954<sup>1086</sup>



Fonte: Elaborado pelo autor, 2018

O problema do tempo Futuro nas doutrinas de Relações Internacionais de EUA e URSS

“Hence, in order not to err in policy, **one must look forward**, not backward”<sup>1087</sup>.

“The difficulty in making this decision is the measure of the difficulty in making correct judgments in foreign policy, **in charting the future wisely**, and in doing the right thing in the right way and at the right time”<sup>1088</sup>.

No primeiro capítulo foi feita uma longa análise dos tempos na teoria da História. Como conclusão ficou demonstrado que os tempos estanques (passado, presente e futuro) não são a forma com a qual os seres humanos relacionam-se com seu Tempo. Dentro da concepção de Tempo Humano, o passado é constantemente reinterpretado através da memória e das narrativas históricas. O presente se prolonga ao passado imediato (“ele esseve aqui agorinha!”) e ao futuro próximo através da pro-tensões e retenções. O futuro também não é um tempo inatingível, eis que funciona presentificado a estabelecer critérios de escolha nas ações subjetivas do agora. Além do mais, o futuro e o passado guardam a mesma incerteza para com o observador posicionado presente. Sabe-se tanto (ou nada) de um ou de outro tempo.

Esta distensão dos tempos ocorre subjetivamente dentro da experiência contínua que é o ser. Contudo, esse processo pode ser amplificado através da vontade. Seja a vontade individual, pelo ato de rememorar ou imaginar; seja através da vontade coletiva com a criação de métodos de aproximação do passado e do presente que embasam ações e decisões políticas.

<sup>1086</sup> Em Niebuhr, como também em Morgenthau ainda que de forma velada, o termo “moral” é o que define as ações humanas. Novamente o termo “interests” e “international” surgem como parte significativa do seu discurso.

<sup>1087</sup> STALIN, Josef. **Dialectical and historical materialism**. Moscow: Progress Publishers, 1938. p. 7.

<sup>1088</sup> MORGENTHAU, Hans. **Politics among nations: the struggle for power and peace**. 6th ed. Beijing: McGraw Hill, 1997. p. 21.

No primeiro capítulo também, mostramos que na passagem do século XIX para o século XX a História se recusou a tomar o Futuro como um tempo para si. Esta negação metodológica abriu espaço para que a Política buscasse outros saberes que pudessem apropriar-se do Futuro. A ciência ofereceu-se para esse fim através da Ciência Política e das Relações Internacionais.

O que é conhecido, assim, por “realidade” é um construto subjetivo que une passado, presente e futuro dentro da noção de conhecimento<sup>1089</sup>. Ao professar a ideia de que os tempos poderiam ser alcançados através de metodologias próprias, a ciência se colocou como principal conselheira do poder. Os métodos científicos (históricos) de reconstituição do passado (através das evidências e narrativas históricas) são análogos, em termos de função social, aos métodos científicos que projetam o Futuro<sup>1090</sup>. É característica da ciência do século XX esse “*prophetic ethos*” que busca alcançar o Futuro não apenas como possibilidade, mas – e cada vez mais – como certeza. Seja através de métodos nomotético-dedutivos (leis lógicas) ou estatístico-indutivos (probabilidades) o objetivo maior da ciência não é apenas explicar, mas prever.

The prophetic ethos is a role that a polity—a group of people who must work together to stay together—authorizes to manufacture certainty for them. Now, given that uncertainty is our perennial and inescapable political condition, certainty—in the sense of absolute knowledge—is a chimera. But there is another meaning of certainty that most of us recognize, and that is a sense of conviction. This kind of certainty, which I call “political certainty,” is very much achievable, at least for short periods of time. Political certainty is an argument that frames a crisis in terms of “covenant values,” which are what I call the values that a polity shares and that distinguish it from its neighboring polities. When we reference American values, scientific values, or conservative values, we are talking about covenant values. It is because we hold these values ourselves (or profess to) and recognize performances of them by those around us that we count ourselves together as a polity of Americans, scientists, or conservatives. These values underpin such arguments as “free markets are best,” “the simplest explanation is the best,” and “preserving our traditional way of life is best.” The temporary political certainty expressed in such arguments can motivate political action or policy<sup>1091</sup>.

<sup>1089</sup> “Reality always stands in a horizon of desired or feared or, at any rate, still undecided future possibilities. Hence it is always the case that mutually exclusive expectations are aroused, not all of which can be fulfilled. The undecidedness of the future permits such a superfluity of expectations that reality necessarily lags behind them. (GADAMER, Hans-Georg. **Truth and method**. New York: Continuum, 2004. p. 112).

<sup>1090</sup> Como foi mostrado no primeiro capítulo, só muito recentemente (últimos 30 anos do século XX) a História decidiu apropriar-se do Futuro como um tempo sobre o qual ela tem algo a dizer: “Historical thinking has its dignity and its value as truth in the acknowledgment that there is no such thing as “the present,” but rather constantly changing horizons of future and past. It is by no means settled (and can never be settled) that any particular perspective in which traditionary thoughts present themselves is the right one. “Historical” understanding, whether today’s or tomorrow’s, has no special privilege. It is itself embraced by the changing horizons and moved with them.” (GADAMER, Hans-Georg. **Truth and method**. New York: Continuum, 2004. p. 531).

<sup>1091</sup> WALSH, Lynda. **Scientists as prophets: a rhetorical genealogy**. New York: Oxford University Press, 2013. p. 2.

O clássico problema dos “meios e fins”<sup>1092</sup> é um jogo de avaliação moral em que sempre um dos três tempos está ausente. Ou o sujeito está no presente, de posse de seu conhecimento sobre o passado a avaliar uma ação um futuro que ele desconhece, ou o sujeito que avalia está no futuro, pesando moralmente um passado sem que, na realidade, lhe tenha acesso o presente<sup>1093</sup>.

“The general structure of understanding is concretized in historical understanding, in that the concrete bonds of custom and tradition and the corresponding possibilities of one's own future become effective in understanding itself”<sup>1094</sup>.

A Ciência vem como uma forma de suprir o tempo ausente no processo decisório. Até o século XIX a História provinha aos detentores do poder o Passado, a partir do século XX, principalmente após a segunda guerra<sup>1095</sup>, as Relações Internacionais (e a Ciência Política) passaram a entregar o Futuro. Tanto mais poder e reconhecimento tem à disposição o cientista que melhor apresentar a retórica do Futuro presentificado<sup>1096</sup>. Leis, dados, fórmulas, modelos e toda sorte de ferramentas que retiram evidências do Futuro. Quanto mais interessante aos

---

<sup>1092</sup> “On the other hand, the end-means relation is ambiguous and relative also in that whatever we call means in view of the end of a chain of actions is itself an end if we consider it as the final point of a chain of actions. Conversely, what we call end is a point at which a chain of actions is supposed to come to a stop while it proceeds actually beyond it; in view of this “beyond” the end transforms itself into a means. All action is therefore at the same time means and ends, and it is only by an arbitrary separation of a certain chain of actions from what precedes and follows it, that we can attribute to certain actions the exclusive quality of means and ends.” (MORGENTHAU, Hans. *The evil of politics and the ethics of evil*. **Ethics**, v. 56, n. 1, p. 1-18, oct. 1945. p. 9).

<sup>1093</sup> No papel do historiador esse é um erro chamado de “anacronismo” em que o historiador toma como base do seu julgamento o seu tempo presente para avaliar as ações de um sujeito no passado. Ocorre que o tempo presente do historiador é o futuro do sujeito avaliado e o passado do historiador. Nesse jogo, falta o presente na medida em que o presente do historiador não é o presente do sujeito que agiu. Existe, pois, sempre a falta recorrente de um tempo ao historiador.

<sup>1094</sup> GADAMER, Hans-Georg. **Truth and method**. New York: Continuum, 2004. p. 254.

<sup>1095</sup> “The inventions of World War II and postwar science had raised a crop of new moral questions—about the technologies of war, about the relationship among science, government, and industry, about the limits of human intervention in nature and health. These questions seemed impossible to answer without turning to scientists for even technologies to fix the problems. Thus, problematic hybrids of nature and culture proliferated, permanently altering Americans’ ideas of both categories. During the ascendancy of the Oracles, these problematic hybrids included the ongoing threat of nuclear war, the recent nuclear meltdown at Three Mile Island, and the new possibility of “nuclear winter.” People were aware that pollution was increasing; concern was growing over the depletion of the ozone layer.” (WALSH, Lynda. **Scientists as prophets: a rhetorical genealogy**. New York: Oxford University Press, 2013. p. 161).

<sup>1096</sup> “A smaller group of scholars, however, has studied the tremendous impact of the scientific ethos as a public resource. This work comes from three perspectives. First, political scientists working from a liberal-democratic perspective have voiced concern, at least since the 1930s, about the concentration of political power in the hands of an intellectual elite. Another group of science-studies experts have concluded that in an increasingly complex technological society, reliance on scientists is unavoidable; this work seeks rather to describe and circumscribe, to some degree, this reliance. But a few scholars have argued from a more radically progressive stance that we should break down the barriers between our democracies and our scientific polities. They point to the extraordinary stability, harmony, and productivity of scientific societies over the last 300 years and argue that, to the extent our politicians adhere to the norms of modern scientific ethos, the resulting policies—and thus our society—will be more successful.” (WALSH, Lynda. **Scientists as prophets: a rhetorical genealogy**. New York: Oxford University Press, 2013. p. 6).

agentes de Estado o Futuro predito, mais ele receberá a chancela de “Futuro Certo” e esconder-se-á que mesmo o método científico aponta para apenas um “Futuro Possível”.<sup>1097</sup>

A diferença epistemológica entre “possibilidade” e “certeza” é tanto menor quanto a força dos interesses políticos do Presente. Tanto a Fabricação do Futuro, quanto a recriação do Passado dependem dos recursos e da vontade política do Presente. Se, para a escola de pensamento soviética, o Futuro sempre tinha sido um tempo presente, ainda que como um Futuro ideologicamente projetado, para o Ocidente, esse processo de apropriação deu-se lentamente.

A regra epistemológica do marxismo de unir “teoria e prática” permitiu a criação de uma ferramenta de ligação clara entre o passado, o presente e o futuro<sup>1098</sup>. É inegável que o Futuro é um tempo sempre parte dos pensamentos marxistas:

The Communists fight for the attainment of the immediate aims, for the enforcement of the momentary interests of the working class; but in the movement of the present, they also represent and take care of the future of that movement. Marx e Engels, *The Communist Manifesto*<sup>1099</sup>.

A ideia do revolucionário marxista como um sujeito que translada nos tempos, é a base da teoria de Marx a que Lênin adicionou ainda mais vitalidade:

<sup>1097</sup> Um eloquente exemplo desta trajetória de poder que os cientistas puderam traçar no final da Segunda Guerra e na Guerra Fria é Robert Oppenheimer. Oppenheimer passou de cientista-chefe do projeto Manhattan e principal conselheiro para assuntos nucleares de Dean Acheson (no governo Truman), para ter sua demissão e autorizações de segurança todas revogadas durante o período do Secretário de Estado Foster Dulles (no governo Eisenhower): “In cultivating these two prophetic ethē [war advisor and pacifist], Oppenheimer had created an unstable ethical mixture. “He wanted to be on good terms with the Washington generals ... and to be a savior of humanity at the same time,” concluded his student Freeman Dyson. “He walked along the edge of a precipice,” worried Oppenheimer’s friend and fellow atomic physicist Isador Rabi. “He didn’t pay attention to the outward symbols.” This tightrope act was doubly tense given that conservatives were enforcing the is/ought model as a way to control the flow of scientific information in the opening years of the Cold War. And the rope finally snapped in June 1954 when the AEC revoked Oppenheimer’s national security clearance one day before it was due to expire, excluding him from policy making for the rest of his life. We now delve into that kairos, focusing on how Oppenheimer and his opponents constituted his ethos with respect to the is/ought model and the topos of security. (WALSH, Lynda. **Scientists as prophets: a rhetorical genealogy**. New York: Oxford University Press, 2013. p. 105).

<sup>1098</sup> “Philosophy has now become secularized and the most striking proof of this can be seen in the way that philosophical consciousness has joined battle not only outwardly, but inwardly too. If we have no business with the construction of the future or with organizing it for all time, there can still be no doubt about the task confronting us at present: the ruthless criticism of the existing order, ruthless in that it will shrink neither from its own discoveries, nor from conflict with the powers that be”. Karl Marx, Carta a Arnold Ruge, 1843; “The Americans can strain and struggle as much as they like, but they cannot realise their future—colossally great as it is—all at once like a bill of exchange; they must wait for the date on which it becomes due; and just because their future is so great their present must mainly occupy itself with preparatory work for the future, and this work, as in every young country, is of a predominantly material nature and determines a certain backwardness of thought, a clinging to traditions connected with the foundation of the new nationality.” Engels, Carta a Sorge, Dezembro 1892.

<sup>1099</sup> MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto of the communist party**. Moscou: Progress Publishers, 1969.

Comrade workers! Let us build a strong proletarian mass organisation everywhere, from the bottom up, both among the working-class mass and in the army, and let us start it immediately. We shall not be put out by the malicious glee of our enemies, we shall not be daunted by occasional errors and shortcomings. We shall correct them. The future is working for us! Lenin discurso, Abril 1917<sup>1100</sup>.

A principal característica teórico-metodológica do pensamento de Relações Internacionais no Ocidente é esse processo de apropriação do tempo Futuro<sup>1101</sup>. Esta apropriação, no entanto, não se dá por premissa teórica (como no caso soviético), mas através de um esforço de domesticação do pensamento acadêmico aos interesses políticos. Para Carr, um dos primeiros “realistas” reconhecido como tal, o Futuro era incerto, impossível de ser mensurado e previsto:

The prediction, if such it can be called, can be realized only through the occurrence of unique events, which cannot themselves be predicted. But this does not mean that inferences drawn from history about the future are worthless, or that they do not possess a conditional validity which serves both as a guide to action and a key to our understanding of how things happen<sup>1102</sup>.

Já com Morgenthau, o Futuro era algo mais palpável, e embora o autor ainda afirmasse uma imprevisibilidade grande, sua postura é mais próxima do processo de apropriação do Futuro através das ferramentas científicas requerido pelos tomadores de decisão:

The observer is confronted with a multitude of factors, the totality of which shape the future. In order to foresee the future, the observer would have to know all these factors, their dynamics, their mutual actions and reactions, and so forth. What he actually knows and can know is but a small fragment of the total. He must guess and only the future will show who chose rightly among the many possible guesses<sup>1103</sup>.

Em que pese que Morgenthau cultivasse uma oposição clara aos métodos científicos que na época rivalizavam com o Realismo<sup>1104</sup>, especialmente o behaviorismo, o Futuro, para ele,

<sup>1100</sup> LENIN, Vladimir. **Collected works** - April-June 1917. Moscow: Progress Publishers, 1974. p. 224.

<sup>1101</sup> Esta é a principal característica apontada em estudos sobre a URSS patrocinados pelo governo americano no início dos anos 50: “The Party leadership is held, in Bolshevik political dogma, **to owe its right to rule and its relation to Truth to its ability to foresee the future**, to “hear the grass growing under the ground.” The rightness of the Line is a sanction for the exercise of power, and the successful maintenance of power is a sign that the Line was true. This has meant in practice that the success of any policy assumed enormous importance in passing judgment upon it.” (MEAD, Margaret. **Soviet attitudes toward authority**. New York: The RAND Corporation, 1951. p. 19).

<sup>1102</sup> CARR, Edward. **What is history?** New York: Pinguim, 1990. p. 69.

<sup>1103</sup> MORGENTHAU, Hans. **Politics among nations: the struggle for power and peace**. 6th ed. Beijing: McGraw Hill, 1997. p. 25.

<sup>1104</sup> “The different groups share in the same scientific knowledge and, to a surprisingly large extent, even in the assessment of future scientific and technological developments. Their differences concern the future state of the world, as it will, and ought to, be determined by scientific and technological developments. Their conjectures about the future differ because their philosophic and political assessment of scientific and technological developments differs. Striking a balance between scientific and technological chances and

poderia ser percebido e antevisto através do que ele qualificava como “wisdom”<sup>1105</sup>, que era a habilidade de, ao mesmo tempo, distinguir o “bom” do que era “mau”<sup>1106</sup> e ser capaz de fazer um cálculo aproximado<sup>1107</sup> do poder disponível para todos os agentes envolvidos:

Even if those responsible for the foreign policy of a nation were endowed with superior **wisdom** and unfailing judgment, and could draw upon the most complete and reliable sources of information, there would be unknown factors to spoil their calculations. [...] Thus the task of assessing the relative power of nations for the present and for the **future** resolves itself into a series of hunches, of which some will certainly turn out to be wrong while others may be proved by subsequent events to have been correct. The success or failure of a foreign policy, in so far as **it depends upon such power calculations**, is determined by the relative importance of the right and wrong hunches made by those responsible for a particular foreign policy of a particular nation, as well as by those who conduct the foreign affairs of other nations<sup>1108</sup>.

Entre a postura de Carr e de Morgenthau frente ao processo de apropriação do Futuro, é possível ver-se uma maior concessão do último em relação à postura do primeiro. Do Futuro intangível e inqualificável de Carr<sup>1109</sup>, para o Futuro apropriado mediante “wisdom” e “cálculo de forças”, reside um espaço de conforto para os tomadores de decisão. Na intransigência de Morgenthau em conceder qualquer avaliação positiva para a URSS, em oposição à postura

---

political-military probabilities, they assign different weights to the latter and, hence, arrive at different conclusions.” (MORGENTHAU, Hans. *Modern science and political power*. **Columbia Law Review**, v. 64, n. 8, p. 1386-1409. 1964. p. 1408); “The modern science of peace starts from the assumption that the world is thoroughly accessible to science and reason and that it contains in itself all the elements necessary for the harmonious co-operation of all mankind. It is for science to detect those elements, variously defined as harmony of interests, laws of economics, free trade, and modern communications; it is for law to apply them where they do not prevail spontaneously; and it is for negotiation and compromise to discover them under the surface of apparent conflict. (MORGENTHAU, Hans. **Politics among nations: the struggle for power and peace**. 6th ed. Beijing: McGraw Hill, 1997. p. 43); “Among political scientists, Morgenthau and Kissinger are considered to be traditionalists-scholars turned toward history and concerned more with policy than with theory and scientific methods.” (WALTZ, Kenneth. **Theory of international politics**. Berkeley: Addison-Wesley, 1979. p. 63).

<sup>1105</sup> “Politics is an art and not a science, and what is required for its mastery is not the rationality of the engineer but the wisdom and the moral strength of the statesman.” (MORGENTHAU, Hans. **Scientific man vs power politics**. Londres: Latimer House Limited, 1947. p. 16).

<sup>1106</sup> “For as the means are subordinated functionally to the end, so they are ethically. A good end must be sought for and an evil end must be avoided, in both cases regardless of the means employed. The end taints the means employed for its attainment with its own ethical color and thus justifies or condemns that which, considered by itself, would merit the opposite valuation.” (MORGENTHAU, Hans. *The evil of politics and the ethics of evil*. **Ethics**, v. 56, n. 1, p. 1-18, oct. 1945. p. 7).

<sup>1107</sup> Em vários momentos Morgenthau aponta para a junção de três fatores: conhecimento, ‘wisdom’ e previsão. O que leva a ser esta a tríade essencial para as análises do Realismo: “No statesman, however great his knowledge, wisdom, and foresight, could have anticipated all these developments and based his balance-of-power policies upon them.” (MORGENTHAU, Hans. **Politics among nations: the struggle for power and peace**. 6th ed. Beijing: McGraw Hill, 1997. p. 226).

<sup>1108</sup> MORGENTHAU, Hans. **Politics among nations: the struggle for power and peace**. 6th ed. Beijing: McGraw Hill, 1997. p. 172-174.

<sup>1109</sup> “My third point is the role of prediction in history: no lessons, it is said, can be learned from history because history, unlike science, cannot predict the future.” (CARR, Edward. **What is history?** New York: Pinguim, 1990. p. 68).

crítica e conciliatória de Carr, está a explicação do afastamento do primeiro e o acolhimento do segundo dentro dos círculos de poder de Estado e acadêmico.

The first departments of political science in this country, then, did not grow organically from a general conception as to what was covered by the field of political science, nor did they respond to a strongly felt intellectual need. Rather they tried to satisfy practical demands, which other academic disciplines refused to meet<sup>1110</sup>.

A despeito de ser reconhecido intelectual desde a década de 60, é somente quando Morgenthau passar criticar abertamente as decisões de política externa norte-americanas<sup>1111</sup> (especialmente a questão do Vietnã) que Kenneth Waltz passa a ser dominante no campo do Realismo. Além desse alinhamento aos interesses políticos, em Waltz o Futuro é muito mais

---

<sup>1110</sup> MORGENTHAU, Hans. Reflections on the state of political science. **The Review of Politics**, v. 17, n. 4, p. 431-460. 1955. p. 436.

<sup>1111</sup> São várias as manifestações de Morgenthau contra Kissinger. Todas críticas contundentes embora apresentadas de forma polida: “So the critics of Dr. Kissinger are quite correct when they point to the impossibility of pursuing a European-style foreign policy for the United States, without the consent and support of a large mass of American citizens. That is to say, you have to marshall, on behalf of the foreign policy you want to pursue, the particular emotional and moral preferences of the American people, in order to make that policy stick. This is bound to lead to a bifurcation of American policy; that is to say, the secretary of state will pursue one type of foreign policy, call it European-style, or Machiavellian or power politics, and on the other hand, he has to present that policy in terms which are morally and sentimentally, and psychologically acceptable to the American people.” (MORGENTHAU, Hans. Enduring realities and foreign policy. **American Foreign Policy Interests**, v. 37, p. 181-186. (2015 [1976]). p. 184); “Consistent with President Eisenhower’s famous warning about the military-industrial complex in his 1961 farewell address to the nation, Morgenthau criticized a *broader* pattern of incestuous relationships that had developed between regulatory agencies, their congressional oversight committees, and the constituent groups subject to these agencies. Rather than impartially serving the public interest, he argued, the instruments of the administrative state have become prone to capture by powerful private interests.” (KLUSMEYER, Douglas. Vietnam writings and the national security state. In: NAVARI, Cornelia. **Hans morgenthau and the american experience**. Londres: Palgrave Macmillan, 2018. p. 119); “However, as Morgenthau was well aware of, convincing others of their capacities by challenging vested interests, causes discomfort among people because their habitual ways of thinking are questioned. During the height of the Cold War, critical thinking was not well-received because questioning the foundations of common beliefs was considered a societal threat. Numerous records exist documenting the negative personal consequences Morgenthau suffered as a result of his work. He even claimed that the FBI and the White House pursued an ‘Operation Morgenthau’ to collect imputations against him.” (RÖSCH, Felix. The human condition of politics: considering the legacy of Hans j. Morgenthau for international relations. **Journal of International Political Theory**, v. 9, n. 1, p. 1-21. 2013. p. 825).

determinado e sua postura “estrutural”<sup>1112</sup> oferece muito maior segurança aos tomadores de decisão: “A theory has explanatory and predictive power. A theory also has elegance”<sup>1113</sup>.

Com Waltz o Futuro se torna algo familiar ao tomador de decisão. As informações são dispostas em formas de “leis” organizadas numa teoria cujo objetivo é ofertar uma visão clara de um Futuro que, se não é certo, é muito provável. Esta apropriação do Futuro, através da “certeza” oferecida pela ciência não só é marca do século XX, como, no caso de Waltz, viria se coadunar perfeitamente com os interesses da política externa norte-americana. A condição da bipolaridade estrutural explicava a Guerra Fria como um conflito inescapável, qualquer que fosse a avaliação ou as atuações das potências envolvidas<sup>1114</sup>. Não era uma questão de escolhas por ações políticas palpáveis, mas uma questão de impossibilidade de se fugir dos determinantes estruturais<sup>1115</sup>. O Futuro era presentificado e esse caminho apresentado como “normal” e “comum” a todas as grandes potências: “As commonly, the wanted number of great powers is reached by projecting the future into the presente”<sup>1116</sup>.

O Passado, com Waltz, deixa de ter significado como um conselheiro para o Futuro. A política deixa de ser política, a noção de estrutura é reificada ao extremo.

Both changes of weaponry and changes of polarity were big ones with ramifications that spread through the system, yet they did not transform it. If the system were transformed, international politics would no longer be international politics, and the

---

<sup>1112</sup> Há uma postura dos acadêmicos de colocar Morgenthau como diferente de Waltz em função da ênfase que o segundo dá às características “estruturais” supostamente diferente do primeiro. Mas, lendo com atenção todo o pensamento de Morgenthau é possível perceber que outros conceitos jogam um papel semelhante – de retirar do sujeito a possibilidade de alterar o Futuro – à ideia estrutural de Waltz. Veja-se, por exemplo, a noção de determinação que atinge o conceito de “balance of power”: “I would suggest that exactly the same thing is going to happen again, regardless of what will be said about or against the balance of power. The balance of power, in a multi-national world, is like the law of gravity. You can argue against it, if you have nothing better to do, but woe unto you if you disregard it and walk out of a third-story window, arguing that the law of gravity is a nuisance and has to be abolished. The law of gravity will take the same vengeance on you as the balance of power will on those who disregard it as the foundation of a multi-national world.” (MORGENTHAU, Hans. *Enduring realities and foreign policy. American Foreign Policy Interests*, v. 37, p. 181-186. (2015 [1976]). p. 182), ou do conceito de “wisdom” (MORGENTHAU, Hans. *Scientific man vs power politics*. Londres: Latimer House Limited, 1947. p. 173) que surge como um conhecimento do “mundo como ele é” e assim aceita uma referência estrutural, ao menos no que diz respeito ao ser humano.

<sup>1113</sup> WALTZ, Kenneth. *Theory of international politics*. Berkeley: Addison-Wesley, 1979. p. 69.

<sup>1114</sup> “According to the rhetoric of the Cold War, the root cleavage in the world was between capitalist democracy and godless communism. But by the size of the stakes and the force of the struggle, ideology was subordinated to interest in the policies of America and Russia, who behaved more like traditional great powers than like leaders of messianic movements. In a world in which two states united in their mutual antagonism far overshadow any other, the incentives to a calculated response stand out most clearly, and the sanctions against irresponsible behavior achieve their greatest force.” (WALTZ, Kenneth. *Theory of international politics*. Berkeley: Addison-Wesley, 1979. p. 172-173).

<sup>1115</sup> “Structural constraints cannot be wished away, although many fail to understand this. In every age and place, the units of self-help systems-nations, corporations, or whatever-are told that the greater good, along with their own, requires them to act for the sake of the system and not for their own narrowly defined advantage.” WALTZ, Kenneth. *Theory of international politics*. Berkeley: Addison-Wesley, 1979. p. 109).

<sup>1116</sup> WALTZ, Kenneth. *Theory of international politics*. Berkeley: Addison-Wesley, 1979. p. 130.



past would no longer serve as a guide to the future. We would begin to call international politics by another name, as some do. The terms “world politics” or “global politics,” for example, suggest that politics among self-interested states concerned with their security has been replaced by some other kind of politics or perhaps by no politics at all<sup>1117</sup>.

#### 4.8 AS LUTAS PELOS SENTIDOS

Como se dá a passagem dos tempos humanos? Senão pela luta presente dos sentidos teóricos de ligação entre eles?

A demonstração das similaridades entre a Teoria hegemônica de Relações Internacionais durante a Guerra Fria e a Teoria soviética para Relações Internacionais não pode esconder, contudo, as lutas políticas que ambos os lados travaram desde o final da segunda guerra. Se os Estados procuram copiar comportamentos, posturas, políticas e teorias que julgam terem obtido sucesso dentro da análise da participação de outros países, há também – em grande quantidade – as disputas de sentido.

Mais do que uma guerra no sentido físico da palavra, a Guerra Fria foi uma disputa de sentidos do mundo. Dentro desse processo existem conceitos diametrais usados por ambas as superpotências para definir o comportamento da outra e apontar críticas. As Nações Unidas e, especialmente o Conselho de Segurança, são vitrines de comportamento internacional tomada com o objetivo de apontar no opositor inconsistências, falhas e irracionalidades de comportamento. A luta pela legitimidade das ações e dos sentidos explicativos de mundo é parte da luta pela conquista da hegemonia em seu sentido gramsciano<sup>1118</sup>. Primeiro, cada superpotência havia que conquistar o apoio de seus aliados próximos, seja pela ideologia ou pela força das armas e somente num segundo momento que as lutas pelos sentidos do mundo viriam a se tornar lutas entre os dois polos.

Até agora o sentido da argumentação de texto tem sido pela demonstração das semelhanças epistemológicas, metodológicas e de construtos teóricos que possibilitaram não apenas os polos compreenderem as ações um do outro, mas agirem contra elas. Esta seção é dedicada aos principais pontos de antagonismo.

#### 4.9 INTERESSE NACIONAL?

<sup>1117</sup> WALTZ, Kenneth. Structural realism after the cold war. *International Security*, v. 25 n. 1, p. 5-41, summer. 2000. p. 6.

<sup>1118</sup> GRAMSCI, Antonio. *Selections from the prison notebooks*. Tradução Quitin Hoare e Geoffrey Smith. New York: International Publishers, 1992. p. 12-13.

O Marxismo entende o Estado como sendo permeado pelas relações de classe. Mais ainda, no capitalismo o Estado é essencialmente um defensor dos interesses da burguesia, eis que classe dominante. Desta forma, para as teorias soviéticas, todo “interesse nacional” é apenas um disfarce retórico para o interesse de classe, da classe dominante<sup>1119</sup>. Lênin leva esta interpretação ao limite, citando Clausewitz:

With reference to wars, the main thesis of dialectics, which has been so shamelessly distorted by Plekhanov to please the bourgeoisie, is that “war is simply the continuation of politics by other [i.e., violent] means”. Such is the formula of Clausewitz, one of the greatest writers on the history of war, whose thinking was stimulated by Hegel. And it was always the standpoint of Marx and Engels, who regarded any war as the continuation of the politics of the powers concerned— and the various classes within these countries—in a definite period<sup>1120</sup>.

Para o Realismo, a ideia de “interesse nacional” se reverte como um dos vetores essenciais para a tomada de decisão. O interesse nacional teórico é essencialmente egoísta e voltado para a segurança<sup>1121</sup>. Contudo, na prática, não há uma teorização clara sobre de onde vem ou como é constituído tal interesse. Morgenthau ataca as teorizações anteriores, de Roosevelt e Truman, chamando-as de “morais”<sup>1122</sup>:

Thus the twenties witnessed a revival of the conception of the national interest, however erroneously defined. Under Franklin D. Roosevelt, Wilsonianism was revived in the foreign policy of Cordell Hull, while the President came closest to identifying the national interest with moral principles, the characteristic of the second period of American foreign policy. It is with the Truman Doctrine that a fourth conception of foreign policy has come to dominate the conduct of American foreign affairs. The Truman Doctrine is Wilsonian in that it proclaims universal moral principles - such as promotion of free and democratic governments everywhere in the world-as standards of American foreign policy<sup>1123</sup>.

---

<sup>1119</sup> “Hence Marxism-leninism rejects point blank concept of national interest which is constructed always as class interests disguise” (KUBALCOVÁ, V.; CRUICKSHANK, A. **Marxism-Leninism and theory of international relations**. Londres: Routledge & Kegan Paul, 1980. p. 192).

<sup>1120</sup> LENIN, Vladimir. **Collected works** - August 1914-December 1915. v. 21. Moscou: Progressive Publishers, 1974. p. 219.

<sup>1121</sup> “This is the second rule of a peace-preserving diplomacy. The national interest of a peace-loving nation can only be defined in terms of national security, and national security must be defined as Integrity of the national territory and of its institutions.” (MORGENTHAU, Hans. **Politics among nations: the struggle for power and peace**. 6th ed. Beijing: McGraw Hill, 1997. p. 586).

<sup>1122</sup> “A foreign policy which is guided primarily by moral considerations is not only threatened with failure; it can be successful only by accident.” (MORGENTHAU, Hans. **The Primacy of the national interest**. **The American Scholar**, v. 18, n. 2, p. 207-212. 1949. p. 210).

<sup>1123</sup> MORGENTHAU, Hans. **The Primacy of the national interest**. **The American Scholar**, v. 18, n. 2, p. 207-212. 1949. p. 209-210.

Apesar de avaliar as ações de Roosevelt e Truman como errôneas do ponto de vista do “interesse nacional”, em nenhum lugar Morgenthau dá uma definição precisa ao termo<sup>1124</sup>, optando por quase sempre tomar a ideia como auto-explicativa.

É Kenneth Waltz quem vai propor uma definição mais precisa para o termo, afirmando que o “interesse nacional” deve ser colocado em perspectiva internacional para ser entendido. E assim, surge a ideia de que o “interesse nacional”<sup>1125</sup> é definido como a sobrevivência nacional no ambiente internacional:

Great tasks can be accomplished only by agents of great capability. That is why states, and especially the major ones, are called on to do what is necessary for the world's survival. But states have to do whatever they think necessary for their own preservation, since no one can be relied on to do it for them. Why the advice to place the international interest above national interests is meaningless can be explained precisely in terms of the distinction between micro- and macro-theories<sup>1126</sup>.

As noções – marxista e realista – de interesse nacional não são apenas diferentes, são antagônicas. Especialmente quando utilizadas no sentido de legitimar a violência. O que parece ser do interesse nacional, fazer guerra de sobrevivência, é visto como uma violência de classe uma vez que a imensa maioria dos soldados é composta de proletários que são postos a morrer para defender o “Estado burguês”. É com esse apelo revolucionário que Lênin tentou organizar revoluções pelo mundo em 1917<sup>1127</sup>. Já no início dos anos 20 do século XX, entretanto, o

<sup>1124</sup> Na falta de uma definição presente em toda a extensa obra de Morgenthau, Cornelia Navari conclui que: “Morgenthau recast the national interest as “interests in terms of power”—that is, the “national interest” simply became the acquiring, maintenance, and expansion of a state’s power. It was no longer a set of historical variables, a moral guide, a synthesis of realism and idealism, or a justification for negotiation. Rather, it was one of a set of “principles of political realism” and a somewhat redundant aide-de-camp in the Realist quest for analytical rigor.” (NAVARI, Cornelia. Hans Morgenthau and the national interest. **Ethics & International affairs**, v. 30, n. 1, p. 47-54. 2016. p. 53).

<sup>1125</sup> Waltz tenta definir “interesse nacional” em comparação com o interesse de empresas economicamente definidos: “Similarly, to say that a state seeks its own preservation or pursues its national interest becomes interesting only if we can figure out what the national interest requires a country to do. States, especially the big ones, are like major corporations. [...] By comparing nations and corporations, the elusive notion of the national interest is made clear. By assumption, economic actors seek to maximize expected returns, and states strive to secure their survival. Major firms are in a self-help situation, with their survival depending on their own efforts within limits established by law. Insofar as they are in a self-help situation, survival outranks profit as a goal, since survival is a prerequisite to the achievement of other ends.” WALTZ, Kenneth. **Theory of international politics**. Berkeley: Addison-Wesley, 1979. p. 134).

<sup>1126</sup> WALTZ, Kenneth. **Theory of international politics**. Berkeley: Addison-Wesley, 1979. p. 109-110.

<sup>1127</sup> “Every day it is becoming clearer to us, the workers and peasants, who bear the brunt of the war, that it was started and is being waged by the capitalists of all countries for the sake of the capitalists’ interests, for the sake of world supremacy, for the sake of markets for the manufacturers, factory owners and bankers, for the sake of plundering the weak nationalities. They are carving up colonies and seizing territories in the Balkans and in Turkey—and for this the European peoples must be ruined, for this we must die, for this we must witness the ruin, starvation and death of our families. The capitalist class in all countries is deriving colossal, staggering, scandalously high profits from contracts and war supplies, from concessions in annexed countries, and from the rising price of goods. The capitalist class has imposed contribution on all the nations for decades ahead in the shape of high interest on the billions lent in war loans. And we, the workers and peasants, must die, suffer ruin, and starve, must patiently bear all this and strengthen our oppressors, the capitalists, by having the workers of the different countries exterminate each other and feel hatred for

pensamento soviético se aproximava muito do conceito Realista através da ideia de “Motherland”:

Within this collective body they fought side by side to consolidate the might of our country, they fought side by side and shed their blood on the various fronts for the sake of the freedom and greatness of our Motherland, and side by side they hammered out and forged our country's victory over her enemies. The only difference between them is that some belong to the Party and some don't. But this difference is only a formal one. The important thing is that all are engaged in one common cause. That is why the bloc of Communists and non-Party people is a natural and vital thing<sup>1128</sup>.

#### 4.10 POLÍTICA INTERNA E EXTERNA, DOIS VETORES DIFERENTES?

Uma das características centrais do marxismo, tomado como teoria de Relações Internacionais é exatamente negar a diferença entre as esferas nacionais e internacional<sup>1129</sup>. Contudo, como foi demonstrado ao longo desse capítulo, desde o período de Lênin até 1960 houve um caminhar teórico para adaptação ao conceito de “Estado” como central também para as teorias soviéticas. Ainda assim, retoricamente, as teorias soviéticas continuavam falando em “luta de classes” como um vetor único de ação que daria sentido ao socialismo. O desenvolvimento da noção de luta de classes horizontal e vertical acabam por criar uma segmentação que, se bem não definem as esferas interna e externa diretamente, ao menos estabelecem espaços e objetivos de ação política diferentes<sup>1130</sup>.

O que fica claro, no entanto, é que as teorias soviéticas não enxergam o Estado como “unidade básica” da política internacional e percebem os conflitos de classe como espaços de ação. Na avaliação de Marx, Lênin, Stalin e Khrushchev haveria dentro dos Estados capitalistas “forças revolucionárias” latentes ou em graus diferentes de desenvolvimento com as quais o

---

each other.” “Appeal to the soldiers of all belligerent countries” (LENIN, Vladimir. **Collected works** - April-June 1917. Moscow: Progress Publishers, 1974. p. 186-188).

<sup>1128</sup> STALIN, Josef. **Speech delivered by Stalin at a meeting of voters of Stalin electoral district**. Moscow: Wilson Center - International History Declassified, 1946.

<sup>1129</sup> “The universality of the Bolshevik appeal, its claim to speak in the name of oppressed groups and classes, both national groups and exploited classes, all over the world, has been a large element in its strength.” (CARR, Edward. **The soviet impact on the wessern world**. New York: The Macmillan Company, 1947. p. 98).

<sup>1130</sup> “The chief factor in politics today is the violence being used by the imperialists against peoples which have not had the good fortune to be among the victors; this world policy of imperialism is leading to closer relations, alliance and friendship among all the oppressed nations. The success we have achieved in this respect in the West as well, in relation to more Europeanised states, goes to show that the present principles of our foreign policy are correct and that the improvement in our international position rests on a firm basis. We are confident that, by continuing our peace policy and by making concessions (and we must do so if we wish to avoid war), the basic line of our policy and the fundamental interests which stem from the very nature of imperialist policy will come into their own and will make it more and more imperative for the R.S.F.S.R.” Discurso Oitavo Congresso dos Soviets, Dezembro 1920. (LENIN, Vladimir. **Collected works** - April-December 1920. v. 31. Moscow: Progress Publishers, 1974. p. 491).

regime socialista poderia contar em curto, médio e longo prazo<sup>1131</sup>. Aliás, na estratégia de defesa de Stalin, contra a formação de uma aliança capitalista militar contra a URSS, era a movimentação dentro da sociedade civil de tais forças para impedir uma unidade de ação que ameaçasse a União Soviética.

While we stand alone and the capitalist world is strong, our foreign policy consists, on the one hand, in our having to utilise disagreements (to vanquish all the imperialist powers would, of course, be a most pleasant thing, but for a fairly long time we shall not be in a position to do so). On the one hand, our existence depends on the presence of radical differences between the imperialist powers, and, on the other, on the Entente's victory and the Peace of Versailles having thrown the vast majority of the German nation into a situation it is impossible for them to live in. The Peace of Versailles has created a situation in which Germany cannot even dream of a breathing-space, or of not being plundered, of not having the means of subsistence taken away from her, of her people not being doomed to starvation and extinction; Germany cannot even dream of any of these things, so that, naturally, her only means of salvation lies in an alliance with Soviet Russia, a country towards which her eyes are therefore turning." Discurso no Oitavo congresso de Soviets, dezembro de 1920<sup>1132</sup>.

A Teoria Realista já nasce fazendo a diferenciação entre política externa e política interna<sup>1133</sup>. Definindo assim as diferenças irreconciliáveis entre os dois campos e afirmando que ações com premissas diferentes devem ser tomadas em cada espaço<sup>1134</sup>. Tal percepção servia muito claramente aos interesses das elites decisórias nos EUA que poderiam sustentar um discurso para fora de suas fronteiras e outro para dentro delas. Esta foi característica dos governos Truman e Eisenhower<sup>1135</sup>, embora sua colocação em prática permitisse a utilização

---

<sup>1131</sup> "The experience of three Russian revolutions has shown us how they were prepared, and how each served as the basis for the further development of home and foreign policy. This experience has proved that in the preparation of revolution those ruling classes are our most faithful assistants which, laying claim to all kinds of coalitions, constituent assemblies and so on, and asserting that they represent the will of the people, in fact reveal—through their own policy at every serious, difficult or crucial moment in the life of the country—the self-interest of squabbling bourgeois groups that cannot come to terms, rival capitalist groups that unmask themselves a hundred times more effectively than communist propaganda can do. In no country or state can the working class—even if it is most revolutionary— ever be revolutionised by any propaganda and agitation unless that agitation is backed up in practice by the behaviour of the ruling classes of that country." Discurso ao Soviet Supremo 1920 (LENIN, Vladimir. **Collected works** - April-December 1920. v. 31. Moscow: Progress Publishers, 1974. p. 132).

<sup>1132</sup> LENIN, Vladimir. **Collected works** - April-December 1920. v. 31. Moscow: Progress Publishers, 1974. p. 475.

<sup>1133</sup> "The more serious ambiguity arises over the question of moral judgements on public actions. Belief in the duty of the historian to pronounce moral judgements on his dramatis personae has a long pedigree. But it was never more powerful than in nineteenth-century Britain, when it was reinforced both by the moralizing tendencies of the age and by the uninhibited cult of individualism." (CARR, Edward. **What is history?** New York: Pinguim, 1990. p. 76).

<sup>1134</sup> Morgenthau argumenta que a diferença guarda relação com a aquela percebida entre o campo público e o privado: "In other words, there is one ethics for the political sphere and there is another ethics for the private sphere, and the former allows him to do certain things there which the latter does not allow him to do here. Political acts are subject to one ethical standard; private acts are subject to another one." (MORGENTHAU, Hans. *The evil of politics and the ethics of evil*. **Ethics**, v. 56, n. 1, p. 1-18, oct. 1945. p. 6).

<sup>1135</sup> Ver Capítulo 2.

das incongruências narrativas como arma eleitoral pelo campo postulante a governo. A diferenciação também permitia o controle da Política Externa sem o accountability democrático<sup>1136</sup> que vai sendo exigido internamente pela sociedade americana nos primeiros anos da Guerra Fria. A questão da “segurança” já se tornava (muito antes do ataque ao World Trade Center) uma desculpa para manter orçamentos inteiros fora do controle até mesmo do Congresso norte-americano.

Is individual freedom more important than national security, without which there will be no freedom at all? What benefits does a man draw from the Bill of Rights if, in the absence of measures of general welfare, it guarantees him the right to sleep under bridges and sell apples in the street<sup>1137</sup>.

A diferença entre política externa e interna permitia a relativização do conceito de democracia<sup>1138</sup>. Nos primeiros quinze anos da Guerra Fria os EUA colocaram-se, por exemplo, contra toda a iniciativa de consulta à população (plebiscito) como forma de solução das questões internacionais (sejam as lutas anticoloniais ou de secessão). Os princípios democráticos, quando colocados no cenário internacional, transmutavam-se em dois princípios diplomáticos: soberania nacional e autodeterminação. Avaliados os fatos, entretanto, é possível ver que mesmo esses princípios eram muito plásticos, sendo subordinados aos conceitos de “segurança” e “interesse nacional” que, tomados em conjunto, ofereciam um espaço de legitimação ilimitado para ações internacionais.

---

<sup>1136</sup> Situação que não passava despercebida pelos soviéticos que definiam muitas vezes a Política Externa como carente de “legitimidade” uma vez que não era discutida com os “trabalhadores”: “There is no republic in Great Britain, but her thoroughly bourgeois monarchy has existed for many centuries. The workers can vote in the parliamentary elections, but all foreign policy is conducted outside Parliament, for it is the province of the Cabinet.” (LENIN, Vladimir. **Collected works** - April-December 1920. v. 31. Moscow: Progress Publishers, 1974. p. 307); “If the latter was declared on the morrow, they would call a strike and give no coal to Britain and to France as well. The British workers declared that they wanted to determine foreign policy; they are directing it in the same way as the Bolsheviks in Russia, and not like the capitalists in other countries.” (LENIN, Vladimir. **Collected works** - April-December 1920. v. 31. Moscow: Progress Publishers, 1974. p. 328).

<sup>1137</sup> MORGENTHAU, Hans. The dilemmas of freedom. **American Political Science Review**, v. 51, n. 3, p. 714-723. 1957. p. 721.

<sup>1138</sup> “For some, democracy became the form of the state that would make the world a peaceful one; for others, later, it was socialism that would turn the trick. Not simply war and peace, moreover, but international politics in general was to be understood through study of the states and the statesmen, the elites and the bureaucracies, the subnational and the transnational actors whose behaviors and interactions form the substance of international affairs. Political scientists, whether traditional or modern in orientation, reify their systems by reducing them to their interacting parts. For two reasons, the lumping of historically minded traditionalists and scientifically oriented modernists together may seem odd. First, the difference in the methods they use obscures the similarity of their methodology, that is, of the logic their inquiries follow. Second, their different descriptions of the objects of their inquiries reinforce the impression that the difference of methods is a difference of methodology.” (WALTZ, Kenneth. **Theory of international politics**. Berkeley: Addison-Wesley, 1979. p. 161).

Yet they will distinguish with Lincoln between their "official duty," which is to think and act in terms of the national interest, and their "personal wish," which is to see their own moral values and political principles realized throughout the world. Political realism does not require, nor does it condone, indifference to political ideals and moral principles, but it requires indeed a sharp distinction between the desirable and the possible-between what is desirable everywhere and at all times and what is possible under the concrete circumstances of time and place. It stands to reason that not all foreign policies have always followed so rational, objective, and unemotional a course. The contingent elements of personality, prejudice, and subjective preference, and of all the weaknesses of intellect and will which flesh is heir to, are bound to deflect foreign policies from their rational course. Especially where foreign policy is conducted under the conditions of democratic control, the need to marshal popular emotions to the support of foreign policy cannot fail to impair the rationality of foreign policy itself. Yet a theory of foreign policy which aims at rationality must for the time being, as it were, abstract from these irrational elements and seek to paint a picture of foreign policy which presents the rational essence to be found in experience, without the contingent deviations from rationality which are also found in experience<sup>1139</sup>.

A diferença de fato entre as políticas domésticas e externas eram pontos de crítica de ambas as superpotências uma para com a outra. Tanto a ideia de “democracia”<sup>1140</sup> e “autodeterminação” eram constantemente apontadas como falsos pretextos para esconder o interesse do “imperialismo norte-americano”, quanto o controle violento exercido pela URSS no seu entorno era apontado como paradoxal ao discurso da “liberação dos povos” que a URSS proferia como um dos objetivos de sua política externa<sup>1141</sup>. As críticas eram contrapostas exatamente pelos construtos teóricos que afirmavam espaços de poder (no âmbito internacional) para alguns grupos decisórios distantes e diferentes do que eventualmente se estivesse praticando dentro dos Estados.

#### 4.11 A LUTA PELO SENTIDO DE “IMPERIALISMO” E “TOTALITARISMO”

Um dos trabalhos mais importantes e demarcadores de sentido dentro do pensamento marxista é o livro “Imperialismo: o estágio mais avançado do capitalismo” de Lênin. Escrito em 1916, o conceito de Imperialismo<sup>1142</sup>, conforme Lênin, está associado à “Domination, and

<sup>1139</sup> MORGENTHAU, Hans. **Politics among nations: the struggle for power and peace**. 6th ed. Beijing: McGraw Hill, 1997. p. 7.

<sup>1140</sup> “Another area where Soviet citizens were seen as actively participating was administrative management. Overall, the idea of mass participation in politics was used to draw parallels between the Soviet Union and Western countries and to describe the Soviet system as essentially democratic from the start of its existence” (SHLAPENTOKH, Vladimir; SHIRAEV, Eric; CARROLL, Eero. **The Soviet Union: internal and external perspectives on soviet society**. New York: Palgrave Macmillan, 2008. p. 36).

<sup>1141</sup> “The favourite form of contemporary international controversy on moral issues is a debate on rival claims to freedom and democracy. The conceptions are abstract and universal.” (CARR, Edward. **What is history?** New York: Pinguim, 1990. p. 82).

<sup>1142</sup> “Lenin, as well as Schumpeter, offered dispositional, metrocentric approaches to imperialism, although both differed from Hobson in a number of respects. Lenin defined modern imperialism as the monopoly stage of capitalism which, he argued, "converted this work of construction into an instrument for oppressing a thousand

violence that is associated with it, such are the relationships that are typical of the “latest phase of capitalist development”; this is what inevitably had to result, and has resulted, from the formation of all-powerful economic monopolies.”<sup>1143</sup> Tanto a argumentação de Lênin quanto o papel que o conceito de imperialismo tiveram dentro do século XX foram tão evidentes<sup>1144</sup> que os teóricos ocidentais tentaram uma luta pelo sentido de “imperialismo” e Morgenthau está no centro desse processo:

“Is not modern war an outgrowth of imperialism which, in turn, is a result of the contradictions of monopoly capitalism? Hence, let us do away with capitalism, the Marxists would say, and we will no longer have war; socialism is peace”<sup>1145</sup>.

Primeiramente, Morgenthau tenta afirmar a ideia de “imperialismo” como sendo contrária à “ideologia americana” que seria baseada numa ideia “humanitária e pacifista”:

Of these peculiarities of the American experience three stand out: the uniqueness of the American experiment, the actual isolation during the nineteenth century of the United States from the centers of world conflict, and the humanitarian pacificism and anti-imperialism of American ideology<sup>1146</sup>.

The Monroe Doctrine's moral postulates of anti-imperialism and mutual non-intervention were the negative conditions for the safety and enduring greatness of the United States. Their fulfillment vouchsafed the isolation of the United States from the power struggles of Europe and, through it, the continuing predominance of the United States in the Western Hemisphere<sup>1147</sup>.

Como o conceito de Lênin seguia incólume, Morgenthau tentou estabelecer uma divergência conceitual, atribuindo ao termo “imperialismo” uma concepção geopolítica de controle e dominação com dois aspectos distintos: (1) um aspecto externo, ligado ao

---

million people [in the colonies and semi-colonies], that is, more than half the population of the globe, which inhabits the subject countries, as well as the wage slaves of capitalism in the lands of civilization.” (COHEN, Ariel. **Russian imperialism: development and crisis**. Londres: Praeger, 1996. p. 2).

<sup>1143</sup> LENIN, Vladimir. **Collected works** - December 1915-July 1916. v. 22. Moscou: Progress Publishers, 1974. p. 207.

<sup>1144</sup> “However unhealthy this state of affairs may be, it is not the crux of the matter. What is really disquieting (because it reflects a general confusion as to what foreign policy is all about) is the level on which the discussion between the supporters of the bipartisan foreign policy and its critics proceeds. The level of discussion is that of moral generalities. The bipartisan policies are defended in terms of containment of communism, of the defense and promotion of democracy, freedom and the rights of man, of aid to the needy and oppressed. They are attacked in terms of imperialism and capitalist exploitation.” (MORGENTHAU, Hans. *The Primacy of the national interest*. **The American Scholar**, v. 18, n. 2, p. 207-212. 1949. p. 207).

<sup>1145</sup> MORGENTHAU, Hans. **Scientific man vs power politics**. Londres: Latimer House Limited, 1947. p. 87.

<sup>1146</sup> MORGENTHAU, Hans. *The mainsprings of american foreign policy: the national interest vs. moral abstractions*. **The American Political Science Review**, v. 44, n. 4, p. 833-854. 1950. p. 836.

<sup>1147</sup> MORGENTHAU, Hans. *The mainsprings of american foreign policy: the national interest vs. moral abstractions*. **The American Political Science Review**, v. 44, n. 4, p. 833-854. 1950. p. 846.



expansionismo geográfico<sup>1148</sup> e (2) outro aspecto interno, ligado ao controle da informação e falta de “democracia”:

“A nation whose foreign policy aims at acquiring more power than it actually has, through a reversal of existing power relations-whose foreign policy, in other words, seeks a favorable change in power statuspursues a policy of imperialism”<sup>1149</sup>.

The tendency to dominate, in particular, is an element of all human associations, from the family through fraternal and professional associations and local political organizations, to the state. On the family level, the typical conflict between the mother-in-law and her child's spouse is in its essence a struggle for power, the defense of an established power position against the attempt to establish a new one. As such it foreshadows the conflict on the international scene between the policies of the status quo and the policies of imperialism.”<sup>1150</sup>

Communist theory claims that the government monopoly of information and control over the mass media of communication means freedom of the press and the only freedom of the press there is, while what we call freedom of the press is but a sham. The absurdity of the argument does not lie in the claim itself but in the underlying assumption of the government monopoly of political truth, from which the claim follows with logical necessity<sup>1151</sup>.

---

<sup>1148</sup> “North Atlantic Treaty Organization (NATO) is a ‘rather loosely knit’ and ‘stagnating’ alliance. Foreign aid given to allies treated as equals merely strengthened the conservative political and military forces in favor of the status quo in these countries and allowed the communists to present themselves as favoring the forces of progress. Washington should use its power to impose its anti-imperialist tradition on these countries by using aid as a vehicle to bring about democratic change. He shows no recognition that such a policy might readily be condemned as neo-imperialism.” (LEBOW, Richard Ned. *The purpose of american politics*. In: **HANS MORGENTHAU and the american experience**. Londres: Palgrave Macmillan, 2018. p. 101); A componente geográfica da ideia de “imperialismo” é apresentada originalmente por Schumpeter: “Schumpeter, in striking opposition to Lenin, stated that pure capitalism and imperialism not only were unrelated, but were antithetical to each other. He defined imperialism as the objectless disposition of a state to unlimited forcible expansion (formal imperialism or territorial conquest).” (COHEN, Ariel. **Russian imperialism: development and crisis**. Londres: Praeger, 1996. p. 3); “Thus, imperialism becomes identified with the maintenance, defense, and stabilization of an empire already in existence rather than with the dynamic process of acquiring one.” (MORGENTHAU, Hans. **Politics among nations: the struggle for power and peace**. 6th ed. Beijing: McGraw Hill, 1997. p. 59); Arendt também participou ativamente dos esforços legislativos para diminuir a significação da experiência soviética: One of the most brilliant women of our time, Miss Hannah Arendt, has said that the 12 days of the Hungarian revolution contain more history than the 12 years after the Red army supplanted the Nazis. At the same time, she warns, imperialism has a much greater chance of success when directed by a totalitarian government. And in many ways, that is our problem. We are democratic, a free society, engaged in a struggle with the most highly developed form of totalitarianism of all times.” (THE 86TH US CONGRESS. **Hearings before the subcommittee to investigate the administration of the internal security act and other internal security laws of the committee on the judiciary**. Washington: United States Government Printing Office, 1959. p. 35).

<sup>1149</sup> MORGENTHAU, Hans. **Politics among nations: the struggle for power and peace**. 6th ed. Beijing: McGraw Hill, 1997. p. 53.

<sup>1150</sup> MORGENTHAU, Hans. **Politics among nations: the struggle for power and peace**. 6th ed. Beijing: McGraw Hill, 1997. p. 39.

<sup>1151</sup> MORGENTHAU, Hans. The dilemmas of freedom. **American Political Science Review**, v. 51, n. 3, p. 714-723. 1957. p. 716.

Nesta luta pelos sentidos do mundo, transformados em armas conceituais<sup>1152</sup>, Morgenthau se aproxima de Hannah Arendt e seu conceito de “totalitarismo”:

From Plato and Aristotle to the modern justifications of aristocratic and totalitarian government, the denial of political freedom for the majority has derived from a conception of political justice which limits to a minority the ability and, hence, the right to enjoy political freedom<sup>1153</sup>.

Communist theory claims that the government monopoly of information and control over the mass media of communication means freedom of the press and the only freedom of the press there is, while what we call freedom of the press is but a sham. The absurdity of the argument does not lie in the claim itself but in the underlying assumption of the government monopoly of political truth, from which the claim follows with logical necessity<sup>1154</sup>.

A parceria entre Morgenthau, Arendt e o aparato governamental americano<sup>1155</sup> não é novidade. Os dois são “émigré scholars”, os dois fizeram sua educação formal na Europa e foram afastados em função do antissemitismo, especialmente na Alemanha<sup>1156</sup>. Arendt havia publicado o seu “Origens do Totalitarismo” em 1951, e com esse livro criava um conceito que serviria de arma contra a URSS até o final da década de 60, quando o conceito seria desacreditado<sup>1157</sup>. Não há, no extenso livro de Arendt, uma definição categórica de

<sup>1152</sup> As lutas pelo sentido de “imperialismo” vão continuar ao longo do século: “A rebuttal to the economic (Marxist) interpretation of imperialism was put forward by W.W. Rostow, who maintained that imperialist expansion is in principle of only marginal importance to the development of modern industrial societies and that the principal elements responsible for the development of imperialism are noncapitalist.” (COHEN, Ariel. **Russian imperialism: development and crisis**. Londres: Praeger, 1996. p. 4).

<sup>1153</sup> MORGENTHAU, Hans. The dilemmas of freedom. **American Political Science Review**, v. 51, n. 3, p. 714-723. 1957. p. 715.

<sup>1154</sup> MORGENTHAU, Hans. The dilemmas of freedom. **American Political Science Review**, v. 51, n. 3, p. 714-723. 1957. p. 716.

<sup>1155</sup> Há uma imensa bibliografia apontando para as relações não apenas acadêmicas entre Arendt e a CIA ou o Departamento de Estado. Sobre esse assunto ver Frances Stone Saunders em “Who paid the piper?” (SAUNDERS, Frances Stonor. **Who paid the piper?: The CIA and the cultural cold war**. New York: Granta Books, 2000). A CIA trabalhava em esforço conjunto com o Departamento de Estado para que Arendt tivesse a maior projeção possível em seus textos. (YODER JR., Edwin M. **Finger exercises on themes of state**. 2004. Disponível em: <<https://www.cia.gov/library/readingroom/docs/CIA-RDP80-01601R000300360019-3.pdf>>. Acesso em: 30 nov. 2017); Soon, Clews was using his position as a distribution point for IRD [Information Research Department] material, writing Nabokov to tell him in June 1952 that he had had “a long talk with Hannah Arendt and have introduced her to one or two of our Foreign Office experts, as a result of which I am supplying her with a lot of source material that she needs for her new book [...] if you know any other people that are coming over here and who wish to make similar contacts to those made by Dr. Arendt just let me know and I will arrange them” (SAUNDERS, Frances Stonor. **The cultural cold war: the cia and world of arts and letters**. New York: New Press, 2013. p. 93).

<sup>1156</sup> RÖSCH, Felix. Realism as social criticism: the thinking partnership of Hannah Arendt and Hans Morgenthau. **International Politics**, v. 50, p. 815-829. 2013. p. 815-817.

<sup>1157</sup> “Understanding the Soviet Union as a totalitarian society was introduced by several scholars including, among others, Hannah Arendt (1951), J. L. Talmon (1952), Carl Friedrich, and Zbigniew Brzezinski (1956). One of the assumptions of some representatives of this school was an equation of Nazism and the Soviet regime.” (SHLAPENTOKH, Vladimir; SHIRAEV, Eric; CARROLL, Eero. **The Soviet Union: internal and external perspectives on soviet society**. New York: Palgrave Macmillan, 2008. p. 21). “If historians were divided about

“totalitarismo”. A autora faz um apanhado descritivo do que julga serem características dos regimes que acredita ter conhecido em sua plenitude<sup>1158</sup>. Recompilando as migalhas conceituais que a autora dispersa pelo livro todo, podemos compor que o conceito de Totalitarismo é composto pela ideia de “domínio total” do Estado<sup>1159</sup>, “que chega ao ponto de acabar com a existência autônoma de qualquer atividade”<sup>1160</sup>, que governa por meio de terror e coerção<sup>1161</sup>, com um “domínio total sobre o homem”<sup>1162</sup> através da “posse de todos os instrumentos de força e de violência”<sup>1163</sup>. Arendt ainda aproxima os conceitos de “imperialismo” (pela vertente de Schumpeter e Morgenthau) e “totalitarismo”, afirmando que o último é muito pior do que o primeiro.

Da mesma forma como a pretensão totalitária de domínio mundial apenas aparentemente equivale à expansão imperialista, também a pretensão de domínio total apenas parece familiar a quem estuda o despotismo. Se as diferenças principais entre o totalitarismo e a expansão imperialista estão no fato de que o primeiro não distingue entre o país de origem e um país estrangeiro, então a principal diferença entre a polícia secreta despótica e a totalitária é que a última não se dedica à caça de pensamentos

---

the merits of theories of totalitarianism, they have been even less enthusiastic about using totalitarianism as an analytical tool. They found that the totalitarian model – with its claim of a monolithic, efficient state and of a dogmatically held, mind-altering ideology – did not describe, much less explain, historic reality. It appeared as an overly mechanistic model foisted upon them by political scientists. Time and again, historians have come away disenchanted from the concept because it proved unhelpful in articulating new research questions and in organizing empirical findings. Moreover, with the deescalation of the Cold War in the context of East-West detente, the time seemed right to leave behind concepts and ideas that had a distinctly polemical, if not outright ideological, quality. Empirical historians, in particular, came to consider terms and concepts like totalitarianism contaminated by their Cold War exploitation.” (GEYER, Michael; FITZPATRICK, Sheila. **Beyond totalitarianism: Stalinism and nazism compared**. New York: Cambridge University Press, 2009. p. 8); “Today’s scholars and media commentators debate the meaning of terms such as imperialism, terrorism, or war on terror. In an almost similar fashion, 30 or 40 years ago, the debate was focused on totalitarianism. One side eventually prevailed. As a result, totalitarian as a term almost disappeared from most Western sources for some time. Even scholars who believed that the Union of Soviet Socialist Republics was a totalitarian state almost stopped using the term. Some researchers even demanded an open revision of old totalitarian “dogmas”” (SHLAPENTOKH, Vladimir; SHIRAEV, Eric; CARROLL, Eric. **The Soviet Union: internal and external perspectives on soviet society**. New York: Palgrave Macmillan, 2008. p. 30).

<sup>1158</sup> “One important strand of scholarship is concerned with resuscitating the concept of totalitarianism. In fact, the notion of totalitarianism has resurfaced as something of a free agent and is now used to flag a rather contrary set of departures, three of which are of import. First, while it is not everyone’s preferred way of tackling the problem, it is reasonable to argue that empirical historians failed fully to appreciate the depth of thought invested in the idea. For even if contemporary thinkers frequently got it wrong (Hannah Arendt may serve as the prime example), good ideas are hard to come by and should be salvaged from simplification and propagandistic misuse. Overall, Soviet historians seem much more unforgiving in this regard than their German counterparts, but as much as Hannah Arendt will not go away, neither will Alexandr Solzhenitsyn or, for that matter, the group of Eastern European intellectuals who are in the equally privileged and unenviable situation of having faced both regimes.” (GEYER, Michael; FITZPATRICK, Sheila. **Beyond totalitarianism: Stalinism and nazism compared**. New York: Cambridge University Press, 2009. p. 14).

<sup>1159</sup> ARENDT, Hannah. **Origens do totalitarismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 285.

<sup>1160</sup> ARENDT, Hannah. **Origens do totalitarismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 295.

<sup>1161</sup> ARENDT, Hannah. **Origens do totalitarismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 297.

<sup>1162</sup> ARENDT, Hannah. **Origens do totalitarismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 307.

<sup>1163</sup> ARENDT, Hannah. **Origens do totalitarismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 350.

secretos nem emprega o velho método da provocação peculiar dos serviços secretos<sup>1164</sup>.

#### 4.12 CONCLUSÃO

A luta política é, antes de mais nada, uma disputa pelos sentidos do mundo. É uma guerra travada inicialmente no campo das ideias, buscando dar sentido ao tempo e espaço dos homens. Nesta disputa, há sempre o objetivo de se fazer-se compreender pelos semelhantes e, desta forma, obter a reprodução dos sistemas ideológicos por convencimento e aprendizagem. Esses sentidos “informados” do mundo, que provém do esforço intelectual de alguns sujeitos, são oferecidos aos governos e governantes como ferramentas explicativas (ou preditivas) para que esses se movam dentro emaranhado social e político tomado tanto pelo referencial interno, quanto pelo externo.

Os sentidos informados, quando recebem a aquiescência dos poderes e o reconhecimento dos pares podem dizerem-se “científicos” e dentro do novo status que adquirem suas narrativas passam a figurar não apenas como elementos que emprestam racionalidade aos movimentos do mundo, mas também integram as forças que fazem esse mesmo mundo tal qual ele vai se modificando. Esta relação de constituição que algumas ideias fazem com a realidade é de difícil percepção pois envolve, necessariamente, dois pensamentos. Por um lado, há que se perguntar o quanto os sentidos informados (teorias) que buscam compreender o mundo são resultados das próprias condições que criam e não apenas descrevem. Por outro lado, a postura de intelectuais, alçados a condição de “conselheiros” ou mesmo de “tomadores de decisão” não é já, em si, uma forma de a teoria transformar a realidade?

Esse “efeito-teoria”, através de uma relação de co-dependência entre as ideias e práticas, não é algo novo. Marx a coloca como um dos pressupostos das suas teorias. Não há apenas que se explicar o mundo, mas também modificar esse mesmo mundo. O resultado é claramente a Revolução Russa. Lênin e toda a escola de pensamento soviética vão deixar muito claro, em seus trabalhos e em suas ações, que o objetivo das teorias é sempre agir sobre o mundo. No caso das teorias leninistas a ação visa a mudança, a revolução.

Apesar de o marxismo ter-se iniciado com uma visão internacionalista e baseado na afirmação do conflito original – o conflito de classes – como o elemento organizador do sentido interpretativo do marxismo, com Lênin, Stalin e mesmo Khrushchev há uma modificação evidente no pensamento soviético. A epistemologia marxista, marcada pelo estruturalismo, pelo

---

<sup>1164</sup> ARENDT, Hannah. **Origens do totalitarismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 373.

evolucionismo e pelo economicismo, passa a ser explicada em termos do tempo humano. Jogada a um Futuro distante – porém determinado – o conflito final de classes, a ideia de vitória do socialismo e a construção de um mundo livre da “opressão” passam a ordenar os “objetivos” políticos, mas não as ações no tempo presente.

Há, em Lênin, o reconhecimento de que o pensamento marxista precisava ser adaptado ao tempo presente e à realidade do século XX. Lênin constrói uma abordagem sistêmica (mais que estrutural) que jogava luz a determinados tipos de conflitos através de seu conceito de imperialismo. Ao reduzir o escopo dos inimigos (não mais qualquer capitalista, mas o imperialismo) e aumentar o número dos aliados (agora também países capitalistas em desenvolvimento e países buscando emancipação colonial) Lênin transformava o ambiente internacionalista descrito por Marx e Engels. Esta nova abordagem é mais prática do que retórica. Dentro das disputas internas na antiga URSS, Lênin reconhecia que precisava manter acesa a ideia de vitória sobre o capitalismo, dentro do fatalismo da teoria marxista.

A solução para o problema da divergência teórica entre meios e fins, ou como fazer a superação do capitalismo pelo socialismo, surge com a diferenciação dos tempos históricos. No Futuro o capitalismo estava fadado a desaparecer e o socialismo (de forma ainda não plenamente conceituada) seria o vitorioso. Contudo, o século XX requeria que fosse pensado no Presente. A resposta leninista é uma política externa baseada no uso da URSS como “modelo” para os países do mundo. E para isto, era necessário que ela pudesse se defender. A revolução viria de qualquer forma, era preciso assegurar que a experiência soviética pudesse consolidar-se e criar teorias sobre questões que Marx e Engels não pensaram (organização produtiva, organização social, como superar culturas e mentalidades burguesas, como criar um sistema representativo soviético e etc.).

Lênin havia já colocado as bases para a política externa soviética. Coube a Stalin fazer a experiência sobreviver ao nazi-fascismo e à segunda guerra mundial. Quanto mais o século XX avançava, mais a forma de compreensão soviética no ambiente internacional se assentava em análises materialistas de poder, sistêmicas, com o Estado entendido como ator essencial envolto em um ambiente de conflito inescapável. A noção de “socialismo num só país” é a resposta lógica aos condicionantes teóricos de Lênin e o ambiente político do século XX. As preocupações com segurança e defesa (que muitos qualificam como “paranoia” de Stalin) são uma resposta à necessidade de sobrevivência da URSS entendida como confinada dentro de um cinturão de países imperialistas hostis (capitalist encirclement).

Ao Futuro é deixada a ideia de superação do capitalismo, no presente articula-se a noção de “luta de classes horizontal” (entre os países) para além da “luta de classes vertical” (entre burguesia e proletariado) e, através da reconstrução teórica leninista-stalinista, o Estado passa a ser o ente central dentro das avaliações soviéticas sobre o tempo Presente. Ao longo dos anos 50, esta visão de política externa vai se consolidando e abre-se espaço inclusive para a criação da ciência das “Relações Internacionais” na URSS. A institucionalização desse conhecimento como “um novo campo de conhecimento marxista” é o final do processo de “domesticação do marxismo” e acontece com Nikita Khrushchev. A “coexistência pacífica” não é nada mais do que a codificação diplomática-teórica da política que vinha sendo implementada por Lênin e Stalin. Do ponto de vista retórico, Khrushchev teve muito maior liberdade para adotar um léxico diferenciado em função de todo o processo de “desestalinização”.

Ao realizar a mudança teórica sobre política externa dentro da URSS, o modelo soviético desde os anos 30 vinha obtendo significativa vantagem nas análises e ações do ponto de vista internacional frente ao mundo ocidental. O acordo de Paz Ribentrop-Molotov (pacto de não agressão nazi-soviético) é apenas uma demonstração de como a política externa soviética havia se tornado pragmática e materialista, muito diferente das acusações de ser “ideológica e moralista”. É o ocidente, na visão crítica de Carr, que estava imerso em moralismos e idealismos e é o ocidente que se “espanta” com a postura soviética. As vantagens comparativas são tão evidentes para a política externa soviética que no final da segunda guerra, com a Revolução Chinesa, um terço da população do mundo estava sob governos socialistas.

Esse ponto de inflexão é muito bem percebido por alguns no mundo ocidental. Carr e Morgenthau são os expoentes teóricos desta crítica. O ataque ao “wilsonianismo” não era em função do seu institucionalismo ou do seu idealismo, mas pela comparação evidente entre como Inglaterra e EUA faziam política externa e como a URSS organizava-se nesse campo. Os discursos políticos de medo do comunismo nos EUA (do qual o senador Joseph McCarthy é o resultado, são fruto não de uma “histeria sem sentido”, mas da percepção real da força teórica e prática que a URSS exercia no cenário internacional.

Tanto Truman quanto Eisenhower sofreram internamente em função de sua política externa. Os EUA não tinham meios para se opor ao sentido de ação internacional implementado pela URSS. As bombas atômicas são uma decisão *in extremis* para tentar estabelecer algum tipo de limite e alguma noção de igualdade. Contudo, como Eisenhower no final do seu período reconhecera, o investimento em armas e meios de defesa não seria suficiente frente ao pensamento teórico e ação prática coesas da URSS. Era necessário um esforço de entendimento

do mundo que apontasse aos EUA como agir em termos de política internacional. Nem a “política de cavalheiros” tentada por Acheson, nem o “anticomunismo estéril” colocado em prática por Foster Dulles, pareciam estar à altura da tarefa.

O Realismo de Carr, Spykman e Niebuhr, apesar de plantarem as bases epistemológicas desta nova forma de pensamento, ainda incorriam em problemas para se adequarem aos objetivos impostos pelas elites norte-americanas. Carr era demasiado permissivo para com a experiência soviética, Spykman não dava atenção suficiente às questões culturais e sociais e Niebuhr questionava essencialmente as formas institucionais americanas, em especial a própria noção de sociedade civil como apta a tomar decisões melhores e melhor informadas a respeito de qualquer assunto. Todas estas ideias precisavam ser refinadas e implementadas num constructo que, além de servir aos interesses das elites tomadoras de decisão (e é por isto que há o esforço tão claro de “Fundações” milionárias a patrocinar pesquisas e seminários em política internacional), precisava replicar a fórmula de sucesso implementada no gigante soviético.

Morgenthau acaba por sintetizar uma teoria que concebesse o meio internacional como um ambiente essencialmente conflitivo, que centrasse suas ferramentas de análise na materialidade do Estado (poder militar, poder financeiro, poder de controle sobre os consensos sociais) e que tivesse no Estado o principal núcleo de análise e o principal agente internacional. Não apenas o campo de Relações Internacionais (e Ciência Política) se organiza nos EUA no exato momento em que se está organizando o campo na URSS, mas a teoria realista replica os pontos essenciais sobre os quais havia se criado um consenso de ação nas teorias soviéticas.

O Realismo, contudo, precisava estar em conformidade com o que as elites decisórias (compostas essencialmente por empresários e agentes da burocracia) julgavam ser o “interesse nacional”. Era necessário diferenciar política externa de política interna tanto para dar margem de ação internacional aos EUA sem a força da crítica moral da sociedade americana. Era também necessário fazer a luta do conceito e da teoria do imperialismo. Não é, pois, sem sentido, que há toda uma teorização estéril sobre o “interesse nacional” entre 1945-1960 com Morgenthau liderando a discussão. O interesse nacional é colocado como essencial para a política externa, mas não é definido. É reificado, mas não é caracterizado. Se torna uma palavra conhecida, defendida, utilizada, mas sem conteúdo real. “Interesse Nacional” era o que a administração do momento dizia ser. Esse espaço mal calculado da teoria vai levar a Morgenthau a ser um dos críticos da política externa no tempo de Kissinger. E quando o faz é afastado dos círculos de poder e retirada a sua legitimidade.

A diferenciação entre política externa e interna permitia que o governo Eisenhower usasse um léxico de “democracia”, “liberdade” e “igualdade” para atacar a URSS e apenas no final da década de 50 tivesse que assentir com o imenso movimento de igualdade racial e social nos EUA. O episódio de Little Rock é de 1957<sup>1165</sup> e vem no exato momento em que a URSS estavam lançando o Sputnik. Esse emaranhado de derrotas e críticas aos EUA precisava ser combatido. O conceito de “totalitarismo” viraria a grande arma a ser usada contra o Estado Soviético na batalha das ideias. A noção de que o mundo internacional é duro, é feio e não segue “regras” permitiria que as notícias sobre as ações norte-americanas para derrubar regimes pelo mundo todo fossem conhecidas e aceitas internamente. Esta noção, contudo, é construída pela introjeção dos pontos de vista da Teoria Realista.

O Realismo levava ao Futuro um meio internacional com pouca possibilidade de mudança. O estruturalismo de Waltz não apenas definia que o Futuro era estático e permaneceria preso no sistema bipolar. O estruturalismo de Waltz cumpria exatamente o papel da noção de “wisdom” de Morgenthau. Ambos, Morgenthau e Waltz, partilham da noção de que política externa (e Relações Internacionais) não poderiam ser deixadas nem ao sabor das decisões coletivas tomadas por políticos, nem das teses “científicas” metrificadas dos pesquisadores behavioristas. Esta dupla exclusão dos sujeitos sociais capazes de serem legitimamente ouvidos dentro do processo decisório da política externa é alcançada tanto pela noção de um conhecimento quase místico que seria detido por alguns que conhecessem um

---

<sup>1165</sup> Em carta para Edward Hazlett Jr, em 22 de julho de 1957, Eisenhower afirma: “Undoubtedly I have written to you a number of times on the subject of “Civil Rights.” I think that no other single event has so disturbed the domestic scene in many years as did the Supreme Court’s decision of 1954 in the school segregation case. That decision and similar ones earlier and later in point of time have interpreted the Constitution in such a fashion as to put heavier responsibilities than before on the Federal government in the matter of assuring to each citizen his guaranteed Constitutional rights. My approach to the many problems has been dictated by several obvious truths: (a) Laws are rarely effective unless they represent the will of the majority. In our prohibition experiment, we even saw local opinion openly and successfully defy Federal authority even though national public opinion then seemed to support the whole theory of prohibition. (b) When emotions are deeply stirred, logic and reason must operate gradually and with consideration for human feelings or we will have a resultant disaster rather than human advancement. (c) School segregation itself was, according to the Supreme Court decision of 1896, completely Constitutional until the reversal of that decision was accomplished in 1954. The decision of 1896 gave a cloak of legality to segregation in all its forms. As a result, the social, economic and political patterns of the South were considered by most whites, especially by those in that region, as not only respectable but completely legal and ethical. (d) After three score years of living under these patterns, it was impossible to expect complete and instant reversal of conduct by mere decision of the Supreme Court. The Court itself recognized this and provided a plan for the desegregation of schools which it believed to be moderate but effective. The plan of the Supreme Court to accomplish integration gradually and sensibly seems to me to provide the only possible answer if we are to consider on the one hand the customs and fears of a great section of our population, and on the other the binding effect that Supreme Court decisions must have on all of us if our form of government is to survive and prosper. Consequently, the plan that I have advanced for Congressional consideration on this touchy matter was conceived in the thought that only moderation in legal compulsions, accompanied by a stepped-up program of education, could bring about the result that every loyal American should seek.” (EISENHOWER, Dwight. **The papers of Dwight David Eisenhower**. v. 18. Baltimore: The John Hopkins Press, 2001. p. 321-322).



misto de história e filosofia (wisdom) de Morgenthau, quanto pela ideia de “leis” estruturais que regem o comportamento dos Estados. Aliás, Morgenthau menciona o mesmo sentido das “leis” como delimitadora do comportamento político internacional sem dar-lhes o nome de “estrutura”, mas empregando o mesmo sentido epistemológico.

Há sim uma redução mais acentuada dos espaços de ação dos sujeitos no Estruturalismo de Waltz do que no Realismo anti-liberal de Morgenthau. Waltz é muito mais categórico em suas fórmulas e teorias e oferece uma apropriação do Futuro de forma muito mais abrangente e convincente do que Morgenthau. Se Morgenthau é a resposta da academia americana aos sucessos soviéticos no pós-segunda guerra, Waltz cumpre o mesmo papel no final dos anos 60 e início dos 70.

As teorias norte-americanas e soviéticas, por compartilharem das mesmas premissas epistemológicas, teóricas e metodológicas de análise acabaram criando um mundo à sua exata semelhança. Nesta dança de concordâncias teóricas, a diferença era lançada ao Futuro. Para os soviéticos o Futuro era a suplantação do capitalismo e para os norte-americanos (realistas) o Futuro era o engessamento do sistema internacional numa estática bipolar. De um lado a mudança impossível de ser parada, de outro um sistema impossível de ser alterado. O Futuro era, assim, TODA a discordância existente na política externa soviética e norte-americana em termos teóricos e metodológicos. E esse Futuro passa a ser o informador das ações do tempo Presente, levando a uma disputa de sentidos tópicos, de termos e de pequenos espaços através de duas teorias que partilhavam de noções epistemológicas comuns.

## 5 ANÁLISES

### 5.1 INTRODUÇÃO

As fontes primárias desse capítulo, majoritariamente, encontram-se relacionadas com o Conselho de Segurança das Nações Unidas desde sua criação até o ano de 1962. Mais precisamente até a reunião número 1000 do dia três de abril de 1962<sup>1166</sup>. Foram trabalhados também os discursos presidenciais (State of the Union) dos presidentes norte-americanos Harry Truman (de 1946 a 1953), Dwight Eisenhower (de 1953 até 1961) e John Kennedy (de 1961 a 1963) todos disponíveis no acervo da presidência dos Estados Unidos da América<sup>1167</sup>. Outras fontes, como discursos soviéticos foram utilizadas sem o cuidado da seriação que o primeiro grupo de fontes oferece e quando aparecerem nas análises serão indicadas individualmente.

O Conselho de Segurança da ONU (CS) gera três tipos diferentes de documentos: (1) as resoluções aprovadas, (2) os rascunhos de resoluções ou propostas de resolução (drafts) e (3) os “Proces-Verbaux Officiels” de cada sessão (S/PV). Cada reunião gera sempre uma transcrição do que foi dito pelos representantes dos países que ficam armazenados nos S/PV disponíveis (quase todos<sup>1168</sup>) no site do Conselho de Segurança em várias línguas<sup>1169</sup>. Nesses documentos acontecem as transcrições das falas de todos os representantes em todas as línguas. Assim, as falas soviéticas são vertidas para o inglês, para o espanhol e outras línguas da mesma forma que o contrário também acontece. Após, existe um processo de checagem de cada país sobre as transcrições e eventuais correções. O conteúdo delas, portanto, minimiza erros de tradução e versão sendo as melhores fontes disponíveis. Foram trabalhadas as manifestações em língua inglesa em função das escolhas metodológicas que serão elucidadas a seguir.

O uso desse material foi feito de forma a oferecer tesses empíricos às conclusões e asserções apresentadas nos capítulos anteriores. Lá, anteriormente, são oferecidos dados e pesquisas com metodologia histórica essencialmente. Nesta última parte serão usadas

---

<sup>1166</sup> Totalizando 22.223 páginas de fontes primária.

<sup>1167</sup> THE AMERICAN PRESIDENCY PROJECT. **Portal**. 2018. Disponível em: <<http://www.presidency.ucsb.edu/>>. Acesso em: 5 jan. 2018.

<sup>1168</sup> Afora as reuniões secretas, que são poucas, existem falhas nos arquivos da ONU. Não há registros das reuniões número 866 (entre 22 e 23 de junho de 1960), 750 (entre 30 e 31 de outubro de 1956), 372 e 373 (entre 22 de outubro e 28 de outubro de 1948), 365 (entre 6 de outubro e 15 de outubro de 1948), 341 e 342 (entre 27 de julho e 02 de agosto de 1948), 324 e 325 (entre 17 de junho e 23 de junho de 1948) e 318 e 319 (entre 10 de junho e 15 de junho de 1948).

<sup>1169</sup> UNITED NATIONS SECURITY COUNCIL. **Meeting records**. 2018. Disponível em: <<http://www.un.org/en/sc/inc/spv.asp>>. Acesso em: 15 fev. 2018.

metodologias quantitativas e qualitativas para oferecer às conclusões essenciais dos outros capítulos com mais proximidade empírica.

Algumas delimitações temporais foram realizadas como a divisão por presidente, tomando-se os dados referentes a Kennedy como um grupo de controle. Essencialmente, argumenta-se no segundo capítulo que nem Truman, nem Eisenhower foram “realistas” em suas políticas e que esta teoria somente veio a se organizar como campo de estudo nos EUA após a Reunião – financiada pela Rockefeller Foundation em 1954. Dean Rusk é o “chairman” da Rockefeller Foundation em 1954 quando abertamente descreve o objetivo da reunião como sendo “para criar o campo teórico de Relações Internacionais”. Durante o governo de Kennedy, Rusk será Secretário de Estado. Assim a hipótese é que se pode ver nas transcrições verbais das reuniões e em outros dados coletados que nem Dean Acheson (Secretário de Estado de Truman na maior parte do tempo), nem Foster Dulles (Secretário de Estado de Eisenhower na maior parte do tempo) instruíram seus comandados a usarem o Realismo como teoria de explicação da política internacional. Além disto, apesar da amostra reduzida do trabalho de Dean Rusk, as fontes históricas sugerem que é ele quem recoloca o Departamento de Estado no centro do processo de tomada de decisão em política externa nos EUA e passa a fazer uso do Realismo como teoria de embasamento para estas decisões.

Do ponto de vista soviético, de 1946 até 1953 temos as manifestações do Conselho de Segurança sob o regime de Stalin e de 1953 até 1960 sob Khrushchev. As fontes históricas sugerem que há menos divergência na política externa soviética do que na norte-americana, uma vez que a própria “coexistência pacífica” já era implementada por Stalin desde o final da Segunda Guerra. Do ponto de vista da importância dada ao Conselho de Segurança pelo bloco soviético, é possível perceber que ele parece maior do que a dada pelos norte-americanos num primeiro momento. Figuras de primeiro escalão soviéticos<sup>1170</sup> são colocadas como responsáveis pela condução das discussões.

De parte dos norte-americanos, quando figuras de semelhante status surgem nas reuniões são para manifestações esporádicas como Edward Stettinius<sup>1171</sup> e James Byrnes<sup>1172</sup>. Enquanto as grandes figuras soviéticas são colocadas em tempo integral (Gromyko, por exemplo, esteve presente em todas as reuniões entre 1946 e 1948 e Vyshinsky vai fazer o mesmo em 1946 e 1947 e depois retorna em 1953), os nomes americanos são, na quase

---

<sup>1170</sup> Como Andrey Vyshinsky, promotor de acusação nos processos de Moscou, Andrei Gromiko, presidente do Politburo soviético entre 1983 e 1985, ministro das relações exteriores soviético entre 1957 e 1985,

<sup>1171</sup> Secretário de Estado entre 1944 e 1945.

<sup>1172</sup> Secretário de Estado entre 1945 e 1947.

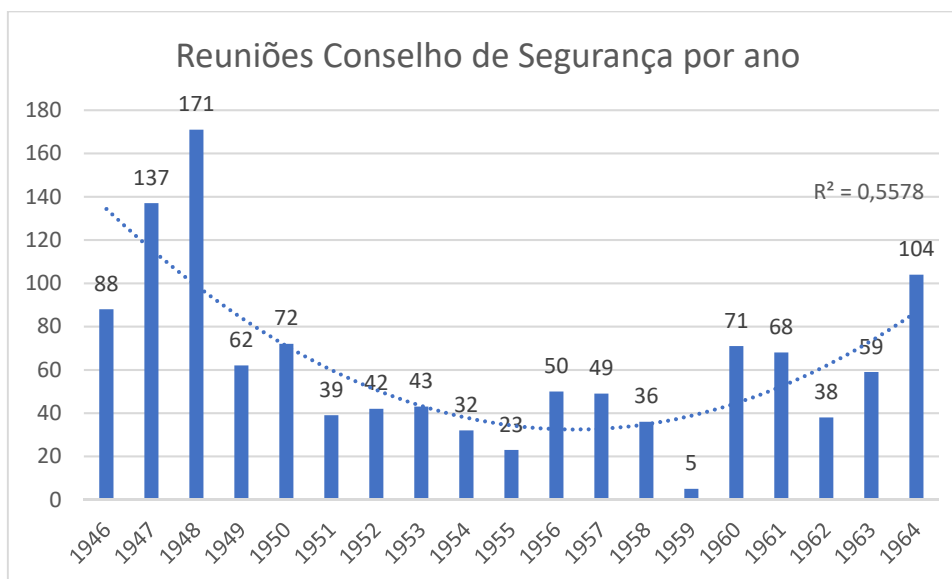
totalidade das vezes, representantes de menor importância. John Foster Dulles vai pessoalmente manifestar-se na questão de Suez (outubro de 1956) e Molotov vai manifesta-se em uma única sessão em outubro de 1946.

Há no CS também uma vontade de os poderes médios (Inglaterra e França especialmente) de fazerem a instituição funcionar. Muitas vezes, em momentos de acirrada tensão, como na Guerra da Coreia ou na Crise de Suez, esses países colocam em discussão pautas insolúveis (como a questão da Palestina ou a questão da Caxemira) apenas para fazer o CS continuar funcionando de forma corrente, mesmo quando as grandes potências pareciam perder o interesse pela instituição. Em realidade, o CS começa suas reuniões em Londres, de 17 de janeiro de 1946 (a primeira sessão) até 16 de fevereiro do mesmo ano, quando se transferiria para Nova Iorque. As reuniões do CS só voltariam a ser realizadas no velho continente em 16 de setembro de 1948, já em vias de negociação do Plano Marshall. As reuniões ficariam em Paris até o final de 1948 quando retornariam a Nova Iorque para não mais sair de lá.

Apenas 50 das 1000 primeiras reuniões são marcadas como “secretas”, o que nos oferece um total de 5%. Tal número joga contra a tese de que grande parte das negociações do CS eram tomadas a portas fechadas. Em que pese que tais reuniões secretas se dão após momentos de grande tensão entre EUA e URSS<sup>1173</sup> (dentro ou fora do CS), elas não ocorrem em número nem em momentos-chave suficientes para terem efetivamente um poder sobre a organização do CS que transcorre, majoritariamente, como uma instituição aberta. Além do mais, reuniões secretas apenas entre EUA e URSS eram vistas com desconfiança pelos outros países membros, especialmente a Inglaterra e os as recordações memoriais dos participantes dão conta que os resultados destas reuniões não são produtivos por falta completa de capacidade de compreensão entre as partes.

---

<sup>1173</sup> Como, por exemplo, um bloco de oito reuniões secretas entre 12 de setembro de 1950 e 30 de outubro de 1950, no início da Guerra da Coreia e outro bloco de sete sessões entre 11 de março de 1953 e 12 de agosto do mesmo ano, no início do governo Eisenhower, provavelmente para tratar dos acordos de paz da Guerra da Coreia que são de 27 de julho de 1953. Há ainda um terceiro bloco de sessões secretas entre 6 de setembro de 1956 e 12 de outubro de 1956 com quatro sessões para tratar da Crise de Suez.

**Gráfico 2 - Reuniões do conselho de segurança por ano de 1946-1964**

Fonte: Elaborado pelo autor, 2018

Pode-se perceber que o número de reuniões secretas é pequeno, mas é pronunciadamente maior no período Eisenhower (de 1953 a 1961) se comparado com o número total de reuniões. Mais ainda, os dados apontam para um período grande de depressão do número de reuniões exatamente durante o tempo que Foster Dulles foi secretário de Estado, com recuperação após seu falecimento, em 24 de maio de 1959. Esta informação é um forte indício da ideia de diferença entre as políticas de Acheson e Dulles, contribuindo para o argumento de que Acheson implementou um “gentlemen agreement” quando em relacionamento com a URSS, enquanto Dulles fechou os canais de comunicação. Mesmo durante a Guerra da Coreia, no período Truman, o número de reuniões é maior do que nos momentos de paz do governo Eisenhower.

Todas as grandes discussões políticas do período se encontram representadas no CS, desde a negociação para a retirada das tropas soviéticas do Irã em 1946, passando pela Guerra da Coreia, a crise de Suez, a intervenção no Congo e chegando até Cuba em 1961. Sente-se falta de alguns assuntos-chave como a retirada de Jacobo Arbenz da Guatemala em 1954 ou a Revolução Cubana em 1959. De fato, enquanto a Europa Oriental é parte constante nas discussões sobre “zona de influência” soviética no CS, a América Latina não é citada até o momento em que Cuba se aproxima das influências soviéticas em julho de 1960. Se não se pode afirmar que o CS não é representativo em suas discussões da história dos primeiros anos após a guerra, há que se ressaltar que existem áreas que os EUA não permitem sequer as discussões, como a América Latina.

## 5.2 O CONSELHO DE SEGURANÇA

O Conselho de Segurança é parte essencial do sistema ONU e é “*widely seen as constituting that ‘proper authority’*”<sup>1174</sup>, nas palavras de Vaughan Lowen e Adam Roberts. Pelos artigos 24 e 25 da Carta da ONU, fica claro que o CS/ONU é a instância efetiva da ação internacional:

ARTIGO 24 - 1. A fim de assegurar pronta e eficaz ação por parte das Nações Unidas, seus Membros conferem ao Conselho de Segurança a principal responsabilidade na manutenção da paz e da segurança internacionais e concordam em que no cumprimento dos deveres impostos por essa responsabilidade o Conselho de Segurança aja em nome deles.

ARTIGO 25 - Os Membros das Nações Unidas concordam em aceitar e executar as decisões do Conselho de Segurança, de acordo com a presente Carta<sup>1175</sup>.

Além do poder institucionalmente legado pela Carta, o CS/ONU é instância legítima da ação internacional, especialmente pela presença dos chamados “membros permanentes” (EUA, Inglaterra, França, China e URSS)<sup>1176</sup>:

In practice, the success of the Security Council often depends less on its capacity to employ its collective military or economic strength than on its ability to gain recognition as the body with the legitimate authority to take a particular action on a particular matter<sup>1177</sup>.

Até 1965, o Conselho era composto por onze membros, sendo cinco permanentes e seis temporários escolhidos por sua geografia para mandato de dois anos<sup>1178</sup>. Desde o início de sua existência, contudo, o CS/ONU sempre manteve uma sobrerrepresentação do mundo capitalista<sup>1179</sup>. Basta dizer, por exemplo, que até 1971 a cadeira da China era usada pelo governo de Taiwan. Com esta situação, até 1965 eram necessários 2/3 de votos afirmativos para que uma decisão fosse tomada pelo CS/ONU. Isto significava sete votos e nenhum voto negativo dos cinco membros permanentes. Não havia qualquer necessidade dos EUA usarem o veto, já

<sup>1174</sup> LOWE, Vaughan *et al.* **The united nations security council and war: the evolution of thought and practice since 1945**. New York: Oxford, 2008. p. 26.

<sup>1175</sup> Carta da ONU (UNITED NATIONS. **Charter of the United Nations**. The Um Charter. 1945. Disponível em: <http://www.un.org/en/charter-united-nations/>>. Acesso em: 3 mar. 2018).

<sup>1176</sup> “Thus, even if according to formal calculations the voting power of elected members is small” (LOWE, Vaughan *et al.* **The united nations security council and war: the evolution of thought and practice since 1945**. New York: Oxford, 2008. p. 139).

<sup>1177</sup> CRONIN, Bruce; HURD, Ian. **The UN security council and the politics of international authority**. New York: Routledge, 2008. p. 3.

<sup>1178</sup> Hoje são 15 membros.

<sup>1179</sup> Conforme pode ser visto em lista no apêndice 2.

que dentro do processo de representação nenhuma resolução patrocinada pela URSS teve sete votos favoráveis.

“The US, the UK, and France have been dominant in shaping Council policy since the end of the Cold War, despite Russia’s and China’s veto power and their often diverging interests”<sup>1180</sup>.

Atualmente, o CS/ONU conta com três cadeiras para serem ocupadas por países africanos, três para asiáticos, dois para a Europa Oriental, dois assentos destinados a países latino-americanos cinco para Europa Ocidental, Canadá, Nova Zelândia, e Austrália.

### 5.3 SOBRE A METODOLOGIA

A análise do discurso se presta a buscar as bases sobre as quais se assentam as concepções humanas a respeito dos tempos e, mais ainda, a respeito de suas ações, compreensões, retenções e protensões (no sentido de Husserl)<sup>1181</sup>. Não há como se acessar o Passado ou o Futuro senão por meio do discurso. Ainda que se fale especificamente no Presente, tempo em que as ações materiais convivem lado a lado com os discursos e podem com esses mesclarem-se de formas diversas, é somente a partir de um entendimento mínimo de sua realidade que o sujeito pode efetivamente agir.

A língua propriamente dita pode ser definida pelo concurso de dois processos fundamentais: a articulação, ou segmentação, que produz unidades (é a forma, segundo Benveniste), a integração que recolhe estas unidades em unidades de um nível superior (é o sentido). Esse duplo processo se reencontra na língua da narrativa; ela também conhece uma articulação e uma integração, uma forma e uma significação<sup>1182</sup>.

Esse trabalho faz uso dos discursos vindos de diversas fontes, tanto discursos oficiais como os “State of the Union” dos presidentes norte-americanos, como as transcrições das discussões do Conselho de Segurança e discursos provenientes da antiga URSS. Toma o discurso como portador de uma visão de mundo que é compartilhada entre o sujeito que o emana e a estrutura política que ele representa. Sejam presidentes, diplomatas, secretários ou outros

<sup>1180</sup> KRISCH, Nico. *Great Powers and the Council*. In: LOWE, Vaughan *et al.* **The united nations security council and war: the evolution thought and practice since 1945**. New York: Oxford University Press, 2008. p. 141.

<sup>1181</sup> “A linguística oferece desde o princípio à análise estrutural da narrativa um conceito decisivo, porque, dando-se conta imediatamente do que é essencial em todo o sistema de significação, a saber sua organização, permite por sua vez aplicar como uma narrativa não é uma simples soma de proposições e classificar a massa enorme de elementos que entram na composição de uma narrativa. Esse é o conceito de nível de descrição” (BARTHES, Roland. **Introdução à análise estrutural da narrativa**. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 25).

<sup>1182</sup> BARTHES, Roland. **Introdução à análise estrutural da narrativa**. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 55.

indivíduos que essejam representando estruturas de poder, é preciso reconhecer que o sujeito não se despe de sua concepção de mundo para representar o que ou quem quer que seja. Há uma fusão entre o sujeito e o papel que ele representa dentro das hierarquias de Estado, fusão que não permite em muitos casos uma diferenciação clara, mas nem por isto pode-se descartar o dado como não significativo.

A técnica de nuvens conceituais é feita tomando-se a transcrição literal dos discursos e então separando-se as palavras mais utilizadas dentro do texto<sup>1183</sup>. Por certo, eliminam-se palavras com menos de três letras e há o agrupamento das palavras pelo seu radical em língua inglesa. Assim, “dance”, “dancing” e “dancers”, por exemplo serão agrupadas dentro da palavra de maior uso, surgindo na representação gráfica com fonte tanto maior quanto maior o número de repetições. Em seguida, as palavras mais utilizadas são dispostas graficamente seguindo a linha discursiva apresentada no texto original de cima para baixo e da esquerda para a direita. Palavras apresentadas próximas foram utilizadas pelo autor em mesmos grupos de sentido e, da mesma forma, palavras apresentadas com cores iguais representam também as formas de argumentação utilizadas pelo autor.

O algoritmo de montagem do gráfico obedece, pois, a dois vetores: um espacial descrito através de uma “representação geométrica em retângulos” conhecida como “CROWN”<sup>1184</sup> e outro por coloração relacionando os grupos de palavras conforme dispostos pelo autor<sup>1185</sup>. Palavras com cores secundárias (laranja, roxa, marrom e etc.) são usadas pelos dois (ou três) grupos de cores primárias que lhe dão origem.

---

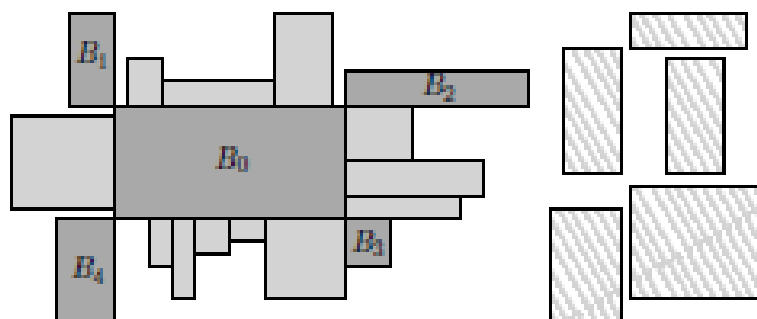
<sup>1183</sup> Programa disponibilizado pela University of Arizona em <http://wordcloud.cs.arizona.edu/>

<sup>1184</sup> Contact Representation of Word Networks

<sup>1185</sup> Esta técnica é chamada de “semantic-preserving word cloud problem” e “context-preserving word cloud visualization”: “Word clouds and tag clouds are often used to visually summarize text. The practical tool, Wordle [25], with its high-quality design, graphics, style and functionality popularized word cloud visualizations as an appealing way to summarize the content of a webpage, a research paper, or a political speech. While tools like this are popular [14, 21, 26], most of them, including Wordle itself, have a potential shortcoming: They do not visualize the relationships between the words in any way, as the placement of the words is completely independent of their context. At the same time, someone looking at a word cloud can not help but perceive two words that are placed next to each other as being related in some way; see Fig. 1(a). While some of the more recent word cloud visualization tools aim to incorporate semantics in the layout [4, 13, 18, 27], none provide any guarantees about the quality of the layout in terms of semantics. The semantic-preserving word cloud problem is related to classic graph layout problems [12, 23], where the goal is to draw graphs so that vertex labels are readable and Euclidean distances between pairs of vertices are proportional to the underlying graph distance between them. Typically, vertices are treated as points and label overlap removal is a post-processing step [5, 10, 11].” (BARTH, Lukas; KOBOUROV, Stephen; PUPYREV, Sergey. An experimental study of algorithms for semantics-preserving word cloud layout. **Symposium on Experimental algorithms**, p. 247-258. 2014. p. 1).



**Figura 23 - Representação CROWN para palavras dispostas ao redor do termo  $B_0$**



Fonte: BARTH<sup>1186</sup>

Assim, a título de visualização, um telegrama de Stalin para o embaixador soviético em Praga (Klement Gottwald), enviado em 27 de agosto de 1950<sup>1187</sup> cujo texto é:

We view the issue of the Soviet Union's withdrawal from the Security Council on 27 June and the events which unfolded afterwards somewhat differently from Comrade Gottwald.

We left the Security Council for four reasons: first, to demonstrate solidarity of the Soviet Union with the new China.

Second, to underscore the foolishness and idiocy of the United States policy of recognizing the Kuomintang puppet in the Security Council as the representative of China and not wanting to admit the genuine representative of China to the Security Council; third, to render decisions of the Security Council illegitimate by virtue of the absence of representatives of two great powers; fourth, to give the American government a free hand and give it an opportunity to commit more foolishness using a majority in the Security Council so that public opinion can see the true face of the American government.

I believe that we have achieved all of these goals.

Following our withdrawal from the Security Council, America became entangled in a military intervention in Korea and is now squandering its military prestige and moral authority. Few honest people can now doubt that America is now acting as an aggressor and tyrant in Korea and that it is not as militarily powerful as it claims to be. In addition, it is clear that the United States of America is presently distracted from Europe in the Far East. Does it not give us an advantage in the global balance of power? It undoubtedly does.

Let us suppose that American government continues to be tied down in the Far East and also pulls China into the struggle for the freedom of Korea and its own independence. What might come of this?

First, America, just like any other country, cannot cope with China, a country with such large armed forces at the ready. It follows that America would overextend itself in this struggle. Second, having overextended itself in this matter, America would be incapable of a third world war in the near future. Therefore, a third world war would

<sup>1186</sup> Representação CROWN para palavras dispostas ao redor do termo  $B_0$  BARTH, Lukas *et al.* Semantic word cloud representations: hardness and approximation algorithms. **Latin American Theoretical Informatics**, p. 514-525. 2013. p. 6.

<sup>1187</sup> LEDOVSKII, Andrei. Stalin, Mao Tesdunh I Koreiskaia Voina 1950-1953. **Novaia I Noveishaia Istorii**, v. 79, p. 79-113. 2005.

be postponed for an indeterminate period, which would provide the time necessary to strengthen socialism in Europe, not to mention that the struggle between America and China would revolutionize the entire Far East. Does all this not give us an advantage from the perspective of the global balance of power? It unquestionably does.

As you can see, the question of whether or not the Soviet Union participates in the Security Council is not as simple as it might appear at first glance.

By virtue of all this, we cannot say that “the democratic camp has no need to leave the Security Council.” Whether we leave or stay depends on the circumstances. We might leave the Security Council again and come back once again, depending on the international situation.

One might ask why we have now returned to the Security Council. We have returned to continue exposing the aggressive policy of the American government and to prevent it from using the flag of the Security Council as a smokescreen for its aggression. Now that America has become aggressively involved in Korea, it will be very easy to achieve this goal while in the Security Council. I think that this is clear and needs no further explanation.

Surge em uma representação gráfica usando-se as dez mais utilizadas palavras como:

**Figura 24 - Nuvem conceitual do telegrama de Stalin para embaixador soviético em 1950**



Fonte: Elaborado pelo autor, 2018

A representação permite facilmente perceber o eixo central do entendimento de Stalin ligando o conflito da Korea a “policy” e “power” que redundam em “security”.

Sobre o mesmo tema, no mesmo período o ex-secretário de Estado dos EUA, Cordell Hull, escreveu comunicação ao Conselho de Segurança<sup>1188</sup> com texto:

June 26 is a date that should be always remembered by the people of the entire world. This year it marks the fifth anniversary of the signing of the Charter of the United Nations, a document which embodies the ideas of many men of many lands. No other international document was ever given so much thought by so many people for such a long period of time.

The Charter of the United Nations has taken its place beside the English Magna Carta and the American Declaration of Independence as one of the finest expressions of human aspirations of all time. Its provisions express the hopes of men everywhere: peace, security, justice, self-determination of peoples, higher standards of living, economic progress and development, human rights and fundamental freedoms.

<sup>1188</sup> UNITED NATIONS SECURITY COUNCIL. **SPV 477, de 25 de julho de 1950**. p. 11. Disponível em: <<http://www.un.org/en/sc/inc/spv.asp>>. Acesso em: 29 nov. 2017.

Despite immense difficulties, the United Nations has, during the past five years, moved slowly toward the realization of these principles. It has already made a solid contribution to international peace and stability. But waging peace is an endless process that requires vigilance day in and day out, year in and year out.

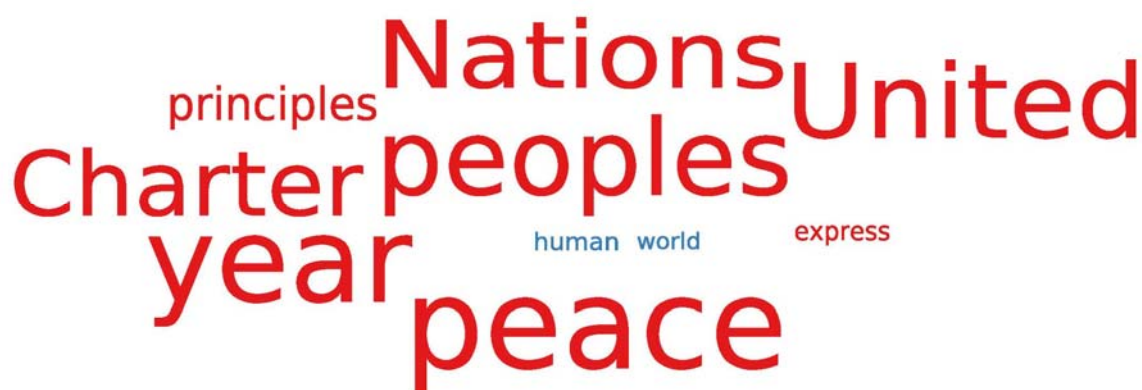
We must not be discouraged if in five years we have not moved further and faster in advancing the principles of the Charter. These principles are goals toward which mankind must work through the years, through the centuries. They must be the central rallying point of all our efforts if our hopes for a better world are not to be in vain.

On this anniversary, let the peoples of the world dedicate themselves anew to peace, security, freedom and justice, and to unceasing labors toward their attainment. Let history record that "he of this generation who had the vision to set forth the noble principles of the United Nations Charter, had also the courage to make mighty advances toward their realization.

We live in a perilous age. Failure to meet our responsibilities could have tragic consequences to civilization. But catastrophe is avoidable if we act calmly, persistently and intelligently. Of us are required steadfastness of purpose, faith, confidence, strength and a spirit of sacrifice. Mankind has passed through many crises during the ages and has always emerged triumphant.

E cuja representação gráfica ocorre, pela utilização do mesmo algoritmo, como:

**Figura 25 - Nuvem conceitual do discurso de Cordell Hull no CS/ONU em 1950**



Fonte: Elaborado pelo autor, 2018

Ainda que os destinatários das mensagens sejam diferentes (uma aberta para meios diplomáticos e outra secreta para comunicação com diplomatas próprios), é possível ver a imensa diferença de percepção entre Stalin e Hull sobre o mesmo assunto. Na mensagem de Hull a ideia de “poder” e “segurança” é substituída pelas noções de “principles” das “United Nations” em busca pela “peace”. Ambos falam da mesma guerra, falam a partir de locais sociais e políticos diferentes e nos mesmos períodos, mas a forma como se esforçam para serem compreendidos pelos seus interlocutores expressa uma diferença de percepção da política interacional que guarda similaridade com a crítica feita nos capítulos anteriores por Morgenthau, Carr e outros ao “idealismo” de Hull, e, indiscutivelmente, mostra o “realismo” de Stalin.

Para textos curtos foram usados grupos de 10 palavras apenas. Em textos longos, como no caso dos discursos dos presidentes norte-americanos, “State of the Union”, foram usadas representações gráficas de 100 palavras em função da necessidade de percepção de conjunto em textos longos (com mais de 20 páginas).

Em 9 de outubro de 1956<sup>1189</sup>, numa das raríssimas vezes em que Secretários de Estado dos EUA se manifestaram pessoalmente no Conselho de Segurança, Foster Dulles proferiu um discurso sobre a Questão do Canal de Suez que pode ser sumarizado como:

**Figura 26 - Nuvem conceitual Foster Dulles no CS/ONU em 9/10/1956**



Fonte: Elaborado pelo autor, 2018

No gráfico, é possível perceber a ênfase na ideia de “United”, grafado em roxo (informando que faz parte tanto do grupo de sentidos azul (convention, government, council e law) quanto do grupo vermelho. No caso, Dulles pede uma solução (solution) que depende de um acordo que passa pela noção de representatividade dentro do Conselho e pelo alinhamento com as convenções internacionais (convention) a respeito do tema (bloco de sentidos verde). A ênfase, portanto, é numa proposta de acordo que obedeça às leis existentes e que seja chancelado pelo Conselho de Segurança.

Sobre o mesmo tema, o representante soviético, Dmitri Shepilov, apresenta no dia anterior (08/10/1956) um intrincado discurso<sup>1190</sup> cuja representação é dada por:

<sup>1189</sup> UNITED NATIONS SECURITY COUNCIL. **SPV 738, de 9 de outubro de 1956**. p. 6-12. Disponível em: <<http://www.un.org/en/sc/inc/spv.asp>>. Acesso em: 14 nov. 2017.

<sup>1190</sup> UNITED NATIONS SECURITY COUNCIL. **SPV 736, de 8 de outubro de 1956**. p. 13-26. Disponível em: <<http://www.un.org/en/sc/inc/spv.asp>>. Acesso em: 14 dez. 2017.

Figura 27 - Nuvem conceitual Dmitri Shepilov (representante soviético) CS/ONU 8/10/1956



Fonte: Elaborado pelo autor, 2018

É importante que se percebam as diferenças. Enquanto para Dulles a essência da solução estava na “legalidade institucional”, para Shepilov passava pelas noções de “equality” e “users” e deveria vir através de “negotiations”. Shepilov não invoca qualquer noção de leis ou tratados, mas enfatiza a necessidade de se atender aos interesses dos usuários. O termo “Suez”, vindo em uma linha argumentativa diferente de todo o resto (verde), demonstra que, na argumentação de Shepilov, o local geográfico da disputa (o Canal de Suez) não empresta noção de singularidade aos argumentos soviéticos. Em ambos os casos, Dulles e Shepilov, fica clara a noção de que a questão representava um “security problem” e que deveria ser mediado pelo “(Security) Council” e de forma “peaceful”. Contudo, a diferença dos dois textos está no caminho que ambos usam para justificar suas soluções. Para Dulles é uma questão legal a ser decidida por acordo das grandes potências do Conselho de Segurança, enquanto que para Shepilov a função do Conselho é meramente de mediação e a solução deveria vir de negociações pacíficas entre os usuários do canal e o Egito.

Esses exemplos ajudam a compreender a eficácia da técnica das “nuvens conceituais” para demonstrar diferenças sensíveis de posição e de julgamento dos sujeitos sobre os mesmos temas, mesmos momentos em política internacional.

#### 5.4 METODOLOGIA QUANTITATIVA: O QUE SE VÊ?

A primeira consideração que se deve fazer é quanto à relação entre o comportamento dos sujeitos dentro do Conselho de Segurança relacionando-se as reuniões e as resoluções aprovadas.

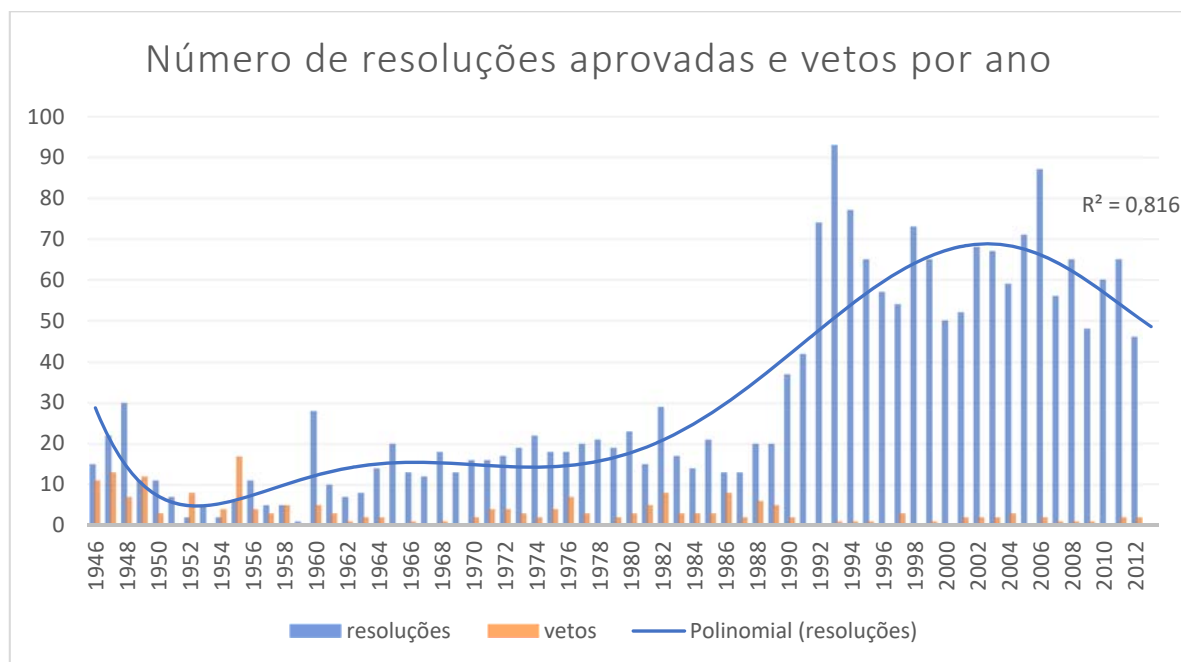
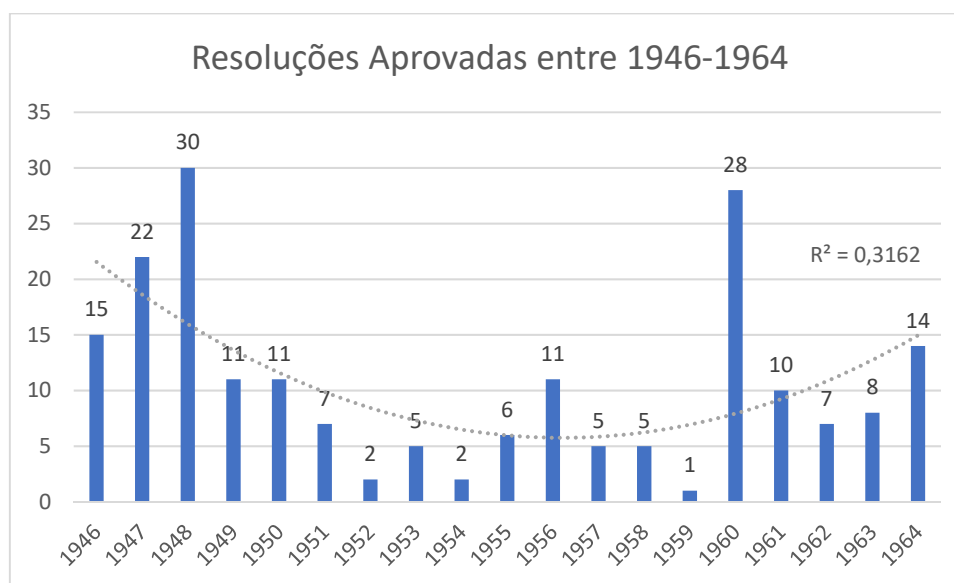
Gráfico 3 - Padrão de Resoluções aprovadas e vetadas por ano até 2012<sup>1191</sup>

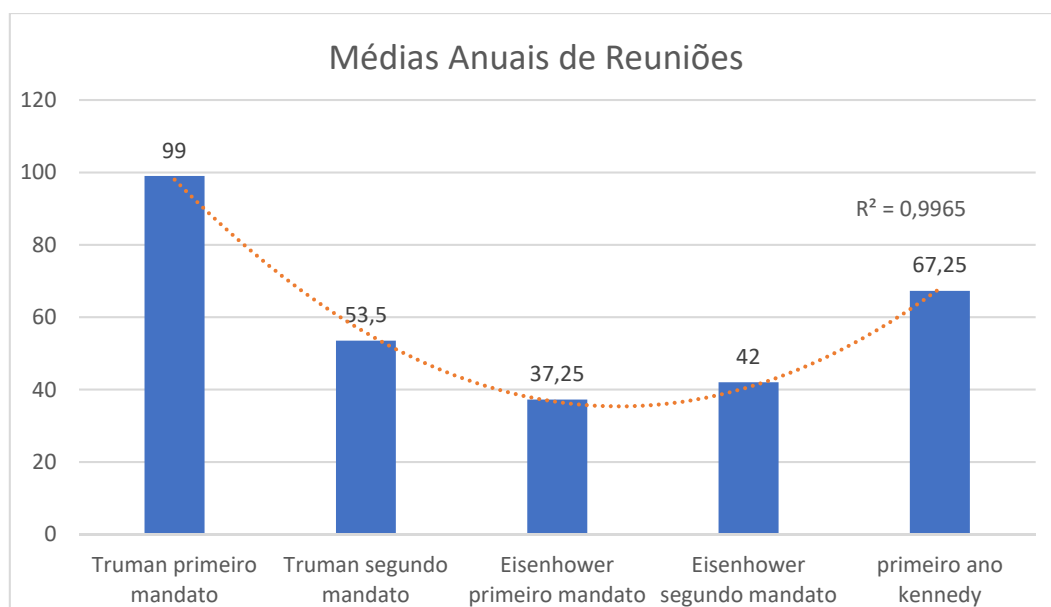
Gráfico 4 - Resoluções Aprovadas entre 1946-1964



<sup>1191</sup> HORTA, Luiz Fernando Castelo Branco Rebelo. **Guerra fria e bipolaridade no conselho de segurança das Nações Unidas: entre conflitos e consensos**. 2013. 124 f. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) – Universidade Federal de Brasília, Instituto de Relações Internacionais, Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais, Brasília, 2013. p. 87.

A comparação entre as figuras 1 (reuniões do Conselho de Segurança entre 1946-1964) e 4 (Resoluções Aprovadas entre 1946-1964) mostram o mesmo padrão de inflexão dos anos de Eisenhower e Dulles (1953-1959) com ênfase ao aumento de resoluções aprovadas logo após a morte de Foster Dulles (24/05/1959), o que demonstram o nível de personalismo da política externa norte-americana durante o período em que Dulles esteve como Secretário de Estado. Após o falecimento de Dulles, o padrão tanto das reuniões quanto das resoluções aprovadas segue ascendente, mesmo com a Crise dos Mísseis (outubro 1962) e o assassinato de Kennedy (22/11/1963).

**Gráfico 5 - Média anual de reuniões no CS/ONU por mandato de presidente dos EUA**



Fonte: Elaborado pelo autor, 2018

Outro ponto importante, que pode ser visto a partir das análises quantitativas, é o elevado grau de especialização dos representantes que dos três países (EUA, URSS e Inglaterra) dentro do Conselho de Segurança. Em mais de quinze anos de funcionamento do Conselho, entre 1946 e 1962, apenas quatro diplomatas de cada país foram responsáveis por mais de 80% das manifestações. Mesmo com os respectivos corpos diplomáticos sendo, durante o período, reformulados e profissionalizados, tanto EUA quanto URSS no mesmo período, os governos apoiaram-se na expertise das mesmas pessoas quando se tratava de participações e manifestações (discussões) no Conselho de Segurança. As eventuais discrepâncias entre os comportamentos políticos medidos nos períodos são, portanto, de total responsabilidade das mudanças de governo, já que os aparatos diplomáticos se mantiveram os mesmos.



**Gráfico 6 - Número de manifestações por representante dos EUA no CS/ONU de 1946-1962**

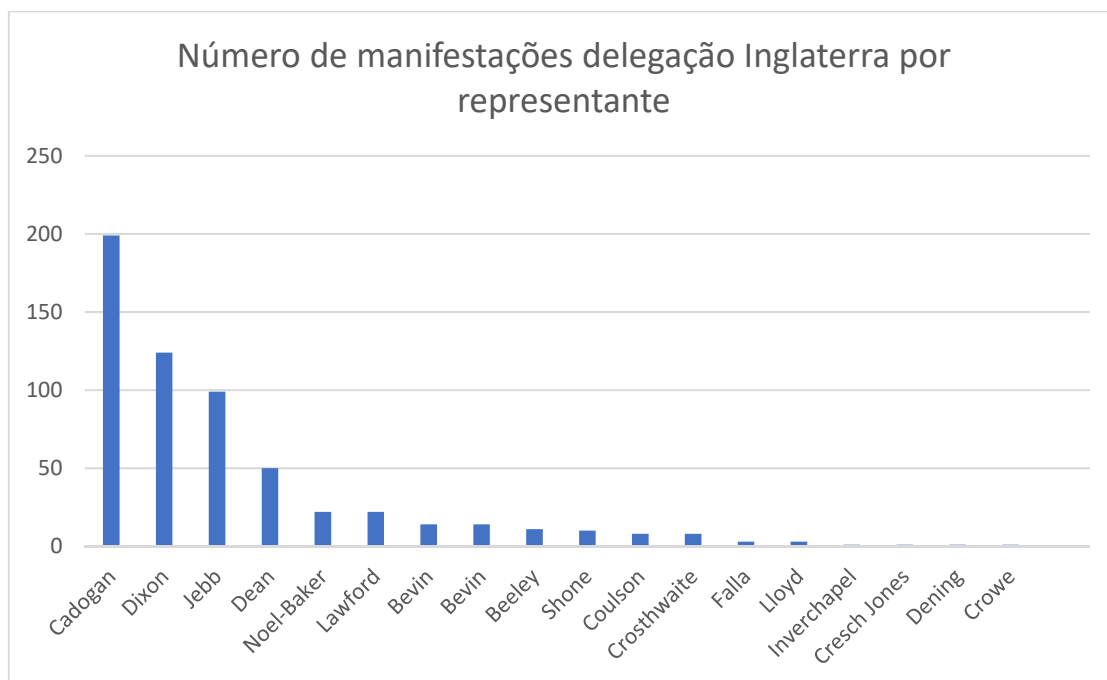
Fonte: Elaborado pelo autor, 2018

**Gráfico 7 - Número de manifestações por indivíduo no CS/ONU da URSS entre 1946-1962**

Fonte: Elaborado pelo autor, 2018



Gráfico 8 - Número de manifestações inglesas por indivíduo de 1946-1962



Fonte: Elaborado pelo autor, 2018

Ilya Gaiduk, estudando o Conselho de Segurança, afirma que “in the long run, it [the enhancement of public and opened discussions] led to the eventual conversion of the international organization [Security Council] largely into an instrument with which the great powers fought their own political warfare against each other”<sup>1192</sup>. Para o autor, os debates no Conselho de Segurança eram uma “vitrine” para as lutas políticas da Guerra Fria<sup>1193</sup>. Mais do que simples deliberações, o Conselho de Segurança era usado como campo de batalha.

Nesse sentido, tomando-se o conceito estrutural de bipolaridade (dado por Waltz), que afirma que a característica do período é “[...] the nearly constant presence of pressure and the recurrence of crises”<sup>1194</sup>, seria de se esperar que se encontrasse inúmeras batalhas verbais dentro do Conselho de Segurança. Não apenas pela questão da possibilidade política em fazer seus (dos Estados) interesses serem atendidos, mas também para aumentar os custos das ações

<sup>1192</sup> GAIDUK, Ilya. **Divided together**: The united states and the soviet union in the united nations, 1945-1965. Washington: Woodrow Wilson Center Press, 2012. p. 70.

<sup>1193</sup> Para uma posição diferente embora antiga, que argumenta que o Conselho de Segurança não tratou de “questões relevantes” (substantive political issues) até 1965 veja-se Bennett (BENNETT, A. Leroy. the rejuvenation of the security council - Evidence and reality. **Midwest Journal of Political Science**, p. 361-375. 1965), especialmente a tabela II (página 364) onde o autor afirma que a partir de 1950 caem a níveis de, por exemplo, apenas 11% das sessões cujos assuntos eram “relevantes”. O autor também mostra a alienação do período Dulles, em mencionar nomes, mas afirma que teria se iniciado ainda com Truman.

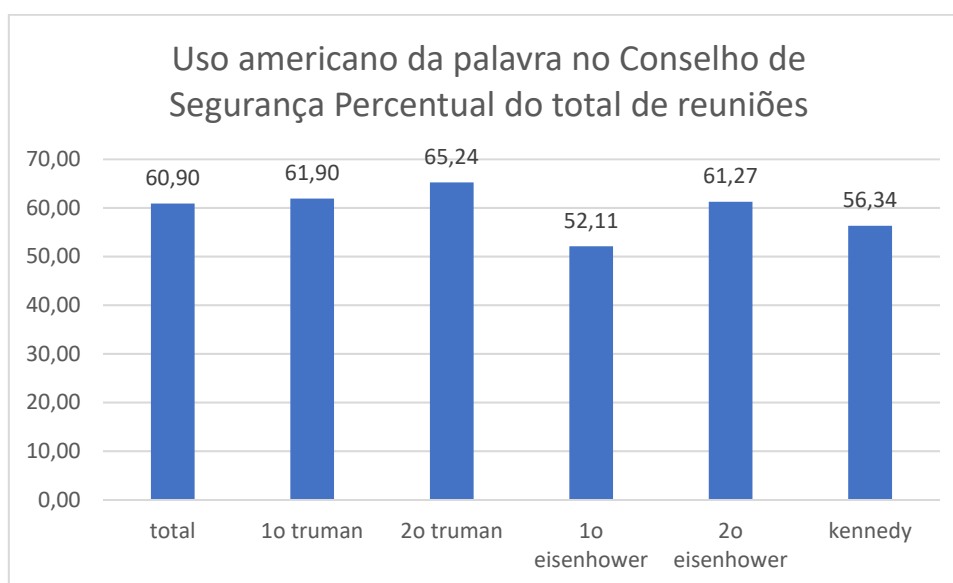
<sup>1194</sup> WALTZ, Kenneth. The stability of a bipolar world. **American Academy of Art & Sciences**, v. 93, n. 3, p. 881-909, summer. 1964. p. 883.

políticas dos adversários mediante denúncia e descortinamento das “reais intenções” por detrás das manobras retóricas.

As evidências, no entanto, não parecem mostrar que existe esse comportamento para todas as questões ao redor do globo. De fato, apenas em 61% das reuniões do Conselho de Segurança os EUA tomaram a palavra, contra cerca de 63% das vezes dos soviéticos e 58% dos ingleses. Em mais de 40% das sessões, os três membros permanentes acharam por bem não intervir nas discussões.

Também aqui é possível ver a atuação de Foster Dulles no sentido de boicotar as instituições internacionais, sendo que o primeiro governo Eisenhower, além de ter o menor número de reuniões, com o menor número de resoluções aprovadas é o momento em que os EUA menos usam a palavra dentro do Conselho<sup>1195</sup>.

**Gráfico 9 - Percentual de reuniões do CS/ONU em que os EUA usaram a palavra**

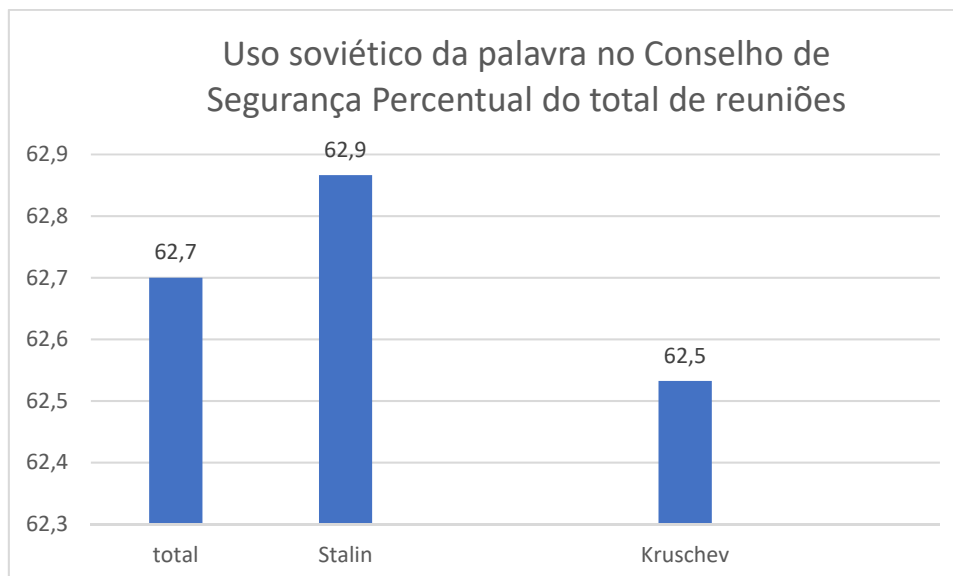


Fonte: Elaborado pelo autor, 2018

Os números soviéticos revelam uma impressionante simetria entre o período de Stalin e de Khrushchev. Ambos os líderes mantiveram um percentual próximo aos 63% de reuniões em que seus representantes fizeram uso da palavra. Tal dado é um indício de que a política externa soviética era muito mais homogênea do que se poderia supor e corrobora a ideia de que durante o período Stalin e o período Khrushchev uma mesma ideia de política externa desse presente.

**Gráfico 10 - Percentual do total de reuniões que a URSS usou a palavra.**

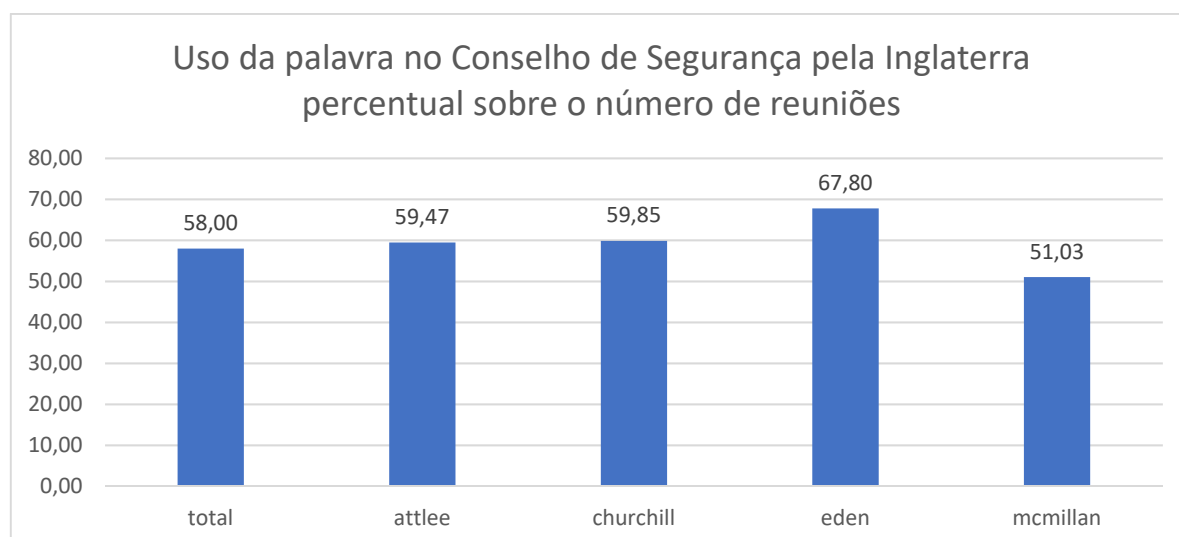
<sup>1195</sup> Os dados sobre o período Kennedy vão apenas até o início de 1962. Ainda assim, os números indicam uma maior exposição retórica do que com Dulles.



Fonte: Elaborado pelo autor, 2018

Os dados para o caso inglês mostram um evidente esforço de deliberação durante o período do primeiro ministro do partido conservador Anthony Eden (7 de abril de 1955 até 9 de janeiro de 1957).

**Gráfico 11 - Percentual do número de vezes que Inglaterra usou a palavra no CS/ONU**

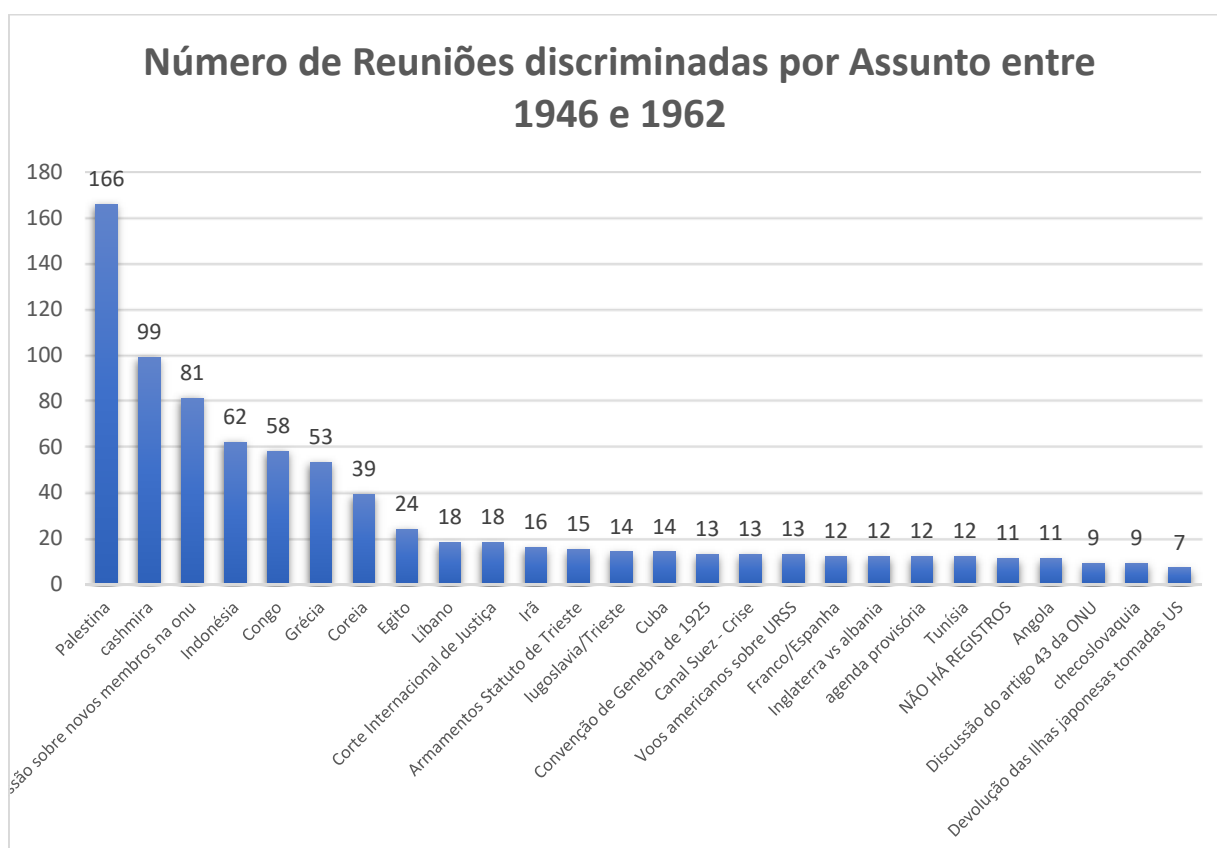


Fonte: Elaborado pelo autor, 2018

A ideia de uma Guerra Fria que se reverse como uma tensão sobre todo o globo colocando em oposição EUA e URSS fica enfraquecida com os números acima e ainda mais insustentável quando tomados os dados do Conselho de Segurança por assunto em cada reunião. Se, em um ambiente como o definido por Waltz em que “[...] does not mean that either power

can exert a positive control everywhere in the world, but each has global interests which it can care for unaided, though help may often be desirable”<sup>1196</sup>, soa estranho que em 40% das seções os principais agentes decidam não usar a palavra, a noção de uma Guerra Fria abrangente no tempo e no espaço se torna insustentável quando avaliados os dados do Conselho de Segurança organizados por tópico de cada reunião:

Gráfico 12 - Gráfico número de reuniões do CS/ONU 1946-1962



Fonte: Elaborado pelo autor, 2018

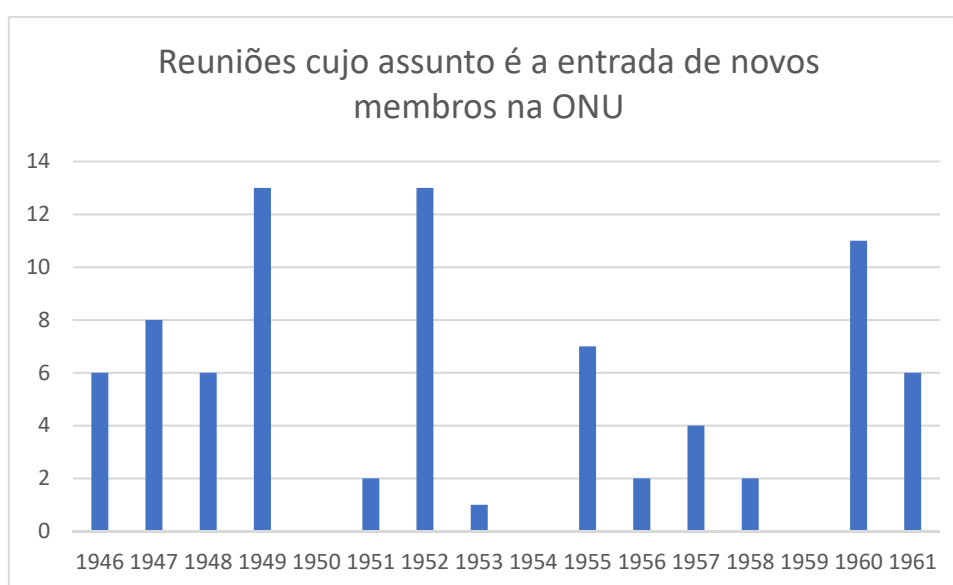
Dos sete temas com maior número de sessões no Conselho de Segurança (Questão Palestina, Questão da Caxemira, Discussão sobre entrada de novos membros na ONU, Independência e Colonialismo na Indonésia, Independência e Colonialismo no Congo, Crise grega nos Bálcãs e Guerra da Coreia), que totalizam juntos 56% das reuniões do Conselho de Segurança, somente em dois deles se pode ver realmente EUA e URSS se enfrentando retoricamente. De fato, os dois maiores assuntos, questão da Palestina e da Caxemira, não

<sup>1196</sup> WALTZ, Kenneth. The stability of a bipolar world. *American Academy of Art & Sciences*, v. 93, n. 3, p. 881-909, summer. 1964. p. 888.

interessavam nem aos EUA, nem à URSS, tendo as duas superpotências participações marginais nas discussões.

Quando os dados são estratificados por assunto, as discrepâncias começam a surgir. O assunto em que EUA e URSS mais rivalizaram foi sobre a entrada de novos membros na ONU demonstrando por um lado que os EUA viam sim a ONU e o Conselho de Segurança como instituições em que se havia a necessidade de que funcionassem com o maior número de países possíveis<sup>1197</sup>, e por outro a preocupação soviética com a sub-representação do mundo socialista.

**Gráfico 13 - Reuniões por ano CS/ONU sobre a questão da entrada de novos membros na ONU**



Fonte: Elaborado pelo autor, 2018

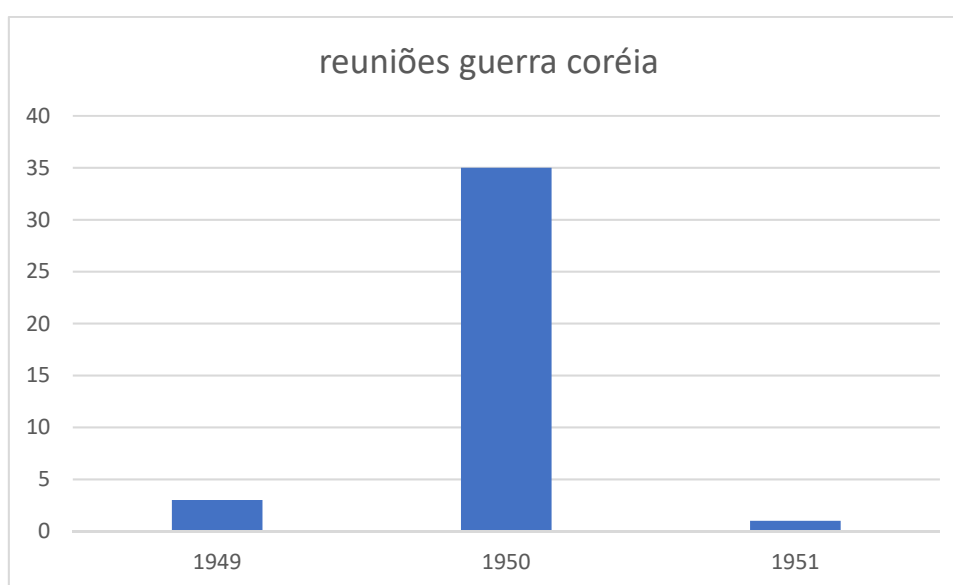
Durante as discussões sobre a entrada ou não de novos membros na ONU, a posição americana era a de rejeitar países ligados ao bloco soviético (como Mongólia, Coreia do Norte, China Popular e Bulgária, por exemplo) argumentando que eles não cumpriam a exigência de serem “democráticos” enquanto a URSS se opunha à entrada de países com histórico fascista (como Itália e Japão) ou em situação de “domínio colonial” por parte de Inglaterra ou EUA

<sup>1197</sup> Diferentemente do que aponta a teoria realista de Relações Internacionais esta era a postura soviética também segundo Gaiduk: “For example, during the discussion at the commission on the preparation of peace treaties, Molotov’s deputy Lozovskii defined the principal task of Soviet post-war diplomacy as preventing the establishment of an Anglo-American bloc aimed against the Soviet Union. [...] All this, however, does not contradict the overarching objective that Moscow strove for in its policy toward the international organization: to make this organization a reliable instrument for the preservation of Peace” (GAIDUK, Ilya. **Divided together: The united states and the soviet union in the united nations, 1945-1965.** Washington: Woodrow Wilson Center Press, 2012. p. 20).

(Coreia do Sul e Irlanda). Durante estas reuniões, os EUA fizeram uso da palavra em 83% das reuniões enquanto a URSS em 95% e a Inglaterra em 74%.

O mesmo padrão de interesse ocorre na questão envolvendo a Guerra da Coreia. Em que pese que as reuniões abertas sobre o tema se encerrem em 1951 (com os acordos de paz sendo negociados em blocos de reuniões secretas, mencionadas na primeira parte desse capítulo) os EUA fizeram uso da palavra 79% das vezes, enquanto a URSS em 92% e a Inglaterra em 79% das sessões.

**Gráfico 14 - Reuniões por ano do CS/ONU sobre a questão da Guerra da Coreia**



Fonte: Elaborado pelo autor, 2018

Nas questões do Congo<sup>1198</sup>, Indonésia<sup>1199</sup> e Grécia<sup>1200</sup>, o interesse tanto dos EUA, quanto da URSS é menor, mas ainda se mantém em padrão elevado. No caso da questão dos Bálcãs,

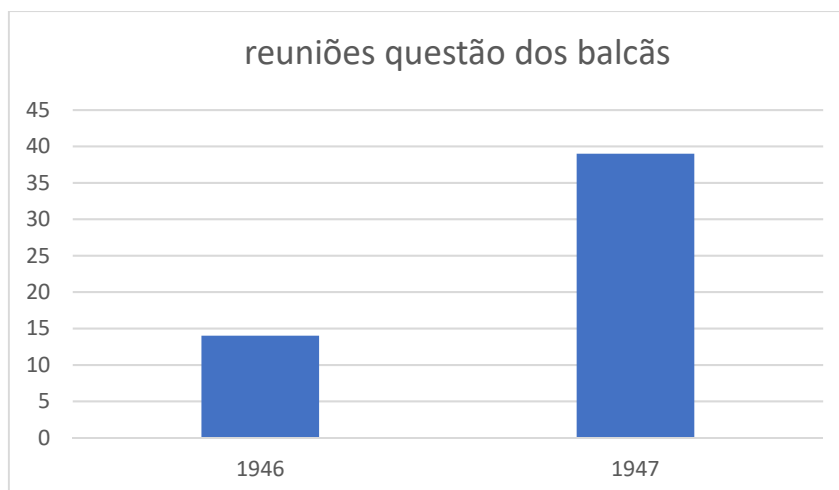
<sup>1198</sup> Após a independência do Congo do domínio belga, a liderança popular de Patrice Lumumba passa a coordenar os esforços de construção do novo país. A região mais rica, Katanga, e com diversos minerais (inclusive radioativos) que interessavam sobremaneira às potências mundiais entra em estado de secessão iniciando dissidência e pedindo “ajuda” à Europa e EUA. Lumumba apela para a ONU e em caso desta não poder agir à URSS. Seguem-se meses de guerra civil que culminam com a prisão, tortura, morte e desmembramento do corpo de Lumumba. O Congo se tornaria uma das ditaduras africanas sob o comando do General Mobutu até 1997.

<sup>1199</sup> A Indonésia busca sua independência da Holanda logo após a segunda guerra (1945). Sem condições de resistir, os holandeses não opõem séria reação. Em 1954, contudo, após usarem boa parte dos recursos do plano Marshall para reorganizarem seus exércitos (o que foi amplamente denunciado pelo governo Eisenhower) os holandeses iniciam nova guerra para retomar a Indonésia em 1954 em que são definitivamente vencidos e rechaçados. Entre 1947 e 1954 a Questão da Indonésia é usada pela URSS como demonstração do ainda vigente colonialismo europeu e pelos EUA como uma “prova” de que o objetivo da URSS era “desestabilizar o mundo capitalista”.

<sup>1200</sup> Ao final da segunda guerra, após o reconhecimento por Stalin de que a Grécia fazia parte da zona de influência britânica, grupos comunistas gregos ficam sozinhos e sem apoio para lutarem contra o regime capitalista

envolvendo as fronteiras Gregas e seus vizinhos, os EUA usaram a palavra em 72% das reuniões tentando impor sua visão sobre o assunto. Mesmo valor para os soviéticos e uma pequena diferença para os ingleses que se manifestaram em 66% das vezes.

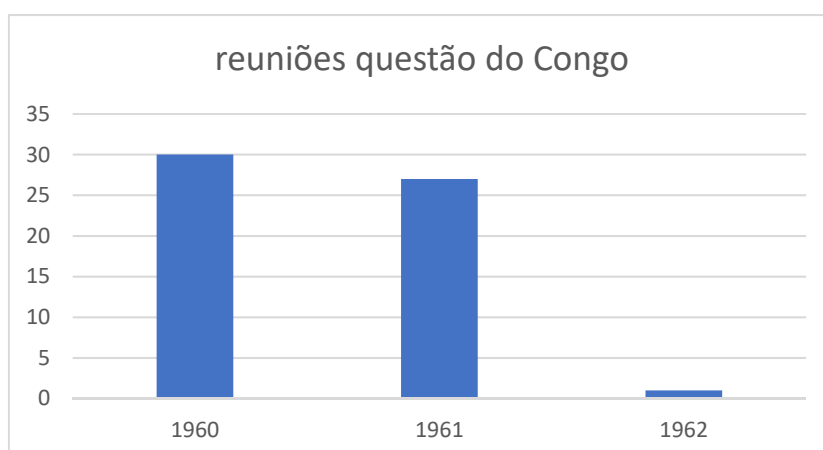
**Gráfico 15 - Reuniões por ano CS/ONU sobre a questão nos Balcãs**



Fonte: Elaborado pelo autor, 2018

No caso tanto da questão envolvendo o Congo (e o assassinato de Patrice Lumumba) quando da independência da Indonésia (e a agressão holandesa) é possível se verificar o interesse soviético em denunciar o que sua teoria de RI denominava por “colonialismo”.

**Gráfico 16 - Reuniões por ano CS/ONU sobre a questão do Congo**



Fonte: Elaborado pelo autor, 2018

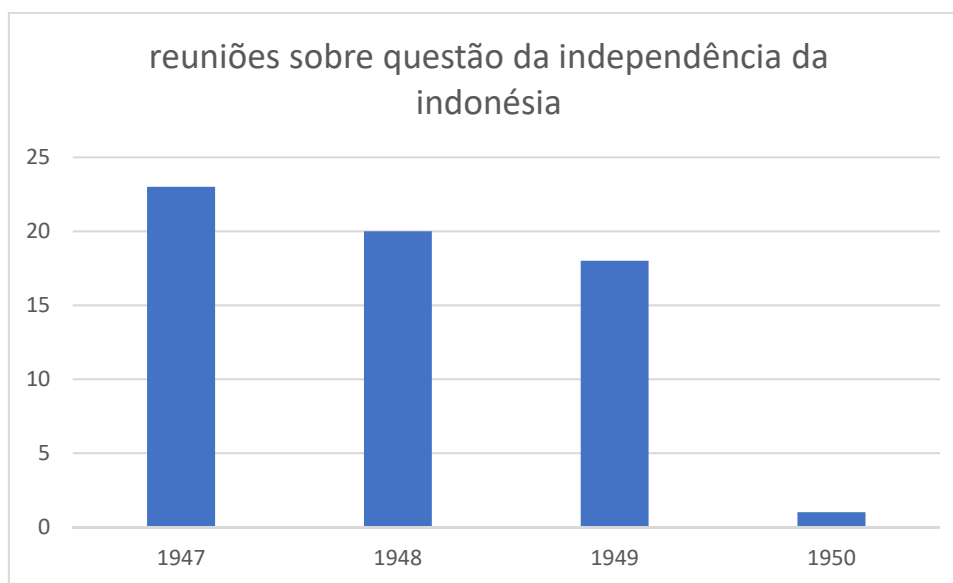
---

militar que se implantava na Grécia após a expulsão dos nazistas. Diante da negativa de Stalin, Tito e seus aliados regionais passam a fornecer armas, dinheiro e apoio logísticos para os comunistas gregos. Tal situação é tomada publicamente por Washington como demonstração dos “planos de dominação mundiais pelos soviéticos” e acaba inclusive servindo de desculpa para a doutrina Truman.

Condensadas entre o final de 1960 e o início de 1961 o drama das discussões no Conselho de Segurança sobre o Congo, suas riquezas (especialmente da província de Katanga) e as disputas políticas internas que legitimam o assassinato de Patrice Lumuba teve 78% de reuniões com manifestação soviética, enquanto EUA (com apenas 60%) e Inglaterra (com 57%) adotaram uma estratégia de não darem importância ao que estava acontecendo. O desfecho foi tremendamente desfavorável para a política externa norte-americana, como mostrado no capítulo 2.

No que tange à questão da Indonésia, novamente as denúncias soviéticas atingem 66% das reuniões enquanto os EUA se manifestam apenas em 56% das vezes e os ingleses em 44%. Como característica, a Inglaterra procurava esvaziar de importância discussões sobre o colonialismo de aliados europeus. E exigia a mesma postura em retorno.

**Gráfico 17 - Reuniões por ano no CS/ONU sobre a questão da Indonésia**



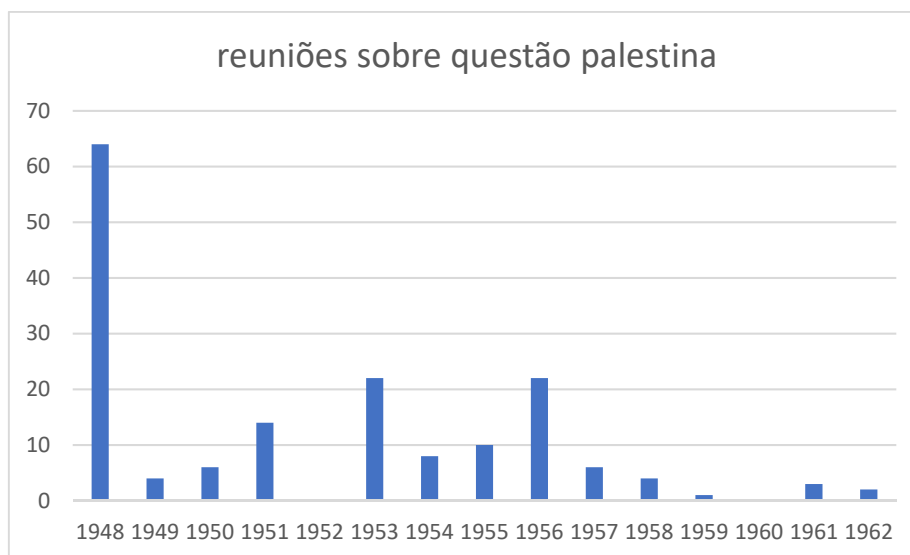
Fonte: Elaborado pelo autor, 2018

O mesmo padrão de interesse NÃO acontece com os dois assuntos que tiveram o maior número de reuniões. Tanto EUA quanto URSS simplesmente não demonstram interesse nestas questões. Quanto à questão da Palestina e as discussões de Israel e seus vizinhos, até 1962 os EUA haviam se manifestado apenas em 64% das vezes (muitas delas apenas como presidente do Conselho de Segurança para chamar tessemunhos ou relatórios) enquanto a URSS se manifestou apenas em 56% das vezes e a Inglaterra em 60%. A maioria das manifestações americanas se dá após a Crise de Suez (1956) quando, para contrabalançar o papel da aliança



Egito-URSS e o surgimento de um movimento árabe independentista ligado a um discurso anti-colonial, passa a apoiar abertamente Israel.

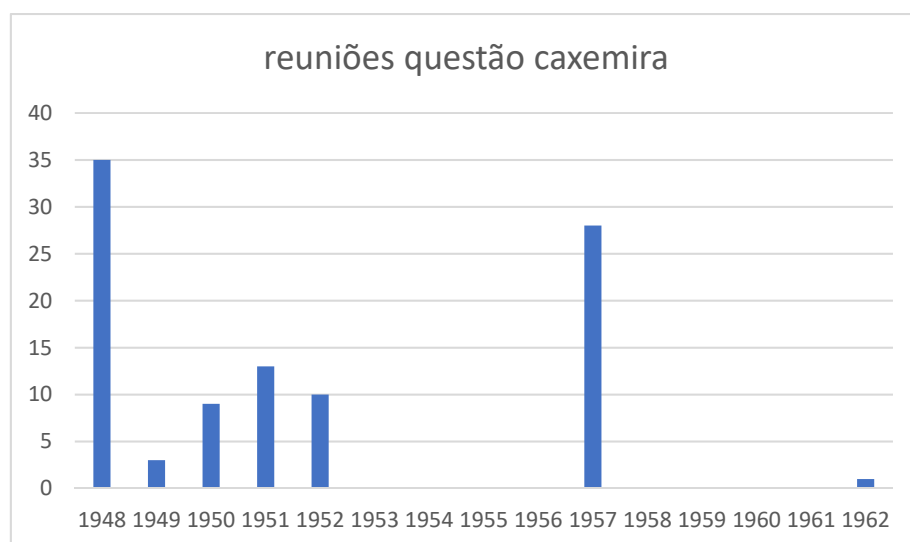
**Gráfico 18 - Reuniões do CS/ONU por ano no assunto da questão palestina**



Fonte: Elaborado pelo autor, 2018

O caso da Caxemira é ainda mais gritante. De todas as 99 reuniões sobre o tema, apenas em 42% delas os EUA se manifestaram e os soviéticos em apenas 32% das vezes. A Inglaterra o fez em 54% das vezes, mas, se somadas as manifestações francesas é possível ver uma coordenação de movimentos que nos ajuda a compreender esta situação.

**Gráfico 19 - Reuniões por ano no assunto da questão da Caxemira**



Fonte: Elaborado pelo autor, 2018

Tanto a questão Palestina, quando da Caxemira foram usadas pelas potências menores dentro do Conselho de Segurança (Inglaterra e França) para manter a instituição funcionando mesmo quando o interesse de EUA e URSS caíram (nos momentos da Guerra da Coreia ou o período de Foster Dulles). A estratégia é chamar esses assuntos de forma recorrente, dando voz a uma imensa gama de atores e fazer o Conselho continuar funcionando a despeito do esvaziamento político imposto por EUA e URSS. Nenhuma solução efetivamente foi dada para nenhuma das questões, mas elas faziam parte da estratégia de luta das potências menores em não deixar o Conselho de Segurança parado e então passar uma ideia de desimportância ou inoperância<sup>1201</sup>.

A recorrente colocação em pauta desses assuntos, obrigava a URSS e EUA estarem presentes, e forçava o sistema a continuar “andando” permitindo às potências menores manter o arranjo da ONU com certa funcionalidade e importância para países outros que não as superpotências.

## 5.5 METODOLOGIA QUALITATIVA – ANÁLISE DE TEXTOS

A tomada de decisão em Política Internacional pelo lado norte-americano se dá centrada nas figuras dos secretários de Estado. Tanto Dean Acheson (janeiro de 1949 até janeiro de 1953), John Foster Dulles (janeiro de 1953 até abril de 1959) como Dean Rusk (janeiro de 1961 até janeiro de 1969) foram extremamente influentes dentro dos seus respectivos governos. Acheson tinha uma relação de proximidade absoluta<sup>1202</sup> com Truman e, mesmo quando não era o Secretário de Estado (como entre janeiro de 1947 e janeiro de 1949 com o General George Marshall), Acheson exercia a função de fato, seja pela já mencionada proximidade entre ele e o presidente, ou seja pela necessidade de George Marshall estar ausente dos EUA, no processo de “reconstrução da Europa”<sup>1203</sup> que levaria historicamente seu nome.

<sup>1201</sup> De acordo com Joseph Grieco, por exemplo, os estados de pequena dimensão aderem às organizações internacionais ou agências internacionais com o propósito de incrementarem o seu poder relativamente aos estados de maior dimensão (DOUGHERTY, James; PFALTZGRAFF, Robert. **Contending theories of international relations: a comprehensive survey**. 5. ed. New York: Addison Wesley Longman, 2001. p. 118).

<sup>1202</sup> Além das menções em vasta bibliografia e em ambas as memórias (ACHESON, Dean. **Present at the creation: My years at state department**. New York: W.W Norton, 1969. p. 514) a respeito da proximidade entre Truman e Acheson, David MacCullough relata uma carta de Truman para Acheson em 14 de maio de 1971 dizendo: “I was greatly pleased by your kind and generous letter on my eigthy seventh birthday.” Os dois se escreveram até o falecimento de Truman a respeito de tópicos pessoais, política interna e internacional dos EUA entre outros assuntos. (MCCULLOUGH, David. **Affection and trust: persona correspondenc of Harry S. Truman and Dean Acheson (1953-1971)**. New York: Alfred A Knopf, 2010. p. 15).

<sup>1203</sup> O termo “reconstrução” vem sendo duramente criticado (HORTA, Luiz Fernando Castelo Branco Rebello. Memórias de guerra: a narrativa da destruição como construtora da identidade europeia. **Carta Internacional**, v. 10, n. 1, p. 160-176, jan. 2015).

Foster Dulles concentrou as decisões de política internacional durante o governo Eisenhower até seu falecimento em 1959. Se a relação com “Ike” não era tão pessoal como a de Acheson e Truman, Eisenhower tinha um profundo respeito pelo que considerava ser o conhecimento sobre questões internacionais de Foster Dulles e seu “patriotismo”<sup>1204</sup>. Ainda que os historiadores debatam se a tomada de decisão se dava entre os irmãos (Foster e Allen) Dulles e o presidente ou somente entre os dois, é visível que, em qualquer caso, a posição de Foster Dulles era quase definidora<sup>1205</sup>. No capítulo 2 foi mostrado que Foster afastou o Departamento de Estado do processo decisório e aproximou a CIA, comandada por seu irmão. Contudo, Eisenhower sempre afirmou que todas as decisões sempre passaram por eles e que ele era o único responsável. General e herói de guerra dos EUA, ainda que esse não fosse o caso, Eisenhower jamais afirmaria o contrário.

A relação de Dean Rusk com Kennedy (e depois com Lyndon Johnson) se dá de forma diferente. Tendo sido diretor da Rockefeller Foundation e exercido vários cargos na burocracia norte-americana ligada às questões internacionais entre 1949 e 1951, Rusk tornava a política internacional, dentro dos EUA, fundada em “parâmetros científicos”<sup>1206</sup> e consubstanciava o

---

<sup>1204</sup> “Eisenhower remained popular in part because foreign-policy set-backs were usually blamed on his sour, militantly anti-communist Secretary of State, John Foster Dulles. Ike’s sparkle radiated next to “Dull, Duller, Dulles”. One British observer reflected widespread opinion when he concluded that Dulles was not “likeable or well-balanced personality”. But as Dulles himself said, his foreign policy did not aim at “winning a popularity contest [...] I prefer being respected to being liked”. He was most respected by the only one who really counted: Eisenhower.” (LAFEBER, Walter. **The American age: united states foreign policy at home and abroad since 1750**. New York: WW Norton, 1989. p. 510).

<sup>1205</sup> “One of the first questions dominating the historiography of Eisenhower diplomacy was whether it was President Eisenhower or Secretary Dulles who formulated the administration’s foreign policy. During his presidency, Eisenhower’s contemporaries established the parameters of the old paradigm. Many viewed Eisenhower as an absentee president who ceded control of foreign policy to the dynamic Dulles. This “traditional” view began to crumble as documents began to surface in the late 1960s. The “revisionist” thesis, that Eisenhower himself directed the decision-making process in a positive fashion, came to dominate the historiography well into the 1980s. Under the revisionist interpretation, Dulles implemented Eisenhower’s foreign policy. Their relationship, many revisionists argued, was that of unequal partners. Still other scholars whom I have labeled “post revisionists,” then built upon the revisionist thesis and sharply criticized Eisenhower for his pursuit of a dangerous foreign policy that relied upon covert intervention in the Third World. Rejecting both the traditional and revisionist views, more recent scholarship has argued that the president and secretary of state acted in concert to formulate foreign policy. This “consensus” view of Eisenhower’s foreign policy argues that both men shared the same fundamental outlook about the nature of the Soviet threat. Both men, consensus historians stress, should take equal credit as well as accept equal blame for the decisions and actions taken in the name of U.S. diplomacy during the 1950s.” (TUDDA, Chris. **The truth is our weapon: The rhetorical diplomacy of Dwight D. Eisenhower and John Foster Dulles**. Baton Rouge: Louisiana State University Press, 2006. p. 2-3).

<sup>1206</sup> “The new president [Kennedy] saw himself as a man of action. [...] he believed that Americans would ‘bear any burden to win ‘the freedom of man’. Scholars had recently predicted that the technological society would put an end to ideological debates (such as communism versus capitalism), and Kennedy believed that the nation was moving beyond them as well to form a new consensus on national – and especially foreign – policies. He had good reasons for reaching such conclusion. In 1961, a commission funded by the Rockefellers (led by Nelson Rockefeller, the Republican governor of New York) published *Prospects for America*, which called for a rapid military build-up to close the supposed missile “gap” that favored the Soviets, more money and men needed to fight expansive conventional (not just nuclear) wars, and more resources poured into newly

longo processo de profissionalização do campo em solo norte-americano<sup>1207</sup>. Não é, pois, sem sentido que Rusk seja o segundo mais longo Secretário de Estado dos Estados Unidos (perdendo apenas para Cordell Hull durante o período Roosevelt).

Desta forma, a análise dos discursos de Dean Acheson, John Foster Dulles e Dean Rusk são essenciais para a visualização das diferenças entre ambos os períodos, tanto no sentido dos seus principais objetivos, quanto para o reconhecimento das ideias que estiveram por trás dos marcos de entendimento desses sujeitos a respeito do mundo e da política internacional.

Cinco discursos de Acheson são significativos de seu pensamento. São em mesma linha com suas memórias e foram feitos após ele ser nomeado Secretário de Estado. Três desses discursos são posteriores ao Plano Marshall (julho de 1947) ao Bloqueio de Berlim (junho de 1948 a maio de 1949), mas são anteriores ao início da Guerra da Coreia (junho de 1950). Desta forma, retratam o ambiente já de alguma tensão entre EUA e URSS, mas não a captura das posições pela Guerra da Coreia. No primeiro, apresentado em Washington no dia 16 de fevereiro de 1950. Nesse pronunciamento, Acheson apresenta o conceito de “Total Diplomacy” em que afirma:

The Russians know that we are ready, always have been ready, always will be ready, to discuss with them any outstanding issue. We have discussed with them all important outstanding issues, not once, but many times. It is clear that the Russians do not want to settle those issues as long as they feel there is any possibility they can exploit them for their own objectives of world domination. It is only when they come to the conclusion that they cannot so exploit them that they will make agreements, and they will let it be known when they have reached that decision.

These are some of the things that I meant when I referred to "total diplomacy." It means that all branches of the Government must work closely together. Congress and the Departments of Defense, Treasury, Agriculture, and Commerce, the Interior Department with its responsibility for our national resources, and the others, all have roles to play that are just as important in our relations with other people as the role of the Department of State<sup>1208</sup>.

A nuvem conceitual produzida por esse discurso é dada por:

#### Figura 28 - Nuvem conceitual discurso Dean Acheson "Total Diplomacy" 1950

---

emerging nations before the Soviets could obtain footholds. Republicans shaped the Rockefeller report (the staff director was a young Harvard professor, Henry Kissinger). But Democrats, including Dean Rusk, also signed it” (LAFEBER, Walter. **The American age: united states foreign policy at home and abroad since 1750**. New York: WW Norton, 1989. p. 552-553).

<sup>1207</sup> Nas transcrições da Conferência de 1954, patrocinada pela Rockefeller Foundation, para formar o campo de Relações Internacionais Dean Rusk afirmou que “in the State Department reading theoretical statements coming in from outside and thinking that the statements might be all very well, but they did not seem to have much to do with the kinds of things that he had to deal with. Somewhere between Hans Morgenthau’s theory and Reinhold Niebuhr’s there must be some kind of middle ground.” (GUILHOT, Nicolas. **The invention of international relations theory**. New York: Columbia University Press, 2011. p. 258).

<sup>1208</sup> ACHESON, Dean. Total diplomacy. **Department of State Bulletin**, Washington, p. 427-430, mar. 1950.



Fonte: Elaborado pelo autor, 2018

Chama a atenção a tentativa do secretário de ligar o termo “thrust” ao “communist world” enfatizando a ideia de que existem “determined economic questions” que poderiam mediar a política entre os dois países. O tom em ver de “country”, “people” e “government” mostra que a retórica continuava sendo patriótica e voltada para a centralidade das ações de governo, mas o caminho da inserção americana seria via negociação e acordos ao invés de intensa oposição<sup>1209</sup>.

A mesma ideia surge em outro discurso, desta vez no dia 16 de março de 1950. Acheson afirma que “Therefore, if the two systems are to coexist, some acceptable means must be found to free the world from the destructive tensions and anxieties of which it has been the victim in these past years and the continuance of which can hardly be in the interests of any people” em um discurso na Universidade de Berkeley.<sup>1210</sup> A representação em nuvem conceitual desse discurso é dada por:

**Figura 29 - Nuvem conceitual do discurso de Dean Acheson em 16 de março de 1950**

<sup>1209</sup> Em telegrama do dia 27 de abril de 1950, vindo da embaixada americana em Moscou as impressões sobre o discurso de Acheson foram descritas como tendo feito uma “important impression” no Kremlin já que finalmente ambos os países se atinham a um “materialismo” em vez de “obscure practicalities”: “Interpretation reasons Soviet reaction vary. However, one source with which Embassy inclined agree, attributes it to Soviet conclusion that in “total diplomacy” and other recent companion speeches, Secretary has laid down set of principles to guide US and free world toward attainment objectives, a departure from previous US statements which tended obscure practicalities under sweeping generalities. Establishment of specific outline for free world policy and action, a procedure which Communists themselves have long followed, threatens them materially.” (US State Department 1950)

<sup>1210</sup> ACHESON, Dean. Tensions between US and USSR. **Department State Bulletin**, Washington, p. 473-478, mar. 1950.



Fonte: Elaborado pelo autor, 2018

O esforço argumentativo de Acheson estava em criar “points” para manter “Peace”, “respect” e até mesmo “accept” as posturas soviéticas. Posturas que são, embora criticadas, aceitas como “representatives” do país URSS. Acheson reafirma, pois, a posição não apenas de aceitar a URSS, mas também de entendê-la como legítima e o objetivo de negociar espaços de manutenção de boas relações com objetivo de sustentar a paz<sup>1211</sup>.

Em 22 de Abril de 1950, em Washington, Acheson voltava ao tema em um discurso intitulado “First Line of Action”. Embora em evidente tom mais confrontativo, havia espaço para afirmar que:

Now our program of action would not be complete if I did not go on to a sixth field, and that is the area of our relations with the Soviet Union and the countries that have fallen under Communist control. In this field, as in our relations with the free nations, we have the machinery of negotiation at hand. In the United Nations we have a dozen or more conference tables at which our differences could be thrashed out, where unfortunately the Soviet chair stands empty at the present time. We shall go on trying to find a common ground for agreement, not perfect or eternal agreement, but at least a better arrangement for living together in greater safety<sup>1212</sup>.

A representação gráfica, em nuvem conceitual desse discurso é dada por:

**Figura 30 - Nuvem conceitual a partir do discurso de Dean Acheson em 22 abril de 1950**

<sup>1211</sup> Em um telegrama da embaixada americana em Moscou para o Secretário de Estado de 19 de março de 1950, as reações soviéticas são descritas como “However, fact Soviets have not overlooked importance speech and are aware its major impact on thinking and direction coordination policy and objectives free world may be assumed from speed with which they have produced intended rebuttal.” O encarregado afirma que “Pravda reaction Secretary’s Berkeley speech continues dual themes recent Soviet pronouncements, in (1) reiterating familiar charges against US “aggressive-adventurist” policy and (2) proclaiming Soviet adherence “consistent policy peace” supported masses all countries.” (US STATE DEPARTMENT. **Telegram from the Chargé in the Soviet Union to the Secretary of State** (19 march 1950)).

<sup>1212</sup> ACHESON, Dean. The first line of action. **The Department of State bulletin**, Washington, abr. 1950.



Fonte: Elaborado pelo autor, 2018

No momento de maior tensão interna antes da guerra, mesmo com o Macarthismo a todo vapor (em 09 de fevereiro, Joseph McCarthy havia dado seu discurso mais violento em West Virgínia) e com o Departamento de Estado afirmando que:

Moscow is waging total war against the Free World, a ruthless and unrelenting struggle within which “Cold War” and “Shooting War” are merely tactical phases. They are currently endeavoring to make the most of the tidal wave of social change generated by World War II with the minimum objective of capturing half the world before the wave subsides and perhaps with the hope that they may be able to achieve sufficient gains to prepare the Free World for a final push without the latter having been able to attain post war stabilization<sup>1213</sup>.

Acheson mantinha-se fiel aos princípios da diplomacia do “gentlemen’s agreement”. Cabe enfatizar a noção de que o conflito entre EUA e URSS, para Acheson, era composto essencialmente através dos termos “idea” e “mind”. A nuvem de um dos discursos mais agressivos não traz palavras de confrontação, mas apenas “problem” de uma forma vaga. Para Acheson, a chave para o enfrentamento com a URSS estava no crescimento econômico e no fortalecimento dos EUA em suas capacidades produtivas e padrão de vida, e não em qualquer forma de guerra ou competição bélica.

Anos mais tarde, em 1958, Acheson voltaria ao tema em um artigo para a Foreign Affairs chamado “The Illusion of Disengagement”. Argumentando contra a visão de Kennan que afirmava que os EUA deveriam negociar uma retirada das tropas da Europa, segundo Acheson, a questão passava por outras noções:

<sup>1213</sup> FOREIGN RELATIONS OF THE UNITED STATES, 1950, CENTRAL AND EASTERN EUROPE; THE SOVIET UNION, VOLUME IV, document 651. p. 1165.

With a rise in the standards of living in the Soviet Union, and as some *broader* participation in the direction of affairs was made essential by their very magnitude and complexity, the Russian need for the forced communization and iron control of Eastern Europe would diminish. Then negotiations looking toward a united Germany, under honorable and healing conditions, and toward the return of real national identity to the countries of Eastern Europe, while preserving also the interests of the Russian people in their own security and welfare, could for the first time be meaningful and show the buds of hope. This has been the goal of Western policy for the past decade.<sup>1214</sup>

A postura de Acheson não é pacifista e nem postula qualquer submissão aos soviéticos, mas defende sempre, em primeiro plano, um processo de negociação cujas bases sejam calcadas nos interesses econômicos e nas condições sociais de ambos os países. No mesmo artigo, Acheson termina por afirmar que “If one considers the changes which have already occurred within the Soviet Union, one can see the time approaching when adjustments in Eastern Europe are possible, when military forces can be reduced, and when the menace of nuclear destruction will be greatly diminished, if not removed.”<sup>1215</sup>

Não havia qualquer ideia de Guerra Fria estrutural. Não havia qualquer noção de conflito inescapável. O mundo de Dean Acheson era composto por interesses materiais, acordos diplomáticos e segurança militar. A URSS tinha o respeito dos EUA, como quaisquer outros países. Em 1958, Acheson já havia passado pela Guerra da Coreia. Nem mesmo esta experiência lhe transformou num “Cold Warrior”.

Em setembro de 1950, com a Guerra da Coreia já em andamento, Foster Dulles, então representante dos Republicanos na ONU (dentro das tentativas de não trazer para a política externa as discussões entre Republicanos e Democratas), escrevia carta para o Secretário Dean Acheson uma carta onde afirmava que:

Unless we use it well, no one can guarantee that the next regular session of the Assembly will still afford opportunity to those who truly want peace and who would spare humanity the awful suffering that another general war would bring. In the past, before general war has broken, there have been last minute fluttering efforts to preserve peace. But they have been too late because peace had already been so grievously wounded that it could not be revived. This time we must not let that period arrive. [...] As the United States Government sees the situation the basis cause of the present trend toward general war is that world-wide scope of Soviet ambitions and the violent and frightening means relied on to achieve those ambitions<sup>1216</sup>.

O contraste é gritante. A representação gráfica, em nuvem conceitual da missiva de 8 páginas de Dulles para Acheson é:

<sup>1214</sup> ACHESON, Dean. The illusion of disengagement. *Foreign Affairs*, abr. 1958.

<sup>1215</sup> ACHESON, Dean. The illusion of disengagement. *Foreign Affairs*, abr. 1958.

<sup>1216</sup> DULLES, John Foster. Correspondence Between Dean Acheson and John Foster Dulles. sept. 1950.



Figura 31 - Nuvem conceitual a partir da Carta de Foster Dulles para Acheson em 8 de setembro de 1950



Fonte: Elaborado pelo autor, 2018

O termo “states” grafado em laranja (soma do campo semântico vermelho e verde), demonstra que Dulles já organizava sua percepção de mundo como um sistema de Estados elencados através das noções de “Peace” e “War”. O grupo semântico grafado em vermelho mostra como Dulles encadeava a noção de “Soviet” com “ambitions” e no centro da argumentação se encontra a conjuntura “measures”, “violence”, “ambitions” e “people”. Desaparece qualquer noção de “freedom” ou “free”, característica dos pronunciamentos de Acheson (e também nos pronunciamentos públicos de Dulles<sup>1217</sup>) para surgir uma conformação de entendimento de política externa claramente em confronto ideológico contra o “communist world”.

Em dezembro de 1953, no final do seu primeiro ano como Secretário de Estado, Dulles defendia a reforma do estatuto da ONU numa manifestação bastante técnica em termos de legislação internacional. Ainda assim, a forma como Dulles pensava e entendia a URSS transparecia:

At San Francisco, this concept was to some extent altered and greater scope was given to the General Assembly. However the "veto" remained in the Security Council and

<sup>1217</sup> Em um artigo na Revista “Life” em 1946, chamado “Thoughts on soviet Foreign Policy” (10 de junho de 1946) Dulles afirma que “Mr Vishinsky has rightly said, “it is indispensable to bring a limitation to the will and the action of man”. In a free society that limitation comes primarily from acceptance of the moral law and the exercise by free men of the self-restraints, the self-discipline and self-sacrifice which the moral law enjoins. If a society ceases to be a religious society or if it falls under atheistic leadership, as in the case of Soviet Union, the it is both logical and practical to treat human freedoms like the freedoms of wild animals and to suppress those freedoms so that men, like domesticated animals, will be more amenable and more secure. But Soviet leaders would know that that project is impracticable as against a people who believe that their freedoms flow from their Creator and who also use those freedoms with restraint which is enjoined by divine commandment” (DULLES, John Foster. Thoughts on soviet foreign policy. *Life*, jun. 1946).

the General Assembly was permitted. only to "recommend". Indeed, the Assembly voting procedure, with one vote per nation, precludes its decisions having more than advisory weight. We now see the inadequacy of an organization whose effective functioning depends upon co-operation with a nation which is dominated by an international party seeking world domination<sup>1218</sup>.

Em um discurso dado em Nova Iorque no dia 12 de Janeiro de 1954, Dulles marcaria sua postura como Secretário de Estado apresentado sua estratégia de defesa. O discurso é intitulado “The evolution of Foreign Policy” mas é comumente conhecido pelo termo “Massive retaliation speech”<sup>1219</sup>. Nele, Dulles marca três importantes pontos para a compreensão das ideias que norteavam seu entendimento do cenário internacional: (1) a preocupação com o futuro tal qual adiantado pela “ciência”<sup>1220</sup>, (2) a concepção da URSS como um antagonista estrutural em uma inevitável confrontação com os EUA<sup>1221</sup> e (3) uma noção moralista religiosa como base de diferenciação entre o “bem” e o “mal”<sup>1222</sup>. Dulles aponta para o Futuro para organizar sua política externa, citando o passado como um planejamento já em curso:

The need for long-Range Policies  
This “long time” factor is of critical importance.

<sup>1218</sup> DULLES, John Foster. The challenge of our time: Peace with justice. **American Bar Association Journal**, v. 39, n. 12, p. 1063-1066. 1953.

<sup>1219</sup> DULLES, John Foster. The evolution of foreign policy. **The State Department Bulletin**, Washington, p. 107-110, jan. 1954.

<sup>1220</sup> O futuro está sempre presente na argumentação de Dulles nesse discurso. É possível ver termos como “in the long run” no seu processo argumentativo, bem como “long time” para descrever suas estratégias políticas. Ambos os termos apontando para a realização plena e eficaz de suas ações num Futuro, a partir de uma noção incontornável de conflito. “We do not, of course, claim to have found some magic formula that insures against all forms of communist successes. It is normal that at sometimes and at some places there may be setbacks to the cause of freedom. What we do expect to insure is that any setbacks will have only temporary and local significance, because they will leave unpaired those free world assets which in the long run will prevail.” (DULLES, John Foster. The evolution of foreign policy. **The State Department Bulletin**, Washington, p. 107-110, jan. 1954. p. 109).

<sup>1221</sup> Ora Dulles se manifesta contra os “ditadores” da URSS, ora contra a própria URSS e outras vezes ainda contra o “communist world”. Sempre enfatizando o antagonismo visceral como parte constitutiva do momento usando o termo “survival” para designar o que era necessário que os EUA fizessem: “We live in a world where emergencies are always possible, and our survival may depend upon our capacity to meet emergencies. Let us pray that we shall always have that capacity. But having said that, it is necessary also to say that emergency measures – however good for the emergency – do not necessarily make good permanent policies. Emergency measures are costly; they are superficial; and they imply that the enemy has the initiative. They cannot be depended on to serve our long-time interests.” (DULLES, John Foster. The evolution of foreign policy. **The State Department Bulletin**, Washington, p. 107-110, jan. 1954. p. 107).

<sup>1222</sup> “Human beings, for the most part, want simple things. They want to worship God in accordance with the dictates of their conscience. But that is not easily granted by those who promote an atheistic creed. They want to think in accordance with the dictates of their reason. But that is not easily granted by those who represent an authoritarian system. They want to exchange views with others and to persuade and to be persuaded by what appeals to their reason and their conscience. But that is not easily granted by those who believe in a society of conformity. They want to live in their homes without fear. But that is not easily granted by those who believe in a police state system. They want to be able to work productively and creatively and to enjoy the fruits of their labor. But that is not easily granted by those who look upon human beings as a means to create a powerhouse to dominate the world” (DULLES, John Foster. The evolution of foreign policy. **The State Department Bulletin**, Washington, p. 107-110, jan. 1954. p. 110).

The soviet Communists are planning for what they call “an entire historical era”, and we should do the same. They seek, through many types of maneuvers, gradually to divide and weaken the free nations by overextending them in efforts which, as Lenin put it, are “beyond their strength, so that they came to practical bankruptcy”. Then, said Lenin, “our victory is assured”. Then, said Stalin, will be “the moment for the decisive blow”<sup>1223</sup>.

A representação gráfica, em nuvem conceitual, desse discurso é dada por:

Figura 32 - Nuvem conceitual do discurso de Foster Dulles em janeiro de 1954



Fonte: Elaborado pelo autor, 2018

O padrão da retórica pública de Dulles é muito diferente de sua missiva para Acheson. Veja-se, por exemplo, a centralidade da ideia de “freedom”, ligada a “power” e “world communist”. Ainda assim, é possível ver-se clara diferença para Acheson. Dulles defende pragmaticamente a ideia de segurança através de “strength” e “community” e sempre contruindo a ligação entre “aggression” e “communist”. A construção retórica pública do antagonismo da Guerra Fria choca-se em Dulles com a visão de Acheson. Embora novamente o termo “states” seja grafado como fazendo parte de dois grupos semânticos (o vermelho e o azul), denotando que esta é através da ideia de “estado” que Dulles organizava a percepção internacional. Ainda que estatocêntrico (como característica do Realismo), o discurso de Dulles se afasta da teoria Realista de Relações Internacionais pela imensa carga religiosa e

<sup>1223</sup> DULLES, John Foster. The evolution of foreign policy. *The State Department Bulletin*, Washington, p. 107-110, jan. 1954. p. 107.

moralista<sup>1224</sup> com que lê o cenário internacional. Se sai a possibilidade de negociação que existia com Acheson<sup>1225</sup>, o componente da rivalidade consolida-se com Dulles.

É exatamente esse o caso da manifestação dada por radio e televisão no dia 22 de julho de 1957. Dulles fala à nação em tom profundamente preocupado a respeito de um possível “ataque surpresa” com armas nucleares feito pela URSS. O Futuro adiantado pela “ciência” do Departamento de Estado e da CIA entrava pelos lares dos norte-americanos como uma ameaça não apenas possível ou crível, mas algo tomado como tão certo que ensejava ações políticas presentes cujo resultado será a crise de segurança sentida pelos EUA no final do governo Eisenhower. Dulles afirma:

It may be asked whether the steps we now propose can be taken without any risk that hostile forces may gain advantage for themselves. In all frankness it must be admitted that, after all foreseeable risks are considered, there may be other risks that we cannot foresee. But this can be said with assurance: The risks of seeking to move forward are far less than the risks of being frightened into immobility<sup>1226</sup>.

O processo de antecipação de Futuro através da reificação de análises subjetivas como “ciência” recorre ao que Lynda Walsh chamou – como mostrado no capítulo passado – de “prophetic ethos”<sup>1227</sup>. Nesse caso, contudo, as ações presentes tomadas em função de um Futuro possível reificado como certeza científica corporificam o que Robert Merton, em 1948, chamava de “Self-fulfilling prophecy”: “a false definition of the situation evoking a new behavior which makes the originally false conception come true”<sup>1228</sup>. Dulles ainda ia mais longe em sua manifestação:

Do we want a future where men feel that, in order to survive, they must learn to live as burrowers within the earth’s crust for protection against the blast, the heat, and the radiation of nuclear weapons? Do we want a world where man must be a slave to the

---

<sup>1224</sup> O moralismo e a forma apocalíptica com que Dulles entendia a URSS e suas ações estão presentes antes dele se tornar Secretário de Estado: “The Soviet program is to encircle us and to isolate us. They want this, not in order that we may go living our own lives in peaceful isolation, but in order that they may finish us off in quick order” (DULLES, John Foster. *Correspondence Between Dean Acheson and John Foster Dulles*. sept. 1950. p. 17).

<sup>1225</sup> Esse é um ponto que Dulles reforça claramente quando afirma: “If we rely on freedom, then it follows that we must abstain from diplomatic moves which would seem to endorse captivity. That would, in effect, be a conspiracy against freedom. I can assure you that we shall never seek illusory security for ourselves by such a “deal”. We do negotiate about specific matters but only to advance the cause of human welfare.” (DULLES, John Foster. *The evolution of foreign policy*. **The State Department Bulletin**, Washington, p. 107-110, jan. 1954. p. 110).

<sup>1226</sup> DULLES, John Foster. *Disarmament and peace*. **The State Department Bulletin**, v. 37, n. 940, p. 267-272. 1957. p. 271.

<sup>1227</sup> WALSH, Lynda. **Scientists as prophets: a rhetorical genealogy**. New York: Oxford University Press, 2013. p. 2.

<sup>1228</sup> MERTON, Robert. **Social theory and social structure**. New York: Free Press, 1968. p. 477.

rapidly mounting cost of bare survival? Do we want individual freedom to become a historic relic?<sup>1229</sup>

A representação gráfica do discurso feito em rede nacional por Dulles, em 1957, é dada por:

Figura 33 - Nuvem conceitual do discurso de Foster Dulles em 22 de julho de 1957



Fonte: Elaborado pelo autor, 2018

A evidente ênfase no conjunto semântico vermelho, contendo “nuclear”, “soviets” e “weapons” torna evidente o sentido do discurso. Entretanto, cabe ressaltar os termos “control” e “surprise” grafados em roxo (como presentes nos campos vermelhos e azul) que demonstram o intuito de Dulles de justificar ações presentes através da antecipação do Futuro. Esta forma de pensar é característica do século XX, como um todo, e, mais ainda, nas Relações Internacionais; e será uma das bases a política externa norte-americana. Dean Rusk, o próximo Secretário de Estado norte-americano, não difere de Dulles nesse sentido. O grande desafio de Rusk é encontrar uma teoria científica que substitua o subjetivismo analítico de Dulles e apresente um Futuro mais objetivo e com menor margem de erro. As Relações Internacionais, enquanto disciplina, aceitam esta tarefa social e politicamente requerida, e o “Realismo” passa a ser a base de compreensão para a política externa dos EUA.

O profissionalismo, defendido por Acheson, e a presentificação científica de Futuros possíveis encontram em Rusk um defensor incansável<sup>1230</sup>. Não é, pois, sem sentido que um dos

<sup>1229</sup> DULLES, John Foster. Disarmament and peace. **The State Department Bulletin**, v. 37, n. 940, p. 267-272. 1957. p. 271.

<sup>1230</sup> A mesma lógica levou o professor de Harvard Henry Kissinger a ocupar o mesmo cargo entre setembro de 1973 a janeiro de 1977. A influência de Kissinger na política externa norte-americana é entretanto mais longeval, advindo desde 68 e chegando aos anos 90 enquanto foi tido como ativo conselheiro e influenciador de políticas. É de Kissinger o julgamento sobre a Política Externa norte-americana que dá fecho ao argumento desta tese: “When America entered the international arena, it was young and robust and had the power to make the world conform to its vision of international relations” (KISSINGER, Henry. **Diplomacy**. New York: Simon & Schuster, 1994. p. 19). O processo e antecipação do Futuro através do “prophetic ethos” da ciência, politicamente transmutado em “self-fulfilling prophecy” culmina na concepção de Kissinger de que os EUA

primeiros discursos de Rusk como secretário de Estado, dado em Washington em 10 de julho de 1961, chame-se “The Nature of the World Struggle”. A Política Externa norte-americana ganhava contornos teóricos muito mais densos do que apenas a disputa moralista de Dulles contra a URSS. Rusk sedimentava o espaço social das Relações Internacionais<sup>1231</sup> e o prestígio do Realismo enquanto teoria de entendimento (criação) do cenário internacional. Já nos primeiros discursos, Rusk marca posição afirmando publicamente sua escolha pelas Relações Internacionais como “education” para “public officials”:

Public officials are engaged in "inservice training," and I am grateful to many of you for your help—intended and unintended —with my education during these first months of office. [...] We are accustomed to think of our foreign relations as a series of large or small crises. To do so is itself to distort out of context, for it overlooks the mass of constructive relationships which are steadily building across national frontiers and does not convey the sense of the persistent underlying crisis under which the world has lived since World War II<sup>1232</sup>.

O mundo, para Rusk, passa a ser definido por “a community of independent nations each free to work out its own institutions as it saw fit” e os conflitos se tornam “inevitable disputes” que precisam ser solucionadas por meios pacíficos<sup>1233</sup>. Não se pode deixar de observar a epistemologia realista inserida em um discurso de boa vontade diplomático evocando os “meios pacíficos” de solução de controvérsias. Rusk se pergunta “What has gone wrong?” como tentando entender porque os esforços desde o final da segunda Guerra mundial levaram a maiores conflitos e não uma diminuição desses:

To be fair, let us not suppose that all of our problems are traceable to a single source. Under the best of conditions, the surging tides of nationalism and the insistent demands for economic and social improvement would have required great skill and understanding to handle the inevitable changes which were bound to come in our postwar world. But these were manageable, and there is no reason to suppose that they could not be accommodated in the processes of peaceful change<sup>1234</sup>.

---

“make the world conform to its vision”. E, por espelharem-se epistemologicamente no materialismo histórico marxista-leninista, os americanos tiveram a ajuda dos soviéticos na criação/construção da Guerra Fria.

<sup>1231</sup> Rusk cita textualmente, inclusive, os “great debates” sobre “foreign policy”: “Let us start from where we ourselves are and what we in this country should like to achieve in our relations with the rest of the world. Since World War II we have had more than one so-called great debate about foreign policy. Actually, the greatest debate of all occurred during that war, and the most eloquent voice was the war itself. Before the fighting was over we had concluded as a nation that we must throw ourselves into the building of a decent world order in which such conflagrations could not occur.” (RUSK, Dean. **The winds of freedom** - selections from the speeches and statements of secretary of state Dean Rusk. Boston: Beacon Press, 1963. p. 13).

<sup>1232</sup> RUSK, Dean. **The winds of freedom** - selections from the speeches and statements of secretary of state Dean Rusk. Boston: Beacon Press, 1963. p. 12-13.

<sup>1233</sup> RUSK, Dean. **The winds of freedom** - selections from the speeches and statements of secretary of state Dean Rusk. Boston: Beacon Press, 1963. p. 13.

<sup>1234</sup> RUSK, Dean. **The winds of freedom** - selections from the speeches and statements of secretary of state Dean Rusk. Boston: Beacon Press, 1963. p. 14.

Os problemas internacionais não poderiam ser explicados segundo “a single source”, uma evidente diferença para Dulles e esse mesmo mundo era entendido por Rusk como “tragic history of men”:

“The possession of power was transformed once more to ambition for more power. The capacity to defy law became a contempt for law. Doctrines were revised and adapted to promote an imperialism as old as the tragic history of man”<sup>1235</sup>.

A menção ao “poder” e à ideia do conflito como algo histórico e “trágico” como que sempre presente na história dos homens é uma reconstrução pedagógica das noções realistas sobre a política internacional. Embora o discurso cite a URSS e questione diretamente sua forma de participação no Conselho de Segurança da ONU a representação gráfica, em nuvem conceitual, da fala de Rusk mostra que sua explicação sobre as tensões internacionais não levavam em conta apenas a URSS, aliás temos como “communism” ou “communist”, ou ainda a menção a “russia” ou “russians” ou “soviets” não se fazem presente.

Figura 34 - Nuvem conceitual do discurso de Dean Rusk de 10 de julho de 1961



Fonte: Elaborado pelo autor, 2018

Na nova forma de compreensão do mundo, trazida por Rusk, o mundo é entendido através de “interest”, “problems”, “economic issues” que são partilhados por todas as nações. Some a dicotomia “peace” “war”, característica de Dulles, para surgir a ideia de “war” e “order”, dando mais uma vez o caráter realista da epistemologia usada para compreensão da

<sup>1235</sup> RUSK, Dean. **The winds of freedom** - selections from the speeches and statements of secretary of state Dean Rusk. Boston: Beacon Press, 1963. p. 15.

política internacional. Tal qual os realistas, Rusk via o mundo como conflitivo por natureza, daí a sempre presente ameaça de guerra que só poderia ser afastada por meio do entendimento da forma como o Sistema internacional funcionava:

The underlying crisis is not an ideological conflict between nineteenth-century capitalism and nineteenth-century Marxism. It does not result from a bilateral conflict between the Soviet Union and the United States. [...] It is essential to get on with the building of the world community designed by the charter. This we would do in any event; but it is here that the breadth and depth of the crisis are fully revealed, and it is here that those who would not be coerced can act together for a world of peace. We speak of uncommitted nations, and we usually mean those who are committed to neither of the principal blocs on the present scene. But all nations have commitments arising out of their own interests and out of their own hopes for the future<sup>1236</sup>.

Em outra manifestação pública, cujo tema eram as questões referentes à Berlim, agora em 8 de setembro de 1961, Rusk afirmava: “We must find ways to make it clear that our desire to live in peace is not weakness – and to make it clear that our readiness to fight for freedom is not belligerence”<sup>1237</sup>. Rusk definia os EUA puramente em termos materiais, através de poder e de correlação de forças:

The United States emerged from the Second World War at a pinnacle of power never before achieved by any nation. Our productive facilities were incomparable and, alone among the larger industrialized nations, were unscathed by bomb or shell. We had a great army and the mightiest sea and air forces the world had ever seen. These were deployed around the globe on every sea and continent. We had developed a fantastic weapon, and we alone had it<sup>1238</sup>.

O discurso sobe o tom quando coloca no comportamento soviético todas as causas dos conflitos da época, mas pela primeira vez fala em um conflito estrutural, global, entre dois estados a partir de suas posições materiais e posturas não-cooperativas:

That declared policy of noncooperation, plus modern weapons—plus the Soviets’ terroristic threats to employ those weapons—gives dramatic content to the words used by Thomas Hobbes in describing the law of the jungle: “nasty, brutish, and short.” Against this background, the meaning of the cold war becomes clearer. We did not declare it; we ourselves cannot end it. The cold war is the direct expression of the announced determination of the Sino—Soviet bloc to extend their “historically inevitable” world revolution by every available means. It is a program of action, which they sometimes try to disguise as a scientific principle<sup>1239</sup>.

<sup>1236</sup> RUSK, Dean. **The winds of freedom** - selections from the speeches and statements of secretary of state Dean Rusk. Boston: Beacon Press, 1963. p. 16.

<sup>1237</sup> RUSK, Dean. The current danger. **The Department of State Bulletin**, p. 507-510, jul. 1961. p. 507.

<sup>1238</sup> RUSK, Dean. The current danger. **The Department of State Bulletin**, p. 507-510, jul. 1961. p. 508.

<sup>1239</sup> RUSK, Dean. The current danger. **The Department of State Bulletin**, p. 507-510, jul. 1961. p. 509.



As citações textuais de Hobbes como explicitando a natureza da “lei da selva”, a menção ao Futuro “historicamente inevitável” em cujo conflito se dá por “todos os meios possíveis” chega ao encontro do argumento central desta tese ainda usando a expressão “to disguise as a scientific principle”. Rusk reconhecia a importância desse jogo epistemológico e como ele tinha sido bem sucedido até então para o “mundo comunista”. Emular, também, esta ideia significava paridade de armas para os EUA, e a verdadeira construção da Guerra Fria para o resto do mundo.

A representação gráfica desse discurso, por meio da técnica de nuvem conceitual se dá por:

Figura 35 - Nuvem conceitual discurso Dean Rusk 8 de setembro de 1961



Fonte: Elaborado pelo autor, 2018

Em dezembro de 1961 (pouco antes da construção do Muro de Berlim), falando para a American Historical Association, com uma audiência formada majoritariamente por historiadores com PhD, Rusk se sentia mais à vontade para aprofundar sua visão das questões internacionais. Essencialmente sobre a questão dos tempos na História, Rusk se afirma como um artesão do Futuro:

The community of historians and a Secretary of State are linked by a common task—that of finding and articulating the scarlet threads of meaning and direction in the flow of tumultuous events. Their approach may differ both in time and purpose because of their differing responsibilities. What to the historian becomes a swirling blizzard of papers is for a Secretary of State an unrelenting parade of precise day-to-day business. The historian has a slight advantage in that he knows a bit more about how the story

came out; a Secretary has the stimulation which comes from a commitment, as the President's adviser, to try to shape the story toward a tolerable conclusion<sup>1240</sup>.

Para além das descrições da rivalidade entre EUA e URSS, Rusk claramente usava as categorias de análise do realismo<sup>1241</sup>, apontando sempre a dualidade “interests” e “power” como a fonte de toda a ação política (ou inação) no cenário internacional. O conflito não era mais uma luta entre o “bem” e o “mal”, ainda que – por vezes – esta imagem pudesse ser usada quando em discursos que envolvessem a população menos informada. Rusk compreende o processo de tomada de decisão através do “interesse vital” e das capacidades dos Estados em defenderem esses interesses. Capacidades dialoga claramente com a epistemologia realista e também com a marxista.

Since George Washington first enjoined the American people to recognize a connection between the maintenance of adequate military strength and the maintenance of the peace, our history has underlined that the danger of war is greatest when potential enemies are in doubt about the capacity of nations to defend their vital interests, about their will to defend them, or about how they define those vital interests<sup>1242</sup>.

Rusk termina seu pronunciamento sequestrando o Futuro. Em dois passos, primeiro negando que o Futuro esteja acontecendo dentro das fronteiras socialistas ou comunistas: “But it is inaccurate to believe that history has stopped within the Communist world or that the currents of history are moving automatically to its advantage”<sup>1243</sup>.

Para, em seguida, afirmar que os EUA estão “taking our part in shaping History”. O Presente e o Futuro se moldam num único sentido de entendimento temporal, dando uma ideia de racionalidade para as crises e esforços do presente a partir do resultado esperado no Futuro:

Perhaps it is a profession of faith to believe that the human story continues to show the power and majesty of the notion of political freedom. But the historian can find the evidence, and many have done so. The future historian will assess what we in our

<sup>1240</sup> RUSK, Dean. Some issues of contemporary history. **The Department of State Bulletin**, p. 83-88, jan. 1962. p. 83.

<sup>1241</sup> Cita, por exemplo, o termo “balance-of-power game” ao explicar o plano Marshall: “In 1947 the American Government decided that it would link the recovery of Europe to efforts at European unification. We chose quite consciously not to play a balance-of-power game with the nations of Europe but to build toward a strong partnership in the affairs of the West.” (RUSK, Dean. Some issues of contemporary history. **The Department of State Bulletin**, p. 83-88, jan. 1962. p. 86) e o termo “national interest”: “On the other hand, we should be aware that the concept of independent nationhood, of national interest, and of national culture are day to day asserting themselves strongly.” (RUSK, Dean. Some issues of contemporary history. **The Department of State Bulletin**, p. 83-88, jan. 1962. p. 87).

<sup>1242</sup> RUSK, Dean. Some issues of contemporary history. **The Department of State Bulletin**, p. 83-88, jan. 1962. p. 84.

<sup>1243</sup> RUSK, Dean. Some issues of contemporary history. **The Department of State Bulletin**, p. 83-88, jan. 1962. p. 87.

generation are doing to write new chapters in that story and how we emerge from this climactic period in which we sense we now live<sup>1244</sup>.

**Figura 36 - Nuvem conceitual formada a partir do discurso "Some issues of Contemporary Issues" de Dean Rusk em dezembro de 1961**



Fonte: Elaborado pelo autor, 2018

## 5.6 CASOS DESTACADOS

Os indícios analisados dão azo à hipótese de que a Guerra Fria, construção narrativa política a partir de determinada visão do sistema internacional e suas “regras”, somente se cristalizou a partir da introjeção do Realismo como moldura de entendimento do mundo e das Relações Internacionais pelo governo norte-americano. Assim, testou-se se e quando a dicotomia EUA e URSS se tornou central no discurso dos presidentes americanos. A se tomar a ideia de uma Guerra Fria estrutural, como um conflito tal qual conceituado por Waltz e por um número bastante grande de historiadores<sup>1245</sup>, seria de se esperar que a rivalidade fosse mencionada fortemente em todos os momentos em que o chefe do executivo fosse se dirigir aos seus eleitores em um momento-chave na democracia norte-americana, chamado “State of the Union Speech”. No início de cada ano, o presidente em exercício fala ao Congresso (e esse discurso é retransmitido à nação a respeito de suas decisões, seus sucessos, seus planos, problemas que merecem consideração ou apoio e etc. É o momento de um accountability formal, muitas vezes com dois presidentes se manifestando, o que termina o mandato e o que está sendo empossado.

<sup>1244</sup> The US department State Bulletin, 1962, volume XL numero 1175-1200, pagina 88

<sup>1245</sup> Para Joseph Nye a Guerra Fria foi um “período de intensa hostilidade” (NYE, Joseph. **Cooperação e conflito nas relações internacionais**. São Paulo: Gente, 2009. p. 141); Odd Westad afirma que o conflito entre EUA e URSS “dominated international affairs” (WESTAD, Odd Arne. **The global cold war**. New York: Cambridge, 2010. p. 3); para Gordon Barrass foi um conflito “fought on many fronts” e não apenas uma disputa militar (BARRASS, Gordon. **The great cold war: a journey through the hall of mirrors**. Stanford: Stanford University Press, 2009, p. 2); de acordo com Fred Halliday foi um conflito marcado pela “total divergence of political and social norms” (HALLIDAY, Fred. A guerra fria e seu fim: consequências para a teoria das relações internacionais. **Contexto Internacional**, v. 16, p. 53-73, jan./jun. 2007. p. 187) e John Lewis Gaddis afirma que EUA e URSS estavam “bumping up against and bruising each other’s interests” (GADDIS, John Lewis. **We now know: rethinking cold war history**. New York: Oxford, 1997. p. 11).

Foram analisados todos os discursos de Harry Truman, de 1946 até 1953 (7), todos os de Dwight Eisenhower, de 1953 a 1961 (9), e de John Kennedy, de 1961 a 1963 (3) com a mesma ferramenta de nuvem conceitual, porém de forma diferente<sup>1246</sup>. Os discursos, que têm em média de 5300 a 6500 palavras, foram tomados a partir dos 100 termos mais utilizados. A técnica foi usada em forma de “survey” para definir os principais temas que nortearam as manifestações dos presidentes para a nação.

De forma a corroborar a hipótese de que a rivalidade era usada como ferramenta política interna e não estava sempre presente (“estrutural”) como assunto essencial dentro das necessidades de comunicação dos Presidentes anualmente. Dos 19 discursos, apenas sete deles apresentaram os termos “soviets” ou “communism” e seus derivados dentro das cinquenta palavras mais usadas. Duas vezes nos governos Truman, todas ligadas à Guerra da Coreia. Quatro vezes nos governos Eisenhower, demonstrando o uso político agressivo da dicotomia e apenas uma vez durante o governo Kennedy (após a Crise dos Mísseis).

Esse dado, longe de ser absoluto, relativiza a noção de que a Guerra Fria tenha sido estrutural e homogênea e demonstra claramente que a preferência dos atores – no caso o presidente da República – é definidora para dar importância (ou retirar) sobre um determinado assunto. Contando que a democracia norte-americana se caracterize por uma transparência e democrática e “imprensa livre” (como era o discurso da própria época), é difícil imaginar que um presidente pudesse “esconder” a Guerra Fria se tal conflito fosse exatamente como descrito por parte significativa da bibliografia: estrutural, global e constante.

## 5.7 OS ANOS DE RIVALIDADE PRONUNCIADA

### 5.7.1 A doutrina Truman

A imensa maioria da bibliografia sobre a Guerra Fria, aponta para a “Doutrina Truman” como sendo o momento inicial da postura beligerante por parte dos dois países. No segundo capítulo, foi argumentado que a “Doutrina Truman” foi uma ferramenta de política interna para de um lado enfraquecer as críticas que vinham desde o tempo de Roosevelt de que a política externa americana era “soft with the commies” e, por outro, inverter uma tendência, compartilhada pela imensa maioria dos analistas da época, de que Truman seria vencido pelo então governador de Nova York, Thomas Dewey. Lá, no segundo capítulo, foram levantadas

---

<sup>1246</sup> Todos as nuvens de resultados, de todos os anos, são apresentadas em Apêndice.

evidências históricas de que houve uma construção historiográfica de supervalorização da Doutrina Truman feita a posteriori com o objetivo de dar um falso senso de coesão para o desenrolar da Guerra Fria. Ainda, a administração Truman precisava manter os impostos altos mesmo em tempo de paz, para resolver os déficits internos.

Aqui, verificou-se tanto nos discursos de Truman quanto nas falas de EUA e URSS no Conselho de Segurança a menção à Doutrina Truman. Se a importância dela em seu tempo fosse a mesma que as narrativas históricas hoje lhe atribuem, seria de se esperar que os assuntos aparecessem de forma evidente nas manifestações do porte e importância como os “State of the Union speeches” ou fossem alvo de discussão exatamente dentro do Conselho de Segurança da ONU.

O discurso da Doutrina Truman foi apresentado ao Congresso no dia 12 de março de 1947. Truman reafirmava sua ideia de “ajudar” todos os povos que quisessem lutar “contra a coerção”<sup>1247</sup>. O peso das palavras de Truman fica evidente no documento:

The very existence of the Greek state is today threatened by the terrorist activities of several thousand-armed men, led by Communists, who defy the government's authority at a number of points, particularly along the northern boundaries. A Commission appointed by the United Nations security Council is at present investigating disturbed conditions in northern Greece and alleged border violations along the frontier between Greece on the one hand and Albania, Bulgaria, and Yugoslavia on the other<sup>1248</sup>.

Contudo, em seu discurso State of the Union de janeiro de 1947 esta questão não aparece como relevante. A representação gráfica do discurso é dada por:

---

<sup>1247</sup> “I believe that it must be the policy of the United States to support free peoples who are resisting attempted subjugation by armed minorities or by outside pressures. I believe that we must assist free peoples to work out their own destinies in their own way. I believe that our help should be primarily through economic and financial aid which is essential to economic stability and orderly political processes.” TRUMAN, Harry. Truman's doctrine (12 march). **House of Representatives**, Washington. 1947.

<sup>1248</sup> TRUMAN, Harry. Truman's doctrine (12 march). **House of Representatives**, Washington. 1947.



“housing”, “goods”, “inflation” (em vermelho) e as questões internacionais sendo mencionadas de forma periférica através dos termos “Peace”, “security”, “future” e “freedom” (azul no início do gráfico), todas próximas de “Nation”.

O discurso é completamente diferente em 1953.

**Figura 39 - Nuvem conceitual do discurso de Harry Truman. State of the Union 1953**



Fonte: Elaborado pelo autor, 2018

O centro do discurso de despedida de Truman, em janeiro de 1953, são as questões internacionais. “Peace”, “Security”, “strength”, “power”, “Independence”, “aggression” formam o conjunto semântico roxo central, ao passo que “communist” surge em verde com fonte alta (demonstrando que o termo foi muito usado) e o termo “soviet” aparece em cinza ligado a todos os blocos semânticos.

Parece evidente que a Questão da Guerra da Coreia joga papel preponderante na modificação das percepções de importância com relação aos assuntos que deveriam ou não ser mencionados no processo de “accountability” formal que são os State of the Union. Contudo, fica evidente também que quando da publicação da “Doutrina Truman” nem o cenário internacional era importante o suficiente para Truman, nem a “Grécia” ou os “comunistas” estavam de alguma forma no centro da preocupação do governo. Nem em 1947, nem em 1948.

Na pesquisa com as manifestações americanas e soviéticas no Conselho de Segurança da ONU, a questão é mencionada como assunto principal em 59 sessões, de 06 de fevereiro de 1946 até 15 de setembro de 1947. Na primeira sessão após o pronunciamento da Doutrina Truman, SPV 123<sup>1249</sup> em 28 de março de 1947, o presidente do Conselho de Segurança era o

<sup>1249</sup> UNITED NATIONS SECURITY COUNCIL. SPV 123, de 28 de março de 1947. Disponível em: <<http://www.un.org/en/sc/inc/spv.asp>>. Acesso em: 20 nov. 2017.



diplomata brasileiro Oswaldo Aranha. O representante americano, Warren Robinson Austin, afirma que: “The Government of the United States has a very special and pressing interest in effective action by the Security Council in the Greek case.” Austin menciona textualmente o pronunciamento de Truman, dando à doutrina Truman o caráter especificamente econômico:

On 12 March 1947, the President of the United States proposed to Congress a programme of assistance which he believed would result in meeting the immediate requirements of Greece and would materially contribute to that country's economic and political recovery. It would also permit the extension of financial and - advisory assistance to help meet the needs of Turkey. [...] President Truman's message to Congress comprehended more than Greece and Turkey, when he spoke of conditions in the world affecting the security of the United States through the insecurity of the world. He declared the situation in Greece and Turkey to be one of the factors of insecurity, and pointed out the various requirements for restoration of stability<sup>1250</sup>.

O representante soviético, Andrei Gromyko, se limita a pedir tempo “para analisar” a extensa manifestação americana, sem, contudo, fazer qualquer menção ou desagravo à manifestação de Truman a respeito de sua “doutrina”<sup>1251</sup>. O termo passa em branco pela delegação soviética, acostumada a rechaçar qualquer agressão vinda por parte dos norte-americanos<sup>1252</sup> e só se é criticado em 18 de abril de 1947 (SPV 130) pelo representante da Colômbia:

<sup>1250</sup> UNITED NATIONS SECURITY COUNCIL. **SPV 123, de 28 de março de 1947**. p. 8. Disponível em: <<http://www.un.org/en/sc/inc/spv.asp>>. Acesso em: 20 nov. 2017.

<sup>1251</sup> A comparação com o discurso de Churchill em Fulton, Missouri, por exemplo, é importante. Em 05 de março de 1946, Churchill faz um forte discurso denunciando o que chamou de “o cair de uma cortina de ferro sobre a Europa Oriental”: “From Stettin in the Baltic to Trieste in the Adriatic an iron curtain has descended across the Continent. Behind that line lie all the capitals of the ancient states of Central and Eastern Europe. Warsaw, Berlin, Prague, Vienna, Budapest, Belgrade, Bucharest and Sofia, all these famous cities and the populations around them lie in what I must call the Soviet sphere, and all are subject in one form or another, not only to Soviet influence but to a very high and, in some cases, increasing measure of control from Moscow.” (CHURCHILL, Winston. **Iron curtain**. [s.l.]: Fulton, 1946). Em 10 de setembro de 1946 (UNITED NATIONS SECURITY COUNCIL. **SPV 65, de 10 de setembro de 1946**. Disponível em: <<http://www.un.org/en/sc/inc/spv.asp>>. Acesso em: 10 nov. 2017) o representante da Ucrânia denuncia o termo: “The States of eastern Europe, liberated from the hitlerite yoke, are striving for conditions' in which they, as sovereign States, would themselves determine their economic policy and decide their internal and external affairs, and this is their lawful right, but the warmongers are clamouring that these States want to fence themselves off from other States with an iron curtain, an expression, by the way, which was first put into circulation by Goebbels.”

<sup>1252</sup> Embora em 7 de Abril de 1947, SPV 126 (UNITED NATIONS SECURITY COUNCIL. **SPV 126, de 7 de abril de 1947**. Disponível em: <<http://www.un.org/en/sc/inc/spv.asp>>. Acesso em: 11 nov. 2017), Gromyko faça extensa manifestação no sentido de afirmar que: “The United States representative tried to convince us that the so-called United States aid to Greece and Turkey would contribute to the strengthening of peace and security in that area. At the same time, he pointed to the tense situation existing in Greece, particularly in its northern part, linking that situation with the alleged existing threat to Greece from outside [...] The measures taken by the Government of the United States with respect to Greece and Turkey seriously undermine the authority, of the United Nations and inevitably produce distrust in relations among the Member States of the United Nations.”.



However, we need not wait until the full meaning of those two momentous international moves has been well clarified to understand that the proposals submitted to the Security Council by the delegations of the United States and the Soviet Union barely touch the surface of the Greek question. No sincere advocate of peace can fail to be impressed by what has been said in explanation of the “Truman Doctrine” and, sometimes, in belligerent support of its implementation by the United States Congress; or by the desirability- we may say necessity – arising therefrom of giving more thorough and efficient consideration to the problem of Balkan unrest<sup>1253</sup>.

Pelas manifestações soviéticas, a “Doutrina Truman” não foi compreendida como algo diferente do que a política externa norte-americana já vinha fazendo. É eloquente o fato de ser um país latino-americano o primeiro a nominar a atitude norte-americana por “Doutrina Truman”, enquanto o sujeito contra o qual a “doutrina” é destinada (a URSS) não a enxerga com qualquer diferencial de beligerância que pudesse ensejar a importância que os historiadores dão aquele fato.

### 5.7.2 A Guerra da Coreia – Truman 1951, 1953

O segundo momento de tensão exacerbada, captado através dos discursos “State of the Union” foi a Guerra da Coreia. O conflito se inicia em junho de 1950 e já no discurso de 1951, Truman fazia uma referência direta ao perigo desse conflito para a segurança internacional, mas sempre se referindo ao esforço presente (político, de segurança, econômico e etc.) que asseguraria o Futuro:

Our objective in the world is peace. Our country has joined with others in the task of achieving peace. We know now that this is not an easy task, or a short one. But we are determined to see it through. Both of our great political parties are committed to working together-and I am sure they will continue to work together-to achieve this end. We are prepared to devote our energy and our resources to this task, because we know that our own security and the future of mankind are at stake<sup>1254</sup>.

A referência concreta é à política “bipartisanship” e o comprometimento de ações no presente para garantir o futuro da humanidade com pedido explícito aos cidadãos que o ajudassem na criação da National Science Foundation:

To take full advantage of the increasing possibilities of nature we must equip ourselves with increasing knowledge. Government has a responsibility to see that our country maintains its position in the advance of science. As a step toward this end, the

<sup>1253</sup> UNITED NATIONS SECURITY COUNCIL. **SPV 130, de 18 de abril de 1947**. p. 20. Disponível em: <<http://www.un.org/en/sc/inc/spv.asp>>. Acesso em: 11 nov. 2017.

<sup>1254</sup> TRUMAN, Harry. The President's news conference april 5. [s.l.: s.n.], 1951.



The question of the establishment of a South Korean puppet regime was discussed at length at the recent session of the General Assembly in Paris<sup>1257</sup>. It is quite obvious from the documents of the United Nations Temporary Commission on Korea that this so-called government came into existence as result of both secret and open links between the American military administration and a small group of South Korean reactionaries, headed by the arch-reactionary Syngman Rhee. This group is composed for the greater part of former Quislings and collaborationists, who co-operated in the past with the Japanese militarists and are at present fulfilling the function of chief support for the foreign occupation authorities in South Korea<sup>1258</sup>.

A posição norte-americana era pelo desgaste da URSS, Austin defendia que o pedido da Coreia do Sul fosse enviado para o Comitê de Admissão de Novos Membros. Em caso de aprovação era sabido o veto soviético<sup>1259</sup>, mas esse era o atrito que a delegação do Ocidente (incluindo aí EUA, França e Inglaterra) impunham à URSS. Depois de alguma discussão, a reunião foi adiada para o dia seguinte (SPV 410)<sup>1260</sup> onde a Ucrânia (aliada soviética e presente no CS) entabulou discussão nos mesmos termos soviéticos, ambos pediram também o reconhecimento da Coreia do Norte e sendo esta ação rejeitada por 8 a 2 em 8 de abril de 1949, na SPV 423<sup>1261</sup> a URSS viria a vetar a entrada da Coreia do Sul.

A questão da Coreia foi, portanto, inicialmente alvo de disputa institucional pelas duas potências e somente em 25 de junho de 1950 (SPV 473)<sup>1262</sup> que os EUA viriam a fazer uma reclamação formal no CS/ONU sobre a “agression upon Republic of Korea”. Durante toda a discussão, em nenhum momento é levantada qualquer culpabilidade da URSS, e todas as votações se dão se a presença dos soviéticos. O representante da Iugoslávia, Ales Bebler, claramente correlaciona a questão dos Balcãs com a da Coreia:

<sup>1257</sup> Na Assembléia Geral a posição do Ocidente saiu vencedora (por 48 a 6 na Resolução 195/III de 12/12/1948) afirmando que a Coreia do Sul era um “lawful government” e que a eleição ali realizada era considerada “a valid expression. Of the free will of the electorate of that part of Korea”. O que os EUA tentavam no CS era reconhecer e forçar diplomaticamente a última parte da resolução que afirmava que o governo de Rhee “is the only such government in Korea”. O que foi desconsiderado pelo Ocidente é que na eleição levada a cabo no sul o número de eleitores era significativamente menor que as eleições do norte e, ainda assim, no sul havia dissidência. Na prática, tomados os números, numa eleição conjunta (norte e sul) Rhee não seria eleito.

<sup>1258</sup> UNITED NATIONS SECURITY COUNCIL. **SPV 409, de 15 de fevereiro de 1949**. p. 3. Disponível em: <<http://www.un.org/en/sc/inc/spv.asp>>. Acesso em: 18 nov. 2017.

<sup>1259</sup> Até 1960 nenhuma resolução patrocinada pela URSS foi aceita pelo CS/ONU. TODAS, sem exceção, eram barradas pela regra dos votos necessários para aprovação (hoje, 9 de 15 votos e até 1965 eram 7 de 11). Desta forma os EUA conseguiam evitar o desgaste do seu uso do veto apenas não dando os votos necessários para a aprovação da resolução.

<sup>1260</sup> UNITED NATIONS SECURITY COUNCIL. **SPV 410**. Disponível em: <<http://www.un.org/en/sc/inc/spv.asp>>. Acesso em: 11 nov. 2017.

<sup>1261</sup> UNITED NATIONS SECURITY COUNCIL. **SPV 423, de 8 de abril de 1949**. Disponível em: <<http://www.un.org/en/sc/inc/spv.asp>>. Acesso em: 10 nov. 2017.

<sup>1262</sup> O CS era composto nesse momento por China, Cuba, Equador, Egito, França, Índia, Noruega, Reino Unido, EUA e Iugoslávia. A URSS estava ausente desde o início de 1950 em boicote em função da não aceitação dos EUA da transferência do direito de assento do regime de Taiwan para a China Popular.

Our draft resolution is based on the recognition of the fact that the war in Korea is a direct consequence of the general tension in the post-war world, a tension which has in recent years assumed such forms that it has become commonly known as the "cold war", we believe that the source of this continued tension lies in the practice, widely applied after the Second world war, of dividing certain geographical areas into spheres of influence or interest. we know today that the Balkans, my country included, have been the object of such a division, We also know that it has caused the Balkan peoples to suffer many difficulties and misfortunes, which still exist, and the end of which it is impossible to foresee; nor are we unaware of the extent to which the consequences of the policy of division are still poisoning international relations in general.

Contudo, em 1º de agosto de 1950 (SPV 480) o representante soviético, Yakov Malik, retorna ao CS/ONU, sem qualquer comunicação prévia, para assumir o posto de presidente do Conselho, que se dava em forma de rodízio. Malik tenta barganhar o peso da URSS no conflito da Coreia com o reconhecimento da cadeira para a China Popular no que, Warren Austin, representante americano deixa clara a sua posição:

The United Nations should establish firmly the clear principle that the question of Chinese representation is not linked in any way with the Korean aggression. The firm opposition of the United Nations against the barbaric use of force has given strength and encouragement to all free peoples. We cannot risk the disillusionment that would flow from consideration by the United Nations under this duress of such a matter as representation. We are strongly opposed to any action of the Council which might leave the impression that the question of the termination of the aggression from North Korea can be contingent in any way upon the determination of the question of Chinese representation<sup>1263</sup>.

Stalin se faz presente, por meio de uma mensagem a Nehru lida no CS/ONU e reafirma o jogo diplomático:

I welcome your enveavours on behalf of peace and fully share your views regarding the expediency of a peaceful settlement of the Korena question through the Security Council subject to the participation of the five great powers, including the People's Government of China. I believe that the prompt settlement of the Korean question would be promoted by granting a hearing in the Security Council to the representatives of the Korean people<sup>1264</sup>.

Depois de violentas discussões entre URSS e EUA, apoiado sempre pela Inglaterra e França, na SPV 482<sup>1265</sup>, em 3 de agosto de 1950, pela primeira vez a argumentação soviética obteve um número importante de apoios dentro do CS/ONU. O pedido de votação para que se

<sup>1263</sup> UNITED NATIONS SECURITY COUNCIL. **SPV 480, de 1º de agosto de 1950**. p. 14. Disponível em: <<http://www.un.org/en/sc/inc/spv.asp>>. Acesso em: 18 nov. 2017.

<sup>1264</sup> UNITED NATIONS SECURITY COUNCIL. **SPV 480, de 1º de agosto de 1950**. p. 18. Disponível em: <<http://www.un.org/en/sc/inc/spv.asp>>. Acesso em: 18 nov. 2017.

<sup>1265</sup> UNITED NATIONS SECURITY COUNCIL. **SPV 482, de 3 de agosto de 1950**. Disponível em: <<http://www.un.org/en/sc/inc/spv.asp>>. Acesso em: 14 nov. 2017.

incluísse a questão da representação chinesa na agenda recebeu cinco votos a favor (URSS, Índia, Noruega, Reino Unido e Iugoslávia) e cinco contra (China, Cuba, Ecuador, França e EUA) com uma abstenção (Egito). A força diplomática dos EUA, embora ainda suficiente para manter a URSS sem capacidade de agir pelo CS/ONU, fora claramente atacada. A partir daí os EUA passaram a adiar toda e qualquer seção com proposta soviética<sup>1266</sup>. MacArthur ganhava terreno e o CS/ONU não era mais interessante ou necessário para os EUA. Uma longa discussão a respeito do “comunismo” e sua forma violenta de agir toma conta do CS/ONU. Questões objetivas são bloqueadas em prol de uma discussão interminável de caráter moral a respeito de questões ideológicas. Até Marx<sup>1267</sup> é citado pelos representantes do ocidente.

No fim, a questão referente ao Futuro é invocada, através da concepção do conflito sem fim, para justificar as ações políticas do presente:

The truth is that unless these mad deterministic ideas [communism] are abandoned, peace cannot be final and **the possibility of war must always be there**. The ideas need not, of course, be explicitly abandoned, but perhaps they can, in practice, not be applied. Perhaps we can draw, at any rate, one conclusion. If the fifty-three nations on which the President, pours so much scorn can remain together, these ideas will not be applied in practice because, in practice, it will be impossible for the Government of the Soviet Union to achieve by violence, direct or indirect, those ends which at the moment it seems determined to secure. This, I suggest, is the plain truth and the root of the matter<sup>1268</sup>.

<sup>1266</sup> “The Government of the United States does not wish to do this. Its delegation to the Security Council is wrecking the Soviet Union proposals for the peaceful settlement of the Korean question. Its delegation in the Security Council, supported by the delegations of the Marshallized countries, upon which pressure has been brought to bear by the US Senate, is blocking the Soviet Union proposals that, in the interests of the matter itself, in the interest of peace and in the interests of the peaceful settlement of the Korean question, both sides should be heard, both the Northerners and the Southerners, both the representatives of North Korea and the representatives of South Korea. The Government of the United States and its delegation in the Security Council is blocking these proposals of the Soviet Union.” (UNITED NATIONS SECURITY COUNCIL. **SPV 488**. p. 17. Disponível em: <<http://www.un.org/en/sc/inc/spv.asp>>. Acesso em: 18 dez. 2017). A mesma explicação será dada pelo representante inglês, Gladwyn Jebb, na SPV 489 (UNITED NATIONS SECURITY COUNCIL. **SPV 489**. Disponível em: <<http://www.un.org/en/sc/inc/spv.asp>>. Acesso em: 17 dez. 2017): “The immediate reason for the impasse, of course, is the President's refusal to agree to the presence at this table of the representative of the victim, the Republic of Korea, or more accurately perhaps, the President's refusal to agree to his presence unless there is a simultaneous appearance of the representative of those who let loose the war, namely, the Communist authorities of North Korea. What is still not generally understood, I think, is the immense importance of this attitude of the President's which is not, of course, shared, and is indeed bitterly opposed, by no less than nine of his colleagues on the Security Council. Behind the dreary debate which we have had on procedure their looms, indeed, a question of vast significance, and one which, as might have been expected, has brought the proceedings in this body to a complete, if only temporary, stop.” (UNITED NATIONS SECURITY COUNCIL. **SPV 489**. p. 19. Disponível em: <<http://www.un.org/en/sc/inc/spv.asp>>. Acesso em: 17 dez. 2017).

<sup>1267</sup> (UNITED NATIONS SECURITY COUNCIL. **SPV 489**. p. 24. Disponível em: <<http://www.un.org/en/sc/inc/spv.asp>>. Acesso em: 18 nov. 2017). Na mesma discussão, o representante norte-americano, Warren Austin, cita Hitler e o Pacto Ribentrop-Molotov para exemplificar “the soviet technique” em “covering one's guilt by accusing others” (UNITED NATIONS SECURITY COUNCIL. **SPV 489**. p. 30-31. Disponível em: <<http://www.un.org/en/sc/inc/spv.asp>>. Acesso em: 18 nov. 2018).

<sup>1268</sup> UNITED NATIONS SECURITY COUNCIL. **SPV 489**. p. 26. Disponível em: <<http://www.un.org/en/sc/inc/spv.asp>>. Acesso em: 18 nov. 2017.

A China entraria no conflito em 18 de outubro de 1950<sup>1269</sup>, e em dezembro o general MacArthur comunicaria ao governo americano que lutava com um “pequeno exército” contra “toda a nação chinesa”. Apenas em 28 de novembro um representante da China Popular seria chamado para falar ao CS/ONU:

Mr. President, members of the Security Council: on the instructions of the Central People's Government of the People's Republic of China, I am here in the name of the 475 million people of China to accuse the United States Government of the unlawful and criminal act of armed aggression against the territory of China, Taiwan - including the Penghu Islands. (From now on, when I speak of Taiwan, it shall include the Penghu Islands.) I wish to invite the attention of the members of the Security Council to this fact. This is my concrete mission here<sup>1270</sup>.

Em 29 de novembro de 1950, o CS/ONU, enfim recebia comunicações dos representantes do norte e do sul da Coreia para serem lidas na sessão, Pak Hen Em pelo norte afirma:

The Government of the People's Democratic Republic of Korea, which expresses the will of the Korean people, again protests energetically against the abovementioned atrocities of the American and Syngman Rhee troops in Korea, which constitute a flagrant violation of the rules of international law and human morality and proclaims that the responsibility for those atrocities lies entirely with the Government of the United States of America, as the organizer and interventionist in Korea. The Government of the People's Democratic Republic of Korea again insists that the United Nations, whose flag is being used blasphemously to mask American aggression in Korea, should take the necessary measures to put an end to such atrocities by American armed forces in Korea<sup>1271</sup>.

Enquanto, para o representante do sul, Ben Limb, a situação era outra:

The immediate past history of the war in Korea is known to all. The Security Council has acted promptly and vigorously for the sake of justice and humanity when on 25 June a wanton, unprovoked aggression was suddenly unleashed by the communists against the Republic of Korea. Fifty-three of the fifty-nine Member States of the United Nations quickly responded to Korea's call for help. The United Nations forces

<sup>1269</sup> MacArthur enviou um relatório à ONU, lido apenas em 08/11, quando o dano às forças americanas já começava a se fazer sentir: “It is apparent to our Fighting forces, and our intelligence agencies have confirmed the fact, that United Nations is presently in hostile contact with chinese communist military units” (UNITED NATIONS SECURITY COUNCIL. **SPV 519, de 18 de outubro de 1950**. p. 7. Disponível em: <<http://www.un.org/en/sc/inc/spv.asp>>. Acesso em: 12 out. 2017).

<sup>1270</sup> UNITED NATIONS SECURITY COUNCIL. **SPV 527, de 28 de novembro de 1950**. p. 2. Disponível em: <<http://www.un.org/en/sc/inc/spv.asp>>. Acesso em: 30 out. 2017.

<sup>1271</sup> UNITED NATIONS SECURITY COUNCIL. **SPV 528, de 29 de novembro de 1950**. p. 5. Disponível em: <<http://www.un.org/en/sc/inc/spv.asp>>. Acesso em: 30 out. 2017.

are now beating back the invaders under the inspiring leadership of the Commander-in-Chief of the United Nations Forces, General Douglas MacArthur<sup>1272</sup>.

Apesar de parecer que o conflito estivesse num impasse diplomático, é o primeiro ministro britânico Clement Attlee, quem dá a cartada final ao afirmar que “*the war in Korea is being waged by the Americans. We have responded to their demand*”<sup>1273</sup>. Malik, pela representação soviética, não perde tempo para ganhar a guerra de narrativas e afirma:

The Americans are waging the war in Korea; they are guilty of aggression; they have interfered in the internal affairs of the Korean people and they bear full responsibility for the bloody outrages which are being perpetrated in Korea under the cover of the United Nations flag by the worst enemy of the Asian peoples, General MacArthur. We learned new facts concerning outrages by General MacArthur today from the cablegram sent by Pak Ben En, the Minister of Foreign Affairs of the Korean People's Democratic Republic to the President of the Security Council, which was read to us by the Assistant Secretary-General. They are even worse than the crimes perpetrated at Oswiecim and Lidice<sup>1274</sup>.

Vencidos na Guerra de narrativas, privados dos apoios de aliados mais próximos e com graves problemas no campo militar, os EUA encerraram discussões no CS/ONU sobre a Coreia no dia 31 de janeiro de 1951<sup>1275</sup>. A dispensa de MacArthur, em 10 de abril de 1950, assinada por Truman e com a aprovação de Acheson e Marshall seria o reconhecimento da derrota diplomática. O acordo final e paz seria assinado em sessão secreta por Eisenhower, após a estratégia norte-americana se tornar defender apenas o paralelo 38. Nem a política de compromisso de Acheson (gentlemen's agreement) nem o anticomunismo visceral e militarista de MacArthur tornaram a política externa dos EUA mais sólida. Pelo contrário, a percepção era que, em essência, a forma de Truman e Acheson lidarem com o cenário internacional estava errada.

## 5.8 O FUTURO COMO UM CONFLITO INESCAPÁVEL DE EISENHOWER, 1955 E 1961

<sup>1272</sup> UNITED NATIONS SECURITY COUNCIL. **SPV 528, de 29 de novembro de 1950**. p. 5. Disponível em: <<http://www.un.org/en/sc/inc/spv.asp>>. Acesso em: 30 out. 2017.

<sup>1273</sup> UNITED NATIONS SECURITY COUNCIL. **SPV 528, de 29 de novembro de 1950**. p. 21. Disponível em: <<http://www.un.org/en/sc/inc/spv.asp>>. Acesso em: 30 out. 2017.

<sup>1274</sup> UNITED NATIONS SECURITY COUNCIL. **SPV 528, de 29 de novembro de 1950**. p. 5. Disponível em: <<http://www.un.org/en/sc/inc/spv.asp>>. Acesso em: 30 out. 2017.

<sup>1275</sup> Sequer a Guerra toma parte importante no discurso State of the Union de Truman em 1952, como pode ser visto em gráfico no apêndice.

Outros dois momentos de rivalidade que são pronunciadas o suficiente para surgirem dentro dos discursos “State of the Union” são em 1955 e 1961 já dentro do governo Eisenhower. É interessante perceber que os dois momentos são exatamente no início e no fim do governo demonstrando uma linha de condução da rivalidade retórica como forma de organizar os sentidos sobre o campo internacional. Esta ideia fica ainda mais evidente se levarmos em conta o ponto seguinte (a retórica sobre a crise do Sputnik em 1958 e 1960) demonstrando que Eisenhower jogou com a ameaça comunista de forma muito mais explícita para legitimar seu governo e suas ações.

Em 1955, ele afirmava já no início que:

At the outset, I believe it would be well to remind ourselves of this great fundamental in our national life: our common belief that every human being is divinely endowed with dignity and worth and inalienable rights. This faith, with its corollary--that to grow and flourish people must be free--shapes the interests and aspirations of every American<sup>1276</sup>.

A remessa das aspirações e direitos ao “divinely endowment”, o ser humano e a ideia de “Faith” ligado ao “free” deixam claro o tom usado por Eisenhower e Dulles durante seu governo. Esta percepção religiosa-messiânica, que estabelece uma razão para a existência e a ação dos EUA no cenário internacional, dialoga com os grupos que apoiavam Eisenhower (como as igrejas e pastores neopentecostais), mas, como contraponto, afastava-se do discurso de exaltação da ciência de Truman. Para Eisenhower a Guerra Fria era muito mais do que uma luta de “economic theories” ou “forms of government”:

It is of the utmost importance, that each of us understand the true nature of the struggle now taking place in the world.

It is not a struggle merely of economic theories, or of forms of government, or of military power. At issue is the true nature of man. Either man is the creature whom the Psalmist described as "a little lower than the angels," crowned with glory and honor, holding "dominion over the works" of his Creator; or man is a soulless, animated machine to be enslaved, used and consumed by the state for its own glorification.

It is, therefore, a struggle which goes to the roots of the human spirit, and its shadow falls across the long sweep of man's destiny. This prize, so precious, so fraught with ultimate meaning, is the true object of the contending forces in the world<sup>1277</sup>.

---

<sup>1276</sup> EISENHOWER, Dwight. **Discurso State of the Union**. Washington: [s.n.], 1955.

<sup>1277</sup> EISENHOWER, Dwight. **Discurso State of the Union**. Washington: [s.n.], 1955.



Toda a primeira parte do discurso é usada para as questões internacionais, sempre ligadas a esta ideia messiânica de luta contra o mal. Eisenhower apresenta e defende sua ideia de “New Look” para se opor aos soviéticos:

*If Communist rulers understand that America's response to aggression will be swift and decisive--that never shall we buy peace at the expense of honor or faith--they will be powerfully deterred from launching a military venture engulfing their own peoples and many others in disaster*<sup>1278</sup>.

Para aumentar o tempo de serviço military nos EUA, Eisenhower invoca novamente o Futuro: “For the foreseeable future, our standing forces must remain much larger than voluntary methods can sustain. We must, therefore, extend the statutory authority to induct men for two years of military service”<sup>1279</sup>.

A noção de um Futuro certo, definido em um conflito em escala mundial determinava ações presentes apresentadas como necessárias. O Futuro mesmo tinha primazia frente a noção de liberdade individual, no momento em que Eisenhower sustenta que os “voluntary methods” para manter o exército não são mais aceitáveis. É clara a hipoteca dos valores do presente com base numa noção de Futuro incontornável.

To advance, not merely by our words but by our acts, the determination of our government that every citizen shall have opportunity to develop to his fullest capacity. As we do these things, before us is a future filled with opportunity and hope. That future will be ours if in our time we keep alive the patience, the courage, the confidence in tomorrow, the deep faith, of the millions who, in years past, made and preserved us this nation<sup>1280</sup>.

A representação gráfica do discurso de Eisenhower de 1955 é:

**Figura 41 - Nuvem conceitual do discurso State of the Union de Eisenhower de 1955**



<sup>1278</sup> EISENHOWER, Dwight. **Discurso State of the Union**. Washington: [s.n.], 1955.

<sup>1279</sup> EISENHOWER, Dwight. **Discurso State of the Union**. Washington: [s.n.], 1955.

<sup>1280</sup> EISENHOWER, Dwight. **Discurso State of the Union**. Washington: [s.n.], 1955.

Fonte: Elaborado pelo autor, 2018

Em primeiro lugar, é possível ver os termos “strengthen”, “improve” e “assure” (grafados em cinza e rosa) o que demonstra que o discurso é, diferentemente do que seria um accountability como é o “State of the Union”, voltado para o Futuro. Numa eterna preparação para o conflito inescapável. O termo “communist” surge em roxo (acima abaixo de “Federal”) ainda grafado em tamanho pequeno. A rivalidade não estava em período de guerra, mas, ainda assim, o termo aparece no discurso de Eisenhower. A retórica que se alimenta do Futuro precisa nomear seu opositor, ainda que não de forma reiterada.

Em 1961, contudo, no discurso de entrega do governo, Eisenhower é muito mais enfático. Em uma seção nominada especificamente “Foreign Policy”, Eisenhower defende todas as suas ações internacionais (operadas pela CIA), mas coloca na ONU a responsabilidade pela Crise no Congo:

On January 20, 1953, when I took office, the United States was at war. Since the signing of the Korean Armistice in 1953, Americans have lived in peace in highly troubled times.

During the 1956 Suez crisis, the United States government strongly supported United Nations' action—resulting in the ending of the hostilities in Egypt.

Again in 1958, peace was preserved in the Middle East despite new discord. Our government responded to the request of the friendly Lebanese Government for military help, and promptly withdrew American forces as soon as the situation was stabilized.

In 1958 our support of the Republic of China during the all-out bombardment of Quemoy restrained the Communist Chinese from attempting to invade the off-shore islands.

Although, unhappily, Communist penetration of Cuba is real and poses a serious threat, Communist dominated regimes have been deposed in Guatemala and Iran. The occupation of Austria has ended and the Trieste question has been settled.

Despite constant threats to its integrity, West Berlin has remained free. [...]

The United Nations has been vigorously supported in all of its actions, including the condemnations of the wholesale murder of the people of Tibet by the Chinese Communists and the brutal Soviet repression of the people of Hungary, as well as the more recent UN actions in the Congo<sup>1281</sup>.

Todo o discurso é jogado contra os “comunistas” e as suas diversas “estratégias” e “ameaças”. Mas a vitória se dá apenas no Futuro. O “efeito Sputnik” abriria um novo espaço para que a retórica explorasse a ligação entre “Futuro” e “Ciência” e Eisenhower não perde tempo em criar a fronteira final do “space”:

Americans can look forward to new achievements in space exploration. The near future will hold such wonders as the orbital flight of an astronaut, the landing of

<sup>1281</sup> EISENHOWER, Dwight. **Discurso State of the Union**. Washington: [s.n.], 1961.

instruments on the moon, the launching of the powerful giant Saturn rocket vehicles, and the reconnaissance of Mars and Venus by unmanned vehicles<sup>1282</sup>.

A preparação para esse Futuro, segundo Eisenhower, nunca teria fim e junto com os léxicos voltados para as questões morais e espirituais, o presidente fecha com a crítica pela qual ficou conhecido, a de fazer um “balanço” entre os interesses e responsabilidades do governo e da iniciativa privada:

Our goal always has been to add to the spiritual, moral, and material strength of our nation. I believe we have done this. But it is a process that must never end. Let us pray that leaders of both the near and distant future will be able to keep the nation strong and at peace, that they will advance the well-being of all our people, that they will lead us on to still higher moral standards, and that, in achieving these goals, they will maintain a reasonable balance between private and governmental responsibility<sup>1283</sup>.

A representação gráfica do discurso de 1961 é:

Figura 42 - Nuvem conceitual do discurso State of the Union de Eisenhower em 1961



Fonte: Elaborado pelo autor, 2018

A linha central do discurso é “security”, mas os três termos que são apropriados por mais de três grupos semânticos são “actions”, “established” e “advances” (em rosa, laranja e cinza no centro do diagrama). Para Eisenhower é esse o objetivo do governo, agir de forma a antecipar o Futuro. O objetivo é sempre ligado à luta contra o “communist” (em verde) mas

<sup>1282</sup> EISENHOWER, Dwight. **Discurso State of the Union**. Washington: [s.n.], 1961.

<sup>1283</sup> EISENHOWER, Dwight. **Discurso State of the Union**. Washington: [s.n.], 1961.

esta é uma luta que não tem vez no Presente. O presente é o campo apenas da preparação material, moral e espiritual para o confronto.

### 5.9 O EFEITO SPUTNIK, 1958 E 1960

Em 4 de outubro de 1957 a URSS lançou em órbita o primeiro artefato terrestre, chamado de Sputnik (Спутник), que significa “companheiro de viagem”. Sinais de rádio enviados pelo satélite para a URSS foram captados pelos serviços de segurança dos EUA e em 10 de outubro uma reunião do National Security Council, em Washington, tinha lugar. Dulles resumia para Eisenhower os efeitos do lançamento do Sputnik:

Mr. Dulles then turned to the world reaction to the Soviet achievement. He first pointed out that Khrushchev had moved all his propaganda guns into place. The launching of an earth satellite was one of a trilogy of propaganda moves, the other two being the announcement of the successful testing of an ICBM and the recent test of a large-scale hydrogen bomb at Novaya Zemlya [...].

Larded in with Khrushchev’s propaganda statements had been a number of interesting remarks, such as the one in which Khrushchev consigned military aircraft to museums in the future. With respect to this remark, Mr. Dulles pointed out that U.S. intelligence had not observed as many Soviet heavy bombers on airfields as had been expected. This raised the question as to whether the Soviets are in the process of de-emphasizing the role of the heavy bomber. There had been no clear verdict yet by the intelligence community on this question<sup>1284</sup>.

O Futuro chegava, pela ciência<sup>1285</sup>, nas mãos dos soviéticos. Três foram as ações do governo americano para lidar com a histeria<sup>1286</sup> criada pelo Sputnik: (1) o fortalecimento do

<sup>1284</sup> THE US STATE DEPARTMENT. Memorandum of Discussion at the 339th meeting of the National Security Council. Washington: Eisenhower Library, 1957.

<sup>1285</sup> “The Chinese Communist reaction was to declare quickly that the launching of the earth satellite was proof of Soviet military and scientific supremacy over the United States. Maximum play on this theme was being provided in all the Soviet satellites.” (THE US STATE DEPARTMENT. Memorandum of Discussion at the 339th meeting of the National Security Council. Washington: Eisenhower Library, 1957).

<sup>1286</sup> Em 9 de outubro, o próprio Eisenhower se dirigiu aos cidadãos estadunidenses afirmando que: “Responsibility within the Government for scientific aspects of the program was assigned to the National Science Foundation, working in close cooperation with the United States National Committee for the International Geophysical Year. The Department of Defense was made responsible for supplying the rocketry needed to place a satellite in orbit without interfering with the top priority ballistic missile program. In line with the recommendations of a group of United States scientists advising the Department of Defense, the satellite project was assigned to the Naval Research Laboratory as Project Vanguard.” (EISENHOWER, Dwight. Summary of important facts in Earth satellite program. **The State Department Bulletin**, Washington, p. 673-674. 1957). Ocorre que o próprio secretário da marinha, Thomas Gates, acusa o padrão de “duas narrativas” através de um memorando interno: “I am gravely concerned about the effects of the Presidential statement of 9 October on the dates of intended firings of Vanguard vehicles. It said in effect that test vehicles were planned to be launched in December and a fully instrumented satellite in March 1958. The statement has been widely—though erroneously—interpreted in the press and within the administration as a commitment to achieve satellites on those dates. There is in fact only a probability—not a certainty—that satellites will be achieved on these first attempts.”

NSC 5520 que eram os planos para o lançamento de satélite norte-americano (existentes de 1955) e o maciço investimento em educação por parte governo<sup>1287</sup> através do NDEA (National Defense Education Act) de 1958; (2) a criação da NASA (National Aeronautics and Space Administration) em 29 de julho de 1958 e (3) o início dos voos americanos sobre território soviético com aviões U2<sup>1288</sup>.

As to the Soviet satellite, we congratulate Soviet scientists upon putting a satellite into orbit. The United States satellite program has been designed from its inception for maximum results in scientific research. The scheduling of this program has been described to and closely coordinated with the International Geophysical Year scientists of all countries. As a result of passing full information on our project to the scientists of the world, immediate tracking of the United States satellite will be possible, and the world's scientists will know at once its orbit and the appropriate times for observation<sup>1289</sup>.

O efeito Sputnik foi imediatamente sentido<sup>1290</sup>. Já no discurso State of the Union em janeiro de 1958, Eisenhower usava da retórica inflamada para manter a ideia do “conflito inescapável”:

All of us realize that, as this new session begins, many Americans are troubled about recent world developments which they believe may threaten our nation's safety. Honest men differ in their appraisal of America's material and intellectual strength, and the dangers that confront us. **But all know these dangers are real**<sup>1291</sup>.

---

(GATES, Thomas. Memorandum from the secretary of the Navy (Gates) to the Secretary of Defense (McElroy). **Earth Satellite Program**, Washington: Eisenhower Library, 1957).

<sup>1287</sup> THE US GOVERNMENT. **National defense education Act (NDEA) (P.L. 85-864)**. Washington: [s.n.], 1958.

<sup>1288</sup> Denunciados pela primeira vez pela URSS em 21 de abril de 1958, no SPV 813: “An aircraft of the United States Air Force carrying atomic and hydrogen bombs have recently repeatedly flown across the Arctic in the direction of the USSR.” (UNITED NATIONS SECURITY COUNCIL. **SPV 813, de 21 de abril de 1958**. Disponível em: <<http://www.un.org/en/sc/inc/spv.asp>>. Acesso em: 29 out. 2017).

<sup>1289</sup> EISENHOWER, Dwight. Summary of important facts in Earth satellite program. **The State Department Bulletin**, Washington, p. 673-674. 1957.

<sup>1290</sup> “The inner turmoil that Hagen felt on “Sputnik Night,” as 4-5 October has come to be called, reverberated through the American public in the days that followed. Two generations after the event, words do not easily convey the American reaction to the Soviet satellite. The only appropriate characterization that begins to capture the mood on 5 October involves the use of the word hysteria. A collective mental turmoil and soul-searching followed, as American society thrashed around for the answers to Hagen's questions. Almost immediately, two phrases entered the American lexicon to define time, “pre-Sputnik” and “post-Sputnik.” The other phrase that soon replaced earlier definitions of time was “Space Age.” With the launch of Sputnik 1, the Space Age had been born and the world would be different ever after.” (LAUNIUS, Roger. Sputnik and the origins of the space age. [s.l.]: NASA, 2018); Nas palavras do próprio Eisenhower em carta para Killian Jr: “At the time, almost two years ago, when millions, startled by sputniks, wanted to plunge headfirst and almost blindly into the space age, you assumed the complex responsibilities of trying to coordinate, for me, the governmental activities in this field and to help develop programs that, while adapted to requirements, were not dictated or designed in an atmosphere of panic. No one did more than you, in those early days, to bring reason, fact and logic into our plans for space research and adventure. I shall never cease to be grateful for the patience with which you initiated me into the rudiments of this new science and the part the government should play in its development, and for the skill with which you assembled a capable scientific group of people to take over the many resulting responsibilities.” (EISENHOWER, Dwight. **The papers of Dwight David Eisenhower**. v. 20. Baltimore: The Johns Hopkin Press, 2001. p. 1579).

<sup>1291</sup> EISENHOWER, Dwight. **Discurso State of the Union**. Washington: [s.n.], 1958.

O Futuro é novamente mostrado como nada menos do que desespero: “But we could make no more tragic mistake than merely to concentrate on military strength. For if we did only this, **the future would hold nothing for the world but an Age of Terror**”<sup>1292</sup>.

Eisenhower não apenas luta para plasmar a noção de desespero e medo, mas também para retomar determinados termos característicos do discurso soviético, como, por exemplo, o termo “imperialismo”:

The threat to our safety, and to the hope of a peaceful world, can be simply stated. It is communist **imperialism**.

This threat is not something imagined by critics of the Soviets. Soviet spokesmen, from the beginning, have publicly and frequently declared their aim to expand their power, one way or another, throughout the world<sup>1293</sup>.

E a ciência é o campo onde esta luta, a “total Cold War” deve se dar majoritariamente:

The threat has become increasingly serious as this expansionist aim has been reinforced by an advancing industrial, military and **scientific establishment**.

But what makes the Soviet threat unique in history is its all-inclusiveness. Every human activity is pressed into service as a weapon of expansion. Trade, economic development, military power, arts, **science**, education, the **whole world of ideas** -all are harnessed to this same chariot of expansion.

The Soviets are, in short, waging total cold war<sup>1294</sup>.

O verbo usado por Eisenhower é “anticipate”. O caminho para lutar a Guerra Fria é antecipar as ações soviéticas, através da ciência<sup>1295</sup>, nesta luta inescapável<sup>1296</sup> entre o bem e o mal:

Admittedly, most of us did not **anticipate** the psychological impact upon the world of the launching of the first earth satellite. Let us not make the same kind of mistake in another field, by failing to **anticipate** the much more serious impact of the Soviet economic offensive. [...] We must be forward-looking in our research and development to **anticipate** and achieve the unimagined weapons of the future<sup>1297</sup>.

---

<sup>1292</sup> EISENHOWER, Dwight. **Discurso State of the Union**. Washington: [s.n.], 1958.

<sup>1293</sup> EISENHOWER, Dwight. **Discurso State of the Union**. Washington: [s.n.], 1958.

<sup>1294</sup> EISENHOWER, Dwight. **Discurso State of the Union**. Washington: [s.n.], 1958.

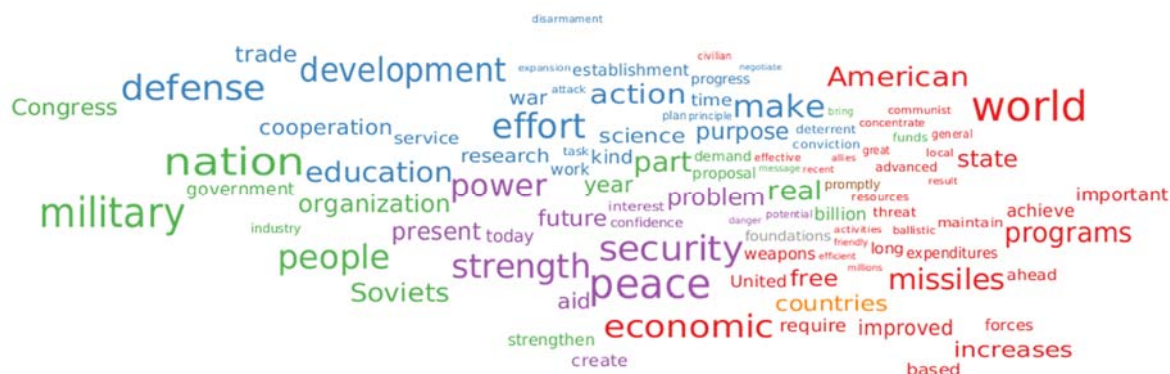
<sup>1295</sup> “If people can get together on such projects, is it not possible that we could then go on to a full-scale cooperative program of Science for Peace?” (Dwight Eisenhower, State of the Union Speech, 1958)

<sup>1296</sup> Eisenhower menciona textualmente os conflitos no futuro: “Our long-range problem, then, is not the stamina of our enormous engine of production. Our problem is to make sure that we use these vast economic forces confidently and creatively, not only in direct military defense efforts, but likewise in our foreign policy, through such activities as mutual economic aid and foreign trade.” (Dwight Eisenhower, State of the Union Speech, 1958)

<sup>1297</sup> EISENHOWER, Dwight. **Discurso State of the Union**. Washington: [s.n.], 1958.

A representação gráfica do discurso State of the Union de Eisenhower em 1958 é:

**Figura 43 - Nuvem conceitual do discurso State of the Union de Eisenhower de 1958**



Fonte: Elaborado pelo autor, 2018

O centro do discurso de Eisenhower se dá pela linha “effort”, “research”, “power”, “future”, “Science”, “strength”, “security” e “Peace”. O termo “soviets” (grafado em verde) surge dentro do grupo semântico que reúne “military”, “industry” e “strengthen”, demonstrando como Eisenhower usa a “ameaça” soviética em forma de “total Cold War”. Em vermelho grafados juntos os termos “missile” e “ahead”, e “achieve” e “programs” que caracterizam o Efeito Sputnik.

A retórica em 1960 (no discurso State of the Union), após a morte de Foster Dulles, já era bastante diferente. A Guerra Fria se tornou um “*uneasy equilibrium*”:

First, I point out that for us, annual self-examination is made a definite necessity by the fact that we now live in a **divided world of uneasy equilibrium**, with our side committed to its own protection and against aggression by the other. With both sides of this divided world in possession of unbelievably destructive weapons, mankind approaches a state where mutual annihilation becomes a possibility<sup>1298</sup>.

E se poderia buscar relações “*somewhat less strained*” com a URSS:

Second, we note that recent Soviet deportment and pronouncements suggest the possible opening of a somewhat less strained period in the relationships between the Soviet Union and the Free World. If these Pronouncements be genuine, there is brighter hope of diminishing the intensity of past rivalry and eventually of substituting persuasion for coercion<sup>1299</sup>.

<sup>1298</sup> EISENHOWER, Dwight. **Discurso State of the Union**. Washington: [s.n.], 1960.

<sup>1299</sup> Provavelmente houve um engano na hora da redação do discurso e o correto seria “*substituting coercion for persuasion*” e não como está no texto original.

Após a morte de Dulles, Eisenhower percebeu que era preciso oferecer mais do que simplesmente o anticomunismo<sup>1300</sup>. A percepção do sucesso da política externa soviética fica patente na mudança de tom sobre, por exemplo, a relação entre tecnologia e destruição. Eisenhower, pela primeira vez fala em tornar a “miséria” e a “pobreza” obsoletas:

Third, we now stand in the vestibule of a vast new technological age—one that, despite its capacity for human destruction, has an equal capacity to make poverty and human misery obsolete. If our efforts are wisely directed—and if our unremitting efforts for dependable peace begin to attain some success—we can surely become participants in creating an age characterized by justice and rising levels of human well-being<sup>1301</sup>.

A percepção de que os EUA não estavam mais sozinhos por sobre o mundo é evidente e direta:

The international economy of 1960 is markedly different from that of the early postwar years. No longer is the United States the only major industrial country capable of providing substantial amounts of the resources so urgently needed in the newly-developing countries. [...]

The immediate need for this kind of cooperation is underscored by the strain in our international balance of payments. Our surplus from foreign business transactions has in recent years fallen substantially short of the expenditures we make abroad to maintain our military establishments overseas, to finance private investment, and to provide assistance to the less developed nations. In 1959 our deficit in balance of payments approached \$4 billion.

Continuing deficits of anything like this magnitude would, over time, impair our own economic growth and check the forward progress of the Free World<sup>1302</sup>.

O episódio Little Rock, em 1957<sup>1303</sup>, que desencadeia abertamente a luta pelos direitos civis de negros, latinos e nativos surge como parte da auto-crítica feita por Eisenhower. É o reconhecimento da força da retórica soviética que denunciava as inconsistências do sistema capitalista exatamente nesses pontos:

<sup>1300</sup> Em carta para Konrad Adenauer, em 5 de abril de 1960, Eisenhower afirma que: “However, I am convinced that Communist ideology can not for long satisfy the universal human urge for a better life under conditions of individual freedom. Our own prospects for freedom depend on widening the scope for this human urge and on the erosion of the totalitarian system in the Communist bloc. We view increased contact of persons and ideas with the peoples and leaders of the Communist countries as one means of hastening the latter process.” (EISENHOWER, Dwight. **The papers of Dwight David Eisenhower**. v. 20. Baltimore: The Johns Hopkins Press, 2001. p. 1893).

<sup>1301</sup> EISENHOWER, Dwight. **Discurso State of the Union**. Washington: [s.n.], 1960.

<sup>1302</sup> EISENHOWER, Dwight. **Discurso State of the Union**. Washington: [s.n.], 1960.

<sup>1303</sup> “The most explosive domestic issue in Eisenhower’s second term—civil rights—was only tangentially related to economic concerns. In deciding the best course to take in response to the growing demands of African Americans, Eisenhower discovered that the middle-way strategy that had served him so well in the realms of politics and the economy would not prevent conflict.” (EISENHOWER, Dwight. **The papers of Dwight David Eisenhower**. v. 18. Baltimore: The John Hopkins Press, 2001. p. XXV).



In all our hopes and plans for a better world we all recognize that provincial and racial prejudices must be combatted. In the long perspective of history, the right to vote has been one of the strongest pillars of a free society. Our first duty is to protect this right against all encroachment. In spite of constitutional guarantees, and notwithstanding much progress of recent years, bias still deprives some persons in this country of equal protection of the laws<sup>1304</sup>.

A inversão percebida nos gráficos no início desse capítulo, entre o período de Dulles e os anos finais (após sua morte) conduzidos por Herter, da posição do governo dos EUA para com as instituições internacionais é parte da mudança proposta por Eisenhower em 1960:

There is one other subject concerning which I renew a recommendation I made in my State of the Union Message last January. I then advised the Congress of my purpose to intensify our efforts to replace force with a rule of law among nations. From many discussions abroad, I am convinced that purpose is widely and deeply shared by other peoples and nations of the world.

Entretanto, a luta retórica<sup>1305</sup> contra a URSS permanece, ainda que moderada. Eisenhower novamente usa o termo “imperialistic communism” tanto como forma de disputar o sentido de “imperialismo”, como também para alertar que o “catching up” soviético tem um sentido, na visão de Eisenhower, venal:

We realize that however much we repudiate the tenets of imperialistic Communism, it represents a gigantic enterprise grimly pursued by leaders who compel its subjects to subordinate their freedom of action and spirit and personal desires for some hoped-for advantage in the future.  
The Communists can present an array of material accomplishments over the past fifteen years that lends a false persuasiveness to many of their glittering promises to the uncommitted peoples<sup>1306</sup>.

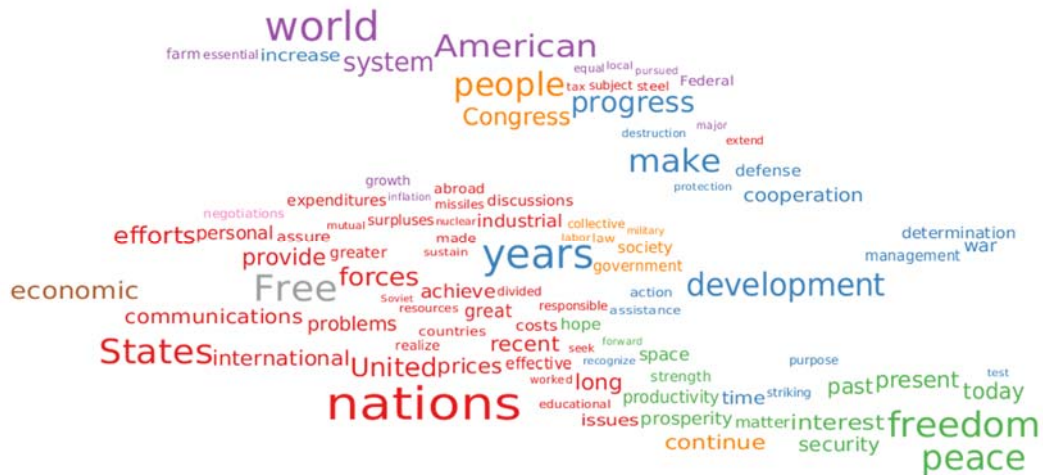
A representação gráfica do discurso de 1960 de Eisenhower é dada por:

**Figura 44 - Nuvem conceitual formada a partir do discurso State of the Union de Eisenhower em 1960**

<sup>1304</sup> EISENHOWER, Dwight. **Discurso State of the Union**. Washington: [s.n.], 1960.

<sup>1305</sup> A referência à luta retórica é parte, inclusive, do próprio discurso de Eisenhower: “We live, moreover, in a sea of semantic disorder in which old labels no longer faithfully describe. Police states are called “people's democracies.” Armed conquest of free people is called “liberation.” Such slippery slogans make more difficult the problem of communicating true faith, facts and beliefs.” (EISENHOWER, Dwight. 143 **The president's news conference**. Washington, may. 1960).

<sup>1306</sup> EISENHOWER, Dwight. **Discurso State of the Union**. Washington: [s.n.], 1960.



Fonte: Elaborado pelo autor, 2018

Os três termos apropriados por vários núcleos semânticos (e por isto grafados em cores diferentes), “negotiations” (em rosa), “economic” (marrom) e “free” (em cinza) demonstram a modificação no sentido da rivalidade defendida entre EUA e URSS. O núcleo vermelho que reúne “soviet”, “forces”, “achieve”, “resources” demonstram o efeito Sputnik dentro da forma como Eisenhower leva os últimos anos de seu governo.

#### 5.10 CRISE DOS MÍSSEIS, KENNEDY E O LESSE EM 1961 E 1963

O governo Kennedy não é parte desse estudo, senão como modificação do paradigma científico da política internacional norte-americana. Contudo, o presidente que assume em 1961 e será morto em 1963 (22 de novembro) usa a imagem dos “soviets” e “communist” ou “communism” em dois momentos distintos: em 1961 e em 1963. Entre eles o episódio da Crise dos mísseis em Cuba (16 a 28 de outubro de 1963) deixa marcas indeléveis no pensamento a respeito da Política Internacional de Kennedy.

Em 1961, no discurso State of the Union, a relação com o termo “soviets” e communism se dava, pela primeira vez nos discursos de um presidente americano, colocando EUA e URSS como competindo por “world domination”. Nesta narrativa, surge a percepção estrutural de luta entre as nações que vem do Realismo, inobstante às questões ideológicas; e o Futuro, novamente, é o momento onde esse conflito se dará:

Our greatest challenge is still the world that lies beyond the Cold War – but the first great obstacle is still our relations with the Soviet Union and Communist China. We must never be lulled into believing that either power has yielded its ambitions for world domination--ambitions which they forcefully restated only a short time ago. On



Fonte: Elaborado pelo autor, 2018

O termo “soviet” (grafado em vermelho abaixo de “years”) é apenas referência no discurso, mas vem próximo a “stimulate”, “aid” e “allies”, assim como de “problems” mostrando o caráter dual da relação que se estabelecia inicialmente na narrativa de Kennedy. O eixo centra do discurso é dado pela sequência “development”, “program” e “national” mostrando a intenção de Kennedy após a vitória na eleição.

Em 1963, contudo, a narrativa é bastante diferente. A traumática experiência da Crise dos Mísseis surge em evidência na forma como o presidente se comunica com a nação. Logo no início Kennedy, em tom de alívio faz um balanço de suas 100 semanas de governo:

In the world beyond our borders, steady progress has been made in building a world of order. The people of West Berlin remain both free and secure. A settlement, though still precarious, has been reached in Laos. The spearpoint of aggression has been blunted in Viet-Nam. The end of agony may be in sight in the Congo. The doctrine of troika is dead<sup>1309</sup>. And, while danger continues, a deadly threat has been removed in Cuba<sup>1310</sup>.

O Futuro, para Kennedy, não era mais um “desespero”, como para Eisenhower, mas uma “oportunidade”, embora a noção de conflito continuasse no horizonte:

But complacency or self-congratulation can imperil our security as much as the weapons of tyranny. A moment of pause is not a promise of peace. Dangerous problems remain from Cuba to the South China Sea. The world's prognosis prescribes, in short, not a year's vacation for us, but a year of obligation and opportunity. [...] Finally, what can we do to move from the present pause toward enduring peace? Again, I would counsel caution. I foresee no spectacular reversal in Communist methods or goals. But if all these trends and developments can persuade the Soviet Union to walk the path of peace, then let her know that all free nations will journey with her<sup>1311</sup>.

Kennedy direciona a retórica para o chamado “Bloco dos Não-Alinhados” que havia se formado exatamente sobre a desastrosa política externa de Eisenhower. Os esforços eram, agora, de afastar esse grupo da influência soviética e fortalecer a imagem da “América

---

<sup>1309</sup> A referência de Kennedy era a uma proposta soviética de substituir o Secretário Geral das Nações Unidas por uma trinca composta por um membro do mundo capitalista, um do mundo comunista e um dos “não alinhados”. A proposta foi feita em 1961 e, segundo Gardner, foi imediatamente percebida e negada: “This proposal to replace the Secretary-General by three Secretaries-General (representing the Communist states, the so-called Western states, and the so-called uncommitted states) would have given the Soviet Union the very veto over U.N. operations that it had failed to achieve by other means. This fact was very clearly perceived by the other U.N. members, and they rejected the Troika overwhelmingly.” (GARDNER, Richard. **In pursuit of world order: US foreign policy and international organizations**. Washington: Frederick Praeger, 1964. p. 848).

<sup>1310</sup> KENNEDY, John. **Discurso State of the Union**. Washington: [s.n.], 1963.

<sup>1311</sup> KENNEDY, John. **Discurso State of the Union**. Washington: [s.n.], 1963.



“world” e “american” (em laranja), e “men” e “country” (em marrom) não são tomados por Rusk e Kennedy, como eram por Dulles e Eisenhower, como os inimigos que mereceriam uma cruzada contra.

Em realidade, no primeiro discurso da administração Kennedy no Conselho de Segurança da ONU, é possível ver-se toda a diferença. Com toda a oposição e antiamericanismo que Eisenhower e Allen Dulles atraíram<sup>1314</sup>, em função do assassinato de Lumumba e a questão do Congo, as palavras de Adlai Stevenson (ex-governador de Illinois, candidato democrata contra Eisenhower e recém nomeado embaixador) foram de extrema diferença para com seus antecessores:

We of the United States wish the United Nations to be still more potent, for the grave dangers of the new nuclear age demand much more unity among the nations. The common concern of all men, expressed in the Charter, is to achieve freedom from war and poverty, disease, ignorance and oppression. That is what binds us all together. Our security and our salvation is (sic) the ability of the nations and the Governments to see through the clouds of conflict and discern the truth about our common interests, and then boldly and in concert to act. Only the actions of States, both large and small, can impart vigour to this Organization and can redeem the pledges of the Charter. [...] We shall also do all in our power to use the United Nations as a centre for harmonizing the actions of nations. We believe the United Nations as an opportunity for preventive diplomacy which can identify and solve potential disputes before they reach the acute stage sometimes induced by the glare of publicity<sup>1315</sup>.

Não apenas o intuito de fortalecer as instituições estava evidente, mas a ronavada luta contra o colonialismo:

As the oldest anti-colonial power the United States is in favour of freedom and of self-determination for all peoples. We rejoice in the rapid and peaceful revolution which has brought into being and into our midst at the United Nations so many new sovereignties. Our great desire is that this transition should proceed peacefully and in good order, with the least possible suffering, bitterness and new conflict. We applaud what has been done to bring about this orderly transition both by the emerging nations and by their former rulers. And we applaud the efforts of this Council to assist the orderly transition in the Congo through the Secretary-General<sup>1316</sup>.

<sup>1314</sup> A percepção do fardo do antiamericanismo gerado por Dulles-Eisenhower na SPV 931 de 07 de fevereiro de 1961. Numa dura reunião sendo a questão do Congo Central, todas as delegações presentes (excetuando-se França, Inglaterra e China) fizeram duras críticas ao colonialismo, ao imobilismo da ONU e a forma como o “ocidente” estava conduzindo o problema na África; “In June 1960, Eisenhower had to cancel a goodwill trip to Japan because anti-American riots erupted after the Japanese Diet ratified a defense treaty with the United States in January. The retention of U.S. military bases was especially contentious, and although the Japanese government managed to push the measure through the parliament, the prime minister was forced to resign.” (MAYER, Michael. **The Eisenhower years** (Presidential Profiles). New York: Facts on File, 2009. p. 200).

<sup>1315</sup> UNITED NATIONS SECURITY COUNCIL. **SPV 928, de 1 de fevereiro de 1961**. Disponível em: <<http://www.un.org/en/sc/inc/spv.asp>>. Acesso em: 29 nov. 2017.

<sup>1316</sup> UNITED NATIONS SECURITY COUNCIL. **SPV 928, de 1 de fevereiro de 1961**. Disponível em: <<http://www.un.org/en/sc/inc/spv.asp>>. Acesso em: 29 nov. 2017.

Rusk e Kennedy teriam um duro trabalho pela frente, mas, ao menos, deixavam para trás o personalismo decisório característico dos períodos Truman e Eisenhower. O Realismo passava a pautar o julgamento dos EUA sobre política internacional. A mudança era bem-vinda, como menciona o representante do Equador, Benites Vinuesa:

It is not our purpose. in saying this, to dispense compliments. We wish merely to point out the great responsibility involved, for thoughtful men like Mr. [Adlai] Stevenson, by the measuring of ideals against realities, the measuring of ideas with action, especially when the destiny of mankind is at stake<sup>1317</sup>.

### 5.11 A QUESTÃO DO FUTURO, O CASO DOS VÔOS NÃO TRIPULADOS SOBRE A URSS

Nesse estudo, tratamos a ideia de Futuro inicialmente como um tempo histórico ao qual dever-se-ia dar atenção por ser formativo das percepções humanas (capítulo 1), depois ele foi apresentado como parte do “prophetic ethos” que caracteriza a ciência do século XX (capítulo 3) e tem sido parte das narrativas de todos os presidentes norte-americanos de 1946 a 1963<sup>1318</sup>.

É chegado o momento de mostrar como a noção de Futuro é instrumentalizada através da ciência na política para induzir um comportamento presente que inexistiria não fosse a própria antecipação dos tempos<sup>1319</sup>. O Futuro não é mais uma mera expectativa, mas consubstancia-se num tempo materializado de tanta certeza quanto o passado ou o presente. Esta construção, que vem sendo demonstrada desde o início do trabalho, pode ser vista em diversos contextos, como a a construção do que foi chamado de “conflito incontornável”, como uma causa para investimentos massivos em ciência e tecnologia (com o objetivo nominado de “antecipar” os tempos) ou como forma estrutural de prolongar linhas lógicas de ação de determinados sujeitos no tempo presente a partir de pontos (interesses) que se materializam apenas no Futuro<sup>1320</sup>. Kennedy, por exemplo, a todo momento em seus discursos cita Marx em

<sup>1317</sup> UNITED NATIONS SECURITY COUNCIL. **SPV 928, de 1 de fevereiro de 1961**. Disponível em: <<http://www.un.org/en/sc/inc/spv.asp>>. Acesso em: 29 nov. 2017.

<sup>1318</sup> O termo aparece em TODOS os discursos dos presidentes que foram consultados.

<sup>1319</sup> “These advances in science, with the terrible potential of war which they imply, are producing a profound anxiety in the minds of men. They have produced, too, an inherent danger of surprise attack, which only adds to the apprehension abroad.” (UNITED NATIONS SECURITY COUNCIL. **SPV 813, de 21 de abril de 1958**. p. 13. Disponível em: <<http://www.un.org/en/sc/inc/spv.asp>>. Acesso em: 29 out. 2017).

<sup>1320</sup> Esta é toda a estratégia argumentativa de um livro publicado em 1944 na Inglaterra e em 1945 nos EUA que acabou por ser um dos primeiros usados pelo governo (com publicações e doações pagas pelo Estado e Fundações privadas) para incentivar o processo que redundaria na Guerra Fria. Em “The Road to Serfdom” Friedrich Hayek, um austríaco emigrado para os EUA, afirma que: “We shall have to say something about the alleged inevitability of “planning” later. The main question is where this movement will lead us. Is it not possible that if the people whose convictions now give it an irresistible momentum began to see what only a

suas “profecias falhas”<sup>1321</sup>, para dialogar com um Futuro que não fosse o antecipado pelos soviéticos.

Se é verdade que a luta da Guerra Fria é uma luta por um Futuro, esse argumento é diverso do que dizer-se que esse Futuro é usado como arma na mesma luta. Não apenas o Futuro, transformado de mera expectativa em realidade presente, se torna um poderoso motor das ações do presente<sup>1322</sup>, mas, esse mesmo Futuro, estabelecido como certeza é usado como um argumento de autoridade cuja refutação é impossível. Ao dizermos que algo acontecerá no Futuro, estabelecemos uma certeza de difícil contrarresto. O “poder acontecer” se mescla com o “vai acontecer” por vias do “não pode acontecer diferente”. E, como chave nesse processo de seleção dos infundáveis Futuros possíveis para a aceitação de um (ou alguns poucos) cenários possíveis, está exatamente a Ciência.

“Por esse modo entraremos também nós pelo escuro e intricado labirinto dos futuros. As profecias e os Doutores nos servirão de tochas; o entendimento e o discurso de fio. Isto é quanto às profecias e Profetas canônicos”<sup>1323</sup>.

O caminho que faz o governo para se aproximar, ainda durante a Segunda Guerra, desta ferramenta de antecipação dos tempos é evidente quando se trata das ciências ditas duras ou

---

few yet apprehend, they wouldl recoil in horror and abandon the quest whichdfor half a century has engaged so many people of good will? Where these common beliefs of our generation will lead us is a problem not for one party but for every one of us—a problem of die most momentous significance. Is there a greater tragedy imaginable than that, in our endeavor consciously to shape our future in accordance with high ideals, we should in fact unwittingly produce the very opposite of what we have been striving for?” (HAYEK, Friedrich. **The road to serfdom**: text and documents. Londres: Routledge, 2007. p. 59-60). Ao criticar o historicismo e o estruturalismo marxista, Hayek se filia totalmente ao pensamento que quer criticar a ponto de reproduzir sua epistemologia. O Futuro sobre o que Hayek avança e usa para amedontrar o leitor acaba exatamente por construir o presente da forma como ele, Hayek, afirma que deveríamos tomar cuidado.

<sup>1321</sup> “First, how fares the grand alliance? Free Europe is entering into a new phase of its long and brilliant history. The era of colonial expansion has passed; the era of national rivalries is fading; and a new era of interdependence and unity is taking shape. Defying the old prophecies of Marx, consenting to what no conqueror could ever compel, the free nations of Europe are moving toward a unity of purpose and power and policy in every sphere of activity.” e “Third, what comfort can we take from the increasing strains and tensions within the Communist bloc? Here hope must be tempered with caution. For the Soviet-Chinese disagreement is over means, not ends. A dispute over how best to bury the free world is no grounds for Wessern rejoicing. Nevertheless, while a strain is not a fracture, it is clear that the forces of diversity are at work inside the Communist camp, despite all the iron disciplines of regimentation and all the iron dogmatism's of ideology. Marx is proven wrong once again: for it is the closed Communist societies, not the free and open societies which carry within themselves the seeds of internal disintegration.” (KENNEDY, John. **State of the Union**. 1963).

<sup>1322</sup> “Mas se a história das cousas passadas (a que os sábios chamaram mestra da vida) tem esta e tantas outras utilidades necessárias ao governo e bem comum do gênero humano e ao particular de todos os homens, e se como tal empregaram nela sua indústria tantos sujeitos em ciência, engenho e juízo eminentes, como foram os que em todos os tempos imortalizaram a memória deles com seus escritos; porque não será igualmente útil e proveitosa, e ainda com vantagem, esta nossa História do Futuro, quanto é mais poderosa e eficaz para mover os ânimos dos homens a esperança das cousas próprias, que a memória das alheias?” (VIEIRA, Padre Antonio. **Obras escolhidas**: história do futuro. v. 1. Lisboa: Sá da Costa, 1953. p. 14).

<sup>1323</sup> VIEIRA, Padre Antonio. **Obras escolhidas**: história do futuro. v. 1. Lisboa: Sá da Costa, 1953. p. 60.



“exatas” (percepção assim apenas dentro do paradigma moderno). Contudo, é exatamente esta noção de objetividade e previsibilidade que passa a ser exigida de todos os campos. Embora os métodos sejam diferentes, o nível de confiança nas “predições” das ciências ditas “humanas” era um ponto essencial para que pesquisadores recebam ou não verba governamental (como foi mostrado no segundo capítulo).

A escolha pela atenção social, concessão de financiamento ou espaço político para o autor A e não o B se dava, em grande medida, por uma mescla de interesse político no conteúdo defendido, mas também na capacidade do discurso científico proferido dizer-se capaz de antecipar o Futuro<sup>1324</sup> com um alto grau de confiança. O Realismo faz isto e, talvez, apenas isto. Desde seus primeiros pensadores até sua versão estrutural, o Futuro é refém da teoria realista. A se usar, por exemplo, o argumento de Waltz contra seus críticos pela falha da teoria em prever a queda da URSS<sup>1325</sup>, é possível caracterizar esta tomada do Futuro por indução teórica: não importa o que aconteça ele (o Futuro) é exatamente o que deveria ser<sup>1326</sup>.

Nesse ponto, Waltz se aproxima do que escreveu o padre Antonio Vieira, no século XVII, apresentado brevemente na primeira parte desse trabalho:

A história mais antiga começa no princípio do Mundo; a mais essendida e continuada acaba nos tempos em que foi escrita. Esta nossa começa no tempo em que se escreve, continua por toda a duração do Mundo e acaba com o fim dele. Mede os tempos vindouros antes de virem, conta os sucessos futuros antes de sucederem, e descreve feitos heróicos e famosos, antes de a fama os publicar e de serem feitos<sup>1327</sup>.

---

<sup>1324</sup> “Um futuro que está longe e outro futuro que está perto; um futuro que há-de vir e outro futuro que já vem; um futuro que muito tempo há-de ser futuro — Neque futura — e outro futuro que brevemente há-de ser presente: Neque instantia” (VIEIRA, Padre Antonio. **Obras escolhidas**: história do futuro. v. 1. Lisboa: Sá da Costa, 1953. p. 9).

<sup>1325</sup> “Every time peace breaks out, people pop up to proclaim that realism is dead. That is another way of saying that international politics has been transformed. The world, however, has not been transformed; the structure of international politics has simply been remade by the disappearance of the Soviet Union, and for a time we will live with unipolarity. Moreover, international politics was not remade by the forces and factors that some believe are creating a new world order. Those who set the Soviet Union on the path of reform were old Soviet apparatchiks trying to right the Soviet economy in order to preserve its position in the world. The revolution in Soviet affairs and the end of the Cold War were not brought by democracy, interdependence, or international institutions. **Instead the Cold War ended exactly as structural realism led one to expect.** As I wrote some years ago, the Cold War “is firmly rooted in the structure of postwar international politics and will last as long as that structure endures.” So it did, and the Cold War ended only when the bipolar structure of the world disappeared. (WALTZ, Kenneth. Structural realism after the cold war. **International Security**, v. 25 n. 1, p. 5-41, summer. 2000. p. 39).(grifo nosso).

<sup>1326</sup> “Eles escrevem histórias do passado para os futuros, nós escrevamos a do futuro para os presentes” (VIEIRA, Padre Antonio. **Obras escolhidas**: história do futuro. v. 1. Lisboa: Sá da Costa, 1953. p. 4).

<sup>1327</sup> VIEIRA, Padre Antonio. **Obras escolhidas**: história do futuro. v. 1. Lisboa: Sá da Costa, 1953. p. 5.

Em 21 de abril de 1958 (SPV 813)<sup>1328</sup>, o representante da União Soviética no CS/ONU, Arkady Sobolev, afirma que “An aircraft of the United States Air Force Carrying atomic and hydrogen bombs have recently repeatedly flown across the Arctic in the direction of the USSR”<sup>1329</sup>. O incidente ocorria exatamente após a histeria provocada pelo Sputnik, mas, era a primeira vez durante a Guerra Fria que uma potência nuclear invadia as fronteiras da outra. Sobolev, pesava o acontecimento afirmando que “If we ponder the significance of these facts, we can easily see how little it would take the enemies of peace to place mankind on the brink of disaster.”

Sobolev pede que o CS/ONU vote uma resolução que consistia em:

The Security Council,  
Having examined the question submitted by Soviet Union concerning ‘urgent measures to put an end to flights by United States military aircraft armed with atomic and hydrogen bombs in the direction of the frontiers of the Soviet Union’.  
Considering that the practice of making such flights increases tension in international relations, constitutes a threat to the security of nations and, if continued, may lead to a breach of world peace and the unleashing of atomic war of annihilation,  
Calls upon the United States to refrain from sending its military aircraft carrying atomic and hydrogen bombs towards the frontiers of other States for the purpose (sic) of creating a threat to their security or staging military demonstrations<sup>1330</sup>.

<sup>1328</sup> UNITED NATIONS SECURITY COUNCIL. **SPV 813, de 21 de abril de 1958**. Disponível em: <<http://www.un.org/en/sc/inc/spv.asp>>. Acesso em: 29 out. 2017.

<sup>1329</sup> Os vôos de reconhecimento existiam desde 1956, coordenados pela CIA de Allen Dulles: “Indeed, many had high hopes for the Paris Summit, but those hopes were dashed. Beginning in 1956, Eisenhower had authorized overflights of the Soviet Union by high-altitude U-2 aircraft to gather intelligence. These flights were scheduled to be replaced by reconnaissance satellites, due to become operational in 1960. The U-2 had the ability to fly at an altitude of 70,000 feet, which placed it out of the range of Soviet interceptors or surface-to-air missiles. Although Soviet radar could detect the flights, Eisenhower and Dulles figured that the Soviets would not publicly complain, because to do so would be to admit the limitations of their air defenses” (MAYER, Michael. **The Eisenhower years** (Presidential Profiles). New York: Facts on File, 2009. p. xxxiii); “Throughout these preparations, the president continued to receive regular updates on Soviet military strength. Beginning in 1956, America’s U-2 spy planes, flying at 70,000 feet, had done photographic reconnaissance of troop movements, military installations, and other critical data. The CIA, which had charge of this clandestine operation, believed that Soviet tracking radar would not detect the flights at that altitude, but its assessment was wrong. Shortly after the missions commenced, the Kremlin quietly sent out a diplomatic protest over the invasion of its air space. Ike approved each mission, and he sanctioned one two weeks before the summit was to start. On May 1, a Soviet surface-to-air missile (SAM) forced a U-2 down. Four days later, Khrushchev spoke before the Supreme Soviet in the Great Hall at the Kremlin. Without disclosing his purpose, he had invited United States ambassador Thompson to attend, and toward the end of the address, he looked at Thompson and announced that a U-2 had been shot down. He then denounced the United States; the Spirit of Camp David was gone.” (GELLMAN, Irwin. **The president and the apprentice: Eisenhower and Nixon, 1952-1961**. Londres: Yale University Press, 2015. p. 539-540): “Since 1956 the CIA had been flying over the Soviet Union in sophisticated, high-altitude reconnaissance planes. These flights had revealed the enemy’s shortcomings in delivery systems for their nuclear weapons. Eisenhower later explained that this daring aerial-reconnaissance program was but “one phase of an intelligence system made necessary for defense against surprise attack on the part of a nation which boasts of its capability to ‘bury’ us all— and one which stubbornly maintains the most rigid secrecy in all its activities” (EISENHOWER, Dwight. **The papers of Dwight David Eisenhower**. v. 18. Baltimore: The John Hopkins Press, 2001. p. XIX).

<sup>1330</sup> UNITED NATIONS SECURITY COUNCIL. **SPV 813, de 21 de abril de 1958**. Disponível em: <<http://www.un.org/en/sc/inc/spv.asp>>. Acesso em: 29 out. 2017.

O representante norte-americano, Henry Cabot Lodge, começa sua fala negando absolutamente tudo<sup>1331</sup> para então relativizar as ações de seu país e afirmar: “Indeed, nothing that the United States has done can be regarded by men who are honest with themselves and with others as anything except the inescapable requirements of legitimate self-defence”<sup>1332</sup>.

Lodge desenvolve a defesa dos EUA em meio a afirmações de descrédito das ações soviéticas, e também num alegado “afastamento” da URSS da ONU, que, segundo os norte-americanos, traria como efeito uma falta de confiança nas ações daquele país. Contudo, o ponto central da defesa do ato norte-americano era:

A cardinal aspect of our defence is to guard against the possibility of a surprise attack. The immense destructive power of modern weapons makes it, at least theoretically, possible to wipe out the military capacity of a country in a single co-ordinated strike against all its defence installations. The United States has only one conceivable course in such circumstances. Until all fears of surprise attack are banished by effective international arrangements, we are compelled to take all steps necessary to protect ourselves from being overwhelmed<sup>1333</sup>.

O argumento é a auto-defesa. Em tese, os armamentos nucleares permitiriam que num ataque uma eventual guerra fosse ganha. O argumento envolve, contudo, a aceitação de algumas premissas para que se invoque a plausibilidade, notadamente, o argumento envolve a noção de Futuro. Pela possibilidade de um Futuro que não agrada aos EUA, uma ação política presente é justificada. O representante norte-americano estrutura sua narrativa em cima de alguns pontos claros: (1) a URSS tinha armamento nuclear e (2) não havia acordo internacional de vigilância que permitisse que os EUA e URSS pudessem manter vigilância um sobre o outro. A primeira questão que surge é que, o ato ensejava a permissão tácita dos soviéticos tomarem semelhante atitude e sobrevoarem os EUA. Contra isto, rapidamente o embaixador americano argumenta:

The awesome power of modern weapons makes a surprise attack absolutely unthinkable. Yet today we are confronted by a totalitarian State which has the capacity to strike without warning, without the knowledge of its people – by decision of a few men who are unaccountable to Soviet people. It is precisely these circumstances which

---

<sup>1331</sup> “We have done nothing that is not wholly consistent with the so-called “peaceful coexistence” resolution” (UNITED NATIONS SECURITY COUNCIL. **SPV 813, de 21 de abril de 1958**. p. 7. Disponível em: <<http://www.un.org/en/sc/inc/spv.asp>>. Acesso em: 29 out. 2017).

<sup>1332</sup> UNITED NATIONS SECURITY COUNCIL. **SPV 813, de 21 de abril de 1958**. p. 7-8. Disponível em: <<http://www.un.org/en/sc/inc/spv.asp>>. Acesso em: 29 out. 2017.

<sup>1333</sup> UNITED NATIONS SECURITY COUNCIL. **SPV 813, de 21 de abril de 1958**. p. 8. Disponível em: <<http://www.un.org/en/sc/inc/spv.asp>>. Acesso em: 29 out. 2017.

make it mandatory for us to maintain our Strategic Air command its high state efficiency through constant practice<sup>1334</sup>.

Surgem aqui os usos da ciência. Em primeiro lugar, o representante americano usa o conceito de “estado totalitário”<sup>1335</sup> para justificar ações *sui generis* de “estados democráticos” sobre a URSS. Supostamente, os soviéticos poderiam lançar ataques “baseado na decisão de poucos homens” e residia aí o primeiro grande perigo. Ocorre que, por tudo o que se conhece da forma como Dulles e Eisenhower conduziam a política externa soviética, esse não seria um ponto de diferença. Os EUA também poderiam lançar ataques com a anuência de pouquíssimos homens. De qualquer forma, a narrativa sobre o “estado totalitário” evidencia o papel que foi dado a esta noção supostamente científica.

“These advances in science, with the terrible potential of war which they imply, are producing a profound anxiety in the minds of men. They have produced, too, an inherent danger of surprise attack, which only adds to the apprehension abroad”<sup>1336</sup>.

Em segundo lugar, só um país havia utilizado armas nucleares contra outro país, e não de surpresa. Os EUA estavam em guerra contra o Japão e bombardeios americanos não eram nenhuma novidade para a população civil japonesa. Assim, sequer exemplo no passado (de um ataque nuclear de surpresa) existe para legitimar o medo exposto por Lodge. Ora, toda a argumentação americana passa pelo processo de antecipação do Futuro. É no Futuro antecipado pelas teorias de Relações Internacionais<sup>1337</sup>, de ações militares ou quaisquer outras teorias

<sup>1334</sup> UNITED NATIONS SECURITY COUNCIL. **SPV 813, de 21 de abril de 1958**. p. 9. Disponível em: <<http://www.un.org/en/sc/inc/spv.asp>>. Acesso em: 29 out. 2017.

<sup>1335</sup> De alguma forma, esta posição [da luta pelo conceito de estado totalitário] já vinha se desenhando no final de 1959. Em carta para o presidente da Coreia do Sul, por exemplo, Eisenhower afirma: “You may be sure that the American people look upon Korea as an important, steadfast and valued friend of the United States and the Free World in the global struggle against the forces of totalitarian Communism and are cognizant of the special needs of Korea, exposed as it is to the ever-present threat of renewed Communist aggression.” (EISENHOWER, Dwight. **The papers of Dwight David Eisenhower**. v. 20. Baltimore: The Johns Hopkin Press, 2001. p. 1514).

<sup>1336</sup> UNITED NATIONS SECURITY COUNCIL. **SPV 813, de 21 de abril de 1958**. p. 13. Disponível em: <<http://www.un.org/en/sc/inc/spv.asp>>. Acesso em: 29 out. 2017.

<sup>1337</sup> As primeiras publicações científicas que mencionam a “Preventive War” datam já de 1946: “It may be granted that, given favorable conditions, the United States might have a chance of winning the preventive war. Yet history shows that the gaining of military victory is the easiest part of such a superhuman program. To secure the conquest, to create a durable order and to gain cooperation from the subdued peoples—that is the really difficult task. All previous world conquerors were unable to reap the fruits of their victories” (POSSONY, Stefan. *The atomic bomb: political hopes and realities*. **The Review of Politics**, v. 8, n. 2, p. 147-167, apr. 1946); Morgenthau mesmo defendeu a ideia em 1948: “In the years preceding the second World War the policies of the Western powers were animated, to their great political and military disadvantage, by the desire, overriding all other considerations of national policy, to avoid war at any price. It is especially in the refusal to consider seriously the possibility of preventive war, regardless of its expediency from the point of view of the national interest, that the ethical condemnation of war as such has manifested itself in recent times in the Western world. When war comes, it must come as a natural catastrophe or as the evil deed of another nation, not as a foreseen and planned culmination of one's own foreign policy. Only thus might the moral scruples,

usadas, que a URSS lançou um ataque nuclear de surpresa contra solo norte-americano. Esse ponto é ainda mais enfatizado: “What caused us reluctantly to build our present defence system was the aggressive policies of the Soviet Union [...] Recent examples of this are that the Soviet Union proclaims its intention to communize the world [...]”<sup>1338</sup>.

O Futuro teórico antecipado é usado como motivo presente de ação, sem sequer o cuidado com a questão lógica. Se houvesse de fato um ataque nuclear soviético aos EUA haveria pouco do mundo a ser “comunizado” e esta era uma das razões para que a política externa soviética evitasse guerras. A percepção soviética, demonstrada no capítulo 3, era de que os proletários norte-americanos não eram os inimigos da URSS, mas possíveis aliados. E seriam eles os primeiros a perecerem numa guerra.

O representante canadense apoia os EUA afirmando que o pedido soviético “não tinha suficiente base para ser aceito” e era “infundado e sem substância”. O representante chinês afirma que os soviéticos agiram errado ao irem primeiro ao CS/ONU e não fazer uma “representação” direto ao governo norte-americano. Segundo a delegação chinesa, “that step [the flights] is an agreement to prevent a “surprise attack”:

The free world lives in the nightmare of a surprise attack. This is the stark fact which the free world must face squarely. The flights of American aircraft, of which the Soviet Union complains, are the necessary vigilance that the free world must exercise. Peace may be kept when it is well known that the Strategic Air Command of the United States is vigilant and is ready to meet any surprise attack. These flights are in fact a service to the cause of peace<sup>1339</sup>.

George-Picot, pela França, relata desconforto pela “substância” e pela “forma” com que a URSS reclamou. Picot afirma que como a URSS não aceitou as negociações de desarmamento, é uma contradição agora reclamar dos vôos sobre seu território<sup>1340</sup>. O

---

rising from the violated ethical norm which holds that there ought to be no war at all, be stilled, if they can be stilled at all.” (MORGENTHAU, Hans. The twilight of international morality. *Ethics*, v. 58, n. 2, p. 79-99, jan. 1948. p. 85); E Waltz vai fazer a mesma teorização, agora usando Kant em 1962: “To show that the equilibrium, once realized, is bound to collapse, one need only refer to Kant's own analysis. He points out that in a state of nature, where each state must define its rights and prosecute them with its own power, no one country can be secure against any other. "Lesion of a less powerful country may be involved merely in the condition of a more powerful neighbor prior to any action at all; and in the State of Nature an attack under such circumstances would be warrantable." This is a logical justification of the right of preventive war. From it Kant derives the principle of the balance of power.” (WALTZ, Kenneth. Kant, liberalism and war. *The American Political Science Review*, v. 56, n. 2, p. 331-340, jun. 1962. p. 338).

<sup>1338</sup> UNITED NATIONS SECURITY COUNCIL. **SPV 813, de 21 de abril de 1958**. p. 14. Disponível em: <<http://www.un.org/en/sc/inc/spv.asp>>. Acesso em: 29 out. 2017.

<sup>1339</sup> UNITED NATIONS SECURITY COUNCIL. **SPV 813, de 21 de abril de 1958**. Disponível em: <<http://www.un.org/en/sc/inc/spv.asp>>. Acesso em: 29 out. 2017.

<sup>1340</sup> Em 1959, Eisenhower em comunicação com Harold Macmillan resumia suas tentativas para criar um sistema de controle sobre o território soviético: “What we might do is make clear immediately that these important differences in approach need not be a bar to putting into effect promptly the elements of a control

representante da Inglaterra, Crosthwaite, diz “I have great difficulty in understanding what has led the Soviet Union Government to bring the present complaint to the Security Council”<sup>1341</sup>. A mesma linha seguem os representantes do Japão, Iraque, Panamá e Colômbia: “My delegation [Colômbia] considers the US government’s position in this matter fully justified and satisfactory, and for that reason we have decided not to vote for the draft resolution submitted by the soviet delegation [...]”<sup>1342</sup>”.

A votação foi dois votos a favor da declaração soviética apresentada (URSS e Suécia), quatro votos contra (Colômbia, França, Panamá e EUA) e cinco abstenções (Canadá, China, Iraque, Japão e Inglaterra).

O assunto vai dominar a agenda do CS/ONU por quatro reuniões em 1958 (SPV 813-SPV 817), entre 21 de abril de 1958 até 02 de maio parando após esse momento para serem retomados apenas em 1960<sup>1343</sup>. Das discussões sobre a legalidade dos vôos, feitas pela delegação soviética, o CS/ONU caminho para uma proposta norte-americana de “international observation”, muito semelhante aos planos anteriores de Eisenhower, chamados “Open Skies” de 1955<sup>1344</sup>.

---

system which are not in dispute—control posts and agreed aircraft flights, together with the banning of the atmospheric tests which these elements can adequately monitor. As fast as the political and technical problems of monitoring underground and outer space tests are worked out, an initial agreement would, of course, be broadened to include these also.” (EISENHOWER, Dwight. **The papers of Dwight David Eisenhower**. v. 20. Baltimore: The Johns Hopkin Press, 2001. p. 1438).

<sup>1341</sup> Em realidade, desde 1956 os britânicos participavam do projeto de vôos secretos de reconhecimento: “Shortly after the withdrawal of US troops from Lebanon, a new group of pilots joined the U-2 project. In November 1958, four RAF officers arrived at Detachment B at Adana, thus beginning the United Kingdom’s participation in U-2 operations. The British had first become involved in the U-2 project in September 1956, when the United States supplied them with photography from U-2 missions. To handle U-2 material, the British created a new control system, which later merged with the US control system. By 1957 cooperation between the United Kingdom and the United States had expanded to include frequent consultation between the requirements and photointerpretation organizations of both countries. James Reber and Arthur Lundahl made periodic trips to the United Kingdom for discussions with Alan Crick’s UK Requirements Committee (generally known as the Crick Committee, later as the Joint Priorities Committee), the Joint Intelligence Committee, the Joint Air Reconnaissance Intelligence Center, and MI-6.” (THE CENTRAL INTELLIGENCE AGENCY CIA. **The u2 and Oxcart programs, 1954-1974**. Washington: History Staff CIA, 2013. p. 153-154).

<sup>1342</sup> UNITED NATIONS SECURITY COUNCIL. **SPV 813, de 21 de abril de 1958**. Disponível em: <<http://www.un.org/en/sc/inc/spv.asp>>. Acesso em: 29 out. 2017.

<sup>1343</sup> Os vôos continuaram durante todo o período, mas os soviéticos preferiram não levar qualquer discussão pública adiante. Uma linha de interpretação é por causa da “incapacidade soviética” em se opor aos vôos: “The U-2 overflights proved extremely successful in supplying the United States with intelligence data. The Soviet military soon became aware of the flights but could not stop them, because its fighter planes could not reach the altitude at which the U-2s flew. By 1958, the Soviet Union had begun firing missiles at the planes but failed to hit any. Unwilling to admit publicly that they were unable to prevent such overflights, the Soviets never revealed their existence.” (MAYER, Michael. **The eisenhower years** (Presidential Profiles). New York: Facts on File, 2009. p. 603). Uma outra explicação é exatamente retratada aqui. Diante da incapacidade de fazer argumentos lógicos serem aceitos por cima da cortina política estabelecida pelos EUA, os soviéticos preferiram lidar com o problema sem as instituições internacionais.

<sup>1344</sup> “In fact, the President’s desire to avoid secret reconnaissance missions over the Soviet Union, with all their risks, led him to make his famous “Open Skies” proposal in the summer of 1955, when the U-2 was still under

The proposal put forward today by the United States is a clear proof, were any such proof necessary, that it has no aggressive intentions, since it agrees to allow international inspection of a system of observation which, moreover, it is already operating, with the full knowledge of the whole world, in a strategically vital area. That is a constructive step and a realistic offer of co-operation in reply to a proposal which, as put forward by the USSR, could not, because of its unilateral nature, lead to any practical results and even aggravated the situation by fostering distrust of a great Power<sup>1345</sup>.

Contudo, a questão continua a ser tratada não como uma violação, no tempo Presente, das leis internacionais, e sim como uma ação para proteger o Futuro:

My delegation has studied most carefully the draft resolution submitted by the United States [8/8995]. The draft, if adopted, will certainly serve to allay the fear of surprise attack across the Arctic area. We must admit that the scope of the draft resolution is rather limited. It covers geographically only a narrow area. It envisages specifically an inspection system to guard against surprise attack. However, as I understand it, this system of Arctic inspection would only be a first step toward a broader inspection system to prevent the possibility of surprise attack over other regions as well as the Arctic<sup>1346</sup>.

A manifestação do representante do Panamá, o diplomata Jorge Illueca (futuro presidente do Panamá), é modelar ao ligar o Presente e o Futuro, no campo político das ações através das lentes da ciência:

Here there arises a point that we cannot ignore: in the modern world a surprise attack would not be the start of a war, but war itself. We have already passed the historic stage of wars prepared long in advance, of manoeuvres with the gradual concentration of forces along the enemy's frontiers. The resources of science, advances in aviation and the destructive power of nuclear weapons have reduced all these warlike preparations of other days to the surprise attack. Consequently, as I said before, the surprise attack will in no event be the beginning of war but war itself; more than that, it will be atomic war, with its deadly consequences for the future of mankind<sup>1347</sup>.

---

development but making good progress. At the Geneva summit conference on 21 July 1955, President Eisenhower offered to provide airfields and other facilities in the United States for the Soviet Union to conduct aerial photography of all US military installations if the Soviet Union would provide the United States with similar facilities in Russia. Not surprisingly, Soviet leader Nikita Khrushchev almost immediately rejected Eisenhower's offer." (THE CENTRAL INTELLIGENCE AGENCY CIA. **The U2 and Oxcart programs, 1954-1974.** Washington: History Staff CIA, 2013. p. 96); Gromyko ataca o argumento norte-americano de que, uma vez que a URSS não aceitou a política de Open Skies, então os vôos U2 são legítimos: "The US government, through its representative, is trying to place the blame for its aggressive actions against the USSR on the Soviet Government's refusal to accept the "open skies" plan. Fine logic, indeed: if you will not accept my proposal, then I shall intrude into your territory, and if that is inconsistent with the principles of international law, with the Charter of the United Nations of with proper relations among States, so much worse for these principles" UNITED NATIONS SECURITY COUNCIL. **SPV 860.** p. 4. Disponível em: <<http://www.un.org/en/sc/inc/spv.asp>>. Acesso em: 19 nov. 2017.

<sup>1345</sup> UNITED NATIONS SECURITY COUNCIL. **SPV 815.** p. 5. Disponível em: <<http://www.un.org/en/sc/inc/spv.asp>>. Acesso em: 21 nov. 2017.

<sup>1346</sup> UNITED NATIONS SECURITY COUNCIL. **SPV 815.** p. 8. Disponível em: <<http://www.un.org/en/sc/inc/spv.asp>>. Acesso em: 21 nov. 2017.

<sup>1347</sup> UNITED NATIONS SECURITY COUNCIL. **SPV 815.** p. 10. Disponível em: <<http://www.un.org/en/sc/inc/spv.asp>>. Acesso em: 21 nov. 2017.

Nesse ponto, se perdeu completamente a discussão no caso concreto do Presente. A discussão é o Futuro. Logicamente, é estranho imaginar que, argumentando reduzir a possibilidade de um conflito nuclear no Futuro, os países advoguem a continuidade das ações presentes que, elas sim, contribuem para aumentar as chances de um conflito nuclear no Presente. Fica clara a alteração da importância dos tempos na percepção dos sujeitos que constroem aquela narrativa. Sobolev, representante soviético, precisa retomar esta percepção a todo o momento:

The general public is becoming increasingly aware of the need to put an end to such activities, which threaten at any moment to plunge mankind into the maelstrom of nuclear war. Untold millions of men and women in all continents, including responsible political leaders, outstanding scientists and people of widely different professions and convictions, among them many who are certainly no friends of the Soviet Union, approve the action of the USSR in giving timely warning of the danger and condemn the practice of the United States - unprecedented in peace-time of sending aircraft carrying atomic and hydrogen bombs towards the frontiers of other States<sup>1348</sup>.

Em 23 de maio de 1960 (SPV 857)<sup>1349</sup> a questão volta ao crivo do CS/ONU, agora sob uma nova correlação de forças. Em 1º de maio, o piloto norte americano Francis Gary Powers fora abatido pilotando um avião de reconhecimento U2 dentro do espaço aéreo soviético. O piloto e o avião foram recuperados. O piloto com vida e o avião em condições de ser estudado, contudo, esta informação não foi passada para os EUA e numa jogada de estratégia política, Khrushchev deixou o Departamento de Estado e o próprio Eisenhower se emaranharem em mentiras contadas por eles próprios para justificar o incidente<sup>1350</sup>.

Eyes only Secretary. I am at a loss to submit any recommendations on how we should handle plane incident but following thoughts may be useful to you. Difficult to assess

<sup>1348</sup> UNITED NATIONS SECURITY COUNCIL. **SPV 816**. p. 4. Disponível em: <<http://www.un.org/en/sc/inc/spv.asp>>. Acesso em: 21 dez. 2017.

<sup>1349</sup> UNITED NATIONS SECURITY COUNCIL. **SPV 857, de 23 de maio de 1960**. p. 16. Disponível em: <<http://www.un.org/en/sc/inc/spv.asp>>. Acesso em: 20 dez. 2017.

<sup>1350</sup> Uma interessante versão surgiu em 1978 na revista Gallery, Fletcher Prouty, coronel da força aérea norte-americana e chefe das Operações Especiais do Estado Maior durante o governo Kennedy, afirmou que “In 1960, the Secret Team, terrified that President Eisenhower was coming to terms with the USSR, resolved that there must be no peace. A surefire plan was needed to destruct the upcoming summit conference [Paris]. What better way to show American bad faith than by arranging for a US "spy" plane to be forced down over the USSR on the Russian's most important national holiday.” (PROUTY, L. Fletcher. The sabotaging of the american presidency. **Gallery**, jan. 1978); “The U-2 affair had its greatest consequences when the long-awaited summit meeting in Paris began less than a week later on 16 May. Soviet Premier Khrushchev insisted on being the first speaker and read a long protest about the overflight, ending with a demand for an apology from President Eisenhower.” (THE CENTRAL INTELLIGENCE AGENCY CIA. **The u2 and Oxcart programs**, 1954-1974. Washington: History Staff CIA, 2013. p. 180).



Khrushchev's motives in playing this so hard. I believe he was really offended and angry, that he attaches great importance to stopping this kind of activity, and that he believes this will put him in advantageous position at summit. There is no doubt that we have suffered major loss in Soviet public opinion and probably throughout world. Judging by reaction *Norwegian Amb Norway* [not declassified] and possibly other countries may take unilateral action to pledge prohibition cooperation such actions in future<sup>1351</sup>.

Entre os dias 01 e 07 de maio o governo soviético ofereceu “ajuda” ao governo americano para encontrar o piloto e o avião. Reiteradas supostas posições do avião foram enviadas pelos EUA para fabricar uma versão de que o vôo não era sobre a URSS<sup>1352</sup>. Os militares soviéticos, seguindo o teatro político criado por Khrushchev levavam barcos de reconhecimento aos pontos alegados pelos EUA, encenando uma pronta cooperação<sup>1353</sup>. Quanto mais os soviéticos encenavam a cooperação, mais o governo norte-americano acreditava que o avião e o piloto estariam mortos e assim o problema diplomático estaria resolvido<sup>1354</sup>.

<sup>1351</sup> THE US STATE DEPARTMENT. **Telegram from the Embassy in the Soviet Union to the department of state**. Washington: [S.N.], 1960.

<sup>1352</sup> “At first, Ike denied any knowledge of a spy plane: the administration claimed the U-2 was doing weather research for National Aeronautic and Space Administration (NASA) and the pilot had apparently passed out from lack of oxygen while flying “north of Turkey.” This ploy collapsed on May 7 when Khrushchev announced that the pilot, Francis Gary Powers, had been captured alive. He exhibited the remains of the crashed U-2 as well as photographs of Soviet bases recovered from its cabin. Two days later, Nixon telephoned Secretary Herter and vigorously argued that Ike had to acknowledge that he knew about the flights. If he did not, that would “imply that war could start without the president’s knowledge.” The administration had to make carefully considered statements and “must not be apologetic”: the United States was gathering intelligence that it needed against the possibility of a Soviet surprise attack. Ike took responsibility for the U-2 on May 11, asserting that the United States was acting in self-defense.” (GELLMAN, Irwin. **The president and the apprentice: eisenhower and nixon, 1952-1961**. Londres: Yale University Press, 2015. p. 540-541); “By the end of the day, the Operation MUDLARK officials had prepared a statement based on the standard cover story but modified to fit the available information on Powers' flight and to show Adana as the aircraft's base in order to conceal Pakistan's role in the mission. This revised cover story, along with a mission flight plan consistent with it, was sent to the field commander at Adana, to Air Force Europe headquarters [undisclosed information] to replace the cover story that had been prepared and distributed in advance of the mission.” (THE CENTRAL INTELLIGENCE AGENCY CIA. **The u2 and Oxcart programs, 1954-1974**. Washington: History Staff CIA, 2013. p. 178).

<sup>1353</sup> “This failure played directly into the hands of Soviet Premier Nikita Khrushchev, who shrewdly decided to release information about the downed U-2 a little at a time, thereby encouraging the United States to stick with its vulnerable cover story too long. As he later wrote, ‘Our intention here was to confuse the government circles of the United States. As long as the Americans thought the pilot was dead, they would keep putting out the story that perhaps the plane had accidentally strayed off course and been shot down in the mountains on the Soviet side of the border.’” 10 The first word from the Soviet Union came on Thursday, 5 May, when Premier Khrushchev announced to a meeting of the Supreme Soviet that a US “spyplane” had been downed near Sverdlovsk. He made no mention of the fate of its pilot.” (THE CENTRAL INTELLIGENCE AGENCY CIA. **The u2 and Oxcart programs, 1954-1974**. Washington: History Staff CIA, 2013. p. 179).

<sup>1354</sup> “Judging by display which Khrushchev made of evidence in Supreme Soviet today I would doubt that we can continue to deny charges of deliberate overflight. Khrushchev has himself stated dilemma with which we are faced should we deny that President himself had actual knowledge this action although I should recommend this be done if possible and that it should be accompanied by some drastic action to prevent recurrence action of this sort without his knowledge. This would preserve for us great asset we have in regard which Soviet and other people have for President. I would suggest this might also be accompanied by statement that espionage practiced on both sides and most successfully by Soviet Union which can exploit openness our society.” (THE

Figura 47 - Rota do avião U2 (Operação Grand Slam) abatido em 1960 pela URSS



Fonte: THE CENTRAL INTELLIGENCE AGENCY CIA <sup>1355</sup>

Em 7 de maio, Krushchev fez um duro discurso na URSS revelando ao mundo que o piloto tinha sido capturado com vida e o avião não havia sido destruído<sup>1356</sup>, e passa a atacar as

US STATE DEPARTMENT. **Telegram from the Embassy in the Soviet Union to the department of state.** Washington: [S.N.], 1960); Após retornar aos EUA, sendo trocado em 1962 por outros espíões soviéticos, Powers foi exaustivamente inquirido e processado nos EUA. Houve quem acusasse o piloto de antipatriotismo por não ter se suicidado: “Charged with espionage against the Soviet Union, Powers pleaded guilty at his public trial in Moscow on August 17. He testified to details of the U-2 program and said that he was “deeply repentant” and “profoundly sorry” for his role in the overflights. Although the charge carried a death sentence, he received a sentence of three years’ imprisonment and seven years of hard labor. As a result of his behavior at the trial and his failure to activate the aircraft’s self-destruct equipment, Powers came under some criticism in the United States. Some also criticized him for not using the suicide pin.” (MAYER, Michael. **The eisenhower years** (Presidential Profiles). New York: Facts on File, 2009. p. 603); “Just consider the indignation and resentment of some people in the United States of America over the fact that Powers, the United states pilot, remained alive although he had been provided with poison, a pistol and an infernal machine expressly designed to destroy both pilot and aircraft instantly, provided, of course, that he wanted to do away with himself. (UNITED NATIONS SECURITY COUNCIL. **SPV 857, de 23 de maio de 1960.** p. 16. Disponível em: <<http://www.un.org/en/sc/inc/spv.asp>>. Acesso em: 20 dez. 2017).

<sup>1355</sup> THE CENTRAL INTELLIGENCE AGENCY CIA. **The u2 and Oxcart programs, 1954-1974.** Washington: History Staff CIA, 2013. p. 173.

<sup>1356</sup> “The plane began spiraling down toward the ground and Powers looked for a way out. Unable to use the ejection seat because centrifugal force had thrown him against the canopy, he released the canopy and prepared

atitudes americanas de espionagem e tentativa de falsificar a história. Em 11 de maio, Eisenhower aceitava publicamente a culpa pelo incidente em um discurso em que justifica os vôos baseado em Pearl Harbor:

For my part, I supplement what the Secretary of State has had to say, with the following four main points. After that I shall have nothing further to say--for the simple reason I can think of nothing to add that might be useful at this time. The first point is this: the need for intelligence-gathering activities. No one wants another Pearl Harbor. This means that we must have knowledge of military forces and preparations around the world, especially those capable of massive surprise attacks<sup>1357</sup>.

Em 16 de maio, na abertura da Conferência de Paris, Krushchev exige desculpas públicas e, por não as receber<sup>1358</sup>, se retira da conferência<sup>1359</sup>. Lodge, o embaixador

---

to bail out, waiting to arm the destruction device at the last minute, so that it would not go off while he was still in the plane. When he released his seatbelt, however, he was immediately sucked out of the aircraft and found himself dangling by his oxygen hose, unable to reach the destruction switches. Finally, the hose broke and he tlew away from the falling aircraft. After he fell several thousand feet, his parachute opened automatically, and he drifted to earth where he was quickly surrounded by farmers and then by Soviet officials” (THE CENTRAL INTELLIGENCE AGENCY CIA. **The u2 and Oxcart programs**, 1954-1974. Washington: History Staff CIA, 2013. p. 177); “Two days later, on 7 May 1960, Khrushchev confirmed this report by revealing that the U-2 pilot was alive and had admitted his mission of spying on the Soviet Union.” (THE CENTRAL INTELLIGENCE AGENCY CIA. **The u2 and Oxcart programs**, 1954-1974. Washington: History Staff CIA, 2013. p. 179).

<sup>1357</sup> EISENHOWER, Dwight. **143 The president's news conference**. Washington, may. 1960.

<sup>1358</sup> Deve-se ressaltar a tentativa de Eisenhower de se retratar em Paris: “[...] these activities [the flights] had no aggressive intent but rather were to assure the safety of the United States and the free world against surprise attack by a Power which boasts of its ability to devastate the United states and other countries by missiles armed with atomic warheads. As is well known, not only the United States but most other countries are constantly the targets of elaborate and persistent espionage of the Soviet Union. There is in the Soviet statement an evident misapprehension on one key point. It alleges that the United States has, through official statements, threatened continued overflights. The importance of this alleged threat was emphasized and repeated by Mr. Khrushchev. The United States has made no such threat. Neither I nor my Government has intended any. The actual statements go no further than to say that the United States will not shirk its responsibility to safeguard against surprise attack.” (UNITED NATIONS SECURITY COUNCIL. **SPV 857, de 23 de maio de 1960**. p. 19. Disponível em: <<http://www.un.org/en/sc/inc/spv.asp>>. Acesso em: 20 dez. 2017).

<sup>1359</sup> “If the United Sates of America has really decided to condemn the treacherous incursion by United States military aircraft into the air space of the Soviet Union, to express publicly its regret regarding these incursions, to punish the persons who are guilty and give assurances that such incursions will not be repeated in the future, we will be prepared, upon receiving such assurances, to take part in the Summit Conference.” [...] The Soviet Union is not renouncing its efforts to achieve agreement and we are sure that reasonable agreements are possible, but evidently not at this time but at another time” (UNITED NATIONS SECURITY COUNCIL. **SPV 857, de 23 de maio de 1960**. p. 3; 7. Disponível em: <<http://www.un.org/en/sc/inc/spv.asp>>. Acesso em: 20 dez. 2017). Em livro, o piloto Gary Powers conta o que pensava que aconteceria em Paris, enquanto estava preso na URSS: “Maybe it was fantasy, born out of the desperateness of my situation, but it occurred to me that when the Summit talks took place in Paris on May 16, Khrushchev might bring along a surprise. Taking me by the scruff of the neck, he might say, "Here, Ike, is something that belongs to you!" It would be a great embarrassment to Eisenhower, but a tremendous publicity coup for Khrushchev. See how humane the Soviets are! You send a pilot to spy on us. Do we shoot him? No, we return him unharmed to his family. Not a single word indicated that this would happen. But the scene was so real I began to believe it would. Returned to my cell, I could barely contain my elation, not even minding the thorough search, which was already becoming almost routine.” (POWERS, Francis Gary. **Operation overflight: the U2 pilot tells his story for the first time**. New York: Holt, Rinehart e Wiston, 1970. p. 108).

representante dos EUA no CS/ONU, em 23 de maio, finaliza sua fala acusando exatamente esse ponto:

The Head of the Soviet Government last week walked out of and disrupted the long-planned Summit Conference. Now the Soviet Union has brought allegations and acrimony to the Security Council. These things regrettably tend to heighten tensions. We none the less hope that the pending debate will bring out the truth. The United States, for its part, will work toward a constructive outcome which we hope will contribute to the greatest security of nations and to peace for all the world<sup>1360</sup>.

A estratégia de Khrushchev havia dado certo, o que em 1958 foi tomado como algo “sem substância” e sem importância, em 1960 é afirmado como “*important issues relating to aggression, violation of the frontiers of a sovereign State and a threat to universal Peace*”<sup>1361</sup>. Andrey Gromiko, no CS/ONU fazia a política externa americana sangrar:

An investigation of the case has revealed that this was not a routine incident caused by negligence and lack of discipline on the part of a member of the armed forces. The pilot of the United States aircraft that invaded the territory of the Soviet Union was acting on a direct order from United States authorities who had instructions from the United States Government to carry out an incursion or, as it is modestly expressed in the statement by Secretary of State Berter, a “penetration” into the territories of other States. All this is a matter not of assumptions or conjectures but of completely substantial facts, confirmed by irrefutable material evidence, by the testimony of the pilot-the spy Powers, who was shot down over Soviet territory-and by official documents and statements by representatives of the United States Government, which has been forced to admit that the Powers mission was carried out for purposes of espionage and diversion<sup>1362</sup>.

Gromiko pressiona com um Futuro possível:

Imagine that it is not United states aircraft which invade the Soviet Union but Soviet aircraft which penetrate the air space over, say, Chicago, Detroit or San Francisco. Imagine that one of those aircraft is shot down and that the Soviet Government begins justifying such overflights by invoking the need to gather information about military objectives in the territory of the United States. What would the American people say to that? What would the United states Government have to say? Would it make light of the whole matter, treating it as a minor incident? I hardly think so. I believe everyone will agree that in the hypothetical case which I have described the reaction would be quite different. It is easy to imagine the wave of indignation which would sweep the United States-and it would indeed be legitimate indignation<sup>1363</sup>.

<sup>1360</sup> UNITED NATIONS SECURITY COUNCIL. **SPV 857, de 23 de maio de 1960**. p. 2. Disponível em: <<http://www.un.org/en/sc/inc/spv.asp>>. Acesso em: 20 dez. 2017.

<sup>1361</sup> UNITED NATIONS SECURITY COUNCIL. **SPV 857, de 23 de maio de 1960**. p. 3. Disponível em: <<http://www.un.org/en/sc/inc/spv.asp>>. Acesso em: 20 dez. 2017.

<sup>1362</sup> UNITED NATIONS SECURITY COUNCIL. **SPV 857, de 23 de maio de 1960**. p. 4. Disponível em: <<http://www.un.org/en/sc/inc/spv.asp>>. Acesso em: 20 dez. 2017.

<sup>1363</sup> UNITED NATIONS SECURITY COUNCIL. **SPV 857, de 23 de maio de 1960**. p. 10. Disponível em: <<http://www.un.org/en/sc/inc/spv.asp>>. Acesso em: 20 dez. 2017.

Qual a diferença entre o Futuro relatado por Gromyko (dos vôos soviéticos sobre território americano) e do Futuro relatado em 1958 por Lodge<sup>1364</sup> que deram legitimidade às ações americanas de voos ilegais contra território soviético?

O primeiro, o Futuro de Gromyko é meramente uma possibilidade, está no “horizonte de expectativas” de Koselleck<sup>1365</sup> e Ricoeur<sup>1366</sup>. É uma entre tantas possíveis, usadas retoricamente como um espaço de plausibilidade improvável, apenas argumentativa. Cria uma imagem quase no campo dos acontecimentos impossíveis e denota uma percepção conjunta da quase inviabilidade desse curso de ação. É um exercício de consenso sobre o Futuro, usado pela retórica do presente que informa que a transição imagética dos tempos (do Presente para o Futuro) está interdita pela lógica da sensibilidade política compartilhada pelos sujeitos envolvidos. “Não, esse curso de passagem ao Futuro é simplesmente impossível, ou totalmente improvável”.

No segundo caso, contudo, o Futuro de Lodge, calcado na ideia do “conflito incontornável”, inescapável à história estruturalmente posta, é um Futuro certo. Atestado por teorias científicas de ambos os lados (o Marxismo e, posteriormente, o Realismo), esse é um Futuro cuja percepção da possibilidade pelos agentes é tão evidente que é tomada como parte da experiência Presente dos sujeitos, capaz de induzir comportamentos e ações cuja premissa é esse Futuro adiantado. Tomado não mais como simplesmente uma possibilidade, o Futuro invocado por Lodge carrega o peso da chancela do discurso científico<sup>1367</sup>, para além do político. Ele transita entre os tempos, do Presente para o Futuro e de volta para o Presente, de forma a

---

<sup>1364</sup> Não se pode alegar mera retórica no caso analisado uma vez que os vôos de reconhecimento americano, para além da retórica de defesa usada por Lodge, representam uma demanda social e política tanto da sociedade americana quanto do governo dos EUA. Não há que se tomar o efeito político (a retórica de defesa) pelo objeto real em análise que é a decisão política antecipadora dos tempos, legitimada pelo discurso científico que serve como resposta à demanda de segurança (real ou imaginária) de toda uma sociedade.

<sup>1365</sup> KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006. p. 230.

<sup>1366</sup> RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. v. III. Campinas: Papirus, 1997. p. 399.

<sup>1367</sup> Que ele usa, para além do Realismo, que a bem da verdade ainda não estava totalmente estabelecido como teoria de compreensão do Departamento de Estado norte-americano, através dos conceitos de “expansionismo”, “imperialismo soviético”, “estado totalitário” e do Direito Internacional: “Just contemplate the situation for a moment. Here is a Government, well known for its expansionist proclivities and armed to the teeth, which has repeatedly, in contravention of Article 2, paragraph 4, of the Charter—which is the Article which forbids both the use and the threat of force—used force and threats of force in its relations with other sovereign States. That is a clear Charter violation. When such a Government insists on secrecy, it is in effect also insisting on preserving its ability to make a surprise attack on humanity. If the free world failed to attempt to protect itself against such a danger it would be inviting destruction.” (UNITED NATIONS SECURITY COUNCIL. **SPV 857, de 23 de maio de 1960**. p. 21. Disponível em: <<http://www.un.org/en/sc/inc/spv.asp>>. Acesso em: 20 dez. 2017).

reafirmar a possibilidade do caminho. Não apenas a possibilidade, mas a probabilidade tão grande que o tempo é adiantado. Validado pelas experiências conjuntas dos sujeitos envolvidos.

A antecipação do Futuro, dá-se na espécie humana a todo tempo. Se vou ao jornal e pergunto se hoje chove, a resposta positiva antecipa a chuva no meu Presente e provoca em mim a ação de proteger-me e sair com um guarda-chuva. Contudo, não se pode argumentar que esse é o mesmo caso dos Futuros de Lodge e Gromyko<sup>1368</sup>. O fato de eu antecipar o Futuro e sair de guarda-chuva não faz com que o fenômeno meteorológico da chuva tenha sua possibilidade de acontecer aumentada. Ao contrário, no caso da antecipação do Futuro, por conta da força dos discursos científicos, dentro do espaço da Guerra Fria e da Política Internacional, os vãos americanos sobre a URSS aumentam – e muito – a chance de que o alegado motivo das ações naquele Presente desencadeie o que ela mesma diz tentar evitar no Futuro<sup>1369</sup>. Ao evitar o conflito no Futuro (alegadamente), as narrativas presentificam o tempo e o fazem correr ao contrário, como se o Futuro condicionasse o Presente, que, para si, é Passado<sup>1370</sup>.

Em setembro de 1959, numa posição de completa superioridade sobre a política externa estadunidense, Khrushchev visitava os EUA, se tornando o primeiro presidente soviético a pisar em solo americano.

---

<sup>1368</sup> A representação francesa, para defender as ações americanas, tenta fazer esta aproximação: “How can a Government denounce overflights by aircraft and the dangers they imply without mentioning the launching of devices into space and the menace traced by their orbits? The satellites launched by the USSR authorities continuously pass over the territories of foreign countries.” (UNITED NATIONS SECURITY COUNCIL. **SPV 858**. p. 4. Disponível em: <<http://www.un.org/en/sc/inc/spv.asp>>. Acesso em: 15 nov. 2017).

<sup>1369</sup> A delegação chinesa segue no mesmo argumento do Futuro antecipado: “It seems to my delegation that Khrushchev does not really want peace, as we understand the word. The Soviet objective remains world domination. “peaceful coexistence”, the “spirit of Geneva”, the “spirit of Camp David”, and so on, are just so many empty phrases, so many propaganda devices to befuddle a world longing for peace and security.” (UNITED NATIONS SECURITY COUNCIL. **SPV 858**. p. 14. Disponível em: <<http://www.un.org/en/sc/inc/spv.asp>>. Acesso em: 15 nov. 2017); Por outro lado, a representação da Polônia, ratifica sua postura calcada no tempo Presente: “The statement of the Secretary of State—and if nothing drastic should be done to eradicate it, it runs the risk of becoming known in the annals of history as the Herter Doctrine—negates the fundamental principle of international law on which the whole system of international relations is based, namely, the principle of the sovereignty of States without which there would be no way of international cooperation or of normal relations between States.” (UNITED NATIONS SECURITY COUNCIL. **SPV 858**. p. 18. Disponível em: <<http://www.un.org/en/sc/inc/spv.asp>>. Acesso em: 15 nov. 2017).

<sup>1370</sup> Embora a representação inglesa tenta trazer o Passado a tona, para justificar as ações americanas afirmando que “Both the US in December 1941, and the USSR in June 1941, suffered the consequences of a surprise attack” (UNITED NATIONS SECURITY COUNCIL. **SPV 858**. p. 6. Disponível em: <<http://www.un.org/en/sc/inc/spv.asp>>. Acesso em: 15 nov. 2017).

**Figura 48 - Khrushchev visita o estado de Iowa em 1959: "Now there is a real American!"**



Fonte: FOX<sup>1371</sup>

## 5.12 CONCLUSÃO

O capítulo de análise de dados carrega um importante fardo dentro do processo argumentativo: ligar as narrativas a uma empiria verificável de forma a produzir a sensação de que as afirmações contidas no texto não são desconectadas do “real”. Ainda que esse estudo tenha trazido análises desde o primeiro capítulo, estas se sustentavam em diferentes métodos. No início foram sustentadas em argumentações sobre Teoria da História, no segundo em documentos históricos e bibliografia e no terceiro capítulo, as análises vieram sob o estudo das obras que referenciam os construtores do pensamento norte-americano e soviético a respeito das Relações Internacionais. Esse último capítulo, contudo, precisava ligar as afirmações contidas em todos os outros com evidências empíricas que pudessem ser replicadas.

Nas análises com metodologia quantitativa é possível ver claramente a diferença entre os períodos Truman-Acheson e Eisenhower-Dulles. O viés inclinado às conversações e reuniões diplomáticas de Acheson e sua (e dos demais participantes, chamados de “old circles”) certeza em melhor resolver as questões diplomáticas através do diálogo e comprometimento fica evidenciado como diferente à postura de Dulles em evitar até mesmo fotografias com

<sup>1371</sup> Foto Khrushchev visita o estado de Iowa em 1959: "Now there is a real American!" (FOX, Jack V. **Khrushchev visits Iowa cornfields. 1959.** Disponível em: <<https://www.upi.com/Archives/1959/09/23/Khrushchev-visits-Iowa-cornfields/1112442791026/>>. Acesso em: 20 mar. 2018).

líderes soviéticos. O número de reuniões do CS/ONU cai exatamente durante o momento em que Dulles é secretário de Estado e retorna com Rusk-Kennedy.

Ainda, é possível perceber o uso do CS/ONU como estratégia de empoderamento pelos países que não eram os ditos polos no conflito da Guerra Fria. Pela análise dos temas discutidos no CS/ONU é depreende-se que todas as questões de relevância histórico-política mundial no período foram pauta, em algum momento, do Conselho. O que demonstra sua legitimidade em espelhar os conflitos do século XX, mas o número de vezes em que as pautas foram chamadas depende da vontade do presidente em exercício. Como a presidência é exercida em forma de rodízio, é possível ver-se que os dois assuntos mais discutidos eram de pouca importância para EUA e URSS, mas a manutenção do CS/ONU era essencial para aqueles que viam no controle institucional uma forma de contrabalançarem a menor capacidade militar e econômica. A estratégia de França e Inglaterra de manter o CS/ONU funcionando mesmo quando os acordos e discussões pareciam não interessar às super-potências foi essencial para que a instituição sobrevivesse aos anos Dulles.

Ademais, afora as questões de conflitos e guerras, um dos temas mais importantes para as potências era a possibilidade de entrada na ONU de novos países. Enquanto os EUA lutam por manter sua super-representação (do mundo capitalista), os soviéticos degladiavam-se com os impedimentos institucionais colocados à entrada de países do mundo socialista. Os argumentos usados remetiam à “legalidade democrática”, ou à falta dela, para a aceitação ou não do pedido de entrada. Os soviéticos perceberam o viés e passaram a usar a mesma baliza. A Checoslováquia é, no mínimo, tão democrática quanto a Itália no período, viria a afirmar Stalin. O Ocidente passa a ser questionado pela inconstância de seus padrões. Ao mesmo tempo que defendia a entrada da Itália (alvo de expurgos de parlamentares eleitos socialistas e comunistas para que então pudesse receber auxílio do Plano Marshall), negava a da Checoslováquia argumentando falta de “transparência”. O mesmo caso liga o Japão e a Mongólia. O primeiro um satélite político dos EUA, contando inclusive com dominação estrangeira e o segundo, na mesma situação pelo lado soviético.

As disputas acirradas e em grande número, por exemplo, no assunto da entrada de novos membros mostram duas coisas: (1) que havia o reconhecimento por parte de EUA e URSS da importância da ONU e do Conselho de Segurança e (2) havia uma preocupação com representação e legitimidade dos atores o que nos indica a ideia de que havia um conceito (ainda que diferente para ambos os países) de “democracia” por trás de suas ações.



As análises quantitativas mostram, ainda, a manutenção (tanto para os EUA, URSS e Inglaterra) de um corpo de funcionários especializados a representarem seus países na instituição. Esse grupo de especialistas é impressionantemente semelhante nos números, indiferente fica, nesse quesito, se tratava-se de uma democracia ocidental ou o regime soviético: ambos viam no CS/ONU uma instituição com importância e necessidade de ser levada seriamente em altos padrões de representação. As leituras dos embates retóricos entre Andrei Gromiko (URSS), Warren Austin (EUA) e Alexander Cadogan (Inglaterra), por exemplo, são de elevadíssimo nível e representativos dos argumentos dos países em questão.

As análises adensam ao se chegar nas narrativas usadas pelos Secretários de Estado dos EUA. Acheson, Dulles e Rusk formam três formas distintas de compreender o papel dos EUA, da URSS e a respeito do próprio cenário internacional durante a Guerra Fria. Se para Acheson o objetivo era a “total diplomacy” que colocava todos dentro dos EUA como representantes dos EUA a buscarem uma solução pacífica para o conflito que se vizinhava, Dulles marca sua narrativa através da ideia de uma guerra messiânica entre EUA e URSS. A análise dos discursos dos dois secretários mostra a preocupação de Acheson em reconhecer a divergência com a URSS, mas – acima de tudo – a colocar no campo da diplomacia e a tratar com as ferramentas próprias. Seu discurso, mesmo durante a Guerra da Coreia demonstra que em nenhum momento o secretário se deixou seduzir pela ideia do “conflito inevitável”.

Tal postura é radicalmente diferente em Dulles. Desde o primeiro momento, Dulles procurava exacerbar o conflito para todas as esferas, em todos os tempos e a qualquer custo. Enquanto para Acheson, os termos centrais da discussão eram “make”, “idea”, “points” e “accept” (demonstrando a abertura para negociação), em Dulles os termos centrais são “soviet”, “communist”, “violence”, “aggression” e “weapons”. A retórica de Dulles, colocada em prática de 1953 a 1959 (ano de sua morte), termina por diminuir a legitimidade e o apoio internacional aos esforços norte-americanos. Ao final de 1960, após o Efeito Sputnik, o desgaste da questão dos vôos U2 sob território soviéticos e o movimento de direitos civis dentro dos EUA, a política externa dos EUA está tão combatida que a Revolução Cubana ocorre sem que o governo colocasse em prática os existentes planos da CIA para debela-la.

A insuficiência da política externa norte-americana já vinha sendo mapeada há algum tempo. Ainda que sob o talento de Acheson tivesse algum sucesso, era evidente que uma questão de tamanha importância (como a política externa de uma potência nuclear) não poderia ser deixada à sorte de uma eleição democrática. No caso, ocorrido, da ascensão de uma pessoa com menor capacidade de compreensão dos perigos do sistema internacional (como Dulles) os

EUA estariam em grande perigo. Dean Rusk, ex-presidente da Rockefeller Foundation e figura presente nos governos Roosevelt e Truman encarna esta mudança. A escolha do Realismo como referência ao processo decisório da política externa norte-americana fica evidente já a partir do primeiro momento de Rusk como Secretário de Estado. Termos claros do léxico da teoria realista, como “order”, “interest”, “power” e “forces” passam a ser internalizadas pelo secretário mais longo da história dos EUA (excluindo-se Cordell Hull).

Não é apenas a noção de superioridade científica que leva os discursos de Relações Internacionais a condição de base tanto das decisões, quanto da forma de ver e compreender o mundo. É um consenso amadurecido durante quase dez anos em que a Academia, as Fundações privadas e algumas pessoas dentro do Departamento de Estado trabalharam para evitar que a política externa dos EUA fosse deixada a sorte da democracia.

De 1945 a 1960 foi possível demonstrar que o conflito da Guerra Fria não é homogêneo, como sugeriria Waltz. A bibliografia sobre o tema cria uma linha que surge na Doutrina Truman e vai até a queda do Muro de Berlim alocando fatos e personagens dentro de uma narrativa de conflito estruturalmente delimitado (ou, ao menos, um conflito inescapável) de forma que se constrói uma ideia da Guerra Fria como um cenário de “total” antagonismo e divergência. O olhar mais aprofundado sobre os dados e os discursos mostra que esta não é a realidade. A noção do conflito foi construída a partir primeiro de interesses internos, como no Caso da Doutrina Truman. Os EUA saem da segunda guerra com um imenso déficit e o mundo ocidental carente de condições de comércio e produção que viessem a auxiliar a recuperação desse cenário. O Plano Marshall e a Doutrina Truman são formas auto-interessadas que os EUA encontraram para resolver seus problemas internos. E tanto melhor que isto seja percebido como uma ação “benevolente” da potência que se consolidava. A Doutrina Truman serviu para manter o clima de guerra dentro dos EUA para muito além da segunda guerra mundial e, assim, legitimar os altos impostos. Ao mesmo tempo que convencia o Congresso a aumentar os orçamentos de Defesa que eram revertidos em pesquisas e desenvolvimento industrial para o que Eisenhower vai chamar, no final do seu período, de “complexo industrial-militar”. O plano Marshall foi uma forma de controlar a política econômica dos países europeus e evitar que eles desvalorizassem suas moedas e jogassem a economia norte-americana na crise como havia ocorrido em 1929.

Nos interessa a Doutrina Truman e fica claro o padrão das “duas narrativas” de Acheson. Esse, aliás, utilizava o termo “clearer than the truth” numa forma polida e educada de demonstrar o quanto o controle da informação pode induzir a tomada de decisões políticas no

presente. Truman sabia que os soviéticos não estavam interessados em apoiar qualquer movimento nos Balcãs. Stalin assentia com a noção de “esferas de influência” e a Grécia era espaço inglês. Ainda assim, Truman usa a “luta contra o comunismo” para inverter o panorama da eleição de 1948, calar os críticos de sua política externa e arrancar mais recursos financeiros do Senado. Ocorre que o limite da chamada “Doutrina Truman” era retórico e propagandístico. Não se pensava, nem no início, na necessidade de ações militares. Tal fato é tão evidente que sequer os soviéticos, atentos e tendendo a sobrevalorizar todas as declarações norte-americanas, não perceberam a Doutrina Truman como qualquer diferença ao que já vinha sendo praticado pelos EUA. É um dos tantos casos na História de atribuição de sentido muito após o fato e os sujeitos envolvidos terem tomado a decisão.

É o homem no Futuro que olha para a Doutrina Truman e dá a ela o sentido lógico de “iniciar” uma “rivalidade incontornável” na Guerra Fria. Nem o Departamento de Estado, nem mesmo Truman tinham esse interesse naquele momento. Apenas no final do seu mandato (1953) que as questões da rivalidade externa passam a ser centrais nos discursos State of the Union de Truman. Após o lançamento de sua “doutrina”, o discurso subsequente é todo voltado para questões internas com o presidente enunciando seus planos para construção de moradia nos EUA e na criação de um sistema de saúde universal e gratuito. Com a reviravolta da eleição de 1948, o macarthismo e a consolidação do complexo midiático, Truman reconhece a importância da narrativa contra os soviéticos tanto para manter o cidadão americano “preparado” para o Futuro, quanto para controlar as narrativas domésticas que se levantavam contra seu governo (em especial o macarthismo).

O tom de Truman passa a subir, embora ainda controlado.

A Guerra da Coreia oferece um ponto importante de comparação. A Doutrina Truman não tinha sido pensada para servir de incentivo a um conflito real. E MacArthur se torna mais “trumista” do que Truman. Após as agruras da Coreia, consolida-se a narrativa da rivalidade. Estamos, é preciso dizer, às portas de nova eleição nos EUA, e os democratas serão vítimas da própria narrativa que criaram. Incapazes de controlar os termos reais do que queria dizer a Doutrina Truman, Eisenhower pode terminar o ciclo democrata explorando a diferença entre o que era dito e o que era feito.

Eisenhower vence as eleições e precisa aprofundar a narrativa do “conflito inescapável”. Seus discursos de 1955 e 1961 mostram esta escolha. Dulles viria a ser a pessoa certa para conformar a visão norte-americana numa forma de cruzada que o “mundo livre” fazia para “libertar cativos” no sistema comunista. Mas, de novo, as narrativas se tornam incontroláveis.

O confronto, quanto mais incentivado, mais prendia os agentes num processo de antecipação de um Futuro certo (porque previsto) mas que nunca se materializava. O caso do Sputnik mostra isto de forma eloquente.

Incapazes de perceber como a política externa dos EUA vinha sendo inefetiva e ineficaz, Eisenhower e Dulles são acordados pelo lançamento do Sputnik. Não apenas aquele país sobre o qual ambos só tinham visões negativas superava os EUA no plano científico, como ganhava a simpatia de diversas pessoas ao redor do globo. O baque foi sentido e, como no caso do projeto Manhattan, e, depois, das reformas no sistema de ensino dos EUA (no período Truman), a resposta viria com a criação da NASA e uma nova reforma no campo da Educação. Novamente os norte-americanos se baseavam na ciência para retomarem o controle das ações internacionais.

O Futuro é o tempo-chave das ações americanas. O Sputnik, sabia-se, não representava perigo no Presente, mas uma realidade que no Futuro colocava os EUA em inferioridade. Era mais assustador o fato de que era no mesmo Futuro que a grande batalha (prevista por marxistas e incorporada pelo Ocidente) entre o capitalismo e comunismo se daria. E por mais figurado que fosse o sentido de “batalha” o Futuro precisava ser adiantado. “Antecipado” no termo exato dos relatórios da CIA e do Departamento de Estado. “Futuro” que é o centro do discurso de Eisenhower em 1958: “Future”, “power”, “security” todos termos fazem parte do mesmo grupo semântico. A Guerra Fria estava sendo perdida no Futuro.

Após a morte de Dulles e o acirrar das tensões entre soviéticos e americanos em função dos vôos de reconhecimento do U2, Eisenhower adota uma narrativa mais moderada. Aceita a Guerra Fria como um “uneasy equilibrium” e volta a falar em questões sociais. Era o reconhecimento da falha de toda a estratégia de política externa que, desde o episódio Little Rock, até o assassinato de Patrice Lumumba sacrificava questões sociais e direitos básicos em função de um conflito que, enfim Eisenhower entendia, era construído diariamente por interesses que ele materializou no termo “complexo industrial-militar”.

O problema desse Futuro adiantado, tomado como verdade através de metodologias que se diziam “científicas” (o Futuro de Lodge) era que ele se fazia presente no Presente. O efeito Sputnik provoca a sensação de insegurança presente baseado num reconhecimento de incapacidade de Defesa (no Futuro). Os tempos jogados fora de lugar induziam tomadas de decisão que tornavam as próprias profecias mais prováveis de serem realizadas. Ao permitir os vôos de reconhecimento sobre território soviético, Eisenhower jogava mais lenha na fogueira do conflito. E o fazia para evitar que os EUA perdessem a iniciativa “no futuro”.

Esta inversão de tempos fica evidente na fala dos diplomatas para justificar a invasão do espaço aéreo soviético: era preciso evitar um “nuclear surprise attack”. O Passado não chancelava esta posição. Nunca houvera um ataque nuclear de surpresa. E mesmo ataques “de surpresa” eram raros, praticamente inexistentes. O único tempo que permitia um ataque nuclear de surpresa era o Futuro. E ele é invocado não como mera ferramenta legitimadora da retórica de defesa dos atos, mas deve ser entendido como a razão máxima que impulsionou a tomada de decisão inicial.

A luta retórica que se segue incorpora a ciência como coluna vertebral da política. Não apenas os argumentos se remetem aos conceitos de “totalitarismo” e “democracia”, como os objetivos das ações só podem ser compreendidos se reconhecido o papel que a ciência jogou no conflito da Guerra Fria. O Futuro antecipado, cuja característica era o “conflito inescapável” entre capitalismo e comunismo precisava ser lutado (e defendido) com força nuclear. E uma vez nesse cenário, eivado de desconfiança, de sujeitos que encarnavam o mal e da possibilidade do cataclismo nuclear, tudo seria justificado.

Esse não é o único caso em que o Futuro antecipado gera a rivalidade presente e induz ações que majoram a chance desse mesmo Futuro acontecer. As disputas sobre o “colonialismo”, as ações dos irmãos Dulles por todo o planeta (retirando governos e matando pessoas) eram todas para que a balança de poder, no presente favorável aos EUA (conforme sensação até o Sputnik) não fosse alterada no Futuro. A Teoria do Dominó, a retórica pelo contínuo esforço de desenvolvimento das forças produtivas dos EUA (muito além do que a sociedade necessitava no momento) também são exemplos eloquentes de como o Futuro antecipado com a legitimidade do discurso científico molda os tempos e as ações políticas.

O resultado da transformação de um futuro possível (o Futuro de Gromyko) em um Futuro certo (o Futuro de Lodge) é a crise na política externa dos EUA que ajuda a tirar os Republicanos do poder. Kennedy, apesar de manter uma retórica de rivalidade, passa a encarar como o tempo essencial, o tempo Presente. Ele recebe um país que vivia e sentia a iniciativa ter passado às mãos dos rivais. Khrushchev, sendo recebido nos EUA, com apreço, cerimônia, encanto e confiança, era não uma demonstração de vontade em diminuir as tensões. Mas a vontade em diminuir as tensões era um reconhecimento tácito de que os EUA não tinham mais vantagem no conflito e estavam inferiores [...] no Futuro.

## 6 CONCLUSÃO

History records no previous case in which a responsible Government, and a great Power at that, in an attempt to trample under foot the basic principle of relations between States—the principle of State sovereignty, has announced that it is part of its policy to invade the territory of other States by the use of its aircraft. Even the Nazis, prior to the war which they unleashed, did not dare make such piratical claims<sup>1372</sup>.

Em 26 de maio de 1960, Andrey Gromyko, diante de mais de dois anos de discussões no CS/ONU, afirmou o texto acima, numa tentativa de romper com a organização dos tempos usada para validar a ameaça do “*surprise attack*”. A tentativa de se reportar ao passado, lembrando que nunca havia ocorrido um ataque surpresa da natureza como era aventado pelo Ocidente<sup>1373</sup>, era uma busca pelo retorno da racionalidade do início do século. O que Gromyko, aparentemente, não percebia é que a inversão dos tempos não era apenas uma estratégia narrativa de defesa, mas uma forma de pensar característica do século XX e que impulsionava os dois países para um confronto inexorável que, no entanto, era travado apenas no Futuro.

O argumento de Morgenthau, Waltz e outros, contra o “liberalismo” era uma forma bem articulada e esquiva de lançar a racionalidade do século XX, com relação à política internacional, nas mãos do discurso científico, através da antecipação do Futuro como certeza. Os “valores liberais”, que passam a ser pejorativamente personificados no Wilsonianismo, eram tão somente a agência política baseada em percepções do passado (história) e negociações e confiança no presente (diplomacia). É no século XX que a ciência substitui a diplomacia e o Futuro desaloja o Passado como referência para a ação Presente.

É verdade que Waltz e sua argumentação de caráter claramente estruturalista é mais corajoso na hora de descrever um mundo regido por leis nomotéticas-dedutivas do que o Realismo de Morgenthau. Contudo, Morgenthau não estava longe de conceder o mesmo argumento. Se o discurso de Morgenthau afasta-se dos “rigores metológicos” das ciências duras, ele também evoca, o tempo todo, um saber sofismático, etéreo (“*nature*”, “*interests*” ou “*wisdom*”), mas que também serve como pano de fundo para a ideia de que o mundo e a realidade SÃO de uma determinada forma. A bem da verdade, a diferença entre Waltz e Morgenthau, nesta questão, é muito mais de forma do que de substância.

<sup>1372</sup> UNITED NATIONS SECURITY COUNCIL. **SPV 860**. p. 12. Disponível em: <<http://www.un.org/en/sc/inc/spv.asp>>. Acesso em: 19 nov. 2017.

<sup>1373</sup> O primeiro momento em que a ideia do “*surprise attack*”, usado como “*preventive war*”, realmente aconteceu foi em 1967 na Guerra dos Seis Dias.

O fetiche pela ciência, ou mais precisamente pelo “*prophetic ethos*”, é majorado pelo efeito da Bomba Nuclear. O medo da aniquilação nuclear, a doutrina da MAD<sup>1374</sup>, como a literatura chama, não deve ser tomada como o principal impulsionador das ações da Guerra Fria em sua forma negativa. Mas em sua perspectiva propositiva. “Antecipar” o Futuro era o papel da ciência, e se a destruição era assegurada, a função dela é que esta destruição se desse apenas no Futuro. A escolha pela “objetividade” e exigência de capacidade preditiva condiciona o afluxo de dinheiro para pesquisa e seleciona saberes e profissionais que essem dispostos a antecipar esse Futuro. Assim, a História é irremediavelmente deslocada dos centros de Poder, eis que a epistemologia da época começava a destruir a objetividade do Passado e afirmava que nada se poderia falar sobre o Futuro.

O imperativo social e político pelos saberes preditivos gera uma demanda governamental pela cientifização de campos como a Economia, a Ciência Política e as próprias Relações Internacionais ocupando o espaço da própria História. Até o final do século XIX e mesmo no início do XX, tais campos não gozavam da reputação que atingiram a partir de 1950. Esta transformação se dá sobre o veludo da “objetividade”. Enquanto o caminho da História é pela relativização de seus conceitos e métodos, as novas concorrentes viriam a navegar no caminho mais próximo da Física e não da Filosofia.

Não é à toa que a formação das Relações Internacionais como ciência se dá, praticamente ao mesmo tempo, nos EUA e na URSS. Além de contemporâneas, elas gozam de financiamento governamental e ficam submetidas aos interesses desse. Esse caminho epistemológico tem um reflexo social. A profissionalização da diplomacia obedece não só às necessidades de um mundo cada vez interligado, mas também responde às exigências de um governo que precisa ter uma mão de obra especializada e domesticada. As Relações Internacionais surgem com uma dupla função de legitimar consensos políticos já existentes (como a ideia de “conflito inevitável”, por exemplo) e apontar, entre tantos Futuros possíveis, aquele que interessava aos detentores do poder. Daí se retira a narrativa oficial da Guerra Fria: um confronto que nasce da impossibilidade estrutural de paz e termina com a vitória sobre o inimigo. Inimigo que perde sem nunca ter lutado, perde no Futuro pela falta de capacidade no Presente.

É apenas no final do século XX, depois de se debruçar sobre o Presente, que a História timidamente olha para o Futuro como um tempo que teria algo a dizer. Ricoeur o faz recuperando uma dupla noção: (1) o presentismo de Santo Agostinho e (2) a Poética de

---

<sup>1374</sup> Mutually Assured Destruction.

Aristóteles. Todos os tempos o são somente a partir do Presente humano, e toda concepção de pensamento e narrativa passa, necessariamente, pela ressignificação do sujeito que, por sua vez depende da “*attentio*” de Agostinho, da “*identidade narrativa*” de Ricoeur ou das “*relações humanas*” de Koselleck. Não importa por onde se olhe a questão, o tempo é definido pelo sujeito no Presente e é sua intenção que faz a mobilidade dos tempos. Na História, o Passado é Presentificado, alterando a relação normal dos tempos. O “*horizonte de expectativas*” (Futuro) de Koselleck também se presentifica e, por meio da vontade humana, os tempos são acessados e transcendidos numa relação que rompe com o sentido normal da “*flecha do tempo*”.

Se Ricoeur se utiliza de Santo Agostinho, as reflexões de um outro religioso serão tomadas aqui com o Padre Antonio Vieira em seu “*História do Futuro*”. É o Futuro que impõe vontade aos homens. É falar do Futuro e fazer uma História dele que altera as condições presentes. Não há discurso de presidente norte-americano, entre 1946 e 1960, nem manifestação de diplomata que não se remeta claramente ao Futuro. Os sacrifícios presentes dão azo a um Futuro vitorioso numa reconstrução da escatologia cristã tal e qual, incluindo a noção de fim dos tempos. O Juízo Final era algo certo tanto para a teoria marxista-leninista, quanto para o Realismo, embora de formas diferentes. Tudo o que o Homem poderia fazer era se preparar e, nesta preparação, jogar o resultado final para o Futuro. Lá as profecias acontecem *in totum*, lá o comunismo venceria o capitalismo (Marxismo-Leninismo) ou os Estados viveriam em uma eterna luta em que, se tudo desse certo, não haveria vencedor (Realismo).

A condição narrativa de antecipar o Futuro, contudo, não é desprendida de controle. Não são todas as formas de vislumbrar o Futuro que nos oferecem o Futuro Certo. A noção de certeza viria como corolário de uma interpretação científica através ou de metodologias nomotéticas-dedutivas (leis lógicas) ou indutivo-probabilísticas (probabilidade). Qualquer que fosse o caminho, o Futuro estava cercado e, por entre os números, fórmulas e correções, os homens o enxergavam. Ao vislumbrar esse Futuro a partir de um discurso de autoridade, pela vontade do sujeito que olha, ele deixa de ser hipótese para ser certeza. Deixa de ser Futuro apenas, para ser Presente. Não são todos os oráculos que são verdadeiros. E, normalmente, eram requeridos títulos e livros, rituais e escritos muitas vezes crípticos para que o sujeito se habilitasse a falar do Futuro.

Todo esse esforço gera campos sociais de atuação. Carreiras acadêmicas são criadas, espaços de poder surgem sempre ligados à dupla necessidade de acomodar os consensos políticos e de antecipar os tempos. A profissionalização do saber e a cientifização dos discursos geravam a possibilidade de maiores lucros e a interferência desses sujeitos nos círculos de



poder. Ora, o oráculo com a capacidade política de agir no Presente tem suas previsões mais prováveis chances de acontecer. É de Kissinger, por exemplo, a frase de que os EUA moldavam o mundo à sua visão. Tudo o que os círculos de poder precisavam fazer é decidir que visão seria essa e manter o controle político sobre os profetas.

As bombas sobre Hiroshima e Nagasaki não trouxeram medo e pânico apenas para japoneses e soviéticos. Robert Oppenheimer, David Lilienthal, Dean Acheson e Bernard Baruch perceberam, de imediato, que o átomo amedrontava seus mestres e seus inimigos de forma semelhante. Com a capacidade nuclear da extinção da vida na Terra, pela primeira vez na História, o Passado contava menos do que o Futuro. Não se tratava mais de aprender como os ancestrais domavam as estações do ano para plantar comida ou como conheciam a movimentação dos rebanhos para caçar. Tratava-se, agora, de quem e quando apertaria o botão fatídico.

Por conta mais da sorte do que da estratégia, o conhecimento nuclear não caiu em mãos nazistas, mas, como afirmava Acheson, os EUA não seriam capazes de manter o monopólio por muito tempo. O destino dos japoneses poderia ser partilhado pelos EUA e a política externa se tornava essencial para o século XX como nunca tinha sido antes. Entre 1946 e 1960, inúmeros planos e investimentos em criação de pessoal capacitado e profissionalização de burocracia tiveram lugar, tanto nos EUA quanto na URSS. No início do século XX, não houve possibilidade de se antecipar esse Futuro, claramente nenhum dos países estava preparado para a situação em que emergiram após a Segunda Guerra. Precisavam se adaptar durante o desenrolar do tempo.

Harry Truman surge nesse cenário quase como um modelo perfeito das condições sociais e políticas de seu tempo. Vindo de um estado considerado “interiorano” (Missouri) e sem conhecimentos do cenário internacional, foi subitamente alçado à condição de presidente. Em meio às negociações em Potsdam, Truman precisava não apenas aprender o ofício de governar uma potência nuclear, mas também ganhar legitimidade para fazê-lo. Os anos de confiança e acordos entre Roosevelt e Stalin não poderiam mais ser acessados e Churchill aproveita a situação para, como um terceiro interessado na disputa de dois grandes senhores, procurar um caminho em que os dois perdessem. É de Churchill o discurso de Fulton, intento levado a cabo no mesmo sentido que todas as intervenções do primeiro ministro inglês em Potsdam: fomentar a discórdia entre EUA e URSS. Tal qual havia se tentado jogar nazistas contra soviéticos no entre-guerras, a diplomacia de Churchill era voltada a não permitir que estadunidenses e soviéticos viessem a encontrar agendas de consenso. Churchill defenderia o

governo de Sua Majestade na sua totalidade, desde o mais arraigado senso de colonialismo até a noção mais complacente de “esferas de influência” com Stalin.

É nesse contexto de incertezas que Truman se aproxima de dois homens: George Marshall e Dean Acheson. O primeiro, um herói de duas guerras, conhecedor exímio do mundo da caserna e detentor de legitimidade inigualável nos EUA. O segundo, oriundo de uma elite cultural, social, política e econômica característica da costa leste dos EUA. Ambos seriam vitais em suas funções e organizariam as bases do Governo Truman. Enquanto Marshall transitaria por diversas pastas sempre com intuito de resolver complicados problemas políticos, Acheson seria o conselheiro principal de Truman para a política externa. Na condição de Secretário assistente ou de secretário do Departamento de Estado, é Acheson que centraliza o processo decisório de política externa dos EUA entre 1946 até 1953.

Não foi o discurso de Churchill, em Fulton, ou o de Stalin em 9 de fevereiro do mesmo ano, em Moscou, que transformaram a política externa norte-americana num “mortal antagonismo”, nos termos de Arthur Schlesinger Jr. Não o fizeram porque Acheson e os “wise men” estavam lá. Acheson, Bohlen, Harrimann, entre outros, entendiam a política externa como um espaço de compromissos e interesses. E, como os soviéticos eram humanos apesar de tudo, também com eles era possível acordo por meio do reconhecimento do interesse mútuo ou da capacidade de negociar. A administração Truman tinha três grandes tarefas: (1) lidar com os soviéticos e conservar a paz, (2) lidar com o Congresso e obter condições para sanear o orçamento e (3) manejar a opinião pública norte-americana (e o complexo de mídia que se formava) para obter a reeleição.

Dean Acheson surge com a fórmula “*clearer than the truth*”, pelo que pretendia resolver todas as três missões, desde que ele pudesse controlar a informação.

Claramente incomodado pelo surgimento do complexo televisivo nos EUA, Acheson buscava um padrão de “duas narrativas”, uma interna ao governo e outra para o público e o Congresso. Mesmo recebendo informações e partilhando de opiniões de que a URSS não representava problema imediato (nem mesmo a curto prazo), Acheson descobre que a narrativa do medo poderia manter o governo abastecido com verbas, o público americano apoiando Truman e o complexo de mídia lucrando. A fórmula parecia bem-sucedida, eis que o governo pode manter os impostos e taxas do tempo de guerra até 1953.

Enquanto o complexo midiático se fortalecia, nos EUA, o Departamento de Estado perdia o controle sobre a informação. A postura diplomática dos EUA passa a ser o ponto mais atacado tanto pela oposição quanto pelos jornais e televisões. A expressão “*soft with the*

*commies*”, que é uma herança do tempo de Roosevelt, viria a dar força para o senador Joseph McCarthy e colocar a administração Truman na defensiva. Em 1947, disposto a reverter esta fraqueza, Truman desvela a conhecida “Doutrina Truman”. Uma ideia de política externa que visava ajudar política e financeiramente a Grécia, recentemente abandonada pelos ingleses, mas era travestida de uma retórica grandiosa como defender os países “livres” em disputas com grupos comunistas que haviam saído da guerra extremamente fortalecidos na Europa.

Tanto a Doutrina Truman, quanto o Plano Marshall, ambos de 1947, foram voltados à solução de problemas internos e ao fortalecimento do Governo Truman. O primeiro calava os críticos do governo quanto à sua postura para com os soviéticos, o segundo garantia que os países europeus não poderiam desvalorizar suas moedas e expor a economia americana a uma crise semelhante ao que acontecerá em 29. Crise que era “antecipada” por economistas soviéticos. Se tais ações pudessem ser colocadas em prática de forma a omitir seu viés autointeressado e ser compreendido como ações internacionais benevolentes, tanto melhor. Truman, Acheson e Marshall se saem brilhantemente bem e a eleição de 1948 é vencida pelo democrata contra toda forma de previsão.

Em todos os embates com a URSS, Truman adotava a linha da composição, buscando um curso de ação suficientemente confrontativo para agradar as audiências internas e relativamente brando nas opções para com os soviéticos. Kennan daria a Truman não o caminho para enfrentar a Guerra Fria (uma vez que Acheson não concordava com as análises do secretário da embaixada em Moscou), mas o tom da retórica que agradava o público. Nesta toada administrativa, de redução do déficit público, incentivo a programas sociais domésticos e confiança na capacidade americana de negociação, viveu a administração Truman até 1950.

A Doutrina Truman não foi usada na Coreia. As duas narrativas (para os bálcãs em 1946 e para a Coreia em 1953) são muito diferentes. Afinal, no caso da Grécia e Turquia as palavras de Truman eram para o Congresso e o cidadão dos EUA. Na Coreia, havia muito em jogo e o confronto não parecia ser a solução. O general Douglas MacArthur, ao contrário, acredita na Doutrina Truman e dali tira a percepção – um tanto mais violenta – do “*roll-out*”. Era dever dos EUA, segundo o general, fazer o comunismo retornar à URSS e talvez até ser extirpado de lá. Diante do recrudescimento do conflito, dos erros de cálculo de MacArthur e do seu pedido pelo uso de bombas nucleares contra Coreia do Norte e China, ficava evidente o risco de uma política externa baseada num “*gentleman’s agreement*”. Stalin era um bom interlocutor, os líderes chineses e coreanos não.

A eleição de Eisenhower marca a opção pela retórica agressiva, é uma escolha nem tanto pelo embate militar – já que pesquisas da época mostravam que mais da metade da população continuava defendendo saídas pacíficas para os problemas entre as duas nações – mas pelo fim da retórica de conciliação. Eisenhower continua no padrão de “duas narrativas”, mas as ideias de “libertar” a Europa Oriental e os povos “cativos” do comunismo não passa do papel. Ciente da incapacidade militar americana, e profundo conhecedor das agruras de guerra, Eisenhower não estava disposto a embarcar em aventuras em termos de política internacional. Contudo, tendo vencido a eleição, ele se torna prisioneiro de sua retórica.

Foster Dulles e Allen Dulles são a resposta de Truman às questões internacionais. Não mais a retórica da negociação, mas uma que propusesse um enfrentamento. Não mais os “*reds, pink and lavenders*” do Departamento de Estado controlariam a política externa. Ao mesmo tempo, o reforço do arsenal nuclear garantia um sentimento algo positivo (dentro dos EUA) em termos de defesa, e as “*covert actions*” da CIA poderiam fazer os interesses americanos acontecerem no mundo, sem o risco de uma guerra aberta.

Por volta da metade dos anos 50, estava claro o custo da política externa de Eisenhower e Dulles. Havia um desgaste internacional dos EUA, uma desconfiança dos aliados europeus na capacidade dos americanos de lhe proporcionarem defesa, sem a ameaça nítida de uma hecatombe nuclear. Os interesses dos EUA, ainda que defendidos a golpes de Estado e assassinatos, por todo o mundo, não estavam garantidos. O caso da Represa de Aswan e do Canal de Suez, no Egito, são explicativos. Nos dizeres do senador Fulbright, após extensa comissão de investigação das políticas de Dulles, em 1958: “*the world has lost confidence in Dulles*”. E não era só o mundo.

A política externa de Eisenhower e Dulles, baseada no consenso de que era preciso uma retórica agressiva e uma ação efetiva moderada, só faz crescer o prestígio da URSS. O movimento dos Direitos Civis nos EUA, combinado com o efeito do lançamento do Sputnik, ambos em 1957, colocam ainda mais em alerta os grupos financeiros e industriais norte-americanos. Não somente existiam fortes evidências de que a sociedade americana não estava se desenvolvendo rápido o suficiente, como havia o risco de um conflito nuclear. Os EUA começavam a perder no Futuro.

Desde 1954, esses grupos vinham se articulando para dar à política externa da maior potência nuclear do planeta uma noção de constância que a “*bipartisanship*” de Acheson e Dulles não havia conseguido. A democracia era por demais perigosa para um mundo com ogivas nucleares e o comunismo evidentemente fazia um bom trabalho em termos globais.

Amelhava apoios, controlava vastas populações no globo e se fazia palatável para grupos de cidadãos mesmo dentro do “*free world*”. A CIA de Dulles frequentemente se queixava da diferença do custo de um espião norte-americano na URSS e um soviético dentro dos EUA. Encontrar ocidentais ávidos por serem informantes da utopia soviética, por exemplo, era muito mais fácil e menos custoso do que a constante reposição de fontes americanas que eram detidas ou simplesmente mortas dentro do mundo comunista.

O final agonizante do governo Eisenhower, com a Revolução Cubana (1959) e os episódios, extremamente desgastantes, do assassinato de Patrice Lumumba (1961) e dos vôos sobre a URSS (1960), compõem o quadro que indicava a necessidade de que os EUA mudassem a forma de sua política externa. Era preciso ter padrões sólidos de ação, evitar a loteria da democracia que, afinal, poderia oferecer um Acheson e sua sobriedade ou um Dulles e seu histrionismo. Era necessário não se perder em ideologias. Era preciso um “projeto Manhattan” para as ciências sociais e, em especial, para a política externa.

Com esse intuito, silenciosamente, desde o início dos anos 50, as universidades patrocinadas pelas fundações privadas norte-americanas vinham buscando uma solução para o problema da política externa. Com a História afastada e a consolidação do campo de Relações Internacionais, bastava escolher qual teoria serviria de base referencial para dar aos EUA a condição de agirem no meio internacional com mais certezas e mais acertos. Era necessário primeiro não destruir a reputação do que havia sido feito antes. Não se poderia simplesmente dizer que tudo havia sido um erro. Legitimar o discurso anticomunista e dar mais poderes e opções para o Departamento de Estado eram os principais objetivos. Mas isto deveria ser feito de forma a retirar o subjetivismo decisório e o caráter inconstante das ações internacionais do país. Era preciso ciência. E dinheiro, aparentemente, não faltava.

O modelo de sucesso de política internacional era, certamente, o soviético. Nas palavras do senador Joseph McCarthy, já citado: “there was within the Soviet orbit 180 million people [until 1945] [...], and only six years later, there are 800 million people under the absolute domination of Soviet Russia – an increase of over 400 percent”.

O sucesso era muito grande para ser simplesmente negligenciado, e, ainda que na retórica não houvesse qualquer possibilidade de se admitir, os EUA procurariam espelhar a epistemologia marxista-leninista (obviamente retirado o seu viés revolucionário) na política externa. Ambas as teorias (o Realismo e o Marxismo-Leninismo) assumem que o mundo e a realidade são passíveis de serem compreendidas e que possuem “leis gerais” que podem ser descobertas. Tanto o Marxismo-Leninismo, quanto o Realismo entendem que deve existir uma

ligação filosófica entre teoria e prática, não podendo existir um sem o outro. Assim como o Marxismo-leninismo, sua contraparte norte-americana afirma que o estado natural da política é o conflito, e no caso da política externa isto é ainda mais evidente. Ambos entendem, por exemplo, que o Estado só pode aceitar um grau marginal de cooperação com outros Estados, ainda que de mesmo viés sócioeconômico. O Marxismo-Leninismo prega a supressão desse Estado como forma de se obter um nível de cooperação máxima, o Realismo, por sua vez, se nega a ser revolucionário e afirma que a “estabilidade” é o objetivo da política externa e nela a capacidade de cooperação dos Estados é pequena.

A pesquisa foi ao Realismo de Carr, eminentemente metodológico e profundamente materialista, e mostra que ele já se encaminhava para o uso de conceitos como poder e construção ideológica, caros à epistemologia marxista-leninista. Carr defendia, enquanto forma de análise, um total distanciamento dos valores morais e das regulações legais. A moral, no entanto, seria necessária para a decisão da ação.

Até 1948, Carr era figura constante nos cursos de Relações Internacionais pelos EUA e seu livro *“Twenty years of Crisis”* uma espécie de Manual de Teoria para todo os EUA. No final de 1947, contudo, Carr escreveria um artigo elogioso à URSS (*“The Soviet Impact on Wessern World”*) e receberia de um novo postulante ao espaço de referência teórica a **crítica** de que sua obra (de Carr) deixava *“the overall impression of Mr. Carr's work is one of failure”*.

Hans Morgenthau, um emigrado europeu para os EUA com formação humanista no velho mundo, abriria forte crítica a Carr e disputaria o posto de principal referência das Relações Internacionais dos EUA. Como pontos de vantagem, Morgenthau oferecia quatro: (1) a naturalização da noção de desigualdade social e, inclusive, a percepção de que ela poderia ser benéfica e garantidora da estabilidade; (2) uma teoria que propunha uma dupla exclusão de sujeitos participantes do processo decisório em Relações Internacionais, tanto a população quanto os “cientistas” veriam suas ambições chocarem com o conceito de *“wisdom”*; (3) uma desconfiança nos valores morais do liberalismo (da diplomacia, das regras e leis internacionais e dos acordos e instituições) e (4) a ideia de que política internacional e política doméstica são diferentes, e que a primeira é orientada para o Futuro.

O Realismo de Morgenthau oferecia a ferramenta perfeita para a solução do problema norte-americano. Imitava a epistemologia materialista do Marxismo-Leninismo ao mesmo tempo que negava seu caráter revolucionário. Dava uma convincente e científica desculpa para o pouco de *accountability* que a política externa entregava, e oferecia uma teoria sólida das

possibilidades de ação internacional. E tudo se dizendo “objetiva”, “não ideológica” e defendendo a democracia (apesar de demonstrar sérias restrições a ela).

No final dos anos 60 e início dos anos 70, com o aumento das críticas de Morgenthau às decisões de política externa norte-americana, especialmente sobre Kissinger e a questão do Vietnã, o governo provoca a mesma substituição que havia já feito com Carr, mas desta vez Morgenthau é o afastado. Um jovem professor de Columbia, que havia obtido seu doutorado em 1959, renova a narrativa do Realismo, dando a ele uma roupagem ainda mais cientificista. Agora, o meio internacional tinha regras, podia ser, até certo ponto, medido, antecipado e controlado. A noção marxista de “estrutural” – que Morgenthau apenas emulava sem se comprometer – finalmente aparecia.

Para Marx, “estrutura” é descrita como (1) o primado da totalidade sobre as partes que o constituem, (2) o primado das relações sobre os termos que se relacionam e (3) a ideia de que a estrutura não é visível de forma aparente<sup>1375</sup>. A explicação de Waltz, ainda que mais confusa, segue o mesmo caminho:

Structure is a useful concept if it is seen as conditioning behavior and as affecting the way in which functions are performed. Defining international structure partly in terms of national attributes identifies those attributes with the outcomes one is trying to explain. [...]

In the second sense structure designates a set of constraining conditions. Such a structure acts as a selector, but it cannot be seen, examined, and observed at work as lives and income taxes can be [...]

Structures are causes, but they are not causes in the sense meant by saying that A causes X and B causes Y. [...] In contrast, structures limit and mold agents and agencies and point them in ways that tend toward a common quality of outcomes even though the efforts and aims of agents and agencies vary. Structures do not work their effects directly. Structures do not act as agents and agencies do<sup>1376</sup>.

A técnica de espelhar estratégias vencedoras não é nova, e não se diga que os EUA são o primeiro país a fazerem. O Realismo vai, portanto, copiar as capacidades analíticas do Marxismo-Leninismo e negar sua linha revolucionária. Torna-se uma teoria conservadora, que busca manter o *status quo*. Nesse sentido ele é de imensa valia. O Realismo libertou os EUA da prisão moral que havia sido o Governo Eisenhower e Dulles. As diversas intervenções da CIA, assassinatos, chantagens, sabotagens, subornos e etc., até o Realismo, não podiam se coadunar com o discurso ocidental de bastião das virtudes humanas. Havia aí uma noção cínica que envergonhava os líderes. O assassinato de Lumumba, talvez, tenha sido a expressão máxima do efeito político desse paradoxo. Um país se dizia democrático, que lutava em nome

<sup>1375</sup> Veja-se página 176-177.

<sup>1376</sup> WALTZ, Kenneth. **Theory of international politics**. Berkeley: Addison-Wesley, 1979. p. 31; 73-74.

da democracia com o epíteto de líder do “*free world*”, mas que, de 1946 a 1960, não apoiou nenhum plebiscito como solução de controvérsia internacional, por exemplo.

Isto seria resolvido com o Realismo. Há, para esta teoria, uma clara diferença entre o plano doméstico e o internacional. Eles constituem-se em realidades diferentes, com leis diferentes e devem ser avaliados de forma diferentes. O conflito ético se desfazia, era possível matar Lumumba, prender Luther King, e ainda assim se dizer um defensor da democracia. O sistema internacional era um espaço escuro onde imperava a violência e não a moral. Ali, os EUA deveriam agir da mesma forma que, supostamente, seus competidores, e em nada isto macularia as estrelas e as listras.

Como partilhavam de mesmas epistemologias, compreendiam as formas de análises um do outro, e estavam, teoricamente, atrelados a uma disputa de poder por sobrevivência, EUA e URSS realizaram uma dança de passos marcados, antecipados e que se desenvolviam com certa naturalidade no cenário internacional. Não houve, a partir de Kennedy e Rusk, “desinformação e desentendimento” entre as duas potências. Poderia haver o não reconhecimento de limites, mas aí, a política do poder, conforme profetizada por Waltz, se encarregava de levar as coisas ao “ponto de equilíbrio” do sistema, que era entendido como “estável”.

Se Acheson e Dulles praticaram uma política externa passível de erro, e efetivamente esses erros aconteceram, especialmente com o último, Dean Rusk, que assume com Kennedy, vai de imediato colocar em prática categorias de análise do Realismo e estabelecer um corte diferencial com seus antecessores: os EUA entenderiam o mundo em função das questões materiais e a URSS, por mais rival que fosse, era só mais um país, num ambiente anárquico (Rusk cita textualmente Hobbes, por exemplo) lutando por sobrevivência. Ainda que ideologicamente divergentes, EUA e URSS não deveriam se pautar por esta situação que, a bem da verdade, não era necessária para o entendimento da política internacional. Rusk reorganiza o Departamento de Estado e passa a se preparar para o Futuro.

Toma, do tempo de Truman e Acheson, a noção de existência legítima da URSS (em oposição ao que defendia Dulles), e do período Eisenhower e Dulles o entendimento de “conflito inescapável” que, a bem da verdade, são partes da teoria Realista. Acrescenta o controle doméstico da retórica nas mãos de um presidente carismático, mas aceita o sistema internacional “como ele é”. A luta por poder é encarada como normal, as instituições devem fazer sua parte e os EUA deveriam ser fortes o suficiente porque o conflito seria eterno. Já na primeira sessão do CS/ONU sob o comando de Rusk e Kennedy, a questão do Congo via uma imensa diferença de postura por parte dos EUA:



In his address to Congress the other day the new President of the United States said that he regards the United Nations as an instrument to end the cold war instead of an arena in which to fight it. [...] We are the Security Council. my colleagues. and it should be to us that the peoples of the world look for the security they so desperately long for. They are looking to us. I believe. for leadership-for strong. sober. constructive leadership<sup>1377</sup>.

Não mais ameaças de socos, sarcasmos e ofensas abertas ou veladas. Não mais sapatos sendo jogados ou diplomatas se colocando de costas. O CS/ONU deveria ser sóbrio na busca pela segurança. O conflito EUA e URSS era naturalizado, e isto para o bem e para o mal.

Stevenson, representando Kennedy, introduz a percepção da “*preventive diplomacy*” e muda a ótica pela qual o Futuro funcionava. Não se tratava mais de uma guerra que poderia ser evitada (como Acheson) ou que os EUA tinham o dever moral de ganhar (Dulles), o Futuro apontava para o confronto eterno, pela própria natureza do sistema internacional. Contudo, se fossem jogados os papéis corretamente, esse sistema seria “estável” e se a paz não pudesse ser alcançada em sua totalidade, ao menos o estado de “não guerra” seria buscado. Em vez de antecipar o Futuro em seu sentido cataclísmico (e buscar meios armamentistas para vencer a guerra no tempo), Rusk e Kennedy pretendem um conflito eterno. Exatamente como definia o Realismo. Naquele momento o rival era a URSS, mas sempre haveria com quem rivalizar e, portanto, a política norte-americana não poderia mais se permitir demonizar os soviéticos. Cabia ser “sober”.

O Futuro continua como tempo-chave para a compreensão da Guerra Fria. Não mais o Futuro de uma confrontação de vida ou morte entre os benfeitores e os vilões conforme a visão que, com mais ênfase ou menos, foi usada por Truman e Eisenhower. Não cabia mais a ideia de “vitória”. Se o confronto é inevitável, como dizia a teoria ser, tanto melhor que eu conheça meu adversário. Adversários com mesma percepção teórica das Relações Internacionais, com poder suficiente para se destruírem e com meios efetivos de comunicação entre um e outro poderiam coexistir.

É, portanto, a partir da naturalização do estado conflitivo internacional e da aquiescência tácita do “condomínio de poder” entre EUA e URSS que se tem início a Guerra Fria. O Futuro de Truman e Eisenhower é muito diferente do Futuro de Kennedy. Ambos são “Futuros Certos” (Futuro de Lodge), porque antecipados cientificamente, mas enquanto os dois primeiros pensavam em vitória, Kennedy se contentava com um eterno empate. Em verdade, para Rusk e

---

<sup>1377</sup> UNITED NATIONS SECURITY COUNCIL. **SPV 928, de 1 de fevereiro de 1961**. p. 10. Disponível em: <<http://www.un.org/en/sc/inc/spv.asp>>. Acesso em: 29 nov. 2017.

Kennedy, não havia verdadeira escolha do Futuro. O Realismo o tinha dado. O confronto internacional era a situação normal, inescapável. Cabia não mais antecipar o desfecho, mas conhecer as formas de manter o equilíbrio entre os adversários, que passam a se aceitar como legítimos.

Antecipar continuava sendo o verbo, mas agora era antecipar os conflitos para manter a paz. Ou a parte possível dela. E isto era tudo o que teoricamente se poderia fazer. Pela antecipação do Futuro, Truman e Acheson reformaram o Departamento de Estado, pensando que poderiam negociar uma forma de paz com a URSS. Pela antecipação do Futuro, Eisenhower e Dulles decidiram gastar o mínimo em intervenções pelo globo e expandir o poder dissuasório último: o nuclear. Por antecipar o Futuro, Rusk e Kennedy decidiram que uma vez que o conflito era inevitável (porque estrutural) cabia reconhecer o adversário e com ele partilhar de uma agenda mínima capaz de assegurar fôlego a ambos os combatentes. O Futuro de Kennedy era consideravelmente mais longo e mais sombrio do que os de seus antecessores.

A se entender, portanto, a Guerra Fria somente a partir da naturalização científicizada do conflito por antecipação do Futuro Certo teoricamente desnudado pelo Realismo, algumas importantes mudanças precisam acontecer na narrativa sobre a Guerra Fria.

Em primeiro lugar, se Truman e Eisenhower foram mantenedores de um conflito que em si nada tinha de diferente (eis que a rivalidade moralmente pautada pode ser vista no passado em profusão), Stalin não foi parte da Guerra Fria. É verdade que o líder soviético entendia o Futuro nas mesmas bases que chegarão Rusk e Kennedy, mas a Guerra Fria não pode ser definida apenas pela visão de um dos adversários. É somente quando as visões de mundo a respeito do Futuro são partilhadas que o condomínio passa a vigorar. Kennedy e Krushchev, segundo esta pesquisa, são os que podem ser citados como iniciadores da Guerra Fria. Tudo antes eram rivalidades que podem ser encontradas nos conflitos entre Portugal e Espanha, no século XV, Espanha e Holanda, no final do XVI, e Espanha e Inglaterra no XVII, para ficarmos apenas na Idade Moderna.

Em segundo lugar, o Realismo seria uma resposta política dos EUA que foi criada sob uma retórica científicista (comum à época) aos sucessos da política externa soviética. Por óbvio não há um mecanicismo ingênuo nesta afirmação. O Realismo não é uma “teoria de encomenda”, mas fruto de interesses de homens de letras e homens de dinheiro e poder em construir uma narrativa que lhes parecesse suficientemente palatável do ponto de vista político e robusta pelo científico. A pesquisa demonstrou a busca da sociedade americana por esta narrativa. Primeiro Carr, depois Morgenthau e por último Waltz. Cada qual respondendo a

um conjunto de necessidades em sua época e cada um descartado quando sua posição política não mais agradava aos que tomavam, efetivamente, as decisões. Parece claro, também, que as formas pelas quais esses autores foram apropriados não eram de seus gostos. As críticas de Carr e de Morgenthau às políticas dos Secretários de Estado deixam claro esse desconforto. Mas aí entre a barganha do poder e do dinheiro. A troca de legitimidade científica por financiamento e reconhecimento pessoal é característica das sociedades humanas desde a Idade Moderna, como atestam o prefácio de Maquiavel, n' *O Príncipe* ou uma boa parte da obra de Pierre Bourdieu.

A demonstração de que os homens passaram a se pautar pelo Futuro e não mais pelo passado em sua política presente, se tomada como definidora da Guerra Fria, enseja a ideia do conceito de “História do Futuro”. Quando se percebe que o Futuro antecipado pela ciência não é mais apenas um “horizonte de possibilidades” (Futuro de Gromyko), mas passa a ser a presentificação do tempo que ainda não é (Futuro de Lodge), é possível afirmar que o Futuro está influenciando o Passado. Essa noção é desconfortável e nova. Tempos que ainda não são, pelo paradigma moderno de ciência (e a “flecha do tempo”), não podem influenciar tempos que já foram. Contudo, o paradigma moderno tem como referencial o tempo astrológico, fisicamente medido como o movimento dos planetas ao redor de estrelas. É um tempo impessoal, um tempo que não existe. A “História do Futuro” tem como referencial o tempo humano. O tempo que, segundo Agostinho, Ricoeur e Koselleck, se dá apenas no presente e pela estrita associação com o sujeito. E o avançar e atrasar o tempo não é, de forma alguma, uma ideia nova, como mostrado no primeiro capítulo. A História do Futuro é a chave para a compreensão do século XX, especialmente após a Segunda Guerra. Toda a historiografia que colocava o conceito de “bipolaridade” como tributário de rivalidades (entre EUA e URSS) nascidas, muitas vezes, antes da Revolução de Outubro de 1917 esta epistemologicamente errada. Ao século XX importa menos o Passado do que o Futuro, exatamente por isto que a Alemanha, outrora o grande inimigo, hoje é aliado dos EUA. A Rússia, inobstante ao fato de não ser mais comunista, não o é.

O Futuro de que se fala é aquele que se presentifica através do convencimento do sujeito. E politicamente informa como esse deve se portar. É aí que surge o “Futuro Certo”, não mais como uma mera possibilidade, mas como um científica certeza. O problema, como já foi dito, é que se eu me convenço de que vai fazer frio, isto me causa a noção presente de sair mais protegido. E talvez essa forma de antecipação do Futuro seja tão antiga quanto a própria racionalidade. É preciso, entretanto, diferenciar esse movimento do que ocorre na Guerra Fria. O fato de eu, por me convencer do frio vindouro, buscar vestir-me de forma mais pesada em

hipótese alguma aumenta as chances desse predito frio efetivamente acontecer. O “Futuro Certo”, diferentemente, que indica que é preciso me proteger de uma guerra contra o país A, leva o país B a tomar atitudes que, sim, aumentam a chance de uma guerra irromper. E esse movimento político é essencial para o século XX.

A dualidade da ciência, por uma visão utilitarista, foi modelarmente abordada no caso da energia nuclear. Se os avanços médicos, geográficos, físicos e etc. são evidentes, Hiroshima e Nagasaki permanecem como um contra-argumento poderoso. O mesmo pode ser dito para as ciências sociais e, em especial, para o Realismo. Ao contrário do que esta teoria avoca, ela não foi responsável pela manutenção da paz durante a Guerra Fria. Segundo o argumento aqui explanado, é somente a partir da sua introjeção pelos tomadores de decisão dentro do EUA que se forma um consenso científico-político entre EUA e URSS a respeito do Futuro. Assim, o Realismo cria a Guerra Fria. É preciso que se note que Guerra Fria não é o mesmo que “rivalidade entre EUA e URSS”. Por óbvio, o Realismo não cria essa rivalidade. Todavia, apenas a mera rivalidade entre dois países, ainda que nucleares, não faz surgir esse modelo de conflito único a que o século XX nomeou “Guerra Fria”. É necessário a antecipação dos tempos e essa só se dá por discurso de autoridade de caráter científico, politicamente empoderado.

Resta que a ciência nos conduziu quase ao aniquilamento nuclear, não apenas por ter inventado a bomba atômica, como se martirizou Oppenheimer, mas por ter criado um conjunto de teorias e subteorias que naturalizou o conflito, o eternizou e promoveu a presentificação de um Futuro cataclísmico. Morgenthau e Waltz, se vivos estivessem, talvez acompanhassem Oppenheimer em seu dilema de consciência. A cientifização do mundo, cada vez compreendida como mais precária, como a epistemologia vem mostrando, precisa ser levada com cuidado. Modelos matemáticos, estatísticas, leis nomotéticas-dedutivas, “consensos científicos” precisam ficar aonde eles pertencem: dentro dos limites de crítica da Academia. O empoderamento político da ciência leva ao perigo da naturalização das teorias e ao processo de antecipação do Futuro cujos efeitos, a julgar pela Guerra Fria, não podem ser vistos como positivos.

A explicação contida nesse trabalho tem inúmeras vantagens sobre as noções anteriores. Primeiro, ao definir Guerra Fria como o período de rivalidade entre EUA e URSS, em que existia um consenso político presente que guiava as ações de ambos através do antecipação dos Tempos Futuros por meio da ciência, o fim da Guerra Fria se dá quando um desses sujeitos deixa de partilhar dessa mesma noção. Não há que se falar em “sistemas” ou “estruturas”, mas escolhas políticas, baseadas em noções cognitivas de mundo. Não foi tema desse trabalho, mas

nem Reagan, nem Gorbachev partilhavam das mesmas noções de seus antecessores. E foi pela mão deles que o Futuro deixou de ser levado em conta e o caminho do entendimento dos tempos voltou a olhar preferencialmente para o Presente. Não cabe mais do que um “educated guess” para responder a esta questão no momento, mas Reagan era sabido uma pessoa sem conhecimentos acadêmicos e com pouco respeito por esses (ao contrário de Truman, por exemplo), além de extremamente pragmático. Gorbachev era oriundo da juventude da URSS, formado em momento em que o marxismo estrutural era questionado epistemologicamente dentro da própria URSS. A teoria contida nas páginas anteriores pode abrigar uma hipótese como esta para o fim da Guerra Fria perfeitamente. Sem a surpresa e a apreensão que tomaram conta do Realismo após 1989/1991.

Outro ponto positivo da teoria aqui contida é que ela acomoda os fatos da Guerra Fria sem apelar para os argumentos do “desvio” de sentido, da burla política, do inesperado ou do “uso perverso” da política. Por exemplo, Joseph McCarthy é uma esperada e racional resposta dos conservadores norte-americanos ao sucesso da política externa soviética. Não é uma “aberração” ou um sujeito “vil e perverso”. A teoria aqui acomoda perfeitamente sua cruzada moral e a liga com o discurso de Dulles também sem juízo de valor. Da mesma forma, o “bloqueio de Berlim” e a questão das esferas de influência de Stalin são explicadas pela mesma ideia de antecipação de Futuro sem a necessidade de se recorrer à “paranoia” (Gaddis) ou ao “mal personificado” (Arendt e Schlesinger Jr.).

Da mesma forma, a luta por direitos civis nos EUA e o efeito Sputnik tem seus resultados na sociedade americana explicados pela noção contida nesse trabalho sem o recurso à “surpresa”, como se tivessem, tais eventos, surgido inesperadamente. As alterações na política externa dos EUA, de Acheson a Dulles e, depois, a Rusk são explicadas de forma mais fluida com o argumento da antecipação do Futuro. Os descartes dos discursos científicos e de seus propaladores (como Oppenheimer, Carr, Morgenthau, Arendt e etc.) não são fruto de rusgas pessoais ou animosidades pontuais, mas se acomodam dentro do processo de utilização da narrativa científica como forma de inversão da percepção dos Tempos. Os cientistas só tem relevância política se estiverem assentados nos consensos políticos em primeiro lugar. O espaço da ciência do século XX sai da condição de explicadora do mundo para legitimadora desse.

Por fim, o argumento aqui exposto define a Guerra Fria como um conflito que surge no início dos anos 60 e vai até 1988-1991, com a retirada unilateral das tropas soviéticas da Europa e fim do conflito inescapável por antecipação do Futuro cientificamente informado. A Guerra Fria não o único evento original do século XX. A invenção da bomba atômica e a criação das

Relações Internacionais são outros. E nas páginas anteriores há uma extensa argumentação que une definitivamente essas três noções.

## REFERÊNCIAS

- ACHARYA, Amitav; BUZAN, Barry. **Non-Western International Relations Theory**. New York: Routledge, 2009.
- ACHESON, Dean. Memorandum for the president on Greek Economic Mission August 7. [s.l.: s.n.], 1946.
- \_\_\_\_\_. **Present at the creation: My years at state department**. New York: W.W Norton, 1969.
- \_\_\_\_\_. Tensions between US and USSR. **Department State Bulletin**, Washington, p. 473-478, mar. 1950.
- \_\_\_\_\_. Testimony on troops for Europe. **Current History** 20, p. 298-302, may. 1951.
- \_\_\_\_\_. The first line of action. **The Department of State bulletin**, Washington, abr. 1950.
- \_\_\_\_\_. The illusion of disengagement. **Foreign Affairs**, abr. 1958.
- \_\_\_\_\_. Total diplomacy. **Department of State Bulletin**, Washington, p. 427-430, mar. 1950.
- ALLISON, Graham. Conceptual models and the Cuban Missile Crisis. **The American Political Review** 63, n. 3, p. 689-718, set. 1969.
- ALPEROVITZ, Gar. Why the United States dropped the bomb. **Technology Review**, v. 93, aug./sept. 1990.
- ALTINI, Carlo. 'Potentia' as 'Potestas': an interpretation of modern politics between Thomas Hobbes and Carl Schmitt. **Philosophy and Social Criticism**, v. 36, n. 2, p. 231-252. 2010.
- AMBROSE, Stephen; BRINCKLEY, Douglas. **Rise to globalism: American Foreign Policy since 1938**. New York: Pinguim Books, 2011.
- ANDERSON, Perry. A política externa norte-americana e seus teóricos. São Paulo: Boitempo, 2015.
- ANDREWS, James T. Founding fathers/iconic soviets: public identity, soviet mythology and the fashioning of science heroes. In: ALEXOPOULOS, Golfo; HESSLER, Julie; TOMOFF, Kiril. **Writing the Stalin Era: Sheila Fitzpatrick and Soviet Historiography**. New York: Palgrave Macmillan, 2011. p. 177-195.
- ARENDET, Hannah. **Origens do totalitarismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- ARMITAGE, David; GULDI, Jo. Le retour de la longue durée: une perspective anglo-américaine. **Annales: Histoire, Sciences sociales**, Paris, v. 2, n. 70, p. 289-318, abr./jun. 2015.
- ARTNFHYSICS. **Psicologia quântica: ESP extraterrestre**. 2015. Disponível em: <<http://ireport.cnn.com/docs/DOC-1245658>>. Acesso em: 01 fev. 2016
- BAGBY, Laurie. The use and abuse of thucydides in international relations. **International Organization**, v. 48, n. 1, p. 131-153. 1994.

BARRASS, Gordon. **The great cold war**: a journey through the hall of mirrors. Stanford: Stanford University Press, 2009.

BARTH, Lukas *et al.* Semantic word cloud representations: hardness and approximation algorithms. **Latin American Theoretical Informatics**, p. 514-525. 2013.

\_\_\_\_\_; KOBOUROV, Stephen; PUPYREV, Sergey. An experimental study of algorithms for semantics-preserving word cloud layout. **Symposium on Experimental algorithms**, p. 247-258. 2014.

BARTHES, Roland. *Introdução à análise estrutural da narrativa*. Petrópolis: Vozes, 2013.

BARTLETT, Bruce. **The cost or war**. 2009. Disponível em: <<https://www.forbes.com/2009/11/25/shared-sacrifice-war-taxes-opinions-columnists-bruce-bartlett.html#438cb76233df>>. Acesso em: 2 dez. 2017

BATES, Robert *et al.* The analytical narrative project. **The American Political Science Review**, v. 94, n. 3, p. 696-702, set. 2000.

BEDELL-SMITH, Walter. **My three years in Moscow**. Philadelphia: J. B. Lippincott Company, 1950.

BEITZELL, Robert (ed.). **Theran, Yalta, Potsdam**: soviet protocols. Mississippi: Hattiesburg, 1970.

BELL, Daniel. **The end of ideology**: on the exhaustion of political ideas in the fifties. New York: Harvard University Press, 1960.

BELMONTE, Laura. **Selling the American way**: US propaganda and the cold war. Philadelphia: Pennsylvania Press, 2008.

BENNETT, A. Leroy. the rejuvenation of the security council - Evidence and reality. **Midwest Journal of Political Science**, p. 361-375. 1965.

BERNHARD, Nancy. **US television news and cold war propaganda, 1947-1960**. New York: Cambridge University Press, 2003.

BERNSTEIN, Barton. The American Bombings Reconsidered. **Foreign Affairs**, v. 74, n. 1, jan./feb. 1995.

\_\_\_\_\_. The Atomic Bombings Reconsider. **Foreign Affairs**, v. 74, n. 1, jan./fev. 1995.

BLOCH, Marc. *Apologia da história ou o ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BLOCK, Herbert. **Herblock's special for today**. New York. Simon and Schuster, 1958.

BOCHENSKI, M.; BLAKELEY, T. **Studies in soviet thought**. Dordrecht: [s.n.], 1961.

BOHLEN, Charles. **Witness to history**: 1929-1969. New York: WW Norton & Company, 1973.

BOSE, Meena. **Shaping and signaling presidential policy**: The national security decision making of Eisenhower and Kennedy. Houston: Texas Universtiy Press, 1998.

BRANDENBERGER, David. Stalin as symbol: a case study of the personlaity cult and its construction. In: DAVIES, Sarah; HARRIS, James. **Stalin a new history**. New York: Cambridge University Press, 2005. p. 249-270.



BREISNER, Robert. **Dean Acheson: a life in the cold war**. New York: Oxford University Press, 2006.

BRINKLEY, Alan. The illusion of unity in cold war culture. In: KUZNICK; Peter; GILBERT, James. **Rethinking cold war culture**. Washington: Smithsonian Institution Press, 2001.

BROWN, Charles. **Niebuhr and his age: Reinhold Niebuhr's prophetic role and legacy**. Harrisburg: Trinity Press International, 2002.

BURKE, Edmund. *Reflections on the Revolution in France*. [s.l.: s.n.], 1790.

BUTLER, Susan. **Roosevelt and Stalin: portrait of a partnership**. New York: Alfred Knopf, 2015.

CARR, Edward. **The soviet impact on the wessern world**. New York: The Macmillan Company, 1947.

\_\_\_\_\_. **Twenty years' crisis**. New York: Palgrave, 2001.

\_\_\_\_\_. **What is history?** New York: Pinguim, 1990.

CASEY, Steven. **Selling the korean war: propaganda, politics and public opinion: 1950-1953**. New York: Oxford University Press, 2008.

\_\_\_\_\_; WRIGHT, Jonathan. **Mental maps in the early cold war era (1945-1968)**. New York: Palgrave-Macmillan, 2011.

CERTEAU, Michel de. **La escritura de la hist3ria**. Cidade do M3xico: Universidade Ibero Americana, 2006.

CHARTIER, Roger. **El mundo como representaci3n: estudios sobre historia cultural**. Barcelona: Gedisa, 1992.

CHOMSKY, Noam. **Deterring democracy**. New York: Hill and Wang, 1992.

CHRISTENSEN, Thomas; SNYDER, Jack. Progressive research on degenerate alliances. In: VASQUEZ, John; ELMAN, Colin. **Realism and the balancing of power: a new debate**. New Jersey: Prentice Hall, 2003. p. 66-73.

CHURCHILL, Winston. **Iron curtain**. [s.l.]: Fulton, 1946.

\_\_\_\_\_. **The second world war**. v. I. Londres: [s.n.], 1948.

COHEN, Ariel. **Russian imperialism: development and crisis**. Londres: Praeger, 1996.

COX, Michael. Introduction to twenty years of crisis. In: CARR, Edward. **The twenty years's crisis**. New York: Palgrave, 2001. p. iv-lviii.

COX, Robert. Social forces, states and world orders: beyond international relations theory. **Millennium - Journal of International Studies**, v. 10, n. 2, p. 126-155. 1981.

CRONIN, Bruce; HURD, Ian. *The UN security council and the politics of international authority*. New York: Routledge, 2008.

CUMINGS, Bruce. **The end of the cold war: its meaning and implications**. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.

- CUORDILEONE, Kyle. Politics in an age of anxiety: cold war political culture and the crisis in american masculinity 1949-1960. **Journal of American History**, v. 87, n. 2, p. 515-545, sep. 2000.
- DALLEK, Robert. **The lost peace: leadership in a time of horror and hope, 1945-1953**. Washington: Harper-Collins, 2010.
- DAVIDSON, Lawrence. **Foreign Policy Inc.: Privatizing America's National Interest**. Louisville: University Press of Kentucky, 2009.
- DAVIES, Paul; BROWN, Julian. **The Ghost in the Atom**. Nova York: Cambridge University Press, 1999.
- DAVIES, Sarah; HARRIS, James. **Stalin: A new History**. New York: Cambridge University Press, 2005.
- DEUTSCHER, Isaac. **The prophet armed: Trotsky 1879-1921**. New York: Oxford University Press, 1987.
- DEWEY Defeats Truman. **Chicago Daily Tribune**, Chicago, 3 nov. 1948. p. 1.
- DOBBS, Michael. **Six Months in 1945: FDR, Stalin, Churchill and Truman from world war to cold war**. New York: Kindle, 2012.
- DONNELLY, Jack. **Realism and international relations**. New York: Cambridge University Press, 2000.
- DOSSE, François. **Paul Ricoeur e Michel de Certeau: La história entre el decir e el hacer**. Buenos Aires: Nueva Visión, 2009.
- DOUGHERTY, James; PFALTZGRAFF, Robert. **Contending theories of international relations: a comprehensive survey**. 5. ed. New York: Addison Wesley Longman, 2001.
- DOUGLASS, Robin. Hobbes and political realism. **European Journal of Political theory**. 2016.
- DULLES, John Foster. Correspondence Between Dean Acheson and John Foster Dulles. sept. 1950.
- \_\_\_\_\_. Disarmament and peace. **The State Department Bulletin**, v. 37, n. 940, p. 267-272. 1957.
- \_\_\_\_\_. The challenge of our time: Peace with justice. **American Bar Association Journal**, v. 39, n. 12, p. 1063-1066, 1953.
- \_\_\_\_\_. The evolution of foreign policy. **The State Department Bulletin**, Washington, p. 107-110, jan. 1954.
- \_\_\_\_\_. Thoughts on soviet foreign policy. **Life**, jun. 1946.
- DUNNE, Tim, COX, Michael; BOOTH, Ken. **The eighty years' crisis: International Relations 1919-1999**. Edimburgo: Cambridge University Press, 2002.
- DUTT, Clemens. **Fundamentals of Marxism-Leninism: manual**. Moscow: Foreign Languages, 1963.

EICHENGREEN, Barry. **The european economy since 1945**: coordinated capitalism and beyond. New Jersey: Princeton University, 2007.

EISENBERG, Carolyn. **Drawing the line**: the american decision to divide germany 1944-1945. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

EISENHOWER, Dwight. **143 The president's news conference**. Washington, may. 1960.

\_\_\_\_\_. **73 new's conference**. Washington, apr. 1954.

\_\_\_\_\_. **Discurso State of the Union**. Washington: [s.n.], 1955.

\_\_\_\_\_. **Discurso State of the Union**. Washington: [s.n.], 1958.

\_\_\_\_\_. **Discurso State of the Union**. Washington: [s.n.], 1960.

\_\_\_\_\_. **Discurso State of the Union**. Washington: [s.n.], 1961.

\_\_\_\_\_. Eisenhower **Doctrine speech**. Washington, jan. 1957.

\_\_\_\_\_. Summary of important facts in Earth satellite program. **The State Department Bulletin**, Washington, p. 673-674. 1957.

\_\_\_\_\_. **The papers of Dwight David Eisenhower**. v. 18. Baltimore: The John Hopkins Press, 2001.

\_\_\_\_\_. **The papers of Dwight David Eisenhower**. v. 19. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 2001.

\_\_\_\_\_. **The papers of Dwight David Eisenhower**. v. 20. Baltimore: The Johns Hopkin Press, 2001.

\_\_\_\_\_. Annual message to the congress on the state of the union. Washington: [s.n.], 1953.

ELMAN, Colin; ELMAN, Myriam. Lakatos and neorealism: a reply to Vasquez. In: VASQUEZ, John; ELMAN, Colin. **Realism and the balancing of power**: a new debate. New Jersey: Prentice Hall, 2003. p. 80-86.

ELSTER, Jon. Rational choice history: a case of excessive ambition. **The American Political Science Review**, v. 94, n. 3, p. 685-695, set. 2000.

ENGERMAN, David. **Know your enemy**: the rise and fall of America's soviet experts. New York: Oxford, 2009.

FERRELL, Robert. **Presidential leadership**: from Woodrow Wilson to Harry Truman. Columbia: Universtity of Missouri Press, 2006.

FIEDLER, Leslie. McCarthy. **Encounter**, aug. 1954.

FITZPATRICK, Sheila. **Everyday stalinism**: ordinary life in extraordinary times. Soviet russia in the 1930s. New York: Oxford University Press, 2000.

FOSDICK, Dorothy. **Common sens and World Affairs**. New York: Harcourt, 1955.

FOSTER-DULLES, John. War or peace. New Tork: Macmillan, 1950.

FOX, Jack V. **Khrushchev visits Iowa cornfields. 1959.** Disponível em: <<https://www.upi.com/Archives/1959/09/23/Khrushchev-visits-Iowa-cornfields/1112442791026/>>. Acesso em: 20 mar. 2018

FOX, William. International relations theory and areas of choice in foreign policy. **Conference on International Politics**, p. 273-276, may. 1954.

FURNISS-JR, Edgar. The contribution of Nicholas John Spykman to the study of international politics. **World Politics**, v. 4 n. 3, p. 382-401, abr. 1952.

GADAMER, Hans-Georg. **Thuth and method.** New York: Continuum, 2004.

GADDIS, John Lewis. **George F. Kennan: an American Life.** New York: The Pinguim Press, 2011.

\_\_\_\_\_. **The united states and the origins of the cold war, 1941-1947.** New York: Columbia University Press, 1972.

\_\_\_\_\_. **We now know: rethinking cold war history.** New York: Oxford, 1997.

GAIDUK, Ilya. **Divided together: The united states and the soviet union in the united nations, 1945-1965.** Washington: Woodrow Wilson Center Press, 2012.

GARDNER, Lloyd. **Spheres of influence.** Chicago: Ivan R. Dee, 1993.

GARDNER, Richard. **In pursuit of world order: US foreing policy and international organizations.** Washington: Frederick Praeger, 1964.

GARDNER, Stephen. **Soviet foreign trade: the decision process.** Boston: Baylor University, 1982.

GARRATY, John; MCCAUGHEY, Robert. **The American Nation: a history of the united states.** 6. ed. New York: Harper and Row, 1987.

GATES, Thomas. Memorandum from the secretary of the Navy (Gates) to the Secretary of Defense (McElroy). **Earth Satellite Program,** Washington: Eisenhower Library, 1957.

GELB, Leslie. **Power rules: how common sense can rescue american foreign policy.** New York: Harper-Collins, 2009.

GELLER, Daniel. Nuclear weapons, deterrence, and crisis escalation. **Journal of Conflict REsolution**, v. 34, n. 2, p. 291-310, jun. 1990.

GELLMAN, Irwin. **The president and the apprentice: eisenhower and nixon, 1952-1961.** Londres: Yale University Press, 2015.

GEYER, Michael; FITZPATRICK, Sheila. **Beyond totalitarianism: Stalinism and nazism compared.** New York: Cambridge University Press, 2009.

GILBERT, Martin. **Churchill: a life.** Londres: Pimlico, 2000.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, indicios: morfología e historia.** Barcelona: Gedisa, 1986.

GOFF, Jacques Le. **História e memória.** Campinas: UNICAMP, 1990.

GÖKAY, Bülent. **Soviet eastern policy and turkey, 1920-1991**. New York: Routledge, 2006.

GOWA, Joanne. Bipolarity, multipolarity and free trade. **The American Political Science Review**, v. 83, n. 4, p. 1245-1256, dez. 1989.

GRAMSCI, Antonio. **Selections from the prison notebooks**. Tradução Quitin Hoare e Geoffrey Smith. New York: International Publishers, 1992.

GRAY, Colin. Nicholas John Spykman, the balance of power and international order. **The Journal of Strategic Studies**, v. 38, n. 6, p. 873-897. 2015.

GREGORY, Paul; NAIMARK, Norman. **The lost politburo transcripts: from collective rule to stalin's dictatorship**. London: Yale University Press, 2008.

GUILHOT, Nicolas. **The invention of international relations theory**. New York: Columbia University Press, 2011.

HALLIDAY, Fred. A guerra fria e seu fim: conseqüências para a teoria das relações internacionais. **Contexto Internacional**, v. 16, p. 53-73, jan./jun. 2007.

\_\_\_\_\_. **Repensando as relações internacionais**. 2. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

HARRY S. Truman Presidential Library & Museum. Memorandum of conversation with Senator John Foster Dulles, July 26, 1949. Acheson Papers – Secretary of State File. EUA: HARRY S. Truman Presidential Library & Museum, 1949.

\_\_\_\_\_. **The President's special conference with editors of business and trade papers**. EUA: HARRY S. Truman Presidential Library & Museum, 1948.

HARTMAN, Andrew. **A history of the culture wars: a war for the soul of America**. Chicago: University of Chicago Press, 2015.

\_\_\_\_\_. **Education and the cold war: the battle for the American school**. New York: Palgrave Macmillan, 2008.

HASLAM, Jonathan. **Russia's cold war: from the October Revolution to the fall of the wall**. Kindle. Londres: Yale University Press, 2011.

\_\_\_\_\_. The making of foreign policy under Stalin. In: HARA, Teruyuki; MATSUZATO, Kimitaka. **Empire and society: new approaches to Russian history**. Hokkaido: Sapporo, 1997. p. 167-180.

HAWKING, Stephen. **História del tiempo: del big bang a los agujeros negros**. Madrid: Alianza, 2011.

HAYEK, Friedrich. **The road to serfdom: text and documents**. Londres: Routledge, 2007.

HOBBSBAWM, Eric. The revival of narrative: some comments. **Past and Present Society**, v. 86, p. 3-8, fev. 1980.

\_\_\_\_\_. **Un tiempo de rupturas: sociedade y cultura en el siglo XX**. México: Planeta, 2013.

HOLSTI, Ole. **Making American foreign policy**. New York: Routledge, 2006.

HORTA, Luiz Fernando Castelo Branco Rebello. **Guerra fria e bipolaridade no conselho de segurança das Nações Unidas: entre conflitos e consensos**. 2013. 124 f. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) – Universidade Federal de Brasília, Instituto de Relações Internacionais, Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais, Brasília, 2013.

\_\_\_\_\_. Memórias de guerra: a narrativa da destruição como construtora da identidade europeia. **Carta Internacional**, v. 10, n. 1, p. 160-176, jan. 2015.

\_\_\_\_\_. O mecanicismo explicativo e a elipse da vontade: o conceito de bipolaridade. **Revista Acadêmica de Relações Internacionais**, v. 1, n. 3, p. 59-70. 2013.

HUNTER, Allen. **Rethinking the cold war**. Philadelphia: Temple, 1998.

HUNTINGTON, Samuel. *The clash of civilizations and the remaking of world order*. New York: Touchstone, 1996.

ILCHMAN, Warren. **Professiona diplomacy in the United States 1779-1939: a study in administrative history**. Chicago: The University of Chicago Press, 1961.

IMMERMAN, Richard. **Empire for liberty: a History of American Imperialism from Benjamin Franklin to Paul Wolfowitz**. New Jersey: Princeton University Press, 2010.

ISAAC, Joel. The human sciences in cold war america. **The Historical Journal** (Cambridge University Press), v. 50, p. 725-746, sep. 2007.

ISAACSON, Walter; THOMAS, Evans. **The wise men: six friends and the world they made**. New York: Kindle, 2013.

JACKSON, Patrick Thaddeus. **The conduct of inquiry in international relations: philosophy of science and its implications for the study of world politics**. New York: Routledge, 2011.

JACKSON, Robert; SORENSEN, Georg. **Introdução às Relações Internacionais**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

JACOBS, Edna. **Zeal for american democracy: civic education end the cold war: 1947-1954**. 1999. Tese (Doutorado) - Southern Illinois University. Carbondale, 1999.

JACOBS, Lawrence; PAGE, Benjamin. Who influences US foreign Policy? **The American Political Science review**, v. 99, n. 1, p. 107-123, feb. 2005.

JACOBS, Matthew. **Imagining the middle east: the building of an american foreign policy, 1918-1967**. Chapel Hill: North Carolina Press, 2011.

JERVIS, Robert. Hans Morgenthau, realism, and the scientific study of international politics. **Social Research**, v. 61, n. 4, p. 853-876. 1994.

JUDT, Tony. **Postwar: a history of Europe since 1945**. New York: Penguin Press, 2005.

KATSENELINBOIGEN, Aron. **Soviet economic thought and political power in the USSR**. New York: Pegamon Press, 1980.

KENNAN, George, GATI, Charles; ULLMANN, Richard. Interview with George F Kennan. **Foreign Policy**, v. 7, p. 5-21, summer. 1972.

KENNAN, George. **Reith lectures 1957: Russia, the atom and the west.** [s.l]: [s.n.], 1957.

KENNEDY, John. **Discurso State of the Union.** Washington: [s.n.], 1961.

\_\_\_\_\_. **Discurso State of the Union.** Washington: [s.n.], 1963.

\_\_\_\_\_. **State of the Union.** 1963.

KEOHANE, Robert; MARTIN, Lisa. The promise of institutionalist theory. **International Security**, v. 20, n. 1, p. 39-51, summer. 1995.

KHLEVNIUK, Oleg. Stalin as dictator: the personalisation of Power. In: DAVIES, Sarah; HARRIS, James. **Stalin a new history.** New York: Cambridge University Press, 2005. p. 109-120.

KHRUSHCHEV, Nikita. **Speech to 20th CPSU.** Moscou: [s.n.], 1956.

KINZER, Stephan. **The brothers: John Foster Dulles, Allen Dulles, and their secret world war.** New York: Henry Holt and Company, 2013.

KISSINGER, Henry. **Diplomacy.** New York: Simon & Schuster, 1994.

KLAUSNER, Samuel; LIDZ, Victor. The bid to nationalize american science. In: \_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_. **The nationalization of the social sciences.** Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1986. p. 3-39.

KLUSMEYER, Douglas. Vietnam writings and the national security state. In: NAVARI, Cornelia. **Hans morganthau and the american experience.** Londres: Palgrave Macmillan, 2018. p. 115-141.

KORBEL, Josef. **The Communist subversion of Czechoslovakia 1938-1948: the failure of coexistence.** New Jersey: Princeton University Press, 1959.

KORSCH, Karl. **Marxism and philosophy.** New York: Verso, 2012.

KOSELLECK, Reinhart. **Estratos do tempo: estudos sobre história.** Rio de Janeiro: ContraPonto: Puc-Rio, 2014.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos.** Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.

\_\_\_\_\_. **historia/Historia.** Madrid: Minima Trotta, 2004.

KOTKIN, Stephen. **Magnetic mountain: stalinism as a civilization.** Berkeley: University of California Press, 1995.

KRAMER, Hilton. **The twilight of the intellectuals: culture and politics in the era of the cold war.** Chicago: Ivan R Dee, 1999.

KREMENTSOV, Nikolai. **Stalinist science.** New Jersey: Princeton University Press, 1997.

KRISCH, Nico. Great Powers and the Council. In: LOWE, Vaughan *et al.* **The united nations security council and war: the evolution thought and practice since 1945.** New York: Oxford University Press, 2008. p. 133-153.

KUBALKOVÁ, V.; CRUICKSHANK, A. **Marxism-Leninism and theory of international relations.** Londres: Routledge & Kegan Paul, 1980.

KUBALKOVÁ, V.; CRUICKSHANK, A. Marxist perspectives ant the study of international relations: a rejoinder. **Review of international Studies**, v. 7, n. 1, p. 51-57, jan. 1981.

\_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_. A double omission. **British Journal of International Studies**, v. 3, n. 3, p. 286-307, oct. 1977.

KUZNICK, Peter. **Undoing new deal**: the 1944 coup against VP Henry Wallace. 2017. Disponível em: <<http://therealnews.com/stories/pkuznick1128dems1>>. Acesso em: 17 dez. 2017

LAFEBER, Walter. **The American age**: united states foreign policy at home and abroad since 1750. New York: WW Norton, 1989.

\_\_\_\_\_. **The origins of the cold war, 1941–1947**. New York: John Wiley, 1971.

LAKATOS, Imre. La metodologia de los programas de investigación científica. Madrid: Alianza, 1989.

LAKE, David. Theory is dead, long live theory: the end of the great debates and the rise of eclecticism in international relations. **European Journal of International Relations**, v. 19, n. 3, p. 567-587, set. 2013.

LATNER, Teishan. **Cuban revolution in america**: Havana and the making of a united states left, 1968-1992. Chapel Hill: North Carolina University Press, 2018.

LAUNIUS, Roger. Sputnik and the origins of the space age. [s.l.]: NASA, 2018.

LEBOW, Richard Ned. The purpose of american politics. In: **HANS morgenthau and the american experience**. Londres: Palgrave Macmillan, 2018. p. 95-114.

\_\_\_\_\_; RISSE-KAPPEN, Thomas. **International relations theory and the end of the cold war**. New York: Columbia University Press, 1996.

LEDOVSKII, Andrei. Stalin, Mao Tesdunh I Koreiskaia Voina 1950-1953. **Novaia I Noveishaia Istorii**, v. 79, p. 79-113. 2005.

LEE, Chae Jin. **A troubled peace**: US policy and the two koreas. Baltimore: John Hopkins University Press, 2006.

LEFFLER, Melvyn. **For the soul of mankind**. New York: Hill and Wang, 2007.

\_\_\_\_\_. **Safeguarding democratic capitalism**: US foreign policy and national security, 1920-2015. New Jersey: Princeton University Press, 2017.

LENIN, Vladimir. **Imperialism, the highest stage of Capitalism**. Petrogrado: [s.n.], 1917.

\_\_\_\_\_. **Collected works** - April-December 1920. v. 31. Moscow: Progress Publishers, 1974.

\_\_\_\_\_. **Collected works** - April-June 1917. Moscow: Progress Publishers, 1974.

\_\_\_\_\_. **Collected works** - August 1914-December 1915. v. 21. Moscou: Progressive Publishers, 1974.

\_\_\_\_\_. **Collected works** - August 1921-March 1923. Moscow: Progress Publishers, 1973.

\_\_\_\_\_. **Collected works** - December 1915-July 1916. v. 22. Moscou: Progress Publishers, 1974.



LENIN, Vladimir. **Collected works** - March-August 1919. v. 29. Moscow: Progressing Publishers, 1974.

\_\_\_\_\_. Notes of a Publicist - 1922. **Pravda**, apr. 1924.

\_\_\_\_\_. On co-operation. **Pravda**, may. 1923.

\_\_\_\_\_. **State and revolution**. Moscow: Progressing Publishers, 1918.

LESLIE, Stuart. **The cold war and american science: the military-industrial-academic complex at MIT and Stanford**. New York: Columbia University Press, 1993.

LEVERING, Ralph *et al.* **Debating the origins of the cold war**. Oxford: Rowman & Littlefield, 2001.

LEVINE, Daniel. Why Hans Morgenthau was not a critical theorist (and why contemporary IR Realists should care. **International Relations**, v. 27, n. 1, p. 95-118. 2012.

LIEBER, Keir. **War and the engineers: the primacy of politics over technology**. New York: Cornell University Press, 2005.

LIH, Lars; NAUMOV, Oleg; KHLEVNIUK, Oleg. **Stalin's Letters to Molotov (1925-1936)**. Londres: Yale University Press, 1995.

LINKLATER, Andrew. **Beyond realism and marxism: critical theory and international relations**. Londres: Macmillan, 1990.

LOWE, Keith. **Continente salvaje: Europa después de la segunda guerra mundial**. Madrid: Galaxia Gutemberg, 2012.

LOWE, Vaughan *et al.* **The united nations security council and war: the evolution of thought and practice since 1945**. New York: Oxford, 2008.

LOWEN, Rebecca. **Criating the cold war university**. Los Angeles: University of California Press, 1997.

MALENKOV, Georgy. 1953 speech as a chairman of the council of ministers of USSR. London: Soviet News, 1953.

MANNHEIM, Karl. **Ideology and utopia: an introduction to the sociology of knowledge**. Londres: Routledge, 1954.

MARX, Karl. A contribution to the critique of political economy. Moscow: Progress Publishers, 1859.

\_\_\_\_\_. Abstract from marx to kugelmann in hanover (July, 11). London: [s.n.], 1868.

\_\_\_\_\_. **Capital: a critique of political economy - volume I**. Tradução Samuel Moore e Edward Aveling. Moscou: Progress Publishers, 1996.

\_\_\_\_\_. **Capital: a critique of political economy - volume III**. Moscou: International Publishers, 1996.

\_\_\_\_\_. **Critique of hegel's philosophy of right**. London: Oxford University Press, 1970.

\_\_\_\_\_. **Critique of the gotha programme (1875)**. Moscou: Progress Publishers, 1970.

- MARX, Karl. **The class struggle in france, 1848-1850**. Moscou: Progress Publishers, 1969.
- \_\_\_\_\_. **The poverty of philosophy**: answer to the philosophy of poverty by m. proudhon. Moscou: Progress Publishers, 1955.
- \_\_\_\_\_. **Theses on feuerbach**. [s.l.]: [s.n.], 1845.
- \_\_\_\_\_; ENGELS, Friedrich. **Manifesto of the communist party**. Moscou: Progress Publishers, 1969.
- \_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_. **The Marx-Engels reader**. New York: Norton & Company, 1972.
- MASTNY, Vojtech. **The cold war and soviet insecurity**: the stalin years. New York: Oxford University Press, 1998.
- MAY, Elaine. Cold war - warm hearh: politics and the family in post-war america. In: FRASER, Steve; GERSTLE, Gary. **The rise and fall of the new deal order**. New Jersey: Princeton University Press, 1989.
- MAYER, Michael. **The eisenhower years (Presidential Profiles)**. New York: Facts on File, 2009.
- MCCARTHY, Joseph. **Speech delivered before senate on june 14, 1951**. Washington: [s.n.], 1951.
- MCCAUGHEY, Robert. **International studies and academic enterprise**. New York: Columbia University Press, 1984.
- MCCULLOUGH, David. **Affection and trust**: persona correspondenc of Harry S. Truman and Dean Acheson (1953-1971). New York: Alfred A Knopf, 2010.
- MCKINZIE, Richard; WILSON, Theodore; BATTLE, Lucius. **Oral history interview with Lucius Battle**. [s.l.]: [s.n.], 1971.
- MEAD, Margaret. **Soviet attitudes toward authority**. New York: The RAND Corporation, 1951.
- MEARSHEIMER, John. A realist replay. **International Security**, v. 20, n. 1, p. 82-93, summer. 1995.
- \_\_\_\_\_. **The tragedy of great power politics**. New York: Norton, 2001.
- MEE JÚNIOR, Charles. **Paz em Berlim**: a conferência de Potsdam em 1945 e seu mister de encerrar a segunda guerra mundial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.
- MERTON, Robert. **Social theory and social structure**. New York: Free Press, 1968.
- MESQUITA, Bruce Bueno de. Neo realism's logic and evidence: when is a theory falsified? In: VASQUEZ, John; ELMAN, Colin. **Realism and the balancing of power**: a new debate. New Jersey: Prentice Hall, 2003. p. 166-199.
- MILLETT, Allan; MASLOWSKI, Peter; FEIS, William. **For the common defense**: a military history of the united states from 1607 to 2012. New York: Free Press, 2014.
- MILLS, Charles Wright. **The power elite**. Oxford: Oxford University Press, 2000.

MILWARD, Alan S. **The reconstruction of wessern Europe 1945-1951**. New York: Routledge, 1987.

MORGENTHAU, Hans. **A política entre as nações**. Brasília: UNB, 2003.

\_\_\_\_\_. Corrigendum: Review of Books. **International Affairs**, v. 35, n. 4, p. 502. 1959.

\_\_\_\_\_. **Dilemmas of politics**. Chicago: University of Chicago Press, 1958.

\_\_\_\_\_. Enduring realities and foreign policy. **American Foreign Policy Interests**, v. 37, p. 181-186. (2015 [1976]).

\_\_\_\_\_. **In defense of the national interest: a critical examination**. New York: Alfred Knopf, 1951.

\_\_\_\_\_. Modern science and political power. **Columbia Law Review**, v. 64, n. 8, p. 1386-1409. 1964.

\_\_\_\_\_. **Politics among nations: the struggle for power and peace**. 6th ed. Beijing: McGraw Hill, 1997.

\_\_\_\_\_. Reflections on the state of political science. **The Review of Politics**, v. 17, n. 4, p. 431-460. 1955.

\_\_\_\_\_. **Scientific man vs power politics**. Londres: Latimer House Limited, 1947.

\_\_\_\_\_. **The decline of democratic politics**. Chicago: The university of Chicago Press, 1958.

\_\_\_\_\_. The dilemmas of freedom. **American Political Science Review**, v. 51, n. 3, p. 714-723. 1957.

\_\_\_\_\_. The evil of politics and the ethics of evil. **Ethics**, v. 56, n. 1, p. 1-18, oct. 1945.

\_\_\_\_\_. The mainsprings of american foreign policy: the national interest vs. moral abstractions. **The American Political Science Review**, v. 44, n. 4, p. 833-854. 1950.

\_\_\_\_\_. The political science of E. H. Carr. **World Politics**, v. 1, n. 1, p. 127-134. 1948.

\_\_\_\_\_. The Primacy of the national interest. **The American Scholar**, v. 18, n. 2, p. 207-212. 1949.

\_\_\_\_\_. The twilight of international morality. **Ethics**, v. 58, n. 2, p. 79-99, jan. 1948.

MORTON, Andrew. **17 carnations: the royals, the nazis and biggest cover-up in history**. New York: Hachette Book, 2015.

MUSSER, George. The quantum mechanics of fate: how time travel might explain some of science's biggest puzzles. **Nautilus**. 2014.

NAVARI, Cornelia. Hans morgenthau and the national interest. **Ethics & International affairs**, v. 30, n. 1, p. 47-54. 2016.

NEWPORT, Frank; MOORE, David W.; SAAD, Lydia. **Long-term gallup poll trends: a portrait of american public opinion through the century**. 1999. Disponível em: <<https://news.gallup.com/poll/3400/longterm-gallup-poll-trends-portrait-american-public-opinion.aspx>>. Acesso em: 10 nov. 2017.

NIEBUHR, Reinhold. **Moral man and immoral society**: a study in ethics and politics. [s.l.]: Charles Scribner's Sons, 1932.

\_\_\_\_\_. The moral issue in international relations. **Rockefeller Foundation, Conference on Theory**. 1954.

NITZE, Paul. The implications for theory for practice in the conduct of foreign affairs. **Conference on International Politics**, Washington, p. 277-280, may. 1954.

\_\_\_\_\_; MCKINZIE, Richard. **Oral history** - interview with Paul Nitze. Northeast Harbor: Truman Library, 1975.

NYE, Joseph. *Cooperação e conflito nas relações internacionais*. São Paulo: Gente, 2009.

OFFNER, Arnold A. Provincialism and confrontation: Truman's responsibility. In: MERRILL, Dennis (ed.). **Major problems in american foreign relations**. Volume II: Since 1914. Boston: Wadsworth Cengage Learning, 2010. p. 215-223.

OSGOOD, Kenneth. **Total cold war**: Eisenhower's secret propaganda battle and home and abroad. Lawrence: Kansas University Press, 2006.

PAGE, Benjamin; SHAPIRO, Robert. **The rational public**: fifty years of trends in American's policy preferences. Chicago: University Chicago Press, 1992.

**PAST & PRESENT** - a jornal of scientific history, n. 1, feb. 1952. p. iii

PEARLMAN, Michael. **Truman MacArthur**: policy, politics and the hunger for honor and renown. Bloomington: Indiana University Press, 2008.

PECHATNOV, Vladimir. **The allies are pressing on you to break your will**: foreign policy correspondence between stalin and molotov and ohter politburo members, september 1945-december 1946. Working Paper n 26. Washington: Woodrow Wilson international Center for Scholars, 1999.

PIERPAOLI JR., Paul. **Truman and Korea**: The political culture of early cold War. Columbia: University of Missouri Press, 1999.

POLLOCK, Ethan. Stalin as the coryphaeus of science: ideology and knowledge in hte post-war years. In: DAVIES, Sarah; HARRIS, James. **Stalin a new history**. Londres: Cambridge University Press, 2005. p. 271-288.

POSSONY, Stefan. The atomic bomb: political hopes and realities. **The Review of Politics**, v. 8, n. 2, p. 147-167, apr. 1946.

POWERS, Francis Gary. **Operation overflight**: the U2 pilot tells his story for the first time. New York: Holt, Rinehart e Wiston, 1970.

PRIMEIRA INTERNACIONAL COMUNISTA. **Inaugural Address of the International Working Men's Association**. Londres, 1864.

PROUTY, L. Fletcher. The sabotaging of the american presidency. **Gallery**, jan. 1978.

PUTNAM, Robert. Diplomacy and domestic politics: the logic of two-level games. **Revista de Sociologia Política**, Curitiba, v. 18, n. 6, p. 147-174, jun. 2010.

REE, Erik Van. Heroes and merchants: Stalin's Understanding of National Character. **Kritika: Explorations in Russian and Eurasian History**, v. 8, n. 1, p. 41-65. 2007.

\_\_\_\_\_. **The political thought of Joseph Stalin: a study in twentieth century revolutionary patriotism**. New York: Routledge, 2002.

REISCH, George A. **How the cold war transformed philosophy of science: to the icy slopes of logic**. New York: Cambridge University Press, 2005.

REUS-SMIT, Christian. Beyond metatheory? **European Journal of International Relations**, v. 19, n. 3, p. 589-608. 2013.

RICE, Daniel. **Reinhold Niebuhr and his circle of influence**. New York: Cambridge University Press, 2013.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história e o esquecimento**. Campinas: UNICAMP, 2007.

\_\_\_\_\_. **Tempo e narrativa**. v. 1. Campinas: Papirus, 1994.

\_\_\_\_\_. **Tempo e narrativa**. v. 2. Campinas: Papirus, 1995.

\_\_\_\_\_. **Tempo e narrativa**. v. III. Campinas: Papirus, 1997.

RIEBER, Alfred. **Stalin and the struggle for supremacy in Eurasia**. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.

\_\_\_\_\_. Stalin as foreign policy-maker: avoiding war, 1927-1953. In: DAVIES, Sarah; HARRIS, James. **Stalin a new history**. New York: Cambridge University Press, 2005. p. 140-158.

ROBIN, Ron. **The making of the cold war enemy: culture and politics in the military-intellectual complex**. New Jersey: Princeton University Press, 2001.

RÖSCH, Felix. Realism as social criticism: the thinking partnership of Hannah Arendt and Hans Morgenthau. **International Politics**, v. 50, p. 815-829. 2013.

\_\_\_\_\_. The human condition of politics: considering the legacy of Hans j. Morgenthau for international relations. **Journal of International Political Theory**, v. 9, n. 1, p. 1-21. 2013.

ROSSINOW, Doug; LOWEN, Rebecca. **The united states since 1945: historical interpretations**. New Jersey: Pearson Education, 2007.

RUBIN, Barry. **Secrets of state: the state department and the struggle over US foreign policy**. New York: Oxford University Press, 1987.

RUGGIE, John Gerard. The false premise of realism. **International Security**, v. 20, n. 1, p. 62-70, summer. 1995.

RÜSEN, Jörn. **A razão histórica**. Brasília: Editora da Universidade, 2010.

\_\_\_\_\_. **Reconstrução do passado**. Brasília: Editora da Universidade, 2010.

RUSK, Dean. Some issues of contemporary history. **The Department of State Bulletin**, p. 83-88, jan. 1962.

\_\_\_\_\_. The current danger. **The Department of State Bulletin**, p. 507-510, jul. 1961.

RUSK, Dean. **The winds of freedom** - selections from the speeches and statements of secretary of state Dean Rusk. Boston: Beacon Press, 1963.

SARTORI, Giovanni. Concept misformation in comparative politics. **The American Political Science Review**, v. 64, n. 4, p. 1033-1053, dez. 1970.

SAUNDERS, Frances Stonor. **The cultural cold war: the cia and world of arts and letters**. New York: New Press, 2013.

\_\_\_\_\_. **Who paid the piper?: The CIA and the cultural cold war**. New York: Granta Books, 2000.

SCHLESINGER-JR, Arthur. The origins of the cold war. **Foreign Affairs**, v. 46, n. 1, p. 22-52, oct. 1967.

SCHMIDT, Brian. The rockefeller foundation conference and the long road to a theory of international politics. In: GUILHOT, Nicholas. **The invention of international relations theory**. New York: Columbia University Press, 2011. p. 79-94.

SCHMIDT, Donald. **The folly of war: american foreign policy, 1898-2005**. New York: Algora Publishing, 2005.

SCHRECKER, Ellen. **No ivory tower: McCarthyism and the universities**. New York: Oxford University Press, 1986.

SERVICE, Robert. **Stalin: a biography**. New York: Harvard University Press, 2005.

SHLAPENTOKH, Vladimir; SHIRAEV, Eric; CARROLL, Eero. **The Soviet Union: internal and external perspectives on soviet society**. New York: Palgrave Macmillan, 2008.

SIEGELBAUM, Lewis; SOKOLOV, Andrei. **Stalinism as a way of life: a narrative in documents**. Londres: Yale University Press, 2000.

SIMPSON, Christopher. **Science of coercion: communication research and psychological warfare 1945-1960**. New York: Oxford University Press, 1996.

SKINNER, Quentin. **El giro contextual: cinco ensayos de quentin skinner y seis comentarios**. Madrid: Tecnos, 2007.

SMITH, Jeremy. Stalin as commissar of nationality affairs, 1918-1922. In: DAVIES, Sarah; HARRIS, James. **Stalin a new history**. New York: Cambridge University Press, 2005. p. 45-62.

SNYDER, Jack. Tensions within Realism: 1954 and after. In: GUILHOT, Nicholas. **The invention of international relations theory**. New York: Columbia University Press, 2011. p. 54-78.

SPYKMAN, Nicholas. **America's strategy in world politics: the united states and the balance of power**. New York: Harcourt, Brace and Company, 1942.

\_\_\_\_\_. **America's strategy in world politics: the united states and the balance of power**. New York: Harcourt, Brace & Company, [1942] 2007.

\_\_\_\_\_. Geography and foreign policy I. **American Political Science Review**, v. 32, n. 1, p. 28-50, abr. 1938.

SPYKMAN, Nicholas. Geography and foreign policy, II. **American Political Science Review**, v. 32, n. 2, p. 213-236, abr. 1938.

\_\_\_\_\_, ROLLINS, Abbie. Geographic objectives in foreign policy, I. **American Political Science Review**, v. 33, n. 3, p. 391-410, jun. 1939.

STALIN, Josef. **Concerning questions of leninism (1926)**. Moscou: Foreign Languages Publishing House, 1954.

\_\_\_\_\_. **Dialectical and historical materialism**. Moscow: Progress Publishers, 1938.

\_\_\_\_\_. **Economic problems of USSR**. Pequim: Foreign Languages Press, (1951) 1972.

\_\_\_\_\_. **Foundations of leninism**. New York: International Publishers, 1939.

\_\_\_\_\_. **Marxism and problems of linguistics**. Moscow: Foreign Languages Publishing House, 1950.

\_\_\_\_\_. **Marxism and the national question**. Moscou, 1913.

\_\_\_\_\_. **Speech delivered by Stalin at a meeting of voters of Stalin electoral district**. Moscow: Wilson Center - International History Declassified, 1946.

STEPHANSON, Anders. **Kennan and the art of foreign policy**. Cambridge: Harvard University Press, 1992.

\_\_\_\_\_. Kennan: realism as a desire. In: GUILHOT, Nicholas. **The invention of international relations theory**. New York: Columbia University Press, 2011. p. 162-181.

STONE, Lawrence. O ressurgimento da narrativa: reflexões sobre uma nova velha história. **Past and Present Society**, v. 1, n. 1, p. 3-24, nov. 1974.

THE 86TH US CONGRESS. **Hearings before the subcommittee to investigate the administration of the internal security act and other internal security laws of the committee on the judiciary**. Washington: United States Government Printing Office, 1959.

THE AMERICAN PRESIDENCY PROJECT. **Portal**. 2018. Disponível em: <<http://www.presidency.ucsb.edu/>>. Acesso em: 5 jan. 2018.

THE CENTRAL INTELLIGENCE AGENCY CIA. **The u2 and Oxcart programs, 1954-1974**. Washington: History Staff CIA, 2013.

THE MUDDLE. **New York Herald Tribune**, New York, 11 nov. 1945, p. 28.

THE US 82nd CONGRESS. **Record of the 82nd Congress (First Session)**. 1951

THE US 86TH CONGRESS. **Comparisons of the United States and Soviet Economies**. Washington: US Government Printing Office, 1960.

THE US 87TH CONGRESS. **Organizing for national security**: final statement senator Henry Jackson, chairman. Washington: US government printing office, 1961.

THE US 97TH CONGRESS. **USSR: Measures of Economic Growth and Development, 1950-1980**. Washington: US Government Printing Office. 1982.

THE US CENTRAL INTELLIGENCE AGENCY. **Special estimate**: soviet capabilities for attack on the US through mid-1955. Washington: [s.n.], 1953

THE US GOVERNMENT. **Higher education for american democracy**: establishing the goals. Washington: US Government printing office, 1947.

\_\_\_\_\_. **National defense education Act (NDEA) (P.L. 85-864)**. Washington: [s.n.], 1958.

THE US SENATE COMMITTEE ON GOVERNMENT OPERATIONS. **Organizing for national security**: An interim staff memorandum. Washington: [s.n.], 1959.

THE US STATE DEPARTMENT. **Foreign relations of the united states 1961-1963 Southeast Asia**. Washington: United States Governemnet Printing Office, 1994.

\_\_\_\_\_. **Foreign relations of the united states, 1952-1954**. The Geneva Conference. v. XVI. Washington: United States Governrment Printing Office, 1981.

\_\_\_\_\_. **Foreign relations of the united states: 1950 Korea**. Washington: Government Printing Office, 1976. p. 179-183.

\_\_\_\_\_. **Foreign relations of the united states: 1952-1954**. The Geneva Conference. v. XVI. Washington: United States Governrment Printing Office, 1981.

\_\_\_\_\_. **Foreign Relations of the United States: 1964-1968 Congo**. Washington: United States Governemnet Printing Office, 2013.

\_\_\_\_\_. **Foreign Relations of the United Stations, 1958-1960 Indonesia**. Washington: United States Governemnet Printing Office, 2016.

\_\_\_\_\_. Government-citizen cooperation in the Making of Foreign Policy by Dean Acheson. **State Department Bulletin**, dec. 1945.

\_\_\_\_\_. **Memoranda about truman doctrine February 28**. 1947.

\_\_\_\_\_. Memorandum of Discussion at the 339th meeting of the National Security Council. Washington: Eisenhower Library, 1957.

\_\_\_\_\_. **Report on the Moscow discussions**. 1948.

\_\_\_\_\_. **Report on US public opinion on the Berlin situation july 29**. 1948.

\_\_\_\_\_. **Summary of telegrams february 25**. 1947.

\_\_\_\_\_. **Summary of telegrams march 28**. 1949.

\_\_\_\_\_. **Summary of telegrams may 12**. 1949.

\_\_\_\_\_. **Telegram from the Embassy in the Soviet Union to the department of state**. Washington: [S.N.], 1960

\_\_\_\_\_. **Truman doctrine march 3 draft**. 1947.

\_\_\_\_\_. **Truman's doctrine chronology memorandum march 12**. 1947.

\_\_\_\_\_. **United States Policy and the USSR**. 1949.

TICKNER, Arlene; WEAVER, Ole. **International relations scholarship around the world**. New York: Routledge, 2009.

TRACHTENBERG, Marc. **The cold war and after**: history, theory, and the logic of international politics. Princeton: Princeton University Press, 2012.



TROMLY, Benjamim. **Making the soviet intelligensia: universities and intellectual life under Stalin and Kruschev.** Kindle. New York: Cambridge, 2014.

TROTSKY, León. **The history of russian revolution.** Londres: Pluto Press, 1977.

TRUMAN, Harry. **Address at colorado springs october 7.** [s.l.]: [s.n.], 1952.

\_\_\_\_\_. Annual message to the congress on the satte of the union. Washington: [s.n.], 1953.

\_\_\_\_\_. Annual message to the congress on the state of the union. Washington: [s.n.], 1950.

\_\_\_\_\_. Know nothing, do nothing congress. **Truman campaing speech october 7,** Elizabeth. 1948.

\_\_\_\_\_. **Long handnote july 07.** [s.l.]: [s.n.], 1945.

\_\_\_\_\_. Message to the congress on state of the union and on the budget for 1947. **State of the Union.** 1946.

\_\_\_\_\_. President conference at april 24 1952. **The President's News Conference.** 1952.

\_\_\_\_\_. Radio report to the american people on the potsdam conference. [s.l.]: [s.n.], 1945.

\_\_\_\_\_. Report on the conference (potsdam). **Conference Reports, Protocols and PRes Releases,** Kansas. 1945.

\_\_\_\_\_. **State of the Union discourse,** 1 jul. 1948.

\_\_\_\_\_. **State of the union speech.** 1 maio 1949

\_\_\_\_\_. The President's farewell address to the american people. [s.l.]: [s.n.], 1953.

\_\_\_\_\_. The President's news conference april 5. [s.l.: s.n.], 1951.

\_\_\_\_\_. **Truman doctrine:** the greek-turquish aid program. [s.l.]: [s.n.], 1952.

\_\_\_\_\_. Truman's doctrine (12 march). **House of Representatives,** Washington. 1947.

TUCHMAN, Barbara. **La marcha de la locura: La sin razón desde Troya hasta Vietnam.** Madrid: RBA, 2013.

TUDDA, Chris. **The truth is our weapon: The rhetorical diplomacy of Dwight D. Eisenhower and John Foster Dulles.** Baton Rouge: Lousiana State University Press, 2006.

UNITED NATIONS SECURITY COUNCIL. **Meeting records.** 2018. Disponível em: <<http://www.un.org/en/sc/inc/spv.asp>>. Acesso em: 15 fev. 2018.

\_\_\_\_\_. **SPV 123, de 28 de março de 1947.** Disponível em: <<http://www.un.org/en/sc/inc/spv.asp>>. Acesso em: 20 nov. 2017.

\_\_\_\_\_. **SPV 126, de 7 de abril de 1947.** Disponível em: <<http://www.un.org/en/sc/inc/spv.asp>>. Acesso em: 11 nov. 2017.

\_\_\_\_\_. **SPV 130, de 18 de abril de 1947.** Disponível em: <<http://www.un.org/en/sc/inc/spv.asp>>. Acesso em: 11 nov. 2017.

\_\_\_\_\_. **SPV 409, de 15 de fevereiro de 1949.** Disponível em: <<http://www.un.org/en/sc/inc/spv.asp>>. Acesso em: 18 nov. 2017.

UNITED NATIONS SECURITY COUNCIL. **SPV 410**. Disponível em:  
<<http://www.un.org/en/sc/inc/spv.asp>>. Acesso em: 11 nov. 2017.

\_\_\_\_\_. **SPV 423, de 8 de abril de 1949**. Disponível em:  
<<http://www.un.org/en/sc/inc/spv.asp>>. Acesso em: 10 nov. 2017.

\_\_\_\_\_. **SPV 477, de 25 de julho de 1950**. Disponível em:  
<<http://www.un.org/en/sc/inc/spv.asp>>. Acesso em: 29 nov. 2017.

\_\_\_\_\_. **SPV 480, de 1º de agosto de 1950**. Disponível em:  
<<http://www.un.org/en/sc/inc/spv.asp>>. Acesso em: 18 nov. 2017.

\_\_\_\_\_. **SPV 482, de 3 de agosto de 1950**. Disponível em:  
<<http://www.un.org/en/sc/inc/spv.asp>>. Acesso em: 14 nov. 2017.

\_\_\_\_\_. **SPV 488**. Disponível em: <<http://www.un.org/en/sc/inc/spv.asp>>. Acesso em: 18 dez. 2017.

\_\_\_\_\_. **SPV 489**. Disponível em: <<http://www.un.org/en/sc/inc/spv.asp>>. Acesso em: 17 dez. 2017.

\_\_\_\_\_. **SPV 519, de 18 de outubro de 1950**. Disponível em:  
<<http://www.un.org/en/sc/inc/spv.asp>>. Acesso em: 12 out. 2017.

\_\_\_\_\_. **SPV 527, de 28 de novembro de 1950**. Disponível em:  
<<http://www.un.org/en/sc/inc/spv.asp>>. Acesso em: 30 out. 2017.

\_\_\_\_\_. **SPV 528, de 29 de novembro de 1950**. Disponível em:  
<<http://www.un.org/en/sc/inc/spv.asp>>. Acesso em: 30 out. 2017.

\_\_\_\_\_. **SPV 65, de 10 de setembro de 1946**. Disponível em:  
<<http://www.un.org/en/sc/inc/spv.asp>>. Acesso em: 10 nov. 2017.

\_\_\_\_\_. **SPV 736, de 8 de outubro de 1956**. Disponível em:  
<<http://www.un.org/en/sc/inc/spv.asp>>. Acesso em: 14 dez. 2017.

\_\_\_\_\_. **SPV 738, de 9 de outubro de 1956**. Disponível em:  
<<http://www.un.org/en/sc/inc/spv.asp>>. Acesso em: 14 nov. 2017.

\_\_\_\_\_. **SPV 813, de 21 de abril de 1958**. Disponível em:  
<<http://www.un.org/en/sc/inc/spv.asp>>. Acesso em: 29 out. 2017.

\_\_\_\_\_. **SPV 815**. Disponível em: <<http://www.un.org/en/sc/inc/spv.asp>>. Acesso em: 21 nov. 2017.

\_\_\_\_\_. **SPV 816**. Disponível em: <<http://www.un.org/en/sc/inc/spv.asp>>. Acesso em: 21 dez. 2017.

\_\_\_\_\_. **SPV 857, de 23 de maio de 1960**. Disponível em:  
<<http://www.un.org/en/sc/inc/spv.asp>>. Acesso em: 20 dez. 2017.

\_\_\_\_\_. UNICIL. **SPV 858**. Disponível em: <<http://www.un.org/en/sc/inc/spv.asp>>. Acesso em: 15 nov. 2017

\_\_\_\_\_. NCIL. **SPV 860**. Disponível em: <<http://www.un.org/en/sc/inc/spv.asp>>. Acesso em: 19 nov. 2017.

UNITED NATIONS SECURITY COUNCIL. **SPV 928, de 1 de fevereiro de 1961**. Disponível em: <<http://www.un.org/en/sc/inc/spv.asp>>. Acesso em: 29 nov. 2017.

UNITED NATIONS. **Charter of the United Nations**. The Um Charter. 1945. Disponível em:<http://www.un.org/en/charter-united-nations/>>. Acesso em: 3 mar. 2018.

URBAN, Wayne. **More than science and Sputnik: the national defense education act**. Tuscaloosa: University of Alabama Press, 2010.

US STATE DEPARTMENT. **Telegram from the ambassador in Soviet Union to the secretary of state (secret)**. [s.l.]: US State Department, 1950.

\_\_\_\_\_. **Telegram from the Chargé in the Soviet Union to the Secretary of State** (19 march 1950).

VASQUEZ, John. **The power of power politics**. New York: Cambridge University Press, 2004.

\_\_\_\_\_; ELMAN, Colin. **Realism and the balancing of power: a new debate**. New Jersey: Prentice Hall, 2003.

VIEIRA, Padre Antonio. **Obras escolhidas: história do futuro**. v. 1. Lisboa: Sá da Costa, 1953.

VOLTAIRE. **Filosofia de la historia**. Madrid: Tecnos, 2001.

WAGNER, Harrison. What was bipolarity? **International Organization**, v. 47, n. 1, p. 77-106, winter. 1993.

WALKER, Thomas C.; MORTON, Jeffrey. Re-assessing the "power of power politics" Thesis: Is realism still dominant? **International Studies Review**, v. 7, p. 341-356. 2005.

WALSH, Lynda. **Scientists as prophets: a rhetorical genealogy**. New York: Oxford University Press, 2013.

WALT, Stephen. One world, many theories. **Foreign Policy**, v. 110, p. 29-46. 1998.

\_\_\_\_\_. The progressive power of realism. In: VASQUEZ, John; ELMAN, Colin. **Realism and the balancing of power: a new debate**. New Jersey: Prentice Hall, 2003. p. 58-65.

WALTZ, Kenneth. Evaluating theories. In: VASQUEZ, John; ELMAN, Colin. **Realism and the balancing of power: a new debate**. New Jersey: Prentice Hall, 2003. p. 49-57.

\_\_\_\_\_. Kant, liberalism and war. **The American Political Science Review**, v. 56, n. 2, p. 331-340, jun. 1962.

\_\_\_\_\_. **Man, the state and war**. New York: Colúmbia, 2001.

\_\_\_\_\_. Structural realism after the cold war. **International Security**, v. 25 n. 1, p. 5-41, summer. 2000.

\_\_\_\_\_. The stability of a bipolar world. **American Academy of Art & Sciences**, v. 93, n. 3, p. 881-909, summer. 1964.

\_\_\_\_\_. **Theory of international politics**. Berkeley: Addison-Wesley, 1979.

- WATSON, Derek. The politburo and foreign Policy in the 1930s. In: REES, Erik. **The nature of stalin's dictatorship: the politburo, 1924-1953**. New York: Palgrave Macmillan, 2004. p. 134-167.
- WEAVER, Ole. The speech act of realism. In: In: GUILHOT, Nicholas. **The invention of international relations theory**. New York: Columbia University Press, 2011. p. 97-127.
- WENDT, Alexander. **Social theory of international politics**. New York: Cambridge University Press, 1999.
- WESTAD, Odd Arne. **The global cold war**. New York: Cambridge, 2010.
- WHITE, Hayden. **La imaginación histórica en la Europa del siglo XIX**. México: Fondo de Cultura Económica, 1992.
- WHITFIELD, Stephen. **The culture of the cold war**. Baltimore: John Hopkins University Press, 1991.
- WILLIAMS, Michael. Hobbes and international relations: a reconsideration. **International Organization**, v. 50, n. 2, p. 213-236. 1996.
- \_\_\_\_\_. Why Ideas matter in international relations: Hans Morgenthau. classical realism, and the moral construction of power politics. **International Organization**, p. 633-665. 2004.
- WILSON CENTER - Woodrow Wilson International Center for Scholars. Cold war international project bulletin. Washington: Wilson Center, 1993.
- WITTE, Ludo de. **The assassination of lumumba**. New York: Verso, 2002.
- YERGIN, Daniel. **Fulbright's last frustration the great dissenter finally found himself a compatible secretary of state**. 1974. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/1974/11/24/archives/fulbrights-last-frustration-the-great-dissenter-finally-found.html>>. Acesso em: 20 jan. 2018.
- YODER JR., Edwin M. **Finger exercises on themes of state**. 2004. Disponível em: <<https://www.cia.gov/library/readingroom/docs/CIA-RDP80-01601R000300360019-3.pdf>>. Acesso em: 30 nov. 2017.
- YORDUSEV, Nuri. Thomas Hobbes and international relations: from realism to rationalism. **Australian Journal of International Affairs**, v. 60, n. 2, p. 305-321. 2006.
- YOUNG, John W.; KENT, John. **International relations since 1945: a global history**. New York: Oxford, 2004.
- ZUBOK, Vladislav. **A failed empire: the Soviet Union in the cold war from stalin to Gorbachev**. Raleigh: University of North Carolina Press, 2007.
- \_\_\_\_\_. **Kruschev's new look: brinkmanship and bluff**. In: MERRILL, Dennis (ed.). **Major problems in american foreign relations**. Volume II: Since 1914. Boston: Wadsworth Cengage Learning, 2010. p. 303-311.
- ZWEERDE, Evert Van Der. **Soviet historiography of philosophy**. Munich: Kluwer Academic Publishers, 1997.

## APÊNDICE A - Nuvens conceituais dos discursos State of the Union dos Presidentes norte-americanos de 1946-1963<sup>1378</sup>

Figura 49 - Truman 1946



Fonte: Elaborado pelo autor, 2018

Figura 50 - Truman 1947



Fonte: Elaborado pelo autor, 2018

<sup>1378</sup> Todos os discursos usados nesta seção podem ser obtidos diretamente em serviço da presidência dos EUA pelo site <http://www.presidency.ucsb.edu/sou.php>. Foi usado o número de corte de cem palavras para formação das nuvens para discursos de média de 5000 a 15 mil palavras.

















## APÊNDICE B - Composição do Conselho de Segurança da ONU de 1946 a 1963

(em vermelho países que tinham sistemas socialistas)

(Códigos conforme usado pela ONU, ISO 3166-3 Alfa 3)

Ano	Membros Temporários						Membros permanentes				
1946	AUS	BRA	POL	EGY	NLD	MEX	EUA	ING	FRA	CHI	URSS
1947	AUS	BRA	POL	BEL	COL	SYR	EUA	ING	FRA	CHI	URSS
1948	ARG	CAN	UKR	BEL	COL	SYR	EUA	ING	FRA	CHI	URSS
1949	ARG	CAN	UKR	EGY	CUB	NOR	EUA	ING	FRA	CHI	URSS
1950	ECU	IND	YUG	EGY	CUB	NOR	EUA	ING	FRA	CHI	URSS
1951	ECU	BRA	YUG	TUR	NLD	IND	EUA	ING	FRA	CHI	URSS
1952	PAK	BRA	CHL	TUR	NLD	GRC	EUA	ING	FRA	CHI	URSS
1953	PAK	DNK	CHL	LBN	COL	GRC	EUA	ING	FRA	CHI	URSS
1954	DNK	BRA	LBN	TUR	COL	NZL	EUA	ING	FRA	CHI	URSS
1955	IRN	BRA	PER	BEL	TUR	NZL	EUA	ING	FRA	CHI	URSS
1956	AUS	BEL	YUG	IRN	CUB	PER	EUA	ING	FRA	CHI	URSS
1957	AUS	COL	CUB	IRQ	PHL	SWE	EUA	ING	FRA	CHI	URSS
1958	CAN	COL	IRQ	JPN	PAN	SWE	EUA	ING	FRA	CHI	URSS
1959	ARG	CAN	ITA	JPN	PAN	TUN	EUA	ING	FRA	CHI	URSS
1960	ARG	LKA	ECU	ITA	POL	TUN	EUA	ING	FRA	CHI	URSS
1961	CHL	LKA	ECU	TUR	UAR	LBR	EUA	ING	FRA	CHI	URSS
1962	CHL	GHA	IRL	ROU	UAR	VEN	EUA	ING	FRA	CHI	URSS
1963	BRA	GHA	NOR	PHL	MAR	VEN	EUA	ING	FRA	CHI	URSS
1964	BRA	BOL	CZK	CIV	MAR	NOR	EUA	ING	FRA	CHI	URSS
1965	BOL	JOR	MYS	CIV	NLD	URY	EUA	ING	FRA	CHI	URSS



## ANEXO A - Rascunho de 3 de março de 1947 Doutrina Truman – “How far can we go?”

*Drafted over snowy weeks - end  
week 2-3. Goal - in  
effort to  
arrive at a  
tone.*

DRAFT 3/3/47

Suggestions for the President's message to Congress in  
regard to the Greek situation.

I lay before you today one of the gravest problems of national security ever to confront the nation. We are face to face with a crisis in foreign policy. It is a crisis less serious than a crisis of arms only because there is still time to work out a program of peaceful salvation. But upon the decisions that must be made now will depend the security and well-being of the American people.

The British Government, through its Ambassador in Washington, has informed the Government of the United States that as of March 31 it will be obliged to discontinue its program of economic assistance to Greece. The British Government has also informed us that it will not be in position to extend further financial or economic aid to Turkey.

*The Greek Gov't on Mar. 3 informed us that*

The setting in which these developments must be viewed is one of acute economic weakness and financial stringency in Great Britain, which imposes upon that country the necessity of reducing or liquidating its commitments not only in Greece and Turkey but in other parts of the world, notably in Egypt, Palestine, India and Burma.

The situation with which we have to deal, therefore, is no sudden and limited occurrence. It is the culminating development in a long historical

historical

- 2 -

historical process, and it is as wide as the world.

Our nation has existed ever since its birth in a world in which economic and military strength has been distributed among a number of <sup>Countries,</sup> ~~states,~~ and in which, until recent years, British foreign policy backed by British industrial and financial and naval strength has maintained a balance of power and thus a measure of order. Now, the shambles of war have replaced economic and military strength in many countries of the world and Great Britain, though a survivor, has been so weakened in two world wars that it is no longer equal to its historic task. Notwithstanding that Greece and Turkey are the keys to the Mediterranean and the entire Middle East, the British Government ~~is obliged to admit that it~~ is no longer able to extend the economic aid to those countries which the preservation of democracy and independence there may require. As I speak to you today I am deeply conscious that a page in history has been turned.

We must face frankly the gravity of this situation and consider calmly the proportions of the problem that it poses for the United States.

We

- 3 -

We have hope that the United Nations, now a fledgling organization, will in time achieve power in its own right, but today its ability to keep the peace is largely dependent upon the underlying structure of power relationships.

We are thus forced back finally and irrevocably upon our own policy, our own strength. If there are any forms of government or principles we wish to see survive in this world, it is up to us to see to it that they survive. For not since ancient times has there been such a polarization of power on this earth. Not since Athens and Sparta, not since Rome and Carthage, has economic and military strength been divided so preponderantly between two states.

We must decide today whether, and to what extent, we in the United States are going to support free peoples and democratic governments in their efforts to survive post-war chaos. For if we do not extend aid on a scale sufficiently broad, economic disorganization and human despair in large parts of Europe and Asia will inevitably yield to Communism. If that should happen, the cost of defending the freedom and independence of this country and this hemisphere would be many

times

- 4 -

times multiplied, and the probability of success in that undertaking sharply reduced.

The situation in Greece is the most urgent case in point. British retrenchment there raises for immediate decision the question of what the United States is going to do to support a stable economy and democratic form of government in that strategically situated country.

Here we come up against the historic process of quite a different order, and I am compelled by the seriousness of the situation to describe it with utmost candor.

During the past 18 months, while the Secretary of State and his Senatorial advisors have gone from conference to conference in a strenuous and sincere effort to hold together the core of international cooperation, anti-democratic forces in many countries of the world have gathered strength and momentum, and the position of the democracies has materially deteriorated. Communism thrives on hunger, economic breakdown, fear, and hopelessness; and we have only to look about us to see that these have become primary conditions of life in a large part of the world ravaged by war. Desperate people will bargain away their freedom for a day's sustenance.

At



- 5 -

At the end of the war Poland, Rumania, Bulgaria and Yugoslavia, and Albania found themselves with Communist-dominated governments. Since the end of the war, Communist minorities, *exploiting the economic instability which has followed in the wake of war,* have made startling gains in Hungary, Austria, Italy, and France, and in those countries have put themselves within striking range of political control. In Iran an armed Communist minority ~~not long ago~~ made a bid for power that was frustrated by the Government of Iran ~~only~~ with the aid of world public opinion mobilized through the United Nations.

Today the danger spot is Greece.

~~It is not hard to anticipate~~ The events that usually follow upon Communist control of a government are well known. Communism, ~~is~~ an avowed enemy of democracy, of capitalism, of socialism, of freedom, almost inevitably brings in its train a hostility towards the United States and other democratic countries. Communism

How far can we go?

### ANEXO B - Antecipação do Futuro, ontem e hoje

Figura 69 - 1948



Figura 70 - 2016



## ANEXO C - Avaliação da política externa americana em 1958

10 Cities See Soviets Ahead in 'Cold War'  
By George Gallup, Director, American Institute of Public Opinion  
*The Washington Post and Times Herald* (1954-1959); Jan. 9, 1958;  
ProQuest Historical Newspapers: The Washington Post  
pg. A17

### The Gallup Poll

# 10 Cities See Soviets Ahead in 'Cold War'

By George Gallup  
Director, American Institute of Public Opinion

PRINCETON, N. J., Jan. 8—In all but two of 12 world centers, the man-in-the-street today believes that Russia is presently leading the West in the "cold war."

This is revealed in the results of a World Gallup Poll just completed in major world opinion centers—Athens, Berlin, Copenhagen, Helsinki, Johannesburg, London, New Delhi, Paris, Stockholm, Toronto, Vienna and in Washington and Chicago in this country.

Interestingly enough, the only centers where opinion holds the West is ahead are two major "battlegrounds" in the propaganda struggle between East and West—Berlin and New Delhi.

As regards the outlook for the coming year on the cold war, sentiment is mixed. In six

centers, sentiment is that the tension between Russia and the West will remain just about what it is at present. In three—Johannesburg, Washington, Chicago, and Toronto—the outlook is for an increase in the fear of war tensions in the next 12 months.

Interviewers for the World Gallup Polls put these questions to a representative cross-section of adults in the major cities of their respect countries:

"Who is ahead in the 'cold war'—Russia or the West?"

	Russia		No
	%	%	Opin.
Johannesburg	69	13	18
Washington- Chicago	67	13	20
Copenhagen	57	14	29
Paris	55	16	29
Helsinki	47	12	41
London	47	23	25
Stockholm	46	16	38
Athens	44	11	45
Toronto	42	22	36
Vienna	38	31	31
New Delhi	34	41	25
Berlin	25	48	27

The consensus in the 12 world centers, based on an average of the results is as follows:

Russia ahead	48%
West ahead	22
No opinion	30

"Which is doing more to keep peace in the world—Russia or the West?"

	Russia		No
	%	%	Opin.
Washington- Chicago	3	79	18
Toronto	3	72	25
London	6	72	22
Copenhagen	5	66	29
Berlin	20	63	17
Vienna	6	62	42
Johannesburg	14	62	24
Stockholm	4	56	40
Athens	16	43	41
Paris	14	39	47
Helsinki	17	35	48
New Delhi	54	18	28

The consensus in the 12 world centers:

Russia is doing more to keep peace	13%
West doing more	56
No opinion	31

(Copyright, 1958, American Institute of Public Opinion)